



Universiteit  
Leiden  
The Netherlands

**Zoonímia Histórico-comparativa: Denominações dos antílopes em bantu**  
Lima Santiago, J. de

**Citation**

Lima Santiago, J. de. (2020, February 26). *Zoonímia Histórico-comparativa: Denominações dos antílopes em bantu*. LOT dissertation series. LOT, Amsterdam. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/85723>

Version: Publisher's Version

License: [Licence agreement concerning inclusion of doctoral thesis in the Institutional Repository of the University of Leiden](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/85723>

**Note:** To cite this publication please use the final published version (if applicable).

Cover Page



Universiteit Leiden



The handle <http://hdl.handle.net/1887/85723> holds various files of this Leiden University dissertation.

**Author:** Lima Santiago J. de

**Title:** Zoonímia Histórico-comparativa: Denominações dos antílopes em bantu

**Issue Date:** 2020-02-26

**CAPÍTULO 1:**  
**ABORDAGEM ONOMASIOLOGICA**  
**(FAMÍLIA BOVIDAE)**

No referente capítulo abordaremos alguns temas do ponto de vista onomasiológico, ou seja, partindo do conceito em direção à forma. De acordo com Koni Muluwa (2009/2010:163) um estudo onomasiológico nos permite identificar quais são as estratégias lexicais atestadas em uma comunidade linguística para denominar os animais dentro do seu ambiente. Além do mais, o autor retifica que um estudo partindo desse princípio coloca em evidência diferentes formas de aquisições lexicais.

O fato de a nomenclatura popular ser capaz de determinar um conjunto grande de organismos vivos, incluindo até grupos não aparentados dentro de uma mesma região se justifica pelos seguintes fatores:

- Os diversos critérios de classificações locais. Sendo assim, os animais que fazem parte de uma forma de classificação podem receber vários nomes que muda (para outro animal) dependendo da região. Por isso, o mesmo nome popular pode ser atribuído a diferentes espécies de animais, que compartilham alguns traços comuns, no entanto desconhecidos por pessoas que não vivem ou não conhecem a espécie e o ecossistema da região;
- Algumas línguas e/ou certos pesquisadores não fazem distinção entre duas espécies de gazelas, e isso justifica, por exemplo, que em algumas regiões o mesmo tema denomina espécies diferentes segundo a classificação zoológica, é o caso do tema °-pùtì (discutido na subfamília *Cephalophinae*), que nas línguas da zona (S) denomina tanto a gazela '*Philamtomba monticola*' quanto a '*Sylvicapra grimmia*'.

O fato de uma determinada coisa/objeto ter vários nomes dentro de um mesmo país é extremamente normal, imaginem então dentro do continente africano onde existe uma grande diversidade linguística, cultural, social e etnozoológica. Devido a essas diversidades consideramos a necessidade de unificar a nomenclatura etnozoológica (nomes científicos) para cada espécie e assim facilitar a identificação em todas as línguas do mundo. Para isso, utilizamos a obra de Kingdon (2015).

Uma grande parte dos temas analisados neste capítulo são reconstruções sugeridas pelo BLR (2003). Porém, colocamos em evidência novos temas. Um dos objetivos almejados é colocar em evidência alguns mecanismos de criações lexicais recorrentes nas línguas bantu. As análises permitiram, enumerar alguns desses mecanismos como, por exemplo a metátese, a criação lexical a partir de formas existentes nas línguas (deverbativos, nominativos, etc). Atestamos também alguns temas cujos reflexos parecem irregulares e/ou empréstimos de outras línguas próximas. Em algumas línguas tanto o processo de formação de palavras como suas motivações são claras e, às vezes, aparecem como uma evolução/ convergência natural nas línguas.

Dado seu interesse, o capítulo baseia-se nos estudos de caráter onomasiológico propostos por Koni Muluwa (2009/2010), Bostoën (2004), Geeraerts (1997), Mouguiama e Hombert (2006), Bancel (1986-1987), Bastin (1994), Baldinger (1964), Bulkens (1998, 1999).

## 1.1. Subfamília Cephalophinae

É uma subfamília de gazelas adaptadas à florestas de planícies e de altitudes, exceto por várias espécies que se estenderam para as áreas das savanas, e nativas da África subsaariana. Compreendem os antílopes de tamanho pequeno com as pernas dianteiras mais curtas que a traseira, dando-lhe uma conformação arqueada. Os chifres presentes em ambos os sexos são pequenos, e dirigidos para trás. Seus representantes estão distribuídos em 3 gêneros: *Cephalophus*, *Philantomba* e *Sylvicapra*, em um total de aproximadamente 19 espécies. São coletivamente chamados de duikers, cabritos, bambis, seixa (em português). O nome duiker provém da palavra ‘africâner’ para ‘mergulhador’, referindo-se a prática do animal de pular nos arbustos.

### 1.1.1. *Philantomba monticola*

**Descrição:** a gazela *Philantomba monticola* é o menor ‘*cephalophus*’ de floresta, medindo 35 cm e pesando 5 kg. Têm a cor dos pelos cinza/marrom e a barriga branca. Ambos os sexos possuem pequenos chifres, porém nos machos não ultrapassam 5 cm, e são menores nas fêmeas.

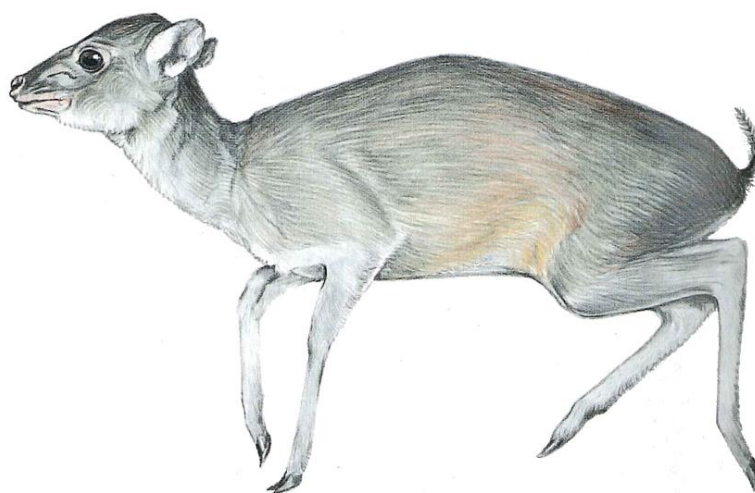


Figura 1: *Philantomba monticola* adult female

**Hábitat:** são habitantes típicos de todos os tipos de florestas (tropicais de planície e montanha, florestas costeiras, ribeirinhas, etc.) Amplamente distribuído em todos os países da África Central, exceto em Ruanda, África oriental e do sul.

**Países nativos:** Nigéria, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, República Centro Africana, República Democrática do Congo, Sudão, Uganda, Tanzânia, Ruanda, Burundi, Uganda, Quênia, Angola, Malawi, Zimbábue, África do Sul, Moçambique, zâmbia. (Vivian 2005:227-234).

**Literatura popular:** a pequena gazela é personagem assídua na literatura oral africana. Em muitas comunidades bantufones é o animal símbolo da inteligência, solidariedade, virilidade e astúcia. É personagem principal de contos, fábulas, mitos e provérbios africanos. Por exemplo, na fábula ‘Le céphalophe tsetsi et le léopard ngo’ (Bourgeois 2007:301) conferir também (De Heush 2000:117). Nas comunidades yombe (H10) a gazela representa o espírito aquático, e é personagem importante nos rituais de iniciação dos chefes. (De Heush 2000:116-117). Na antroponímia bantu, devido a sua esperteza e inteligência, o nome da gazela tornou-se sinônimo de espião, por exemplo, chez mbuum (B87). (cf. Koni Muluwa 2006:419). Nas comunidades aka (C104) o nome ‘mbólókó-mbólókó’ *Termitomyces clypeatus*’ é atribuído a uma espécie de cogumelo, devido a sua semelhança com a gazela ‘*Philantomba monticola*’. Segundo descrição do autor a espécie de cogumelo tem uma perfuração pontiaguda e negra como os chifres do antílope, tem a cor cinza como a pele da gazela, assim como o caule é tão fino como a perna. Em aka (C104) ‘mboloko’ é também o nome do filho de Tôle e sua mulher Ngolobanzo, as primeiras criaturas de Deus, das quais surgiu a humanidade. (cf. Thomas *et alii* 1993:114/116). Nas comunidades Bambendjele, (y)aka zona (C104), o substantivo ‘mboloko’ é um nome dado a um homem reputado pelo seu poder místico (cf. Lewis 2002:99). Em relação ao tabu alimentar, a carne do ‘mboloko’ é proibida de ser consumida por mulheres gestantes nas comunidades sakata (C34), porque assim evita a criança de ser agitada como a pequena gazela. (cf. Bolakonga 1989: 42).

Através da pesquisa consolidamos e ampliamos a distribuição linguística de ao menos 5 (cinco) temas concorrentes no domínio bantu para denomina a espécie de gazela em questão: \*-búdókú, \*-kùengà, °-céct/°-cétí, °-cénda e °-cótí.

#### 1.1.1.1. Os temas \*-búdókú<sup>17</sup>4574<sup>18</sup>(5)<sup>19</sup> / °-búdógú (cl. 9/10, 12/13)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseada em reflexos atestados em algumas línguas das zonas C J L. Vejamos:

C53	poke (lyombo)	m-bóló'ó	9/10	petite antilope	Stoop 1977:30
C53	gesogo	-bódókó	9/10	antilope naine	Stoop 1984:4
L31a	tshiluba	kabulúku	12/13	la petite antilope	De Clercq 1937:14/81
L31a	cilubà	kabùlùkù	12/13	petite antilope, gazelle	Kabuta 2008:119

<sup>17</sup> Mickala Manfoumbi (2004:206) cita em pove (B305), um substantivo 'mbólókó' de classe 9/10 com o sentido 'écureuil géant (espèce)'. Uma relação semântica entre os substantivos se justificaria pelo tamanho (muito pequeno) das espécies em questão.

<sup>18</sup> Número da entrada (do tema) no banco de dados do BLR (2003).

<sup>19</sup> Fiabilidade do tema no BLR (2003). As entradas no BLR (2003) tem uma classificação de fiabilidade que variam entre (0, 1, 1a, 1(a), 2, 3, 3a, 4 e 5). Sendo: (0) protoforma recusada; (1) protoforma geral confirmada; (1a) protoforma derivada onde o radical é confirmado e geral; (2) variante que cobre todo o domínio e cada uma tem uma larga distribuição; (3) protoforma regional confirmada; (3a) cf. (1a); (4) reconstrução que tem problemas e (5) série comparativa locais e pouco numerosa. No BLR a maioria das reconstruções tem uma fiabilidade (5), enquanto apenas aproximadamente 290 itens tem uma fiabilidade (1). (cf. mais explicações sobre isso, Bostoën e Bastin, 2016).



L31b	lulua	kábuluku	12	<i>Cephalophus monticola</i>	Koni Muluwa 2009/2010:514
L33	kiluba	mbuluku	9/10	<i>Cephalophus monticola</i>	Koni Muluwa 2009/2010:514
L35	kisanga	bùdùkù pl. (ka-, tu) BBB	12/13	bleu duiker	Coupez 1976:133

O BLR (2003) sugeriu também substantivos em otetela (C71) (cf. Hagendorens 1984) e em kitembo (JD531) (cf. Kaji 1985). No entanto, devido os problemas de correspondências regulares dos fonemas, reagrupamos as entradas dessas duas línguas com a proposta de tema cuja  $C_3 < *g$ , conferir mais adiante.

Ampliamos a distribuição linguística do tema tanto na parte oriental quanto ocidental do domínio bantu, precisamente, em outras línguas das zonas C L e em línguas das zonas B D H JD.

Na parte sudeste do bantu, precisamente nas zonas (P S), o tema é ausente e atestamos outra forma concorrente (cf. °-céci/ °-cétu). Segue abaixo a lista de reflexos, cujos fonemas em posição de  $C_3 < *k$ .

C101	babole	mbólókó	9/2	gazelle	Leitch 1991:37
C104	aka	mbólókó	1/2	<i>Cephalophus monticola</i>	Thomas <i>et alii</i> 1993:113
C312	ndobo	-bolókó	9/10	antilope naine	Motingea s.d.:258
C34	sakata	mboloko	9/10	petite antilope	De Witte 1955:82
C34	sakata	mboɣ(olə)	<u>9</u>	petite antilope	De Witte 1955:82
C34	sakata	mboɣəlo	<u>9</u>	petite antilope	De Witte 1955:82
C34	sakata	mboɣələ	<u>9</u>	petite antilope	De Witte 1955:82
C34	sakata	mbo	<u>9</u>	petite antilope	De Witte 1955:82
C34	sakata	mbou	<u>9</u>	petite antilope	De Witte 1955:82.

C34	sakata	mb(v)ɔey	<u>9</u>	petite antilope	De Witte 1955:82
C34	sakata	mbu	<u>9</u>	petite antilope	De Witte 1955:82
C34	sakata	mbu'u	<u>9</u>	petite antilope	De Witte 1955:82
C411	ebuku	boloko	9/10	antilope naine	Motingea s.d:14/20
C412	libobi	-bólókó	9/10	antilope naine	Motingea s.d:73
C43B	benge	boloko	<u>9</u>	antilope (bleu)	Bareau <i>et alii</i> 1912:42
C55	lokele	mboloko	<u>9</u>	antelope small bluea brown	Millman 1926:11
C83	bushoong	mból'k	9/10	antilope	Vansina 1959:105/68
D28	holoholo	kabuluku	12/13	ant. pygmoea	Schmitz 1912:374
H31	kiyaka <sup>20</sup>	kabúluku	1a	antilope (petite)	Ruttenberg 2000:341
H41	mbala	-bulugu B	12/14	antilope	Malasi & Ndolo 1972:7/64
H42	hunganna	mbuluk	<u>9</u>	( <i>Cephalophus monticola</i> )	Koni Muluwa 2009- 2010:513
JD42	kinande	embúlhúkú from -púlhúkú	9/10	antelope	Mutaka & Kavutirwaki 2006:284/51
L21	kete	aakábuluku	12	antilope naine	Mbuyi 1972. 30
L221	lwalwa	kabúlúkú	12/13 <sup>21</sup>	petit antilope	Ndembe-Nsasi 1972:97

<sup>20</sup> Atestamos também a forma 'búlúkú' com o sentido de asno, cavalo' de classe nominal (5) (cf. Ruttenberg 2000:116/196).

<sup>21</sup> Designa o diminutivo na maioria das línguas bantu, mesmo se, existem exceções em algumas línguas como, por exemplo, em tshiguvhu, dialeto do tshivenda (S21), que marca o diminutivo ou exprimem a ideia de pequenez através dos prefixos de classe 7/8 (ki-vi), (cl. 20 (ku-) e cl. 14 (bu-). Cf. sisimana pl. (zwi) cl. 7/8 'small boy, short and somewhat stocky in build' < musimana 'boy' (Mulaudzi 2000:159).

L32	kanyòk	kabùlùk	12/13	( <i>Cephalophus monticola</i> )	Mukash 2012:364
L41	kaonde	kabuluku	<u>12</u>	( <i>Cephalophus monticola</i> )	Ansell 1978:55
L52	lunda-ndembu	kabuluku	12	blue duiker	White 1943:20
L53	ruund	kábúrùk	12/13	antilope naine	Kapend Makal 1995/1996:51
L53	ruund	kábúrùkw	12/13	( <i>Cephalophus nigrifons</i> )	Hoover 1975:K-2

Colocamos em evidência, majoritariamente, em línguas da zona C o tema (°-búdógú), que apresenta osculância<sup>22</sup> com o tema discutido no subitem acima. Contudo, os fonemas em posição de  $C_3 < *g$ .

C30A	bangala	mbólókó	9/10	( <i>Philantomba monticola</i> )	Edema 1994:175
C30B	lingala	mbólókó	9/10	( <i>Philantomba coerulea</i> )	Everbroeck 1985:214/113
C32	bobangi	m-bólókó	9/10	antilope naine	Motingea, s.d:145
C35a	ntomba	mboloko	9/10	antilope	Gilliard 1928:60/239
C35b	bolia	mbólókó	9/10	antilope naine	Anonyme s.d:189

<sup>22</sup> O fenômeno de osculância consiste no agrupamento de duas ou mais séries comparativas que tem a mesma conexão de sentido, mas com formas diferentes, ou com formas idênticas, mas com sentidos diferentes. Cada uma dessas duas ou mais series tem certamente grupos onde a variação de sentido e, ou da forma nos faz acreditar fortemente em uma origem comum entre elas, porém, tem outros grupos onde não é possível saber se os temas têm uma origem comum. (Guthrie 1967-1970: 111, volume 1). (cf. outros casos similares no BLR (2003) \*kùndú/ \*gùndú ‘estomac’, \*kèngédé/\*gèngédé ‘sonnette’ e também Bostoen (2001).

C37	budza	mbólókó	9/10	antilope	Bbemon-Musubao 1971:31/35
C372	kunda	-bólókó	9/10	antilope naine	Motingea s.d:166
C374	babale	-bólókó	9/10	antilope naine	Motingea s.d:185
C601	jofe	mboloko	<u>9</u>	antilope naine	Hulstaert 1986:234
C61	lomongo	mbólókó	9/10	antilope naine	Hulstaert 1952:25
C613	mongo mpenge	mólókó	<u>9</u>	antilope naine	Hulstaert 1993:72
C61D	mongo bosaka-nkole	mbólókó	<u>9</u>	antilope naine	Hulstaert 1993:100
C61HA	lokalo	mboloko	9/10	antilope naine	Hulstaert 1988:139
C61I	mongo iyembe de la lokolo	mbólókó	<u>9</u>	antilope naine	Hulstaert 1993:272
C61I	iyembe	mólókó	9/10	antilope naine	Motingea 2010:92/111
C61J	ntomba	m-bólókó	9/10	antilope naine	Motingea 2010:171
C61J	ntomba nkole	mólókó	9/10	antilope naine	Hulstaert 1993:183
C61K	mbole mangilongo	mbólókó	9/10	antilope naine	Hulstaert 1993:243
C61L	mbole	mbólókó	9/10	antilope naine	De Rop 1971:48
C61NA	bolongo bayaya	mbólókó	9/10	antilope naine	Hulstaert 1993:294
C61R	ngelewa	mólókó	9/10	antilope naine	Hulstaert 1991:430
C701	langa	mbólókó	9/10	antilope naine	Jacobs & Omeonga 2002:547

C71	otetela	mbólókó	<u>9</u>	<i>Cephalophus monticola conjicus</i>	Hagendorens 1984:220
C76	ombo	mbúlúkú	9/10	( <i>Cephalophus monticola</i> )	Ankei 1986:247
C76	ombo	iyúlúkú	19	antilope	Meeussen 1952:12/33
C81	dengese	mbólókó, bàmbólókó	<u>9</u>	antilope	Galerie 2001:86
JD531	kitembo	búrúkú	9/10	esp. <i>antelope</i> <sup>23</sup>	Kaji 1985:71

Em algumas línguas das zonas B H, atestamos reflexos ambivalentes, cujos fonemas em posição de C<sub>3</sub> provêm tanto de \*k quanto de \*g.

B864	West ngong <sup>24</sup>	mbuluk	<u>9</u>	<i>Cephalophus monticola</i>	Koni Muluwa 2009-2010:513
B80	ngong <sup>25</sup>	gábùlùg, pl.dúbùlùg	12/13	gazelle	Luwes0 1985:60
H10A	kituba	mbùlukú	1/2	antilope	Fehderau 1992:23/140
H16	kikongo	mbulukú	9/10	gazelle	Swartenbroeckx 1948:79
H16c	yombe	mboloko	9/10	<i>Cephalophus monticola</i>	Koni Muluwa 2009-2010:513

<sup>23</sup> Na parte do dicionário da língua kitembo/français, atestamos a forma ‘-búrúkó (mbúrúkó cl. 9/10) com o sentido de ‘espèce de chamois (Céphalophe bleu?’ (Kaji 1980:17).

<sup>24</sup> Variante du Ngong, parlé dans le secteur du Kwenge, dans les groupements de Mudi-Kasanji et Kalamba. (cf. Koni 2009-2010:14).

<sup>25</sup> Ngong, parler de Kisomba/Mokamo, dans le territoire Mbala. (cf. Luwes0 1985:4).

Atestamos o substantivo também no grupo G40, porém a entrada fornecida por Ankei é uma forma do kiswahili (G42) veicular de RDC e a maioria do vocabulário especializado são empréstimos de outras línguas da região. O substantivo atestado em icibemba (M42) é também um empréstimo. Por isso, não representamos os reflexos atestados na zona G e em icibemba (M42) para a protoforma discutida neste subitem.

G40G	kingwana	boloko	9/10	petite antilope	Spinette 1960:8
G42	kiswahili	mbuluku	9/10	<i>Cephalophus monticola</i>	Ankei 1986:247
M42	icibemba	kabuluku	<u>12</u>	<i>Philantomba monticola</i>	Biodiversité au katanga <sup>26</sup>

Referente a semântica, no BLR (2003) o tema limita-se a denominar ‘espécie de antílope anão, gazela’.

Baseado nos sentidos atestados na maioria das línguas da zona C refinamos a proposta inicial e sugerimos para o tema o sentido de ‘céphalophe bleu: *Philantomba monticola*’. No entanto, atestamos alguns problemas semânticos, por exemplo, em ruund (L53) o substantivo de classe 12/13 denomina, ‘*Cephalophus nigrifons*’ (Hoover 1975: K-2). Em kisanga (L35) segundo descrição do autor o substantivo de classe 12/13 denomina uma espécie de antílope menor que ‘ngomba<sup>27</sup>’ (cf. Coupez 1976:133). Em lokele (C55), o substantivo de classe 9 denomina ‘antelope small, bluea brown’ e segundo descrição do autor: ‘*no marks, iteti, fombi (bigger brown, no marks)*’.

Atestamos o substantivo ‘mboloko’ também fora do bantu, em adamawa, para denomina *common duiker* (Wallin Th. and E. s.d.: 25). O substantivo atestado em adamawa é um empréstimo proveniente das línguas bantu.

<sup>26</sup> Cf. *site online*: <http://www.bakasbl.org/en/>

<sup>27</sup> Substantivo atestado em algumas línguas com o sentido de ‘steinbuck’. (cf. Reflexos do tema capítulo 2, subitem 2.1.11. ).

Quanto à regularidade dos segmentos, na maioria dos casos os reflexos são regulares. No entanto, atestamos alguns problemas em relação à origem diacrônica das consoantes, sobretudo da C<sub>3</sub>.

A C<sub>1</sub> se mantém estável em quase todos os reflexos e remontam a \*b, \*mb > b, mb (m). Porém, alguns casos, merecem uma explicação:

Em kinande (JD62) o substantivo ‘embúlhúkú ‘antilope’ < púlhúkú e se explica pela influência de uma nasal (N-), prefixo de cl. 9/10, diante das consoantes /p, β, h/ que resulta em uma estrutura morfológica (°N + p > mb). Porém, quando o prefixo de cl. 9/10 é zero, essa regra morfológica não é produtiva, por exemplo:

(JD62) poma < embóma ‘la vipère’ cl. 9/10 (cf. Kavutirwari Kambale 1978:83) < \*bòmà 261(1).

(JD62) epúndá < -púndá ‘l’âne’ cl. 9/10 (cf. Kavutirwari Kambale 1978: 84), < \*punda 4397 (5).

Meeussen (1952:13) sugeriu que o substantivo ‘iyúlúkú’ em ombo (C76) é um empréstimo proveniente do kiswahili (G42). Acreditamos na hipótese de um empréstimo, uma vez que, em línguas vizinhas cujos nomes dos mamíferos compartilham muitas raízes comuns, por exemplo, em songola (D24), atestamos outra forma ‘kasisi’ para denominar a gazela ‘*Cephalophus monticola*’ (cf. Ankei 1986: 8/251)<sup>28</sup>. Porém, a hipótese de que o substantivo vem do kiswahili (G42) é equivocada, uma vez que, a palavra em RDC é também um empréstimo.

---

<sup>28</sup> Uma similaridade entre os léxicos atestados em Songola e em Ombo é explicada pelos empréstimos, isso se justifica pela migração dos Ombo no território dos Songolas. Os songolas habitam na floresta equatorial, na subregião do Maniéma, região Kivu, República do Zaire. Nesta região onde eles habitam, é possível identificar ao menos 80 espécies de mamíferos de grande e médio porte.

Os reflexos atestados nos dialetos do lomongo, (mongo mpenge (C613), iyembe (C61I), ntomba nkole (C61J), ngelewa (C61R, eleku (C61S), apresentam uma particularidade por conservarem em posição de C<sub>1</sub> apenas a nasal /m/ da combinação /mb/, isso explica às duas variantes dialetais atestadas: ‘mólókó’ e ‘mboloko’.

Na maioria dos reflexos, a C<sub>2</sub> se realiza como uma consoante lateral /l/ que remonta a \*d. Em gesogo (C53) e em kisanga (L35) o fonema /d/ < \*d. Em kitembo (JD531) e ruund (L53), ocorre o processo de vibrantização (\*d > r). Essa regularidade é atestada nos exemplos abaixo:

(JD531) mubúru pl. cl. 3/4 ‘bouton sur le visage’ (Kaji 1985: 71) < \* bùdú (4570 (3).

(L53) ‘kádùr ‘gall-bladder’ < \*dódú (1169 (4) (Hoover 1975: K-3);

Em kinande (JD62) uma consoante lateral lh [l] atestada em posição de C<sub>2</sub> é regular e remonta a \*d, diante da vogal posterior de segundo grau, por exemplo:

erilhúnga (from- lhung-) ‘to get married’ (Mutaka & Kavutirwaki 2006:134) < \*dòng 4476 (5).

Quanto à C<sub>3</sub> identificamos alguns casos particulares:

Em gimbala (H41) a consoante oclusiva velar sonora atestada em posição de C<sub>3</sub> é regular e remonta a \*k, vejamos outros exemplos:

Em mbala (H41) o substantivo ‘sugú’ ‘jour’ cl. 11/10 (cf. Ndolo 1972: 48) < \*cúkú 765 CS. (4)/ ‘shigushigu ‘hoquet’ (cf. Ndolo 1972: 98) < \*cíkò 6113 (5)

Na parte central do domínio bantu, majoritariamente nas línguas das zonas C, (C15, C24, C32, C35a, C30B, C61, C71), os fonemas atestados em posição



de C<sub>3</sub> não remonta a consoante oclusiva velar surda /k/. Nestas línguas \*g > k, enquanto \*k > ∅.

Essa regra é produtiva fora de toda pré-nasalização. (cf. exemplos abaixo):

\*g > k

C61 lomongo bəkɔŋɔ ‘dos’ (Hulstaert 1952:146) < \*gòŋgò (1450 (1))

C71 otetela ɔkɔdí ‘corde’ (Hagendorens 1984: 57) < \*gòdí (1417 (1))

C30B lingala makilá ‘sang’ (Everbroeck 1985 :335) < \*gídá (1398 (3a))

\*k > ∅

C61 lomongo baúta ‘huile’ cl. (Hulstaert 1952:249) < \*kútà (2138 (1))

C71 otetela waálá ‘braise’ (Hagendorens 1984 : 30) < \*kádà (1662 (1))

C30B lingala moásí, pl. (ba-) ‘femme’ cl. 1/2 (Everbroeck 1985:268) < \*kádí (1674 CS. 986 (1)).

Em alguns dialetos do sakata (C34) a perda dos fonemas em posição de C<sub>2</sub> e C<sub>3</sub>, assim como, das vogais é regular, e justifica as estruturas segmentais atestadas. Em sakata (C34), o fonema /y/ em posição de C<sub>2</sub>, remonta a \*k apenas do ponto de vista fonológico, visto que, na língua \*k > ∅.

Na língua Nsong (B80) é importante ressaltar que: a variante descrita por Luweso (1985), sofreu uma influência cultural e linguística de seus vizinhos Ambala (H41), o que afetou consideravelmente o sistema fonológico da língua. Isso explica por exemplo, a presença de um fonema /g/ em posição de C<sub>3</sub> em vez de /k/, como podemos atestar também nos prefixos de cl. 7 (gi) < \*ki, cl. 12 (ga) < \*ka, cl.15 (gu) < \*ku, cl. 17 (gu) < ku. Luweso (1985:38), ressalta ainda que uma consoante oclusiva surda /k/ é atestada unicamente na palavra ‘kid’ que significa ‘chaise’.

Na variante west ngong (B864), descrita por Koni Muluwa (2009/2010), o fonema /k/ faz parte do sistema fonológico da língua e se mantém como podemos observar nos prefixos de cl. 7 (kε) < \*ki, cl.12 (ka) < \*ka, cl. 15 (kɔ) < \*ku, cl. 17 (kɔ) > \*ku.

O BLR reconstruiu o tema com V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub> e V<sub>3</sub> uma vogal de segundo grau de abertura, devido às oposições vocálicas [o, ɔ] atestadas nas línguas de 5/7 vogais.

Em bushoong (C83), em ngong (B80), em hunganna (H42) e em kanyòk (L32), à perda das vogais finais é um processo morfológico bem comum, vejamos:

B80 ngong gápágál pl. (bà) ‘chauve souris’ cl. 12/2 (cf. Luweso 1985:41)

L32 kanyòk busùng ‘venin, poison’ cl. 14 (Mukash 2012:64) < \*cúngú 741 (3)

Em ruund (L53) atestamos em posição de vogal final uma semivogal /w/. Segundo Hoover (1975 cf. prefácio), nesta língua é comum adicionar uma semivogal /w/ em finais de sílabas fechadas com o intuito de dar ênfase e ritmo à palavra, ou simplesmente para seguir o padrão silábico (CVCV) do PB. No entanto, desde 1952, as palavras não precisam terminar necessariamente em vogais. Por isso, dependendo da ortografia utilizada pelo autor é possível atestar palavras em que a V final > ∅ e outras com a inserção de uma semivogal [w], sobretudo diante de certas consoantes, como [b, t, v, f, k]. (cf. Hoover 1975: K-2):

cf. em ruund (L53) ‘chíbùkw’ ‘beer made from manioc peelings’ (Hoover 1975:C-3) < \*bókú (5305 (5)).

Na maioria das línguas o emparelhamento mais recorrente é de 9/10. No entanto, a combinação das classes nominais é bem mais complexa em algumas línguas, por exemplo, Luweso (1985:41) explica que na língua ngong (B80) o emparelhamento pode ser feito de várias maneiras: cl. 12/13, cl. 12/2 ou

ainda cl. 9/2 +9, por exemplo: gábùlùg, pl. dúbùlùg (cl. 12/13) or gábùlùg or bágábùlùg cl. 12/2 or mbùlùg/ bámbùlùg cl. 9/2.

Constatamos também outros emparelhamentos de classes nominais. Nas línguas da zona L, atestamos o emparelhamento predominante de classe 12/13, com função diminutiva. Em kituba (H10A), em kiyaka (H31) e em aka (C104), atestamos o emparelhamento de classe 1/2, usado geralmente nestas línguas para denominar seres personificados. Em ombo (C76), atestamos classe 19.

Os reflexos tonais atestados em algumas línguas como, por exemplo, em otetela (C71), nas línguas da zona L e em kiyaka (H31) nos ajudam a confirmar o padrão tonal \*AAA reconstruído pelo BLR, por exemplo:

Em otetela (C71), os reflexos tonais AA remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*AB:

‘eséndé’ écreuil (Hagendorens 1984:89) < \*cíndí 579 (1)

‘mvúlá’ pluie (Hagendorens 1984:215) < \*búdà 368 (1)

‘nshímbá’ genette (Hagendorens 1984:128) < \*címbá 613 (1)

As línguas do grupo L30 se caracterizam por apresentarem um padrão tonal contrário ao do protobantu, por exemplo, em (L31a tsiluba), \*AA >BB:

kùlù ‘ancien, antique’ (cf. Kabuta 2008: 145) < \*kúdú (2003 (1).

Em kiyaka (H31), os reflexos AB < \*AA (Cf. Van Den Eynde 1968: 14).

‘khúlu’ ‘vieux’ (Cf. Van Den Eynde 1968:339) < \*kúdú (2003 (1)

‘khóngolo’ ‘arc-en-ciel’ (Van Den Eynde 1968 : 198) < \*kóngódó (6856 (5)

Apesar dos reflexos ambivalentes atestados nas línguas das zonas B H, acreditamos que a protoforma \*-búdókú é o tema de origem, ao passo que o

tema °-búdógú segue como uma osculância (regional) predominantemente nas línguas da zona C.

A pesquisa coloca em evidência em alguns dialetos como, por exemplo, em lingala (C30B) e em ngombe (C41) substantivos de classe nominal 7/8 que remontam a uma forma °-bogodo (metátese da C<sub>2</sub> com a C<sub>3</sub>?).

C30B	lingala	gbogolo		antilope (esp.)	Everbroeck <sup>29</sup> 1985:214/60
C41	ngombe	ebógólí	7/8	jeune antilope	Rood 1958:65

Um possível processo de metátese a partir do tema °-búdógú, segue conflituosa devido aos problemas de abertura das vogais, Mesmo assim, optamos em agrupar os reflexos do tema °-bogodo neste subitem.

#### 1.1.1.2. O tema \*-kùengà 9104 (5) (cl. 11/5, 7/8) > °-kùèngà

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseada na proposta de Bancel (1986-1987:43) e na reinterpretação de Janssens (1993). No BLR o tema tem uma distribuição apenas em algumas línguas das zonas A. Ver abaixo:

A72(a)	ewondo	okpèŋ akpèŋ	11/5	<i>Cephalophus monticula</i>	Bancel 1986/1987:43
A74a	bulu	okpwèŋ akpwèŋ	11/5	<i>Cephalophus monticula</i>	Bancel 1986/1987:43
A75F	mveny	okpò (ŋ) akpò (ŋ)	11/5	<i>Cephalophus monticula</i>	Bancel 1986/1987:43

<sup>29</sup> Os dados do lingala recolhidos por Everbroeck (1985) são provenientes do lingala veicular, língua largamente falada no Norte do RDC e que tem muitos empréstimos oriundos de outras línguas locais, principalmente no que se refere ao vocabulário especializado como, por exemplo, da fauna. (Philippson 2019, comunicação pessoal). Sendo assim, os dados coletados da fonte são pouco confiáveis. Utilizamos os substantivos sugeridos pelo autor na tese, porém, com precaução.

Ampliamos a distribuição do tema em outras línguas na parte ocidental do bantu, contudo o tema segue limitado na zona A.

A43a	basaa	kìkwèŋ	<u>7</u>	<i>Cephalophus monticola</i>	Blench <i>et alii</i> 2009/2010:1
A53	bafia	kpòŋ	11/5	<i>Cephalophus monticola</i>	Medjo Mvé 1997:419
A75	fang	okueng pl. (akueng)	<u>11/5</u>	antilope	Bolados s.d.:15
A75	fang	òkwèñ (b) pl. akwèñ	<u>11/5</u>	<i>Cephalophus</i> <sup>30</sup> <i>melanorhéus</i>	Galley 1968:308/418 <sup>31</sup>
A75A	ntumu	òkpòŋ	<u>11/5</u>	gazelle	Carpentier & Voeltz 1990:13
A75A	ntumu	òkpòŋ	<u>11/5</u>	la gazelle grise	Voltz 1990:157
A75A	ntumu	òkpwòŋ	<u>11/5</u>	la gazelle	Voltz 1990:163
A801	gyele	kwèŋ (bè-~)	<u>7/8</u>	<i>Cephalophus monticola</i>	Blench <i>et alii</i> 2009/2010:1
A801	gyele	kùě (bè-)	<u>7/8</u>	<i>Cephalophus monticola</i>	Blench <i>et alii</i> 2009/2010:2
A81	kwasio <sup>32</sup>	kwàŋ/ bìkwàŋ	7/8	<i>Cephalophus monticola</i>	Blench <i>et alii</i> 2009/2010:1
A93	kako	kwè pl. bè	<u>7/8</u>	antilope sp.	Ernst Urs 1989:27/56

Atestamos em dzing (B86) uma entrada semelhante aos reflexos acima.

<sup>30</sup> Galley (1968:308). Especifica o sentido para 'jeune antilope'.

<sup>31</sup> Notas fonéticas sugeridas pelo autor: ô[o], o [ɔ], ê [z], ñ[ŋ], ñy [ny], v̄, y, w, são semivogais que se aproximam de /i, u, ü/ respectivamente. Quanto aos tons as siglas (b) representa o tom baixo, (h) tom alto, (m) tom médio.

<sup>32</sup> Nomes alternativos: Magbea, Mvumbo, Ngumba. (cf. site ethnologue).

B86	dzing	mu-kwen (ba- mi-)	1/2 + 4	antilope-cheval	Mertens 1939:59/131
B85	yans	mukuün	3	antilope gris-bleu	Swartenbroeckx 1948:6/97

Contudo, o sentido sugerido por Mertens (1939) é duvidoso. Além do mais, a transcrição correta da palavra em dzing (B86) seria [kwɛŋ]. O substantivo em dzing apresenta também irregularidades referente à qualidade das vogais. A V<sub>1</sub> remonta a uma vogal de segunda grau de abertura (diferente dos reflexos da zona A), uma vez que, o processo de espirantização<sup>33</sup> é regular em dzing (cf. ‘mfum’ chef (Mertens 1939:145) < \*kúmú 2118 (1)/ ‘mbwa’ chien (Mertens 1939:145) < \*-búà 282 (1), mas ausente no exemplo atestado abaixo. Uma relação da forma do dzing (B86) com o substantivo sugerido por Swartenbroeckx (1948) parece possível.

Devido aos problemas de irregulares identificados nas entradas da língua dzing (B86) e do yans (B85) não agrupamos os reflexos dessas línguas com o tema \*-kùengà, que segue limitado apenas em línguas da zona A. Contudo, esses substantivos são subsídios para futuras análises.

De acordo com o sentido atestado nos reflexos confirmamos a proposta semântica do BLR (2003) que sugeriu ao tema o sentido ‘*Philantomba monticola*’.

Em gyele (A801) encontramos uma forma composta ‘kwèŋ yáb békwòndò’ com o sentido de ‘*Cephalophus rufifilatus*’ (Blench *et alii* 2009:3).

A C<sub>1</sub> dos reflexos, remonta a uma consoante oclusiva velar surda.

---

<sup>33</sup> Substituição de um som oclusivo por um fricativo do mesmo ponto de articulação, motivadas pela presença de uma vogal de primeiro grau de abertura (i, u). (cf. Schadeberg 1995) e Bostoen (2005).

Os reflexos atestados nas línguas do grupo A70 (ewondo (A72a), bulu (A74a), fang (A75) caracterizam-se por apresentarem em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva labiovelar /kp/.

Donzo Bunza Yugia (2014-2015), cita (Ponelis 1974, Ladefoged 1964) que resumiu a evolução fonológica das labiovelares em bantu da seguinte maneira:

ku-V > k<sup>w</sup>wV > kwV ou gwV > kβV > kpV ou gbV.

Assim, de acordo com os autores a transição de uma consoante labial e velar em labiovelar é um processo regular nas línguas bantu. (Donzo Bunza Yugia 2014-2015:335).

Os fonemas em posição de C<sub>2</sub> remontam a uma consoante pré-nasalizada \*ng, que se realiza foneticamente como uma nasal velar /ŋ/ nas línguas, por exemplo:

A72a ewondo vyâŋ ‘chevrotain’ < \*jóngò (9110) (Angenot 1971:9).

Quanto as vogais, concordamos com o BLR (2003) que sugeriu ao tema V<sub>1</sub> de primeiro grau de abertura, pois ambas as línguas são de 7 vogais.

A V<sub>12</sub> foi reconstruída como uma vogal anterior média-alta fechada de segundo grau, devido à identificação de ao menos um caso onde o reflexo tem [e] no sistema de 5V e [ɛ] nas línguas de 7 vogais.

Em bulu (A74) a vogal central [ə] atestada em posição de V<sub>12</sub> é uma adaptação fonética de /e/ proposta pelo autor (cf. Bancel 1986/1987: 10).

A regularidade da V<sub>12</sub> em kwasio (A81) e em gyele (A801), onde a, ɛ < \*e se confirmam nos exemplos seguintes:

A81 kwasio ‘njámà’ pl. (mi-)/ A801 gyele ‘nyémò pl. (mi-) ‘*Rousettus aegyptiacus*’ (Blench 2009-2010:3) < \*démà 916(4).

Relativo à  $V_2$ , em todos os casos os reflexos caracterizam-se pela perda da vogal final. No entanto, Bancel (1986-1987) reconstruiu o tema com uma vogal aberta central não arredondada baseada nos reflexos atestados na língua ewondo (A72a) descrita por Janssens (1993:46) que explicou sobre as vogais lexicais:

*‘Lorsque la voyelle lexicale est (i, u, o, ε, ɔ), une voyelle épenthétique est facultativement insérée á la fin du thème devant un mot à initiale consonantique. La voyelle épenthétique est réalisée [a] ou [ə] selon l’harmonie vocalique et porte toujours le même ton que la voyelle lexicale. Si la règle d’insertion facultative est appliquée, les voyelles lexicales peuvent facultativement être réalisées plus fermées d’un degré ou semi-vocalisées.’*

Baseado nos substantivos propostos por Bancel (1986-1987) o BLR sugeriu para o tema classe nominal 11 (singular), em algumas línguas com valor diminutivo como, por exemplo, em ewondo (A72a). No entanto, os temas apresentam emparelhamentos de classes irregulares, por exemplo:

Classe 11/5 em ewondo (A72a), em bulu (A74a) e em mweny (A75F). Em basaa (A43a), em kwasio (A81), em gyele (A801) e kako (A91) atestamos o emparelhamento de classe 7/8, sem mudanças semânticas. Em ewondo (A72) o emparelhamento de classe 11/5 é geralmente utilizado para denominar objetos e animais pequenos. (cf. Essono 2000:228). Sendo assim, sugerimos ao tema o plural de classe 5 e também o emparelhamento de classe 7/8.

Quanto aos padrões tonais o BLR (2003) uma vez que não identificamos nenhum resquício de um tom A, sugerimos ao tema em posição de  $V_{11}$ ,  $V_{12}$  e  $V_{21}$  um padrão tonal inteiramente \*BBB (reflexo tonal direto atestado em línguas da zona A) como, por exemplo, em kako (A93), onde um padrão tonal  $BB < *BB$ :

Em kako (A93) ‘ngùbò’ bouclier (Ernst Urs 1989: 85) < \*gùbà 1528 (3).



‘mbòm̀̀’ serpente (boa) (Ernst Urs 1986:85) < \*bòm̀̀à 261 (1)

### 1.1.1.3. Os temas °°-céct/ °°-cétu (cl. 9/10, 12/13)

Proposta de tema sugerido por Mouguiama e Hombert (2006:49)<sup>34</sup> a partir de reflexos atestados em línguas do grupo B30, B40, assim como, em myene (B11), em kota (B25), em lembaama (B62) e em teke (B71).

Koni Muluwa (2009/2010:513) propôs um tema similar °N-céct, com a combinação da (N-) prefixo de classe 9/10, com base em dados do punu (B43), do ntsongo (B85F), do kibeembe (H11), do yombe (H16c) e do yaka (H31).

A pesquisa estendeu a distribuição linguística do tema em quase toda a região bantu, precisamente nas zonas A B C D G H JD L M P R S.

Do ponto de vista estrutural os reflexos são problemáticos e nem sempre remontam ao mesmo fonema \*PB, sobretudo em posição de C<sub>2</sub>. Sendo assim, dividimos os reflexos em dois grandes grupos.

Segue abaixo uma lista de reflexos cujos fonemas em posição de C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub> remontam a uma consoante oclusiva palatal surda, mesmo se, atestamos alguns casos ambíguos e/ou irregulares.

B301	viya	tsétsí/tsétsí	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalopus monticula</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50
B305	pove	tsétsì/tsétsì	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalopus monticola</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50

<sup>34</sup> Cf. ‘Les noms des mammifères dans les langues bantu du Gaban: reconstruction et hypothèses historiques’. Editons du silence. Libreville.

B305	pove	-tsesi (HB)	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Van der Veen Lolke J. s.d.:52
B31	tsogo	tsetsi/tsetsi	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:49
B32	kande	étsétsi/ dítsétsi	<u>7/8</u>	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50
B401	bwisi	tsetsi (yi/tsi-)	<u>9/10</u>	gazelle	Yenguitta 1990:132
B402	varama	tyesi/tyesi	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50
B403	vungu	tsyési/tsyési	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50
B404	ngubi	sési/tsisesi	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50
B41	shira	tsyési	<u>9/10</u>	gazelle	Blanchon 1990:22
B41	shira	[tsyé:tsi]	<u>9/10</u>	gazelle	Dodo- Bounguenda 1992:10
B41	shira	tsie/tsie	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50
B42	sangu	tsèsi bátsèsi	9/2	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50
B42	sangu	bátsèsi	<u>9/2</u>	gazelle	Idiata 1998:190



D26	kizimba	kàsésì	12	antelope, lièvre	Hennin R. s.d.:42/83
G35	luguru	sesi		small gazelle	N & P 1975
G42	kiswahili	cesi	<u>9</u>	antilope naine	Sacleux 1949:36
H10A	kituba	nsyesye [nsyéseye]	9/2	gazelle	Sil-Congo 2007:312/442
H10A	kituba	nsiésie	<u>9</u>	antilope	Fehderau 1992:140/201
H10A	kituba	nsese	<u>9</u>	antilope	Fehderau 1992:140
H10B	munukutuba	nsiese	<u>9</u>	gazelle	INRAP <sup>35</sup> 1981:127
H11	kibeembe	ñntsyésé	<u>9</u>	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Maniacky 2000:153
H12	yombe (vili)	ntsésé	<u>9</u>	<i>Cephalophus monticola</i>	Hecketsweiler & Mokoko 1991:260
H12	yombe (vili)	tsiese	<u>9</u>	( <i>Cephalophus monticola</i> )	Koni Muluwa 2009-2010:513
H16	fiote	Nsesse buianda mua mbula	<u>9</u>	la gazelle est une petite rusée	Derouet 1896:31/177
H16	fiote	nsesse buianda	<u>9</u>	gazelle	Derouet 1896:31/177
H16	kikongo	nsexi x[ʃ]	<u>9</u>	antelope (gazelle like)	Bentley 1887:10
H16	kikongo	unsexi x[ʃ]	<u>9</u>	cabra do mato	Da Silva Maia 1994:88

<sup>35</sup> Institut national de recherche et d'action pédagogique.

H16	kikongo	nsiesi	<u>9</u>	antilope	Mosilo Eboma 2009:275
H16	kikongo	nsiesie	<u>9</u>	antelope (gazelle)	Bentley 1895:723
H16c	yombe	tséésé	9/10	gazelle	De Grauwe 2009:108/152
H16d	fiote	nsesse pl. (zi-)	9/10	gazelle	Derouet 1896:177
H31	kiyaka	tsetse	<u>9</u>	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:513
H31	kiyaka	tsétsi	1a	antilope (petit)	Ruttenberg 2000:341
G52	ndamba	sheshi		Grant's gazelle	N & P 1975
JD61	kinyarwanda	-syísyi	9i/6	céphalophe de lestrade, ( <i>Cephalophus weinsi</i> )	Coupez <i>et alii</i> 2005:2382
K11	chokwe	kaseshi sh = [ʃ]	12	antelope	Mac Jannet Malcolm Brooks 1949:3/39
L11	giphende	gasesi (ga-tu-) LHH	12/13	gazelle	Gusimana 1972:29
L12	kiholu	ká-sesi	13/12	antilope naine	Daeleman 2003:56/62
M31A	nyakyusa	akasasi	12/13	blue duiker ( <i>Philantomba monticola</i> )	Wilson 2005:221

M31A	nyakyusa	akasesi pl. (utu)	12/13	type of gazelle	Persohn 2016 <sup>36</sup>
M64	tonga	nsese	<u>9</u>	steenbok	Torrend 1967:535
N21	tumbuka	msemi, zi-	9/10	goat young female	Turner 1952:211
P15	kimbunga	sheshi sh = [ʃ]		small gazelle	N & P 1975
R13	nyaneka	osese	<u>9</u>	céphalophe bleu	Newton Da Silva 1970:136
S61	cicopi	tsetsi (ø-, ti-)	9/10	cabrito do mato	Dos Santos 1949:35/212

Em algumas línguas os fonemas em posição de C<sub>2</sub> remontam unicamente a \*t, por exemplo, em benga (A34), em tunen (A44), nas línguas do grupo B11, assim como, em wanzi (B501), em duma (B51), em nzebi (B52), em kaniŋ'í (B602), em lobala (C16), enya (D14) e em emakhuwa (P31). Por isso, sugerimos um tema °-céti, que apresenta osculação com os reflexos acima. Vejamos:

A11	londo	ìsèrì pl. dòsèrì /-sédì/	19/11	antelope (small type of-)	Kuperus 1985:271/278
A122	kundu	ísèlí, pl. ló	<u>11/12</u>	antilope, zwerg	Bufe E. 1915:175
A122	kundu	iséli, pl. (lo-)	11/12	zwergantilope	Ittmann 1971:190
A13	balong	[ìsél] /-sél/	<u>5</u>	biche	Kouoh, Mboundja 2003:45

<sup>36</sup> Comunicação pessoal.

A15	manenguba	èʔ-sél	<u>5</u>	antelope	Hedinger 1987:207
A15C	akoose	e'sále	14/6	red-flanked duiker ( <i>Cephalophus rufilatus</i> )	Hedinger 2012:221/524
A15C	akoose	e'sél, pl. (mesél)	14/6	blue duiker ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Hedinger 2012:221/524
A24	duala	esèl	7	âne sauvage	Ittmann 1976:182
A34	benga	ihéli/mà-	<u>5/6</u>	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticula</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:49
A43a	basaa	hisée pl. (di-)	7/8	lièvre, antilope	Lemb, Pierre & de Gastines 1973:122
A43a	basaa	hisée	<u>7/8</u>	blue duiker ( <i>Cephalophus monticola</i> )	Blenchand Martin, Marieke 2009:1
A44	tunen	hisél (pl. tù-)	19/13	la petite antilope grise naine	Dugast 1967:72/206
A44	tunen	hiséli	<u>19/13</u>	antilope	Dugast 1971:218
B11	myene	ntjéři	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticula</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:49
B11a	mpongwe	ntseri	<u>9</u>	antilope souris, ( <i>Cephalophus melanorheus</i> )	Raponda 1961:17/362
B11a	mpongwe	ntjéři/in-	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticula</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:49

B11b	orungu	[ñtʃéri]	<u>9</u>	gazelle	Eyang, Effa Edwige s.d:13
B11b	orungu	céri, ìncéri	9/10	une gazelle	Ambouroué 2006-2007:393
B11c	galwa	ntséri/ìntséri	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticula</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:49
B11e	nkomi	ntʃéri/ìntʃéri	9/10	céphalophe bleu ( <i>Cephalophus monticula</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:49
B201	ndasa	í-féí	<u>5</u> <sup>37</sup>	céphalophe bleu	Mokrani 2016:398
B203	osamayi	héli/bàhéli	<u>9/2</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:49
B204	ndambomo	féli/bàféli	<u>9/2</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:49
B22b	ngom (koya)	í'sjèlə, pl. (la'sjèlə)	<u>19/13</u> <sup>38</sup>	<i>Cephalophus monticula</i>	Unesco 2006:43 <sup>39</sup>
B24	wumbvu	ʃétʃi/báʃétʃi	<u>9/2</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:49
B25	kota	héli/bàhéli	<u>9/2</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:49

<sup>37</sup> Em ndasa (B201) sugerimos singular de classe 5, que na língua tem como plural regular classe 6 mas também, raramente, plural de classe 10. (cf. Mokrani 2016:730).

<sup>38</sup> Mokrani (2006) não reconhece esse emparelhamento em ngom (B22b), porém, cita que Jacquot (1993) coloca em evidência esse gênero. (cf. Mokrani 2006; 651).

<sup>39</sup> Leia-se: è [ɛ], e [e], O [ɔ], o [o]. O fonema /nZ/ realiza-se [j] cf. 'nZO'ku éléphant' (< \*-jògù). O fonema /sʃ/ realiza-se como [c], por exemplo: la'sjènZi écuréuil (< \*c'índí).



B251	sake	féǵì, pl. (bè-)	<u>9/10</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:49
B252	mahongwe	héli/báhéli	<u>9/2</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:49
B501	wanzi	sétí	<u>9</u>	gazelle	Blanchon 1990:22
B501	wanzi	sétí/bàsétí	<u>9/2</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:50
B51	duma	sétí/bàsétí	<u>9/2</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:50
B51	duma	sétí	9, 2 + 10	gazelle	Mickala Manfoumbi 1988:174
B52	nzebi	sétí/bàsétí	<u>9/2</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:50
B52	nzebi	-sètí /sétí pl. basétí)	1/9, 2	antilope céphalophe	Marchal- Nasse 1988-1989:603
B602	kaning'i	sètí/bàsètí	<u>9/2</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:50
B61	mbere	sedi	<u>9</u>	antilope/gazelle	Biton 1969:302/411
B61	mbere	ǵéri (a)	<u>9</u>	gazelle	Ndouli s.d.:83
B62	lembaama	sérí/àsérí	<u>9/2</u>	<i>Cephalophus monticula</i>	Mouguiama & Hombert 2006:50
B63	nduumo	seti	<u>9</u>	antilope gazelle	Adam 1969:302/411

B71a	tege-kali	séri/aséri	9/2	<i>Cephalophus monticola</i>	Mouguiama & Hombert 2006:50
B71a	tege	séri pl. aseri	5/6	gazelle	Linton Pauline 2013
C16	lobala	tseté	3/4	antilope	Motingea s.d.:91
C22	akwa	/seri/	<u>9</u>	a small gazelle	Mokoko Marin 2001:31
C55	ekele	iteti	<u>5</u>	small antelope	Anonyme s.d.:44
C61	lomongo	lisele	<u>5</u>	medium sized (half-grown) of antelope	Ruskin s.d.:358
D14	enya	séti	9/10	antilope	Spa 1980:25
G65	kinga	asesi		blue duiker ( <i>Philantomba monticola</i> )	Wilson 2005:221
H21a	kimbundu	sexi x[j]	<u>9</u>	cabra do mato	Da Silva Maia 1994:88
H21a	kimbundu	sexi x[j]	<u>9</u>	gazela	Da Silva Maia 1994:322
JE413	tiriki <sup>40</sup>	siseri	<u>9</u>	blue duiker ( <i>Philantomba monticola</i> )	Wilson 2005:221
L23	songe	kaseshi sh = [j]	<u>12/13</u>	espèces d'antilope	Samain 1923:40
P31	emakhuwa	nanshere (a)	<u>1a/2a</u>	gazela macho, grande	De Matos 1974:205

<sup>40</sup> Segundo o autor, língua kitereki. Atualizamos a nome da língua de acordo com a classificação das zonas propostas por Maho (2009).

Relativo à semântica, Mouguiama e Hombert (2006:49), assim como Koni Muluwa (2009/2010:513), propuseram o sentido '*Philantomba monticola*'.

A pesquisa confirmou o sentido inicial, entretanto, em alguns casos o sentido é revelado de forma implícita como, por exemplo, em dzing (B86) onde segundo descrição do autor o substantivo denomina uma espécie de antílope pequeno de pelo cinza-escuro e que tem um papel muito importante nas fábulas. (cf. Mertens 1939:70).

Porém, colocamos em evidências alguns problemas semânticos e/ou erro de identificação, às vezes, influenciados pelas mudanças de classes nominais, por exemplo, o substantivo de classe 7/8 atestado em basaa (A43a) segundo fontes diferentes denominam '*Philantomba monticola*' mas também 'lièvre'. Em kizimba (D26), o tema de classe 12 denomina 'antílope' e 'lièvre'. (Hennin s.d:42/83). Esse problema semântico na identificação entre duas espécies é bem comum notadamente em contos, fábulas e provérbios populares, onde a espécie de '*Philantomba monticola*' é erroneamente denominada de 'lièvre ou gazela'. Essa confusão semântica é provavelmente devido ao tamanho e/ou semelhanças entre as espécies<sup>41</sup>.

Em tonga (M64) o substantivo de classe 9 denomina 'steenbok'.

Em akoose (A15C) atestamos duas formas de classe 14/6 que denominam '*Cephalophus rufilatus/Cephalophus monticola*'.

Em duala (A24) o tema de classe 7 denomina 'âne sauvage'.

---

<sup>41</sup> Cf. Identificamos esse erro de identificação em alguns livros a partir de uma pesquisa nos textos onde temos atestamos a versão original na língua africana. (cf. Conto das comunidades babembe, '*Le lièvre, symbolise l'intelligence, la solidarité, la ruse*', '*Le lièvre, la panthère et mua lumfindu*' (Tsoko-Tongo 1986-1987:252-249). '*Dame gazelle et dame panthère* (Bidounga 2007:1-17), '*La gazelle triomphante par sa ruse de la force brutale*' (Plancquaert 1982:150).

Em buma (B82) e em fiote (H16) atestamos formas compostas sem mudança semântica.

Em punu (B43) Blanchon, 1995 descreve: '*Céphalophe bleu, dans les contes, personnage rusé qui roule les animaux stupides tels que la panthre et le céphalophé bande dorsale noire ou l'antilope* (cf. isibu<sup>42</sup>).

Em algumas línguas o substantivo parece fazer parte de um tipo de categorização local (gênero da espécie), por exemplo, em kituba (H10) o substantivo de classe 9 designa segundo o autor: '*tout petit cerf. masculin. Animal très adroit et rusé*' (cf. Fehderau 1992: 140/221).

Em tonga (M64) o tema denomina gazela 'steenbok'.

Em emakhuwa (P31), o substantivo de classe 1a/2a designa 'gazela, macho grande' (cf. De Matos 1974:205).

As descrições dos autores acima, nos permite hipotetizar que o substantivo ao menos em algumas línguas é uma forma específica usada para designar um dos gêneros da espécie, neste caso, o 'macho' de '*Philantomba monticola*'.

Referente as correspondências regulares dos fonemas em algumas línguas a C<sub>1</sub> é resultado da combinação da nasal (N-) prefixo de classe 9/10, com a consoante oclusiva palatal surda \*c (N + c > ts, s) como, por exemplo, nas línguas o grupo B11, assim como, em viya (B301), pove (B305), tsogo (B31), kande (B32), em bwisi (B401), em lumbu (B44), em ntsong (B85F), em dzing (B86), em mpiin (B863), em mbuun (B87), em mboshi (C25), em yombe (H16c) e em tonga (M64).

Em kikongo (H16), em chokwe (K11) a C<sub>2</sub> uma consoante /j/ remonta a \*c apenas do ponto de vista fonológico, visto que, nestas línguas, \*c > s.

---

<sup>42</sup> < °-cíbò '*Cephalophus dorsalis*' (cf. 1.1.4.2. ).

Atestamos em algumas línguas, sobretudo em posição de C<sub>2</sub>, reflexos ambíguos (cf. zonas B D G H JD N M) que remontam a \*c, mas poderiam remontar também a \*t se considerarmos o processo de espirantização diante de vogal de primeiro grau (\*t (i) > ts, s) como, por exemplo, nos reflexos atestados nas línguas do grupo B40, em varama (B402), vungu (B403), shira (B41), punu (B43), assim como, em yaa (B73c), songola (D24), em kizimba (D26), luguru (G35), em kiswahili (G42), em kibeembe (H11), em kikongo (H16), em kinyarwanda (JD61), em tumbuka (N21), em nyakyusa (M31).

A origem de /sh/ em posição de C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub> em kimbunga (P15), proveniente das fontes N & P (1975), seguem obscuras, uma vez que, na língua \*c, \*nc > ∅, assim como, em ndamba (G52), onde \*t (i) > s/ \*c, \*nc > s.

Em osamayi (B203) a C<sub>1</sub> /h/ é irregular, visto que, nas línguas do grupo \*c, \*nc > ʃ. No entanto, a origem do fonema /h/ poderia remontar ao kota (B25) onde é regular \*c, \*nc > h.

Em ndambomo (B204) e em sake (B251) a consoante fricativa labiodental surda atestada em posição de C<sub>1</sub> é irregular. A evolução diacrônica do fonema /f/ é problemática, além do mais, não atestamos outros exemplos na língua. Em outra fonte da língua sake (B251) identificamos o mesmo substantivo e segundo a autora o fonema /f/ em posição de C<sub>1</sub> é atestado apenas neste substantivo. Sendo assim, essa consoante é um fonema marginal na língua. (cf. Mokrani 2006:381).

Em wumbvu (B24) à C<sub>1</sub> /ʃ/ é regular e remonta tanto a \*c quanto a \*N + c.

Em basaa (A43a) a perda da C<sub>2</sub> uma consoante oclusiva alveolar surda é regular \*t (V) > ∅.

Em sake (B251) a C<sub>2</sub> uma consoante oclusiva velar /g/ provém de \*t. Mesmo se a passagem de \*t > g é uma mudança inesperada, visto que, na maioria das línguas vizinhas do sake \*t > l, em sake (B251) essa mudança é regular. (cf. Hombert, Mamfoumbi & Mbongo 1989:154). Além do mais, uma

76

evolução gradual (\*t > d > l > r > ʎ > g) é possível de acordo com os universais linguísticos. Identificamos ao menos um exemplo que mostra a passagem de \*t > g, embora em posição de C<sub>1</sub>:

Ex: rì-gámpò ‘piège’ < \*támbò (cf. Hombert, Mamfoumbi & Mbongo 1989:154).

Em kinga (G65) a C<sub>2</sub> uma consoante fricativa surda provém exclusivamente de \*t diante de vogal de primeiro grau, ao passo que (\*c/\*nc > h/ny).

Em kimbundu (H21) o fonema / ʃ/ remonta a \*t também diante vogal de primeiro grau.

Em algumas línguas os fonemas /d, l, r/ atestado em posição de C<sub>2</sub> remontam a \*t apenas do ponto de vista fonológico, por exemplo, em songe (L23) e em londo (A11) onde \*t (V) > l.

Em tiriki (JE413), assim como em todas as línguas ru(nyaki)tara o fonema \*t > t.

Em duala (A24), o fonema /t/ tem dois reflexos > /t, l/.

Em mbere (B61), em akwa (C22) e em tharaka (E54) \*t > t. Em lomongo (C61), em kiziba (JE22D) e em icibemba (M42) \*d > l e \*t > t. Em kota (B25) e em mahongwe (B252) a consoante lateral remonta tanto a \*t quanto a \*d.

Em teke (B70) a vibrante /r/ remonta a \*t apenas do ponto de vista fonológico, visto que, na língua é bem regular /r/ remontar a \*d (d > r/-i). As duas formas atestadas em tege-kali (B71a) (sérì/séli) são variantes livres ou dialetais exceto, em posição inicial da palavra, onde apenas o fonema /l/ é permitido.

Ex: okáari/okáli ‘femme’ (Linton Pauline 2013) < \*kádí 1674 (1)/mvùrì/mvùlì ‘antilope chevalin’ < \*bùdì 304(5). ‘lila ‘pleurer’ < \*dìd ‘pleurer’ 959 (1).

Em ekele (C55) a  $C_1$  é irregular e remontam a  $*t$ , enquanto  $*c/*nc > s$ .

Quanto à qualidade das vogais, em algumas línguas a  $V_1$  se realiza como /ie/, porém, na maioria dos casos como /e/, sendo assim, sugerimos para os temas  $V_1$  de terceiro grau de abertura. Porém, a qualidade da  $V_1$  segue problemática. Atestamos problemas similares de reconstrução da  $V_1$  em outras formas discutidas no BLR (2003): cf.  $*-cèd$  508 (4)/ $*-cìet$  590 (4) ‘glisser’.

Em posição de  $V_2$  sugerimos para o tema uma vogal de segundo grau de abertura, visto que, os reflexos se realizam como /e, i/. Além disso, não consideramos o processo de espirantização atestado em algumas línguas. Nos reflexos do tema  $^{\circ}\text{-ceti}$ , atestamos o processo de espirantização de  $*t$  diante de vogal de primeiro grau, apenas em kinga (G65) e em kimbundu (H21). Ao passo que, nas outras línguas a espirantização não é produtiva, sendo assim  $*t > d, l, r$  independente da abertura das vogais, isso justifica a escolha de uma  $V_2$  de segundo grau.

Atestamos em nyakusa (M31) um caso isolado de abaixamento vocálico ( $*i > a$ ). Acreditamos que se trata de um erro de anotação fonética do autor proveniente das fontes zoológicas. Confirmamos esse erro fonético através de outra fonte onde a  $V_1$  é regular  $*ie > e$ . (Persohn 2016<sup>43</sup>).

Em relação a  $V_1$  do kota (B25) Mouguiama & Hombert (2006:49), exemplifica que a vogal é irregular e não remonta a mesma vogal do PB que a  $V_1$  em (mpongwe, lembaama e do tege-kali), por isso ele propôs duas formas que se diferem quanto a abertura das vogais ( $^{\circ}\text{-ceti}$  et  $^{\circ}\text{-cèti}$ ).

Nas línguas do grupo B80 o alongamento vocálico é pertinente, embora, atestamos apenas um caso onde ele é marcado. (cf. Em dzing (B86), (Mertens 1939:70/131).

---

<sup>43</sup> Comunicação pessoal.

Em yombe (H16d) a quantidade vocálica não tem valor fonológico e o alongamento vocálico é automaticamente, por exemplo:

mvúubu ‘hipopotame’ (De Grauwe 2009: 76) < \*gùbù 1532(1).

Em balong (A13), em akoose (A15C), em duala (A24), em tunen (A44) e nas línguas do grupo B80, a perda das vogais finais é um processo regular.

Atestamos um caso de abaixamento da vogal final (\*i > a), em bende (F12) onde o substantivo ‘íísésá’ pl. (má) denomina ‘*he-bushbuck*, (dume la mbawala au mbuzi)’ de classe 5/6 (cf. Abe 2006:29/121). Segundo o autor o substantivo é um termo específico para designar o ‘macho’ do antílope ‘mbawala’ *Tragelaphus scriptus*’ ou do ‘mbuzi’ ‘cabra’. Apesar da similaridade formal como os reflexos do tema discutido neste subitem, o substantivo em bende (F12) é problemático, uma vez que, apresenta mudança semântica, provavelmente motivada pelas mudanças de classes nominais.

O emparelhamento das classes são os habituais: 9/10. Porém, atestamos outros emparelhamentos: 19/11 em londo (A11), 11/12 em kundu (A122).

Em akoose (A15C) atestamos o emparelhamento de classe 14/6 com mudança semântica. O tema denomina ‘*Cephalophus rufilatus*’ e ‘*Cephalophus monticola*’. Em ngom (koya) atestamos o emparelhamento inabitual de classe 19/13.

Em benga (A34), em ndasa (B201), em bende (F12) e em tege (B71a) atestamos o emparelhamento de classe 5/6 sem mudança semântica. Em lobala (C16) identificamos classe 3/4, classe 1a/2a em emakhuwa (P31), sem mudança semântica. Em alguns casos as mudanças de classes nominais são motivadas pela ausência de certas classes de prefixos em algumas línguas ou tem o intuito de reforçar o valor de diminutivo, por exemplo, em tunen (A44) emparelhamento 19/13 marca o diminutivo. Em kande (B32), em nzebi (B52) e lobala (C16), devido à ausência do prefixo de classe nominal 12, o emparelhamento 7/8, 1/9, 2 e 3/4 respectivamente, marcam o diminutivo.



Em kiyaka (H31) a classe nominal 1a se caracteriza por ter um prefixo também com o morfema (-ka), o que não é muito comum, mas que diacronicamente é um resquício da classe nominal 12.

Em emakhuwa (P31), os nomes especialmente para os animais, são formados com o morfema (na) de classe 1a/2a, geralmente aqueles personificados em contos. (cf. Van der Wal 2009: 43/ Prata 1960:55).

(P31)- nakhúku/ ánákhúku ‘crow’ (cf. Van der Wal 2009:43).

(P31) nakhwala ‘fêmea do elefante’ (De Matos 1974: 138) ou ‘namulume’ elefante macho. (Frizzi 1982:144).

Em basaa (A43a) o substantivo de classe nominal 7/8 sugerido por Lemb & de Gastines (1993) denomina ‘lièvre’, contudo a espécie é ausente na região. O erro na tradução sugerida pelo autor justifica-se pelo fato que o nome ‘lièvre’ é utilizado no francês local para denominar o *Cephalophus*. Sendo assim, concordamos com a semântica sugerida por Blench e Martin ‘*Cephalophus minticola*’.

Quanto aos padrões tonais, para ambos os temas Mouguiama e Hombert (2006), propuseram um padrão tonal \*AA ou \*AB. Em punu (B43) atestamos divergências tonais segundo as fontes: Mouguiama e Hombert (2006) propuseram um padrão \*AB, enquanto Blanchon (1995) propôs AA. Em дума (B51) os tons são divergentes segundo as fontes \*AB, ou \*AA. Infelizmente, os dados atuais confirmam essa perturbação tonal e ainda acrescenta dois outros padrões tonais possíveis: \*BB, \*BA. Nenhum dos padrões tonais em contexto de isolação são exclusivos e atestamos reflexos dos quatro padrões do PB, o que dificulta propor um padrão tonal para o tema em questão. Vejamos:

Em latege (B71a) o reflexo tonal AB < \*AB ou \*BB:

‘mvúlà ‘pluie’ (Linton Pauline 2013) < \*búdà 368 (1)

‘ngómbì ‘boeuf’ (Linton Pauline 2013) < \*gòmbè 1431 (1)

Em lomongo um padrão tonal BB < \*BB (reflexos diretos do PB):

‘ngómɔ’ ‘grand tambour’ (Hulstaert 1952: 454) < \*gòmà 1429 (1)

‘lɔlɛlu’ barbe (Hulstaert 1952: 45) < \*-dèdù 897 (1)

Em kinyarwanda (JD61) o reflexo tonal AB < \*AB

‘yóka’ ‘serpent’ (Coupez *et alii* 2005:2807) < \*jókà 3536 (1)

‘vúra’ ‘pluie’ (Coupez *et alii* 2005:2774) < \*-búdà 368 (1)

Apesar dos reflexos tonais serem ambíguos em algumas línguas, confirmamos a proposta de um tom \*A em posição de S<sub>1</sub>, ao passo que, a proposta de um tom A, em posição de S<sub>2</sub> segue problemática.

Quanto à origem do tema apresentado neste subitem, concordamos com a hipótese de Mouguiama e Hombert (2006), de que os reflexos dos temas parecem mais uma difusão lexical de um dialeto/língua à outra do que uma evolução a partir de uma mesma forma herdada do PB. As mudanças segmentais nos reflexos atuais justificam-se pelo sistema fonológico de cada língua. Isso explicaria em partes, as irregularidades das consoantes, e as perturbações tonais. Além do mais, em relação às duas formas atestadas em kituba (H10), ‘nsiésie/nsese’, o autor exemplifica que se trata de duas formas dialetais e que o substantivo ‘nisésie’ é uma variante falada na região leste oriental kwango-kwili e utilizado no meio católico na região oeste ocidental, Baixo Zaire, Congo Brazzaville.

Mouguiama e Hombert (2006:50) ressaltam que, essas formas análogas são antigas, e que a distribuição dos dados linguísticos inclui os grupos A40, A60, A80, B70, D20, H10. Outro argumento a favor da ancianidade do tema é que atestamos ao menos uma forma similar fora do bantu, em gbaya, que

estabelece uma relação formal e semântica com o tema proposto ‘sèlè’ *Cephalophus monticola* (Moñino 1995: 608/672).

Sugerimos o tema °-cétu, como candidato ao tema de origem, uma vez que os reflexos atuais do tema são atestados nas línguas da zona A com uma consoante oclusiva \*t, além do mais, um processo evolutivo \*t > c, parece bem mais plausível do ponto de vista linguístico do que o contrário.

#### 1.1.1.4. O tema °-cénda (cl. 12/13)

Nova proposta de tema baseado em reflexos atestados nas línguas das zonas (K JE L R).

K11	chokwe	kasenda	12	antelope	Mac Jannet Malcolm Brooks 1949:3/39
K12b	ngangela	kájeenda	12	antilope dik-dik ( <i>Madoqua kirkii</i> )	Maniacky 2002:351
K12b	ngangela	kasenda	<u>12</u>	gazela pequena	Baião 1939:141
K12b	ngangela	kásenda, pl. tu-	12/13	grysbok	Pearson 1969:113
K14	luvale	kasende	<u>12</u>	blue duiker ( <i>Philantomba monticola</i> )	Wilson 2005:221
K14	luvale	kasènda (-sènda)	12	duiker bleu	Anonyme (Horton A. E.?) 1978:48
K21	silози	kasende	<u>12</u>	blue duiker ( <i>Philantomba monticola</i> )	Wilson 2005:221
JE41	logooli	kasendi	<u>12</u>	blue duiker ( <i>Philantomba monticola</i> )	Wilson 2005:221

L52	lunda	kasende	<u>12</u>	blue duiker ( <i>Philantomba monticola</i> )	Wilson 2005:221
L52	lunda	senda (ka-atu)	<u>12/13</u>	blue duiker	White 1943:62
R11	umbundu	okasenda	<u>12</u>	antílope pequenino	Le Guennec & Valente 1972:45

Apesar da confusão semântica atestada para o tema °-cénda, que se justificaria pelo fato de que as 3 espécies são encontradas na mesma região e são de tamanho bem pequeno, baseado nos sentidos revelados na maioria das línguas, sobretudo de fontes zoológicas, sugerimos para o tema o sentido ‘*Philantomba monticola*’.

Quanto à regularidade dos reflexos, em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a \*c.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas provêm de uma consoante pré-nasalizada \*nd.

A V<sub>1</sub> é regular em todos os reflexos, por isso propomos para o tema vogal de terceiro grau de abertura.

Quanto a V<sub>2</sub>, atestamos algumas alterações vocálicas. Nos dados provenientes dos dicionários de linguística, em chokwe (K11), em ngangela (K12b), em luvale (K14), em lunda-ndembu (L52) e em umbundu (R11) os fonemas se realizam como uma vogal central não arredondada /a/. Mas nos reflexos provenientes dos livros de zoologia recolhidos por Wilson (2005: 221) a V<sub>2</sub> oscila entre /e/, /i/. As mudanças das vogais finais atestadas em luvale (K14) e em lunda (L52) proveniente dos dados da zoologia se explicam provavelmente por um erro de interpretação fonética do autor, visto que, atestamos em outras fontes formas com a vogal final /a/:

(K14): kasênda ‘duiker bleu’ (Anonyme Horton?1978).

(L52): ‘senda’ blue duiker (White 1943: 62).

Sendo assim, baseado nos reflexos atestados nas fontes linguísticas optamos por reconstruir a  $V_2$  com uma vogal final \*a.

Atestamos apenas um caso de alongamento vocálico da  $V_1$ , em ngangela (K12b), porém, motivado pelo complexo (N).

De acordo com as classes nominais, em ngangela, sugerimos para o tema o emparelhamento de classe 12/13, com função diminutiva.

Apesar do substantivo atestado em ngangela (K12b) ser contraditório no que diz respeito à semântica, o substantivo permite propor um padrão tonal para o tema. Sendo assim, baseado nos reflexos tonais BB em ngangela (K12b), que remonta tanto a um padrão \*AA quanto \*AB, sugerimos para o tema em posição de  $S_1$  um tom \*A, ao passo que, em posição de  $S_2$  os reflexos seguem indefinidos, pois os tons remontam tanto a \*A quanto a \*B:

‘ínkala’ crabe cl. 9 (Maniacky 2002:355) < \*kádá 1664 (1)

‘íncima’ singe cl. 9 (Maniacky 2002: 370) < \*kúmà 1798 (1)

#### 1.1.1.5. O tema °-cótí (cl. 12/13)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em algumas línguas da zona (D K).

D201	liko	sótí, pl. ño-sótí	1a/2	antilope générique	De Wit 2015 <sup>44</sup>
D308	bodo	sótí basótí	1/2	antilope	Bokula 1966:86
D308	bodo	soti		Céphalophe bleu	Mouguiama & Hombert 2006:110

<sup>44</sup> Comunicação pessoal.

D332	budu	soti	blue duiker	Wilson 2005:221
			<i>(Philantomba monticola)</i>	
K12b	ngangela	kasote,	<u>12/13</u> waterbuck	Pearson 1969:114
		pl. tu		

Quanto à semântica atestamos alguns problemas de identificação segundo as fontes, por exemplo, em ngangela (K12b) o tema de classe 12/13 denomina ‘waterbuck’. Nas línguas da região, precisamente zonas K L, atestamos outros substantivos para denominar as espécies de *kobus* (cf. reflexos temas \*-bàdì (8983), \*-kòndòdò (6740), \*-cóngé (5906) e \*-cèbùdà (8895).

Em liko (D201) o substantivo de classe 1a/2 limita-se a denominar ‘antilope générique’. Apesar das divergências semânticas, baseado no sentido revelado em bodo (D308) e em budu (D332) segundo fontes zoológicas e Mouguiama & Hombert (2006), sugerimos para o tema o sentido ‘*Philantomba monticola*’.

A C<sub>1</sub> dos reflexos remonta tanto a consoante oclusiva palatal \*c quanto \*j.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas são reflexos diretos de \*t > t, enquanto \*d > l.

Propomos para o tema em posição de V<sub>1</sub> uma vogal de terceiro grau de abertura.

Em posição de V<sub>2</sub> os fonemas se realizam como /i, e/ e propomos uma vogal de segundo grau.

De acordo com a classe nominal atestada em bodo (D308) sugerimos para o tema emparelhamento de classe nominal 1/2 e em classe 12/13 em ngangela (K12b).

Referente aos tons, em liko (D201) os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal \*AA:

‘li-tíndí, pl. (mo) cl. 5/6 ‘talon’ (De Wit, 2015:4) < \*tíndí 2939 (4)

‘súndí pl. 6a- cl. 1/2 ‘écureuil’ (De Wit, Gerrit, 2015:4) < \*cúndí 579 (1)

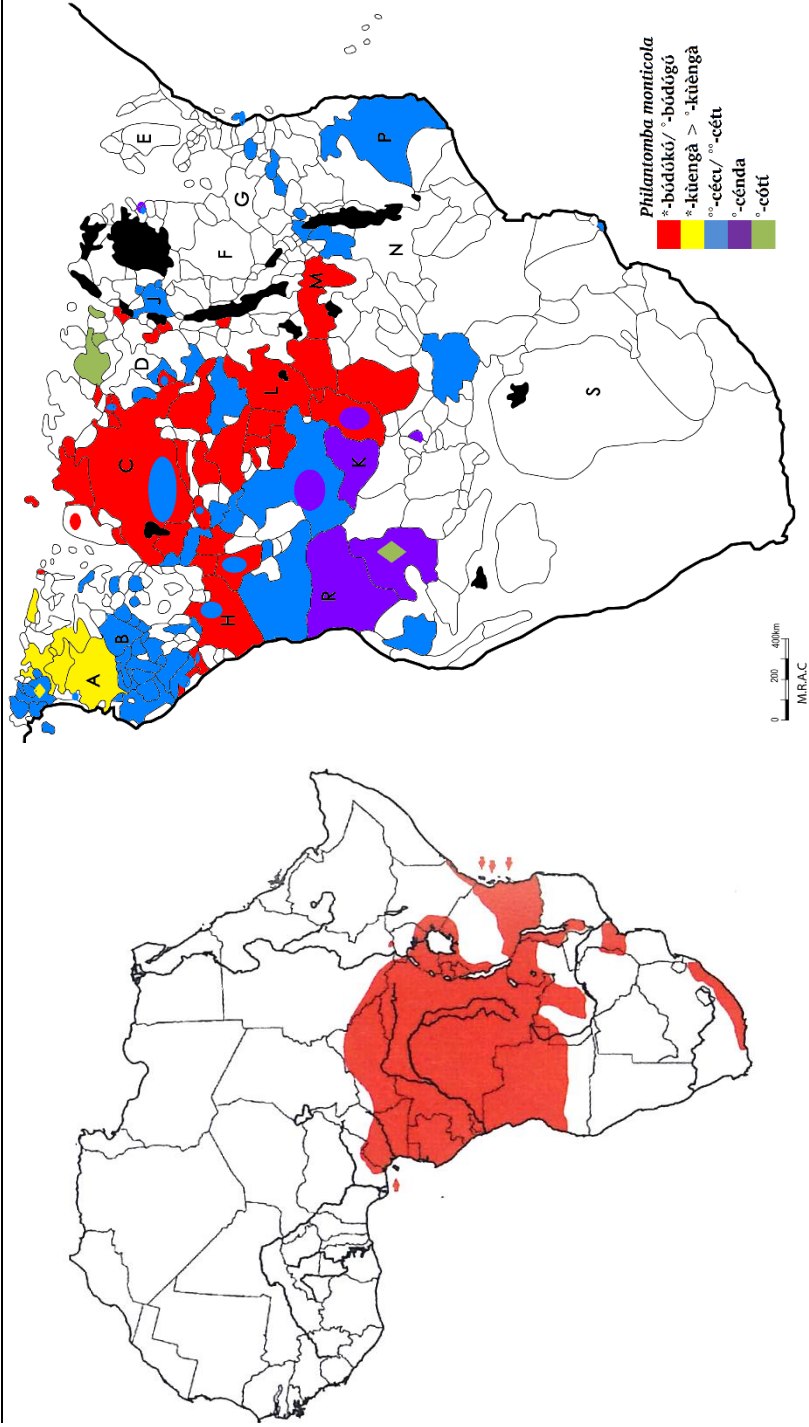
Sendo assim, baseado nos dados tonais atestado nas línguas da zona D, em liko (D201) propomos para o tema um padrão tonal inteiramente \*AA/\*AB.

Atestamos em bira (D32) um substantivo irregular ‘soli’ com o sentido de ‘gazela, grand kudu’. De acordo com as correspondências nas línguas, a C<sub>2</sub> uma consoante lateral remonta a \*t apenas do ponto de vista fonológico, visto que, na língua \*d > l.

D32	bira	soli	gazelle	Brisson 1965:124
D32	bira	soli	grand koudou	Brisson 1965:25

Devido ao problema de regularidade da C<sub>2</sub> agrupamos os reflexos dos temas separadamente, porém, não excluímos uma relação direta e/ou indireta com os reflexos do tema discutido neste subitem.

A pesquisa coloca em destaque cinco (5) temas bem distribuídos na região bantu para denominar a espécie de *Philantomba monticola*. De acordo com o mapa de hábitat, a espécie é presente também na parte sul do continente africano, precisamente em línguas da zona (S). Atestamos em isizulu (S42), um substantivo para denominar a espécie de gazela em questão. (cf. Reflexos do tema °-pítí). Porém, devido aos problemas de identificação semântica discutimos o tema °-pítí no capítulo 2 (cf. 2.1.16. ).



Mapa 1: Hábitat *Philantomba monticola*

Mapa 2: Temas *Philantomba monticola*



### 1.1.2. *Cephalophus nigrifrons*

**Descrição:** o *Cephalophus nigrifrons* é uma gazela que se caracteriza por apresentar uma faixa preta que se estende do nariz até a testa, o que a distingue das outras espécies de *cephalophus*. Tem a cor da pelagem de tom castanho brilhante. Os cascos são extremamente longos e estreitos, bem adaptados a lugares pantanosos. Os machos e fêmeas têm chifres afiados e curtos que medem aproximadamente 4 a 12 cm de comprimento e são usados para combater e se defender dos predadores.

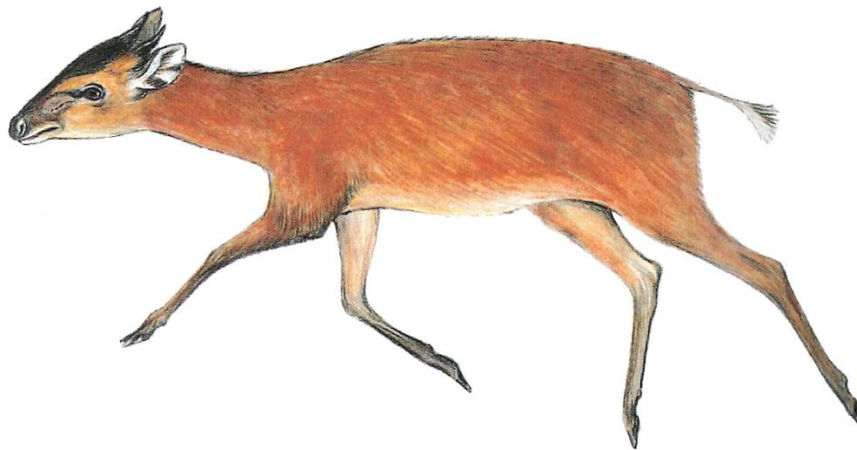


Figura 2: *Cephalophus nigrifrons*

**Hábitat:** são habitantes de florestas densas, especialmente áreas alagadas e florestas pantanosas, notadamente, na África Central, ao sul dos Camarões, a oeste do Quênia e ao norte de Angola.

**Países nativos:** Nigéria, Camarões, República Centro Africana, Guiné equatorial, Gabão, Congo Brazzaville, República Democrática do Congo Uganda, Quênia, Ruanda, Burundi, Angola.

**Literatura popular:** nas comunidades mbuun (B87) a gazela é símbolo de beleza. Seus chifres são utilizados no ritual de ocultismos por magos e feiticeiros, para guardar os feitiços. Pelos ntsong (B90) a gazela é considerada

um animal que tem um comportamento solitário. (cf. Koni Muluwa 2006:419). Nas comunidades aka (C104) a carne desse animal é proibida de ser consumida pelas jovens, a fim de proteger seus futuros casamentos, pois de outro modo a relação não será duradoura. A carne é interdita também para os pais de um bebê, pois de outra forma o bebê morrerá, e para mulheres grávidas ou que estão amamentando, caso contrário o bebê sofrera de dores e de ruptura da pele por todo seu corpo. (Thomas *et alii* 2003:61/ Thomas *et alii* 2005:144).

A pesquisa possibilitou expandir a distribuição linguística de 3 reconstruções atestadas no BLR para denominar essa espécie de gazela: \*pàmbí, \*pùmbìdì e \*jùmbì, além de colocar em evidência o tema °-dòbò.

#### 1.1.2.1. O tema \*-pàmbí 8407 (5) (cl. 9/10)/ °-pàmbí

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados nas línguas das zonas (C D).

C71	tetela	mpambi	9/10	antilope (esp.)	Hagendorens 1956:16 [mpambí]
D13	mituku	mpambí í [i]	9/10	antilope	Stappers 1973:71/79

A pesquisa permitiu atualizar a distribuição dos temas em outras línguas da zona C, assim como, estender a distribuição em línguas das zonas (B H).

B80	ngong	pàm	ḡ	l'antilope	Pokoso Kayabu-Koko 1986:21
B80	ngong	mpâm	ḡ	cephalophus spp.	Koni Muluwa 2009/2010:515
C16	iboko	mpâmbi	3	esp. antilope	Cambier 1891:18
C30B	lingala	mpambí	9/10	espec. de gazelle ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Everbroeck 1985:214/142

C313	litoka	-pambé	9/10	antilope naine	Motingea s.d:226
C314	balobo	-pambí	9/10	antilope	Motingea s.d:242
C35b	bolia	mpambí	<u>9</u>	sorte d'antilope, <i>Cephalophus nigrifrons</i>	Mamet 1960:190
C41	ngombe	mpamí	<u>9</u>	antilope	Hulstaert 1993:147
C61	lomongo	mpambí	9/10	antilope petite	Hulstaert 1952:25
C61	lonkundo	mpambi	<u>9</u>	<i>Cephalophus nigrifrons</i>	Lootens 1980:455
C61	lolube	mpambi	<u>9</u>	<i>Cephalophus nigrifrons</i>	Lootens 1980:455
C61	lotoa	paabi	<u>9</u>	<i>Cephalophus nigrifrons</i>	Lootens 1980:455
C61	lomongo	mpambí	<u>9</u>	antilope, <i>Cephalophus nigrifrons</i>	Hulstaert 1957:1363
C61E	lokonda	mpambi	<u>9</u>	<i>Cephalophus nigrifrons</i>	Lootens 1980:455
C61P	ngome a muna	mpamí	<u>9</u>	antilope	Hulstaert 1993:147
C701	langa	mpambí	9/10	antilope, espèce	Jacobs & Omeonga 2002:547

Os reflexos abaixo remontam a (<°-pàmbí)

H16	kikongo	pambí	<u>9</u>	cephalophus spp.	Koni Muluwa 2009/2010:515
H41	mbala	paambi C <sup>45</sup>	1/2	antilope	Malasi & Ndolo 1972:2/64

<sup>45</sup> De acordo com a notação do autor, os tons nos temas são marcados da seguinte maneira: a letra A indica ausência de marca tonal; B marca o tom no início do tema e a letra C marca o tom em outro local diferente do início do tema. (cf. Malasi & Ndolo 1972, cf. introduction).

H41	mbala	paámbi	1n/2n	antilope de la forêt	Mudindaambi 1981:889
H42	hunganna	pâm	ɟ	cephalophus spp.	Koni Muluwa 2009/2010:515

No BLR o tema denomina a espécie de ‘antílope bushbuck’. Não atestamos de onde vem o sentido atribuído pelo BLR. A proposta semântica é baseada nos reflexos oriundos do mituku (D13) e do otetela (C71) onde o sentido revelado é ‘espécie de gazela marrom’. Sendo assim, a pesquisa atualizou a semântica do tema, baseado nos sentidos revelados na maioria das línguas da zona C, em lingala (C30B), em bolia (C35b) e nos dialetos do lomongo (C61), precisamente em lonkundo, lolube, lotoa, e lokonda, onde o tema denomina a espécie de gazela ‘*Cephalophus nigrifrons*’.

A C<sub>1</sub> é regular em todos os casos e remonta a uma consoante oclusiva bilabial surda.

Em algumas línguas a C<sub>1</sub> é o resultado da combinação da (N-), prefixo de classe 9/10 com o fonema \*p.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas são regulares e remontam a uma consoante pré-nasalizada \*mb. Em ngombe a muna (C61P), assim como em outros dialetos do lomongo, os reflexos conservaram em posição de C<sub>2</sub> apenas a nasal /m/ da combinação /mb/. Segundo Hulstaert (1957:1317) esses dialetos se diferenciam do lomongo ‘cluster’ por utilizarem a nasal /m/ em vez do fonema /b/, mesmo se em geral, o fonema /b/ é mais utilizado. Isso explica as variantes dialetais: ‘mpambi’, ‘mpami’ e ‘paabi’ atestadas nos dialetos do lomongo (C61). Em ngombe (C41) atestamos o mesmo processo (\*mb > m), provavelmente, influência de alguns dialetos do lomongo (C61).

A V<sub>1</sub> é regular em todos os reflexos e foi reconstruído como uma vogal central não arredondada.

Em posição de  $V_2$  os fonemas se realizarem como /e, i, ø/. O BLR (2003) sugeriu ao tema em  $V_2$  vogal de primeiro grau de abertura baseado nas entradas atestadas em otetela (C71) e em mituku (D13).

Concordamos com o BLR (2003), e confirmamos que a situação é a seguinte:

Nas outras línguas de 7 (otetela, mituku, ngong, iboko, lingala, litoka, balobo, bolia, ngombe, lomongo e dialetos) os fonemas vocálicos indicam claramente vogais de primeiro grau.

Enquanto, nas línguas de 5 vogais (kikongo, mbala e hunganna) identificamos vogais de segundo grau, uma vez que não atestamos o processo regular de espirantização nas línguas. Devido às divergências das vogais finais, sugerimos para as línguas de 5 vogais uma reconstrução virtual (<°-pàmbí).

Referente a origem do tema, é possível que a forma seja um empréstimo das línguas da floresta para o kikongo (H16).

Em ngong (B80) e em hunganna (H42) a perda da  $V_2$  é regular. Em litoka (C313) atestamos um caso regular de alteração da vogal final /e/ < \*i:

(cf. ‘tangé’ lit < \*tàngí 8741 (5) ‘bék’ appeler > \*bík 198 (1) (cf. Motingea s.d:226/229).

Em mbala (H41) o alongamento vocálico geralmente é pertinente, mas automático diante do complexo (N).

Na maioria dos reflexos atestamos o emparelhamento de classe 9/10, exceto em iboko (C16), onde atestamos classe nominal 3.

Em mbala (H42) identificamos classe nominal 1/2.

Baseado nos reflexos tonais atestados em lomongo (C61), confirmamos a padrão \*BA proposto pelo BLR, por exemplo:

‘nkufó’ hippopotamus (Hulstaert 1952: 248) < \*gùbú 1532 (1).

No BLR (2003) existe uma protoforma que se aproxima do tema discutido neste subitem (cf. \*-bambu 8336 (5), atestado na parte ocidental do bantu, precisamente em línguas das zonas (H K R), com o sentido de '*Sylvicapra grimmia*'. Entretanto, devido aos problemas de correspondências regulares dos fonemas em posição de C<sub>1</sub>, assim como, as divergências semânticas e tonais entre eles, agrupamos e discutimos os temas separadamente. Porém, apesar dessas irregularidades fonológicas acreditamos em uma origem diacrônica comum entre eles. (cf. reflexos do tema \*-bambu 8336).

#### 1.1.2.2. O tema \*-pùmbèdì 9777 (5) (cl. 9/10, 9/6)/ °-pùmbèdì

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseada na distribuição apenas em algumas línguas da zona (J).

JD531	kitembo	fúmbílí pl. (=)	9/10	esp. d'antilope	Kaji 1985:118
JE14	rukiga	efumbiri LLLL	9	duiker	Taylor 1959

A pesquisa coloca em destaque outros reflexos atestados também em línguas das zonas (J), vejamos:

JD51	hunde	fumbiri	9/10	antilope	Kaji 1992:36
JE13	runyankore	efumbiri LLLL	9	duiker	Taylor 1959

Os reflexos abaixo remontam a (< °-pùmbèdì)

JD62	kirundi	Ifumberi [ifuumberi)	9	small gazelle	N & P 1975
JD62	kirundi	fumberi	9i/6	<i>Cephalophus nigrifrons</i>	Rodegem 1970:630

---

JD61	kinyarwanda -fuumberi pl. (ifuu-)	9i/10i	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Coupez <i>et alii</i> 2005:487
------	--------------------------------------	--------	--	-----------------------------------

---

O BLR limita-se a denominar ‘antelope sp’. Baseado nos sentidos revelados em kinyarwanda (JD61) e em kirundi (JD62) sugerimos o sentido ‘*Cephalophus nigrifrons*’.

Do ponto de vista segmental os reflexos são conflituosos e nem sempre remontam ao mesmo tema. A forma \*-pùmbìdì, sugerida pelo BLR sustenta-se pelos reflexos atestados em kitembo (JD531), hunde (JD51), nyankore (JE13) e kiga (JE14). Porém, identificamos que em kirundi (JD62) e kinyarwanda (JD61) os reflexos remontam a outra reconstrução virtual (<°-pùmbèèdì), com V<sub>2</sub> longa, uma vez que o alongamento vocálico é pertinente nas duas línguas. (cf. Guthrie 1967-1970 vl. 1: 68). Os problemas de correspondências regulares dos reflexos atuais dificulta determinar qual das duas é a forma de origem.

Quanto as classes nominais, o BLR (2003) propôs apenas classe 9. Atestamos os seguintes emparelhamentos: classe 9/10 em hunde (JD51), em kitembo (JD531), classe 9 em runyankore (JE13), em rukiga (JE14), classe 9i/10i em kinyarwanda (JD61) e classe 9i/6 em kirundi (JD62). Sendo assim, sugerimos para o tema plural de classe 6 e 10.

Os reflexos tonais atestados em kinyarwanda (JD61) confirmaram o padrão tonal \*BBB proposto pelo BLR, exemplo:

‘goma’ tambour (Coupez 2005:628) < \*gòmà 1429 (1).

‘nyama’ chair quelconque (Coupez *et alii* 2005:1642) > \*nyàmà 3180 (1)

‘zovu’ éléphant (Coupez 2005:2884) < \*jògù 1607 (1)

**1.1.2.3. Os temas \*-júmbì 9132 (5) (cl. 9)/°°-cúmbu (cl. 9/10, 3/4, 5/6, 7/8, 11/10)**

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) a partir de reflexos atestados em línguas das zonas (A C).

Bancel (1987:44) propôs uma forma °-júmbí (com a retenção do prefixo de classe 9, talvez precedido pelo de classe 1 ou 3), baseado em dados atestados em ewondo (A72), em bulu (A74), em fang (A75), em mveny (A75a) e nas comunidades baka (pigmeus).

A72(a)	ewondo	zóm/zóm	9/2	céphalphe sp. 'palustre'	Bancel 1986/1987:44
A74a	bulu	zóm/ bəzóm	9/2	céphalophe espèce	Bancel 1986/1987:44
A75	fang	nzóm/ bənzóm	9	<i>Cephalophus</i> <i>nigrifrons</i> .	Bancel 1986/1987:44
A75F	mveny	zóm/bəzóm	9/2	céphalophe <i>nigrifrons</i>	Bancel 1986/1987:44
A75F	mveny	zóm/bəzóm	9/2	céphalophe (sp?)	Bancel 1986/1987:44
C14	leke (bomitaba)	nzómbe	9	antilope ourebi ou guib harnachée <i>Tragelaphus scriptus</i>	Vanhoudt & Soky Mantoley 1998:44

A pesquisa permitiu ampliar a distribuição linguística do tema da parte ocidental do bantu ao centro (zonas A até L).

Dividimos os reflexos atestados em dois grandes grupos segundo a regularidade da C<sub>1</sub>, que às vezes é resultado da combinação da (N-) prefixo de classe 9/10 com os fonemas \*j ou \*c.

Na série comparativa abaixo, os fonemas remontam em posição C<sub>1</sub> a uma consoante oclusiva palatal \*j/\*N + j.



	baka (pygmées)	mòndzōmbē		<i>Cephalophus nigrifrons</i>	Paulin Pascale 2010: 297
A34	benga	ndzómbé/ ndzómbé	<u>9/10</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
A53	bafia	zóm (pl. =)	9/10	antilope	Guarisma 1969:100
A53	bafia	zóm òcó7 <sup>46</sup>	9/10	antilope de forêt (literalmente)	Guarisma 1969:100
A72(a)	ewondo	zóm, pl. (=)	<u>9</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:513
A74	bulu-bene	zóm	<u>9</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:513
A75	fang	nžôm (h) pl.(be-)	<u>9/2</u>	antilope (grande)	Galley 1968:271/418
A75A	ntumu	zóm	<u>9</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:513
B203	osamayi	zómbé/ bàzómbé	9/2	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B204	ndambomo	nzómbé/ bànzómbé	<u>9/2+9</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B25	kota	zómbè/ bàzómbè	9/2	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72

<sup>46</sup> De acordo com o sistema fonético adotado pela autora, o número 7 representa a oclusão glotal. (cf. Guarisma 1969:1).

B251	shake	zúmpó/ bèzúmpó	9/2	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B252	mahongwe	zómbé/ bàzómbé	9/2	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B305	pove	nzómbé, nzómbé	<u>9/10</u>	antilope (espèce)	Mickala- Manfoumbi 2004:404
B52	nzebi	nzúúmbú/ bànzúúmbú	1n/2	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
C104	aka	nzómbè (mò-mè)	3/4	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Thomas <i>et alii</i> 2005:144/249

Mouguiama e Hombert (2006:72) propuseram protoformas que mostram osculâncias (°cómbé e °cúmbí<sup>47</sup>) assim como, Koni Muluwa (2009/2010: 513) baseado em dados atestados nas zonas (A B D H L), precisamente, em benga (A34), em B11 (mpongwe, galwa, nkomi), em kota (B25), em osamayi (B203), em ndambomo (B204), em shake (B21), em mahongwe (B252), em éviya (B301), em shira (B41), em sangu (B42), em punu (B43), em varama (B402), em ngubi (B404), em дума (B51), em nzebi (B52), em wanzi (B501), em mbaama (B62) e em teke (B71a).

No quadro ilustrativo abaixo os fonemas em posição de C<sub>1</sub> remontam a uma consoante oclusiva palatal surda \*c/\*N + c.

<sup>47</sup> Forma proposta por (Hombert, Mouguiama and Philippson) in: Bantu expansion and Hunter-gatherers. 3<sup>rd</sup> International Conference on Bantu Languages, Tervuren (March, 25-28, 2009, slides 13). Cf. Também Hombert (1988).

B11a	mpongwe	tsombe [ntzombe], n/in-	9/10a	antilope rousse, ( <i>Cephalophus rufilatus</i> )	Raponda- Walker 1961:17/365
B11a	mpongwe	ntjómbe/ ìntjómbe	<u>9/10</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B11c	galwa	ntsómbe/ ìntsómbe	<u>9/10</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B11e	nkomi	ntjómbe/ ìntjómbe	<u>9/10</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B301	viya	tsómbé/ tsómbé	<u>9/10</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B402	varama	tsumbi/ tsumbi	<u>9/10</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B404	ngubi	tsumbi/ tsisumbi	<u>9/10</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B41	shira	tsombi/ tsombi	<u>9/10</u>	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B42	sangu	tsùmbi/ bátsùmbi	9/2	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B42	sangu	bátsùmbi	<u>9/2</u>	antilope jaune	Idiata 1998:191
B43	punu	tsómbi/ bátsómbi	9/2	céhalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72

B501	wanzi	tsúúmbí/ bàtsúúmbí	9/2	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B62	lembaama	ntjúmí/ àntjúmí	<u>1/2</u>	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B71a	tege-kali	ntjúmí/ àntjúmí	<u>1/2</u>	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B71a	tege	ntsúmí pl. antsumi [ntjúmi]	<u>1/2</u>	antilope de brousse (rougeâtre)	Linton Pauline 2013
B85F	ntsong	ntswîm	<u>9</u>	( <i>Cephalophus nigrifrons</i> ) Céphalophe à front noir	Koni Muluwa 2009/2010:513
B86	dzing	ntsɔɔm (ba- n) <sup>48</sup>	<u>9/2 + 9</u>	antilope	Mertens 1939:72/131
B863	mpiin	ntswîm	<u>9</u>	Céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:513
B87	mbuun	ntsúm	<u>9</u>	Céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:513
D13	mituku	combe (c/be)	7/8	Antilope	Stappers 1973:69/79
D24	songola	sùm̀bì, pl. (=)	<u>9/10</u>	céphalophe de Peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Ankei 1986:247

<sup>48</sup> Segundo descrição do autor: antílope de floresta, barriga larga, medindo cerca de um metro de altura.

H12	yombe (vili)	tsumbi	<u>9</u>	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:513
H12	yombe	tsúúmbi	9/10	esp. d'antilope	De Grauwe 2009:109/129
H31	kiyaka	tsóómbá	1a	antilope (esp.)	Ruttenberg 2000:341
H31	kiyaka	tsoombi	<u>9</u>	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:513
K12b	ngangela	i-ntyombe nty [ntʃ]	<u>9</u>	antílope das planícies	Baião 1939:117
L12	kiholu	sóombi	5/6	antilope mouton	Daeleman 2003:57/62
L23	songe	kasumbi	<u>12</u>	espèces d'antilope	Samain 1923:40
L31a	tshiluba	lúsuumbi/ nsuumbi	<u>11/10</u>	antelope sp.	Yukawa 1992:26
L31a	tshiluba	lusúmbi	<u>11</u>	Antilope	De Clercq 1937:14/133
L31b	lulua	lusumbi	<u>11</u>	antilope	De Clercq (1897):72
L31b	lulua	lúsuumbi	<u>11</u>	céphalophe à front noir" <i>Cephalophus nigrifrons</i>	Koni Muluwa 2009/2010:513
L32	kanyòk	lusùmbi, pl. yiisùmbi	<u>11/10</u>	antilope duiker ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mukash 2012:503
L33	luba shaba (kiluba)	lu-sùmbi	<u>11</u>	antilope <i>Cephalophus nigrifrons</i>	Van Avermaet & Mbuya 1954:647

No plano semântico, concordamos com o sentido sugerido pelo BLR (2003), visto que, majoritariamente, nas línguas das zonas A B H L os substantivos

denominam '*Cephalophus nigrifrons*'. Contudo, atestamos alguns problemas de identificação. Por exemplo:

Em leke (C14) os autores Vanhoudt & Soky Mantoley (1998) sugeriram dois sentidos ao tema: a proposta semântica 'antílope ourebi' é evidentemente um erro de identificação, pois a espécie é ausente na região. Entretanto, o sentido 'guib harnachée' é possível, uma vez que, a espécie existe na região, porém devido a pouca fiabilidade nos conhecimentos zoológicos dos autores, acreditamos que se trata de um erro de identificação, e o sentido plausível seria '*Cephalophus nigrifrons*', como nas outras línguas vizinhas.

Em songola (D24) o substantivo também de classe 9 denomina '*Céphalophus callipygus*'.

Em mpongwe (B11a) de acordo com fontes diferentes, os substantivos, sem mudanças de classes nominais, denominam 'antílope rousse: *Cephalophus rufilatus*' mas também '*Cephalophus nigrifrons*'. Apesar dos problemas de identificação semântica atestados em leke (C14), em songola (D24) e em mpongwe (B11) os substantivos denominam uma espécie de '*cephalophus*'.

Em ngangela (K12b) o sentido 'antílope das planícies' sugerida pelo autor, denomina provavelmente uma espécie diferente do '*Cephalophus nigrifrons*', uma vez que a espécie é ausente na região. (cf. Mapa 3 : Hábítat *Cephalophus nigrifrons*).

Em bafia (A53), atestamos um tema composto, com o sentido de 'antílope de floresta'.

Sobre a regularidade da  $C_1$ , em songe (L23) os reflexos são ambíguos e remontam a tanto a  $*c/*N + c > s$ , quanto a  $*j/*N + j > s$ . Em ngangela (K12b) de acordo com o sistema fonético adotado pelo autor, o fonema /nty/ realiza-se /tʃ/ e remonta a  $*c$ , por exemplo:

'intyoni' vergonha' (Baiao 1939:118) <  $*cóni$  664 (1).

Em algumas línguas, como em kota (B25), em osamayi (B203), em ndambomo (B204), em sake (B251), em mahongwe (B252) e em nzebi (B52) os fonemas remontam a uma consoante oclusiva palatal sonora, enquanto \*c, \*nc > h ou \*c, \*nc > s/ts. Sendo assim, agrupamos essa série comparativa com a protoforma \*-júmbì.

A C<sub>2</sub> remonta a uma consoante pré-nasalizada \*mb. Em lembaama (B62) e em tege-kali (B71a) o processo de nasalização plena do (NC) é provavelmente influência da língua nduumu (B63) onde é regular (\*N + b > m). (cf. Tema °-cum).

Em shake (B251), o processo de ensurdecimento da C<sub>2</sub> é regular (\*mb > mp), por exemplo:

‘ù-lámpâ’ cuisiner’ (Hombert, Manfoumbi & Mbongo 1989: 155) < \*dámb 842 (3).

O tema foi reconstruído pelo BLR (2003) com V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de segundo grau de abertura, respectivamente \*ɔ, \*ɪ. Concordamos com a abertura das vogais propostas pelo BLR, visto que atestamos que em posição de V<sub>1</sub> os fonemas realizam-se como /o, u/.

Entretanto, identificamos algumas alterações em posição de V<sub>2</sub>. Os fonemas realizam-se como /e, ɔ, u, o ø/.

Em nzebi (B52) e em shake (B251) as alterações das vogais finais \*i > u justificam-se pelo processo de harmonia vocálica com a V<sub>1</sub>, por exemplo, em shake (B251).

cf. ‘sónù ‘honte’ (Hombert, Manfoumbi & Mbongo 1989:154) < \*cónì 664 (1).

Em kiyaka (H31) atestamos duas formas similares que se diferem segundo a abertura das vogais finais:

O substantivo com a vogal final /a/ é regular de acordo com o sistema fonético do autor (cf. ngóómba ‘vache’, Ruttenberg, S. J. Piet 2000:327) < \*gòmbè 1434 (1), enquanto Koni Muluwa (2009/2010) propôs um substantivo cujo V<sub>2</sub> realiza-se como /i/ e assemelha-se com a maioria dos reflexos atuais.

O alongamento vocálico atestado em algumas línguas são automáticos diante do complexo (N) como, por exemplo, em nzebi (B52).

Quanto as classes nominais, o BLR propôs apenas classe 9. Mouguiama e Hombert (2006) propuseram o emparelhamento de classe nominal 9/2. Confirmamos o emparelhamento habitual 9/10. Contudo, atestamos também outros pares: classe 1n/2 em nzebi (B52), classe 1/2 em tege-kali (B71a), classe 1a em kiyaka (H31), sem mudanças semânticas. Atestamos classe 3/4 em aka (C104), classe 7/8 em mituku (D13), classe 5/6 em kiholu (L12), sem mudanças semânticas, e classe 11/10 nas línguas do grupo L.

Os padrões tonais dos temas que apresentam osculâncias são divergentes. O BLR (2003) propôs para o tema \*-júmbì, um padrão tonal \*AB. Bancel (1986), assim como, Mouguiama e Hombert (2006:71) propuseram para °°-cúmbí/ °°-cómbé, um padrão tonal inteiramente \*AA, baseado sobretudo nas línguas das zonas A e B.

Até o presente, a pesquisa não contribuiu para solucionar os problemas das propostas tonais, visto que identificamos dados cujos reflexos tonais remontam aos dois padrões propostos, como pudemos evidenciar abaixo:

Nas línguas do grupo L, os reflexos tonais BA (tons contrários ao PB), remontam a um padrão tonal \*AB.

Em sangu (B42) os reflexos tonais BB remontam tanto a \*AA quanto a \*AB, por exemplo:

‘bátsìndì’ é cureuil (Idiata 1998:190) < \*cúndí 579 (1) BB < \*AA



‘bátsòni’ honte (Idiata 1998:191) < \*cónì 664 (1) BB < \*AB

Em kiholu (L12) os reflexos tonais AB não são exclusivos e remontam a todos os padrões do PB:

‘khála’ crabe cl. 9/10 (Daeleman 2003: 50) < \*kádá 1664 (1)

‘tsóni’ honte cl. 9/10 (Daeleman 2003:57) < \*cónì 664 (1)

‘ngúvu’ hippopotamus cl. 9/10 (Daeleman 2003:49) < \*gùbú 1533 (4)

‘ngóma’ tambour cl. 9/10 (Daeleman 2003:49) < \*gòmà 1429 (1)

Em songola (D24) os reflexos tonais BB remontam tanto a um padrão tonal \*BB quanto à \*AB

‘nyàmà’ viande (Ankei 1979:4) < \*nyàmà 3180 (1).

‘h̄jòkà’ serpent (Ankei 1979:4) < \*jókà 3536 (1)

Apesar de em songola (D24) os reflexos não remontarem a um padrão tonal exclusivo, confirmamos o padrão tonal \*A proposto em posição de  $S_1$ , porém o tom da  $S_2$  segue conflituoso.

Quanto à origem do tema, concordamos tanto com Bancel (1987) quanto com Mouguiama e Hombert (2006) que revelam a ideia de que o substantivo seria provavelmente um empréstimo. Mouguiama e Hombert (2006) enfatizam ainda que um substantivo foi revelado por Bahuchet (1989) nos dialetos fang (A75), e que Medjo Mvé também analisou o substantivo como um empréstimo, uma vez que, os segmentos atestados não são compatíveis com a fonologia das línguas. Um possível empréstimo ou uma difusão dialetal explicaria, por exemplo, às mudanças segmentais atestadas em posição  $C_1$ .

A pesquisa coloca em evidência uma forma de estrutura segmental similar °-comí, com mudanças semânticas e de classes nominais atestados em línguas

das zonas B C D H JE L. O tema denomina ‘*Cephalophus callipygus*’. A similaridade formal entre os temas °-cumí/°-cúmbì justifica a confusão semântica atestada em songola (D24), onde o substantivo ‘sùmbi’ denomina ‘*Cephalophus callipygus*’. Entretanto, devido às mudanças semânticas, tonais e ao fato de que o processo de nasalização plena da C<sub>2</sub> (\*mb > m) é irregular em algumas línguas, optamos em agrupar os reflexos dos temas separados. No entanto, não descartamos uma relação direta ou indireta entre eles.

Yumba Musoya Banza (2013:29) exemplifica que: ‘lúsumbi (nadador) é um deverbativo simples (< kúsumbá ‘nadar’). O pequeno animal que recebe esse nome é uma espécie de gazela de floresta, com pelos avermelhados, conhecida por atravessar os rios mesmo em casos de inundação. Segundo o autor ‘lúsumbi’ é o intermediário entre a gazela e o antílope pequeno (kábulukú<sup>49</sup>).

#### 1.1.2.4. O tema °-dòbò (cl. 3 + 9/4, 5/6)

Proposta de tema baseada em reflexos oriundos de algumas línguas das zonas B C.

B862	lwel	-ílob	5/6	antílope	Khang 1979:125/136
C104	aka	ndòbò (mò-mè)	3/4	céphalpe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Thomas, Jacqueline, Serge Bahuchet <i>et alii</i> 2003:61/240
C312	ndobo	-ndòbò	3/4	antílope zebrée	Motingea s.d:257

Do ponto de vista semântico apesar de em lwel (B862) e em ndobo (C312) os substantivos de classe 5/6, 3 + 9/4, respectivamente, denominam ‘espécie de antílope’, baseado na semântica revelada em aka (C104) sugerimos para a protoforma o sentido ‘*Cephalophus nigrifrons*’.

<sup>49</sup> *Philantomba monticola*.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas derivam de uma consoante oclusiva alveolar sonora.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas provêm de uma consoante oclusiva bilabial sonora.

Propomos para o tema um V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de terceiro grau de abertura. A perda da V<sub>2</sub> em lwel (B862) é regular.

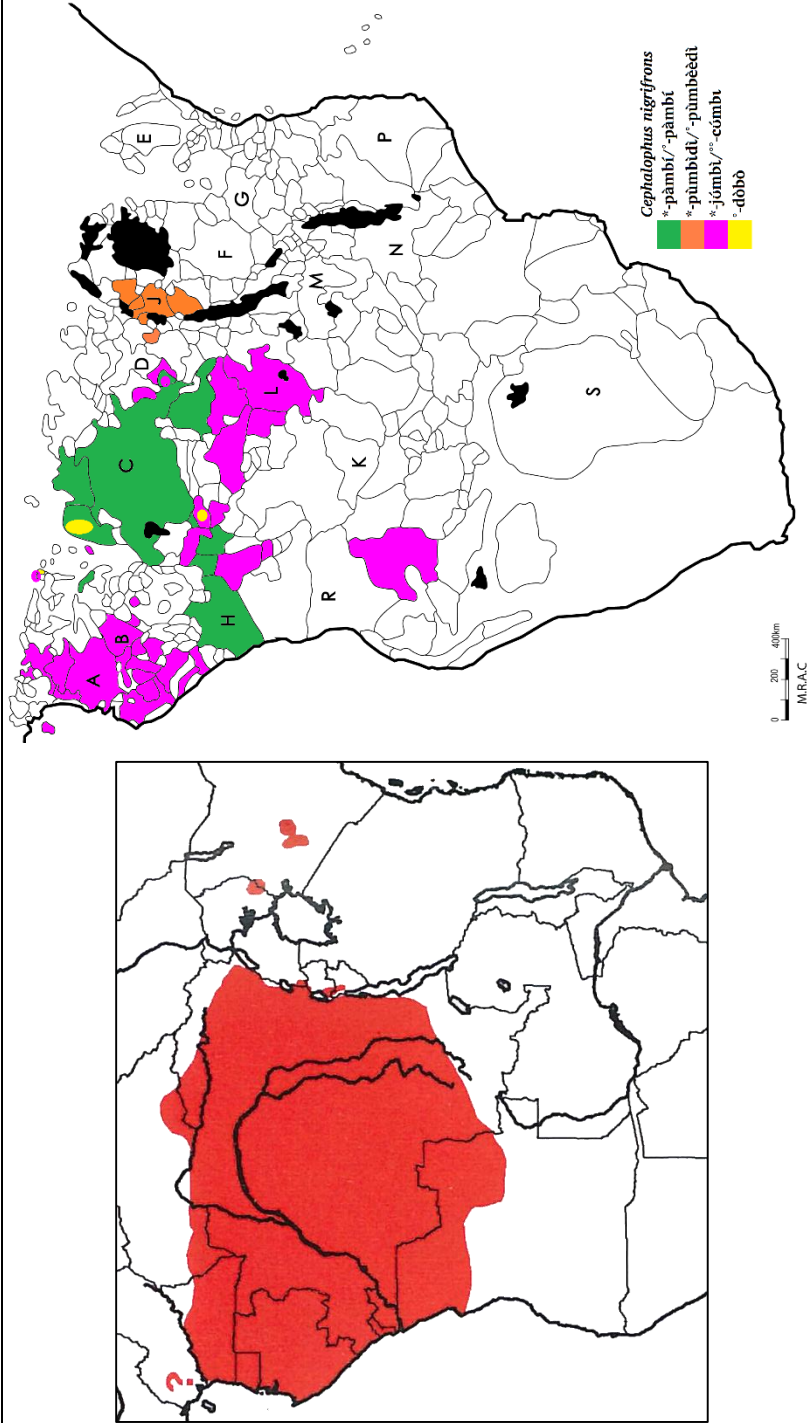
Quanto aos emparelhamentos de classes nominais atestamos classe nominal 5/6 em lwel (B862), classe nominal 3 +9/4 em aka (C104) e em ndobo (C312).

Baseado nos reflexos tonais BB atestado em aka (C104) e em lwel (B862) propomos para esse tema um padrão tonal inteiramente \*BB:

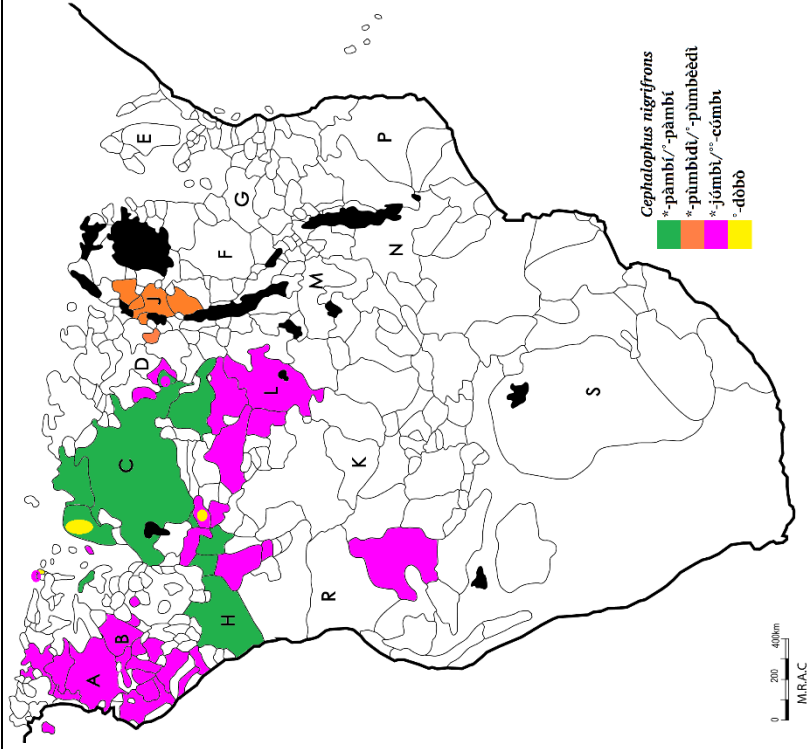
(C104) ‘nzòkù (ba)’ ‘éléphant de forêt’ (Thomas *et alii*, 2005:131/258)  
< \*jògù 1607 (1)

‘nzàlà’ faim cl.3/4 (Thomas *et alii*, 2005 :261) < \*jàdà 1555 (1)

‘nzòkù (bà-)’ elephant (Thomas, *et alii*. 2005: 131/258) < \*jògù 1607 (1)



Mapa 3: Hábitat *Cephalophus nigrifrons*



Mapa 4: Temas *Cephalophus nigrifrons*

### 1.1.3. *Cephalophus silvicultor*

**Descrição:** a gazela *Cephalophus silvicultor* caracteriza-se por ter a cor do pelo marrom acinzentado com manchas de cor creme contrastante na parte de trás e no focinho. São espécies de gazelas solitárias e bem territoriais. O tamanho das espécies varia entre 125-190 cm e pesam entre 45-80 kg.



Figura 3: *Cephalophus silvicultor*

**Hábitat:** são habitantes de florestas tropicais de planície e florestas montanhosas. Tem uma maior distribuição desde o sudoeste do Senegal até a África ocidental e central. A espécie é possivelmente extinta em Ruanda e regionalmente extinta em Gâmbia.

**Países nativos:** Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Burkina Faso, Gana, Togo, Benin, Nigéria, Camarões, República Centro Africana, Guiné equatorial, Gabão, Congo Brazzaville, República Democrática do Congo, Sudão, Uganda, Ruanda, Quênia, Burundi, Angola, Zâmbia. (Vivian 2005:452-457).

**Literatura popular:** nas comunidades aka (C014) a pele do animal é usada na fabricação de bolsas para os homens e também é utilizada como napa (saco) de dormir. Em relação aos tabus alimentares, sua carne é proibida de ser consumida pelos pais antes do final do período de amamentação até que o bebê comece a andar. Durante o processo de luto a carne desse animal é também interdita de ser consumida pelos viúvos. (Thomas *et alii*, 1993:60-61).

No domínio bantu atestamos 4 formas concorrentes para denominar a espécie de antílope em questão: \*-jìbò, °-bìmbà, °-túndú e °-kutu. Dentre os temas, apenas 1 foi reconstruído pelo BLR (2003).

#### 1.1.3.1. O tema \*-jìbò 9149 (5) (cl. 9/10)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003), baseado na proposta de Bancel (1986-1987) a partir de reflexos atestados em línguas da zona A.

A24	duala	nɕjìbò/ nɕìbò	9/10	antílope espèce	Bancel 1986:42
A72(a)	ewondo	zìb/bezìb	9/2	( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Bancel 1986:42
A74a	bulu	zìp/bəzìp	9/2	( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Bancel 1986:42
A75	fang	nzìp/ bənzìp	9/2	( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Bancel 1986:42
A75F	mveny	zìp/bəzìp	9/2	( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Bancel 1986:42

Mouguiama e Hombert (2006:72) propuseram o tema °-jìbò<sup>50</sup> baseado nos dados atestados também na parte ocidental do bantu, precisamente em fang (A75), em mpongwe (B1a), em nkomi (B11e), em wumbvu (B24), em kota

<sup>50</sup> As mudanças vocálicas entre as formas justificam-se pelo sistema fonético adotado pelo autor.

(B25), em ndambomo (B204), em shake (B251), em mahongwe (B252), em tsogo (B31), em kandé (B32), em eviya (B301), em shira (B41), em sangu (B42), em punu (B43), em varama (B402), em vungu (B403), em ngubi (B404), em duma (B51), em nzebi (B52), em wanzi (B501) e em kanigi (B602).

A pesquisa atualizou a distribuição do tema em algumas línguas das zonas (B C H).

A15C	akoose	nzib, pl. (nzib)	9/10	<i>(Cephalophus silvicultor)</i>	Hedinger 2012:329/526
A122	kundu	njibo	<u>9</u>	<i>(Cephalophus sylvicultria)</i>	Ittmann 1971:227
A24	duala	njibò	<u>9</u>	antilope bouc des marais, <i>(Tragelaphus spekii)</i>	Ittmann 1976:430
A33b	kombe	ndyibo	<u>9</u>	gacela negra	Fernandez 1951:324
A42	bankon	njibo	9/10	antilope grösse	Spellenberg 1922:160/153
A43a	basaa	njìp	<u>9</u>	<i>(Cephalophus spadix)</i>	Blench and Martin, Marieke 2009:1
A75	fang	nžip (b) pl. (be-)	1/2	antilope grande, <i>(Cephalophus sylvicultrix)</i>	Galley 1968:268/418
A75	fang	zip/ bèzìp	<u>9</u>	céphalophe à dos jaune <i>(Cephalophus silvicultor)</i>	Mouguiama & Hombert 2006:72
A75A	ntumu	zip	<u>9</u>	l'antilope	Ondo Essono 1981:14/25
A75E	nzaman	nzip	<u>9</u>	céphalophe à dos jaune <i>(Cephalophus silvicultor)</i>	Cinnamon 1990:180

A801	gyele	ńzíbò (bà-)	<u>9/2</u>	abbot's duiker ( <i>Cephalophus spadix</i> )	Blench, Martin, Marieke and Duke, Dan 2009:2
A81	kwasio	ńjìd pl. (bònzìdò)	<u>9/2+9</u>	aboot's duiker ( <i>Cephalophus spadix</i> )	Blench and Martin, Marieke 2009:1
B11a	mpongwe	ndzìwò/ ìndzìwò	9/10	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B11e	nkomi	ndzìwò/ ìndzìwò	9/10	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B201	ndasa	zìbù		céphalophe à dos jaune	Mokrani 2016:400
B24	wumbvu	nzìfù/ bónzìfù	<u>9/2+9</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B25	kota	zìbò/bàzìbò	<u>9/2</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B25	kota	-zìbó	<u>9</u>	<i>Cephalophus silvicultor</i>	Piron Pascale 1990:180
B25	kota	zìbó	<u>9</u>	antilope noire	Mokrani 2016:604
B251	shake <sup>51</sup>	zìbì/ bèzìbì	<u>9/2</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B251	shake	zìbì	<u>9/2</u>	antilope noire	Mokrani 2016:383

<sup>51</sup> Segundo Mouguiama e Hombert (2006:72) em shake o tema é, às vezes, atestado em um lexema composto 'zìbì à mè bútfù.



B252	mahongwe zibò/ bàzibò		<u>9/2</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B301	viya	ndzífo	9/10	antilope	Van Der Veen 1991:395
B301	viya	nzibò/ nzibò	9/10	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B305	pove	nzibò	9/10	antilope (céphalophe)	Mickala Manfoumbi 2004:404
B305	pove	-nzibo (B), cl. 9/10	9/10	céphalophe à dos jaune, ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Van der Veen s.d:40
B31	tsogo	nzibo/ nzibo	9/10	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B32	kande	énzibò/ dínzibò	<u>9a/10</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B402	varama	ndzibu/ ndzibu	9/10	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B403	vungu	ndzibu/ ndzibu	9/10	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B41	shira	nzibu/ nzibu	9/10	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B41	shira	-zibu	<u>9/10</u>	antilope noire	Dodo- Bounguenda 1992

B41	shira	-dzibu	<u>9/10</u>	antilope noire	Dodo- Bounguendza 1992
B42	sangu	nzìbù/bànzìbù	<u>9/2+9</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B43	punu	nzìbù/bànzìbù	<u>9/2+9</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B501	wanzi	nziβù/bànzìβù	<u>9/2+9</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B51	duma	nzìbù/bànzìbù	<u>9/2+9</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B52	nzebi	nzìbà/bànzìbà	<u>9/2+9</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B602	kaning'i	nzìbì/bànzìbì	<u>9/2+9</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B63	nduumo	ndjibi (wu-ba)	<u>1/2</u>	antilope	Biton 1969:302
B63	nduumo	ndjibi	<u>1/2</u>	antilope (moyenne)	Biton 1907:12
C71	tetela	ndjihú [ndʒíhú]	<u>9</u>	antilope des marais	Hagendorens 1956:16
H11	kibeembe	ṅṅzìbu	<u>9</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Maniacky 2000:153

Segundo o BLR o tema denomina 'céphalophe à dos jaune: *Cephalophus silvicultor*'.

Confirmamos o sentido sugerido pelo BLR, porém, colocamos em evidência alguns problemas de identificação semântica, sem mudanças de classes nominais, por exemplo, em duala (A24) e em otetela (C71) os temas denominam ‘antílope bouc des marais: *Tragelaphus spekei*’. Em basaa (A43a), em kwasio (A81) e em gyele (A801) os substantivos de classe 9/10 denominam ‘*Cephalophus spadix*’.

Em posição de  $C_1$  os fonemas remontam a uma consoante oclusiva palatal sonora. Em algumas línguas a  $C_1$  é resultado da combinação da (N-), prefixo de classe 9/10 com o fonema \*j.

Em posição de  $C_2$  os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora. Em otetela (C71) a  $C_2$  /h/ remonta a \*b apenas do ponto de vista fonológico, visto que na língua é regular \*p > h, enquanto \*b > (v).

Em algumas línguas da zona A, precisamente em basaa (A43a) e em fang (A75), a oposição entre consoantes vozeadas/desvozeadas são neutralizadas em posição final, sendo assim, existe apenas um arquifonema que podemos transcrever /p/ ou /b/, foneticamente refere-se a [p̣] tanto em basaa (A43a) quanto nas línguas do grupo A70.

Quanto à qualidade das vogais, a  $V_1$  é regular e foi reconstruída com uma vogal de primeiro grau de abertura, visto que os reflexos se realizam como /i/ tanto nas línguas de 5 quanto nas línguas de 7 vogais.

Em posição de  $V_2$  os fonemas realizam-se como /a, i, o, u, ø/. Nas línguas da zona A, a perda das vogais finais é um processo regular. Em shake (B251), em kaning’i (B602), em mbere (B61) e em nduumo (B63) a diferenciação da  $V_2$  (\*u > i) é um processo regular nestas línguas e justificam-se pelo fenômeno de harmonia vocálica da  $V_2$  precedida de vogais altas /u/ ou /i/ em posição de  $V_1$ . Por exemplo:

Em shake (B251) mbvùrù ‘sitatunga’ (Hombert, Manfoumbi Marcel & Mbongo 1989:153).

114

Em nduumo (B63) mvuru m-/a ‘antilope cheval’ (Biton 1907:12) < \*bùdì 370 (5).

Atestamos apenas um caso regular de abaixamento vocálico (a < \*u), em nzebi (B52), por exemplo:

‘ndzoka’ elephant (Muroi 1989: 40/157) < \*jògù 1607 (1).

Sendo assim, devido às alterações vocálicas atestadas nos reflexos atuais, concordamos com o BLR (2003) que reconstruiu o tema com uma V<sub>2</sub> de segundo grau de abertura.

Quanto as classes nominais, o BLR propôs classe nominal 9. Na maioria das línguas atestamos o emparelhamento de classe 9/10. Em fang (A75) atestamos o emparelhamento de classe 1/2, sem mudanças semânticas.

Em relação aos padrões tonais do tema, o BLR propôs um padrão inteiramente BB. Confirmamos esse padrão tonal na maioria das línguas, por exemplo, nas línguas da zona A (reflexo tonal direto do PB), atestamos o padrão tonal \*BB, exceto, em gyele (A801) e em kwasio (A81) onde os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*AB.

Em sangu (B42) os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*BB:

‘báanzálè’ faim (Idiata 1998:195) < \*jàdà 1555 (1)

Em kota (B25) os reflexos tonais sugeridos por Mokrani (2016), Mouguiama e Hombert (2006) e Piron Pascale (1990) confirmam o padrão \*BB na língua, porém o padrão não é exclusivo, por exemplo:

‘è-yìndó’ hache (Mokrani 2016:135) < \*jòndò 1628 (1).

mbùdzì/bà- ‘sitatunga’ (Mouguiama & Hombert 2006:44) < \*bùdì 370 (5)

‘góf’ cl. 1/9 , 2 + 10 *Felis pardus* (Piron Pascale 1990: 171) < \*gòì 7154 (1)

‘bóngó’ cl. 5/6 ‘genou (Piron Pascale 1990:169) < \*bóngó 275 (3)

‘búá’ cl. 1 pluie (Piron Pascale 1990:169) < \*búdà 368 (1)

Contudo, atestamos algumas divergências:

Em shake (B251) os reflexos AB sugeridos por (Mokrani 2016), remontam a um padrão \*AB, \*AA:

‘lètúlù’ poitrine (Mokrani 2016: 384) < \*túdò 3044 (3)

‘mwári’ épouse (Mokrani 2016:148) < \*kádí 1674 (1)

Mouguiama & Hombert (2006), sugeriram para o sake (B251) reflexos BB que remontam a um padrão tonal \*AB. Na obra do autor atestamos apenas um substantivo reduplicado para exemplificar a origem dos reflexos tonais BB:

‘pùkòpùkò’ chauves souris (Mouguiama e Hombert 2006:17) < \*pókò 2642 (1).

Em viya (B301) os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*AB:

‘tsɔni’ HL ‘honte’ cl. 9/10 (Van Der Veen e Bodinga 2002:500) < \*còni 664 (1)

Em otetela (C71) os reflexos tonais AA remontam tanto a um padrão \*AA quanto \*AB (cf. Tons do tema \*-bódókú).

Visto que os reflexos tonais são divergentes e nem sempre derivam de um padrão \*BB exclusivo, confirmamos os padrões tonais BB nas línguas da zona A, ao passo que, nas outras línguas o padrão tonal \*BB segue conflituoso.

A pesquisa coloca em evidência a forma °-cíbò, com o sentido de ‘*Cephalophus dorsalis*’. Esse tema apresenta oscilância com o tema discutido neste subitem. Porém, devido às divergências quanto à origem da C<sub>1</sub>, aos padrões tonais e

também semânticos, decidimos agrupar e discutir os reflexos dos temas separadamente. No entanto, acreditamos em um vínculo entre eles.

(cf. Verbo \*-jìbuk 5635 (4) ‘sortir de l’eau, émerger’).

### 1.1.3.2. O tema °-bímbà/°-bìmbà (?) (cl. 9/10)

Protoforma reinterpretada a partir da proposta °-bímbà<sup>52</sup> sugerida por Hombert, Mouguiama e Philippson (2008) baseado em reflexos atestados em lembaama (B62) e em tege-kali (B71a).

A pesquisa ampliou a distribuição do tema em outras línguas da zona B, assim como, em línguas das zonas C.

	baka (pygmées)	mbèmbà	9	<i>Cephalophus silvicultor</i>	Paulin Pascale 2010:297
B61	mbere	bimba		antilope	Biton 1969:302
B62	lembaama	mbímbà/ àbímbà	9/2	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:73
B71a	tege-kali	mbímbà/ àmbímbà	9/2	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:73
B71a	tege	bìmbà pl. abimba	5/6	antilope (grand, noir avec une bande blanche derrier)	Linton Pauline 2013

<sup>52</sup> Hombert, Mouguiama-Daouda and Philippson, in: Bantu expansion and Hunter-gatherers. 3<sup>rd</sup> International Conference on Bantu Languages, Tervuren (March, 25-28, 2009, slides 13. Os autores propuseram os tons °-bímbà ‘yellow-backed duiker (*Cephalophus silvicultor*).

B86	dzing	m-be(ε)m pl. (ba- m)	<u>9/2</u>	antilope <sup>53</sup>	Mertens 1939:51/131
C104	aka	bèmbà (bà)	1/2	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus sylvicultor</i> )	Thomas <i>et alii</i> 1993:59/348
C14	leke (bomitaba)	-bemba	7ø/2	antilope ( <i>Cob de Thomas</i> , topi, guib Harnachée)	Vanhoudt & Soky Mantoley 1998:8
C22	akwa	/bemba/		the black antelope	Mokoko, Akongo Louis Marin 2001:51
C24	koyo	bemba		antilope noir	Gazania & Hyman 1996
C30B	lingala	mbemba	9/10	antilope noire	Dzokanga 2001:74

Quanto à semântica, baseado nos sentidos revelados na maioria das línguas, assim como, nas comunidades baka (pigmeus) sugerimos para o tema o sentido '*Cephalophus sylvicultor*'.

Em leke (C14), Vanhoudt & Soky Mantoley (1998) sugeriram o sentido 'antilope Cob de Thomas, topi, guib harnachée'. A proposta semântica 'Cob de Thomas' é fantasiosa, pois o animal é ausente na região. Entretanto, o sentido 'guib harnachée' é possível, uma vez que a espécie é encontrada na região. Contudo, devido à pouca fiabilidade nos conhecimentos zoológicos dos autores, acreditamos que o sentido 'guib harnachée' é um erro de identificação, e o sentido mais plausível seria '*Cephalophus sylvicultor*', como nas outras línguas vizinhas.

A C<sub>1</sub> dos reflexos remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*mb.

<sup>53</sup> De acordo com a descrição do autor: 'antilope de 75 centimètres de haut; vit exclusivement en brousse (Mertens 1939:51).

Em posição de  $V_1$  os fonemas realizam-se como /i, e, ε/ o que justifica a proposta de um tema com uma vogal de segundo grau de abertura.

Em posição de  $V_2$  os fonemas são regulares e remontam a uma vogal central não arredondada.

Quanto às classes nominais, sugerimos para o tema o emparelhamento de classe 9/10. Em tege-kali (B71a), segundo diferentes fontes, atestamos emparelhamentos de classe 9/2, mas também 5/6. Em aka (C104) atestamos o emparelhamento de classe 1/2, sem mudanças semânticas. Em leke (C14), classe nominal 7ø/2, com mudança semântica.

Quanto aos padrões tonais, Hombert, Mouguiama & Philippson (2008) propuseram para o tema um padrão tonal \*AB, baseado apenas nos reflexos tonais atestados em lembaama (B62) e em tege (B71). Atestamos no entanto, algumas divergências. Vejamos:

Em lembaama (B62) os reflexos tonais AB não provêm de um padrão exclusivo e remontam também a um padrão tonal \*BB:

‘ø-ndʒóyò ‘elefante’ (Okoudowa 2005:64) < \*jògù 1607 (1)

Em tege-kali (B71) os reflexos tonais divergem segundo as fontes: Mouguiama e Hombert (2006) propuseram reflexos tonais AB, enquanto Linton Pauline (2013), propôs reflexos BB. Apesar das divergências tonais entre as fontes (AB ou BB) ambos os reflexos tonais poderiam remontar a um padrão tonal \*BB. Em tege (B71) os reflexos tonais AB remontam tanto a \*AB quanto a \*BB (cf. Tons do tema °°-céci/°°-cétì), enquanto os reflexos tonais BB remontam a \*BB/\*BA:

‘nyàmà’ animal (Linton Pauline 2013) < \*nyàmà 3180 (1)

‘kasàndzì’ ‘instrument traditionnel comme une guitarre sans corde’ (Pauline 2013) < \*-cànjí 8612 (5)



Em aka (C104) os reflexos tonais BB remontam também a \*BB exclusivo (cf. Tons do tema °-dòbò).

Sendo assim, apesar de em tege-kali (B75) os reflexos não remontarem a um padrão tonal exclusivo, sugerimos ao tema uma protoforma de padrão tonal inteiramente \*BB. Entretanto, os temas seguem conflituosos quanto aos tons.

O tema discutido nesta seção entra em concorrência nas línguas da zona B com a protoforma \*jibù (predominante nas línguas do grupo), ao passo que, em mbere (B61), em lembaama (B62) e tege (B75) atestamos °-bìmbà.

### 1.1.3.3. O tema °-túndú (cl. 9/10)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em algumas línguas da zona (D L).

D24	songola	̀ntúndú, pl. (=)	9/10	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Ankei 1986:247
D25	kilega	̀ntundu	9/10	<i>Cephalophus silvicultor</i>	Malasi 2000:199
D25	kilega	n.tondo pl. (n-)	9/10	species of black antelope	Botne 1994:48/39
D54	bembe	tundu <sup>54</sup>		<i>Boocercus eurycerus</i>	Pol Pierre Gossiaux 2006: 22
L31a	tshiluba	ntundu	9	esp. antilope	Kabuta 2008:258

<sup>54</sup> Nas comunidades babembe (D54) com a pele do antílope ‘tundu’ confecciona-se uma espécie de cinto geralmente utilizado pelos homens nos ombros. (Pol Pierre Gossiaux 2006:22).

---

L33	kiluba	ntundu <sup>55</sup>	9	mammifère herbivore	Yumba Musoya Banza 2013:43
L33	kiluba	ntundu	9	Céphalophe à dos jaune	Mouguiama & Hombert 2006:110

---

Atestamos uma entrada em icibemba mencionada apenas na fonte *online* do katanga, por isso acreditamos que é um empréstimo proveniente das línguas luba (L30), grupo de línguas dominante na região. Mencionamos o substantivo apenas à guisa de informação, pois não representamos os reflexos abaixo com a protoforma discutida neste subitem.

---

M42	icibemba	ntundu	9	<i>Cephalophus silvicultor</i>	Biodiversité au katanga
-----	----------	--------	---	--------------------------------	-------------------------

---

O tema apresenta mudanças semânticas ou erros de identificações, em songola (D24) e em kilega (D25) o substantivo denomina ‘*Cephalophus sylvicultor*’, enquanto em bembe (D54) o sentido atestado é bongo: *Boocercus eurycerus*. Em kiluba (L33) o autor descreve ‘espécie de mamífero herbívoro, de pelo negro, parecido com uma cabra. Apesar da divergência atestada em bembe (D54) sugerimos para o tema o sentido ‘*Cephalophus silvicultor*’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar surda. Em algumas línguas a C<sub>1</sub> é resultado da combinação da (N-) prefixo de classe 9/10 com o fonema \*t.

---

<sup>55</sup> Segundo o autor essa espécie de mamífero herbívoro dar à luz a apenas dois filhotes em toda sua vida. Por isso, a carne do animal é interdita a às mulheres, por medo de que se elas consumirem a carne, ficam estéreis ou seus descendentes nasceram com edemas. Sendo assim a carne desse animal, na comunidade kiluba (L33) entra na categorização de ‘Nyámá wa kípíkwa’ (animal proibido). (cf. Yumba Musoya Banza 2013:43).



H10B	munukutuba	mukuti	<u>3</u>	antilope noire avec raie blanche sur le dos	INRAP 1981:23
H12	yombe (Vili)	nkouti [nkuti]	<u>9</u>	<i>Cephalophus silvicultor</i>	Hecketsweiler & Mokoko 1991:260

Em posição de C<sub>1</sub> sugerimos ao tema uma consoante oclusiva velar surda.

A C<sub>2</sub> é reflexo direto de \*t, pois nestas línguas \*d > d, l.

Propomos para o tema V<sub>1</sub> de segundo grau de abertura que se justifica tanto pela oposição entre /o, u/ nas línguas de 5 e 7 vogais como pela ausência de espirantização, fenômeno recorrente nas línguas do grupo B40 e H10, por exemplo:

Em lumbu (B44) [infuli] ‘*Tragelaphus spekei*’ < (Hecketsweiler & Mokoko 1991:260) < \*-bùdì 370 (5).

Em munukutuba (H10) mvudi ‘*Tragelaphus spekei*’ < \*-bùdì 370 (5). (Hecketsweiler & Mokoko 1991:260).

Em yombe (H16c) [mvuli] ‘*Tragelaphus spekei*’ < \*-bùdì 370 (5) (Hecketsweiler & Mokoko 1991:260).

Devido à regularidade dos reflexos em posição de V<sub>2</sub> sugerimos também ao tema vogal de segundo grau de abertura.

Em relação aos tons, os poucos dados não permitem propor ao tema um padrão tonal confiável, sendo assim o tema segue sem um tom.

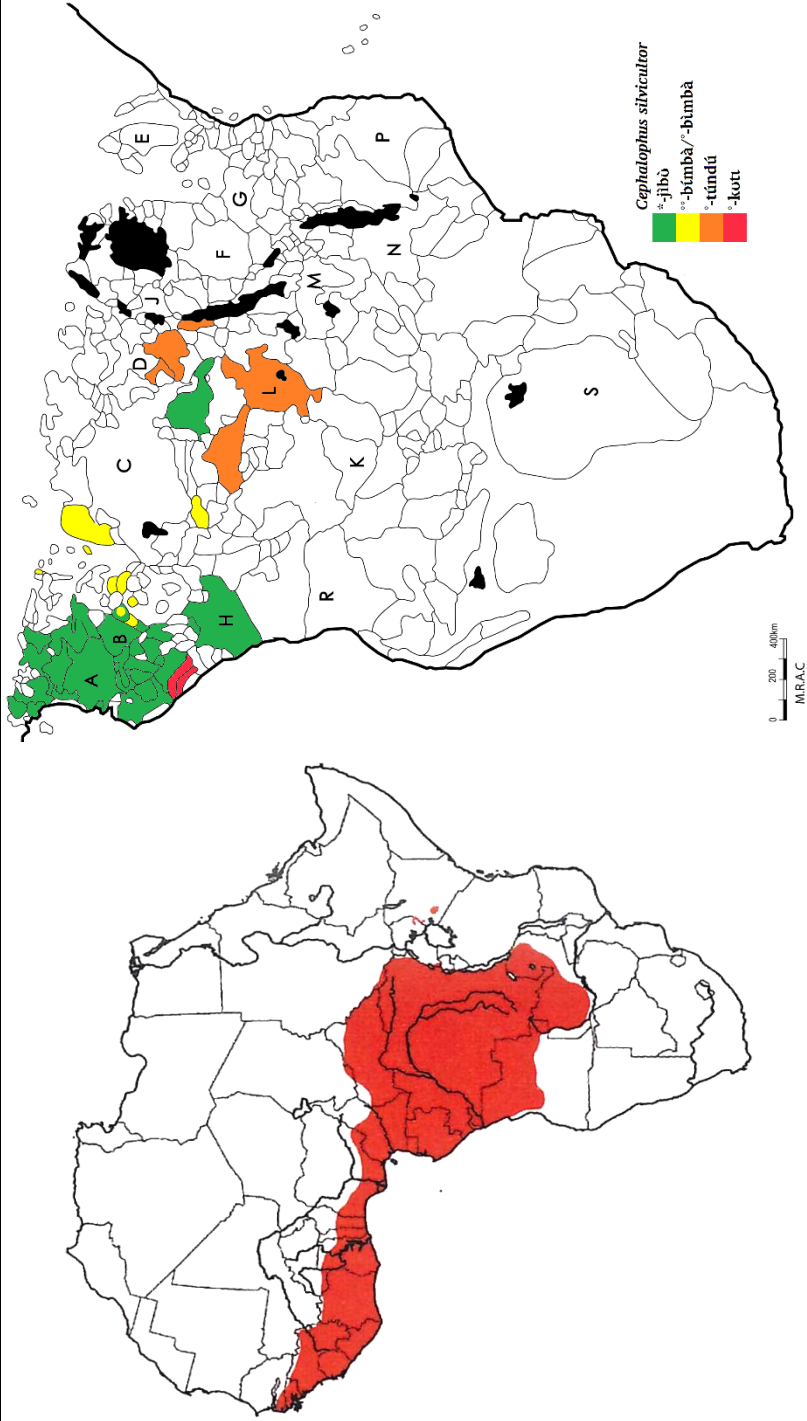
Além dos temas discutidos neste subitem para denominar a espécie de gazela ‘*Cephalophus sylvicultor*’, a pesquisa colocou em evidência outros dois substantivos compostos identificados em luvale (K14) e em lunda-ndembu (L52):

---

K14	luvale	sakalongo	duiker	Anonyme (Horton?) 1978:48
L52	lunda-ndembu	sakalongo	<i>Cephalophus silvicultor</i>	Ansell 1978:56

---

A segunda parte do tema vem da protoforma <°-dòngò (cf. item 2.2.6. ), atestado em línguas das zonas (C D E H JD R) para denominar uma espécie de antílope listrado/pintado'. Apesar disso, as motivações derivacionais do tema seguem conflituosas.



Mapa 5: Hábitat *Cephalophus siviculitor*

Mapa 6: Temas *Cephalophus siviculitor*

#### 1.1.4. *Cephalophus dorsalis*

**Descrição:** o *Cephalophus dorsalis*, tem a estatura espessa, a cor dos pelos marrom-amarelado, pernas pretas ou marrom-escuras e uma linha média de cor preta no dorso ao longo das costas. Têm os olhos maiores, mais alto na testa, mais largos e lisos do que dos outros '*cephalophus*'.

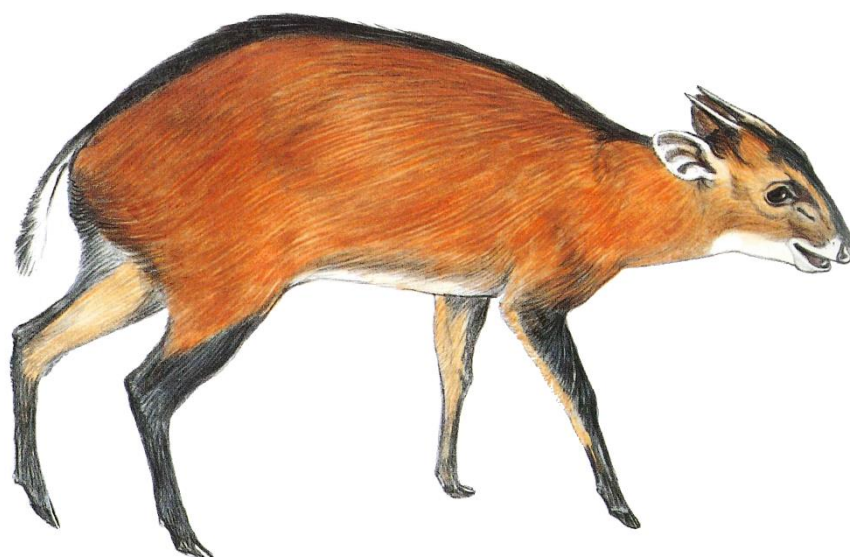


Figura 4: *Cephalophus dorsalis*

**Hábitat:** habitam florestas da África ocidental da Guiné-Bissau ao Togo e na África central, do leste do rio Níger até as florestas montanhosas no leste da República Democrática do Congo. Existem registros confirmados de espécies em Gâmbia e no Benin.

**Países nativos:** Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Burkina Faso, Gana, Togo, Benin, Nigéria, Camarões, República Centro Africana, Guiné equatorial, Gabão, Congo Brazzaville, República Democrática do Congo, Sudão, Uganda, Ruanda, Quênia, Burundi, Angola, Zâmbia. (Vivian 2005: 452-457).

**Literatura popular:** nas comunidades aka (C104) a pele desse antílope é utilizada para a fabricação de bolsas para os homens e também na fabricação das membranas de tambores. A carne do animal é proibida de ser consumido pelo adivinhador (curandeiro), assim como pelas pessoas viúvas durante o período de luto. O grito desse antílope é imitado nos rituais de caça, assim como nas músicas para capturar os animais (Thomas *et alii* 2011:137). A espécie de gazela tem a reputação de dormir profundamente (Raponda-Walker 1961: 17/49).

Dentro do domínio bantu atestamos 4 (quatro) formas concorrentes para denominar a espécie de antílope em questão: \*-kúdùpà, °°-cíbù, °-bíndí e °-pòmbì. Dentre os temas, apenas 1 (um) foi reconstruído pelo BLR (2003).

#### 1.1.4.1. Os temas \*-kúdùpà 4696 (5)/ \*-kúdùpà 4004 (4) (cl. 9/10)

Essas duas protoformas foram reconstruídas pelo BLR (2003) baseada em reflexos atestados nas línguas das zonas (C L).

C35a	ntomba	nkulupa <sup>56</sup>	<u>9</u>	antilope	Gilliard 1928:60/256
C35a	ntomba	n-kúlupa	<u>9</u>	sorte d'antilope moyenne	Mamet 1955:209
C35b	bolia	nkúlupa	<u>9</u>	sortes d'antilope	Mamet 1960:216
C61	lomongo	n-kúlufa	<u>9</u>	antilope boende: <i>Cephalophus dorsalis</i>	Hulstaert 1957:1475/366
C71	tetela	nkúduha	<u>9</u>	antilope dorsale	Hagendorens 1956:16
C76	ombo	ñkúlùfà, pl. (bànkúlùfà)	<u>9/2 + 9</u>	céphalophe bai <i>Cephalophus dorsalis</i>	Ankei 1986:247

<sup>56</sup> Notas do autor: em Luba = ngulungu < \*-gùdòngù 4587 (5).



L31a	tshiluba	nkúlúpa /nkulúpã	<u>9/10</u>	antelope sp.	Yukawa 1992:26
------	----------	---------------------	-------------	--------------	----------------

A pesquisa ampliou a distribuição do tema também em línguas da zona (C), mas também em outras línguas das zonas (B D H). Vejamos:

B80	ngong	nkúbul	<u>9</u>	céphalophe marron ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:524
B85F	ntsong	nkúbul	<u>9</u>	( <i>Cephalophus Dorsalis</i> ) Céphalophe marron	Koni Muluwa 2009/2010:524
B863	mpiin	nkúbul	<u>9</u>	Céphalophe marron ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:524
B87	mbuun	nkub	<u>9</u>	Céphalophe marron ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:524
C30B	lingala	kúlupa (ba-)	<u>9/2</u>	espec. de gazelle	Everbroeck 1985:214/78
C34	sakata	nkulupa	<u>9</u>	l'antilope	Colldén 1979:143
C41	ngombe	kúlupa	9/10	kleine antilope sp., petite antilope sp. (Céphalophe)	Rood 1958:200
C411	bomboma	-kulúpa	<u>9</u>	esp. d'antilope	Toronzoni, Ngama-Nzombio 1985:275
C53	poke	úlufa		<i>Cephalophus rufilatus</i>	Mombaya 2015:165
C61	lotoa	kúlupa	<u>9</u>	<i>Cephalophus dorsalis</i> castaneus	Lootens 1980:453
C61E	lokonda	nkúlupa	<u>9</u>	<i>Cephalophus dorsalis</i> castaneus	Lootens 1980:453
C701	langa	mpfúlupa	9/10	antilope, espèce	Jacobs, & Omeonga 2002:547

C73	nkucu	nkfúlupa pl. a/nkfúlupa	9/10	sp. antilope (s)	Bongo, André 1968:48
C81	dengese	̀̀khúlùpà, bà̀̀khúlùpà	<u>9/2+9</u>	antilope	Galerie 2001:87
C83	bushoong	kúp'1		antilope	Vansina 1959:68
D23	komo	kupha		<i>Cephalophus dorsalis</i>	Thomas 2014:129
D32	bira	kú'hà		antilope, cephalophe, brune (lindu)	Brisson 1965:24
H10A	kituba	kulúpa, pl. (ba-)	<u>9/2</u>	petite antilope, gazelle	Fehderau 1992:92/291
H10A	kituba	kuluba	<u>9/2</u>	gazelle, petite antilope	Fehderau 1992:92
H42	hunganna	khúlub	<u>9</u>	céphalophe marron <i>Cephalophus dorsalis</i>	Koni Muluwa 2009/2010:524
L31b	lulua	nkulúpa	9/10	céphalophe marron <i>Cephalophus dorsalis</i>	Koni Muluwa 2009/2010:524

Quanto à semântica, concordamos com o sentido atribuído pelo BLR (2003), o tema denomina *Cephalophus dorsalis*, exceto, em poke (C53), onde o substantivo denomina *Cephalophus rufilatus*.

Na maioria dos casos, em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva velar surda. Em langa (C701) e em nkucu (C73) atestamos o processo de espirantização da consoante oclusiva velar surda, o que justifica a proposta do tema com V<sub>1</sub> de primeiro grau.

Em hunganna (H42) o fonema /kh/ é regular e remonta a \*k.

A perda da C<sub>1</sub> em poke (C53) é irregular, porém poderia ser influência de outras línguas do grupo, por exemplo, do lombo (C54), onde é regular (\*k > ∅).

Em posição de  $C_2$ , na maioria dos casos os fonemas se realizam como uma consoante aproximante lateral que remontam a \*d.

Em otetela (C71), atestamos reflexos diretos de \*d.

Em bira (D32) o processo de perda da  $S_2$  é regular ( $S_2 < * \emptyset$ ), por exemplo:

‘ngé ‘antilope mungele’ > (Brisson 1965:25) < \*-gede 7817 (5).

Em posição de  $C_3$  na maioria dos casos os fonemas são reflexos diretos da consoante oclusiva bilabial surda.

Em lomongo (C61) e em ombo (C76) a  $C_3$  realiza-se como /f/ e remonta a \*p.

Em otetela (C71) e em bira (D32) a consoante fricativa glotal /h/ em posição de  $C_3$  é regular e remonta a \*p.

Em kituba (H10A) e em hunganna (H42) a  $C_3$  uma consoante oclusiva bilabial sonora remonta a \*p apenas do ponto de vista fonológico, visto que nestas línguas \*p > β, h, enquanto \*b > b.

Os reflexos atestados nas línguas da zona B, precisamente em ngong (B80), em ntsong (B85F), em mpiin (B863), em mbuun (B87), assim como, em bushoong (C83), caracterizam-se por apresentarem um processo de metátese da  $C_2$  com a  $C_3$ , o que resulta em um tema ‘nkúbul’. A consoante oclusiva bilabial sonora atestada em posição de  $C_2$  nas línguas da zona B é regular e pode remontar tanto a \*p quanto a \*b.

Os temas \*-kúdòpà/\*kúdùpà são divergentes quanto à abertura das vogais. O tema com  $V_1$  e  $V_2$  /u/ justifica-se pelos reflexos atestados em algumas línguas da zona C, onde o processo de espirantização é produtivo.

Segundo indicação do BLR à forma é um empréstimo as línguas de cinco vogais. Em virtude da proposta do tema ser baseada apenas em algumas línguas da zona C, optamos em discutir os reflexos dos temas juntos.

Quanto as vogais, em posição de  $V_1$  e  $V_2$  os fonemas remontam a uma vogal de segundo grau de abertura.

Em posição de  $V_3$  o tema foi reconstruído com uma vogal central não arredondada. Nas línguas das zonas B, em bushoong (C83) e em hunganna (H42) a perda das vogais finais é regular.

O tema não tem uma proposta de classes nominais no BLR. Sendo assim, sugerimos ao tema emparelhamento de classe 9/10, mesmo se, o plural é divergente em algumas línguas como, por exemplo, em ombo (C76) onde atestamos o emparelhamento de classe 9/2 + 9.

O BLR (2003) propôs para o tema um padrão tonal \*ABB. Concordamos com o padrão tonal sugerido pelo BLR. Porém, alguns casos merecem uma breve explicação, por exemplo:

Em otetela (C71) o padrão A da  $S_2$  remonta a \*B sob influência do tonema \*A em posição de  $S_1$ , por assimilação tonal progressiva (Hagendorens 1956:xxi).

Em lulua (L31b), tons contrários ao PB, o tom B da  $S_1$  remonta a um tom \*A, assim como, o reflexo A da  $S_2$  remonta a \*B, mas em posição de  $S_3$  diferente do otetela (C71) os reflexos tonais remontam a um tom \*A.

Apesar das divergências tonais confirmamos ao menos o padrão tonal \*AB em posição de  $S_1$  e  $S_2$ . Ao passo que, em posição de  $S_3$  os reflexos remontam às vezes a \*B /\*A.

Identificamos no BLR (2003) um tema de estrutura segmental similar \*-kudupa 4695 (5) atestado nas línguas da zona (G F), com o sentido de 'insecte: tique 4696 (5). No entanto, um vínculo semântico entre os temas não é evidente.

#### 1.1.4.2. O tema °-cíbù (cl. 7/8)

Protoforma reinterpretada a partir da proposta de Mouguiama e Hombert (2006:71) baseada em dados atestados nas línguas das zonas A B.

A pesquisa ampliou a distribuição da proposta em algumas línguas da zona A, assim como, em outras da zona C.

A33a	yasa	esíbo	<u>7</u>	type d'antilope	Blench 2010:16
A34	benga	èhíbò/ bèhíbò	7/8	Céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B11a	mpongwe	eziwo	<u>7</u>	antilope biche-cochon, ( <i>Cephalophus coronatus</i> )	Raponda 1961:17/149
B11a	mpongwe	èzíwò/ zíwò	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B11c	galwa	èzíwò/ zíwò	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B11e	nkomi	èzíwò/ zíwò	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B201	ndasa	éṣìbù	<u>7</u>	céphalophe à bande dorsale noire	Mokrani 2016:400
B202	sighu	sibu [ésí:bù] pl. (bí-)	7/8	antilope	Ibouily 2005:23
B203	osamayi	èhíbò, bè-	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71

B204	ndambomo	èhíbò/bé-	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B204	ndambomo	síbì/bàsíbì	<u>9/2</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B21	seki	ìsíbì/ bìsíbì	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B22b	ngom (koya)	a'sibu, pl. (bi'sibu)	<u>7/8</u>	<i>Cephalophus silvicultor</i>	Unesco 2006:25/81
B24	wumbvu	ʃíβù/ bìʃíβù	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B25	kota	èhíbò/ bèhíbò	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B251	shake	ʃíbì/bìʃíbì	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B251	shake	ʃíbì	<u>7/8</u>	antilope dormante	Mokrani 2016:383
B252	mahongwe	èhíbò/ bèhíbò	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B302	himba	-hibo	7/8	antilope	Rekanga 2000- 2001:557
B305	pove	-síbò (gesíbo, pl. bisíbo)	7/8	animal ( <i>Cephalophus dorsalis castaneus</i> )	Mickala Manfoumbi 2004:402
B305	pove	γèsíbò/èsíbò	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71

B305	pove	-sibo (HB), cl. 7/8	7/8	céphalopus bai, Céphalophe à bande dorsale noire, ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Van der Veen s.d:46
B32	kande	γésibò/ésibò	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B402	varama	γisibu/ bisibu	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B404	ngubi	tsibu/ tsitsibu	9/10	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B41	shira	isibu/bisibu	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B42	sangu	ísibù/bísibù	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B42	sangu	ísibù/bísibù	<u>7/8</u>	antilope	Idiata 1998:188
B43	punu	ìsíbù/bìsíbù	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B43	punu	-sibu HH	7/8	<i>Cephalophus dorsalis</i>	Blanchon 1995
B501	wanzi	ùsíβù/bisíβù	<u>7/8</u>	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert. 2006:71
B51	duma	ìsíbù/bìsíbù	7/8	céphalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71

B51	duma	síbù	7/8	antilope dormante	Mickala- Manfoumbi 1988:174
B52	nzebi	ìjìbù/bìjìbù	7/8	céhalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B52	nzebi	-síba /jìba, pl. bìjìba/	7/8	antilope céhalophe	Marchal Nasse 1988:604
B53	tsaangi	ìsíbù	7	antelope	Loubelo 1987:78
B61	mbere	jìbì (o)	7	type d'antilope	Ndouli s.d:83
B62	lembaama	òsíbì/èsíbì	7/8	céhalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B63	nduumo	gisibi (ki-bi)	7/8	antilope	Biton 1969:302
B63	nduumo	gesibi <sup>57</sup> (ki-bi)	7/8	antilope (plus petite) très dormeuse	Biton 1907:43
B71a	tege-kali	kàsíbì/èsíbì	7/8	céhalophe à bande dorsale noire ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:71
B71a	tege	kasíbì pl. esibi	7/8	antilope dormant	Linton Pauline 2013
C101	babole	esò	7/10, 8	antilope rouge (espèce)	Leitch 1991:21
C25	mbos(h)i	è-síbì, ì-síbì	7/8	antilope	Bedrosian 1996/97:34

<sup>57</sup> O autor retifica que essa espécie de antilope tem a reputação de dormir profundamente, e isso explica a expressão popular em nduumo 'Tolo ngama gesibi'. (cf. Biton 1907:12).



Quanto à semântica, o tema denomina em quase todas as línguas *Cephalophus dorsalis*<sup>58</sup>. Concordamos com Mouguiama e Hombert (2006:71) que defendem a ideia de que o substantivo era inicialmente usado para designar o Céphalophe à front noir: *Cephalophus nigrifrons*, mas que devido a um processo de ampliação semântica, nas línguas do grupo A70, passou a denominar o *Cephalophus dorsalis*.

Mouguiama & Hombert (2006) sugeriram em ndambomo (B204) dois sentidos que se diferem pelas mudanças de classes nominais e designam ‘*Cephalophus dorsalis* (cl.7/8) e ‘*Cephalophus silvicultor*’ (cl. 9/2). É possível que a língua não faz distinção entre às duas espécies, embora fisicamente (cor da pelagem) elas são bem distintas, ou então essa distinção é feita apenas pelas mudanças nas classes nominais.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva palatal surda.

O fonema /h/ atestado em posição de C<sub>1</sub> em osamayi (B203), em ndambomo (B204) e em mahongwe (B252) é irregular e provavelmente influência do kota (B25), onde é regular \*c, \*nc > h.

A C<sub>2</sub> é regular em todos os casos e remonta a uma consoante oclusiva bilabial sonora. Em babole (C101) a perda da consoante oclusiva bilabial em posição de C<sub>2</sub> é regular, vejamos:

‘ntaa’ chrèvre (Leitch 1989:69) < \*tàbà 2712 (5)

A V<sub>1</sub> é regular em todos os casos e foi reconstruída com uma vogal de primeiro grau de abertura, visto que os fonemas realizam-se como /i/ nas línguas de 5 e 7 vogais.

---

<sup>58</sup> ‘Dans les contes, c'est un personnage stupide qui se laisse rouler par le céphalophe bleu ou ‘gazelle’ en fr. local. (v. tsyesi)’ (cf. Blanchon 1995).

Em posição de  $V_2$  os fonemas realizam-se como /a, i, o, u / e foi reconstruído com uma vogal de segundo grau. As alterações das vogais finais (\*u > i) atestadas em ndambomo (B204), em seki (B21), em shake (B251), em mbere (B61), em lembaama (B62), em nduumo (B63), em tege-kali (B71a) e em mboshi (C25) justificam-se nessas línguas pelo processo regular de harmonia vocálica com a  $V_1$ , por exemplo, em mbere (B61):

‘mvuru’ (Biton 1969:302), em lembaama (B62) ‘mvúrù’ sitatunga (Mouguiama & Hombert 2006:45) < \*bùdì 370 (5) (cf. também protoforma \*jìbù).

Em rukiga (JE14), atestamos um caso irregular de abaixamento da vogal final \*u > a.

Em quase todos os casos os emparelhamentos são de classes nominais 7/8. Em ndambomo (B204) atestamos classes 7/8 e 9/2, com mudanças semânticas. Em ngubi (B404) classe nominal 9/10. Em babole (C101) o autor sugeriu o emparelhamento 7/10, 8.

Quanto aos padrões tonais, Mouguiama e Hombert (2006) propuseram um padrão tonal \*AB. Atestamos que esse padrão tonal é o mais recorrente nas línguas, porém nem sempre exclusivos e às vezes divergentes. Por exemplo, em sangu (B42) os reflexos tonais BB remontam tanto a um padrão tonal \*AB quanto \*AA (cf. Tons tema \*-jùmbì 9132).

Em kande (B32), os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal \*BB:

énzìbò/dínzìbò ‘*Cephalophus silvicultor*’ (Mouguiama & Hombert 2006:72) < \*jìbù 9149 (5) ‘-ndzɔ̀yù’ elephant (Van Der Veen 1991:232) < \*jògù 1607 (1)

Em punu (B43) os reflexos tonais são divergentes segundo as fontes: Mouguiama e Hombert (2006) propuseram reflexos tonais AB, enquanto Blanchon (1995) propôs reflexos tonais AA.

Os reflexos tonais AA proposto por Blanchon (1995) remonta tanto a um padrão tonal \*AB quanto \*AA:

‘sóní’ ‘honte’ (Blanchon 1995) < \*cónì 664 (1)

‘kálá’ crabe cl. 9/10 (Blanchon 1995) < \*kádá 1664 (1)

Os reflexos tonais AB proposto por Mouguiama e Hombert (2006) remontam a um padrão \*AB:

‘tsómbì/bátsòmbì’ *Cephalophus nigrifrons* (Mouguiama & Hombert. 2006:72) < \*júmbì 9132 (5).

Apesar dos reflexos nem sempre remontarem a um padrão tonal exclusivo concordamos com Mouguiama e Hombert (2006) que propuseram para o tema um padrão tonal \*AB.

O tema estabelece um vínculo formal com a protoforma \*jìbù 9149 (5) atestado nas línguas das zonas A B C H com o sentido de ‘Céphalophe à dos jaune: *Cephalophus silvicultor*’. Porém, os temas apresentam divergências semânticas, tonais e de irregularidade da C<sub>1</sub>, por isso, preferimos agrupar e discutir os reflexos dos temas separadamente.

No BLR (2003) atestamos uma protoforma similar \*-cíbá 5726 (3) nas línguas das zonas C L com o sentido de ‘signal sifflé’. Um vínculo semântico entre os temas nos parece plausível e se justificaria pelo processo de analogia ao comportamento da gazela, que emitem pequenos assobios sonoros de contato. (cf. Dubost 1983: 172).

#### **1.1.4.3. O tema °-bíndí (cl. 9/10, 7/8, 3, 12/13)**

Proposta identificada nos reflexos da biblioteca Lolemi, porém não catalogada no BLR (2003). Identificamos reflexos desse tema, majoritariamente, em línguas da zona (C E) e também em kisanga (L35).

C35a	ntomba	mende	<u>9/10</u>	antilope	Gilliard 1928:60/240
C35a	ntomba	méndé	<u>9</u>	genre d'antilope moyenne	Mamet 1955:175
C35b	bolia	mbéndé	<u>9/10</u>	sortes d'antilope	Mamet 1960:216
C41	ngombe	engbéndé	7/8	animal domestique	Rood 1958:99
C61	lomongo	bœnde	<u>3</u>	antilope petite	Hulstaert 1952:25
C61	lolube	bœde	<u>3</u>	<i>Cephalophus dorsalis</i> <i>castaneus</i>	Lootens 1980:453
C61	lonkundo	bœmbende	<u>3</u>	<i>Cephalophus dorsalis</i> <i>castaneus</i>	Lootens 1980:453
C61	lomongo	bomende	<u>3</u>	(specific kinds of antelope )	Ruskin s.d:358
C61E	lokonda	mbéndé	<u>9</u>	<i>Cephalophus</i> <i>silvicultor</i>	Lootens 1980:453
C701	langa	mbéndé	9/10	antilope, espèce	Jacobs & Omeonga 2002:547
C73	ombo	méndé	<u>9</u>	cephalophe à dos jaune	Mouguiama & Hombert 2006:110
C84	lele	mbende	<u>9</u>	<i>Hippotragus niger</i> <sup>59</sup>	Bundjok-banyath iyawumn s.d.
E623 <sup>60</sup>	rombo	mende		<i>Cephalophus spadix</i>	Philippson 2019 <sup>61</sup>
L35	kisanga	-béndwě	12/13	antilope	Coupez 1976:59

<sup>59</sup> O autor cita E62c, porém atualizamos a zona de acordo com a classificação de Maho (1999).

<sup>60</sup> De acordo com o autor, nas comunidades lele (C84), a carne desse antílope é proibida de ser consumida pelos não iniciados em rituais. (cf. Bundjok-banyath iyawumn. s.d).

<sup>61</sup> Comunicação pessoal.

No que diz respeito à semântica, identificamos que em algumas línguas o tema poderia denominar várias espécies de gazela. Lootens (1958:60) havia evidenciado esses problemas quando sugeriu ao substantivo o sentido ‘*Cephalophus dorsalis*’, colocando em evidência o fato de que em certas regiões o substantivo poderia denominar também outras espécies como, por exemplo, o ‘*Cephalophus leucogaster*’. Em rombo (E623) o autor sugeriu o sentido ‘*Cephalophus spadix*’.

Em lokonda (C61E) atestamos o sentido *Cephalophus silvicultor*. Em kisanga (L35), apesar do autor não especificar a espécie de antilope, o substantivo não se refere ao ‘*Cephalophus dorsalis*’, uma vez que a espécie é ausente na região (cf. Mapa 7 : Hábital *Cephalophus dorsalis*). Além do mais, segundo descrição do próprio autor o tema é sinônimo de ‘baji<sup>62</sup>, (espécie maior que o gênero *cephalophus*) (Coupez, 1976:59).

O sentido ‘*Hippotragus niger*’ atestado em lele (C84), além de ser isolado no grupo é também duvidoso (erro?) em relação ao hábitat da espécie, que vive precisamente a parte sul e leste do continente africano. (cf. Figura 34: *Hippotragus niger*).

Sendo assim, apesar dos problemas de ampliação semântica propomos ao tema, sobretudo nas línguas da zona C, o sentido ‘*Cephalophus dorsalis castaneus*’.

Do ponto de vista segmental, indicamos em posição de C<sub>1</sub>, uma consoante oclusiva bilabial sonora.

Em ntomba (C35) o processo de nasalização plena da C<sub>1</sub> é regular. Em lomongo (C61) e seus dialetos a C<sub>1</sub> que às vezes realiza-se como /mb/ outras /m/ é regular nas línguas (cf. Explicação no tema \*búdókú 4574).

---

<sup>62</sup> Cob des roseaux: *Redunca arundinum*. (Coupez 1976:9, VI I.)

140

Em ngombe (C41) atestamos um complexo consonântico /gb/ possivelmente influência de línguas fora do bantu.

Em posição de C<sub>2</sub> os reflexos derivam de uma consoante pré-nasalizada \*nd. Em lolube (C61) o processo de desprenasalização da C<sub>2</sub> é regular, por exemplo:

‘ngɔɔbɛ’ vache (Lootens 1980:455) < \*gòmbè 1434 (1).

Referente às vogais, na maioria das línguas de 7V, precisamente nas línguas da zona C (ntomba, bolia, langa, ombo e leke), assim como em rombo (E623) atestados reflexos cujos fonemas em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> realizam-se /e/ < \*ɪ.

Porém, em duas línguas também de 7 vogais, em ngombe (C41) e lomongo (C61), atestamos reflexos irregulares cujos fonemas realizam-se como /ɛ/ e remontam claramente a uma vogal de terceiro grau de abertura.

Em kisanga (L35), única língua do grupo de 5 vogais, atestamos também um reflexo irregular, que apresenta um processo de labialização da C<sub>2</sub>.

Apesar dos casos irregulares atestados tanto em ngombe (C61) quanto em lomongo (C61) e em kisanga (L35) sugerimos para o tema V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de segundo grau de abertura.

Quanto às classes nominais propomos classe 9/10, exceto em ngombe (C41) onde atestamos o emparelhamento de 7/8, classe 3 nas línguas da zona C e classe 12/13 em kisanga (L35).

Quanto aos tons, nas línguas da zona C, os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal \*AA exclusivos, por exemplo:

Em ngombe (C41):

‘símbá’ cl. 7 ‘lion’ (Rood 1958:343) < \*címá 613 (1)

‘kái’ cl. 7 pagaie (Rood 1958:172) < \*kápí 1725 (1)

Em ntomba (C35a):

‘nkíngó’ cou (Mamet 1955:272) < \*kíngó 1845 (1)

Em lomongo (C61):

‘eséndé’ écureuil (Hulstaert 1952:163) < \*cíndí 579 (1)

‘nkái/nkáí’ pagaie (Hulstaert 1952:318) < \*kápí (1)

Em kisanga (L35) o tom \*A em posição de S<sub>1</sub> é irregular e remonta a \*B:

‘nyama’ AA ‘animal’ (Coupez 1976:40<sup>63</sup>) < \*nyàmà 3180 (1) AA < \*BB

‘dimba’ cl. 12/13 ‘esp. instrument de musique’ (Coupez 1976:22 VI.I)  
< \*dìmbà 980 (1)

Exceto em kisanga (L35), baseado nas línguas da zona C, sugerimos para o tema um padrão tonal inteiramente \*AA.

A reconstrução virtual discutida nesta parte aproxima-se da protoforma reconstruída pelo BLR (2003), \*-bìndì 7211(5), atestada na região ocidental do bantu, precisamente em línguas das zonas (A B C G H K L), com o sentido de ‘*Cephalophus callipygus/Cephalophus nigrifrons*’. Apesar dos temas apresentarem problemas tonais (<\*AA e \*BB) e semânticos, acreditamos que os temas apresentam osculâncias e que tem uma origem comum.

#### 1.1.4.4. O tema °-pòmbì (cl. 9/10)

Proposta de tema atestado em línguas do grupo D20. Baseado no sentido atestado em songola (D24) sugerimos para o tema o sentido ‘céphalophe bai *Cephalophus dorsalis*’.

---

<sup>63</sup> Neste dicionário o autor marca apenas o tom \*B atestado nas formas.

D24	songola	mpòmbì pl. (=)	9/10	céphalophe bai ( <i>Cephalophus dorsalis</i> )	Ankei 1986:247
D25	kilega	m.pɔmbi (m-)	9/10	species of antelope	Botne 1994:30/48
D25	kilega	mpombi	9/10/2+9	grande antilope	Malasi 2000:193
D26	kizimba	mbòmbì	<u>9</u>	antilope	Hennin s.d.119 p:42

A C<sub>1</sub> em kizimba (D26) é regular e resulta tanto da combinação (N + b) quanto (N + p), por exemplo:

‘mbòndá ‘âne’ (Hennin s.d: 42) < \*punda 4397 (5), mbòó ‘buffle’ (Hennin,s.d.49) < \*bògó 258 (3).

Referente as vogais, identificamos que os reflexos realizam-se como /o, ɔ/, por isso, sugerimos ao tema V<sub>1</sub> de terceiro grau de abertura. As línguas do grupo D20 são geralmente de 7 vogais e não atestamos o processo de espirantização, sendo assim, sugerimos ao tema V<sub>2</sub> de segundo grau de abertura. A V<sub>2</sub> do substantivo atestado em songola (D24) é irregular, uma vez que, segundo a notação fonética do autor o fonema /ɨ/ < \*i.

Sugerimos para o tema, classe 9/10. Em kilega (D25) atestamos uma nasal silábica anteposta ao tema.

Quanto aos tons, na maioria das línguas da zona D, os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal inteiramente \*BB:

Em kilega (D25) ‘n-zɔgu’ elephant (Botne 1994:55) < \*jògù 1607 (1)

Em kizimba (D26) ‘ìbòbè’ araignée (Hennin s.d: 42) < \*bòbì 290 (1)

Porém, em songola (D24) os reflexos tonais BB remontam tanto a \*BB quanto \*AB (cf. Tons dos temas \*-júmbì 9132 e °-bàngànà).



Apesar de em songola (D24) os reflexos tonais não remontarem a um padrão tonal exclusivo, sugerimos para o tema um padrão tonal inteiramente \*BB.

Colocamos em evidência uma forma de estrutura segmental similar °-pòmbó, com o sentido ‘esp. de antílope’ atestado nas línguas da zona L H M (cf. subitem 1.1.7.5. ). Porém, os temas apresentam irregularidades da V<sub>2</sub>. Nas línguas do grupo D, /i/ < \*i, enquanto /o/ < \*o, por exemplo:

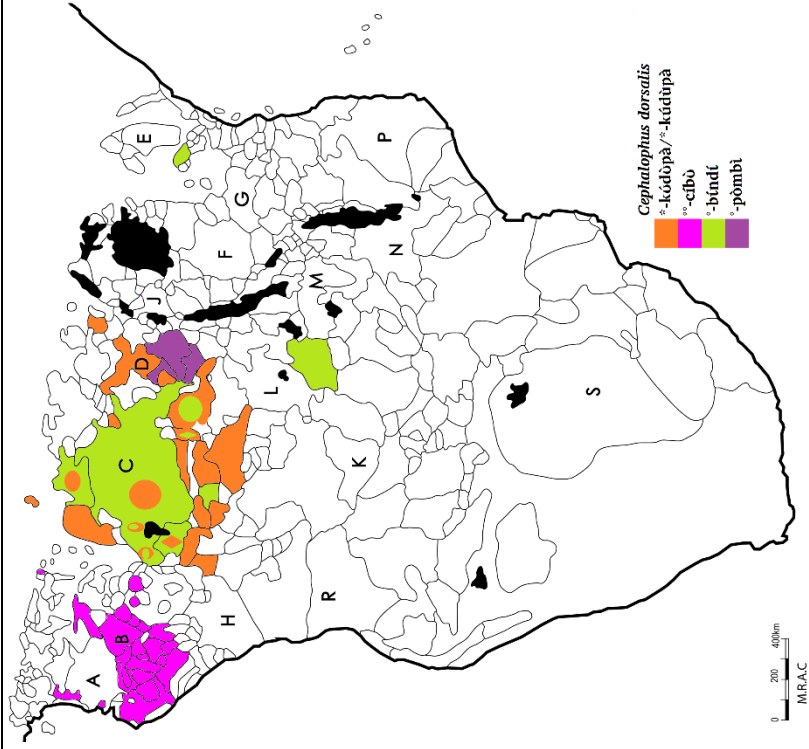
Em kizimba (D26): ‘ngàmbi’ camp (Hennin s.d: 50) < \*kambi 8484 (5)

‘lòfimbó’ canne < \*pímbò 2571 (1) (Hennin s.d: 50).

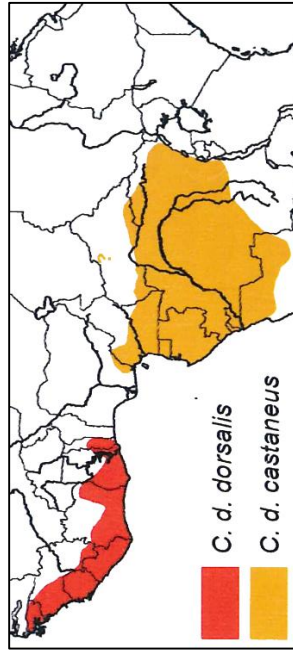
Em kilega (D25) ‘mo.ngɔngɔ’ back (spine) (Botne 1994:48) < \*gòngò 1450 (1)

‘nsóni’ cl. 9 ‘shame’ (Botne 1994:69) < \*cóni 664 (1)

Além do mais, os temas (°-pòmbó e °-pòmbì) apresentam divergências tonais, sendo assim optamos em agrupar e discutir os temas separadamente.



Mapa 8: Temas *Cephalophus dorsalis*



Mapa 7: Hábitat *Cephalophus dorsalis*

### 1.1.5. *Cephalophus callipygus*

**Descrição:** A pequena gazela *Cephalophus callipygus* tem uma coloração bem variável, de tom claro a vermelho brilhante ou marrom-escuro e topete frontal de cor ruiva.

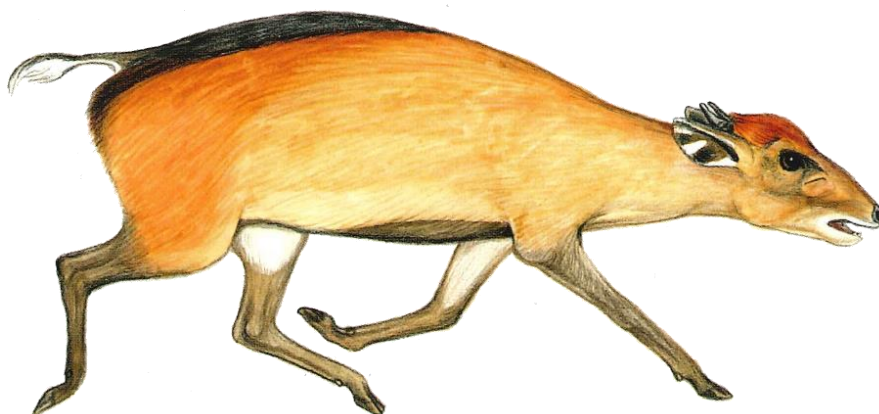


Figura 5: *Cephalophus callipygus*

**Hábitat:** são espécies que habitam a floresta equatorial, entre os Camarões e o Quênia ocidental.

**Países nativos:** Camarões, República Centro africana, Guiné equatorial, Gabão, Congo Brazzaville, República Democrática do Congo, Sudão, Uganda, Quênia, Tanzânia, Ruanda, Burundi. (Vivian 2005: 367-373).

**Literatura popular:** nas comunidades aka (C104) sua pele é utilizada na fabricação de um cinto usado para transportar bebês. A pele dessa gazela é também considerada a melhor para a fabricação de membranas de tambores. (Thomas *et alii* 2008:173).

Colocamos em evidência no domínio bantu 4 (quatro) novos temas concorrentes para denominar a gazela em questão: °°-cumɪ, °-gindà, °°-cábè e °°-bǐjí.

### 1.1.5.1. O tema °- còmí (cl. 3/4) > °- còmí

Protoforma reinterpretada a partir do tema °-come, sugerido por Mouguiama e Hombert (2006:48) baseado em reflexos atestados nas línguas da zona B.

A pesquisa estendeu a distribuição linguística do tema em línguas das zonas (C D H J L).

B201	ndasa	mǎʃúmí	<u>3</u>	cobe des roseaux	Mokrani 2016:395
B201	ndasa	mǎʃùmì	<u>3</u>	cobe des roseaux	Mokrani 2016:402
B302	himba	-home	3/4	antilope	Rekanga 2000- 2001:557
B305	pove	sòmé (mu-, mi-)	3/4	antilope (espèce)	Mickala Manfoumbi 2004:404
B31	tsogo	mosome pl. misome	3/4	céphalophe de Peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B31	tsogo	sòmé (mo, mi-)	3/4	antilope	Marchal-Nasse 1979:173
B32	kande	mósòmè/ mó-	3/4	céphalophe de Peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B41	shira	musumi/ mi-	3/4	céphalophe de peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B42	sangu	músùmì/ mí-	3/4	céphalophe de Peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B43	punu	musumi/ mi-	3/4	céphalophe de peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48

B51	duma	sùmí	3/4	antilope	Mickala- Manfoumbi 1988:175
B51	duma	syùmí/ bàsyùmí	<u>9/2</u>	céphalophe à front noir ( <i>Cephalophus nigrifrons</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:72
B52	nzebi	mùsùmí-dínyà:wù pl. mì	3/4	céphalophe de Grimm	Blanchon 1990:33
B602	kaning'i	mòsùmí/ mì-	3/4	céphalophe de Peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B61	mberé	ǰúmí (o)	<u>3</u>	type d'antilope	Ndouli s.d:83
B61	mberé	ntcumí [ntʃumi] (yu-ba)	<u>1/2</u>	antilope	Biton 1969:302
B61	mberé	ocumi (yu-bi)	<u>3/4</u>	antilope	Biton 1969:302
B62	lembaama	òsómé/ èsómé	<u>3/4</u>	céphalophe de peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B63	nduumo	tcumu (wu-ba)	<u>1/2</u>	antilope	Biton 1969:302
B63	nduumo	ocumu (wu-mi)	<u>3/4</u>	antilope	Adam 1969:302
B63	nduumo	ocumi [ʃumi] (yu-bi)	<u>3/4</u>	antilope	Biton 1969:302
B71a	tege	osùmó pl. esumo	1/8	antilope <sup>64</sup>	Linton Pauline 2013
C101	babole	munsómé	3/10, 4	antilope rouge de petite taille	Leitch 1991:45

<sup>64</sup> Antilope gris avec petits cornes similaire à l'antilope dormant'.

C104	aka	sòmé (mò-mè)	3/4	céphalophe à fesses noires ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Thomas <i>et alii</i> 2004:173/224
C32	bobangi	mosômë [mosòmé]	<u>3</u>	antelope, various kinds of	Whitehead 1899:266
D26	kizimba	sómé		antilope	Hennin s.d:42
H10B	munukutuba	nsuma		antilope rousse	INRAP 1981:23
H16c	yombe	nsúuma	3/4	antilope da forêt	De Grauwe 2009:87/129
JE31	masaba	i(n)-suma		gazelle	Siertsema 1981:38/205
JE404	shashi	isuma		small gazelle	N & P 1975
JE45	nata	asuma		small gazelle	N & P 1975
L33	kiluba	lusumi (n-) [lūsũ <sub>̣</sub> mbĩ] <sup>65</sup>	<u>11/10</u>	antilope (rooibok, rooie bosduiker) impala?	Gillis 1981:24

Identificamos um tema similar também fora do bantu, em mangbetu.

II E2	mangbetu	sumu, ne		antilope moyenne	A.Vekens 1928:171
-------	----------	----------	--	------------------	-------------------

Sugerimos para o tema o sentido *Cephalophus callipygus*, baseado na semântica atestada na maioria das línguas da zona B C. Entretanto, atestamos alguns casos problemáticos. Em ndasa (B201) o sentido ‘cobe des roseaux’ é, provavelmente, um erro de identificação, visto que nas outras línguas do

<sup>65</sup> De acordo com o sistema fonético adotado pelo autor, o diacrítico [̣] marca o alongamento vocálico. O diacrítico colocado sobre as vogais ou embaixo, marca o sistema tonal adotado pelo autor, por exemplo: ā = tom alto, ạ = tom baixo; â = tom descendente; ǎ = tom ascendente.

grupo o sentido recorrente é '*Cephalophus callipygus*'. Os sentidos atestados nas línguas das zonas H E L não tem uma identificação precisa, apesar disso, provavelmente o tema denomina uma espécie diferente do '*Cephalophus callipygus*', uma vez que essa espécie de gazela tem o hábitat restrito na parte oeste do bantu. (cf. Mapa 9: Hábitat *Cephalophus callipygus*).

Em nzebi (B52) atestamos um tema composto com mudança semântica, o tema denomina '*Céphalophe de Grim*'.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva palatal surda.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma nasal bilabial.

A V<sub>1</sub> dos reflexos realizam-se como /o, u/ e foi reconstruído com uma vogal de segundo grau de abertura.

Identificamos em posição de V<sub>2</sub> algumas alterações vocálicas, os fonemas realizam-se como /e, i, o, a/ e o tema foi reconstruído também com uma vogal de segundo grau de abertura. Em alguns casos as alterações vocálicas são regulares, por exemplo, em nduumo (B63), o processo de harmonia vocálica da V<sub>2</sub> com a V<sub>1</sub> é regular. Em yombe (H16c), em munukutuba (H10B) e em alguns dialetos da zona J, precisamente em masaba (JE31), em shashi (JE404), em nata (JE45) atestamos o processo irregular de abaixamento vocálico da V<sub>2</sub>.

Mouguiama e Hombert (2006:48) propuseram para o tema um emparelhamento de classe 3/4. Confirmamos a classes nominais sugeridas pelos autores, mesmo se atestamos alguns casos divergentes. Em duma (B51) e em kiluba (L33) atestamos o emparelhamento de classe 9/2 e 11/10, respectivamente, com mudanças semânticas.

Quanto aos tons, segundo Mouguiama e Hombert (2006: 48) os padrões tonais do tema são divergentes nas línguas da zona B: em kaniŋ'i (B602) os

150

reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*AB. Em lembaama (B62), os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal \*AA. Os substantivos atestados em ndasa (B201) não contribuem para as análises tonais, uma vez que, os reflexos tonais são contraditórios segundo a mesma fonte (cf. Mokrani, 2016).

Em kande (B32) o autor sugeriu que os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal \*BA, porém, identificamos que esse padrão pode remontar também a um padrão \*BB (cf. tons tema °-cíbù).

Analisamos os padrões tonais nas outras línguas e atestamos os seguintes resultados:

Em kizimba (D26) os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal \*AA.

‘ngíngó’ cou (Hennin s.d: 56) < \*-kíngó 1845 (1)

Em sangu (B42), os reflexos remontam a um padrão tonal \*BA:

‘mápâpì’ aile (Idiata 1998:180) < \*-pàpá 2410 (1).

Em дума (B51), assim como, em pove (B305) e em aka (C104), os reflexos tonais BA remontam a um padrão tonal exclusivo \*BA, vejamos:

Em дума (B51) cf. ‘kílá’ ‘sang’ cl. 6 (Mickala- Manfoumbi 1988: 169) < \*-gídá 1398 (3).

Em pove (B305): ‘ngùbú’ cl. 7/8 ‘hippopotame’ (Mickala-Monfoumbi 2004:574) < \*-gùbú 1532 (1)

Em aka (C104): ‘ngùbú (bà-)’ hippopotamus (Thomas, Jacqueline M.C *et alii*: 2008: 154/195) < \*-gùbú 1532 (1).

Em kiluba (L33) os reflexos tonais remontam a um padrão tonal \*AA (reflexos contrários ao do PB).



Sendo assim, o tom da S<sub>1</sub> segue problemática, \*B/\*A, ao passo que, sugerimos em posição de S<sub>2</sub> um tom A, exceto em kaniŋ'í (B602).

O tema estabelece um vínculo formal com a protoforma \*-júmbì 9132 (5) atestado nas línguas das zonas A B C D H K L com o sentido de '*Cephalophus nigrifrons*'. No entanto, os temas apresentam divergências tonais e de regularidade das consoantes que não remontam ao mesmo fonema do PB, por isso, optamos por agrupar os reflexos dos temas separadamente. Todavia, acreditamos em uma relação direta ou indireta entre os temas.

#### 1.1.5.2. O tema °-gindà (cl. 9)

Novo tema atestado em algumas línguas das zonas A C.

A93	kako	kpàŋgindà pl.ḃè	2	antilope sp.	Ernst Urs 1989:26/56
C104	aka	ngindà (bà-)	1/2	<i>Cephalophus callipygus</i> , céphalophe à fesses noir	Thomas <i>et alii</i> 2008:67/182
C61	lomongo	nkinda	ḡ	(specific kinds of antelope )	Ruskin s.d:358.
C61	lomongo	nkínda	ḡ	antilope D <sup>66</sup> (bɔ̀ɛndɛ)	Hulstaert 1957:1462

Fora do bantu, em gbaya, atestamos uma forma de estrutura segmental similar, mas com mudanças semânticas. O tema designa a espécie de gazela '*Céphalophus silvicultor*'.

1A6	gbaya	ngindà		céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Moñino 1995:608/670
-----	-------	--------	--	--	------------------------

<sup>66</sup> D = dialetal (cf. Hulstaert 1957, em abreviações e siglas).

152

Baseado no sentido revelado em aka (C104) sugerimos para o tema o sentido '*Cephalophus callipygus*'. Em kako (A93) atestamos um tema provavelmente composto 'kpàŋgìndà' sem identificação específica.

Em posição de C<sub>1</sub> sugerimos para o tema uma consoante oclusiva velar sonora. Em lomongo (C61), atestamos o processo regular de ensurdecimento da C<sub>1</sub> diante da classe nominal 9/10 (ng > k/ng [nk in cl.]. 9/10).

Em posição de C<sub>2</sub>, os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*nd.

Quanto às vogais, propomos para o tema V<sub>1</sub> de primeiro grau de abertura devido à regularidade de /i/ nas línguas. Em posição de V<sub>2</sub> propomos para o tema a vogal central não arredondada.

Quanto às classes nominais, atestamos os seguintes emparelhamentos: classe 1/2 em aka (C104), classe 2 em kako (A93) e classe 9 em lomongo (C61).

Os reflexos tonais do tema são divergentes em posição de S<sub>1</sub>. Vejamos:

Em kako (A93) os reflexos tonais remontam a um padrão \*BB (reflexos diretos do PB). Em aka (C104) os reflexos BB < \*BB, enquanto em lomongo (C61), os reflexos AB < AB:

Em kako (A93) (cf. Tons do tema \*kùèngà 9104)

Em aka (C104) (cf. Tons do tema °-dòbò)

Em lomongo (C61) os reflexos AB remontam a um padrão \*AB:

'mbúla' pluie (Hulstaert 1952:343) < \*búdà 368 (1)

Sendo assim, sugerimos para o tema ao menos um tom \*B em posição de S<sub>2</sub> ao passo que, o tom da S<sub>1</sub> remonta tanto a \*B/\*A.

### 1.1.5.3. O tema °-cábè (cl. 9/10) >°-cábà (cl. 9/10, 7/8)

Protoforma sugerida por Mouguiama e Hombert (2006:48), baseado em reflexos atestados em algumas línguas da zona B.

B24	wumbvu	ǰábà/bǰǰábà	<u>7/8</u>	céphalophe de Peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B305	pove	sábè/sábè	9/10	céphalophe de Peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B52	nzebi	ǰábà/bǰǰábà	<u>9/2</u>	céphalophe de Peters ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48

Concordamos com os autores que sugeriram ao tema, o sentido ‘*Cephalophus callipygus*’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva palatal \*c.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora.

Mouguiama sugeriu para o tema V<sub>1</sub> < \*a. Em posição de V<sub>2</sub> o autor sugeriu uma vogal de terceiro grau de abertura. No entanto, o abaixamento vocálico atestado em wumbvu (B24) e em nzebi (B52) é irregular. Em nzebi (B52) o fonema /a/ em posição final remonta < \*a, \*o, \*u (cf. Blanchon 1987:41). Em wumbvu (B24) o fonema /a/ < \*a (cf. békyémà ‘singé’, Blanchon 1989:41) < \*kímà 1798 (1).

A sugestão de uma vogal de terceiro grau em posição de V<sub>2</sub> é conflituosa. Sugerimos ao tema em posição final \*a, visto que é o fonema mais recorrente, porém, neste caso a vogal final em pove (B305) é irregular.

Sugerimos para o tema o emparelhamento de classe 9/10, exceto, em wumbvu (B34), onde atestamos o emparelhamento de classe 7/8, sem mudança semântica.

Baseado nos reflexos tonais atestados nas línguas da zona B, Mouguiama e Hombert (2006), propôs para o tema padrão tonal \*AB. Porém, em pove (B305), os reflexos tonais AB não são exclusivos e remontam tanto a um padrão tonal \*AB quanto a \*AA:

‘tsónì’ cl. 9 ‘honte’ (Mickala Manfoumbi 2004:575) < \*cónì 664 (1)

‘gádi’ cl. 1/2 ‘épouse (Mickala Manfoumbi 2004:518) < \*kádí 1674 (1).

Apesar dos reflexos tonais atestados em pove (B305) não ser exclusivo, concordamos com a um padrão tonal \*AB proposto para o tema.

#### 1.1.5.4. O tema °-bìjì (cl. 9)

Proposta de tema sugerido por Mouguiama e Hombert (2006) baseado em línguas da zona B. O tema denomina ‘Céphalophe de Peters: *Cephalophus callipygus*’.

B203	osamayi	mbìzì/ bàmbìzì	<u>9/2+9</u> ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B204	ndambomo	mbìzì/ bàmbìzì	<u>9/2+9</u> ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B25	kota	mbìzì (mbìrì/bàmbìzì)	<u>9/2+9</u> ( <i>Cephalophus callipygus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:48
B25	Ikota	-bízì	<u>9</u> <i>Cephalophus callipygus</i>	Piron Pascale 1990:169

A C<sub>1</sub> remonta a uma consoante oclusiva bilabial sonora. Em algumas línguas a C<sub>1</sub> é resultado da combinação da (N-) prefixo de classe 9/10 com o fonema \*b. Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante palatal \*j.

O tema foi reconstruído com  $V_1$  e  $V_2$  de segundo grau de abertura, visto que, os reflexos não apresentam espirantização.

Mouguiama & Hombert (2006:48) sugeriram para o tema, classe 9.

O tema foi reconstruído com um padrão tonal \*BB, porém, identificamos que os substantivos apresentam divergências tonais, vejamos:

Em ndambomo (B204) o substantivo, remonta a um padrão \*BB. Em kota (B25) os reflexos tonais são divergentes segundo as fontes: atestamos reflexos BB < \*BB e reflexos AA < tanto a \*AA quanto \*AB e \*BB (cf. Tons do tema \*-jìbò 9149 (5). Em osamayi (B203) os substantivos refletem um padrão \*BA.

Portanto, apesar das divergências tonais e dos reflexos nem sempre remontarem a um padrão tonal exclusivo, concordamos com um tom \*B ao menos em posição de  $S_1$ , ao passo que, o tom B da  $S_2$  segue indefinido.

Quanto à origem do tema, atestamos um substantivo de estrutura segmental similar (°-bɪɔ) com o sentido de ‘zebra, girafa’, por exemplo:

M51	bisa	imbisi	<u>9</u>	zebra	Johnston 1919/1920:203
M54	lamba	imbisi	9/10	zebra	Doke 1933:134
N31a	nyanja	imbiji	<u>9</u>	zebra	Johnston 1919/1920: 245
N44	chisena	mbizi	<u>9</u>	zebra	Johnston 1919/1920: 245
S12	chizezuru	mbizi LH	9/10	zebra	Hannan 1974:341/935
S407/408	ndebele	mbisi	<u>9</u>	giraffe	Elliott 1897

Em kituba (H10A) o substantivo (°-bɪɔ) faz parte de um composto e denomina, em geral ‘animal selvagem’.

---

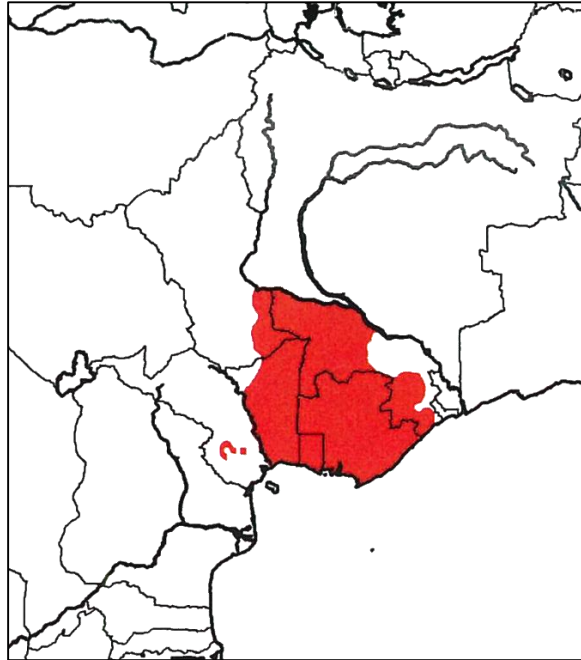
H10A kituba mbisi ya mfinda animal sauvage Fehderau 1992:139

---

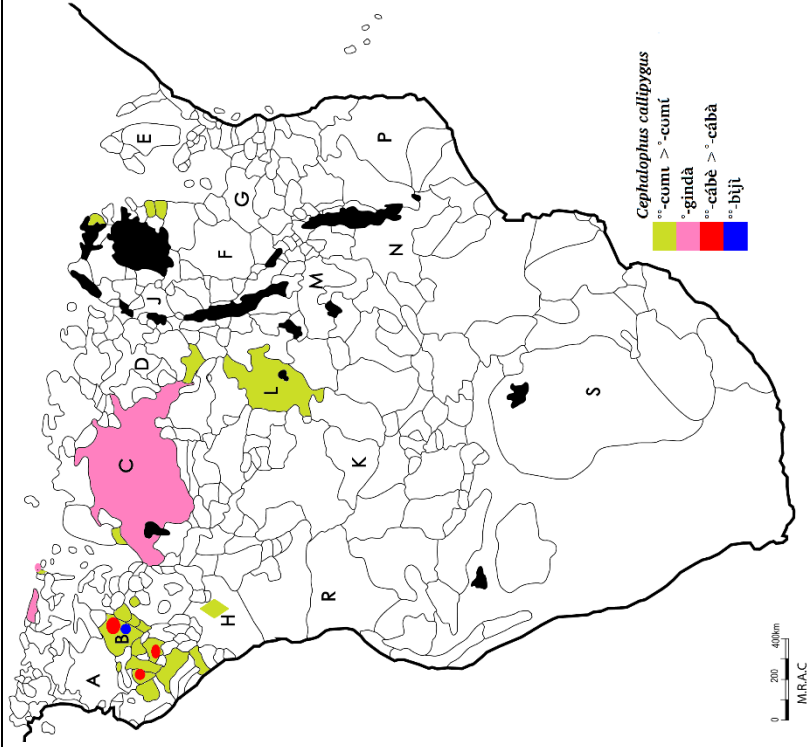
H10A kituba mbísi ya nséke animal sauvage Fehderau 1992:139/291

---

Um vínculo direto ou indireto entre os temas °-biji e °-bici é relevante, mesmo se a origem da C<sub>2</sub> é confusa.



Mapa 9: Hábitat *Cephalophus callipygus*



Mapa 10: Temas *Cephalophus callipygus*

**1.1.6. *Cephalophus leucogaster***

**Descrição:** A gazela *Cephalophus leucogaster* tem a pelagem clara e na parte anterior do corpo de cor areia marrom, tornando-se cinza em direção à linha dorsal preta. Tem a cauda com acabamento em tufo e preto.

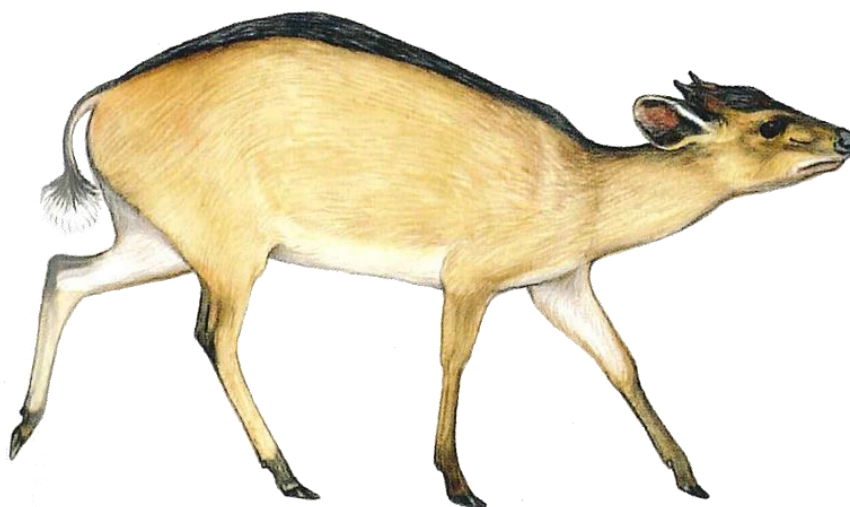


Figura 6: *Cephalophus leucogaster*

**Hábitat:** as espécies são encontrados em florestas equatoriais úmidas, florestas de várzea e florestas secundárias na África Central e ocidental.

**Países nativos:** Camarões, República centro africana, Guiné equatorial, Gabão, Congo Brazzaville, República Democrática do Congo, Uganda. (Vivian 2005:378-380).

**Literatura popular:** nas comunidades aka (C104), essa gazela representa o espírito maligno, provavelmente por causa dos seus hábitos noturnos e pelo fato do ventre ser inteiramente branco. Por isso, a gazela não pode ser morta nos três primeiros dias da temporada de caça, e caso isso aconteça deve-se realizar um ritual, caso contrário acredita-se que a caça do dia seguinte será infrutífera. (cf. Thomas *et alii* 2004:93/224 e Thomas *et alii* 2007:211).



A carne do animal é interdita de ser consumida pelo futuro pai de um bebê, durante todo o período de gestação e aos pais, até que o bebê comece a andar. Em caso de consumação sua pele ficará coberta de feridas. A carne é também proibida para meninas, pois se acredita que quando elas tornarem-se adultas seus casamentos não irão durar. (Thomas *et alii* 2004:93).

A pesquisa coloca em evidência 7 (sete) temas concorrentes no domínio bantu para denominar a gazela: \*-bengeda, °-cégé, °°-àngàdà, °°-yadà, °°-màdà, °°-kébé e °°-pécé. Dentre eles apenas uma protoforma foi atestada no BLR (2003).

#### 1.1.6.1. O tema \*-bengeda 7657 (5) > °-bèngédè (cl. 9/10)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em dados atestados nas línguas da zona C.

C35a	ntomba	mengele	ḡ	antilope	Gilliard 1928:60/240
C35a	ntomba	mèngéle	ḡ	genre d'antilope moyenne, <i>Cephalophus callipygus</i>	Mamet 1955:175
C35b	bolia	mèngéle	ḡ	sortes d'antilope	Mamet 1960:216
C35b	bolia	mèngéle	ḡ	sorte d'antilope <i>(Cephalophus callipygus)</i>	Anonyme s.d. 145-211 p.?:190
C61	lomongo	mbèngéla	9	antilope <i>Cephalophus</i> <i>callipygus Peters</i>	Hulstaert 1957:1330
C71	tetela	mèngéla [mèngéla]	ḡ	antilope (esp.)	Hagendorens 1956:16

A pesquisa acrescentou alguns dados também provenientes de outras línguas da zona C.

C10b	ngando	mbèngénè	ḡ	sp. cephalophus <i>(Cephalophus leucogaster/ cephalophus de peters).</i>	Mouguiama & Hombert 2006:85
------	--------	----------	---	---	-----------------------------------

C13	mbati	mbèngēnè	<u>9</u>	sp. cephalophus ( <i>Cephalophus leucogaster</i> / <i>cephalophus de peters</i> ).	Mouguiama & Hombert 2006:85
C30B	lingala	mbengele	<u>9</u>	antilope d'eau	Dzokanga 2001:74
C30B	lingala	mbèngélé	<u>9</u>	sp. cephalophus ( <i>Cephalophus leucogaster</i> / <i>cephalophus de peters</i> ).	Mouguiama & Hombert 2006:85
C41	ngombe	bengéle	<u>9</u>	esp. d'antilope	Motingea 1988:30
C41	ngombe	mbengéle	9/10	waterantiloop sp; antilope aquatique sp. ( <i>Hyemoschus aquaticus</i> )	Rood 1958:256
C61	lotoa	mbengéle	<u>9</u>	<i>Cephalophus callipygus</i> <i>weynsi</i>	Lootens 1980:453
C61E	lokonda	mmengéle	<u>9</u>	<i>Cephalophus callipygus</i> <i>weynsi</i>	Lootens 1980:453
C61P	ngome a muna	méngéa	<u>9</u>	sp. antilope	Hulstaert 1993
C701	langa	mbengéla	9/10	antilope, espèce	Jacobs & Omeonga 2002:547
C81	dengese	mbè:ngélà, pl. bàmè:ngélà	<u>9/2+9</u>	antilope	Galerie 2001:86

No BLR o tema denomina '*Cephalophus sp.*'. Identificamos alguns problemas semânticos (sem mudanças de classes nominais), por exemplo: em ngando (C10b) e em mbati (C13), o tema denomina '*Cephalophus leucogaster*'.

Em ntomba (C35a), em lomongo (C61) e dialetos, o tema denomina '*Cephalophus callipygus weynsi*'. Em ngombe (C41) o substantivo designa 'antilope aquatique sp. *Hyemoschus aquaticus*'. Em lingala (C30B) o tema denomina '*Cephalophus leucogaster/Cephalophus de peters*' (cf. Mouguiama & Hombert, 2006) e 'antilope d'eau' (cf. Dzokanga, 2001).

De acordo com os sentidos revelados na maioria das línguas sugerimos para o tema o sentido: *Cephalophus leucogaster*. A proposta semântica *Cephalophus callipygus* mencionada nas línguas do RDC, trata-se provavelmente de um erro de tradução dos autores, pois a espécie é ausente na região. A confusão semântica na denominação das duas espécies justifica-se pelo fato de que ambas as espécies são de tamanho bem pequeno e têm a cor da pelagem parecida (uma listra preta no dorso), sendo assim, nem sempre é possível fazer a distinção entre as duas espécies. (cf. mapa de habitats das espécies no capítulo 1, subitem 1.1.5. e 1.1.6. ).

Referente a parte estrutural do tema identificamos em ntomba (C35a), em bolia (C35b), em otetela (C71) e em alguns dialetos do lomongo (C61), precisamente, em ngome a muna lomongo (C61P) e em lokonda (C61E) o processo de nasalização plena da  $C_1$  ( $N + b > m$ ) que se justifica pela ‘Regra de Meinhof’.

Em posição de  $C_2$  os reflexos são regulares, em bolia (C35b) a nasal velar /ŋ/ remonta a \*ng.

Em posição de  $C_3$  os fonemas realizam-se como /l, n, ø/ e remontam a \*d. Em ngome a muna (C61P) a perda da consoante lateral em posição de  $C_3$  é irregular de acordo com as outras línguas do grupo onde \*d > l. Porém, atestamos outro caso onde /l/ desaparece, embora em posição de  $C_2$ , cf. ‘móókó’ sp. antilope (Hulstaert, 1993:148) < \*búdókú 4574 (5).

Quanto as vogais, em posição de  $V_1$  e  $V_2$  os fonemas remontam a uma vogal de terceiro grau de abertura.

Em posição de  $V_3$ , atestamos algumas alterações vocálicas e os fonemas realizam-se como /e, a/. O BLR reconstruiu a  $V_3$  com uma vogal central não arredondada, porém, sugerimos para o tema com vogal também de terceiro grau, visto que, é o fonema mais recorrente nas línguas. Assim, os reflexos que se realizam com /a/ em posição de  $V_3$  justificam-se pelo processo de abaixamento vocálico nas línguas (\*e > a).

162

O BLR sugeriu para o tema, classe 9. Baseado nas classes nominais atestadas, sugerimos para o tema, o plural de classe 10.

No BLR o tema não tem uma proposta de padrão tonal. Atestamos que na maioria dos dados os reflexos tonais remontam a um padrão tonal \*BAB, no entanto, em algumas línguas os reflexos tonais são irregulares, por exemplo:

Em ngome a muna (C61P), dialeto do lomongo (C61), os reflexos tonais ABB remontam a um reflexo tonal \*ABB, cf., por exemplo:

Em lomongo (C61) ‘nkúlufa’ ‘antílope bœnde’ (Hulstaert 1957:1474) <\*-kúdùpà 4004 (4).

Em otetela (C71) os reflexos tonais BAA remonta a um padrão tonal \*BAA:

‘ngengélé’ clochette (Hagendorens 1956:55) <\*-gèngédé 1365 (4)

Apesar das divergências tonais atestada nas línguas da zona C, sugerimos para o tema um padrão tonal \*BAB, visto que é o padrão mais recorrente nas línguas.

O tema estabelece um vínculo formal direto ou indireto com o verbo reconstruído pelo BLR \*-bèng 151 (5), atestados em línguas das zonas B H K com o sentido de ‘be red’ A associação (ampliação) semântica entre o verbo e o nome poderia justificar-se pela cor da pelagem avermelhada/acobreada do *Cephalophus leucogaster* e do *Cephalophus callipygus*. Assim, a origem deverbativa do tema justificaria as mudanças das vogais finais.

#### 1.1.6.2. O tema °-cége (cl. 9/10)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em línguas das zonas C D.

C76	ombo	ñséé <sup>67</sup> pl. (=)	<u>9/10</u>	<i>Cephalophus leucogaster</i>	Ankei, 1986:247
D23	komo	seke		<i>Cephalophus leucogaster</i>	Thomas, 2014:129
D24	songola	ñséké pl. (=)	<u>9/10</u>	<i>Cephalophus leucogaster</i>	Ankei 1986:247
D32	bira	seke		céphalophe (antilope)	Brisson 1965:25

De acordo com os sentidos revelados nas línguas o tema denomina ‘Céphalophe à ventre blanc: *Cephalophus leucogaster*’.

Em kiswahili (G42) identificamos uma forma composta ‘sekepombi’, sem mudanças semânticas. O substantivo do kiswahili (G42) é provavelmente um empréstimo proveniente de outras línguas da região. Por isso a zona G não é representativa para a raiz discutida nesta seção.

G42	kiswahili	sekepombi		<i>Cephalophus leucogaster</i>	Ankei 1986:247
-----	-----------	-----------	--	--------------------------------	----------------

Em todos os casos, os fonemas em posição de C<sub>1</sub> provêm de uma consoante oclusiva palatal surda. Em quase todos os casos os fonemas em posição de C<sub>2</sub> remontam a uma consoante oclusiva velar sonora, uma vez que, \*k > ∅, exceto, em kiswahili (G42), onde \*k > k. Em ombo (C76) a perda C<sub>2</sub> é regular, \*g > ∅, por exemplo:

‘njoϕ pl. (=)’ ‘éléphant’ (Meeussen 1952: 11/34) > \*jògù 1607 (1).

Propomos para o tema V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> uma vogal de terceiro grau de abertura.

Propomos para o tema um emparelhamento de classe nominal 9/10. Em ombo (C76) e em songola (D24) atestamos a presença de uma nasal silábica anteposta ao tema.

<sup>67</sup> Segundo o autor o substantivo é provavelmente um empréstimo.

Baseado nos reflexos tonais AA atestado em ombo (C76) e em songola (D24) sugerimos para o tema um padrão tonal \*AA.

Em ombo (C76) ‘iyúlúkú’ antilope’ (Meeussen 1952: 12/33) < \*búdókú 4574 (5)

Em songola (D24) (cf. Tons do tema °-túndú).

O tema estabelece uma relação semântica com as protoformas reconstruídas pelo BLR (2003) \*-cégé 521 (4) atestadas em algumas línguas da zona C D com o sentido de ‘chifre’ e com o tema \*-cégé 518 (4) atestado nas zonas A B C H com o sentido de ‘savana’. Constatamos que essa rede semântica entre os vários conceitos: ‘carne’, ‘animal’, cabra, ‘arbusto’, ‘chifre’, ‘savana, pântano’, ‘caça’ ‘antílope’ é bem comum em bantu<sup>68</sup> e justifica o processo de derivação nominal a partir de temas existentes no BLR (cf. outros casos, °-tope, \*-bàbàdá 13 (5), °°-bòngò, °-pembè).

### 1.1.6.3. O tema °°-àngàdà > °-jàngàdà (cl. 3/4)

Proposta de tema reinterpretada a partir do tema °-àngàdà sugerido por Mouguiama e Hombert (2006:85), baseado em reflexos atestados em algumas línguas do grupo B20.

B201	ndasa	mw-àngálá	3	<i>Céphalophe de Grimm</i>	Mokrani 2006:153
B204	ndambomo	mwàngàlà/ my-	3/4	<i>Cephalophus leucogaster</i>	Mouguiama & Hombert 2006:85

<sup>68</sup> Cf. Maniacky, de Lima Santiago e Mendes de Menezes abstract ‘*Hunting for a semantic network in Bantu*’, in Proto-Niger-Congo, 2<sup>nd</sup> International Congress, 1-3 september 2016.

B25	kota	mwàngàlà/ my-	3/4 sp. cephalopus ( <i>Cephalopus Peters?</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B252	mahongwe	mwàngàlà/ my-	3/4 <i>Cephalopus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85

O tema denomina ‘Céphalophe à ventre blanc: *Cephalopus leucogaster*’, exceto, em ndasa (B201) onde o tema denomina *Céphalophe de Grimm*.

Mouguiama & Hombert (2006:85) aproximam os reflexos desse tema com os substantivos ‘mbèngénè’ do ngando (C10b), ‘mbèngénè’ do mbati (C13), ‘mbèngéné’ do lingala (C30B), ‘mongee’ do bodo (D308) e ‘mungele’ do komo (D23) (cf. reflexos \*-bengeda 7657 (5) e \*gede 7817). Os autores agruparam um substantivo ‘myè’ do fang (A75) com os grupos de reflexos do tema °-àngàdà, no entanto devido aos problemas de regularidades optamos em agrupar o reflexo com o grupo (°-màdà).

Mouguiama e Hombert (2006) reconstruíram o tema com uma estrutura silábica atípica em banto (VCVCV). A fim de reconstruir a C<sub>1</sub> do tema recorreremos à série comparativa de Guthrie (1970), que exemplifica que nas línguas do grupo B20 \*k > ∅ ou provém de \*g. Identificamos que esse processo não é regular no grupo B20, uma vez que atestamos exemplos, onde \*k > k:

Em ndasa (B201) ‘èèkwá’ igname (Mokrani 2006:152) < \*kùá 1968 (1)

Em ndambomo (B204) ‘kúbà’ poulet (Mokrani 2006:293) < \*kúbà 2105 (3)

Em kota (B25) ‘kóhè’ perroquet (Mokrani 2006:607) < \*kùcè 1993 (3)

Sendo assim, reinterpretemos o tema e sugerimos em posição de C<sub>1</sub> uma consoante palatal, visto que, em todas as línguas do grupo B20, é o único fonema que desaparece, vejamos:

166

Em ndasa (B201) ‘mw-ílf’ arbre (Mokrani 2006:153) < \*jítí 3383 (4)/\*jídí 5769 (5)

Em kota (B25) ‘m-àdzì’ huile (Mokrani 2006:137) < \*jàdí 3160 (4).

Devido à regularidade dos reflexos em posição de C<sub>2</sub>, C<sub>3</sub>, V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub>, V<sub>3</sub> concordamos com a proposta de Mouguiama e Hombert (2006).

Mouguiama e Hombert (2006:85) sugeriram para o tema o emparelhamento de classe nominal 3/4.

Referente aos reflexos tonais o tema foi reconstruído com um padrão tonal inteiramente \*BBB (reflexos diretos do PB). Apenas em ndasa (B201), os reflexos tonais AA remonta a um padrão tonal \*AB, vejamos:

‘mòlémá’ coeur (Mokrani 2006:392) < \*tímà 2895 (1)

Apesar da irregularidade tonal atestada em ndasa (B201) concordamos com a proposta tonal sugerida por Mouguiama e Hombert (2006).

Atestamos em beo (C45A) um substantivo dissilábico similar ao tema discutido, porém a perda total da primeira sílaba não é regular na língua. Sendo assim, até o momento o tema segue isolado.

---

C45A	beo	mongala	sorte d’antilope	Gérard 1924:197
------	-----	---------	------------------	-----------------

---

#### 1.1.6.4. O tema °-yadà (cl. 3/4)

Proposta de tema reinterpretada a partir de reflexos atestados em algumas línguas das zonas A B.

De acordo com o sentido sugerido por Mouguiama & Hombert (2006) o substantivo denomina a espécie de ‘*Cephalophus leucogaster*’.



A91	kwakum	myàŋlò	3	antilope sp.	Belliard s.d:23
B251	shake	mwálò/ myálò	3/4	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85

Na língua shake (B251) em posição de C<sub>1</sub>, os únicos fonemas que desaparecem são \*k/\*p. Confirmamos que em alguns contextos ao menos \*k > ∅, por exemplo:

‘mw-ári’ épouse’ (Mokrani 2006:148) < \*-kádí 1674 (1)

Entretanto, em kwakum (A91), \*k > k, por exemplo:

‘fútú’ emballer (Belliard s.d:6) < \*-pút 2696 (3)

‘kêmo’ singe (Belliard s.d:16) < \*-kímà 1798 (1)

No entanto, identificamos que tanto em kwakum (A91) quanto na maioria das línguas do grupo B20, a consoante \*y > ∅ desaparece, vejamos:

Em kwakum (A91) ‘myá’ année cl. 3 (Belliard s.d:23). < \*-jákà 3169 (1)

Nas línguas do grupo B20 (cf. regularidade (\*y > ∅) reflexos do tema °-jàngàdà 1.1.6.3. ).

Levando em consideração a regularidade dos exemplos acima, sugerimos ao tema em posição de C<sub>1</sub> < \*y, visto que, é o único fonema que desaparece em ambas as línguas:

Em posição de C<sub>2</sub>, tanto em kwakum (A91) quanto em sake (B251) o fonema /l/ é reflexo direto de \*d. Em kwakum (A91) a presença de uma nasal intervocálica em alguns contextos são regulares, e isso justifica a estrutura segmental do tema (VC<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V). (cf. Belliard 2007:18).

Sugerimos para o tema o emparelhamento de classe 3/4. As classes nominais em kwakum (A91) apresenta certa instabilidade. O prefixo de classe 3, por exemplo, na língua é zero ( $\emptyset$ ). (cf. Belliard s.d:3).

Quanto as vogais em kwakum (A91), assim como, em shake (B251) a  $V_2$  pode remontar a \*a > ɔ, vejamos:

Em kwakum (A91) ‘pùlɔ́’ plue (Belliard s.d:2) < \*-búdà 368 (1)

Em shake (B251) ‘námò’ jambé (Mokrani 2006:384) < \*nàmà 2239 (1)

Os reflexos tonais são divergentes segundo as línguas. Em kwakum (A91) os reflexos tonais BB remontam a um padrão \*BB:

‘jòkù’ elephant (Belliard s.d:13). < \*-jògù 1607 (1)

Em shake (B251) atestamos ao menos um caso de reflexos com padrão AB < \*AB sugerido por Mougouama & Hombert (2006), por exemplo:

‘ùdʒɔ́nkò/mèdʒɔ́nkò’ (*Tragelaphus scriptus*) < \*-jóngò 9110 (1).

Cf. Ainda em shake (B251), segundo outras fontes os reflexos tonais AA remontam tanto a \*AB quanto a \*AA (cf. tons do tema \*-jìbù (9149).

Apesar das divergências tonais atestados entre as línguas, sugerimos ao menos em posição de  $S_2$  um tom \*B, ao passo que, o tom da  $S_1$  segue conflituoso.

#### 1.1.6.5. O tema °°-màdà (cl. 3/4)

Proposta de tema reinterpretada a partir de reflexos atestados em línguas do grupo A70, A80. O tema denomina ‘Céphalophe à ventre blanc: *cephalophus leucogaster*’.

---

A72(a) ewondo miè/      3/4 (*Cephalophus leucogaster*)      Bancel 1986:43  
miè

---

A74a	bulu	miàn/ miàn	3	céphalphe à ventre blanc (Céphalophes leucogaster)	Bancel 1986:43
A75	fang	myè (b) pl=	3	( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Galley 1968:218/418
A75	fang	myè/ myè	3	( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
A75F	mveny	myè/ myè	3	( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Bancel 1986:43
C43B	benge	bie		antilope (musquée)	Bureau & Reding 1912:42

Referente aos fonemas em posição de C<sub>1</sub>, Medjo Mvé (1997:425) sugeriu que o reflexo do fang (minvoul), poderia ser compatível com a protoforma virtual °-màdà. O autor ressalta ainda a pouca fiabilidade da proposta pelo fato de que o fonema \*m em posição de C<sub>1</sub> não é muito provável em protobantu. Bancel (1986:43) sugeriu uma relação dos reflexos atestados em ewondo (A72a), bulu (A74) e mweny (A75F) com a protoforma \*-pàdá (2355). Todavia, a perda da consoante labial (< \*p) em posição de C<sub>1</sub> não é regular, mas segundo o autor é possível ocorrer à perda desse fonema depois de prefixos com vogais fechadas, em raízes geralmente bem usadas foneticamente.

Referente à S<sub>2</sub>, Medjo Mvé (1997:425), exemplifica que nas línguas do grupo fang (A70) a vogal /ɛ/, depende da evolução da C<sub>2</sub> que poderia remontar a \*d.

Bancel (1986-1987:43), fortalece a relação dos substantivos atestados com protoforma \*-pàdá (2355), exemplificando que em fang (A75) [ɛ (ɛ)] corresponde regularmente, em bulu (A74) [ae] parfois [an], A72 [ie]. Segundo o autor essa alternância deixa pensar em uma possível nasalização de \*d, em posição de C<sub>2</sub>, que parece regular em certas palavras do grupo A70, por exemplo: ‘chemin \*jìdá > em fang (A75) [nzən], em bulu (A74) e em ewondo (A72) [zən].

Apesar da hipótese sugerida por Bancel (1986-1987) ser plausível, pelo menos na parte noroeste do bantu, onde o tema \*-pàdá denomina uma espécie desconhecida de gazela: ‘*Cephalophus callipygus*’/ou *Cephalophus leucogaster*? (cf. Mapa 9 :Hábitat *Cephalophus callipygus*/ Mapa 11 :Hábitat *Cephalophus leucogaster*), a origem da  $C_1 < *p$  e o padrão tonal \*A em posição de  $S_2$  são conflituosos. Sendo assim, concordamos com a proposta de tema °-màdà sugerido por Medjo Mvé (1997:425). Entretanto, essa protoforma necessita de uma análise mais aprofundada.

Sugerimos para o tema, classe nominal 3. Em ewondo (A72) o morfema (-mi) é uma variante contextual do prefixo de classe 3, diante de temas com iniciais vocálicas onde a palatal /i/ é submetida a uma regra de semivocalização, ou seja, /ñ/ > mì diante de vogal. Por exemplo: ñ + án > mí + án > myăn ‘costus’ (cf. Essono 2000: 194).

Quanto aos padrões tonais, à proposta tonal \*BB sugerida Medjo Mvé (1997:425) é plausível de acordo com os reflexos tonais das línguas da zona A (reflexos diretos do PB).

#### 1.1.6.6. O tema °-kébé (9/10) > °-kebo (cl. 3/4, 9/10)

Proposta interpretada por Mouguiama e Hombert (2006:85) baseada em reflexos oriundos de algumas línguas das zonas B. O tema denomina ‘Céphalophe à ventre blanc: *Cephalophus leucogaster*’.

B11a	mpongwe nkyèbo	9	antilope à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Raponda 1961:17/352
B11a	mpongwe nkyébb/ inkyébb	9/10	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B21	seki kyébb/ mì	3/4	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85

B305	pove	mòk'ébé/ mì	3/4	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B305	pove	-kèbe	3/4	céphalophe à ventre blanc, céphalophe du Gabon, <i>Cephalophus leucogaster</i>	Van der Veen s.d:26
B862	lwel	-keeb	9/10	antilope rouge	Khang 1979:126/136

Segundo os autores os fonemas em posição de  $C_1$  e  $C_2$  são irregulares, pelo fato de que em classe nominal 9 todas as consoantes oclusivas nestas línguas são precedidas de uma nasal prefixal. Os autores ressaltam ainda que Raponda-Walker (1934) considera que os reflexos são um empréstimo proveniente do dialeto seki (B21). No entanto, em algumas línguas da zona B (exceto em mpongwe (B11) em posição de  $C_1$  os fonemas poderiam derivar de uma consoante oclusiva velar sonora, enquanto  $*k > \emptyset$ .

Em lwel (B862) o fonema, remonta tanto a  $*k$  quanto a  $*g$ . Em posição de  $C_2$  nas línguas da zona B,  $*b < \beta$  e em mpongwe (B11)  $*b (V) > w, b$ .

Mouguiama & Hombert (2006:85) sugeriram para o tema  $V_1$  e  $V_2$  de terceiro grau de abertura. Entretanto, baseado nos dados do mpongwe (B11a) e do seki (B21) constatamos para o tema  $V_2 < *o$ . A  $V_2 /e/$  em pove (B305) justifica-se por um processo de assimilação da  $V_1$ .

Em lwel (B862), o alongamento vocálico da  $V_2$  é pertinente e a perda das vogais finais é regular (cf. reflexos do tema -°dòbò e °-pécé).

Sugerimos para o tema, classe nominal 9/10 em mpongwe (B11a) e em lwel (B862). Em seki (B21) e em pove (B305) sugerimos classe nominal 3/4.

Referente aos tons, Mouguiama e Hombert (2006), propuseram para o tema um padrão tonal inteiramente  $*AA$ , de acordo com os reflexos tonais atestados em mpongwe (B11a), em seki (B21) e em pove (B305). Raponda (1961)

sugeriu para o mpongwe (B11a) reflexos tonais BA. Os reflexos tonais sugeridos pelas fontes são confusos e pouco confiáveis. Além do mais, a língua mpongwe (B11a) perdeu a distinção entre os padrões tonais. Sendo assim, discordamos da sugestão tonal de Mouguiama e Hombert (2006). O tema segue sem um padrão tonal definido.

Atestamos no BLR uma protoforma de estrutura similar \*-kéep 1781 (3a) com o sentido de ‘être petit, être peu nombreux’. No entanto, até o presente, não constatamos um vínculo semântico evidente com o tema discutido nesta seção.

#### 1.1.6.7. O tema °-pécé (cl. 3/4)

Proposta de tema sugerido por Mouguiama e Hombert (2006:85) a partir de reflexos provenientes de línguas da zona B. Em quase todas as línguas o sentido revelado é ‘*Cephalophus leucogaster*’.

B24	wumbvu	únpèjè/ mipéjè	3/4	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B42	sangu	múpěsà/ mipěsà	3/4	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B42	sangu	mípèsè	<u>3/4</u>	antilope	Idiata 1998:179
B501	wanzi	mùpésé/ mìpésé	3/4	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B51	duma	mùpésé/ mìpésé	3/4	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B52	nzebi	mùpésé/ mìpésé	3/4	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B61	mbere	péjé (o)	<u>3</u>	type d'antilope	Ndouli s.d:82

B61	mbere	opese	<u>3</u>	antilope	Biton 1969:302
B62	lembaama	ò-pésé	<u>3</u>	espécie d'animal	Okoudowa 2005:66
B62	lembaama	òpésé/ èpésé	<u>3/4</u>	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B63	nduumo	opese/ epese	<u>3/4</u>	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B63	nduumo	opese	<u>3</u>	antilope	Adam 1969:302
B71a	tege-kali	òpésé/ épésé	<u>3/4</u>	céphalophe à ventre blanc ( <i>Cephalophus leucogaster</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:85
B71a	tege	opéré pl. epere	1/8	antilope (fauve, aux petites cornes)	Linton Pauline 2013

A C<sub>1</sub> é regular e remonta a uma consoante oclusiva bilabial surda.

Na maioria dos casos em posição de C<sub>2</sub> os fonemas derivam de uma consoante oclusiva palatal \*c. Em tege (B71a), o fonema em posição de C<sub>2</sub> sugerido por Linton Pauline (2013), uma consoante vibrante, é irregular, visto que, na língua em posição de C<sub>2</sub>, \*c > s, enquanto \*t > r.

Em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> o tema foi reconstruído com uma vogal de terceiro grau de abertura. Em quase todas as línguas identificamos o emparelhamento de classe nominal 3/4, exceto, no substantivo irregular do tege (B71a) onde constatamos o emparelhamento irregular de classe 1/8.

Quanto aos tons, os reflexos tonais na maioria das línguas da zona B, derivam de um padrão tonal exclusivo \*AA. Porém, em wumbvu (B24) e em sangu (B42) atestamos algumas divergências. Em wumbvu (B24) os reflexos tonais BB remontam a um padrão \*BA:

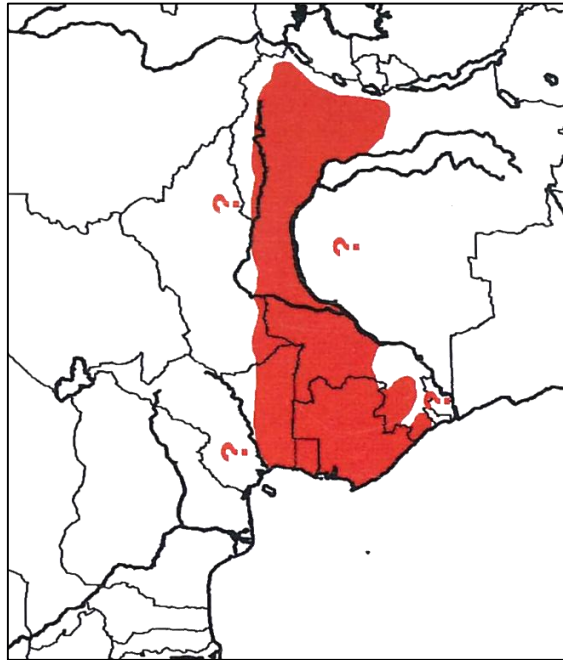
‘ŋ-gubvu’ hippopotame (Guthrie 1967-1970) < \*gùbú 1532 (1).

174

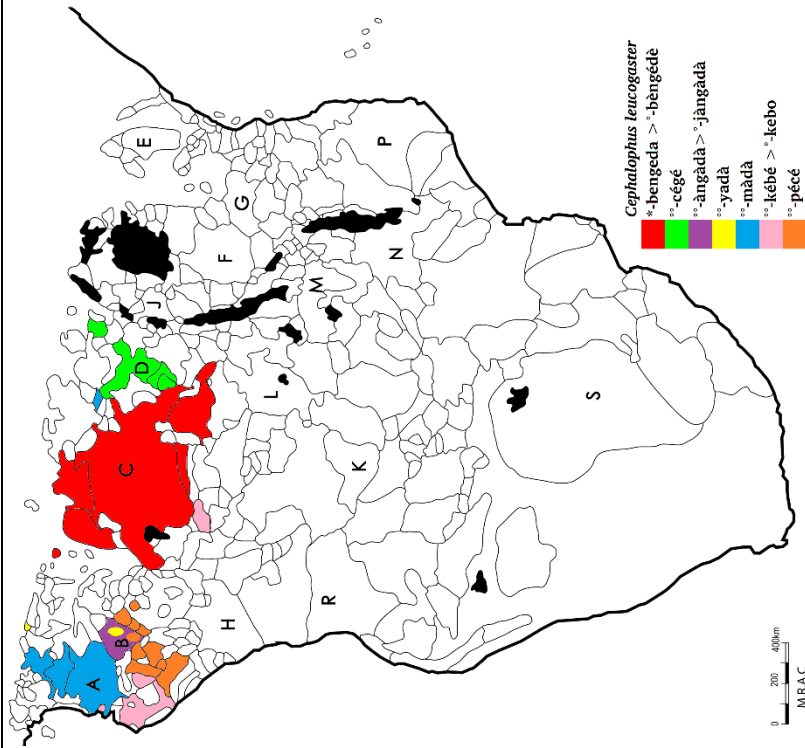
Em sangu (B42) os reflexos tonais BB < \*AA/\*AB (cf. tons do tema \*-júmbì 9132 (5).

Apesar dos reflexos tonais serem divergentes, concordamos com um tom \*A em posição de S<sub>1</sub>, exceto em wumbvu (B24) onde os reflexos derivam de um tom \*B. Em posição de S<sub>2</sub> também constatamos um tom \*A, mesmo se, em sangu (B42) os reflexos remontam também a \*B.





Mapa 11: Hábitat *Cephalophus leucogaster*



Mapa 12: Temas *Cephalophus leucogaster*

**1.1.7. *Sylvicapra grimmia***

**Descrição:** espécie de gazela caracterizada por ter as patas e as orelhas maiores que a dos outros *cephalophus* da floresta. Ao contrário do que acontece com quase todos os antílopes, as fêmeas parecem serem normalmente mais altas e mais pesadas do que os machos. Os chifres presentes apenas nos machos regulam entre 13 e 17 cm de altura. A pelagem varia de acordo com o hábitat onde eles são encontrados.

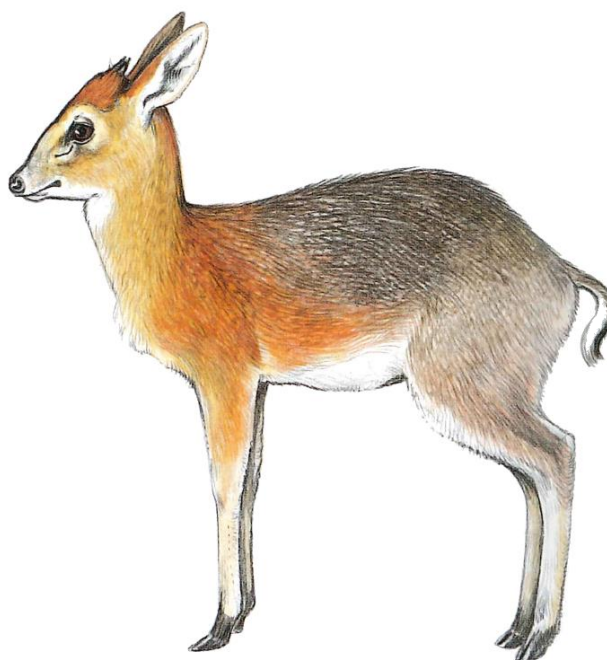


Figura 7: *Sylvicapra grimmia*

**Hábitat:** entre os *cephalophus* é o mais distribuído no continente africano. Localizados em todas as zonas de florestas esparsas, savanas e em regiões montanhosas em toda a África subsaariana.

**Países nativos:** República da África do Sul, Suazilândia, Lesoto, Namíbia, Botswana, Zimbábue, Moçambique, Zâmbia, Angola, Malauí, Tanzânia,

Burundi, Ruanda, Uganda, Quênia, Somália, Eritreia, Etiópia, Djibuti, Sudão, República Democrática do Congo, República centro africana, Chade, Congo Brazzaville, Gabão, Guiné equatorial, Camarões, Nigéria, Benin, Togo, Gana, Costa do Marfim, Libéria, Serra Leoa, Guiné Bissau, Gâmbia, Senegal, Mali, Burkina Faso, Níger, Mauritânia. (Vivian 2005:109-126).

**Literatura popular:** essa gazela aparece em fábulas quase sempre como traíçoira, porém desprovida da inteligência e astúcia de ‘tsetsi’. (cf. Falgayrettes 2010:204). No ritual de caça coletiva das comunidades yaka (H31) e suku (H32) o antílope ‘mbambi’ desempenha o papel de traíçoira em contraponto ao papel de tsetsi ‘*Philantomba monticola*’. Cf. Também a fábula: ‘*L’antilope ombambi et la tortue*’, ‘*mbambi et le champ de manioc*’. (Bourgeois 2007:304). Provérbio yaka: ‘*Mbaambi ngolo-ngolo kalweesa ku phuundza*’ (Un antilope que semble forte, n’échappe pas à la balle’ (cf. Van der Beken 1978:42).

No domínio bantu atestamos 5 (cinco) temas concorrentes para denominar a espécie de gazela em questão: \*-kíá, \*-bambi, °-caduji, °-pùtì e °-pòmbó. Entre eles, apenas duas protoformas foram reconstruídas pelo BLR (2003).

#### 1.1.7.1. Os temas \*-kíá 1823 (4) (CS. 1075) / °-cíá (cl. 9/10, 12/13)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em grupos de reflexos atestados tanto na parte ocidental quanto oriental do domínio bantu, precisamente em línguas das zonas (B E F G H J L M N P S.)

O BLR (2003) sugeriu para o tema uma consoante oclusiva velar surda, porém coloca em dúvida a origem da C<sub>1</sub> devido às ambiguidades atestadas nos reflexos atuais. Concordamos com essa problemática e dividimos os reflexos segundo as regularidades da C<sub>1</sub>.

Reflexos que < \*c, porém segundo o BLR < \*k

B75	bali	ntsa	1a/2	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
B75A	tio	ntsa	1a/2	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
B75B	teke	ntsa	1a/2	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
E55	kamba	n-θja	9/10	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
E55	kamba	nðia		duiker	Lindblom 1926:93
F22	nyamwesi	kasya	12	duiker, bush ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Swynnerton 1946:36
F22	nyamwesi	nshaá sh[ʃ]	9/10	gazelle	Maganga and Schadeberg 1992:270/295
F22	nyamwesi	ishaá/ mashaá(i-ma)	9/6	gazelle	Maganga and Schadeberg 1992:270/295
H16b	central kongo	n-sia	9/10	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
JD53	mashi	kasàà	12	sorte d'antilope	Hostens s.d:145
JD61	kinyarwanda	shá, ishá	9i/6	céphalophe	Coupez <i>et alii.</i> 2005:2149
JD62	kirundi	ishá sh[ʃ]	9/10	gazelle ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Rodegem 1970:412
JE22D	kiziba	insa	9	eine kleine antilope	Bourquin 1923:79
JE41	logooli	erj-gya	9/10	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
L31a	tshiluba	ka-ʃya	12/13	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
M63	ila	nakásha	1a	duikerantilope	Smith 1907:444

N31a	nyanja	insa (ya-za)	<u>9</u>	gazela	Missionarios 1964:138
N31c	nyanja manganja	insa	9/10	kind of antelope	Guthrie 1967-1970

Ampliamos a distribuição linguística do tema também em algumas outras línguas das zonas (B E F G H K J L M P S), assim como em línguas das zonas A D K. Identificamos que os reflexos abaixo remontam < \*c.

Em koozime (A84) o processo de labialização é irregular com os reflexos do grupo.

A84	koozime	cwia, pl. bicwia	7/8	espèce de petite antilope	Beavon & Beavon 1996:17
B602	kaning'i	tswà/bàtswà	<u>9/2</u>	céphalophe couronné de Grim ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50
B61	mbere	ntca [ntʃa]	<u>1/2</u>	antilope	Biton 1969:302
B62	lembaama	ntʃá/àntʃá	<u>1/2</u>	céphalophe couronné de grim ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50
B63	nduumo	tca [tʃa]	<u>1/2</u>	antilope	Adam 1969:302
B71a	tege-kali	ntʃá/àntʃá	<u>1/2</u>	céphalophe couronné de grim ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:50
B71a	tege	ntsă pl. antsa [ntʃa]	<u>1/2</u>	( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Linton Pauline 2013
B77b	fumu	nsa (ba)	<u>9</u>	antilope pet.	Calloc'h 1911:127
B80	ngong	ńtsa	9	céphalophe couronné ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:512
B83	mfinu	ncça	9/6	kind of antelope	Guthrie 1967-1970

B85	yans	nsa	<u>9</u>	antilope céphalophe	Nguma 1986:19
B85F	ntsong	ńtsa	<u>9</u>	( <i>Sylvicapra grimmia</i> ) Céphalophe couronné	Koni Muluwa 2009/2010:512
B85G	tsambaan	-tsa (a)	9/10	antilope	Adiate Mfum Ekong 1979:83
B86	dzing	n-tsa (ba- n)	9/2	antilope	Mertens 1939:70/131
B863	mpiin	ńtsa	<u>9</u>	Céphalophe couronné ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:512
B87	mbuun	ńsá	<u>9</u>	antilope	Mundeke 1979:30/95
B87	mbuun	ńtsa	<u>9</u>	Céphalophe couronné ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:512
D25	kilega	ása	<u>12</u>	antilope (esel)	Struck 1910:147
D28	holoholo	kasya	<u>12</u>	<i>Cephalophus grimmia</i>	Schmitz 1912:374
D54	bembe	'ásha (N) sh[ʃ]	<u>9/10</u>	gazelle	N'sanda & Kyanza 1996:183 <sup>69</sup>
E51	kikuyu	kathia th [ð]	<u>12</u>	duyker	Hinde 1904:20/21
E53	merutig	kathia	<u>12</u>	Grant's gazelle	N & P 1975

<sup>69</sup> Segundo o autor: ø [ɔ], ny [ɲ], sh [ʃ], ñ [ɲ]. O apóstrofo ['] colocado no início de algumas palavras representa a consoante oclusiva glotal. O símbolo (N) depois de alguns substantivos significam que a forma nominal de classe 9 e 10 caracteriza-se por um prefixo zero (ø) e o singular é da mesma forma. Referente aos tons, os diacríticos sobre as vogais representam: (á) tom alto, (â) tom descendente, (ã) tom ascendente e por economia tonal o tom (à) não é marcado. (N'sanda & Kyanza 1996:3-4).

E55	kamba	nthia th [e]		duyker	Hinde 1904:20/21
E55	kamba-kitu	nzia	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
E622A	kimochi	osa		antelope	N & P 1975
F12	bende	kásyă pl. (tú-)	12/13	common duiker <i>'Sylvicapra grimmia'</i>	Abe 2006:40/112
F21	sukuma	shaa		duiker, bush <i>(Sylvicapra grimmia)</i>	Swynnerton 1946:38
F23	sumbwa	nsya	<u>9</u>	Grant's gazelle; small gazelle	N & P 1975
F24	kimbu	nsya	<u>9</u>	duiker, bush <i>(Sylvicapra grimmia)</i>	Swynnerton 1946:36
F31	nilamba	nsiya	<u>9</u>	duiker, bush <i>(Sylvicapra grimmia)</i>	Swynnerton 1946:37
F31B	isanzu	nsaa	<u>9</u>	duiker, bush <i>(Sylvicapra grimmia)</i>	Swynnerton 1946:38
F33	rangi	ishiya		small gazelle	N & P 1975
G403	kimwani	íinsa pl. (=)	<u>9/10</u>	gazela	Calawia 2015 <sup>70</sup>
G42	kiswahili	kasia	12	oribi	Johnson 1950:176/378
G42d	kiunguja	nsya	<u>9</u>	duiker, bush <i>(Sylvicapra grimmia)</i>	Swynnerton 1946:34
H11	kibeembe	ñntsyá	<u>9</u>	céphalophe de grimm <i>(Sylvicapra grimmia)</i>	Maniacky 2000:153
H16	kikongo	nsa	<u>9</u>	antelope (red, as large as a goat)	Bentley 1887:10

<sup>70</sup> Comunicação pessoal.

H16	kikongo	nsá	<u>9</u>	cabra do mato	Da Silva Maia 1994:88
H16g	ntandu	nsá	<u>9</u>	duiker	Daeleman 1983:370
JD41	konzo <sup>71</sup>	sá		antilope (esel)	Struck 1910:147
JD42	kinande	ensatsa	9	antilope	Baudet 1947:123
JD61	kinyarwanda	ísha (amá) sh[ʃ]	9i	gazelle	Schumacher 1954:74
JD64	shubi	isha		small gazelle	N & P 1975
JD64	shubi	isha		grant's gazelle	N & P 1975
JE22	haya	akása/ obúsa	12/14	species of antelope	Kaji 2000:53
JE22	haya	akasa (pl.obusa)	<u>12/14</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
JE23	zinza	eensa		small gazelle	N & P 1975
JE24	kerebe	ensya		small gazelle	N & P 1975
JE24	kikerewe	kásyá	<u>12</u>	red goat	Odden & Tungaraza (s.d):41
JE404	shashi	esya		Grant's gazelle	N & P 1975
JE43	kuria -tari	igisya		Grant's gazelle	N & P 1975
K402	fwe	nsâ, pl. bà-	1a/2	klipspringer	Hilde Gunnink 2018:512
K41	totela	nsâà	<u>9</u>	duiker	Thera Crane 2010:69

<sup>71</sup> Na referência do livro konjo.



L41	kaonde	kashya (ba-kashya, tu-)	12/13	small species of antelope, the duiker	Broughall 1924:197/65
M52	lala	kashia	<u>12</u>	<i>Ourebia ourebi</i>	Biodiversité au katanga <sup>72</sup>
M54	lamba	insya	<u>9</u>	duiker	Doke 1933:40
M60	botatwe	ka-sya	<u>1a</u>	duiker	Torrend 1967:173
M61	lenje	nakasya	<u>1a/2</u>	duiker	Torrend 1967:173
M61	lenje	nákásha, bánákásha	<u>1a/2</u>	duieker (?)	Kagaya 1987:72
M63	ila	nakasya	<u>1a/2</u>	duiker	Torrend 1967:173
M63	ila	nakasha pl. (ba-)	<u>1a/2</u>	duiker	Smith 1907:262
M63	ila	kanga-nakasha		duiker (dim.)	Smith 1907:262
M64	tonga	mu-sya	<u>1/2</u>	duiker	Torrend 1967:173
M64	tonga	ín-syá	9/10	duiker	Carter 1962:84
M64	tonga	nakasya	<u>1a/2</u>	duiker	Torrend 1967:173
M64	tonga	namusya	1a/2	duiker	Torrend 1967:173
S30	sotho	ntsa pl. li-	9	duikerantilope	Edemann 1911:324

Identificamos alguns casos de reflexos ambíguos. À exceção dos reflexos atestados em pare (G22), todos os outros reflexos são sugestões do BLR (2003), e remontam a \*k. Todavia, reagrupamos esses substantivos como os

<sup>72</sup> Cf. *site online*: <http://www.bakasbl.org/en/>

reflexos ambíguos, pois identificamos que eles remontam tanto a \*k quanto de °-c.

G22	pare	shaa pl. (ma-) sh[[j]	<u>9/6</u>	gazelle	Kagaya 1989:98
G31	zigula	sa	9/10	kind of antelope	Kisbey 1906:61
JD66	kiha	inshá	<u>9</u>	impala	Nakagawa 1992:20
JE11	runyoro	é:nsâ	9/10	grysbok, oribi	Kaji 2015:36
JE11	runyoro	e-nsa	9/10	brown duiker	Davis 1938:131
JE12	rutooro	é:nsa	9/10	grysbok, oribi	Kaji 2007:31
JE13	runyankore	ensa LL	<u>9</u>	brown duiker(s)	Taylor 1959
JE14	rukiga	ensa LL	<u>9</u>	brown duiker(s)	Taylor 1959
L31a	tshiluba	kasha	12	antilope	Gabriel 1925:13
L32	kanyòk	kash' pl. /tush'/	12/13	espèce d'antilope naine	Mukash 2012:405 <sup>73</sup>
L33	kiluba	nsya (ban-) [n]a]	9/2 + 9	duiker, schimelbok	Gillis 1981:24
L33	kiluba	n-]yà, ban-	1a/2	antilope ( <i>Cephalophus sylvicapra grimmii- altifrons</i> )	Van Avermaet & Benoît Mbuyà 1954

<sup>73</sup> Em kanyok (L32), de acordo com o sistema fonético adotado pelo autor, o traço vertical (apóstrofo) ['] atestado em posição final de algumas palavras marca a falha tonal, ou seja, o abaixamento do tom alto depois de um tom baixo flutuante. (cf. Mukash 2012:iii).

L33	kiluba	ka-fyà, tu-	12/13	antilope duiker plus petite que la nshia	Van Avermaet & Benoît 1954:598
L35	kisanga	shyă (kashyă, tushyă)	12/13	antilope céphalophe <i>Sylvicapra</i>	Coupez 1976:190
L62	nkoya	lúsha, balúsha	11/2 + 11	duiker	Yukawa 1987:23
L62	nkoya	lusha	<u>11</u>	<i>Sylvicapra grimmia</i>	Ansell 1978:57
L62	nkoya	lúsha (I), balúsha (IX)	<u>11/2 + 11</u>	kinds of antelope (duiker)	Yukawa 1987:23
M12	kirungwa	akasya	<u>12</u>	small gazelle	N & P 1975
M31	nyakyusa	akasya	<u>12</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
M31A	nyakyusa	ikikolo kya kinyamaana ikikifwene bo akasya		antelope (generic)	Felberg 1996:140
M31A	nyakyusa	akasya	12	type of small antelope	Felberg 1996:5
M41	kitabwa	nkasya	<u>9</u>	antilope <i>Cephalophus grimmia</i>	Van Acker 1907:84
M42	icibemba	nsha		duiker	The White father's 1954:552
N41	chinsenga	insya	9/10	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
N41	chinsenga	insha		<i>Sylvicapra grimmia</i>	Ansell 1978:57
P21	ciyao	sia	9/10	kind of antelope	Guthrie 1967-1970

P21	ciyao	siya LH		Ngunga 2001
S21	tshivenda	nntsà [tʃh] [nntsá]	9/10 duiker <i>Sylvicapra grimmia</i>	Van Warmelo 1937:202/331
S62	gitonga	yisya pl. džisya	9/10 antilopenart (duiker)	Van Warmelo 1931:46

Do ponto de vista semântico na maioria das línguas o tema denomina a espécie de gazela *Sylvicapra Grimmia*. Porém, identificamos alguns problemas de polissemia e/ou erro de identificação.

Em koonzime (A84) segundo descrição do autor o substantivo denomina ‘espèce de petite antilope; ‘lièvre’ dans le langage courant’. (cf. Beavon, 1997). Em runyoro (JE11), em rutooro (JE12) o tema denomina ‘oribi’. Em fwe (K402) o tema denomina gazela ‘klipspringer’. Em lala (M52) o tema denomina *Ourebia ourebi*. Em kiswahili (G42), segundo fontes diferentes, o tema denomina ‘*Sylvicapra grimmia*’ mas também ‘oribi’.

Em ciyao (P21) o tema denomina ‘Sharp’s antelope’. Em kiha (JD66) o sentido atestado é ‘impala’. A gazela ‘*Sylvicapra grimmia*’ e conhecida popularmente também como ‘cabra do mato’, o que talvez justifique o sentido revelado em kikongo (H16) cujo tema denomina ‘antelope red as large as goat’ e em kikerewe (JE24) ‘red goat’. Em kisanga (L35) segundo descrição do autor o tema denomina ‘*espèce de cephalophus de la taille d’une chèvre*’.

Em kinande (JD42) identificamos um caso isolado de reduplicação total do tema, mas que estabelece um vínculo com a protoforma \*-kiá. Na língua ewondo (A72a) atestamos um tema composto, sem mudanças semânticas.

Quanto à regularidade dos segmentos, a proposta de uma consoante palatal em posição de C<sub>1</sub>, foi também discutida por outros autores.

Mouguiama e Hombert (2006:50), por exemplo, propuseram uma forma (°-ca), baseado nos dados atestados em lembaama (B62), em kanning (B602) e em teke (B71a). Koni Muluwa (2009/2010:512) propôs uma forma similar

(°N-ca), baseado em reflexos atestados sobretudo nas línguas da zona B, em nsong (B85F), em ngong (B80), mpiin (B863), mbuun (B87). As propostas dos autores justificam-se pelo fato de que nestas línguas o processo de espirantização nem sempre é produtivo, e os reflexos derivam de \*c, \*nc > s.

Em um grande número de línguas os fonemas em posição de C<sub>1</sub> originam-se de uma consoante oclusiva palatal \*c/\*N + c, enquanto em outras, os reflexos são ambíguos e remontam tanto a \*k quanto a \*c, se considerarmos o processo de espirantização bem regular em algumas línguas. Apesar de colocarmos em evidência uma distribuição linguística bem mais ampla, identificamos os mesmos problemas de regularidade.

Concordamos com Mouguiama e Hombert (2006) que propuseram em posição de C<sub>1</sub> < \*c, visto que, nem sempre o processo de espirantização é produtivo. Todavia, atestamos alguns exemplos interessantes, por exemplo:

Nas línguas do grupo D20, como, por exemplo, em kilega (D25) holoholo (D28) o fonema /s/ em posição de C<sub>1</sub> remonta a \*c, mas poderia remontar também a \*t se consideramos o processo de espirantização \*t > t (i) > s, enquanto \*k > k.

Em loogoli (JE41) a consoante oclusiva velar sonora atestada na C<sub>1</sub> é regular e provém de \*k (\*k > k (-C<sub>v</sub>) > g).

A forma ‘mya’ sugerida por Swynnerton para a língua nyaturu-cahi (F32) é certamente um erro de transcrição fonética do autor. Pois, na língua em classe 9 esperávamos os fonemas /ŋk/ ou /ŋχ/.

---

F32	nyaturu	mya	duiker, bush ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Swynnerton
				1946:37

---

Em bembe (D54) o fonema /s/ remonta a \*c apenas do ponto de vista fonológico, pois na língua \*c, \*nc > s, enquanto \*k > ∅. Em zigula (G31) a

origem da consoante fricativa alveolar surda /s/ remonta a \*nj > s, enquanto na língua vizinha, em kwere (G32), \*k (j) > s, \*t (j) > s e \*c, \*nc > s.

Nas línguas do grupo G40, atestamos o processo regular de espirantização das consoantes \*c, \*t, \*k diante de vogal de primeiro grau (\*c, \*t, \*k > s (j) > ʃ).

Nas línguas do grupo L30, o fonema /ʃ/ remonta tanto a \*k quanto a \*c diante de vogal de primeiro grau.

Em kaonde (L41) /ʃ/ remonta a \*t, \*k diante de vogal alta, enquanto \*c, \*nc > s.

Em nkoya (L62) /ʃ/ remonta a \*t, \*k, \*c, \*nc (j) > ʃ. Em haya (JE22) o fonema /s/ remonta a \*c apenas do ponto de vista fonológico, uma vez que, na língua \*c > ʃ.

Na língua lenje (M61) o fonema /s/ pode remontar tanto a \*c quanto a \*j, assim como \*nc, \*nj > (n)s.

Em kamba-kitu (E55), contrariamente ao dialeto de Machakos onde \*nc > nǝ em kamba-kitu \*nc > nz.

Apesar dos problemas de regularidade em posição de C<sub>1</sub>, colocamos em evidência duas formas que apresentam osculâncias \*-kíá/°-cíá, mesmo se, até o momento a origem/evolução diacrônica da C<sub>1</sub> continua problemática.

Concordamos com o BLR (2003) que propôs para o tema uma V<sub>11</sub> de primeiro grau de abertura, que se justifica pelo processo de espirantização da C<sub>1</sub> nas línguas onde o processo é produtivo.

Em koonzime (A84) e em kaning'i (B602) atestamos o processo de labialização da C<sub>1</sub>.

Em posição de V<sub>12</sub> o tema foi reconstruído como uma vogal central não arredondada. Em kanyòk (L32) a perda da vogal final é regular.

O BLR (2003) propôs para o tema emparelhamento de classe nominal 9/10. Confirmamos o emparelhamento, contudo atestamos outras classes nominais sem no entanto, acarretar mudanças semânticas, por exemplo, classe 7/8 em koonzime (A84), classe 1/2 nas línguas do grupo B70, classe 1n/12 em icibemba (M42) e classe 1a/2 em fwe (K402).

Atestamos em um grande número de línguas a classe 12, com função diminutiva, por exemplo: em holoholo (D28), em kikuyu (E51), em merutig (E53), em kiswahili (G42), em mashi (JD53), em kikerewe (JE24), em tshiluba (L31a), em kanyòk (L32), em kisanga (L35), em kaonde (L41), em nyakyusa (M31a), em icibemba (M42) e nas línguas do grupo botatwe (M60).

Atestamos classe 11/2 + 11 em nkoya (L62). Em haya (JE22) atestamos o emparelhamento irregular de classe 12/14. Em lenje (M61) classe 1a/2 e classe 9. Em kiluba (L33) atestamos os emparelhamentos de classe 9/2 + 9, mas também classe 1a/2 e classe 12 (com função diminutiva). Em pare (G22) identificamos o emparelhamento de classe 9/6.

Nas línguas do grupo (M60) atestamos outros casos da combinação do morfema (na-) anteposto aos prefixos de classes (cf. Explicação nos reflexos do tema °-tùngù).

Quanto aos padrões tonais, o BLR (2003) sugeriu um padrão \*AA, porém, coloca em dúvida a proposta tonal. Os dados confirmaram os problemas tonais nas línguas. Atestamos que os reflexos tonais não remontam ao mesmo padrão tonal do PB, e nem sempre são exclusivos. Vejamos:

Em runyankore (JE13) os reflexos tonais BB (diante de pausa) remontam a um padrão \*BA mas também a \*AA:

‘en-gahi’ LLL paddle (s) (Taylor 1959) < \*kápí 1725 (1)

‘en-jubu’ LLL hippo (s) (Taylor 1959) < \*gùbú 1532 (1)

Em ciyao (P21) os reflexos tonais BA remonta a um padrão tonal \*BA:

‘mwaalí’ fille (Philippson 1991:437) < \*-jàdí 3158 (3)

Em tshivenda (S21) o reflexo tonal da S<sub>1</sub> remonta a um tom \*A:

‘tsímbá’ genet (Van Warmelo 1937:330) < \*címhá 613 (1)

‘mbúdzí’ goat (Van Warmelo 1937:331) < \*búdi 303 (1)

Em kibeembe (H11a) reflexos tonais remontam a um padrão tonal \*BA

‘ṅngufú’ hippopotamus (Maniacky 2000:156) < \*gùbú 1532 (1)

‘ṅ<sup>n</sup>gaa<sup>n</sup>dú’ crocodile du Nil (Maniacky 2000:154) < \*gàndú 1326 (1)

Devido às divergências tonais atestadas, o padrão \*AA proposto pelo BLR (2003) segue problemático e com pouca fiabilidade. Confirmamos apenas o tom \*A em posição de S<sub>2</sub>.

No BLR (2003) identificamos uma proposta de reconstrução de estrutura similar \*-gíá (1392), com o sentido ‘espécie de antílope’, porém, o tema foi recusado. Conferir os reflexos do tema abaixo:

F21	sukuma	nja	ḡ	reedbuck ( <i>Redunca redunca</i> )	Swynnerton 1946:38
F21	sukuma	hɕa < *gíá	9/10	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
F22	nyamwesi	nja	ḡ	Grant's gazelle	N & P 1975
F31B	isanzu	njaa	ḡ	reedbuck ( <i>Redunca redunca</i> )	Swynnerton 1946:38
F31B	isanzu	muja		hartebeest, Coke's ( <i>Alcelaphus buselaphus</i> )	Swynnerton 1946:38



K42	subiya	unjá		kudu	S. Passarge 1905:715
K42	subiya	inyá		Litschi-antilope	S. Passarge 1905:715
L41	kaonde	nja		<i>Kobus anelli</i>	Biodiversité au katanga
M15	mambwe	nja	<u>9</u>	the Lechwe	Halemba 1995
M42	icibemba	inja	<u>9</u>	black lechwe ( <i>Kobus smithemani</i> )	Frank Willems 2011
M42	icibemba	ín-já < *gíá	9/10	lechwe antilope	Guthrie & Mann 1995.:29
M52	lala	ngia		<i>Kobus leche</i>	Biodiversité au Katanga
M54	lamba	inja		<i>Kobus leche</i>	Biodiversité au Katanga
M60	botatwe	nanja	<u>1a/2</u>	lechwe cob	Torrend 1967:330
M61	lenje	nanja, bananja	1a/2	waterbuck?	Kagaya 1987:72
M63	ila	nainja, pl. (ba-)	<u>1a/2</u>	lechwe	Smith 1907:262
M63	ila	kanga- nainja		lechwe (dim. )	Smith 1907:262
M64	tonga	nyanja		lechwe cob	Torrend 1967:330
M64	tonga	nanja (bananja)	<u>1/2</u>	a species of antelope	Hopgood 1953:193
R41	yeyi	u-ngya pl. (wa-)	1b/2	leche (spec. animal)	Lukusa 2002:138
R41	yeyi	unyá		litschi-antilope	S. Passarge 1905:714

S33	southern sotho	lets'a < *gíá	11/6	kind of antelope	Guthrie 1967-1970/ Edemann 1911:600
-----	-------------------	---------------	------	------------------	--

Um vínculo formal entre os reflexos revelados acima e a protoforma \*kíá é problemático. A C<sub>1</sub> dos reflexos não remonta a \*k. Guthrie (1967-1970), sugeriu uma consoante velar sonora (com retenção o prefixo de classe 9), devido ao reflexo atestado em icibemba (M42), onde é regular \*ng > ng (i) > ndz. No entanto, não atestamos essa regularidade nas outras línguas do grupo. Na maioria das línguas os fonemas parecem remontar a uma consoante oclusiva palatal \*j, às vezes, com retenção do prefixo de classe 9. Os reflexos do tema apresentam também problemas semânticos em relação aos sentidos atestados para o tema \*-kíá. Devido esses problemas os reflexos do tema \*-gíá (1392 seguem isolados para análises futuras.

#### 1.1.7.2. O tema \*-bambu<sup>74</sup> 8336 (5) > °-bàmbì (cl. 9/10)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003), baseado em reflexos atestados, majoritariamente, na parte ocidental do bantu em algumas línguas das zonas (H K R).

H16	kikongo	mbàmbi	<u>9</u>	petite antilope gazelle	Laman 1936
-----	---------	--------	----------	----------------------------	------------

<sup>74</sup> Nome de origem africana adotado como nome comum nas línguas europeias. Os reflexos do tema têm uma vasta distribuição linguística na região de Angola. A palavra origina-se provavelmente do kimbundu (H21), e através dessa língua difundiu-se também no português do Brasil com o sentido de 'veado, gazela' (cf. Daeleman 1980:108). Por um processo de extensão semântica (pejorativa) o tema denomina também os 'homossexuais', provavelmente devido à correlação entre as características afeminadas de certos homossexuais e a maneira lenta e sutil de andar das gazelas. O tema é dicionarizado também no 'Glossário de Bantuísmos Brasileiros presumidos' (cf. De Lima Vitor Angenot, Angenot e Maniacky 2013: 24).

H16g	ntandu	mbaambi	<u>9</u>	duiker	Daeleman 1983:377
K33	rukwangali	mbambi, va-	9	duiker	Crabb 1962:115
R11	umbundu	ombambi	9	antílope (cabra-do-mato)	Le Guennec & Valente 1972:45
R11	umbundu (nano)	o-mbambi	9	duiker	Crabb 1962:115
R111	bailundu	oka-mbambi		duiker	Crabb 1962:115
R13	nyaneca	ombambi	9	antílope ( <i>Cephalophus Grimmi</i> )	Da Silva 1966:40
R13	nyaneka	o-mbambi ono-	9	duiker	Crabb 1962:115
R13	nyaneca	ombambiona	9	crias de antílopes pequenos	Da Silva 1966:40
R13	nyaneca	okambambiona		crias de antílopes pequenos	Da Silva 1966:40
R14	khumbi	ombámbi pl. ono-	9/10	duiker	Westphal 1961:55
R21	kwanyama	ombabi LL	9/10	duiker antelope, <i>Sylvicapra grimmia</i>	Halme 2004:266
R22	oshindonga	ombambi (oo-)	9/10	duiker (buck)	Viljoen & Namuandi 1984: 75/25

R22	oshindonga	ombambí/ oombámbi <sup>75</sup>	9/10	duiker	Fivaz 1986:43
R30	otjiherero	o-mbambi oꝛo ꝛ [z]	9	duiker	Crabb 1962:115

A pesquisa atualizou a distribuição do tema em outras línguas das zonas H K R, como também ampliou o tema em outras línguas das zonas (B M L).

B85F	ntsong	mbáám	9/10	antilope	Iliku, Mimpia Dibata 1979:108
B86	dzing	m-bjam (ba- m) <sup>76</sup>	<u>9/2 + 9</u>	antilope de la brousse	Mertens 1939:51/131
H10A	kituba	mbàmbi, pl. (ba-)	9/2	antilope	Fehderau 1992:136/291
H21a	kimbundu	mbambi	<u>9</u>	gazela; cabra	Da Silva Maia 1994:322
H31	kiyaka	mbáámí	1a	antilope (en brousse)	Ruttenberg 2000:341
H41	mbala	-baambi	<u>9</u>	antilope	Malasi & Ndolo 1972:2
H41	mbala	mbaámbi pl. ammbaámbi	<u>9</u>	antilope de brousse	Mudindaambi 1981:719
K12b	ngangela	mbáámí	9/10	antilope ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Maniacky 2002:351
K14	luvale	mbambi	<u>9</u>	duiker	Anonyme (Horton, A. E.?) 1978:48

<sup>75</sup> Segundo autor na língua oshindonga (R22): 'Note the following tone changes singular/plural'. (cf. Fivaz 1986:43).

<sup>76</sup> Segundo o autor a forma provém do kikongo. O fonema /bj/ descreve-se em dzing (B86) como uma consoante oclusiva palatalizada. (cf. Mertens 1939:14).

K33	rukwangali	mbambi pl. (no-)	9/10	common duiker ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Kloppers 1994:82/164
K331/2	rumanyo	mbámbi	9/10	duiker common ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Möhlig <i>et alii</i> 2005:146/327
K34	sikwamashi	mbambi	<u>9</u>	antelope duiker	O'sullivan 1985:1/32
K352	mwenyi	(o)mbámbi, (á)ambámbi	1/2	kinds of antelope (duiker)	Yukawa 1987:21
L11	giphende	mbambi pl. (zi-) LL	<u>9/10</u>	antelope (sp.)	Gusimana 1972:109
L12	kiholu	mbáámbi	9/10	petite antelope, de brousse	Daeleman 2003:46/62
M64	tonga	im-baambi	<u>9</u>	duiker	Torrend 1967:173
M64	tonga	mbambi	<u>9</u>	<i>Sylvicapra grimmia</i>	Ansell 1978:57
R104	mussele	o-mbambi/olo	<u>9</u>	duiker	Crabb 1962

Quanto à semântica do tema, no BLR (2003) o substantivo limita-se a designar espécie de *Cephalophus*. Baseado na maioria dos sentidos revelados nas línguas, identificamos que o tema denomina a espécie de gazela '*Sylvicapra grimmia*'.

Em ngangela (K12b), rumanyo (K331/2), em giphende (L11), nyaneca (R13) identificamos casos de formas compostas, sem mudanças semânticas.

K12b	ngangela	mu- vanda	mbambi	cabra	Baião, 1939:176
------	----------	-----------	--------	-------	-----------------

K331/2	rumanyo	ndûmevambi	duiker ram (duiker plonger)	Möhlig et alii, 2005: 174/327
L11	giphende	tumba wa mbambi	jeune antilope	Gusimana, 1972:141

Em posição de  $C_1$  os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora. Em algumas línguas a  $C_1$  é resultado da combinação da (N-), prefixo de classe 9/10 com o fonema \*b.

Em dzing (B86) atestamos o processo de palatalização da consoante oclusiva bilabial sonora. Em posição de  $C_2$  os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*mb. Em dzing (B86) e em ntsong  $C_2$  \*mb > m.

Em kwanyama (R21) atestamos o processo regular de desprenasalização da  $C_2$ , que se justifica pela Regra de kwanyama<sup>77</sup>.

A  $V_1$  realiza-se em todos os casos como uma vogal central não arredondada.

A  $V_2$  foi reconstruída como uma vogal de segundo grau. Em zing (B86) e em ntsong (B85F) a perda das vogais finais são regulares. Em ntanu (H16g), em mbala (H41) e em kiholu (L12) o alongamento vocálico é pertinente, porém nos substantivos atestados o alongamento justifica-se pelo contexto NC, assim como, em kiyaka (H31) e em ngangela (K12b).

O BLR propôs para o tema um emparelhamento de classe nominal 9. Identificamos que o plural de classe 10 é mais recorrente, sendo assim, sugerimos o emparelhamento de classe 9/10. Contudo, atestamos também o

<sup>77</sup> Regra condicionada diante de um complexo nasal sonoro /mb, nd, nj/ que é reduzido a uma consoante sonora /b, d, j/, se a sílaba precedente contém um complexo sonoro. É, portanto, a perda da nasal do segundo complexo nasal. A regra não se aplica quando o segundo complexo nasal é \*ng. A regra é o contrário da 'Regra de Meinhof'. (cf. Stappers s.d. p. 28). Por exemplo, em kwanyama (R21) 'gòbé pl (=) 'boeuf (Zavoni Ntongo 1991:166) < \*gòmbè 1434 (1).

emparelhamento de classe nominal 1/2 em mwenyi (K352) e classe 1a em kiyaka (H31).

No BLR (2003) o tema foi reconstruído sem uma proposta tonal. Contudo, segundo os reflexos tonais atestamos os seguintes resultados:

Em ngangela (K12b) os reflexos tonais remontam a um padrão tonal \*BB:

‘ɲgóómbe’ cl. 9 ‘bovin’ (Maniacky 2002:353) < \*gòmbè 1434 (1)

Em mwenyi (K352) os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*BA:

‘(o)ngáandu’ crocodile (Yukawa 1987:23) < \*gàndú 1326 (1)

Em giphende (L11) os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal \*BB:

‘wevu’ barbe (Koni Muluwa e Bostoen 2015:59) < \*dèdù 897 (1)

Em kiholu (L12) os reflexos tonais podem remontar também a um padrão \*BB:

‘móóma’ cl. 9/10 ‘python’ (Daeleman 2003:54) < \*bòmà 261 (1)

Em khumbi (R14) os reflexos tonais AB não são exclusivos e remontam tanto a um padrão \*BB quanto \*AA:

‘ongánga’ doctor (Westphal 1961:54) < \*gàngà 1332 (1)

‘ongóma’ cl. 9/10 ‘drum’ (Westphal 1961:54) < \*gòmà

‘ofímba’ civet (Westphal 1961:55) < \*cimbá 613 (1)

Em kwanyama (R21) os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal \*BB, por exemplo:

‘ongobe’ head of cattle (Halme 2004: 278) < \*gòmbè 1434 (1).

‘ondjala’ LL hunger (Halme 2004:276) < \*jàdà 1555 (1)

Baseado nos resultados tonais sugerimos para o tema em posição de S<sub>1</sub> um padrão tonal \*B. Em posição de S<sub>2</sub> sugerimos também um padrão \*B, mesmo se, em algumas línguas como, por exemplo, em mwenyi (K352) e em khumbi (R14), os reflexos não remontam a um padrão tonal exclusivo.

### 1.1.7.3. O tema °-cadoju cl. 7

Proposta de tema baseado apenas em algumas línguas da zona G. O tema denomina ‘*Sylvicapra grimmia*’.

G11	gogo	haluzi		duiker, bush ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Swynnerton 1946:35
G24	pangwa	nyaluchi		Grant's gazelle	N & P 1975
G61	sango	nhyaluji		duiker, bush ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Swynnerton 1946:35
G62	kihehe	kiháluzi	<u>Z</u>	duiker, bush ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Swynnerton 1946:35
G62	kihehe	nyalutzi		duiker, bush ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Swynnerton 1946:35
G62	kihehe	inyaalusi		Grant's gazelle	N & P 1975
G62	kihehe	ikiha:lusi		small gazelle	N & P 1975
G65	kinga	nyalutsi		small gazelle	N & P 1975
G66	wanji	halusi		small gazelle	N & P 1975

Em posição de C<sub>1</sub>, em gogo (G11), assim como nas outras línguas do grupo G60, é regular (\*c, \*N + c > h/ny).

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam \*d.



A origem da C<sub>3</sub> é problemática e poderia remontar tanto a \*d, \*g ou \*k, se considerarmos o processo produtivo de espirantização nas línguas do grupo G (cf. Schadeberg 1995:83), quanto a \*j, sem espirantização. Porém, em kinga (G65) o fonema /ts/ remonta unicamente a \*j e é regular nas outras línguas, sendo assim, sugerimos em posição de C<sub>3</sub>, uma consoante palatal \*j.

Quanto as vogais, em posição de V<sub>1</sub> sugerimos uma vogal central não arredondada.

Em posição de V<sub>2</sub> sugerimos para o tema uma vogal de segundo grau de abertura, visto que, não atestamos a espirantização de \*d em posição de C<sub>2</sub>, nas línguas onde esse processo é produtivo como, por exemplo, em kinga (G65).

A origem da V<sub>3</sub> é também problemática, uma vez que, se considerássemos o processo de espirantização a V<sub>3</sub> seria de primeiro grau, do contrário uma vogal de segundo seria mais plausível. Apesar do processo de espirantização ser regular nas línguas, sugerimos ao tema uma vogal de segundo grau visto que nas línguas \*j > z, s, ts, independente da abertura das vogais.

Em kihehe (G62) o alongamento vocálico é pertinente (cf. Guthrie 1967-1970 vl. 1: 68).

Devido à ausência de notações tonais o tema segue sem um padrão tonal definido. A proposta segue sem uma boa fiabilidade, visto que, os dados são apenas em algumas línguas da zona G. Além do mais, os dados são provenientes de fontes zoológicas ou das fontes N & P (1975), onde as transcrições fonéticas são duvidosas, o que dificulta propor uma reconstrução confiável. Até o momento não atestamos o tema em outras fontes. O tema continua problemático quanto à origem diacrônica da C<sub>3</sub> e da V<sub>3</sub>.

## 1.1.7.4. O tema °-pòtì (cl. 9/10, 12)

Os reflexos do tema são atestados em silozi (K21) e majoritariamente, nas línguas das zonas S.

K21	silozi	-puti pl. (li-)	9/10	antelope (duiker)	O'sullivan 1993:10
K21	silozi	kaputi	<u>12</u>	<i>Sylvicapra grimmia</i>	Ansell 1978:57
S30	sotho	phuthi	<u>9</u>	<i>Philantomba monticola</i>	Wilson 2005:221
S30	sotho	se-phuli pl. li- (= phuti)		duiker	Edemann 1911:402
S31	setswana	phôti LL	9	duiker, common	Cole 1995:59
S31	setswana	photsana		duiker dim.	Cole 1955:108
S31a	ngwaketse	photi LL	9	duiker, common	Cole 1995:59
S31a	rolong	photi LL	9	duiker, common	Cole 1995:59
S31b	kgatha	phôti LL	9	duiker, common	Cole 1995:59
S31c	ngwato	photi LL	9	duiker, common	Cole 1995:59
S31c	setswana	phothi LL	9	duiker, common	Cole 1995:59
S31	lete	photintsha		duiker	Cole 1995:48
S31c	setswana	phôtitshane LLHH	9	duiker, common	Cole 1995:59
S31c	setswana	phothintsha LLLH	9	duiker, common	Cole 1995:59
S31E	thlaro	phothi LL	9	duiker, common	Cole 1995:59
S31E	thlaro	phothintsha LLLH	9	duiker, common	Cole 1995:59

S31E	thlaro	phôtitshane	LLHH	9	duiker, common	Cole 1995:59
S41	isixhosa	iphuthi		<u>9</u>	<i>Philantomba monticola</i>	Wilson 2005:221
S53	tsonga	mhùti		<u>9</u>	duiker ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Cuenod 1976:105
S61	cicopi	-mhuti (ø-, ti-)		9/10	gazela	Dos Santos 1949:64/176

Em silozi (K21), nos dialetos do grupo setswana (S31), em tsonga (S53) e em xironga (S54) o tema denomina a espécie de ‘duiker, common’ (nome popular utilizado para denominar ‘*Sylvicapra grimmia*’). Mas em sotho (S30) e em isixhosa (S41) o tema apresenta mudança semântica e denomina ‘blue duiker: *Philantomba monticola*’.

De acordo com os habitats das espécies em questão, e o sentido revelado na maioria das línguas, sugerimos para o tema o sentido ‘*Sylvicapra grimmia*’. As mudanças semânticas justificam-se pelo fato de que ambas as espécies de antílopes são de tamanho pequeno.

Nos dialetos do setswana, em (lete, ngwaketse, tlharo, kgatla), atestamos substantivos compostos que fazem parte de um tipo de categorização local e denomina a ‘fêmea de duiker’, que possui características particulares, por exemplo: o substantivo ‘phothinsha’ designa ‘duiker fêmea com chifres’ e o substantivo ‘phôtitshane’ designa ‘duiker muito feroz que enfrenta cães’ (Cole 1955:48)<sup>78</sup>.

Em silozi (K21) o substantivo, remonta a uma consoante oclusiva bilabial surda apenas do ponto de vista fonológico, visto que, na língua \*p > /h/. Isso nos permite pensar em um possível empréstimo a partir das línguas do grupo

<sup>78</sup> Tradução do inglês para o português, sugerida por de Lima Santiago. (cf. Cole 1955:48)

sotho (S30). A  $C_1$  em sotho (S30) e em setswana (S31) é regular e remonta a  $*N + p > ph$ , enquanto em posição inicial  $*p > f$ .

Quanto à regularidade da  $C_2$ , em silozi (K21) atestados reflexos diretos de  $*t$ . Mas em sotho (S30) e setswana (S31) a  $C_2$  remonta apenas fonologicamente a consoante oclusiva alveolar surda, uma vez que nestas línguas a  $*t > r$ . Em setswana (S31) os fonemas /t/ e /th/ em posição de  $C_2$  são meramente variantes dialetais. Os substantivos atestados em sotho (S30) e em isixhosa (S41) são provenientes de fontes zoológicas, por isso, a realização fonética do fonema /th/ segue conflituosa.

Propomos para o tema uma  $V_1$  de segundo grau de abertura, pelo fato dos reflexos apresentarem oposição entre /u/ e /o/ nas línguas de 5 e 7 vogais, e também pelo fato que não atestamos o processo de espirantização nos reflexos.

Propomos ao tema uma  $V_2$  também de segundo grau de abertura, pois não atestamos o processo de espirantização que é regular nas línguas de 5 vogais como, por exemplo em cicopi (S61).

Sugerimos para esse tema o emparelhamento de classe nominal habitual 9/10. Em setswana (S31), devido à ausência dos prefixos de cl. 12/13, a língua forma o diminutivo geralmente pelo acréscimo do sufixo 'nyana' ao radical. Entretanto, o substantivo 'photsana' 'duiker dim' < photi 'duiker' foge à regra, e forma o diminutivo pelo processo de palatalização das consoantes alveolares /t, d, r, l/ diante de /i, e, ε/, ou seja, ( $t > ts, tʃ$ ) mais o acréscimo do sufixo 'ana'. (cf. Cole 1955: 108).

Baseado nos reflexos tonais atestados em setswana (S31) propomos para esse tema um padrão inteiramente  $*BB > BB$ :

'bobê LL 'spider' (Cole 1995: 187) < \*bùbì 290 (1)

A pesquisa coloca em visibilidade uma forma variante, cujos reflexos remontam a protoforma (<°-puntu), visto que a C<sub>2</sub> remonta a \*nt. Os reflexos do sotho (S30) e do setswana (S31) discutido anteriormente aproximam-se dessa reconstrução, uma vez que, nestas línguas em posição de C<sub>2</sub> t<sup>(h)</sup> < \*nt.

S53	xichangana	mhùntì, cl. (yi-ti)	9/10	gazela	Sitoe 1996:118
S53	tsonga	mhùntì	<u>9</u>	duiker, buck antelope <i>Sylvicapra grimmia</i>	Cuénod 1976:105
S54	xironga	mhunti (yi-ti)	9/10	gazela, cabrito selvagem	Quintão 1951:48/135
S54	ronga	mhunti (yi-ti)	<u>9</u>	certo antílope, cabrito do mato	Sitoe & Langa 2008:148

Em tsonga (S53) o mesmo autor propôs dois substantivos similares ‘mhùntì/mhùtì’ sem mudança semântica e de classes nominais. Isso nos faz pensar em uma possível variante dialetal, que se difere apenas quanto à origem da C<sub>2</sub>.

Evidenciamos também um tema similar °-pítí atestado em línguas das zonas H S para denominar uma espécie de ‘gazela de floresta’ (cf. capítulo 2, subitem 2.1.16. ). No entanto, os reflexos apresentam problemas de irregularidades em relação ao tema discutido neste subitem. Apesar dessas divergências, acreditamos em um vínculo segmental entre eles. Do ponto de vista estrutural os temas se diferem quanto à V<sub>1</sub>. No entanto, isso não seria um obstáculo para uma relação entre eles, uma vez que, o fenômeno de mudanças da V<sub>1</sub> é bem comum e acontece em algumas línguas bantu, embora geralmente, diante de vogais altas. Isso justifica, por exemplo, as formas que apresentam osculâncias nas reconstruções sugeridas pelo BLR \*-túkù (3106)/\*tíkù (2917), (cf. Guthrie VI. 1/113). Devido à distribuição restrita dos temas, majoritariamente nas línguas da zona S, eles seguem com uma baixa fiabilidade.

## 1.1.7.5. O tema °-pòmbó (cl. 9)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados nas línguas das zonas L M.

L35	kisanga	mpombo	<u>9</u>	espèce de gazelle	Missions bénédictines Abbaye de Saint- André-lez- Bruges 1950:127
M14	lungu	mpombo	<u>9</u>	<i>Grant's gazelle</i>	N & P 1975
M14	lungu	mpom̃bo, ya(a)mpombo mpombo(?)	9/2	impala, gazelle	Kagaya 1987:79
M15	mambwe	mpombo	<u>9</u>	<i>Grant's gazelle</i>	N & P 1975
M21	wanda	mpombo	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
M22	namwanga	e-mpombo		small gazelle	N & P 1975
M22	mwanga	impomba		duiker	Langendijk 1979:43
M23	nyiha	umphōmbo pl. aya	1/2	rote schopfantilope	Busse 1960:156
M402	aushi	impombo	<u>9</u>	duiker	Doke 1933:286
M402	aushi	impombo	<u>9</u>	<i>Sylvicapra grimmia</i>	Biodiversité au Katanga
M42	icibemba	ímpombó	<u>9</u>	duiker	Guthrie & Mann 1995:74
M42	icibemba	mpombo	<u>9</u>	common duiker ( <i>Sylvicapra grimmia</i> )	Frank Willems Kasanka 2011

---

M52	lala	impombo	<u>9</u>	<i>Sylvicapra grimmia</i>	Biodiversité au katanga
-----	------	---------	----------	---------------------------	----------------------------

---

Nas línguas, da zona H, atestamos um substantivo de estrutura similar com o sentido de ‘asno, touro’, mas com mudanças das classes nominais.

---

H16	kikongo	kipombo	7	asno	Da Silva Maia 1994:56
-----	---------	---------	---	------	-----------------------

---

H21a	kimbundu	kipombo	<u>7</u>	touro, toiro	Da Silva Maia 1994:620
------	----------	---------	----------	--------------	------------------------

---

Nas línguas da zona M, os sentidos são divergentes segundo as fontes. Em lungu (M14) Kagaya (1987) sugeriu o sentido ‘impala’. Nas línguas do grupo M40 e M50 o sentido recorrente é *Sylvicapra grimmia*.

Apesar dos problemas semânticos (às vezes provenientes de fontes pouco confiáveis como, por exemplo N & P 1975), baseado nos sentidos atestados nas línguas do grupo M40 e M50 acreditamos que o tema denomina a espécie de *Sylvicapra grimmia*.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial surda, às vezes com combinação da (N-) prefixo de classe 9/10. Em nyiha (M23) a C<sub>1</sub> é regular e resulta da combinação (N + p > mph).

A C<sub>2</sub> dos reflexos são regulares e remontam a uma consoante pré-nasalizada \*mb.

Quanto as vogais, em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> sugerimos para o tema uma vogal posterior arredondada. Em mwanga (M22) atestamos o processo de abaixamento vocálico \*o > /a/, que é irregular na língua (cf. reflexos \*-congo 6839).

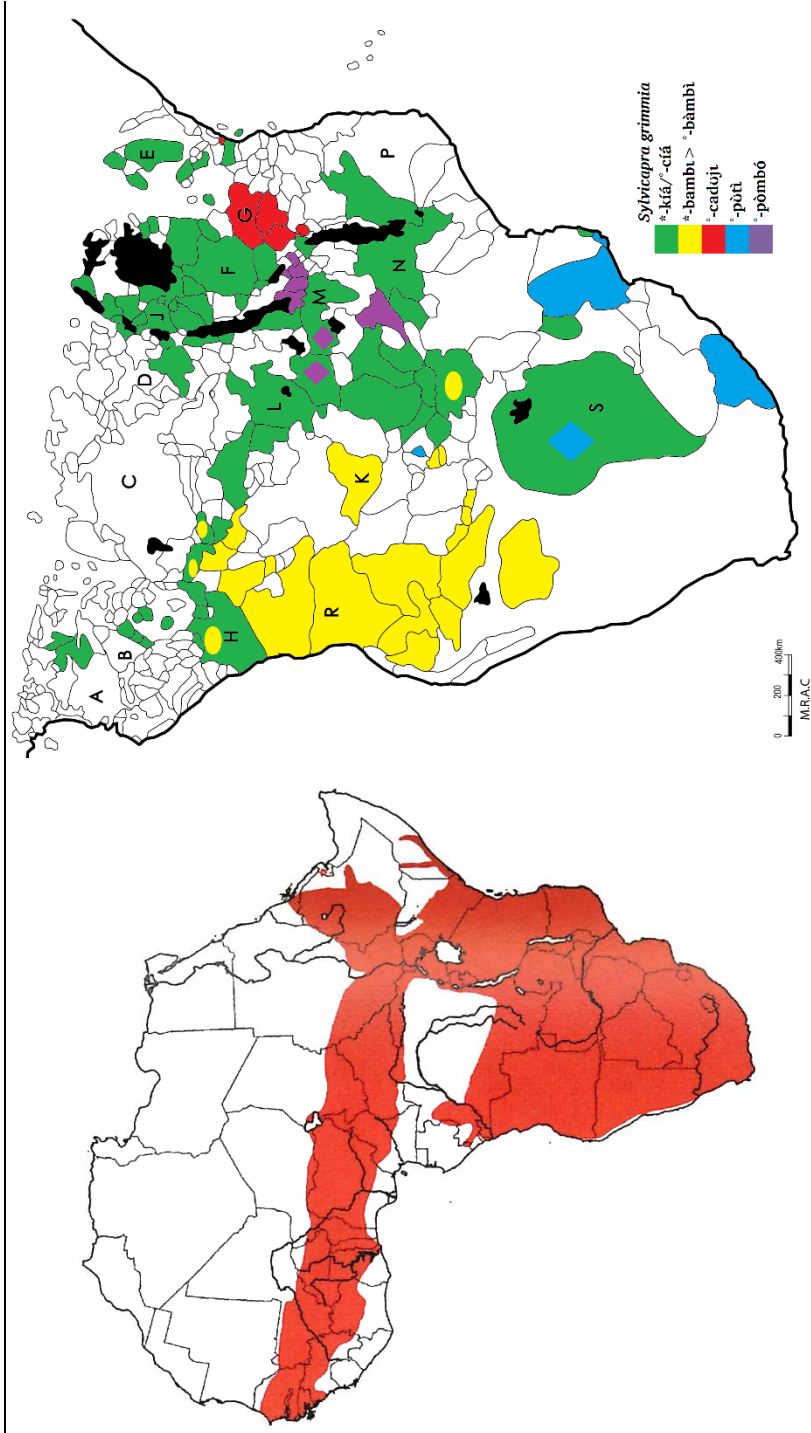
Quanto ao sistema de classes nominais, sugerimos para o tema, classe 9 e o emparelhamento de classe 1/2.

206

Em icibemba (M42) os reflexos tonais BA remontam a um padrão tonal \*BA exclusivo: (cf. Tons do tema °-gòjúé).

O tema estabelece um vínculo formal direto ou indireto com a protoforma reconstruída pela BLR \*-bombo 6594(5) com o sentido de ‘mâle animal’ atestado em algumas línguas das zonas J L. Todavia, os temas apresentam problemas quanto a regularidade da C<sub>1</sub>.





Mapa 13: Hábítat *Sylvicapra grimmia*

Mapa 14: Temas *Sylvicapra grimmia*

## 1.2. Subfamília Antilopinae

É uma subfamília que se caracteriza por uma extrema diversidade entre os antílopes. Existem uns que pesam menos de 2 kg e outros com mais de 400 kg. No grupo incluem uma antiga linhagem de bovídeos. (Kingdon 2004: 228).

### 1.2.1. *Oreotragus oreotragus*

**Descrição:** o *Oreotragus oreotragus* tem uma característica peculiar, é o único antílope a andar na ponta dos seus cascos cilíndricos e contundentes. Isso aumenta a aderência no chão, permitindo que o animal escale habitualmente e salte sobre superfícies rochosas.

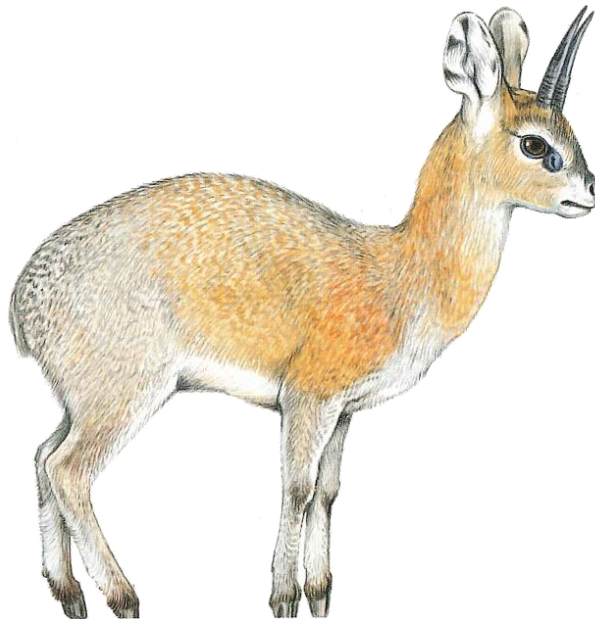


Figura 8: *Oreotragus oreotragus*

**Habitat:** são habitantes de terrenos rochosos e com vegetação abundante.

**Países nativos:** Angola, Botsuana, República centro africana, República Democrática do Congo, Djibuti, Eritreia, Etiópia, Quênia, Maláui, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Ruanda, Somália, África do Sul, Sudão do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue.

A pesquisa coloca em relevo 3 (três) temas concorrentes no domínio bantu para denominar a espécie: **\*-pomo**, **\*-gùdúdu** e **°-pútùká**.

#### 1.2.1.1. O tema **\*-pomo 6505 (5)** > **°-pómo (cl. 7/8)**

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados nas línguas das zonas L M. Não atestamos reflexos do tema em outras línguas diferentes das sugeridas pelo BLR.

L35	kisanga	-pòmo pl. (kipò-/bipò) BH	7/8	esp. d'antilope des montagnes	Coupez 1976:180
M42	icibemba	ichipomo	ʒ	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Frank Willems 2011

No BLR (2003) o tema limita-se a denominar 'antilope petite'. Entretanto, baseado no sentido revelado em icibemba (M42) propomos para o tema o sentido 'Klipspringer<sup>79</sup>: *Oreotragus oreotragus*'. Segundo a descrição do autor, em kisanga (L35) o substantivo denomina 'esp. de petite antilope des montagnes ressemblant à shyã<sup>80</sup>'. (cf. Coupez 1976:180).

A C<sub>1</sub> remonta a uma consoante oclusiva bilabial surda. Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma nasal bilabial. O tema foi reconstruído com V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de terceiro grau de abertura.

<sup>79</sup> A palavra 'klipspringer' é formada do africâans 'klip' rock e 'springer' 'leaper'.

<sup>80</sup> Substantivo atestado em muitas línguas bantu, com o sentido de '*Sylvicapra grimmia*'. < \*-kíá 1823 (4).

Quanto às classes nominais, curiosamente, atestamos, em kisanga (L35), o emparelhamento de classe 7/8, com valor aumentativo (cf. Maho 1999: 314). Porém, na língua (L35) o substantivo atestado referir-se a uma espécie de antílope de tamanho pequeno.

Quanto aos padrões tonais, os reflexos tonais BA atestado em kisanga (L35) remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*AB, vejamos:

‘kòba’ ‘peau dure de sanglier ou pachyderme’ cl. 7/8 (Coupez 1976: 133)  
< \*kóbá 1861 (1)

‘nyòka’ cl. 1n ‘serpent’ (Coupez 1976:65) < \*jókà 3536 (1)

Apesar dos reflexos tonais em kisanga (L35) não remontarem a um padrão tonal exclusivo, propomos ao menos o padrão tonal \*A em posição de S<sub>1</sub>.

Sugerimos um tema °-pòmbó (cf. cap. 1: *Sylvicapra grimmia*) que apresenta uma similaridade formal com o tema \*-pomo. Mas, em posição de C<sub>2</sub> as consoantes do tema remontam a fonemas distintos no PB (< \*m e \*mb). Em kisanga (L35) e em icibemba (M42) o processo de nasalização plena do complexo \*mb é regular apenas em posição de C<sub>1</sub>.

#### 1.2.1.2. O tema \*-gùdúdu 4618 (5) > °-gùdúdù (9/10, 7/8)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseada em reflexos atestados apenas nas línguas da zona S.

S10	chishona	ngururu LHL	9	klipspringer	Hannan 1974:457/840
S12	chizezuru	ngururu LHL	9/10	klipspringer	Hannan 1974:457/840
S13	chimanyika	ngururu LHL	9/10	klipspringer	Hannan 1974:457/840
S14	chikaranga	ngururu LHL	9/10	klipspringer	Hannan 1974:457/840

S21	tshivenda	ngùlùlù [ngùlùlù] (BAA)	9	klipspringer, a small antelope ( <i>Oreotragus oreotragus transvaalensis</i> )	Van Warmelo 1937:200/331
-----	-----------	----------------------------	---	--	-----------------------------

Atualizamos os reflexos do tema também em outras línguas das zonas S, assim como, em kiluba (L33) e kisanga (L35).

L33	kiluba	kingululu (bi-) [kĩ.ŋgũlũ.lũ]	<u>7/8</u>	antilope (klipbok)	Gillis 1981:24
L35	kisanga	kingululu (bi-)	<u>7/8</u>	espèce d'antilope	Missions bénédictines Abbaye de Saint- André-lez- Bruges 1950:40
S16B	nambya	ingululu (i/i)	<u>9/10</u>	antilope (klipspringer)	Moreno 1988:49/126
S31	setswana	kololo LHL	9	klipspringer	Cole 1995:62
S31	setswana	kololo LHL	9	klipspringer	Cole 1995:62
S31b	kgatla	kololo LHL	9	klipspringer	Cole 1995:62
S31c	ngwato	kololo LHL	9	klipspringer	Cole 1995:62
S53	tsonga	ngùlùlù	9	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Cuénod 1976:128

O tema denomina em todas as línguas a espécie de gazela ‘klipspringer’ *Oreotragus oreotragus (transvalensis)*, com mudanças de classes nominais nas línguas da zona L.

Os reflexos do tema caracterizam-se por apresentarem um caso típico de reduplicação total e parcial do mesmo tema, sem mudanças semânticas. Às

vezes a reduplicação total inclui até mesmo o prefixo de classe 9/10 como, por exemplo, nas línguas das zonas F G. (cf. subitem 1.2.1.3. ).

Em kiluba (L33), em kisanga (L35) e nas línguas da zona S (shona, tshivenda, setswana), os fonemas apresentam um processo de reduplicação fonológica da C<sub>2</sub>.

A C<sub>1</sub> é regular e provém da consoante oclusiva velar sonora, às vezes, com a combinação da (N-) prefixo de classe nominal 9. Em setswana (S31) e dialetos a consoante oclusiva velar /k'/ é regular e remonta a uma consoante pré-nasalizada \*ng.

Em posição de C<sub>2</sub> e C<sub>3</sub> os fonemas realizam-se como /l, r/ e remontam a uma consoante oclusiva alveolar sonora. Em nyaturu (F32) o alongamento das vogais justificam-se pela perda regular na língua da C<sub>2</sub>, uma consoante oclusiva alveolar sonora (\*d > ø), por exemplo: 'mpaa' impala (Swynnerton 1946: 37) < \*pàdá 2355 (4).

O BLR propôs para o tema (V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub> e V<sub>3</sub>) vogais de segundo grau de abertura que se justificam pela oposição vocálica entre /o/ e /u/, atestada nas línguas de 5 e 7 vogais.

Na maioria das línguas o tema tem um emparelhamento de classe nominal 9/10. Apesar do tema denominar uma espécie de gazela de tamanho pequeno atestamos em kiluba (L33) e em kisanga (L35) classes nominais 7/8, com função aumentativa (cf. Maho 1999: 314). Neste caso será que o tema denomina a espécie adulta de klipspringer?

A proposta tonal da C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub> é provavelmente baseada na maioria das línguas da zona S, cujos reflexos tonais remontam a um padrão tonal exclusivamente \*BA, exceto, em tsonga (S53), onde os reflexos tonais BB(B) derivam de um padrão exclusivo \*BB (cf. Tons do tema \*-pókù 2601).

Em kiluba (L33) os reflexos tonais AA(A) remontam tanto a um padrão \*BA quanto \*BB, por exemplo:

‘ngúvú’ hippopotamus (Gillis 1981:265) < \*gùbú 1532 (1)

‘nzóvú’ elephant (Gillis 1981:177) < \*jògù 1607 (1)

Neste caso, os tons do kiluba (L33) combinam tanto com os padrões tonais atestados das línguas do grupo S10, tshivenda (S21) e setswana (S31) quanto com o reflexo tonal do tsonga (S43).

Mas, devido ao fato de que o padrão tonal \*BA é mais recorrente nas línguas, confirmamos a proposta tonal inicial do tema.

O tema foi reconstruído sem uma proposta tonal em posição de C<sub>3</sub>, que se justifica pela perturbação tonal dos reflexos, possivelmente resultante do processo de reduplicação. Identificamos que os reflexos em posição de C<sub>3</sub> fazem às vezes repetição tonal da C<sub>1</sub> outras da C<sub>2</sub>.

Em shona (S10) e em setswana (S31) repetição tonal da C<sub>1</sub> sendo assim B < \*B

Em tshivenda (S21) repetição tonal da C<sub>2</sub>, sendo assim A < \*A

Em tsonga (S53) reflexos BBB exclusivo < \*B

Em kiluba (L33) reflexos AAA < \*A/\*B

Sendo assim, de acordo com a maioria dos resultados tonais, propomos para o tema em posição de C<sub>3</sub> um padrão tonal \*B.

No BLR (2003) atestamos o verbo \*gùd-uk 1496 (1) com o sentido ‘volar, courir vite’ atestado nas línguas da zona (A D E G J L M N P). Acreditamos em uma relação direta ou indireta entre esse verbo e o tema discutido neste subitem.

### 1.2.1.3. Os temas °-gùdúgùdu/°-gùdú-gùdu (cl. 9/10)

A pesquisa coloca em relevo, substantivos reduplicados atestados em línguas das zonas F G. Os reflexos remontam a uma forma °-gùdúgùdu/°-gùdu-gùdu, às vezes, com a integração do prefixo de classe 9/10 como, por exemplo, em nyamwesi e nas línguas do grupo F30.

F21	sukuma	gulugulu	9/10	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:38
F22	nyamwesi	ngulungulu	9/10	<i>Oreotragus oreotragus</i>	Swynnerton 1946:36
F24	kimbu	ngurunguru	9/10	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:36
F31	nilamba	ngurunguru	9/10	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:37
F31B	isanzu	ngurunguru	9/10	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:38
F31D	nyambi	ngurunguru	9/10	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:37
F32	nyaturu	nguunguu	9/10	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:37
F32	nyaturu	nghunghuu	9/10	klipspringer	Swynnerton 1946:37
F33	rangi	ngulungulu	9/10	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:35
G11	gogo	ngurunguru	9/10	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:35
G31	zigula	ngulungulu		antelope <sup>81</sup>	Kisbey 1906:61

<sup>81</sup> Curiosamente na parte do dicionário zigula-english, atestamos como sentido para a palavra 'ngulungulu' 'an productive field' (campo improdutivo). Não atestamos o sentido 'antelope' (cf. Kisbey 1906:38).



G61	sango	ngurunguru	<u>9</u>	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:35
G62	kihehe	ngurunguru	9/10	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:35

Os padrões tonais dos temas reduplicados, são baseados nos reflexos tonais do tema \*-gùdúdu 4618 (5). Contudo, em posição de C<sub>3</sub> identificamos uma perturbação tonal, os reflexos fazem às vezes repetição da C<sub>1</sub> outras da C<sub>2</sub>. Sendo assim, optamos em deixar a sílaba final (da parte reduplicada) dos temas °-gùdúgùdu/°-gùdú-gùdu, sem um padrão tonal definido.

Swynnerton (1946) propôs para o kiunguja (G42d) o substantivo ‘ngurunguru’. Contudo, a entrada é provavelmente um empréstimo de outras línguas da região, pois ‘klipspringer’ é ausente na região costeira, além do mais, em kiswahili o nome da gazela é ‘mbuzi mawe’ cabra das rochas (cf. Swynnerton, 1946:34, Bancel 1986/1987:46) < \*-búdi 303 (1). Por isso, não representamos a entrada do kiunguja como reflexo do tema °-gùdúgùdu.

G42d	kiunguja	ngurunguru	9/10	klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Swynnerton 1946:34
------	----------	------------	------	--	-----------------------

Além das protoformas discutidas acima, a pesquisa coloca em relevo alguns temas compostos para denominar a gazela ‘klipspringer’. Em alguns casos identificamos e discutimos as partes dos temas compostos no decorrer da tese. Cf. abaixo alguns casos de formas compostas:

M63	ila	kakoko mabwe	Klipspringer ( <i>Oreotragus oreotragus</i> )	Ansell 1978:64
-----	-----	--------------	--	----------------

Em ila (M63), a expressão ‘kakoko mabwe’ denomina a gazela ‘*oreotragus*’. A primeira parte do tema composto, provém de (< \*-kókó), protoforma atestada nas línguas das zonas A JD H K P R com o sentido de ‘*Tragelaphus scriptus*’ (cf. item 1.6.1.5. ), a segunda parte do tema composto remonta a (< \*-bùe) 285 (1), tema reconstruído no BLR (2003) baseado em línguas das zonas (C

D E F G J K L M N P R S), com o sentido de ‘pedra’. Sendo assim a expressão ‘kakoko mabwe’ é uma expressão para denominar o ‘*Oreotragus oreotragus*’, espécie de gazela popularmente chamada ‘cabra das rochas, pedras’.

Colocamos também em evidência um tema (<°-bue) atestado nas línguas das zonas C D, porém com o sentido de ‘espécie de gazela: *Cephalophus silvicultor/Neotragus batesi*’. (cf. Item 2.1.17. ).

Em kiswahili (G42), em icibemba (M42) e em lamba (M54) atestamos temas compostos também com sentido de ‘klipspringer’.

---

G42	kiswahili	mbuzi mvitu	klipspringer	Johnson 1950:270
-----	-----------	-------------	--------------	------------------

---



---

M54	lamba	mbuzi ya pori	<i>Oreotragus oreotragus</i>	Biodiversité au katanga
-----	-------	---------------	------------------------------	-------------------------

---



---

M42	icibemba	cibushimabwe (fi)	7/8	klipspringer	Hoch 2006:159
-----	----------	-------------------	-----	--------------	---------------

---

Tanto em kiswahili (G42) quanto em icibemba (M42) e em lamba (M54), a primeira parte do composto provém de (<\*-bùdì), protoforma atestada em línguas das zonas A B C D H J E K L R com o sentido de ‘*Tragelaphus spekeii*’. (cf. Tema de item 1.6.4.1. ).

Em icibemba (M42) a segunda parte do composto <°-bue (cf. item 2.1.17. ). Nos casos das formas compostas criadas a partir de um substantivo ‘mbizi, mbushi’ a motivação semântica parece evidente: a gazela klipspringer é conhecida também como ‘cabra das pedras’ e isso justifica a ampliação semântica a partir do tema \*búdi 303 (1) atestado em todo o domínio bantu, precisamente nas zonas (A B C D E F G J L M N P S), com o sentido de ‘cabra’.

Nas línguas da zona S, atestamos também um tema composto, porém os temas seguem sem uma motivação aparente.

S31	setswana	[? mo.kabawane	L.HHLL	klipspringer	Cole 1995:62
S31a	ngwaketse	mo.kabaowane	L.HHLHH	klipspringer	Cole 1995:62
S31b	kgatla	mo.kabaowane	L.HHLHH	klipspringer	Cole 1995:62
S31c	ngwato	[? mo.kabawane	L.HHLL	klipspringer	Cole 1995:62

Em kaonde (L41), assim como em lamba (M54), identificamos outro tema composto para denominar a pequena gazela.

A segunda parte do composto (<\*-bùe) 285 (1) com o sentido de ‘pedra’.

L41	kaonde	chikokamabwe (vi-)	7/8	klipspringer	Broughall 1924:207/26
M54	lamba	icikokamabwe (ifikokamabwe)	12	klipspringer	Doke 1933:69

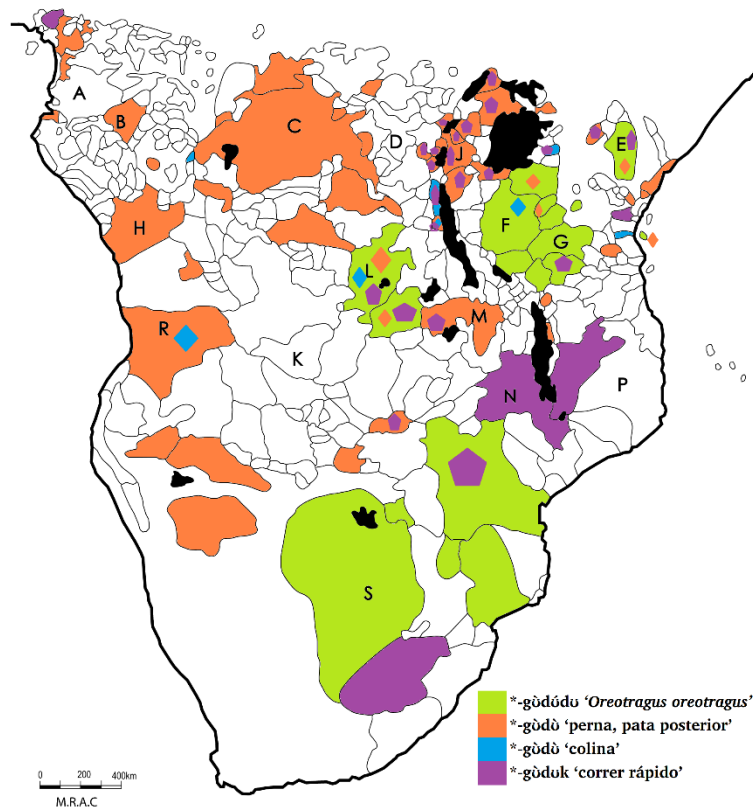
Em kaonde (L41) atestamos um tema simples, sem mudança semântica. A primeira parte do composto em kaonde (L41) poderia ter uma relação com o tema \*-kíá (cf. item 1.1.7.1. ), atestado em línguas das zonas (A B D E F G H J D J E L M N S) com o sentido de ‘*Sylvicapra grimmia*’. É possível que o tamanho das espécies justifique as motivações semânticas para a formação dos compostos.

L41	kaonde	mitumba		<i>Oreotragus</i> <i>oreotragus</i>	Biodiversité au katanga.
L41	kaonde	kashamitumba		klipspringer	Ansell, 1978:64
L52	lunda-ndembu	kesenjimitumba		klipspringer	Ansell, 1978:64

Mesmo se, em alguns casos identificamos os temas compostos isoladamente e seus devidos significados, estabelecer uma motivação semântica para a formação do composto nem sempre é evidente. Porém, acreditamos que um

estudo aprofundado em taxonomia popular juntamente com a etologia nos permitirá, posteriormente desvendar esses conflitos. (cf. Outros casos de formas compostas em anexo).

Na parte sul-ocidental, atestamos também outros substantivos para denominar a espécie de gazela '*Oreotragus oreotragus*'. (cf. Lista de reflexos sem agrupamentos em anexo).



Mapa 15 : \*-gòdódú/\*gòdò/\*-gòduk

#### 1.2.1.4. O tema °-pútóká (cl. 9/10, 9/6)

Proposta de tema baseada em reflexos atestados em algumas línguas das zonas C P.

C35a	ntomba	mapútukà	<u>9/6</u>	gazelle?	Mamet 1955:334
P13	kimatuumbi	mbutuká pl. maputúka	9/6	gazelle	Odden 1996:178/179
P23	makonde	imbutuka/ dimbutuka LLRL	9/10	antelope sp. klipspringer	Kraal 2005:397
P23	makonde	imbutuka	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975

Segundo o sentido revelado em makonde (P23) o tema denomina a espécie de gazela ‘klipspringer: *Oreotragus oreotragus*’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial surda. Em kimatuumbi (P13) o processo de sonorização da consoante oclusiva bilabial surda é regular (N + p > \*mb).

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar surda. Em posição de C<sub>3</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva velar surda.

Propomos para o tema V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de segundo grau de abertura, visto que, os reflexos são regulares e não atestamos o processo de espirantização nas línguas. Em posição de V<sub>3</sub> propomos para o tema uma vogal central não arredondada.

Quanto aos emparelhamentos de classes nominais, em makonde (P23) atestamos classe 9/10 e em kimatuumbi (P13) classe nominal 9/6, mas segundo os autores os emparelhamentos poderiam ser também 9/10 ou 1A/2A ‘umbutuka/ambutuka’.

Quanto aos tons os reflexos tonais são problemáticos. Em ntomba (C35a) atestamos reflexos tonais ABA (preserva o padrão tonal do \*PB).

Em kimatuumbi (P13) os reflexos tonais BA remontam a um padrão tonal \*BA:

‘mpaká’ frontièrè, limite (cf. Philippson 1991 : 81) < \*pàkà 2365 (3a)

Em makonde (P23) os reflexos tonais LLRL remontam a um padrão tonal \*BB:

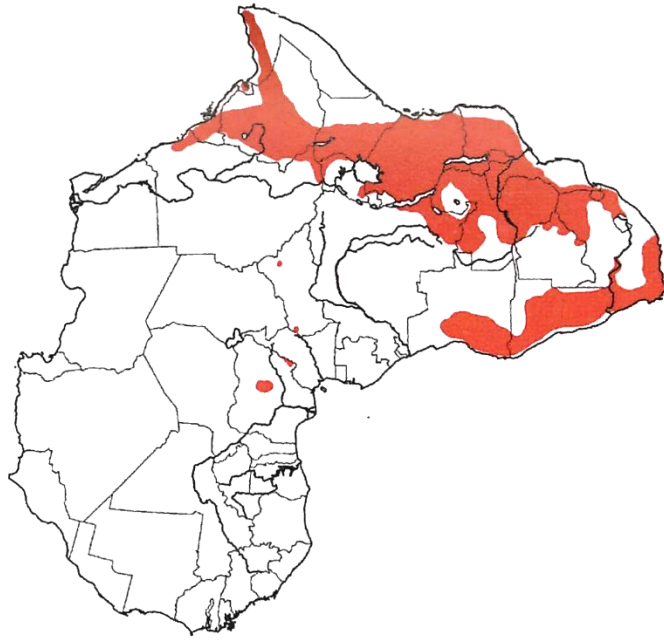
‘linguluve, pl. di- LLRL ‘pig’ (Kraal 2005:359 (4) < \*gùdòbè 1494 (4)

Devido às divergências tonais nas línguas, sugerimos um padrão tonal \*ABA baseado no reflexo direto do ntomba (C35a). Ressaltando que em posição de C<sub>1</sub> temos um tom \*B em algumas línguas do grupo P, ao passo que o tom da S<sub>2</sub> e S<sub>3</sub>, seguem problemáticos.

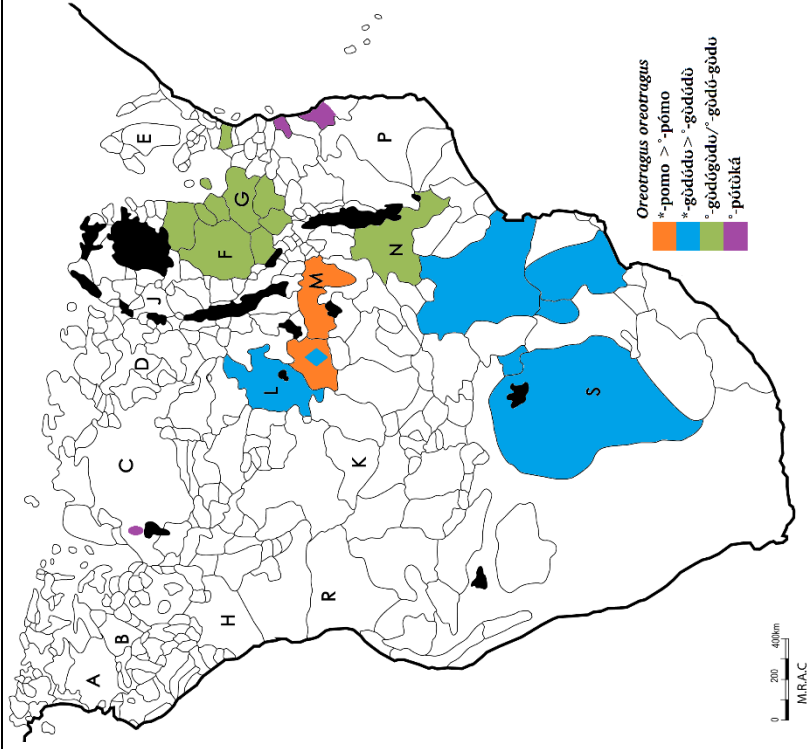
A diferenciação tonal, em kimatuumbi (P13), dos substantivos no singular/plural justificam-se por uma regra tonal de deslocamento do tom A em estruturas (CVCVCV), diante de prefixo de classe 9. (cf. Odden 1996:179).

O tema tem uma similaridade formal com a protoforma reconstruída pelo BLR (2003) \*-búdúkú 4574 (5). Porém, os temas apresentam problemas semânticos e de regularidade dos fonemas, sobretudo em posição de C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub>, assim como, das vogais finais. Por essa razão, optamos por agrupar os reflexos dos temas separados. No entanto, acreditamos em um vínculo entre os temas.

A atestação de reflexos nas línguas da zona C e P dão indícios de uma possível difusão do tema na parte oriental do bantu, mesmo se, até o presente não atestamos reflexos nas zonas intermediárias.



Mapa 16: Hábitat *Oreotragus oreotragus*



Mapa 17: Temas *Oreotragus oreotragus*

**1.2.2. *Ourebia ourebi***

**Descrição:** espécie de antílope que tem a parte inferior alta, esbelta, cor de areia. Tem a como a parte superior da garganta, a boca e o revestimento das orelhas de cor branca. As fêmeas são maiores que os machos e independentes em seu deslocamento. Cada fêmea adulta determina o espaço em que ela não tolera nenhum outro macho. São antílopes alertos e discretos que emitem sons de assobios, enquanto fogem. Os assobios servem tanto como uma chamada de alarme quanto para sinalizar mudanças de posição e de deslocamentos. (Kingdon 2004: 230).

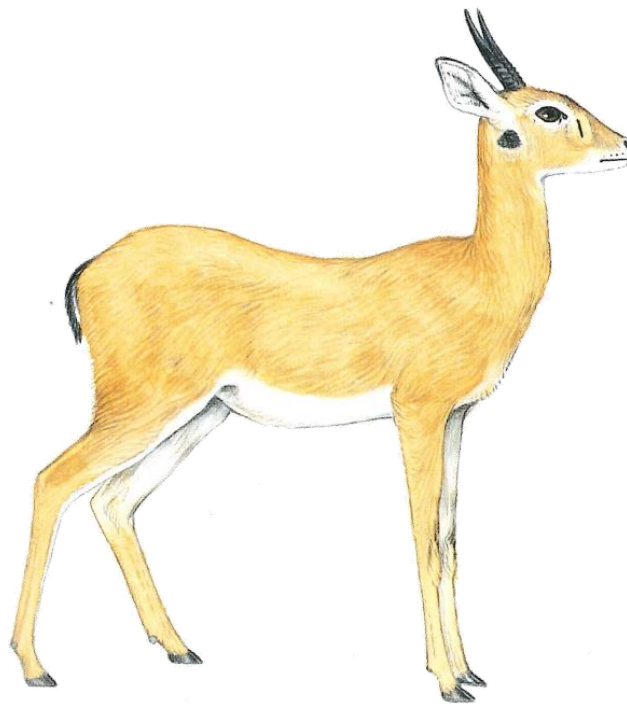


Figura 9: *Ourebia ourebi*

**Hábitat:** são habitantes de savanas gramíneas e são mais comuns em gramados curtos.



**Países nativos:** Angola, Benin, Botsuana, Burkina Faso, Camarões, República Centro Africana, Chade, República Democrática do Congo, Costa do Marfim, Eritreia, Etiópia, Gâmbia, Gana, Guiné-Bissau, Quênia, Lesoto, Maláui, Mali, Moçambique, Níger, Nigéria, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Somália, África do Sul, Sudão do Sul, Sudão, Suazilândia, Tanzânia, Togo, Uganda, Zâmbia, Zimbábue.

A pesquisa coloca em evidência 3 (três) reconstruções virtuais para denominar a espécie em questão: \*-**cidàbò**, °-**tòngò** e °-**jundu**. Dentre eles apenas um consta no banco de dados do BLR (2003).

#### 1.2.2.1. O tema \*-**cidàbò** 5801 (5) (cl. 9/10, 9/6) > °-**cidàbò**

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseada em dados atestados em línguas da zona J.

JD61	kinyarwanda	-sírabo pl. (isí-)	9i/6	oribi ( <i>Ourebia ourebi</i> )	Coupez <i>et alii</i> 2005:2311
JE14	rukiga	esirabo LHLL	9	common duiker	Taylor 1959
JE15	luganda	`nsiràbo, è	9	oribi antelope	Snoxall 1967:256

A pesquisa atualizou a distribuição linguística do tema também em outras línguas da zona J, vejamos:

JE13	runyankore	esírabo	9/10	common duiker	Kaji 2004:39
JE13	runyankore	esirabo LHLL	9	common duiker	Taylor 1959
JE22D	kiziba	kassírabo	<u>12</u>	gazelle	Herrmann 1904:160

Referente a semântica identificamos que o sentido ‘common duiker’ do runyankore (JE13) atribuído por Taylor e Kaji são na verdade, um erro de

identificação. Sendo assim, concordamos com o BLR que reconstruiu o tema com o sentido ‘oribi: *Ourebia ourebi*, baseado nos reflexos atestados nas línguas da zona J.

Em posição de C<sub>1</sub> nas línguas do grupo J, o fonema /s/ remonta a uma consoante oclusiva palatal. Até o momento, concordamos com a proposta de C<sub>1</sub> sugerida pelo BLR, através dos reflexos regulares da zona J.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas realizam-se como /l, r/ e remontam a \*d.

A C<sub>3</sub> se realiza como /b, w/ e nas línguas da zona J é reflexo direto da consoante oclusiva bilabial sonora.

A V<sub>1</sub> foi reconstruída como uma vogal de segundo grau. A V<sub>2</sub> como uma vogal central baixa. A V<sub>3</sub> foi reconstruída como uma vogal de terceiro grau de abertura.

O BLR propôs classe nominal 9. Acrescentamos plural de classe 10, em runyankore (JE13), nas línguas da zona S e classe 6 em kinyarwanda (JD61).

O BLR sugeriu para o tema um padrão tonal inteiramente <\*BBB. Discordamos da proposta tonal sugerida, pois identificamos que em todos os dados os reflexos remontam a um padrão tonal < \*ABB.

Colocamos em evidência um tema de estrutura similar (<°-jìdábò), em tonga (M64), em nambya (S16B) e em um dialeto da zona S, chikorekore (S11), mas devido aos problemas semânticos e de regularidades dos fonemas optamos em agrupar e discutir os temas separadamente. Vejamos:

M64	tonga	mu-zilawo	<u>1/2</u>	kudu	Torrend 1967:323
S11	chikorekore	nzirawa LHL	9/10	kudu	Hannan 1974:497/841
S16B	nambya	inzilawa (i/i)	9/10	antelope (kudu)	Moreno 1988:52/126

Os reflexos acima em posição de C<sub>1</sub> remontam a (< \*j). O padrão tonal do tema são baseados nos reflexos tonais atestados em chikorekore (S11), cujos reflexos tonais BAB < \*BAB. Nas línguas do grupo S10, o tom da S<sub>3</sub> é uma repetição tonal da S<sub>1</sub> (cf. \*-gòdúdu 4618).

Sendo assim, devido aos problemas de correspondências regulares da C<sub>1</sub>, assim como, divergências tonais e semânticas entre os temas, não agrupamos os reflexos do tema acima com a protoforma (< \*-cìdàbò). No entanto, não excluimos uma relação direta ou indireta entre eles.

#### 1.2.2.2. O tema °-tòngò (cl. 9/6, 12/13)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em línguas das zonas K L M R.

K11	chokwe	tungu pl. matungu	9/6	antelope	Mac Jannet, Malcolm 1949:3/92
K12b	ngangela	mu-ntungu	<u>3</u>	antflope das planícies	Baião 1939:116
K14	luvale	tungu pl. (va-)	<u>9/2</u>	oribi (antelope)	Anonyme (Horton, A. E.?) 1978:103
K33	rukwangali	ntungu pl. (va-)	9/2	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Kloppers 1994:64/164
K33	rukwangali	ntungu pl. (no-, va-)	9/2	oribi ( <i>Ourebia ourebia</i> )	Kloppers 1994:164
L35	kisanga	tungu (variante: tungwe) HH	12/13	esp. d'antelope, petit taille, habitant les hauts plateaux	Coupez 1976:251

L35	kisanga	tungwe HH (pl. ka/tu)	12/13	esp. d'antilope, petit taille, habitant les hauts plateaux	Coupez 1976:251
L41	kaonde	katungunyika pl. (tu-)	12/13	oribi	Broughall 1924:66/214
L52	lunda- ndembu	katuŋu	<u>12</u>	oribi	Fisher, 1963:35
M54	lamba	nyinakatuŋu pl. (wa-) <sup>82</sup>	<u>1/2</u>	oribi	Doke 1933:84
M61	lenje	nakatungu	<u>1a/2a</u>	oribi	Torrend 1967:401
M61	lenje	nakatungu	<u>1a/2a</u>	impala, gazelle (?)	Kagaya 1987:72
R22	oshindonga	tungu (oo-)	<u>1a/2a</u>	oribi	Viljoen Amakali, & Namuandi 1984:91/54

Atestamos em kiswahili (G42) um substantivo sugerido por Sacleux para o dialeto mvita (G42c). Cf. abaixo:

G42	kiswahili	tũngwa	steinbuck ( <i>Nesotragus tragulus</i> )	Sacleux 1949:36
-----	-----------	--------	--	-----------------

De acordo com Sacleux (1949) o substantivo é um empréstimo do mijikenda (E72). Devido ao fato da entrada ser um empréstimo e também ter uma situação totalmente isolada das outras formas do grupo (ao nordeste do bantu), é possível que a forma não tenha relação com os reflexos do grupo do

<sup>82</sup> Transcrição de acordo com sistema adotado pelo autor  $\hat{w}$  [v]. Segundo descrição o fonema é uma consoante fricativa bilabial sonora. No alfabeto fonético internacional representado pelo fonema /β/. O dígrafo  $\widehat{ny}$  (com ligadura), representa um único som, o palatal nasal, como na palavra francesa 'reine'. (cf. Doke 1933, note).

°-tùngù. Por isso, não representamos a zona G com os reflexos discutidos nesta seção.

Baseado nos sentidos revelados na maioria das línguas, sugerimos para o tema o sentido ‘oribi: *Ourebia ourebi*’. No entanto, atestamos alguns problemas semânticos: em rukwangali (K33) segundo a mesma fonte o tema (sem alteração de classes nominais) denomina ‘oribi’ mas também ‘bushbuck’. Em lenje (M61) segundo fontes diferentes o tema denomina ‘oribi’, mas também ‘impala, gazelle?’. Em ngangela (K12b) o sentido revelado limita-se a denominar ‘antílope das planícies’ e em kisanga (L35) o substantivo denomina ‘esp. d’antílope, petit taille, habitant les hauts plateaux’. Em kaonde (L41) atestamos um tema composto sem mudanças semânticas, o tema denomina ‘oribi’.

Em posição de  $C_1$  os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar surda. Em algumas línguas a  $C_1$  é resultado da combinação da (N-) prefixo de classe 9/10 com o fonema \*t. Em posição de  $C_2$  os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*ng. Em lunda-ndembu (L52), \*ng > ŋ é um processo regular.

Os fonemas vocálicos são regulares, sendo assim, propomos para o tema  $V_1$  e  $V_2$  de segundo grau de abertura (sem espirantização nas línguas de 5 vogais).

Atestamos em duas línguas um tema reduplicado de classe 12, com o sentido de ‘espécie de antílope’ em kisanga e *Tragelaphus strepsiceros* em icibemba.

L35	kisanga	-tóngótóngó (kato, tuto) HHHH	<u>12</u>	espécie de antílope	Coupez 1976:194
M42	icibemba	katongotongo	<u>12</u>	<i>Tragelaphus strepsiceros</i>	Biodiversité au katanga

Contudo, os temas apresentam problemas de abertura das vogais em relação aos reflexos do tema discutido neste subitem, por isso uma relação entre eles segue conflituosa.

Quanto às classes nominais, na maioria das línguas da zona K, atestamos os emparelhamentos 9/6 e 9/2, sem mudanças semânticas, exceto em ngangela (K12b) onde atestamos classe 3. Nas línguas da zona L identificamos o emparelhamento de classe 12/13, com função diminutiva. Em lamba (M54) e em oshindonga (R22) atestamos classe 1/2.

Em lamba (M54) o morfema ‘nyina’ e o prefixo de classe 1a (na-) tem a função de determinar o gênero feminino. Nesta língua os adjetivos ‘-alamume’ (macho) e ‘anakasi’ (fêmea) são também usados para qualificar os nomes. Por exemplo:

‘imbusi’ goat / nyinambusi ‘ewe-goat’ (cf. Doke 1938:103-113)<sup>83</sup>.

‘iṅkulo’ waterbuck/ nyinaṅkulo (female waterbuck).

‘iyalalume (male animal)

‘inama isyānakasi’ (female animal).

Nas línguas do grupo botatwe (M60), o morfema ‘na-’ aparece combinado a um prefixo de classe, geralmente, com certos nomes de classe 1a como, por exemplo: nalulwe, nacindwe’. (cf. Fowler 2000:513).

---

<sup>83</sup> O autor exemplifica: ‘there are two prefixes formatives forming nouns of class 1a, which were originally gender formatives, si-(probably from wisi, father) and na- (still often used alternatively with nyina, mother; the latter formative, na or nyina, is still used to form féminines, though there are many cases where no gender signification’. (cf. Doke 1938: 103).

Broughall (1924) sugeriu para o kaonde (L41) um substantivo composto ‘katungunyika’ com o sentido do oribi. A segunda parte do composto ‘nyika’ < \*-jìká 3347 (5) atestado em línguas das zonas E G M S com o sentido de ‘pastagens, deserto’.

Baseado nos reflexos tonais AA atestados em kisanga (L35) sugerimos para o tema um padrão tonal exclusivo \*BB. (cf. Tons do tema °-bíndí no subitem 1.1.4.3. ).

### 1.2.2.3. O tema °-jundu (cl. 1a/2)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados nas línguas da zona M. O tema denomina ‘oribi’.

M63	ila	nachindwe pl. (ba-)	<u>1a/2</u>	oribi	Smith 1907:262
M64	tonga	nakacindwe	<u>1a/2</u>	oribi	Torrend 1967:401
M64	tonga	najindwe	<u>1a/2</u>	oribi	Torrend 1967:401

A origem da C<sub>1</sub> nas línguas do grupo botatwe (M60) poderia ser influência de outras línguas da zona M, onde é regular \*j/\*nj > j/nj.

Nas línguas do grupo botatwe (M60), o processo de labialização em alguns contextos é regular \*u, ɪ > we, wi (cf. Reflexos do tema °-nyúbù, no subitem 1.4.2.2. ). Sendo assim sugerimos para o tema V<sub>2</sub> de segundo grau de abertura.

Nas línguas do grupo (M60), atestamos também outros casos da combinação do morfema (na-), anteposto aos prefixos de classes 12 e 1a. (cf. Explicação nos reflexos do tema °-tùngù, subitem 1.2.2.2. ).

Propomos para o tema emparelhamento de classe nominal 9/10.

Devido à ausência de notação tonal nas fontes do grupo M60, o tema segue sem um padrão tonal exclusivo.

Ngunga (2001) e Viana (1961) sugeriram para o ciyao (P21) um substantivo similar °-cındı de classe 9/10 com o sentido de ‘gnu’.

P21	ciyao	nsinde/n	9/10	gnu (boi-cavalo)	Viana 1961:74/157
P21	ciyao	siindi HLL	9	gnu wildbeeste	Ngunga 2001

Devido aos problemas de regularidade da C<sub>1</sub> e semânticos dos reflexos acima, os substantivos seguem separados do grupo °-jındu.

Em setswana (S31c) atestamos um tema composto com o sentido de ‘oribi’. A primeira parte do composto <°-púdòpúdù (cf. item 1.2.4.2. ), atestado em línguas das zonas K L M N S com o sentido de ‘steenbok’. É possível que o tamanho das espécies justifique as motivações semânticas que derivaram a formação do tema composto.

S31c	setswana	phuduhudu-kgamane HLHL-HHL	9	oribi, angolán	Cole 1995:64
------	----------	-------------------------------	---	----------------	--------------

Na parte sul do bantu, precisamente em línguas da zona S, assim como, em algumas línguas da parte leste do bantu atestamos outros substantivos para denomina a espécie de gazela ‘*Ourebia ourebi*’. (cf. outros casos de formas compostas em anexo).

#### 1.2.2.4. O tema °-kuíkuí/°-puípuí? (12/2, 1a/2)

Proposta de tema regional baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas K M.

De acordo com o sentido revelado em alguns dialetos do grupo botatwe (M60) o tema de classe 12, denomina ‘oribi: *Ourebia ourebi*’.



K11	chokwe	kakwikwi	12	kd of antelope	Mac Jannet, Malcolm Brooks 1949:3/34
M63	ila	nakafwifwi pl. (ba-)	1a/2	oribi	Smith 1907:262
M63	ila	kanga- nakafwifwi	12	oribi (dim.)	Smith 1907:262
M64	tonga	nakafwifwi	<u>1a/2</u>	oribi ( <i>ourebia ourebi</i> )	Ansell 1978:64

Em yeyi (R41) atestamos um substantivo de estrutura similar com o sentido de ‘oribi’.

A C<sub>1</sub> /gq/ do yeyi (R41) é um click alveolar sonoro e foneticamente representa [ʄ]. Contudo, não atestamos outros exemplos de correspondências sonoras desse click na língua. Por isso, o tema segue irregular no grupo.

R41	yeyi	u-gqwi pl. (ma-)	<u>1b/6</u>	oribi/small antelope	Lukusa 2002:137
-----	------	------------------	-------------	----------------------	-----------------

O tema discutido neste subitem caracteriza-se por apresentarem um processo de reduplicação temática a partir da combinação do prefixo de classe 12/13 (ka-), geralmente usado para denominar animais de tamanho pequeno (função diminutiva).

Identificamos que em ila (M63) a escolha da C<sub>1</sub> é arbitrária, visto que, na língua o fonema labiodental /f/ remonta tanto a \*k, ou \*p, diante de vogal de primeiro grau de abertura, sendo assim os reflexos podem remontar tanto a °-kuíkuí quanto a °-puípu. Mas em chokwe (K11), a C<sub>1</sub> remonta unicamente a \*k. Devido a esses problemas sugerimos às duas protoformas no subitem.

Propomos para o tema V<sub>1</sub> de primeiro grau de abertura, que se justifica pelo fenômeno de espirantização da consoante oclusiva, diante de vogal de primeiro grau, o que não acontece, por exemplo, quando a vogal é de segundo grau:

232

M42 bamba ‘mfwa’ death (The White fathers 1954: 211) < \*kúà 2096 (1)

M42 bamba ‘mpuku’ rat (Kasonde 2002: 43) < \*púkò 2642 (1)

Em posição de  $V_{12}$  propomos para o tema uma vogal de segundo grau de abertura.

O tema apresenta um tipo especial de reduplicação com a combinação do prefixo de classe (ka-). Esse processo de criação lexical é bem comum em algumas línguas e tem quase sempre valor diminutivo:

Em tshiluba (L31) kakutekute nom. de une petit hibou (De Clercq 1937:83)

Em chockwe (K11) kakelekele ‘kd. of bird, piper’ (Mac Jannet 1949:34)

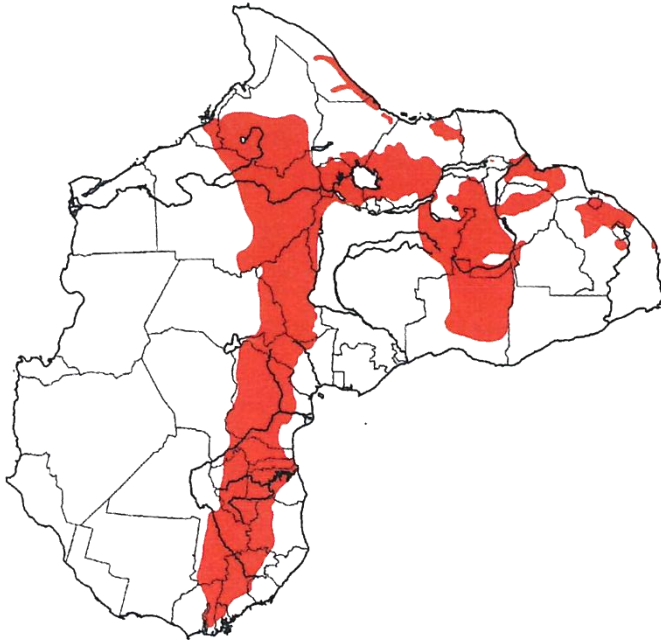
Em bamba (M42) kabulubulu ‘a very small honey fly’ (The White fathers 1954: 211)

Nas línguas do grupo botatwe (M63) atestamos ainda a combinação de um morfema (kanga) seguido de reduplicação com o intuito de reforçar o valor do diminutivo:

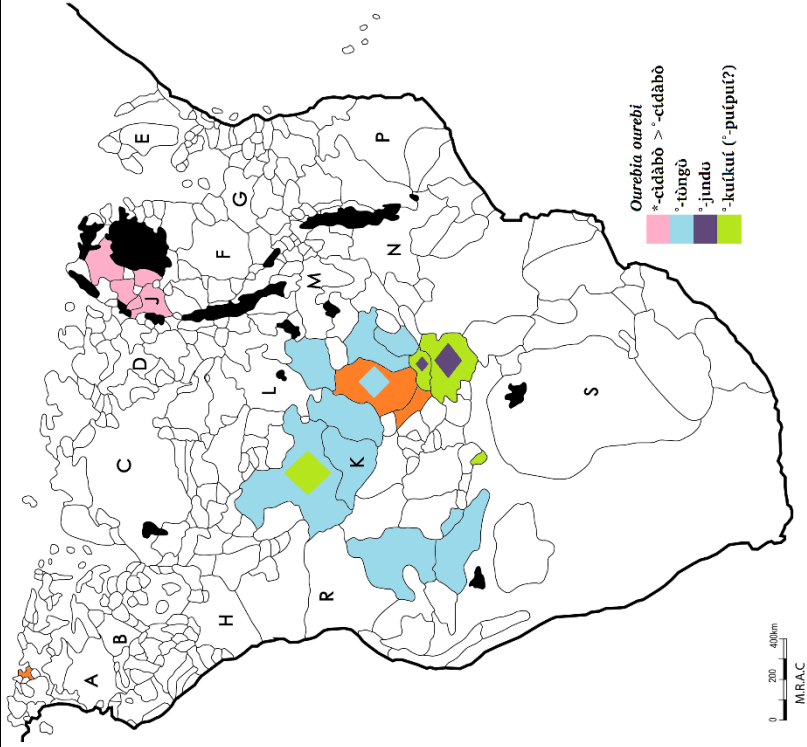
Em ila (M63) ‘nakafwifwi’ oribi (Smith, 1907:262)/ ‘kanga-nakafwifwi’ oribi (diminutivo). (Smith 1907:272).

Nas línguas do grupo (M60), atestamos também casos da combinação do morfema (na-), anteposto aos prefixos de classes 12 ou 1a. (cf. Explicação nos reflexos no tema °-tùngò, subitem 1.2.2.2. ).

O tema é provavelmente de origem onomatopeica, emite o barulho produzido pela espécie de gazela quando se sente ameaçada. Identificamos no BLR (2003) outros temas similares também de origem onomatopeica. (cf. \*pupuu 4065 (5) ‘hibou: Strigides’, \*kùkù 1982 (4) ‘hoquet’).



Mapa 18: Hábitat *Ourebia ourebi*



Mapa 19: Temas *Ourebia ourebi*

**1.2.3. *Raphicerus campestris***

**Descrição:** a gazela *Raphicerus campestris* é um dos menores ungulados da África, ao lado do *Philantomba monticola*. A gazela pode ser confundida também com o *Sylvicapra grimmia* ou com o oribi, contudo a gazela tem as coxas arredondadas sem uma cauda visível. As orelhas são muito grandes, com bordas brancas, nariz de aro preto, olhos grandes com bordas pretas em um círculo branco. Os machos têm chifres retos. A gazela é popularmente conhecida por correr em ziguezague para fugir dos predadores.

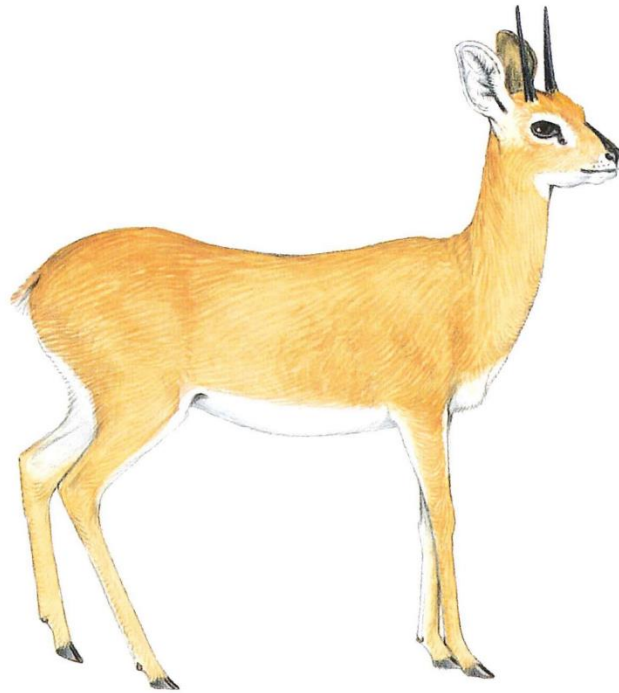


Figura 10: *Raphicerus campestris*

**Hábitat:** habitam especialmente em planícies encontradas no sul da África, na África oriental, comuns em savanas pedregosas e mosaicos de acácia.

**Países nativos:** Angola, Botsuana, Moçambique, Namíbia, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbábue. (cf. IUCN).

No domínio bantu atestamos 6 formas concorrentes para denominar a espécie de antílope em questão: \*-**tondodo**, °-**bu**, °-**tumba**, °-**púdòpúdò**, °-**púnja** e °-**pèné**. Dentre os temas, apenas 1 foi reconstruído pelo BLR (2003).

### 1.2.3.1. O tema \*-tondodo 6678 (5) > °-dóndòdò (cl. 9/6)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados nas línguas das zonas G J P.

G31	zigula	dondolo wa-		dyker's antelope	Kisbey 1906:7
G42	kiswahili	dōndoro	ḡ	céphalophe raseur ou chèvre sautante, springbuck	Sacleux 1939-1941:172
G42d	kiunguja	dondoro	ḡ	steinbok ( <i>Raphicerus campestris</i> )	Swynnerton 1946:34
JD42	kinande	murondoro	ḡ	antilope	Baudet 1947:94/176
P13	kimatuumbi	ndoóndolo pl. (matóondolo)	9/6	steinbuck	Odden 1996:29/167

A pesquisa atualizou a distribuição linguística do tema em línguas da zona M.

M201	lambya	undondoli		small gazelle	N & P 1975
M23	nyiha	undondoli		small gazelle	N & P 1975
M24	malila	undondoli		small gazelle	N & P 1975

No BLR (2003) o tema limita-se a denominar 'espécie de antílope'. De acordo com Sacleux (1939-1941) a forma do swahili (G42) é do dialeto mrima (G42c). O autor sugeriu o sentido 'céphalophe raseur ou chèvre sautante, springbuck'. Porém, segundo o sentido por Swynnerton (1946) em kiswahili

(G42) e em kimatuumbi (P13) propomos para o tema o sentido ‘steinbok: *Raphicerus campestris*’.

O BLR (2003) sugeriu ao tema em posição de  $C_1$  uma consoante ( $< *t$ ). Contudo, acreditamos que a consoante inicial do tema é certamente  $*d$ . Em kimatuumbi (P13) o processo de sonorização da  $C_1$  é regular ( $*N + t > nd$ ). O substantivo atestado em kiwahili (G42) é irregular, uma vez que na língua ( $*N + t > t^h$ ).

Em algumas línguas a  $C_1$  é resultado da inserção da (N-) prefixo de classe 9/10 ao tema como, por exemplo, em kinande (JD42) ( $*N + t, *N + d > nd$ ), em lambya (M201), em nyiha (M23), em malila (M24)  $*nd > nd (-nC) > n$ .

Sendo assim, sugerimos ao tema a forma °-dóndòdò.

Em posição de  $C_2$  os reflexos remontam a uma consoante pré-nasalizada  $*nd$ .

Em posição de  $C_3$  os fonemas realizam-se como /r, l/ e remontam a uma consoante oclusiva alveolar sonora. Em kiwahili (G42) o fonema /r/ em posição de  $C_3$  é irregular, uma vez que na língua  $*d > \emptyset$ .

O BLR reconstruiu o tema com uma  $V_1, V_2$  e  $V_3$  de terceiro grau de /o/. No entanto, atestamos algumas mudanças irregulares das vogais finais, por exemplo, em nyiha (M23) e malila (M24) onde as vogais finais realizam-se como /i/.

Sugerimos para o tema o emparelhamento de classe nominal 9/6, baseado nas classes nominais atestadas em kimatuumbi (P13).

Quanto aos tons, baseado nos reflexos tonais ABB atestado em kimatuumbi (P13), sugerimos para o tema um padrão tonal  $*ABB$ :

‘ndoóndwa’ stars (Odden 1996:186)  $< *tóndùà$  2991 (4).

O deslocamento do tom A da S<sub>1</sub> para a vogal longa nos reflexos, justifica-se porque na língua nenhum substantivo de classe 9 pode ter um tom A inicial. (cf. lu-kóongono ‘chicken drumstick’ cl. 9 ‘ngoóngono ‘chicken drumstick’, cf. Odden, 1996:181).

### 1.2.3.2. O tema °-bu (cl. 12/13)

Proposta de tema monossilábico atestado em algumas línguas das zonas C K M.

C44	boa	mbú	<u>9</u>	antilope	Motingea 2005:12/53
C44	boa	mbó, (bò-)	1/2	antilope	Nkabuwakabili 1985:175
K11	chokwe	kapo	<u>12</u>	antelope	Mac Jannet Malcolm 1949:3/38
K12b	ngangela	kapu	<u>12</u>	antilope ( <i>Raphicerus</i> <i>Campestris</i> )	Maniacky 2002:351
K21	silози	kabu pl. (tu-)	<u>12/13</u>	steynbuck	O'sullivan 1993:10
K21	silози	kabu (ka- tu-)	<u>12/13</u>	steinbuck	Burger 1960:7
K34	sikwamashi	kapu (tu-)	<u>12/13</u>	steynbuck	O'sullivan 1985:1/30
M64	tonga	kabu	<u>1a/2</u>	steinbok ( <i>Raphicerus</i> <i>Campestris</i> )	Ansell 1978:65

Atestamos também substantivos similares fora do bantu:

1A4	avatime	kapo pl. kupo	antilope	E. Funke 1909:3
1A6	gbaya	mbò	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Moñino 1995:608/670

---

IA6	adamawa	mbò	antilope	Maes Védaste
				1968:7

---

De acordo com o sentido revelado nas línguas das zonas K e M sugerimos para o tema o sentido ‘steinbok: *Raphicerus campestris*’. Porém, em boa (C44) a sugestão semântica seria problemática, pois a espécie de gazela tem o hábitat restrito na parte sul/sudeste do bantu. (Mapa 20: Hábitat *Raphicerus campestris/ Sharpei*).

Atestamos um tema de estrutura segmental similar em línguas fora do bantu, em avatime, em gbaya e em adamawa, com mudanças semânticas, os substantivos denominam ‘espécie de antílope e *Cephalophus silvicultor*’.

Sugerimos para o tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva bilabial sonora. Entretanto, atestamos que em algumas línguas os fonemas remontam a \*b apenas do ponto de vista fonológico como, por exemplo, em chokwe, (K11) e em ngangela (K12b) onde em posição de C<sub>1</sub> \*b > v, ø, enquanto \*p > h. Em sikwamashi (K34) a C<sub>1</sub> /p/ é irregular com os reflexos do grupo e remonta a \*p. Sendo assim, a origem da C<sub>1</sub> segue problemática (< \*p/\*b?).

Propomos para o tema V<sub>1</sub> de segundo grau de abertura \*u, uma vez que os reflexos realizam-se como /u, o/ nas línguas de 5/7 vogais.

Propomos para o tema, classe nominal 12/13, com função diminutiva, exceto em boa (C44) e em tonga (M64), onde atestamos o emparelhamento de classe nominal 1/2, utilizado na língua para animais personificados.

Quanto aos tons, atestamos os seguintes resultados:

Em ngangela (K12b) um tema de estrutura silábica (C)V-CV remonta a um tom \*B (cf. Maniacky 2002:69).

Em boa (C44) atestamos apenas um reflexo tonal A em S<sub>1</sub> que poderia remontar a \*B, conferir no exemplo abaixo.



‘η-gómbɛ’ vache (Motingea 2005:14). < \*gòmbè 1434 (1)

Contudo, o exemplo citado acima tem uma baixa fiabilidade devido ao fato que os reflexos tonais nesta região são problemáticos, além disso, a língua boa (C44) não preserva os padrões tonais do \*PB:

Devido aos conflitos tonais entre os substantivos atestados em ngangela (K12b) e em boa (C44), optamos em reconstruir o tema sem uma proposta tonal.

Propomos um tema de estrutura segmental similar °-bue (cf. capítulo 2, subitem 2.1.17. ), no entanto devido às mudanças semânticas entre os temas optamos por agrupar e analisar os reflexos separadamente.

### 1.2.3.3. O tema °-púnja (cl. 9/10, 12/13)

Novo tema baseado em reflexos atestados em línguas das zonas K L R.

K11	chokwe	puza		antelope	Mac Jannet 1949:3/77
K12b	ngangela	kámunya	12	antilope ( <i>Raphicerus Campestris</i> )	Maniacky 2002:351
K14	luvale	puza		oribi ( <i>Ourebia ourebi</i> )	Ansell 1978:64
K14	luvale	kapuza	<u>12</u>	steinbok ( <i>Raphicerus campestris</i> )	Ansell 1978:65
K33	rukwangali	mpunza pl. (va-)	9/2	steenbok ( <i>Raphicerus campestris</i> )	Kloppers 1994:141/164

K331/2	rumanyo	mpûndja	9/2 + 9	steenbok ( <i>Raphicerus campestris</i> )	Möhlig & Shiyaka- Mberema Karl Peter 2005 :152
K333	thimbukushu	mundha ndh [ð]		steenbok ( <i>Raphicerus campestris</i> )	Legère & Munganda 2004:135
L62	nkoya	kapûnth (I, VI), (tu-)	12/13	impala, gazelle	Yukawa 1987:23
R13	nyaneca	omphundya	<u>9</u>	antílope ( <i>Raphicerus campestris</i> )	Da Silva 1966:40
R21	kwanyama	okapundja, HH	<u>12</u>	<i>Raphicerus campestris</i>	Halme 2004:261
R21	kwanyama	mhundja, HH	1a/2a	steenbok, <i>Raphicerus campestris</i>	Halme 2004:253
R22	oshindonga	okapundja (uu-)	12/13	steenbok	Viljoen Amakali & Namuandi 1984:101/44
R22	oshindonga	ompundja (oo-)	9/10	steenbok	Viljoen Amakali, & Namuandi 1984:101/28
R30	otjiherero	ombuindja	9/10	steinbock	Viehe 1897:109

Em nyaneca (R13) e em kwanyama (R21) atestamos formas compostas, com o objetivo de enfatizar o diminutivo.

R13	nyaneca	omphundyona	diminutivo de antílopes pequenos	Da Silva 1966:40
R21	kwanyama	okapundjena HLH	baby steenbok	Halme 2004:261

Na maioria das línguas o tema denomina ‘steinbok: *Raphicerus campestris*’. Em nkoya (L62) o substantivo apresenta mudanças semânticas e denomina ‘impala’. O sentido atestado em chokwe (K11) e em luvale (K14) é proveniente dos livros de zoologia e o tema denomina tanto ‘oribi’ quanto ‘steinbok’, duas gazelas parecidas e de tamanho bem pequeno. Em luvale (K14) o mesmo autor sugeriu que o substantivo denomina às duas espécies de gazelas pequenas, com mudanças de classes nominais, provavelmente para acentuar o valor diminutivo.

Os fonemas em posição de  $C_1$  realizam-se como /p, m, mp, mph/ e remontam a uma consoante oclusiva bilabial surda, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10. Em ngangela (K12) o processo de nasalização plena do NC (\*mp > m) é irregular, mas poderia justificar-se por influência das línguas do grupo K30 como, por exemplo, do thimbukushu (K333) onde é regular (\*N + p > m). Em kwanyama (R21) atestamos duas formas regulares propostas pelo mesmo autor, o fonema /mh/ é resultado da combinação (\*N + p > mh), por exemplo:

‘omhadi’ foot (Halme 2004:15) < \*pàdí 2361 (5).

Em otjiherero (R30) a  $C_1$  remonta tanto a uma consoante oclusiva pré-nasalizada \*mp quanto a \*mb.

Em posição de  $C_2$  os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*nj. Em chokwe (K11) e em luvale (K14) a  $C_2$  remonta tanto a \*j quanto a \*nj (\*j/\*nj > z). A  $C_2$  do substantivo atestado em ngangela (K12b) é irregular, pois na língua o fonema /ny/ remonta a \*j. (cf. Maniacky 2002:11).

Em thimbukushu (K333) o fonema em posição de  $C_2$  é irregular, pois de acordo com a descrição fonética do autor o fonema /ndh/ realiza-se como uma consoante fricativa interdental sonora.

Em nkoya (L62) o fonema /nth/ remonta a \*j/\*nj:

cf. ‘jinhénthe’ cricket (Yukuwa 1987:28) < \*jénjé 1586 (3).

Atestamos em lingala (C30B) um reflexo irregular, onde a  $C_1$  remonta a \*b ou (\*N + b > mb). Além do mais, em posição de  $C_2$  a origem de /z/ nas línguas do grupo C30 é problemática, uma vez que, nestas línguas \*j >  $\emptyset$ . Os tons do substantivo em lingala (C30B) é também problemático e os reflexos tonais BB < \*BB (cf. ‘mongonga’ clochette’, Everbroeck, 1985:233) < \*-gòngà 1514 (1). Devido esses problemas não agrupamos os reflexos do lingala com os reflexos do tema discutidos nesta seção.

C30B	lingala	mbuza	antilope (esp.)	presqu’aussi	Everbroeck
			grande que le môngó		1985:214/114

Sugerimos ao tema  $V_1$  de segundo grau de abertura, visto que, não identificamos processos de espirantização da  $C_1$  nas línguas de 5 vogais.

Quanto a  $V_2$ , sugerimos ao tema vogal central não arredondada.

Propomos para o tema o emparelhamento de classe 9/10, 12/13, com função diminutiva. Em kwanyama (R21) o mesmo autor propôs três emparelhamentos de classe nominais: 12/13, 1a/ 2a e a combinação da classe nominal 12 com o morfema (-ena) com conotação diminutiva, e denomina o ‘baby de steenbok’. Em oshindonga (R22) atestamos os emparelhamentos de classe nominal 12/13 e 9/10, sem mudanças semânticas.

Quanto aos tons, em ngangela (K12b), os reflexos tonais (A)BB remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*AB. (Maniacky, 2002:100).

Em kwanyama (R21) os reflexos tonais AA remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto, \*BA ou \*AB:

‘ofingo’ HH ‘neck’ (Halme 2004:257) < \*kíngó 1845 (1)

‘ondjaba’ HH ‘elephant’ (Halme 2004:276) < \*jàmbá 1563 (4)

‘onghoshi’ HH ‘lion’ (Halme 2004:278) < \*kóci 1872 (3)

Apesar das divergências entre os padrões tonais atestados nas línguas, sugerimos para o tema em posição de S<sub>1</sub> um tom \*A, mesmo se em kwanyama (R21) os reflexos não são exclusivos. Em posição de S<sub>2</sub> os reflexos tonais seguem problemáticos, pois remontam tanto a um tom A quanto a B.

#### 1.2.3.4. O tema °-pèné (cl. 9/10, 7)

Proposta de tema atestado em algumas línguas da zona S.

S10	chishona	mene (i-dzi)	<u>9/10</u>	steinbok	Biehler 1950:320
S13	chimanyika	mhene LH	<u>9/10</u>	steenbok	Hannan 1974:351/905
S14	chikaranga	mhene LH	<u>9/10</u>	steenbock	Hannan 1974:351/905
S16B	nambya	imhene (i/i)	<u>9/10</u>	antelope (steenbock)	Moreno 1988:47/125
S53	tsonga	xìpèné	7	steenbok <i>(Raphicerus campestris)</i>	Cuénod 1976:243

O tema denomina ‘steinbok: *Raphicerus campestris campestris*’. Nas outras línguas da região atestamos o sinônimo °-punja para denominar a espécie de gazela.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial surda, às vezes, com a combinação da (N-) prefixo de 9/10 como, por exemplo, nas línguas do grupo S10 onde (\*N + p > mfi). Em tsonga (S53) a C<sub>1</sub> é reflexo direto da consoante oclusiva bilabial surda (\*p > p).

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma nasal alveolar.

Em posição de  $V_1$  e  $V_2$  os fonemas vocálicos são regulares e remontam a uma vogal de terceiro grau de abertura.

Sugerimos para o tema emparelhamento de nominal 9/10, baseado nos prefixos atestados nas línguas do grupo S10, exceto em tsonga (S53) onde identificamos classe nominal 7 com função diminutiva na língua. (cf. Maho 1999: 328).

Quanto ao padrão tonal, nas línguas do grupo S, os reflexos tonais BA remontam a um padrão tonal exclusivo \*BA.

Em shona (S10) ‘mvùú’ cl. 9 hippopotamus (Hannan, 1974:429) < \*gùbú 1532 (1)

Em tsonga (S53) ‘mpfùvú’ hippo (Cuénod 1976:110).

No BLR (2003) identificamos uma forma de estrutura segmental similar \*-péné 2456 (3) atestado nas línguas da zona D G J M com o sentido de ‘cabra’. Apesar das divergências tonais com o tema discutido neste subitem, acreditamos em um vínculo direto ou indireto entre eles. Um processo de amplitude semântica a partir de substantivos que denominam ‘cabra’ é um fenômeno bem comum em bantu. (cf. Bastin 1985:15 e outros casos nos tema \*-bùdì, 1.6.4.1. e °-kòmbè 2.2.7. ). A relação entre os temas justificaria as mudanças semânticas atestados para o tema discutido nesta seção.

Além dos temas discutidos acima, atestamos em sango (G61) um tema composto para denominar a gazela ‘*Raphicerus campestris*’. (cf. Outros casos de formas compostas em anexo).

---

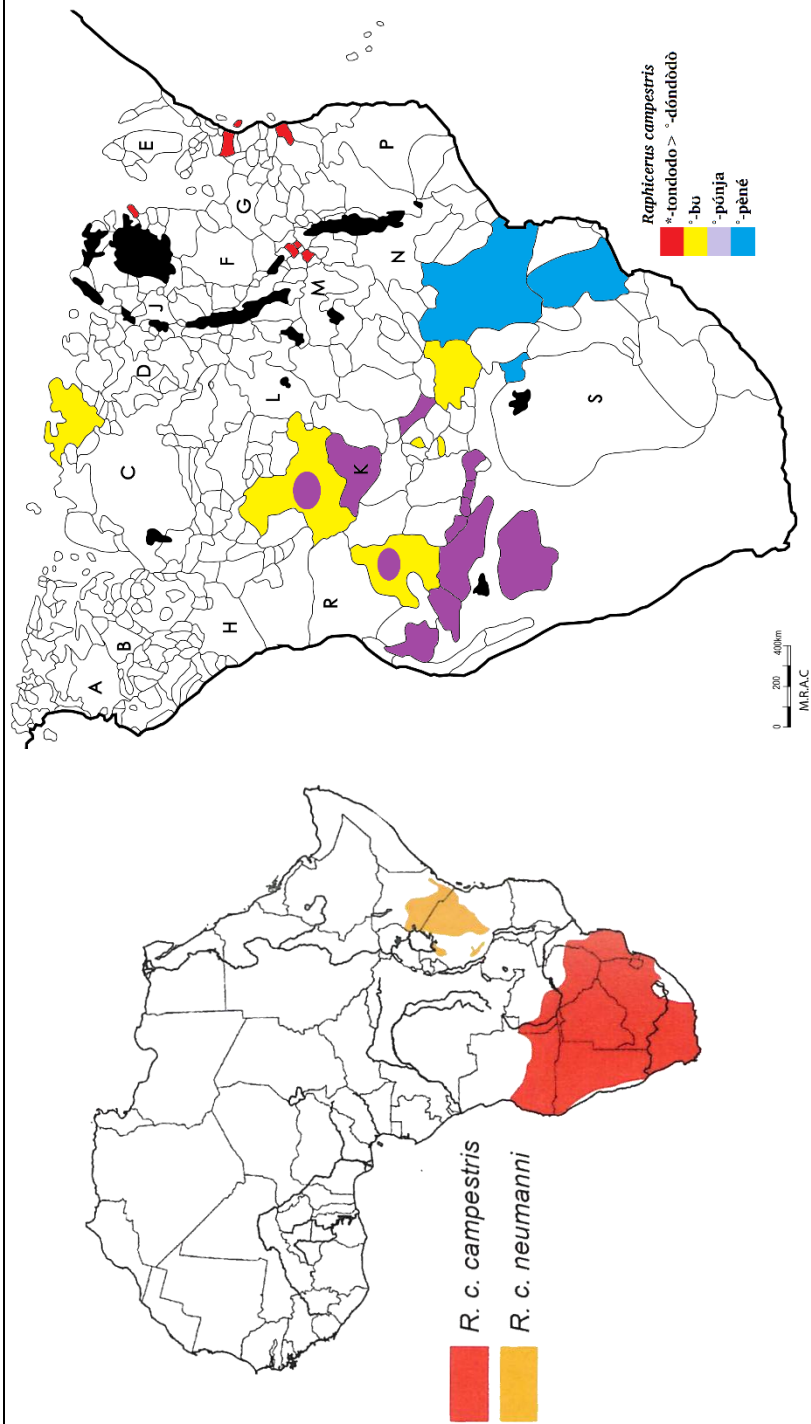
G61 sango nhyaluji nduku<sup>84</sup> steinbok Swynnerton 1946:35  
(*Raphicerus campestris*)

---

Discutimos na referida tese a primeira parte do composto < °-caduji atestado nas línguas da zona G com o sentido de ‘*Sylvicapra grimmia*’. (cf. Item 1.1.7.3. ). As motivações semânticas para a formação do composto seguem obscuras, pois até o presente não identificamos o significado da segunda parte do termo.

---

<sup>84</sup> A transcrição fonética do substantivo sugerida por Swynnerton está errada. Leia-se: [n<sup>h</sup>aluji nduŋ<sup>h</sup>u] onde a palavra [nduŋ<sup>h</sup>u], em gogo, significa ‘vermelho’. (cf. Philippson 2019, comunicação pessoal).



Mapa 20: Hábitat *Raphicerus campestris/sharpei*

Mapa 21: Temas *Raphicerus campestris*



#### 1.2.4. *Raphicerus campestris/Raphicerus sharpei*

**Descrição:** o *Raphicerus sharpei* têm pelos mais longos nos quartos traseiros do que as outras subespécies de *Raphicerus*. Os pelos avermelhados têm uma pintada generosa de pelos brancos nas partes dorsais, ombros e flancos. Os olhos são rodeados por um anel esbranquiçado. As partes inferiores, a garganta e parte interna das pernas são mais pálidas que as partes superiores, quase brancas. Os chifres são curtos e inclinados levemente para trás com pontas afiadas e são presentes apenas nos machos.

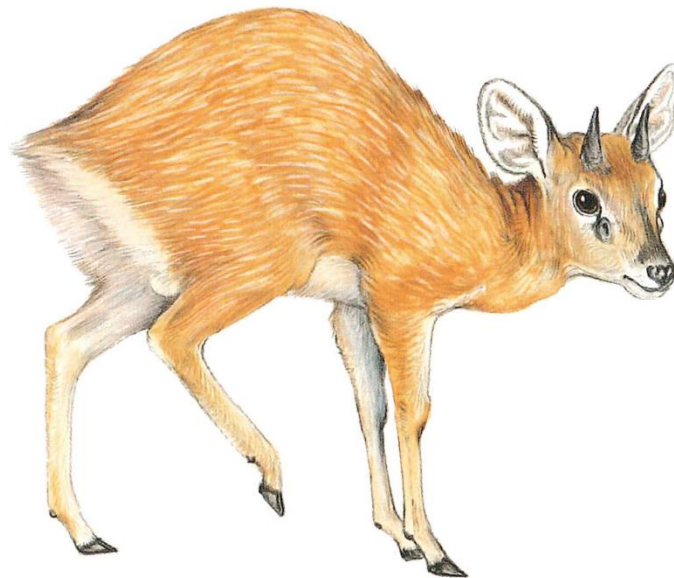


Figura 11: *Raphicerus sharpei*

**Hábitat:** são encontrados em savanas da Tanzânia (perto do lago Victoria) à Suazilândia. A distribuição estende-se para o sul através da RDC, maior parte da Zâmbia, Malawi e Moçambique (não incluindo as regiões de florestas costeiras), até o extremo nordeste de Botswana, Namíbia e grande parte do Zimbábue.

**Países nativos:** Botswana, República Democrática do Congo, Suazilândia, Malawi, Moçambique, África do Sul, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.

Identificamos três (3) temas no domínio bantu que denominam ambas as espécies de *Raphicerus*: °-tumba, °-púdòpúdò e °-tídí.

#### 1.2.4.1. O tema °-tumba (cl. 9/10, 12/13)

Novo tema baseado em reflexos atestados em línguas das zonas K M.

K21	silози	katimba <sup>85</sup>	<u>12</u>	sharpe's grysbok ( <i>Raphicerus sharpei</i> )	Ansell 1978:66
M402	aushi	timba pl. (va-)	<u>9/2</u>	grysbok	Doke 1933:287
M42	icibemba	káántìimbà, pl. (túú-)	12/13	antilope sp.	Makasa Kasonde 2009:129
M42	icibemba	katimba (tu-)	<u>12/13</u>	duiker blue	Hoch 2006:135
M42	icibemba	kantimba	<u>12</u>	blue duiker ( <i>Philantomba monticola</i> )	Wilson 2005:221
M52	lala	timba	<u>9</u>	Cape grysbok	Verbeek 2004:705
M54	lamba	timba	<u>9</u>	Cape grysbok	Verbeek 2004:705
M54	lamba	timba (wá-)	<u>9/2</u>	steinbok	Doke 1933:113
M63	ila	timba pl. (ba-)	<u>1a/2</u>	grysbuck	Smith 1907:262

<sup>85</sup> Segundo Ansell (1978:66): 'Soane Campbell (in Pitman, 1934) gave 'simpulumpulu', which is similar to the Luvale (K14) name of R. *Campestris*'.

M64	tonga	timba	<u>1a/2</u>	sharpe's grysbok ( <i>Raphicerus sharpei</i> )	Ansell 1978:66
S16B	nambya	inhimba (i/i)	<u>9/10</u>	antelope (grysbok)	Moreno 1988:50/126

Quanto à semântica, em aushi (M402), em lala (M52), em ila (M63), em tonga (M64) e em nambya (S16B) o tema denomina ‘grysbuck: *Raphicerus sharpei*’. Em lamba (M54), de acordo com fontes diferentes, o tema denomina ‘grysbuck’, mas também ‘steinbok: *Raphiceros campestris*’.

Em icibemba (M42) o substantivo de classe 12 apresenta mudanças semânticas e denomina ‘blue duiker: *Philantomba monticola*’.

Baseado nos sentidos revelados na maioria das línguas sugerimos para o tema o sentido *Raphicerus campestris* e *Raphicerus sharpei*.

Segundo Verbeek (2004: 705), o tema é sinônimo de ‘katili’ (discutido no subitem 1.2.4.3. ), atestado em outras línguas e/ou dialetos da zona M para denominar também uma espécie de *Raphicerus*.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar surda. Em algumas línguas a C<sub>1</sub> é resultado da combinação do prefixo de classe 9/10 com o fonema \*t, por exemplo, em nambya (S16) onde (\*N+t>nh). Em posição de C<sub>2</sub>, em todos os casos os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*mb.

Em posição de V<sub>1</sub> propomos para o tema uma vogal de segundo grau de abertura, visto que, não atestamos o processo de espirantização da C<sub>1</sub> nas línguas de 5 vogais. Em posição de V<sub>2</sub> sugerimos para o tema uma vogal central não arredondada.

Em relação às classes nominais, atestamos o emparelhamento 9/10, em nambya (S16B), classe 9/2 nas línguas da zona M, com mudanças semânticas, porém, denominam duas subespécies de gazelas de tamanho muito pequeno, em lamba (M54) o tema denomina ‘steinbok’, em aushi (M402) e em ila (M63)

os substantivos de classe 1a/2 denominam ‘grysbok’. Em icibemba (M42) atestamos o emparelhamento de classe 12/13, com função diminutiva.

Devido à falta de dados tonais confiáveis, o tema segue sem um padrão tonal definido.

No BLR (2003) identificamos temas de estruturas segmentais similares, por exemplo, \*-dimba 5487 (5) atestado na zona R com o sentido de ‘lièvre’. Colocamos em evidência também um tema de estrutura similar °-jumba com o sentido de ‘dikdik: *Rhynchotragus kirkii*’. Mesmo se, os temas apresentam problemas de regularidade da C<sub>1</sub>, não excluimos a possibilidade de um vínculo direto ou indireto entre eles.

(cf. No BLR outras formas \*címhá 613 (1), \*tímhá 2923 (5) com o sentido de ‘chat sauvage, felin’).

#### 1.2.4.2. O tema °-púdòpúdò (cl. 9/10)

Atestamos reflexos deste tema nas línguas das zonas K L M N S.

K14	luvale	kapulupulu	<u>12</u>	steinbok ( <i>Raphicerus campestris</i> )	Ansell 1978:65
L35	kisanga	mpulumpulu	9/10	genre d'antilope	Missions bénédictines Abbaye de Saint-André-lez- Bruges 1950:128
M42	icibemba	mpulupulu	<u>9</u>	a kind of antelope the kudu	The White Fathers 1954:439
M42	icibemba	impulumpulu	<u>9</u>	antilope kudu	Mann 1995
N41	chinsenga	pulupulu	<u>9</u>	greater kudu <i>Tragelaphus strepsiceros</i>	Ansell 1978:54

N41	chinsenga	mpulupulu	<u>9</u>	greater kudu <i>Tragelaphus strepsiceros</i>	Ansell 1978:54
S21	tshivenda	phúlúvhulu [phúlúvhulu]	9	steenbok <i>(Raphiceros campestris)</i>	Van Warmelo 1937:220/331
S31	setswana	phuduhudu HLHL	9	steenbok	Cole 1995:67
S31	setswana	phudufudu HLHL	9	steenbok	Cole 1995:67
S31a	rolong	phuduhudu HLHL	9	steenbok	Cole 1995:67
S31b	kgatla	phudufudu HLHL	9	steenbok	Cole 1995:67
S31c	ngwato	phuduhudu HLHL	9	steenbok	Cole 1995:67
S31c	setswana	phuduhudu HLHL	9	steenbok	Cole 1995:67
S31E	thlaro	phuduhudu HLHL	9	steenbok	Cole 1995:67
S31	setswana	[? phuduhudu HLHL	9	grysbok, sharpe's	Cole 1995:60
S31	setswana	phuduhutsw ana HLHLL		grysbok (diminutivo)	Cole 1995:48
S31c	ngwato	phuduhutsw ana HLHLH		grysbok (diminutivo)	Cole 1995:48

A proposta semântica do tema é baseada no sentido revelado nas línguas da zona S e em luvale (K14), cujos substantivos, respectivamente, de classe 9/10 e 1/2, denominam 'steenbok: *Raphiceros campestris*' e também a subespécie grysbok, sharpe's: '*Raphiceros sharpei*'.

O novo tema discutido neste subitem caracteriza-se por apresentarem um tipo de reduplicação total do tema, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de

classe 9/10. Por exemplo, em icibemba (M42) o mesmo autor revela duas formas, com reduplicação total e com integração do prefixo de classe nominal 9/10. O autor revela ainda que em icibemba (M42) a tema é sinônimo de ‘ntandala, nsansala<sup>86</sup>’.

Quanto à regularidade dos fonemas, identificamos que a C<sub>1</sub> provém de uma consoante oclusiva bilabial surda, às vezes com a inserção do prefixo de classe 9. Em posição de C<sub>2</sub> os reflexos remontam a uma consoante oclusiva alveolar sonora.

Em posição de V<sub>1</sub> propomos para o tema uma vogal de primeiro grau de abertura, que se justifica pelo processo de espirantização atestada nos reflexos. Mas em posição de V<sub>2</sub> sugerimos para o tema uma vogal de segundo grau de abertura.

Baseado nos emparelhamentos de classes atestado nas línguas propomos ao tema a classe 9/10.

Em relação aos padrões tonais, atestamos os seguintes resultados:

Em tshivenda (S21) os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal \*AA ou \*AB:

‘tsímbá ‘genet’ (Van Warmelo 1937:330) < \*címbá 613 (1)

‘mbúdzí’ goat (Van Warmelo 19937:331) < búdì 303 (1)

Em setswana (S31), ocorre uma neutralização dos reflexos tonais AB ou AA em contexto de isolamento, o que resulta em ambos os casos a um padrão tonal \*AB.

---

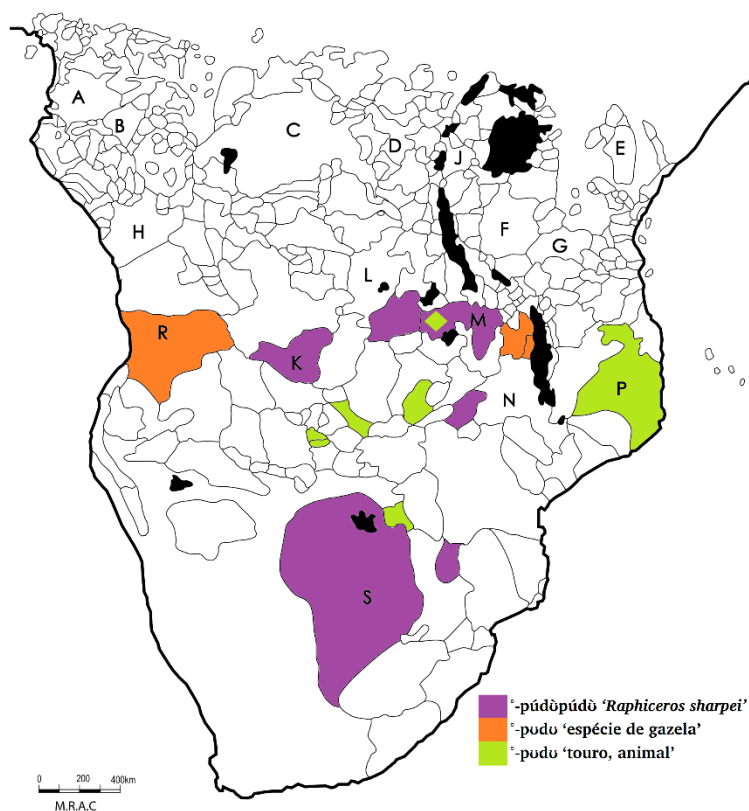
<sup>86</sup> < \*-tándadá 8576 (5) atestado em algumas línguas para denominar o ‘antílope kudu: *Tragelaphus strepsiceros*’.

‘nôga [nógà]’ snake (Cole 1995: 149) < \*jókà (1)

‘kgôri [kgórí]’ kori bustard (Cole 1995: 81) < \*kódì 1883 (1)

Apesar da neutralização tonal em setswana (S31) e da origem ambígua dos reflexos tonais AA em tshivenda (S21), propomos para o tema um padrão tonal \*AB.

A pesquisa coloca em evidência alguns substantivos simples ‘pulu’ (cf. °-pùdù 1.4.2.1. ), às vezes com mudanças semânticas. Apesar das divergências semânticas e de abertura da V<sub>1</sub>, o tema ‘pulu’ reforça o estatuto de reduplicação.



Mapa 22 : \*-pùdùpùdù/°-pudu

## 1.2.4.3. O tema °-tídí (cl. 12/13)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados apenas em línguas da zona M.

M15	mambwe	akatili	<u>12</u>	small gazelle	N & P 1975
M42	icibemba	katili	<u>12</u>	sharpe's grysbok ( <i>Raphicerus sharpei</i> )	Frank Willems 2011
M42	icibemba	katili pl. bakatili	<u>12/2</u>	small antelope, Sharpe's steinbok	The White Fathers 1954:256
M42	icibemba	kàtílí pl. (tù-)	12/13	antelope sp.	Kasonde 2009:129
M42	icibemba	katfli	<u>12</u>	Sharp steenbuck	Guthrie & Mann 1995:34/105
M51	chibisa	katili	<u>12</u>	Kap-Greisbock, <i>Raphicerus melanotis</i>	Jansen (site online)
M54	lamba	akatili	<u>12</u>	<i>Raphicerus sharpei</i>	Biodiversité au katanga

Referente à semântica, em icibemba (M42) e em lamba (M54) o tema denomina uma espécie de antílope ‘Sharpe’s grysbok: *Raphicerus sharpei*’ e *Raphicerus campestris*’, enquanto em chibisa (M51) o sentido mencionado é *Raphicerus melanotis*.

O sentido *Raphicerus melanotis* sugerido em chibisa (M51) é um erro de identificação, uma vez que essa espécie é ausente na região e endêmica de regiões montanhosas e de várzea na África do Sul como podemos constatar no mapa abaixo.





Mapa 23: Hábital *Raphicerus melanotis*

Por isso, sugerimos ao tema o sentido *Raphicerus campestris* e *Raphicerus sharpei*.

Quanto aos reflexos, em posição de  $C_1$  sugerimos para o tema uma consoante oclusiva alveolar surda. Em posição de  $C_2$  sugerimos para o tema uma consoante oclusiva alveolar.

Quanto as vogais, propomos  $V_1$  e  $V_2$  uma vogal de segundo grau de abertura \*ɪ.

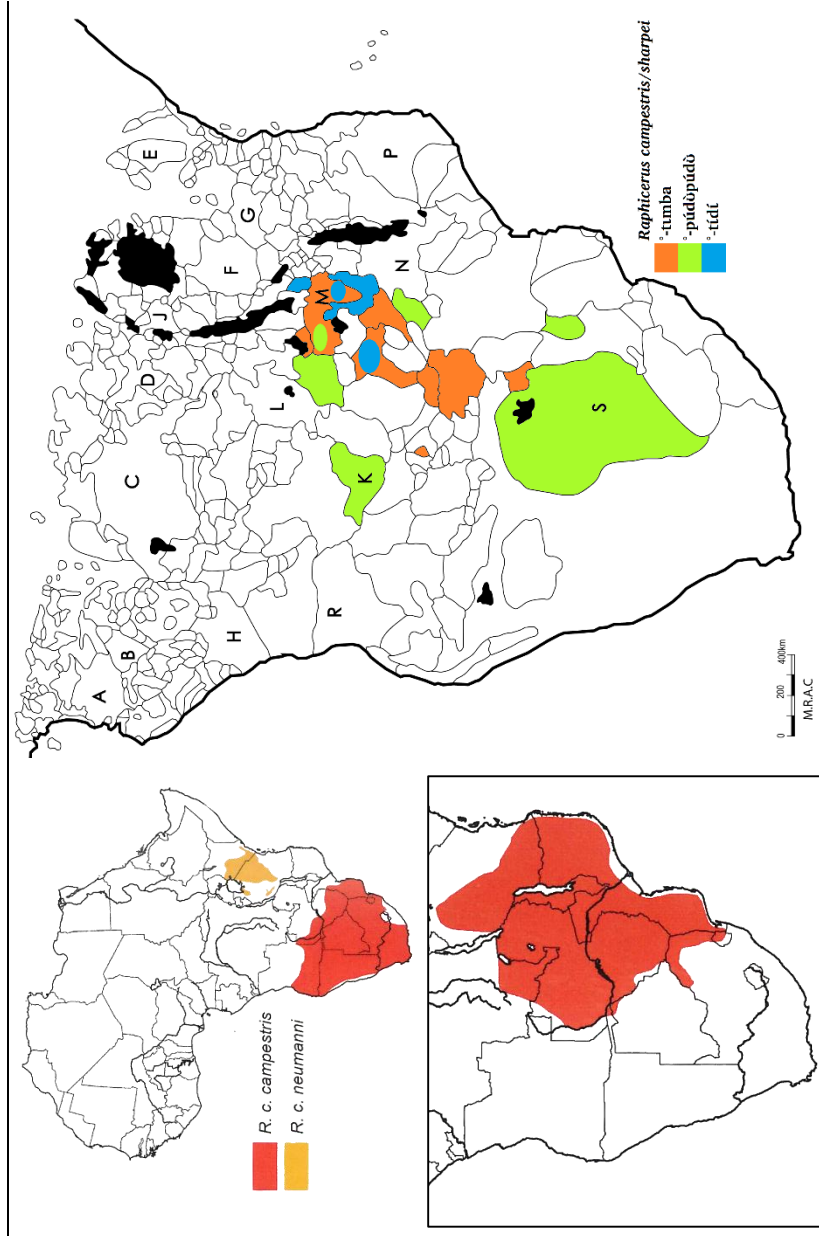
Sugerimos para o tema os emparelhamentos de classe 12/13 e 12/2, com função diminutiva nas línguas.

Quanto aos padrões tonais, baseado nos reflexos tonais AB sugeridos por Guthrie & Mann, em icibemba (M42), sugerimos para o tema um padrão tonal \*AA. (cf. Também Philippson, 1999:398).

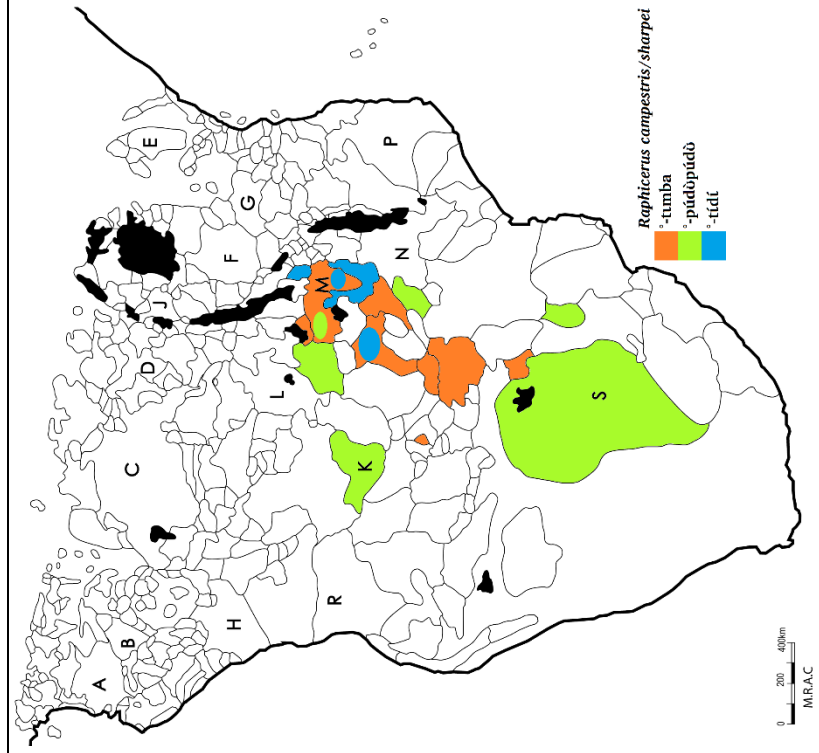
256

‘áka-ténde’ heel (Guthrie & Mann 1995:104) < \*ténde 2851 (4)

‘ici-shinde’ clod of grass (Guthrie & Mann 1995:90) < \*tinde 2937 (1)



Mapa 24: Hábitats *Raphicerus campestris/sharpei*



Mapa 25: Temas *Raphicerus campestris/sharpei*

**1.2.5. *Madoqua kirkii***

**Descrição:** antílopes muito pequenos e elegantes. Tem um tufo erétil de pelos, na coroa da cabeça entre as orelhas grandes, atingindo aproximadamente 45 mm de comprimento. A coloração dos pelos é mais clara em regiões mais áridas. A pelagem do dorso é grisalha e castanhas com manchas brancas, o rosto e as pernas são de cor marrom, o queixo e a barriga são esbranquiçados. Os chifres curtos e inclinados para trás são presentes apenas nos machos.



Figura 12: *Madoqua kirkii*

**Hábitat:** os dikdik<sup>87</sup> são amplamente restritos a África oriental. Habitam planícies quentes dominadas por *Acácia spp.* Eles também podem viver em florestas densas e preferem lugares onde a grama e os arbustos são abundantes.

---

<sup>87</sup> *Madoqua kirkii*. Sinônimo: *Rhynchotragus kirkii*, *Neotragus kirkii*. O nome popular do 'dikdik', deriva do som emitido por eles quando estão assustados.

**Países nativos:** Angola, Quênia, Namíbia, Somália, Tanzânia, Uganda. (cf. IUCN).

Atestamos 2 (duas) propostas de temas concorrentes no domínio bantu para denominar a espécie de antílope em questão: °-jumba e °-cuguja.

### 1.2.5.1. O tema °-jumba (cl. 12, 7)

Proposta baseada em reflexos atestados nas línguas da zona F G, com o sentido de ‘dikdik: *Madoqua kirkii*.

F24	kimbu	kajimba	<u>12</u>	dikdik ( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	Swynnerton 1946:36
F31	nilamba	jimba	<u>1/2</u>	dikdik ( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	Swynnerton 1946:37
F31	nilamba	jimba (I)- ajimba i [e]	1/2	duiker	Yukawa 1989:20
G11	gogo	kazimba	<u>12</u>	dikdik ( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	Swynnerton 1946:35
G61	sango	khajimba	<u>12</u>	dikdik ( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	Swynnerton 1946:35
G62	kihehe	kitzimba	<u>7</u>	dikdik ( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	Swynnerton 1946:35

Propomos para o tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva palatal sonora, no entanto atestamos alguns casos particulares.

Em nilamba (F31) o consoante palatal /j/ é regular e remonta a \*j, enquanto \*y > ∅.

Em gogo (G11) o fonema /z/ remonta tanto a \*j quanto a \*d (se considerarmos o processo regular de espirantização na língua). Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*mb.

Propomos ao tema em posição de  $V_1$  uma vogal de segundo grau de abertura. Em nilamba (F31) de acordo com o sistema fonético utilizado pelo autor o fonema /i/ realiza-se como [e]. Nas outras línguas não identificamos a representação fonética da  $V_1$ , pois os dados são provenientes de fontes zoológicas.

Em posição de  $V_2$  propomos para o tema uma vogal central não arredondada.

Propomos para o tema o emparelhamento de classe nominal 12/13, exceto, em nilamba (F31), onde atestamos emparelhamento de classe 1/2 e em hehe (G62) onde propomos classe 7, com função diminutiva na língua.

Devido à ausência de anotações tonais nos reflexos o tema segue sem um padrão tonal definido. Visto que, os dados são majoritariamente provenientes de fontes zoológicas a proposta de tema segue sem uma boa fiabilidade.

#### 1.2.5.2. O tema °-coguja (cl. 9, 12)

Proposta de tema atestado em algumas línguas da zona F. O tema denomina ‘dikdik: *Rhynchotragus kirkii*’.

F22	nyamwesi	kasuuya <sup>88</sup>	<u>12</u>	dikdik ( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	Swynnerton 1946:36
F31D	nyambi	nsuguya	<u>9</u>	dikdik ( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	Swynnerton 1946:37
F32	nyaturu	mughuya <sup>89</sup>		dikdik ( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	Swynnerton 1946:37

Atestamos também uma entrada em kiswahili (kiunguja), que não identificamos no dicionário de Sacleux (1949) possivelmente pelo fato de que o substantivo é um empréstimo proveniente de línguas da zona F como, por

<sup>88</sup> Erro de notação fonética de Swynnerton, leia-se (ka)soβóyá].

<sup>89</sup> Erro de notação fonética de Swynnerton, leia-se [ɲuyuya].

exemplo, o nilamba (F31). Por isso a zona G não foi representada com os reflexos do tema discutido nesta seção.

G42d	kiunguja	suguya	<u>9</u>	dikdik	Swynnerton
				( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	1946:34

A forma atestada em kiunguja (G42d) é também problemática do ponto de vista segmental com os outros reflexos do grupo, pois em posição de  $C_1$  os fonemas remontam a \*c. (\*c > tʃ, enquanto \*c diante de /u/ > /s/).

Em nyaturu (F32) a perda da  $C_1$  é irregular, pois nas línguas do grupo \*c > h.

Em posição de  $C_2$  os fonemas remontam a uma consoante oclusiva velar sonora. Em nyamwesi (F22) a perda da  $C_2$  é irregular, mas pode justificar-se por influência de algumas línguas do grupo F, onde é regular \*g > ø como, por exemplo, em langi (F33).

Em posição de  $C_3$  os fonemas remontam a uma consoante palatal sonora.

Quanto a abertura das vogais, como não consideramos as entradas do kiunguja (G42d), única língua de 5 vogais do grupo, propomos para o tem  $V_1$  e  $V_2$  de segundo grau de abertura, visto que nas línguas da zona F, o fenômeno de espirantização não é produtivo.

Em posição de  $V_3$  sugerimos para o tema uma vogal central não arredondada. Apesar do alongamento vocálico em nyamwesi (F22) ser pertinente, no caso do substantivo atestado o alongamento justifica-se pela perda da  $C_2$ .

As classes nominais do tema são problemáticas, em nyamwesi (F22) o tema apresenta classe 12, em nyambi (F31D) identificamos classe 9, enquanto em nyaturu (F32) atestamos classe 3. Devido à heterogeneidade das classes e a falta de fontes confiáveis nas línguas onde atestamos os substantivos os temas seguem sem uma classe nominal definida.

Swynnerton (1946) sugeriu em sukuma (F21) e em isanzu (F31B), duas formas que apresentam semelhanças segmentais e que têm uma relação semântica com a proposta °-cuguja.

---

F21	sukuma	subuya	dikdik ( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	Swynnerton 1946:38
-----	--------	--------	--	--------------------

---

F31B	isanzu	ihuyuga	dikdik ( <i>Rhynchotragus kirkii</i> )	Swynnerton 1946:38
------	--------	---------	--	--------------------

---

A entrada sugerida por Swynnerton (1946), é um processo de metátese entre \*b/\*g, bem comum em bantu. Sendo assim teríamos:

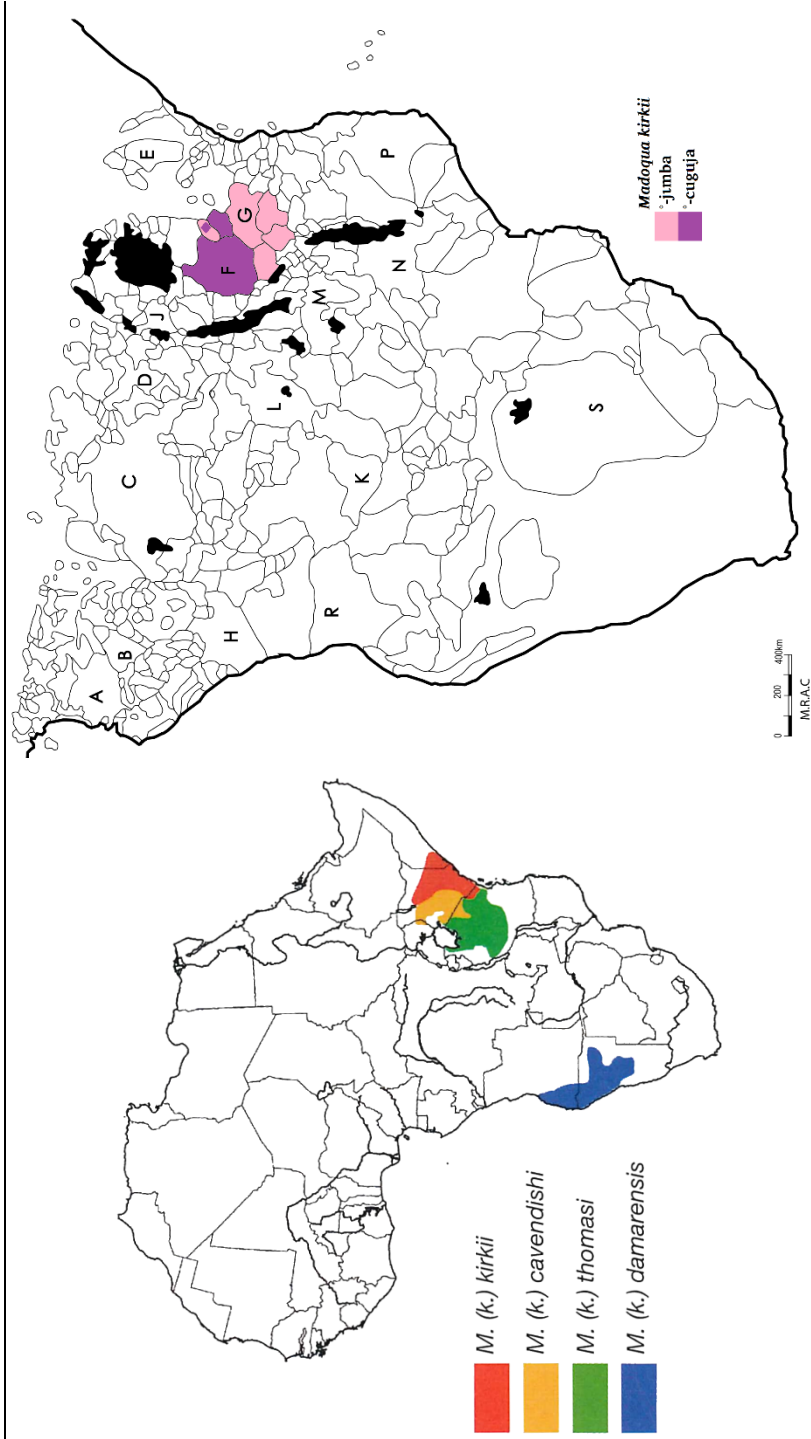
ihuguya > ihuyuga.

Enfim, todos os reflexos discutidos acima, apresentam uma relação tanto formal quanto semântica, e são restritos a zona F (Tanzânia ocidental).

Devido à ausência de anotações tonais nos reflexos o tema continua sem um padrão tonal definido.

Os temas que atestamos para denominar '*Madoqua kirkii*', coincide com o hábitat da espécie, majoritariamente na parte leste do bantu. Porém, de acordo com o mapa de hábitat, na parte oeste do bantu existe a subespécie conhecida como '*Madoqua kirkii damarensis*'. Não atestamos substantivos para denominar especificamente essa subespécie. Contudo, Maniacky (2002) sugeriu em ngangela (K12b) o substantivo de classe 12 'kájeenda', com o sentido de '*Madoqua kirkii*' (cf. Reflexos do tema °-cénda, subitem 1.1.1.4. ). Será que neste caso não se trata da subespécie '*Madoqua kirkii damarensis*'? Até o presente, o tema segue problemático, porém, acreditamos que um estudo aprofundado em literaturas específicas sobre a fauna, a caça, a zoologia, etc. nos permitirá elucidar o problema.





Mapa 26: Hábitat *Madoqua kirrkii*

Mapa 27: Temas *Madoqua kirrkii*

**1.2.6. *Neotragus batesi***

**Descrição:** antílope muito pequeno com o focinho curto, olhos grandes, pernas longas e finas. Tem a coloração marrom brilhante mais escura nas costas e na testa, com manchas brancas na base e na garganta. Os antílopes jovens podem ter uma mancha branca nas orelhas. Os chifres pequenos e lisos são presentes apenas nos machos.

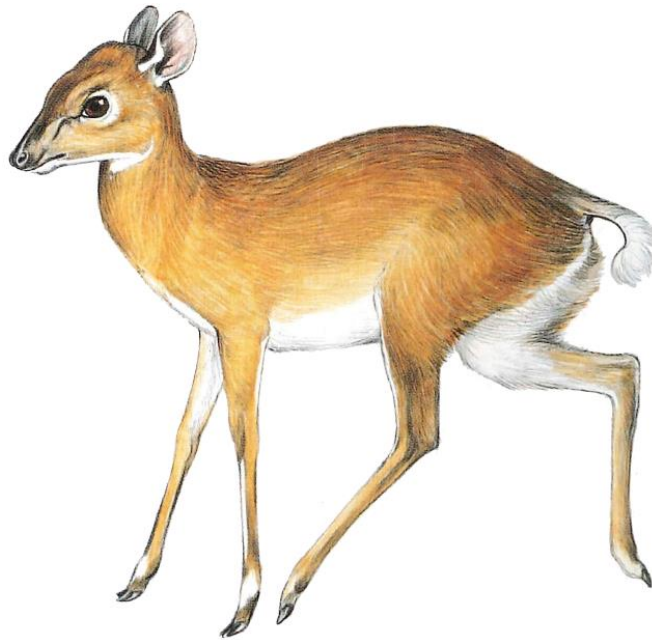


Figura 13: *Neotragus batesi*

**Hábitat:** eles habitam florestas úmidas de planície onde é densa a vegetação e baixa ao longo dos rios. Habitam plantações, áreas desmatadas ou em regeneração após o corte, o cultivo e também áreas de habitações humanas.

**Países nativos:** Camarões, República Centro Africana, Congo, República Democrática do Congo, Guiné Equatorial, Gabão, Nigéria, Uganda.

**Literatura popular:** nas comunidades aka (C104), esse antílope tem a reputação de ser muito maléfico. Isso por causa do seu comportamento, pois

o antílope faz de conta que está machucado para enganar o caçador e fugir. (Thomas *et alii* 1998:67). Segundo Mouguiama e Hombert, a etimologia popular estabelece uma relação entre o nome deste antílope e o ato de perder os sentidos (desmaiar), por exemplo, (ìkóbé denomina também ‘desmaios’, em mahongwe). Essa relação semântica justifica-se pelo fato de que o *Neotragus batesi* tem a reputação de rapidamente ficar sem fôlego’. (cf. Mouguiama e Hombert 2006: 86).

Atestamos apenas 1 (um) tema no domínio bantu para espécie de antílope em questão o tema °°-kóbè.

#### 1.2.6.1. O tema °°-kóbè (cl. 7/8)

Proposta de tema sugerido por Mouguiama e Hombert (2006:86), a partir de reflexos atestados em duas línguas da zona B.

B204	ndambomo	ìkóbè/ bàkóbè	7/8	antílope de Bates ( <i>Neotragus batesi</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:86
B252	mahongwe	héli wì kóbé/ bàhélibíkóbé	7/8	antílope de Bates ( <i>Neotragus batesi</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:86

Nas línguas da zona B, os substantivos de classe 7/8, denominam ‘antílope de Bates: *Neotragus batesi*’. Em mahongwe (B252) o autor sugeriu um tema composto a partir da junção do tema ‘héli’ (<°-céti ‘*Philantomba monticola*’) ao substantivo ‘kóbé’. Segundo o autor na língua o antílope de Bates e a gazela *Philantomba monticola* são duas espécies do mesmo gênero.

A proposta de C<sub>1</sub> sugerida por Mouguiama e Hombert (2006) é problemática e remonta a \*k apenas do ponto de vista fonológico, visto que, nas línguas do grupo B20 (B21, B22a, B22b, B25), \*N + k, \*g > /k/, enquanto \*k > ∅ como, por exemplo, em kota (B25):

‘kòngò’ cl. 3/4 ‘dos’ (Piron Pascale 1990:174) < \*gòngò 1450 (1)

‘zòkù’ cl. 1/2 éléphant (Piron Pascale 1990: 180) < \*jògù 1607 (1)

‘ádí’ cl. 1/2 ‘épouse, femme’ (Piron Pascale 1990:168) < \*kádí 1674 (1)

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora.

Quanto as vogais, o tema foi reconstruído com vogais de terceiro grau de abertura.

Mouguiama e Hombert (2006:86) propuseram para o tema o emparelhamento de classe 7/8. Apesar de que em muitas línguas bantu esse emparelhamento é frequentemente utilizado com função aumentativa, no substantivo atestado o tema denomina uma das menores espécies de gazelas atestado na parte oeste do bantu. Concordamos com a proposta de classe nominal sugerida por Mouguiama e Hombert (2006), contudo, é importante retificar que o tema era originalmente de classe 9/10 (geralmente a classe utilizada para designar os animais) e que o prefixo nasal foi conservado mesmo depois da passagem do tema para uma outra classe nominal (\*-ba-ŋkɔbɛ > bakɔbɛ).

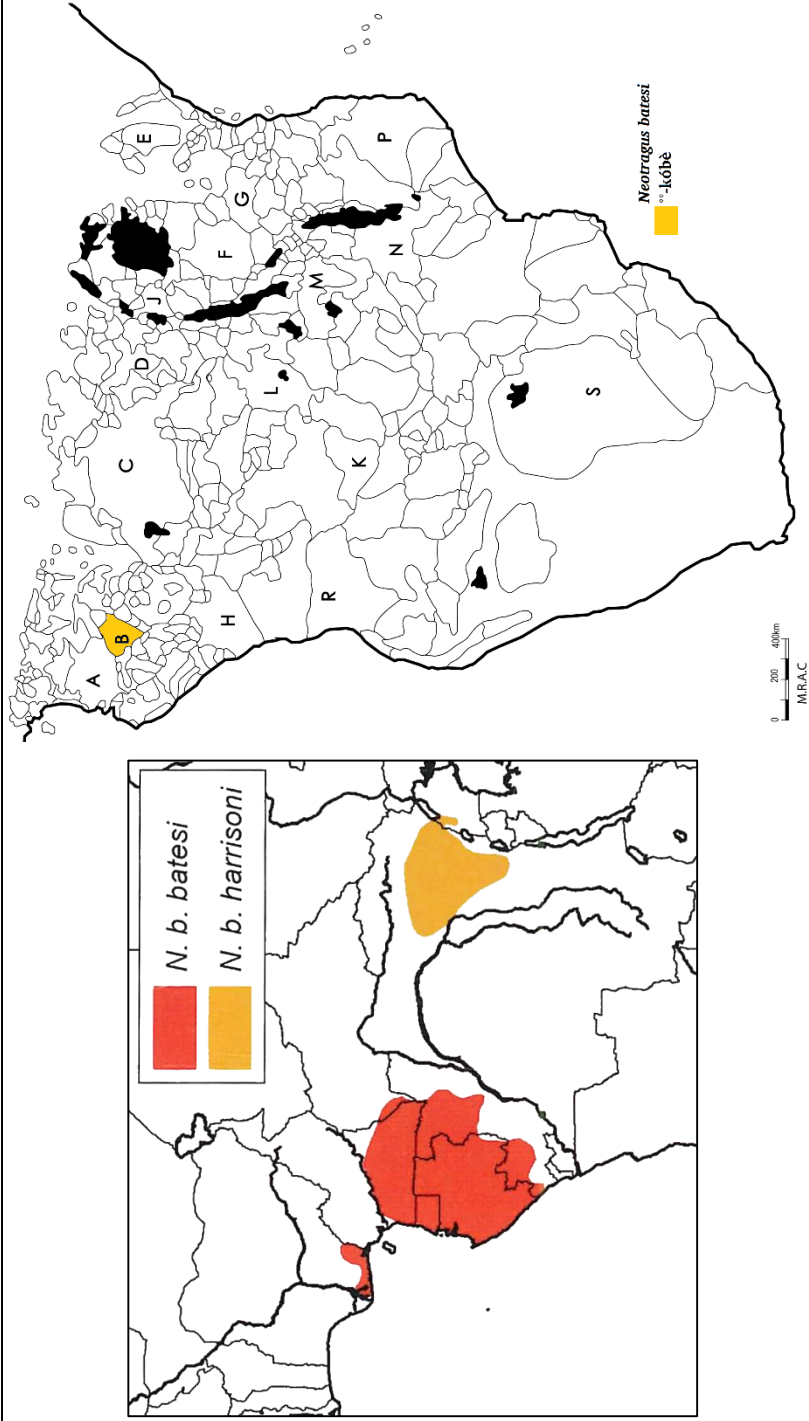
Mouguiama e Hombert propuseram um padrão tonal \*AB, baseado nos reflexos atestados nas línguas da zona B (reflexos diretos).

No BLR existe uma protoforma \*-jóbé 1601 (4) atestado em algumas línguas da zona A D F G J M com o sentido de ‘sitatunga’/‘*Neotragus batesi*’. Porém, uma relação com o tema discutido (°°-kóbè) é problemática, devido à irregularidade da C<sub>1</sub> (k/j?). Além disso, os temas apresentam perturbações tonais.

O tema tem uma distribuição linguística limitada na parte noroeste do bantu e justifica-se pelo hábitat restrito da espécie em questão. (cf. Os sentidos sugeridos em línguas da zona A, no tema \*-jóbé (1601).

De acordo com o mapa geográfico existe uma subespécie na parte central do bantu. A semântica dos substantivos atestados em ombo (C36) e em songola

(D24) nos dar indícios de um possível tema °-bue na região. (cf. Tema discutido no capítulo 2, subitem 2.1.17. ).



Mapa 28: Hábitat *Neotragus batesi*

Mapa 29: Temas *Neotragus batesi*

### 1.2.7. *Nanger granti*

**Descrição:** gazelas grandes e leves cujos chifres estendem-se verticalmente acima dos olhos, que são bastante pequenos. Têm uma coloração bege alaranjada nas costas com a barriga branca e com uma mancha retangular nas nádegas. A *Gazela de Grant's* é parecida com a *Gazela de Thomson*, porém ela é bem maior.



Figura 14: *Nanger granti*

**Hábitat:** são endêmicas da África oriental onde vivem em savanas abertas e estende-se até as regiões áridas e semidesérticas quentes e em áreas montanhosas. Podem ser encontradas também em planícies que às vezes são inundados por chuvas imprevisíveis.

**Países nativos:** Etiópia, Quênia, Somália, Sudão do Sul, Tanzânia, Uganda. (cf. IUCN).

Atestamos 4 (quatro) formas concorrentes para denominar a espécie de antílope em questão: \*-cuada, °-jeda, °-cuduku e °-godombo. Dentre os temas apenas (1) um foi reconstruído pelo BLR (2003).

### 1.2.7.1. O tema \*-cuada 4885 (5) > °-cuádá (cl. 9/10, 9/6)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos oriundos de algumas línguas das zonas G N P.

G23	shambala	šwálá [ʃwálá]	9/10	leierantilope	Roehl 1911:69
G23	shambala	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
G31	zigula	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
G31	zigula	swala		kind of antilope	Kisbey 1906:46/61
N31a	nyanja	nswala (ya-za)	<u>9</u>	girafa	Missionarios 1964:139
N31a	nyanja	nswala		giraffe; gazelle	Paas 2004:335
N31b	chewa	nswala		giraffe; gazelle	Paas 2004:335
P21	ciyao	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
P21	ciyao	swaala HLL	9	<i>Aepyceros melampus</i> giraffe	Ngunga 2001

A pesquisa atualizou o tema em algumas línguas das zonas G N P e ampliou a distribuição do tema em línguas das zonas D E F J M R.

D54	bembe	swálá (N)	9/10	espèce d'antilope roux-pâle de savane	N'sanda & Kyanza 1996:119/137
E55	kamba-kitu	nzwaala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975



E65	gweno	swaa <sup>90</sup>		Grant's gazelle	N & P 1975
F12	bende	nswāla	9/10	gazelle ( <i>Adenota vardoni</i> )	Abe 2006:73/119
F22	nyamwesi	nswala	<u>9</u>	impala ( <i>Aepyceros melampus</i> )	Swynnerton 1946:36
F24	kimbu	nswala	<u>9</u>	impala ( <i>Aepyceros melampus</i> )	Swynnerton 1946:36
F24	kimbu	nswala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
F33	rangi	wala		Grant's gazelle	N & P 1975
G24	bondei	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
G24	bondei	swaa		Grant's gazelle	N & P 1975
G301	doe	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
G32	kwere	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
G33	zaramo	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
G34	ngulu	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
G36	kami	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
G37	kutu	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
G42	kiswahili	swala		antilope	Mosilo Eboma 2009:274
G42	kiswahili	swala		gazelle de grant impallah ( <i>Aepyceros melampus</i> )	Sacleux 1949:36

<sup>90</sup> De acordo com o autor a entrada em gweno (E65) está transcrita erroneamente. O informante escreveu em posição de C<sub>1</sub> /s/ em vez de /th/, leia-se [θ].

G42	kiswahili	swara		gazelle de grant	Sacleux 1949:342
G42	kiswahili	swala		gazelle grants	Johnson 1950:237/442
G42d	kiunguja	swala		gazelle	Mdee & Massamba 1996:318
G42d	kiunguja	swala	<u>9</u>	gazelle, grant's ( <i>Gazella granti</i> )	Swynnerton 1946:34
G42d	kiunguja	swala mwekundu		impala ( <i>Aepyceros melampus</i> )	Swynnerton 1946:34
JE32	lu(h)yia	iswala indii		small gazelle	N & P 1975
JE32	lu(h)yia	iswala		Grant's gazelle	N & P 1975
JE41	logooli	iswara		Grant's gazelle	N & P 1975
M201	lambya	inswala		Grant's gazelle	N & P 1975
M23	nyiha	inswala	9/10	riedbock	Busse 1960:147
M23	nyiha	nswala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
M24	malila	inswala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
M25	safwa	iswala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
M301	ndali	uswala		Grant's gazelle	N & P 1975
M52	lala	swala		<i>Redunca arundinum</i>	Biodiversité au katanga
N13	matengo	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
N31a	nyanja	nswala	<u>9</u>	<i>Aepyceros melampus</i>	Ansell 1978:63

N31b	chewa	nswála	<u>9</u>	giraffe	Botne & Andrew Tilimbe Kulemeko 1995
P11	ndengereko	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
P12	rufiji	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
P13	kimatuumbi	swala		Grant's gazelle	N & P 1975
P13	kimatuumbi	swaalá pl. maswáalá	9/6	gazelle	Odden 1996:187
P14	ngindo	chwala		Grant's gazelle	N & P 1975
P21	ciyao	nswala/n	<u>9</u>	gazela (grande que anda em manadas, junto dos rios)	Viana 1961:74/155
P21	yao	swaala	<u>9</u>	giraffe	Ngunga 2001
R41	yeyi	u-nswa pl. (wa-)	<u>1b/2</u>	sable/roan	Lukusa 2002:138

No BLR (2003) o tema limita-se a denominar ‘espécie de antílope’. Baseado nos sentidos revelados na maioria dos dados, o tema denomina ‘*Grant's gazelle*’.

Atestamos alguns casos de divergências semânticas e/ou erro de identificação científica segundo as fontes, por exemplo, em bende (F12) o sentido revelado é ‘*Adenota vardoni*’, antigo nome científico para denominar a espécie de gazela ‘puku’. O sentido ‘*Redunca arundinum*’ sugerido em lala (M52) é conflituoso, salvo se é um tipo de categorização local, caso contrário, o tema entra em concorrência no domínio bantu com outras protoformas. (cf. Reflexos dos temas \*-bàdì, °-pojo, °-càngu).

Em nyamwesi (F22) o tema denomina ‘impala’. Os substantivos atestados em kiswahili (G42) denominam ‘*Gazelle de grant*, impala’. Em chewa (N31b) o tema denomina curiosamente ‘girafa’. Em nyanja (N31b) o tema denomina

‘gazela’, mas também ‘girafa’. Em yao (P21), o substantivo denomina ‘*Aepycerus melampus*’ e ‘girafa’.

Em yeyi (R41) o substantivo apresenta um caso de mudança semântica e denomina antílope ‘sable/roan’. Esse sentido é questionável, pois entra em concorrência na parte oeste do bantu com o tema \*-tèngú 7710 (3), porém, certamente o substantivo não denomina ‘*Nanger granti*’, pois essa espécie tem seu hábitat restrito na parte leste do bantu. Sendo assim, apesar de duvidoso o sentido sugerido pelo autor em yeyi (R41) é relevante.

Atestamos ainda formas compostas em kiunguja (G42d), e em lu(h)yia (JE32), onde os substantivos denominam ‘impala’ e também ‘small gazelle’.

Do ponto de vista segmental concordamos com o BLR (2003) que propôs para o tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva palatal surda, às vezes, com a combinação da (N-) prefixo de classe 9/10 como, por exemplo, em nyanja (N31a). Porém, atestamos alguns casos de reflexos ambíguos que podem remontar também a outros fonemas.

Em kamba-kitu (E55) a C<sub>1</sub>, uma consoante pré-nasalizada /nz/ remonta tanto a \*nj quanto a \*nc.

Em gweno (E65) a C<sub>1</sub>, (transcrita erroneamente na tabela de dados cf. nota de rodapé), representa uma consoante fricativa dental surda e remonta a \*c.

Nas línguas do grupo F20, precisamente em nyamwesi (F22) e em kimbu (F24) a C<sub>1</sub> remonta a \*c/\*nc > s, porém, poderia remontar também a \*t (ɥ) > s. Nas línguas do grupo G20, os fonemas são regulares. Em shambala (G23) o fonema /š/ de acordo com o sistema fonético do autor realiza-se como uma consoante palatal e remonta a \*c, por exemplo:

‘šimbá [jimbá] lowe (Roehl 1911:69) < \*cimbá 613 (1)

Nas línguas o grupo G30, sobretudo em zigula (G31) geralmante a C<sub>1</sub> remonta a uma consoante pré-nasalizada \*nj > s, porém poderia remontar também \*c,

se consideramos a influência das outras línguas do grupo como, por exemplo, do kwere (G32), onde é regular \*c, \*nc > s. Em lu(h)yia (JE32) /s/ remonta a \*nc, assim como em logooli (JE41).

Nas línguas da zona M, precisamente, em lambya (M201), em nyiha (M23), em malila (M24) e em safwa (M25) a C<sub>1</sub> é regular e corresponde a (< \*nc).

Nas línguas do grupo P10, precisamente em ndengereko (P11), em rufiji (P12) e em kimatuumbi (P13) o fonema /s/ é irregular e remonta a \*j, enquanto nestas línguas \*c, \*nc > ø. As entradas nas línguas do grupo P10 são possivelmente um empréstimo kiswahili (G42). Essa hipótese justificaria os problemas de correspondências irregulares com as outras formas do grupo.

Em ciyao (P21) a C<sub>1</sub> remonta tanto a \*c quanto a \*j. Em yeyi (R41) o fonema /s/ remonta a \*c apenas do ponto de vista fonológico, visto que na língua \*c/\*nc > ɕ/nɕ.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas realizam-se como /l, r, ø/ e remontam a uma consoante oclusiva alveolar sonora, no entanto, atestamos também algumas particularidades.

Em kamba-kitu (E55) a consoante lateral em posição de C<sub>2</sub> remonta a \*d apenas do ponto de vista fonológico, visto que na língua \*d > ø, porém, às vezes o fonema /l/ se mantém, sobretudo quando se refere aos diminutivos.

Em gweno (E65) e em bondei (G24) a perda da C<sub>2</sub> é regular (\*d > ø).

Nas línguas do grupo P10 a consoante /l/ se mantém (< \*d).

Em yeyi (R41) a perda da C<sub>2</sub> é irregular, por exemplo:

‘ma-kara’ charcoal \*kádà 1662 (1)/ ‘ìmvùrà’ ‘rain’ < \*búdà 368 (1)  
(cf. Seidel 2008:117/119).

O fato dos fonemas /l, r/ manterem-se em posição intervocálica é curioso, uma vez que em muitas línguas \*d > ø. (cf. Reflexos p<sup>h</sup>aa < \*-pàdá 2355 (4).

Em posição de V<sub>11</sub> o tema foi reconstruído com uma vogal de segundo grau de abertura que se justifica pelo processo de labialização da C<sub>1</sub>.

Em posição de V<sub>12</sub> e V<sub>2</sub> os fonemas são regulares e o tema foi reconstruído com uma vogal central não arredonda. Atestamos em algumas línguas casos de alongamento vocálico da V<sub>12</sub>.

Em alguns casos, o alongamento vocálico é compensatório devido à perda da C<sub>2</sub>, por exemplo, em gweno (E65) e em bondei (G24), mas em outras o alongamento é pertinente, por exemplo, em kamba-kitu (E55) e em kimatuumbi (P13).

O BLR sugeriu ao tema, classe 9. De acordo com as classes atestadas na maioria das línguas, sugerimos ao tema, o emparelhamento 9/10, exceto em kimatuumbi (P13) onde encontramos classe 9/6 e em yeyi (R41) classe nominal 1b/2.

Quanto aos tons, em bembe (D54) os reflexos AA remontam a um padrão exclusivo \*AA:

‘msímbá/mi’ civette (N’sanda & Kyanza 1996:150) < \*címbá 613 (1)/  
‘eséndé/bi’ écreuil (N’sanda & Kyanza 1996:167) < \*cúndí 579 (1)

Em ciyao (P21), os reflexos tonais AB(B) remonta a um padrão tonal \*AA:

di-siimba < HLL cl. 5 ‘lion’ (Ngunga 2001) < \*címbá 613 (1)

Sendo assim, baseado nos reflexos tonais atestados em bembe (D54) e em ciyao (P21) sugerimos para o tema um padrão inteiramente \*AA. A diferenciação tonal do substantivo atestado em kimatuumbi (P13) no singular/plural é regular (cf. Odden 1996:187).

A pesquisa coloca em evidência um tema de estrutura segmental similar °-cada, atestado nas línguas da zona (B E F JD F K R S) com o sentido de ‘espécie de antílope’ (cf. capítulo 2, subitem 2.2.15. ). Os reflexos desse tema não apresentam processo de labialização em posição de V<sub>1</sub>. Além disso, em nyamwesi (F22) e em kimbu (F24) o mesmo autor propôs dois temas ‘nzwala’ e ‘nsala’ com denominações diferentes, os temas denominam, respectivamente, ‘impala’ e ‘steinbok’. Portanto, optamos em agrupar e analisar os reflexos dos temas separadamente. Até o presente, não encontramos um vínculo evidente entre os dois temas. Todavia, acreditamos que os temas têm uma origem comum.

#### 1.2.7.2. O tema °-jeda (cl. 9)

Proposta de tema restrito a línguas faladas na Tanzânia central, precisamente zonas F G.

F33	rangi	njera	ɟ	gazelle, Thomson's (tommy) ( <i>Gazella thomsonii</i> )	Swynnerton 1946:35
F33	rangi	njera	ɟ	gazelle, grant's ( <i>Gazella granti</i> )	Swynnerton 1946:35
G11	gogo	nzera	ɟ	gazelle, thomson's (tommy), ( <i>Gazella thomsonii</i> )	Swynnerton 1946:35
G11	gogo	nzera	ɟ	gazelle, grant's ( <i>Gazella granti</i> )	Swynnerton 1946:35
G62	kihehe	nzera	ɟ	gazelle, grant's ( <i>Gazella granti</i> )	Swynnerton 1946:35

Apesar da pouca fiabilidade semântica atestada nas fontes, sugerimos ao tema o sentido ‘Grant's gazelle: *Gazella granti*’.

Em posição de C<sub>1</sub>, propomos para o tema uma consoante palatal \*j, às vezes, com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10 como, por exemplo, em rangi (F33), em gogo (G11). Em kihehe (G62) a correspondência \*nj > nz é regular.

A C<sub>2</sub> em todos os casos realiza-se como uma consoante lateral que remonta a \*d.

Em posição de V<sub>1</sub> propomos para o tema uma vogal de terceiro grau de abertura. Em posição de V<sub>2</sub> propomos para o tema uma vogal central não arredondada.

Propomos ao tema um emparelhamento de classe nominal 9/10 baseado nos reflexos atestados na maioria das línguas.

Devido à ausência de notações tonais nas entradas sugeridas por Swynnerton (1946) o tema segue sem um padrão tonal definido.

Atestamos outras formas reconstruídas pelo BLR que se assemelham do ponto de vista estrutural com a proposta de tema (cf. \*jédà ‘sagesse, sabedoria’ (3276), \*-jédì ‘sagesse, sabedoria’ (3285). No entanto, até o momento, não identificamos um vínculo direto e indireto entre os temas.

### 1.2.7.3. O tema °-codoku (cl. 9/10)

Proposta de tema atestado em algumas línguas das zonas G N. Devido ao fato que os sentidos revelados nas fontes são pouco confiáveis limitamos a denominar o tema ‘espécie de gazela (*Grant's gazelle?*)’.

G67	kisi	holoko	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
N11	manda	holoko	<u>9</u>	<i>Grant's gazelle</i>	N & P 1975
N12	ngoni	huluku pl. (=)	9/10	duiker	Ngonyani 2003:32
N13	matengo	huluku	<u>9</u>	gazellenarten	Häfliger 1909:167
N13	matengo	hóloku pl. (=) [hóloku]	9/10	duiker	Yoneda 2006:30
N14	mpoto	holoko	<u>9</u>	<i>Grant's gazelle</i>	N & P 1975



N31a	nyanja	huluku (wa-a)	<u>9</u>	gazela	Missionarios 1964:138
------	--------	------------------	----------	--------	--------------------------

Propomos para o tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva palatal surda \*c. Em posição de C<sub>2</sub> propomos uma consoante oclusiva alveolar sonora. Em posição de C<sub>3</sub> sugerimos uma consoante oclusiva velar surda.

Sugerimos ao tema V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub> e V<sub>3</sub>, de segundo grau de abertura que se justifica pela oposição entre /u/ e /o/ atestado nas línguas de 5/7 vogais.

Sugerimos para o tema um emparelhamento de classe nominal 9/10.

Quanto aos tons, em matengo (N13), os reflexos tonais AB(B), remontam tanto a um padrão tonal \*AB quanto, \*AA e \*BB:

‘lihína’ pl. má- ‘name’ (Yoneda 2006:25) < \*jínà 3464 (4)

‘ndémbu’ éléphant (Yoneda 2006:29) < \*témbó 2840 (1).

‘twíga’ girafe (Yoneda 2006:29) < \*tùìgà 3028 (3)

Uma vez que, o reflexo tonal em matengo (N13) não provém de um padrão exclusivo, o tema segue sem uma proposta tonal.

#### 1.2.7.4. O tema °-godombo (cl. 9)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados nas línguas da zona G N P. Devido à pouca fiabilidade semântica das fontes pesquisadas sugerimos para o tema o sentido ‘espécie de gazela (*Grant’s gazelle?*)’.

G67	kisi	ngorombo	<u>9</u>	Grant’s gazelle	N & P 1975
N11	manda	ngolombo	<u>9</u>	Grant’s gazelle	N & P 1975
P21	ciyao	ngolombwe/n	<u>9</u>	gazela (variedade pequena)	Viana 1961:74/155

Em posição de C<sub>1</sub> sugerimos para o tema uma consoante \*g, às vezes com a combinação da (N-) prefixo de classe 9/10. Nas línguas da zona P, precisamente em ciyao (P21) a C<sub>1</sub> remonta tanto a \*nk, \*ng > ng.

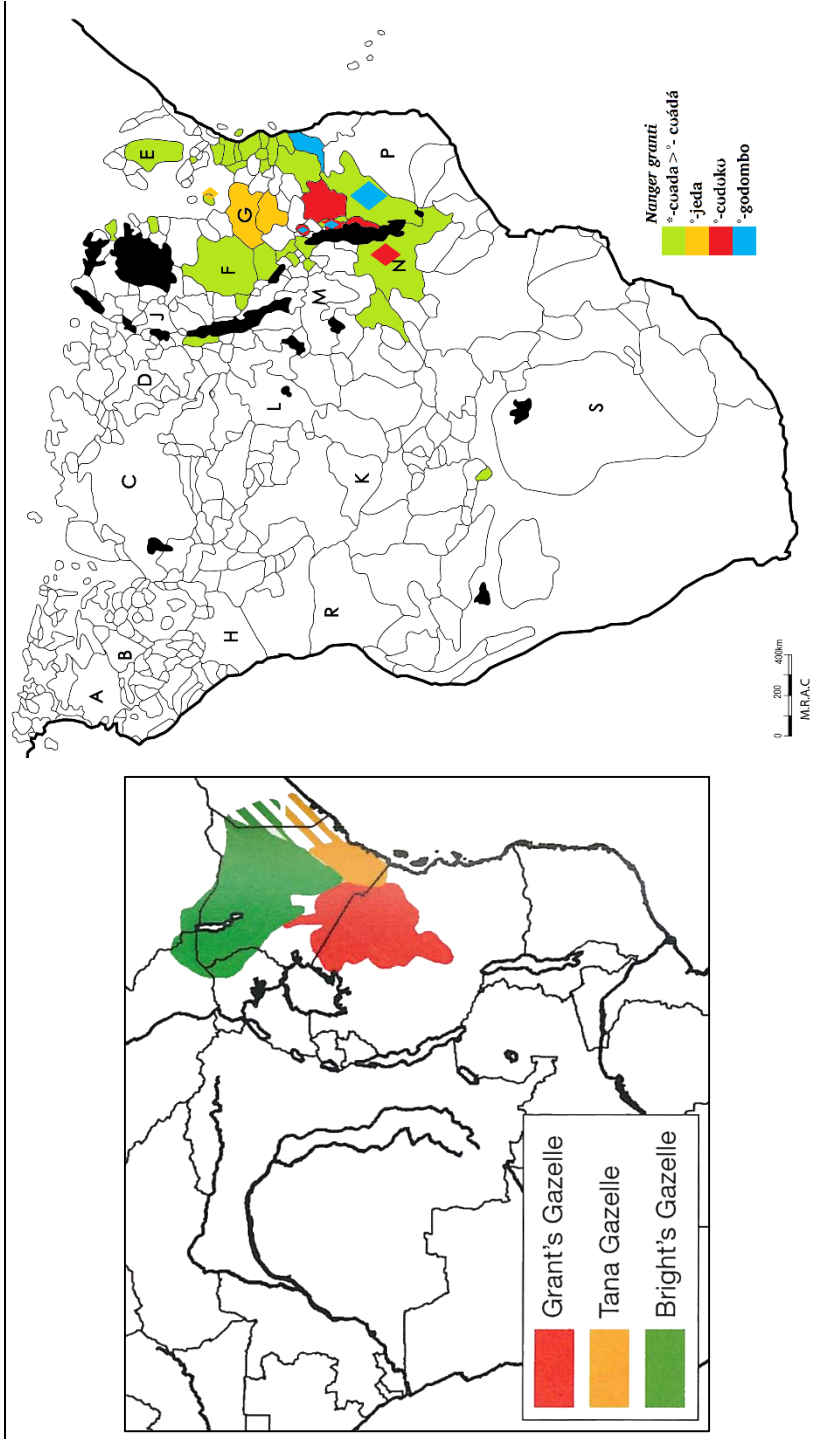
Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a \*d. Em posição de C<sub>3</sub> os fonemas remontam a \*mb.

Sugerimos para o tema V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub> e V<sub>3</sub> vogais de terceiro grau de abertura.

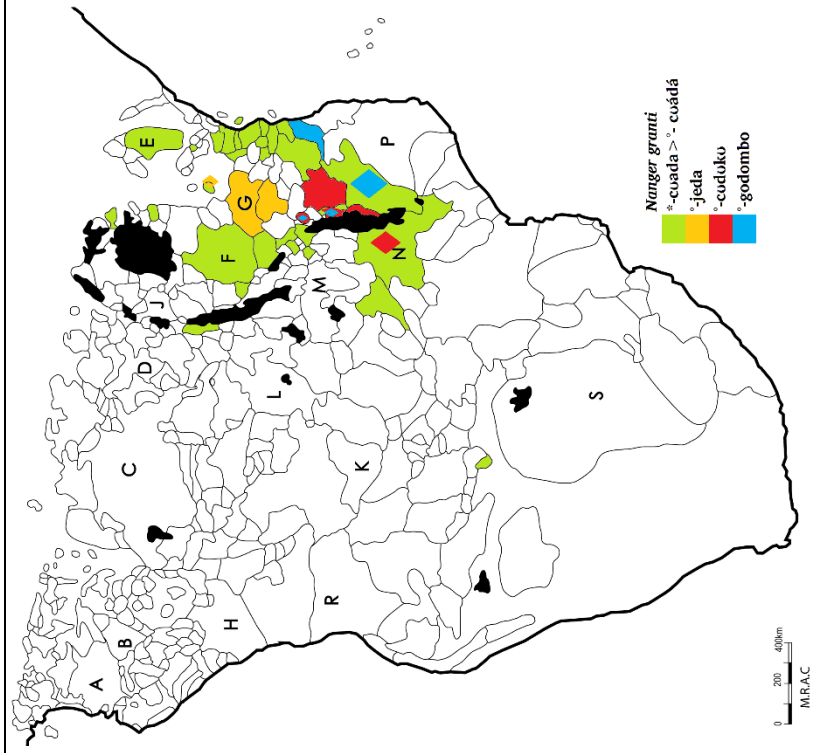
Sugerimos para o tema, classe 9.

Devido à ausência de padrões tonais, o tema segue sem um padrão tonal definido.

A estrutura segmental do tema incita a imaginar um possível tema composto, formada a partir de outras formas. (cf. temas \*-godo (6955) e °-bue).



Mapa 30: Hábitat *Nanger granti*



Mapa 31: Temas *Nanger granti*

**1.2.8. *Eudorcas thomsoni***

**Descrição:** a *Gazela de Thomson's* tem a parte traseira avermelhada e a parte inferior branca separada por uma faixa preta nos flancos. Tem a garupa branca forrada com uma parte preta. Os machos são maiores e mais pesados que as fêmeas. A gazela consegue correr muito rápido e em ziguezague para fugir dos predadores.



Figura 15: *Eudorcas thomsoni*

**Hábitat:** são nativas da África oriental, habitam savanas gramíneas e estepes áridas no Sahel. São encontradas em pastagens curtas, com base firme e seca mais passam por pastagens e lugares arborizados durante a migração.

**Países nativos:** Quênia, Tanzânia.

No domínio bantu, colocamos em evidência 1 (um) tema para denominar a espécie de antílope em questão, a proposta °-dààdá.

### 1.2.8.1. O tema °-dààdá (cl. 9/10, 12)

Proposta de tema atestado em algumas línguas das zonas F G J.

F21	sukuma	lala		<i>(Gazella thomsonii)</i>	Swynnerton 1946:38
F22	nyamwesi	laalaá	9a/10a	gazelle <i>(Thomson's gazelle)</i>	Maganga & Schadeberg 1992:258/295
F22	nyamwesi	kalala	<u>12</u>	oribi ( <i>Ourebia ourebi</i> )	Swynnerton 1946:36
F22	nyamwesi	lala		<i>(Gazella thomsonii)</i>	Swynnerton 1946:36
F25	kibungu	umalala [omalala]		Grant's gazelle	N & P 1975
F31	nilamba	lala		<i>(Gazella thomsonii)</i>	Swynnerton 1946:37
F31B	isanzu	lala		<i>(Gazella thomsonii)</i>	Swynnerton 1946:38
F31D	nyambi	lala		<i>(Gazella thomsonii)</i>	Swynnerton 1946:37
G42d	kiunguja	lala		<i>(Gazella thomsonii)</i>	Swynnerton 1946:34
JE24	kikerewe	e-laala	9/10	<i>Thompson's gazelle</i>	Odden & Tungaraza s.d:49
JE24	kerebe	endala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
JE25	jita	indala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
JE25	jita	indala	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975

Segundo o sentido atestado na maioria das línguas o tema denomina ‘*Gazella thomsoni*’. Em nyamwesi (F22) atestamos duas formas provenientes de fontes diferentes que denominam ‘*Thomson’s gazelle*’ e também ‘oribi: *Ourebia ourebi*. As mudanças semânticas, em nyamwesi (F22), poderia justificar-se pelas mudanças de classes nominais.

Propomos em posição de  $C_1$  uma consoante oclusiva alveolar sonora.

Em posição de  $C_2$  os fonemas realizam-se como uma consoante lateral /l/ e remonta a \*d. Em kiswahili (G42) a  $C_1$  remonta a \*d apenas do ponto de vista fonológico, visto que na língua \*d > ∅, exceto diante de /e, i/ > /l/.

Quanto à qualidade das vogais, nas línguas do grupo F20, F30, JE20 o alongamento vocálico é geralmente pertinente. No entanto, não atestamos a notação do alongamento nos substantivos provenientes das fontes Swynnerton (1946) e N & P (1975), mas confirmamos sua existência através de outras fontes, por exemplo, em nyamwesi (F22) por Maganga & Schadeberg (1992). Sendo assim, sugerimos para o tema  $V_{11}$  e  $V_{12}$  < \*a.

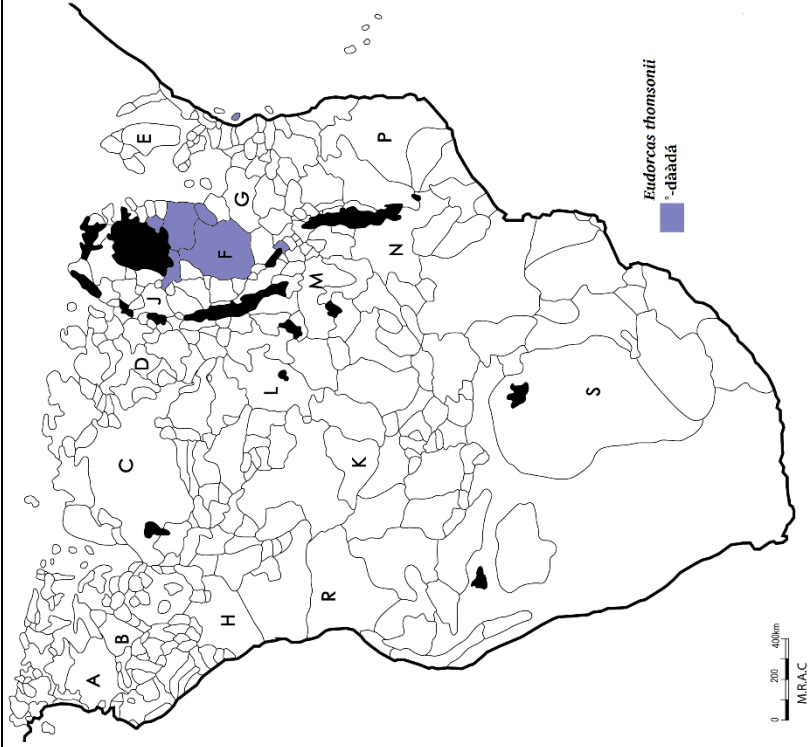
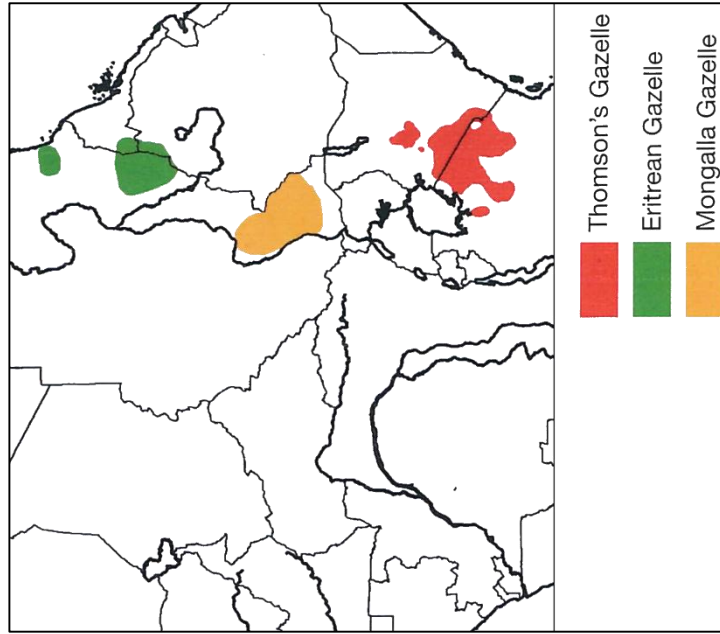
Em posição de  $V_2$  sugerimos também vogal \*a. O alongamento vocálico final em nyamwesi (F22) é um processo fonológico regular atestado em alguns contextos. (cf. Maganga & Schadeberg 1992:31).

Sugerimos ao tema o emparelhamento de classe nominal 9/10. Em nyamwesi (F22) de acordo com fontes diferentes atestamos o emparelhamento de classe 9a/10a e classe 12, com mudanças semânticas.

Bastin (1994:28) propôs uma forma similar °-dada com o sentido de ‘hiena’. No entanto, até o momento, não identificamos um vínculo entre os temas.

Baseado nos reflexos tonais B(B)A atestados, em nyamwesi (F22), sugerimos para o tema um padrão tonal \*B (B)A:

‘leeloó’ cl. 9a ‘another today’ (Maganga and Schadeberg 1992:317) < \*dèèdó 896 (1).



Mapa 32: Hábitat *Eudorcas thomsoni*

Mapa 33: Temas *Eudorcas thomsoni*

**1.2.9. *Antidorcas marsupialis***

**Descrição:** o antílope springbok<sup>91</sup> de tamanho médio têm a aparência da *Gazela de Thomson*. O dorso parece inclinar-se para a frente por causa dos quartos traseiros que parecem mais altos que os quartos dianteiros. Têm uma linha de cor marrom avermelhado no rosto que corre da margem anterior do olho até o canto da boca. Têm as orelhas longas, estreitas e pontudas. A parte traseira é marrom canela brilhante, com uma faixa de cor marrom avermelhado distinta, que vai da região superior da forja até o quadril, separando as áreas dorsais escuras das superfícies ventrais brancas que continuam nos flancos e marginalmente na parte anterior das coxas. Têm pernas longas e delgadas. Os machos possuem chifres pesados que se inclinam para trás, os chifres das fêmeas são levemente menores e mais graciosos.

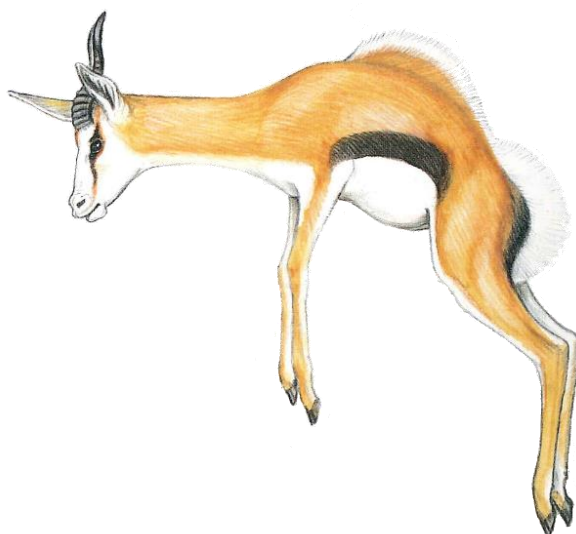


Figura 16: *Antidorcas marsupialis*

---

<sup>91</sup> Esse animal denomina a equipe de 'rugby' na África do Sul, devido à relação metafórica entre os saltos gigantes e a capacidade da gazela de fugir de seus predadores, com a agilidade dos jogadores da equipe de rugby.



**Hábitat:** são encontradas em regiões áridas do deserto como o Kalahari e semidesertos, estepes, pastagens abertas e savanas gramadas.

**Países nativos:** Angola, Botsuana, Namíbia, África do Sul. (Cf. IUCN, 2015).

Colocamos em evidência 2 (dois) temas na região banto para denominar a espécie de gazela em questão: °-ménye e °-cé(m)pé/°-cépé.

### 1.2.9.1. O tema °-ménye (cl. 9/10)

Proposta de tema atestado apenas em algumas línguas das zonas K R.

K33	rukwangali	menye pl. (no-)	9/10	<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Kloppers 1994:153/164
K33	rukwangali	menye pl. (no-)	9/10	springbok ( <i>Antidorcas marsupialis</i> )	Kloppers 1994:164
K333	thimbukushu	menye	9	springbok ( <i>Antidorcas marsupialis</i> )	Legère & Munganda 2004:135
R11	umbundu	omenhe		antílope (dos rochedos)	Le Guennec & Valente 1972:45
R13	nyaneca	omenye	9	<i>Antidorcas Euchores/ Marsupialis,</i> cabra-de-leque	Da Silva 1966:40
R13	nyaneca	omenye	9	gazela (cabra-de- leque) <i>Antidorcas euchore</i>	Da Silva 1966:263
R14	khumbi	ómenye pl. ono-	9/10	springbok	Westphal 1961:55
R21	kwanyama	omenye HH	9/10	springbok <i>Antidoreas marsupialis</i>	Halme 2004:267
R22	oshindonga	omenye (oo-)	9/10	springbuck	Viljoen, Amakali & Namuandi 1984:101/27

R30	otjiherero	oményé 9/10	springboc	Möhlig, Marten Lutz & Kavari Jekura U 2002:23
-----	------------	-------------	-----------	---

Referente a semântica, em rukwangali (K33) o mesmo autor revela o sentido springbok (*Antidorcas marsupialis*) e também waterbuck (*Kobus ellipsiprymnus*), sem mudanças de classes nominais. Apesar do problema semântico mencionado por Kloppers (1994), baseado na maioria das línguas sugerimos ao tema o sentido ‘springbok: *Antidorcas marsupialis*’.

Nas línguas do grupo R10, identificamos que a C<sub>1</sub> poderia remontar a \*mp, uma vez que na língua é regular (\*mp > m) e justifica-se pela Regra de Meinhof, porém não atestamos o mesmo processo nas outras do grupo R20, R30 e nas línguas da zona K. Por isso, sugerimos ao tema uma nasal bilabial em posição de C<sub>1</sub>, visto que é o único fonema regular em todas as línguas.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas são regulares e remontam a uma nasal palatal.

Quanto às vogais, V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> realizam-se em todos os casos como /e/, sendo assim propomos para os temas vogais de terceiro grau de abertura. Nas línguas da zona R atestamos um aumento vocálico anteposto ao prefixo de classe.

Baseado nas classes nominais atestadas na maioria das línguas sugerimos para o tema um emparelhamento de classe nominal 9/10.

Quanto aos tons atestamos os seguintes resultados:

Em kwanyama (R21) os reflexos tonais AA remontam tanto a um padrão \*AA quanto \*AB, \*BA (cf. Tons do tema °-púnjà).

Em otjiherero (R30) os reflexos tonais AA remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*AB:

‘kázé’ female (Möhlig & Kavari 2008:317) < \*kádí 1676 (1)

‘omutímá’ heart (Möhlig & Kavari 2008:321) < \*tímà 2895 (1)

Sendo assim, em posição de S<sub>1</sub> os reflexos tonais remontam a um tom \*A, ao passo que em S<sub>2</sub> os reflexos tonais remontam tanto a \*A quanto \*B. Por isso, o tema segue sem um padrão tonal definido.

Acreditamos que o tema discutido nesta seção, estabelece uma relação direta ou indireta com a protoforma reconstruída pelo BLR (2003) \*-péné 2456 (3), atestado nas línguas da zona (D G J M), com o sentido de ‘cabra’. Os temas tem em comum uma ligação semântica, visto que, o ‘springbok’ é conhecido também com ‘cabra-de-leque’.

A pesquisa coloca em evidência ainda um tema de estrutura similar °-péné, atestado nas línguas da zona S com o sentido de ‘steenbok’. Apesar das divergências tonais e semânticas entre os temas acreditamos em um vínculo comum entre eles.

#### 1.2.9.2. Os temas °-cé(m)pé/°-cépé (cl. 9/10)

Propostas de tema restrito a línguas da zona S. Os temas denominam em todas as línguas a espécie de gazela ‘springbok: *Antidorcas marsupialis*’.

Em posição de C<sub>2</sub> as correspondências dos fonemas nem sempre remontam ao mesmo fonema \*PB. Por exemplo, em tshivenda (S21) e nos dialetos do grupo S30 o fonema /p<sup>h</sup>/ em posição de C<sub>2</sub> remonta a \*mp.

Por isso, sugerimos aos reflexos abaixo uma reconstrução virtual < °-cé (m)pé

S21	tshivenda	tsépé HH [tsépé]	9	springbuck ( <i>Antidorcas marsupialis</i> )	Van Warmelo 1937:262/331
S21	tshivenda	tséphé HH	9	springbuck ( <i>Antidorcas marsupialis</i> )	Van Warmelo 1937:262/331
S31	setswana	tshêphê HL [tséphê]	9	springbok	Cole 1995:66

S31	setswana	tshèphè	<u>9</u>	antelope	Brown 1980:346
S31	setswana	tsèphè	<u>9</u>	gazelle	Brown 1980:429
S31a	ngwaketse	tshêphê HL	9	springbok	Cole 1995:66
S31a	rolong	tshêphê HL	9	springbok	Cole 1995:66
S31b	kgatla	tshêphê HL	9	springbok	Cole 1995:66
S31c	ngwato	tshêphê HL	9	springbok	Cole 1995:66
S31E	thlaro	tshêphê HL	9	springbok	Cole 1995:66
S31	setswana	tshéphé	<u>9</u>	springbok	Creissels 1993:304

Nas línguas do grupo S40, o fonema/p<sup>h</sup>/ em posição de C<sub>2</sub> remonta a uma consoante oclusiva bilabial (< \*p). Sendo assim, sugerimos aos reflexos uma reconstrução virtual (< °-cépé).

S42	isizulu	insephe	<u>9/10</u>	gazelle	Doke <i>et alii</i> 1958:193
S42	isizulu	insephe	<u>9/10</u>	springbuck	Doke <i>et alii</i> 1958:54/193
S43	siswati	ín-swephe, pl. tín	<u>9</u>	springbuck	Rycroft 1981: 94

Em posição de C<sub>1</sub>, sugerimos aos temas uma consoante oclusiva palatal surda, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10.

Apesar de que nas línguas do grupo S (línguas com 5 vogais), o processo de espirantização é geralmente produtivo, atestamos esse fenômeno apenas em sotho (S33) e em siswati (S43), onde é regular \*nc > hl, tlh (j, y) > tsh), enquanto em tshivenda (S21), o fonema \*c > /ts/ independente do grau de abertura das vogais, por exemplo:

(S21) 'tseremuwa' slip, slide (Van Warmelo 1989:336) < \*-cèdumok 509 (4).

A C<sub>1</sub> do substantivo atestado em swati (S43) é irregular, visto que é o único caso onde atestamos o processo de labialização da C<sub>1</sub>, na língua \*c > hl (j, ɥ) > s.

Sugerimos aos temas em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> vogais de terceiro grau de abertura.

Propomos aos temas um emparelhamento de classe nominal 9/10. Em setswana (S30) e dialetos o acréscimo do morfema (-ana) ao substantivo marca o diminutivo, visto que as classes habituais 12/13 são ausentes.

Quanto aos tons, atestamos os seguintes resultados:

Em tshivenda (S21) os reflexos tonais AA remontam tanto a um padrão \*AA quanto \*AB, vejamos:

Em tshivenda (S21) 'tsimbá' HH 'genet' (Van Warmelo 1937:330) < \*cimbá 613 (1)

Em tshivenda (S21) 'mbùǰi' HH 'goat' (Van Warmelo 1937:331) < \*búdi 303 (1)

Em setswana (S31) atestamos as seguintes situações de acordo com as fontes pesquisadas:

Cole (1995) propôs reflexos tonais AB que remontam tanto a um padrão \*AB, quanto \*AA, enquanto Creissels (1993) sugeriu reflexos AA, que remontam tanto a um padrão \*AA quanto \*AB (a língua perdeu a distinção entre os dois padrões tonais).

Brown (1980) sugeriu padrões tonais BB, no entanto a fonte não é confiável para os tons.

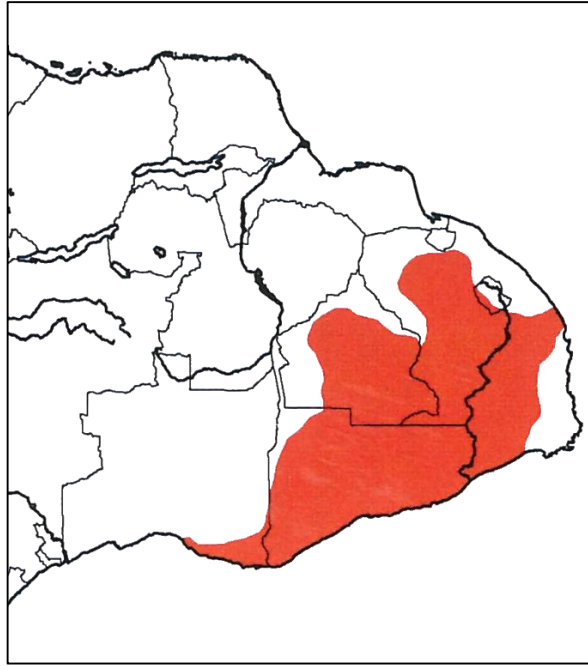
Em siswati (S43) os reflexos tonais poderiam remontar também a um padrão tonal \*AA:

‘ín-khala’ crab (Rycroft 1981:46) < \*-kádá 1664 (1)

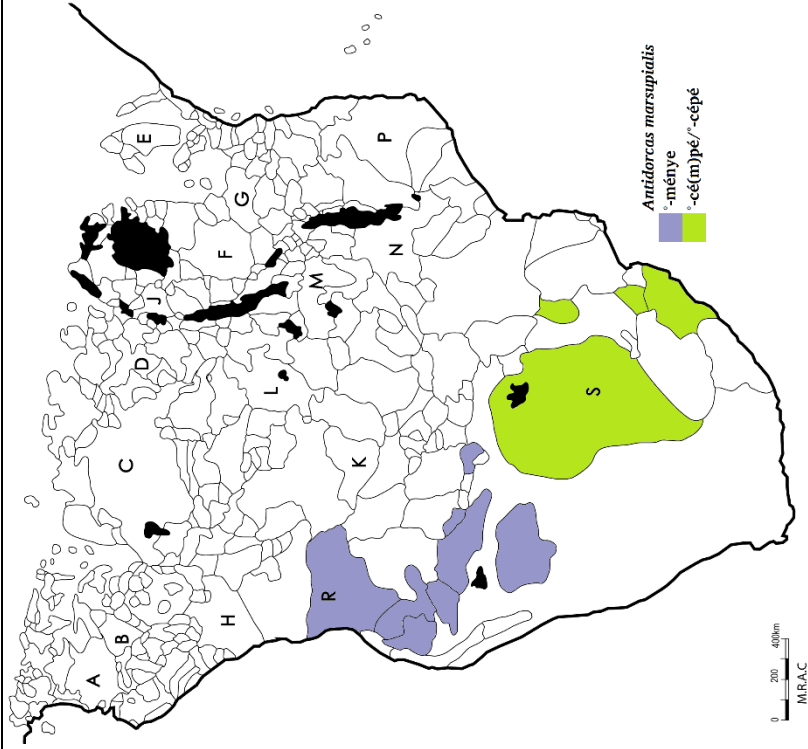
Apesar dos reflexos tonais nem sempre remontarem a um padrão tonal exclusivo, propomos para aos dois temas discutidos nesta seção, um padrão tonal inteiramente \*AA.

Cole (1995) menciona em ngwato e em thlaro dois substantivos compostos O morfema (-ana) acrescido ao substantivo marca o diminutivo na língua.

S31c	ngwato	tshêshwana HLH	springbok (diminutivo)	Cole 1995:53
S31E	thlaro	tshêshana HLL	springbok (diminutivo)	Cole 1995:53



Mapa 34: Hábitat *Antidorcas marsupialis*



Mapa 35: Temas *Antidorcas marsupialis*

### 1.3. Subfamília Aepycerotinae

A subfamília *Aepycerotinae* é representado por uma única espécie viva, a impala. A impala poderia facilmente ser o antílope arquetípico, pois suas formas têm muitas semelhanças com os outros bovídeos. No entanto, esta espécie também apresenta numerosas características não encontradas em qualquer outro bovídeo, e poucos autores discutem sua posição taxonômica única.

#### 1.3.1. *Aepyceros melampus*

**Descrição:** antílopes de tamanho médio que pesam entre 40-80 kg. Tem a coloração marrom ou marrom amarelado, mais clara na parte posterior (traseira). Os machos têm longos chifres arqueados para trás. Para fugir dos predadores as impalas correm rápido e em ziguezague. Quando assustadas, o rebanho começa um movimento de pular sobre as pontas das patas, em um ritmo quase coordenado para confundir os predadores. As impalas podem saltar distâncias de mais de 10 metros de distância e 3 de altura.



Figura 17: *Aepyceros melampus*



**Hábitat:** impalas são encontradas em savanas gramíneas (pradaria) durante a estação húmida e savana arborizadas na estação seca, ou seja, vivem em ambiente semiárido. Precisamente no sul e leste da África, desde centro e sul do Quênia e nordeste de Uganda até o norte do KwaZulu-Natal, com uma pequena distribuição também na Namíbia e no Sudeste de Angola.

**Países nativos:** Angola, Botsuana, Quênia, Maláui, Moçambique, Namíbia, Ruanda, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue, Regiões extintas: Burundi. A espécie foi introduzida no Gabão. (cf. IUCN).

A pesquisa coloca em evidência 2 (dois) temas concorrentes no domínio bantu para denominar a impala: \*-pàdá e °-bonde.

#### 1.3.1.1. O tema \*-pàdá 2355 (4) (cl. 9/10, 3/4, 5/6, 7/8)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados tanto na parte ocidental quanto oriental bantu, precisamente nas zonas: C E F G J L M P R S.

C61	lomongo	bofalá <sup>92</sup>	<u>3</u>	<i>Cephalophus callipygus</i> Peters	Hulstaert 1957:127
E741	sagala	mbala <sup>93</sup>	<u>9/10</u>	<i>kind of antelope</i>	Guthrie 1967-1970
F21	sukuma	mhala	<u>9/10</u>	<i>Aepyceros melampus</i>	Swynnerton 1946:38
F21	sukuma	-pa'lâ	<u>9/10</u>	<i>antelope</i>	Richardson & Mann 1966:61

<sup>92</sup> Por extensão de sentido o substantivo denomina também uma cabra que tem a mesma cor de pele do antílope. Nas comunidades mongo (C61), no sentido figurado o substantivo denomina também uma pessoa que não tem residência fixa, assim como uma mulher inconstante, que não fica muito tempo com o mesmo marido. (Hulstaert 1957:127).

<sup>93</sup> cf. Nota de rodapé sobre a entrada do saghala (E74) discutida no tema \*-bàbàdá 13 (5).

G23	shambala	mphaa (ø)	<u>5/6</u>	<i>impala</i>	Besha 1993:67
G23	shambala	mpàlá [mpàlá]	<u>9/10</u>	<i>zwergantilope, gazelle</i>	Roehl 1911:69
G42	kiswahili	paa	<u>9/10</u>	<i>gazelle, impala</i>	Johnson 1950:23/359
G42d	kiunguja	paa	<u>9/10</u>	<i>antelope</i>	Mdee & Massamba and others 1996:24
G42d	kiunguja	phaa	<u>9/10</u>	<i>kind of antelope, mesotragus mosehatus</i>	Guthrie 1967-1970
JD61	kinyarwanda	-hará	<u>9/10</u>	<i>Aepyceros melampus</i>	Coupez <i>et alii</i> 2005:767
JE11	kyopi	empara	<u>9/10</u>	<i>antelope</i>	Guthrie 1967-1970
JE13	runyankore	empara	<u>9/10</u>	<i>Uganda kob (s)</i>	Taylor 1959:106
JE14	rukiga	empara LLL		<i>Uganda kob(s)</i>	Taylor 1959
JE15	luganda	è-mpala	<u>9/10</u>	<i>Hippotragus (antelope) impala</i>	Mulira & Ndawula 1952:68/167
JE15	luganda	`mpala, è	<u>9</u>	<i>antelope sp. Thomas cob</i>	Snoxall 1967:207
L31b	lulua	muɸala	<u>3/4</u>	<i>antelope</i>	Guthrie 1967-1970
L34	hamba	mpála pl. bam-	<u>9/10</u>	<i>antilope</i>	Vandermeiren 1913:163/318
L35	kisanga	palà pl. (mpa) HB	<u>1n</u>	<i>esp. d'antilope</i>	Coupez 1976:12
M42	icibemba	ím-palá	<u>1n</u>	<i>antelope</i>	Guthrie & Mann 1980:66
M61	lenje	pala	<u>9/10</u>	<i>antelope</i>	Guthrie 1967-1970
P31	emakhuwa	epàla(i)	<u>9/10</u>	<i>antilope</i>	De Matos 1974:24
R22	oshindonga	o-mpala	<u>9/10</u>	<i>antilope gen. roode bok</i>	Brincker 1886:144/177

R22	oshindonga	ompalala (oo-)	<u>9/10</u>	<i>impala</i>	Viljoen <i>et alii</i> 1984: 83/28
S10	chishona	mhàrá	<u>9</u>	<i>impala</i>	Hannan 1974:350
S12	zezuru	mhàrá	<u>9/10</u>	<i>antilope impala</i>	Hannan 1974:350
S13	chimanyika	mfiara	<u>9</u>	<i>kind of antelope</i>	Guthrie 1967-1970
S14	chikaranga	mhàrá	<u>9</u>	<i>antilope impala</i>	Hannan 1974:350
S21	tshivenda	phàlá [phàlá]	<u>9</u>	<i>Aepyceros melampus</i>	Van Warmelo 1937:215/331
S42	isizulu	impala	<u>9/10</u>	<i>Aepyceros melampus</i>	Guthrie 1967-1970

A pesquisa permitiu atualizar a distribuição do tema em outras línguas das zonas (C E F G J L M P R S), assim como ampliar a distribuição linguística do tema nas zonas (D K N).

C61	lonkundo	bofalá	<u>3</u>	<i>Cephalophus callipygus weynsi</i>	Lootens 1980:453
C61	lolube	bofalá	<u>3</u>	<i>Cephalophus callipygus weynsi</i>	Lootens 1980:453
C61A	bakutu	boḡḡala	3/4	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
D32	bira	mpára	9/10	antilope ("esel")	Struck 1910:147
D332	budu	-paa		antilope sp.	Asangama 1983:36
E72a	giryama	p <sup>h</sup> ala		gazelle	Volk 2007:10
E73	digo	chiphala (vi-)	7/8	<i>Aepyceros melampus</i>	Mwalonya <i>et alii</i> 2004:27
F21H	ntuzu	mhala		small gazelle	N & P 1975

F22	nyamwesi	mhala	9/10	impala	Maganga, and Schadeberg 1992:264/299
F22	nyamwesi	tupala	12/13	kudu, lesser <i>Strepsiceros</i> <i>imberbis</i>	Swynnerton 1946:36
F31	nilamba	mpalá	9/10	impala	Yukawa 1989:20
F31B	isanzu	mpala	9/10	<i>Aepyceros</i> <i>melampus</i>	Swynnerton 1946:38
F31D	nyambi	mpala	9/10	<i>Aepyceros</i> <i>melampus</i>	Swynnerton 1946:37
F32	nyaturu	mpaa	9/10	<i>Aepyceros</i> <i>melampus</i>	Swynnerton 1946:37
G22	pare	mbala (= pl.)	9/10	impala	Kagaya 1989:98
G24	bondei	mpaa	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
G24	bondei	-pala		gazelle	Woodward 1882:208
G31	zigula	mpala		gazela	Kisbey 1906:61/80
G32	kwere	mhala	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
G33	zaramo	paa		small gazelle	N & P 1975
G34	ngulu	mbala <sup>94</sup>	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
G35	luguru	mbala	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
G36	kami	mhala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
G37	kutu	paa		small gazelle	N & P 1975
G43c	kikae	phaa	9/10	gazelle	Racine- Issa 2002:15/41

<sup>94</sup> cf. Nota de rodapé sobre a entrada do ngulu (G34) e luguru (G35) discutida no tema \*-bàbàdá 13 (5).

G43d	kingombe	Nbara	9/10	antilope	Ahmad 2004:198
JD41	konzo <sup>95</sup>	mpára	<u>9</u>	antilope (esel)	Struck 1910:147
JD42	kinande	embara	9/10	antilope	Baudet 1947:123
JD62	kirundi	-pára à [á] <sup>96</sup>	9/10	<i>Aepyceros</i> <i>melampus</i>	Rodegem 1970:630
JE11	runyoro	e-mpara	9/10	antelope	Davis 1952:96/191
JE11	runyoro	e-mpara		Uganda cob	Davis 1938:96
JE12	rutooro	e-mpára	9/10	eland, kob, antelope, impala, reedbuck	Kaji 2007:31
JE12	rutooro	empara	9/10	small gazelle	N & P 1975
JE13	runyankore	e-mpara	9/10	impala	Kaji 2004:38
JE13	runyankore	empara LLL	<u>9</u>	Uganda kob(s)	Taylor 1959
JE14	rukiga	empara	9/10	uganda Kob(s)	Taylor 1959:106
JE17	gwere	ó-m-pála	9/10	impala	Kagaya 2006:424
JE22D	kiziba	mpára	<u>9</u>	antilopen	Herrmann 1904:160
JE35	lunyole	epala pl. epala	9/10	kob, uganda Kobus kob Thomas	Sylvester & Musimami 2012:98/337

<sup>95</sup> No livro o nome da língua escreve-se konjo.

<sup>96</sup> De acordo com o sistema fonético adotado pelo autor para os tons, o tom baixo em uma vogal breve não é marcado. O diacrítico /á/ marca o tom alto posterior de uma vogal breve; /á/, marca o tom alto anterior sobre uma vogal breve; /ã/ marca o tom baixo sobre uma vogal longa; /â/ marca o tom alto anterior sobre uma vogal longa; (â) realiza-se (à) quando a vogal longa na pronúncia realiza-se como uma vogal breve; /ã/ marca o tom alto posterior sobre uma vogal longa; /ä/ marca o tom alto duplo. (cf. Rodegem 1967: 98).

K12b	ngangela	ímpala	9/10	<i>Aepyceros melampus petersi</i>	Maniacky 2002:351
K14	luvale	lupala	<u>11</u>	<i>Aepyceros melampus</i>	Ansell 1978:63
K21	silози	pala (i-li)	9/10	impala	Burger 1960:7
K33	rukwangali	mpara pl. (no-)	9/10	<i>Aepyceros melampus</i>	Kloppers 1994:99/164
K331/2	rumanyo	mpára	9/10	<i>Aepyceros melampus</i>	Möhlig <i>et alii</i> 2005:357/151
K333	thimbukushu	mara		<i>Aepyceros melampus</i>	Legère & Munganda 2004:133
L33	kiluba	mpala	<u>9</u>	<i>Aepyceros melampus</i>	Biodiversité au katanga
L35	kisanga	mpala, ba-	9/2	antilope jaune	Missions bénédictines Abbaye de Saint- André-lez- Bruges 1950:126
L41	kaonde	mpala (ba-mpala)	9/2	impala	Broughall 1924:205/97
L52	Lunda-ndembu	kapala	<u>12</u>	<i>Aepyceros melampus</i>	Ansell 1978:63
L62	nkoya	lupala	<u>11</u>	<i>Aepyceros melampus</i>	Ansell 1978:63
M13	fipa	iimpala		small gazelle	N & P 1975
M42	icibemba	mpala (m)	9/10	impala (kind of antelope)	Hoch 2006:155
M54	lamba	impala	9/10	gazelle	Doke 1933:54
N21	tumbuka	mpala, zi-	9/10	impala	Turner 1952:219/73

N41	chinsenga	mpala	<u>9</u>	<i>Aepyceros melampus</i>	Ansell 1978:63
P12	rufiji	mbala	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
P13	matuumbi	mbala	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
P14	ngindo	mbala	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
P22	mwera	mbāla <sup>97</sup> pl. mapāla [mba:la]	9/6	gazelle	Harries 1950:30
P25	mabiha	mmala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
R13	nyaneca	omphala	9/10	<i>Aepyceros Melampus</i>	Da Silva 1966:40
R13	nyaneca	omphala	9/10	rinoceronte	Da Silva 1966:521
R14	khumbi	omhpāla pl. ono-	9/10	impala	Westphal 1961:55
R21	kwanyama	omahala LH	9/10	antelope, esp. impala	Halme 2004:267
S31	setswana	phàlá	9	impala	Cole 1995:62
S31a	ngwaketse	phàlá	9	impala	Cole 1995:62
S31a	rolong	phàlá	9	impala	Cole 1995:62
S31b	kgatla	phàlá	9	impala	Cole 1995:62
S31c	tawana	phàlá	9	impala	Cole 1995:62
S31c	ngwato	phàlá	9	impala	Cole 1995:62
S32	northern sotho	phalá pl. (di-)	9/10	impala	Ziervogel & Mokgokong 1975:1003

<sup>97</sup> De acordo com o sistema fonético adotado pelo autor o diacrítico em cima de uma vogal marca o alongamento vocálico, por exemplo, ā = (a:).

S33	southern sotho	phalá cl. (n-/di-)	9/10	rooibok	Du Plessis, Gildenhuys & Moiloa s.d.:83
S41	isixhosa	impala (im-iim)	9/10	impala	Fischer 1985:291
S43	siswati	í-mphala pl. (ti-)	9/10	impala antelope	Rycroft 1981:63
S44	south ndebele	ipala (i-pl. iim-)	9/10	impala	Shabangu e Swanepoel 1989:68
S53	tsonga	mhàlá	9	impala, rooinbok <i>Aepyceros melampus</i>	Cuénod 1976:104
S53	tsonga	mhala	<u>9</u>	springbok	Cuénod 1978:89
S54	xironga	mhala (yi-ti)	9/10	variedades de antílope	Quintão 1951:48/102

A forma do kiwoso (E621D) é um empréstimo do kiswahili (G42). A entrada é irregular, pois na língua \*mp > mb. Por isso, não representamos a entrada do kiwoso com a protoforma discutida nesta seção.

E621D	kiwoso	paa		small gazelle	N & P 1975
-------	--------	-----	--	---------------	------------

No BLR (2003) o tema denomina impala<sup>98</sup>*Aepyceros melampus*' e nas línguas da zona C o substantivo denomina '*Cephalophus callipygus*'.

Concordamos com as propostas semânticas sugeridas pelo BLR (2003), sobretudo nas línguas da zona C, onde os substantivos atestados denominam um antílope diferente do '*Aepyceros melampus*', cujo o hábitat é restrito na

<sup>98</sup> Nome de origem africana (< isizulu?), adotado como nome comum da espécie nas línguas europeias. (Daeleman 1980:108).



parte o leste do bantu. (cf. Mapa 37: Hábitat *Aepyceros melampus*). Contudo, atestamos alguns casos questionáveis de mudanças semânticas, às vezes com mudanças de classes nominais. Vejamos:

Em kiunguja (G42d) o substantivo de classe 9/10 denomina ‘*Mesotragus mosehatus*<sup>99</sup>’. Nas línguas do grupo J, os substantivos de classe 9/10 denominam, ‘Uganda kob’ em runyoro (JE11) e em rukiga (JE14).

Em rutooro (JE12) atestamos os sentidos ‘eland, kob, impala, reedbuck’.

Em runyankore (JE13) o substantivo denomina ‘uganda kob(s)’ e ‘impala’.

Em lunyole (JE35) o substantivo denomina ‘*Kobus kob Thomas*’.

Em mabiha (P25) o sentido revelado é ‘*Grant’s gazelle*’. Em nyaneca (R13) o mesmo autor propôs substantivos de classe nominal 9/10 com o sentido ‘*Aepyceros Melampus*’ e curiosamente ‘rinoceronte’.

Em tsonga (S53) atestamos também dois sentidos: ‘impala, rooinbok *Aepyceros melampus*’ e também ‘springbok’, sem mudanças de classes nominais (Cuénod 1976: 104/89).

Atestamos em alguns casos, mudanças semânticas motivadas também pelas mudanças de classes nominais, por exemplo, em nyamwesi (F22) atestamos dois sentidos, um de classe nominal 9/10 com o sentido de ‘impala’ e outro de classe 12/13 com o sentido de ‘kudu, lesser *Strepsiceros imberbis*’.

Em posição de C<sub>1</sub>, algumas línguas caracterizam-se por apresentarem o processo de sonorização da C<sub>1</sub> devido ao contato da consoante oclusiva bilabial surda com o prefixo de cl. 9/10 (N-), ou seja, (\*m + p > mb), por exemplo, em kinande (JD42), em ngoní (N12) e algumas línguas da zona P,

---

<sup>99</sup> Classificação científica desatualizada. Leia-se: *Neotragus moschatus*, gazela Suni.

como em rufiji (P12), em matuumbi (P13), em ngindo (P14) e em mwera (P21/22).

Em pare (G22) a  $C_1$  remonta tanto a uma consoante pré-nasalizada \*mp quanto \*mb. Em khumbi (R14) e em swati (S43) é possível identificar o fenômeno de espirantização da consoante oclusiva bilabial surda, resultado do contato da consoante (N-) pré-nasalizada diante de uma consoante surda ( $N + p > mph$ ).

Nas línguas da zona C, a consoante fricativa labiodental surda em posição de  $C_1$  é regular e provém de \*p. Em thimbukushu (K333) o processo de nasalização da  $C_1$  é regular (\*mp > m).

Quanto à regularidade da  $C_2$ , geralmente os fonemas são regulares e realizam-se como /t, l, r, ø/ e remontam quase sempre a uma consoante oclusiva alveolar sonora. Em alguns casos a perda da  $C_2$  é regular, por exemplo, em budu (D332), em nyaturu (F32), em bondei (G24), em zaramo (G33), em kutu (G37) e em kikae (G43c).

As vogais,  $V_1$  e  $V_2$  são regulares em todos os casos e remontam a uma vogal central não arredondada. Na maioria dos casos o alongamento vocálico atestado é motivado pela perda da  $C_2$ . No entanto, atestamos ao menos um caso onde o alongamento vocálico é pertinente, por exemplo, em sango (G61).

Em oshindonga (R22) atestamos duas formas, de estruturas silábicas diferentes, uma sem reduplicação, de padrão silábico (CVCV) e outra com reduplicação parcial da última sílaba, o que resulta em uma estrutura silábica (CVCVCV). Entretanto, essas mudanças estruturais não acarretaram necessariamente uma mudança semântica, ambas as formas denominam '*Aepyceros melampus*', por isso, analisamos junto com o tema \*pàdá, por exemplo:

R22 ndonga oĩpala 'antiloque'. (Brincker 1886:144/177)

R22 ndonga ompalala ‘*Aepyceros melampus*’ (Viljoen 1984:83)

O BLR (2003) sugeriu ao tema, os emparelhamentos de classes 3/4 e 9/10. Confirmamos esses emparelhamentos, contudo, colocamos em evidência outras pares: 9/6, 7/8, 5/6 e classe 12/13.

Guthrie (1970) propôs um padrão tonal AA, posteriormente recusado por Meeussen (1976) que optou por um padrão BA. Identificamos que na maioria das línguas os reflexos tonais remontam a um padrão exclusivo \*BA, por exemplo:

Em lomongo (C61):

‘nkufó’ hippopotamus (Hulstaert 1952: 248) < \*gùbú 1532 (1)

Em nilamba (F31):

‘tatá/atatá’ ‘father’ (Yukawa 1989:16) < \*tààtá 2806 (1)

Em kisanga (L35):

‘vubù’ cl. 7/8 ‘animaux rivière’ (Coupez 1976:9 Vl.1) < \*gùbú

Em icibemba (M42):

‘mfùbú’ hippopotamus (Kasonde 2009:127) < \*gùbú

Nas línguas do grupo S10:

‘mvuu’ LH cl. 9 ‘hippopotamus’ (Hannan 1974:429) < \*gùbú

Em setswana (S31):

‘kùbú’ hippopotamus (Cole 1995:62) < \*gùbú

Em tsonga (S53):

‘ngòtí’ string’ (Cuénod 1978:128) < \*gòdí 1417 (1)

No entanto, em algumas línguas os reflexos tonais remontam a um padrão tonal \*BA, mas não é exclusivo, por exemplo:

Em kinyarwanda (JD61) os reflexos BA remontam a um padrão tonal \*BA mas também \*AA:

‘vubú’ ‘hippopotamus’ (Coupez *et alii* 2005: 2736) < \*gùbú

‘kobá’ lanière de cuir (Coupez *et alii* 2005: 1310) < \*kóbá 1861 (1)

Em runyankore (JE13) e em rukiga (JE14) os reflexos tonais BB remontam a todos os padrões do PB (cf. Tons do tema \*-kíá 1823).

Contudo, atestamos algumas línguas em que os reflexos tonais são divergentes e não remontam a um padrão \*BA, por exemplo:

Em luganda (JE15) os reflexos tonais BB remontam a um padrão exclusivo \*BB:

‘njovu, è cl. 9 ‘elephant’ (Snoxall 1967) < \*jògù 1607 (1)

Em gwere (JE17) os reflexos tonais AB remontam tanto a \*AA quanto a \*BB:

‘ó-ná-má-kála’ crab in a river (Kagaya 2006:324) < \*kádá 1664 (1)

‘é-nyáma’ meat (Kagaya 2006:352) < \*nyàmà 3180 (1)

Em ngangela (K12b) os reflexos tonais BB remontam tanto a um padrão \*AA quanto a \*AB (cf. Maniacky 2002:100).

Apesar das divergências tonais em luganda (JE15), ao menos em posição de C<sub>1</sub> o reflexo tonal B remonta a um tom \*B. Em gwere (JE15) o reflexo A em posição de C<sub>1</sub> pode remontar a \*B, assim como o B em posição de C<sub>2</sub> pode

remontar a \*A. Em ngangela (K12b), ao menos em posição de C<sub>2</sub> o reflexo B poderia remontar a um tom \*A.

Sendo assim, a pesquisa permitiu confirmar a proposta tonal sugerida por Meeussen (1976).

O tema estabelece um vínculo formal com a protoforma reconstruída pelo BLR (2003) \*-pàdà 2354 (4) atestada em algumas línguas das zonas (D H K L M R), com o sentido de ‘front, testa’. No entanto, existe um conflito tonal entre as formas.

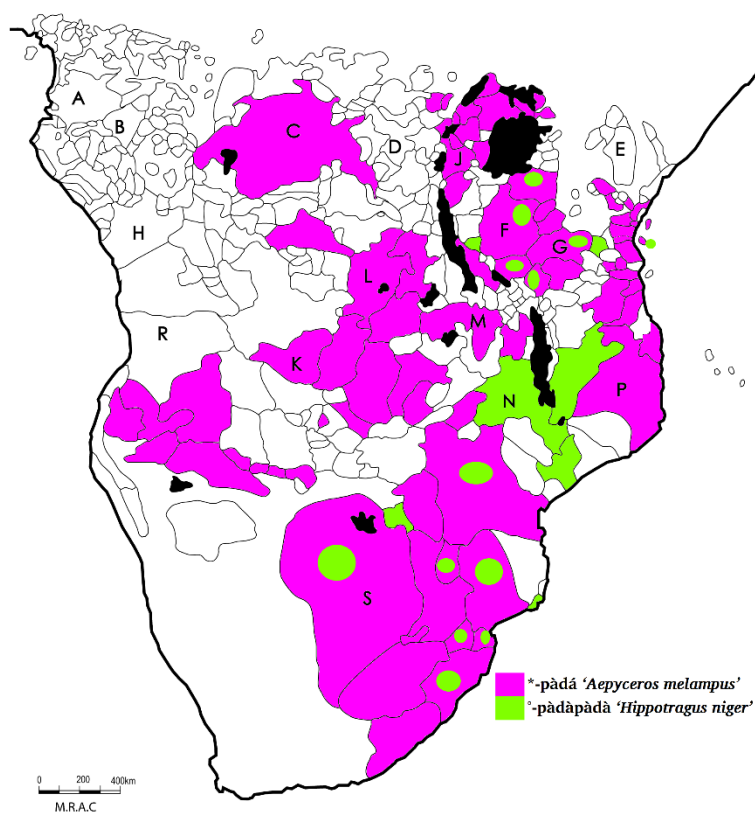
O tema \*-pàdá derivou às duas propostas de temas reduplicados (cf. °-pàdàpàdà/°-pàdà-pàdà). As mudanças semânticas e as perturbações tonais entre o tema simple e reduplicados poderiam justificar-se pelo processo de reduplicação. (cf. Outros casos de perturbações tonais no item 1.6.1.1. \*-bàbàdá 13).

Curiosamente atestamos em algumas línguas das zonas F G, precisamente em kimbu (F24), em gogo (G11), em sango (G61) e em kihehe (G62) entradas que se parecem ao tema \*-pàdá tanto do ponto de vista formal quanto semântico. Porém, identificamos que os reflexos em posição de C<sub>2</sub> não remontam ao mesmo fonema. Em ambas as línguas abaixo a C<sub>2</sub> remonta a \*t > t. (< °-pata)

F24	kimbu	mbata		impala	Swynnerton
				( <i>Aepyceros melampus</i> )	1946:36
G11	gogo	mbata	<u>9</u>	impala	Swynnerton
				( <i>Aepyceros melampus</i> )	1946:35
G31	zigula	kapata	<u>12</u>	small gazelle	N & P 1975
G61	sango	mbata	<u>9</u>	impala	Swynnerton
				( <i>Aepyceros melampus</i> )	1946:35
G61	sango	imbaata (imbata)	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
G62	kihehe	mbata	<u>9</u>	impala	Swynnerton
				( <i>Aepyceros melampus</i> )	1946:35

A  $C_1$  do zigula é irregular, uma vez que na língua  $*p > h$ , enquanto  $*b > \emptyset$ , porém, a  $C_2$  é regular e remonta a  $*t$ . O substantivo do zigula (G31), sugerido por N & P (1975) é curioso, pois Kisbey (1906) sugeriu na língua a forma regular 'mpala' ( $< *p\grave{a}d\acute{a}$ ).

A ausência de reflexos tonais, assim como os sentidos provenientes de Swynnerton (1946), pouco confiáveis, não permitem agrupar e nem estabelecer um vínculo sólido entre os dois temas. Por isso, devido a esses problemas de irregularidades, optamos em separar os reflexos do tema  $\text{°-pata}$ , contudo não excluímos uma possível relação entre eles.



Mapa 36 :  $*p\grave{a}d\acute{a}/\text{°-pádàpàdà}$

### 1.3.1.2. O tema °-bonde (cl. 9/10, 11)

Proposta de tema baseado em algumas línguas das zonas M S.

M60	botatwe	lubondwe	<u>11</u>	pallah	Torrend 1967:406
M61	lenje	nalubondwe	<u>1a/2</u>	pallah	Torrend 1967:406
M63	ila	lubondwe pl. (ba-)	<u>11/2</u>	pallah	Smith 1907:262
M64	tonga	nalubondwe	<u>1a/2</u>	pallah	Torrend 1967:406
S16B	nambya	imbondwe (i/i)	<u>9/10</u>	antelope (impala)	Moreno 1988:46/125

O tema denomina ‘pallah’ impala. Nas línguas do grupo Botatwe (M60) o morfema (na-) anteposto ao prefixo faz parte de um tipo de categorização de modo a marcar o gênero de algumas espécies. Sendo assim, é possível que os substantivos nas línguas denominam a fêmea da espécie de ‘*Aepycerus melampus*’. O substantivo atestado na zona S entra em concorrência com o tema \*-pàdá 2355 (4) bem atestado na região e isso reforça a ideia de uma possível categorização local.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora. Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*nd.

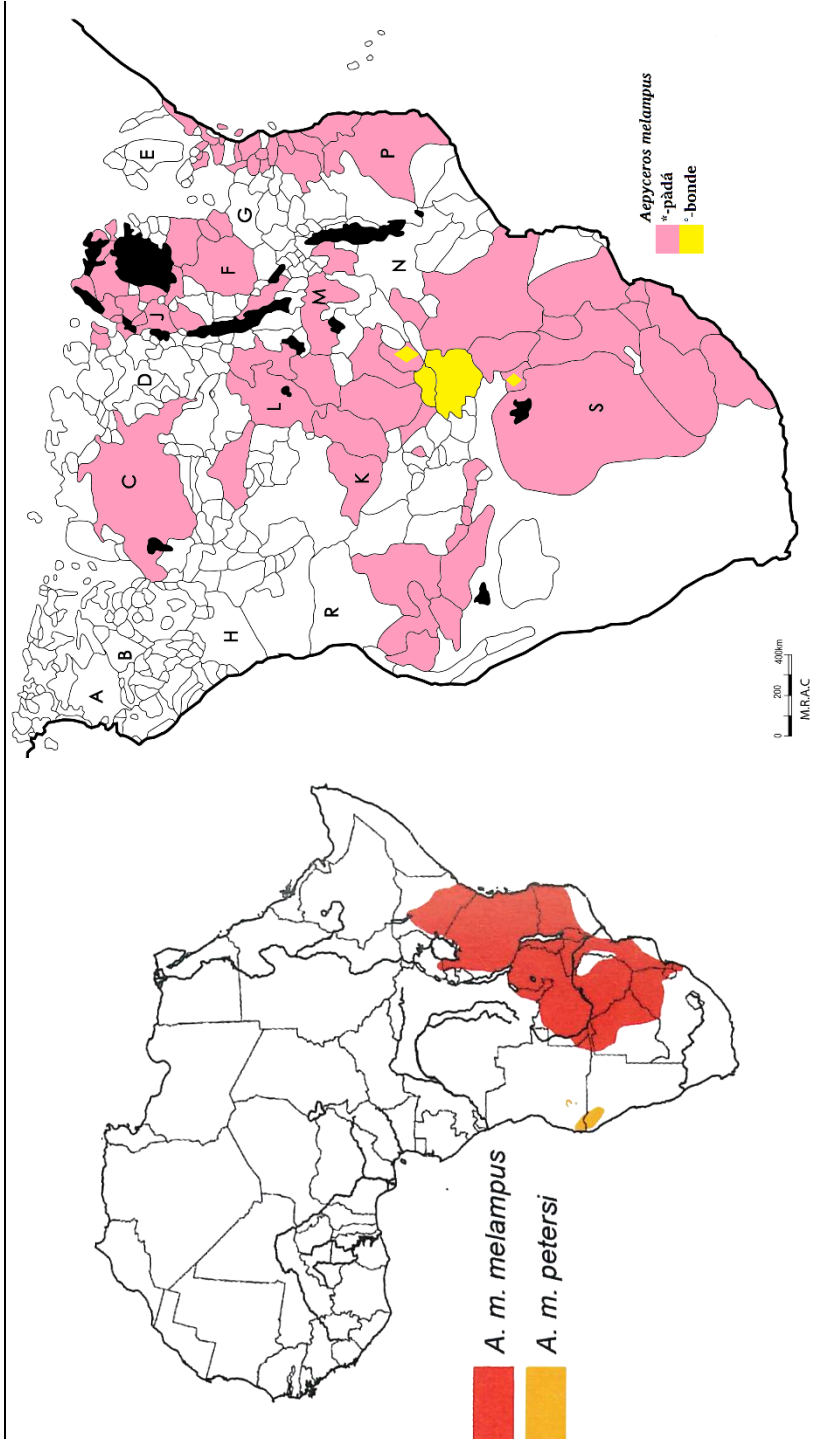
Em posição de V<sub>1</sub> os fonemas se realizam como /o/, por isso, propomos para o tema V<sub>1</sub> de terceiro grau de abertura. Em posição de V<sub>2</sub> propomos para o tema também uma vogal de terceiro grau de abertura. Nas línguas do grupo botatwe (M60) atestamos o processo regular de labialização da C<sub>2</sub> dentro de alguns contextos. (cf. Tema °-nyúmbù, subitem 1.4.2.2. ).

310

Propomos para o tema um emparelhamento de classe nominal 11/2 baseado nas formas dos prefixos atestados nas línguas da zona M. Exceto, em nambya (S16B), onde temos um emparelhamento de classe 9/10.

Devido à ausência e a pouca fiabilidade dos tons nos reflexos acima o tema segue sem um padrão tonal definido.





Mapa 37: Hábitat *Aepyceros melampus*

Mapa 38: Temas *Aepyceros melampus*

## 1.4. Subfamília Alcelaphinae

É uma subfamília que contém espécies de antílopes grandes e médios e englobam basicamente (4) quatro gêneros: *Damaliscus* (tsessebe, topi), *Connochaetes* (gnus), *Alcelaphus* (hartebeest) e *Beatragus* (hirola).

### 1.4.1. *Damaliscus lunatus*

**Descrição:** grande antílope que têm os ombros claramente enrugados. O pescoço é muito curto e a face alongada. A cauda tem uma linha reta e franja. Os chifres são variáveis de uma região para outra. A coloração é variável, do marrom desbotado e/ou amarelado ao vermelho. As espécies têm manchas pretas nas partes de trás e na frente dos membros anteriores. Os chifres são também variáveis de uma região para outra. O tsessebe é às vezes considerado como uma espécie distinta das outras.

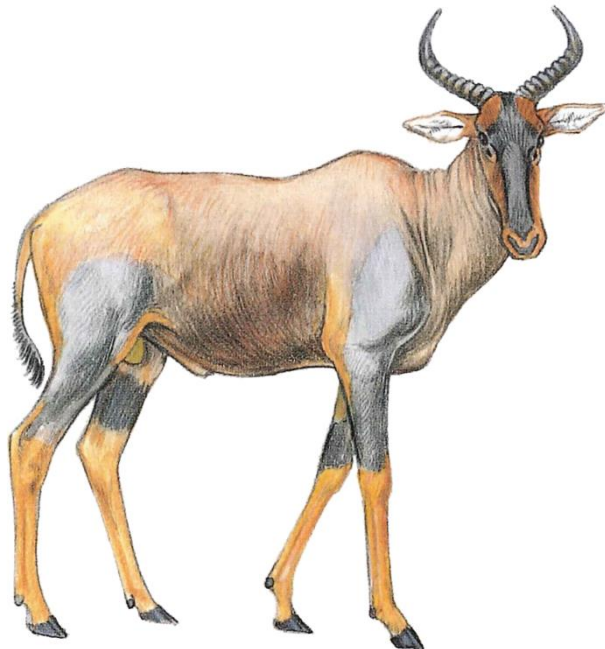


Figura 18: *Damaliscus lunatus*

**Hábitat:** são encontrados na África meridional, especificamente na África do Sul, Zâmbia, Zimbábue, no leste de Angola e norte de Botswana. A espécie foi extinta em Moçambique, Burundi, Gâmbia, Mali, Mauritânia e Senegal. Foram reintroduzidos na Suazilândia, depois que a população indígena foi exterminada.

**Países nativos:** Angola, Benin, Botswana, Burkina Faso, Camarões, República Centro-Africana, Chade, República Democrática do Congo, Etiópia, Gana, Quênia, Namíbia, Níger, Ruanda, África do Sul, Sudão do Sul, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, Zimbabwe.

Na área bantu atestamos 3 (três) temas para denominar a espécie em questão: **\*-nyémèdà**, **°-pupu** e **°-cécebe/°-cébecebe**. Dentre eles apenas um foi reconstruído pelo BLR (2003).

#### 1.4.1.1. O tema **\*-nyémèdà 7448 (5) (cl. 9/10)**

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) a partir de dados oriundos apenas de línguas da zona J.

JE14	rukiga	enyemera LLLL	<u>9</u>	topi	Taylor 1959
JE15	luganda	è`nnyimeèra	<u>9/10</u>	hartebeest	Mulira & Ndawula 1952:92/165
JE15	luganda <sup>100</sup>	`nnyimeèra, è-	9	hartebeest	Snoxall 1967:253

Atualizamos a distribuição linguística do tema em outras línguas também da zona J e em nyamwesi (F22). Vejamos:

<sup>100</sup> Atestamos a mesma forma em luganda (JE15) provenientes da biblio Lolemi (MRAC), com o sentido preciso de espécie de ‘antilope bubale, cana’.

F22	nyamwesi	nyemela inyemela		antílope	Dahl 1915:366
JD61	kinyarwanda	inyemera pl. (in-)	9/10	zèbre	Gasarabwe 1992:245
JD61	kinyarwanda	-nyémèra <sup>101</sup> pl. (inyé-)	9/10	damalisque ou topi <i>Damaliscus lunatus</i>	Coupez <i>et alii</i> 2005:1680
JD62	kirundi	-nyémèra	<u>9</u>	antilope topi <i>(Damaliscus korigum)</i> Ogilby	Rodegem 1970:630
JE11	runyoro	enyemêra <sup>102</sup>	<u>9</u>	species of small antelope	Kaji 2015:36
JE13	runyankore	e-nyemera	<u>9</u>	antelope (hartebeest)	Davis 1952:138/191
JE21	runyambo	enyemela	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
JE22D	kiziba	niemémèra	<u>9</u>	rotes hartebeest	Herrmann 1904:160

<sup>101</sup> 'Segundo descrição do autor: Grande antilope, atteinant un mètre et demi au garrot, un peu plus haute à l'avant qu'à l'arrière. Le pelage est luisant, brun rouge foncé, avec des taches noires sur le chanfrein, les épaules et les fesses. Le mâle et la femelle portent des cornes annelées, assez courtes, en forme de lyre. Commun dans le Parc National de l'Akagera, il s'assemble en grands troupeaux dans les savanes herbeuses du Nord et en petits grands dans le Sud et les autres régions plus boisées. Les Damalisque migrent beaucoup d'un pâturage à l'autre. A la saison des amours, les mâles dominants s'installent sur de très petits territoires et affrontent ceux des territoires voisins dans des combats qui ressemblent à des danses synchronisées'. (cf. Coupez *et alli* 2005:1680, citando Monfort, A. 1995. *Les mammifères de Rwanda*. Kigali. Rotary Club, 142 p).

<sup>102</sup> O acento circunflexo na V<sub>2</sub> do tema marca na língua o tom descendente. (cf. Kaji 2015: xviii).

---

JE24	kikerewe	ê-néméla	9/10	large antelope type (sassaby)	Odden & Tungaraza s.d:64
------	----------	----------	------	----------------------------------	--------------------------------

---

O tema foi mencionado também pela fonte *online* biodiversité du Katanga, porém não atestamos a forma em nenhum outro dicionário do kiswahili. Além do mais, o sentido sugerido é problemático, pois a espécie é ausente na região. Sendo assim, a entrada sugerida abaixo é pouco confiável, por isso não representamos a zona G para a raiz do tema discutido nesta seção.

---

G42	kiswahili	nyamera	ḡ	<i>Damaliscus lunatus</i>	Biodiversité au katanga
-----	-----------	---------	---	---------------------------	-------------------------

---

Segundo o BLR (2003) o tema denomina espécie de antílope: *Damaliscus lunatus*'. O BLR (2003) indica que o tema denomina em algumas línguas 'hartebeest, topi'.

Baseado nos sentidos atestados, refinamos a proposta semântica do tema e sugerimos o sentido '*Damaliscus lunatus jumela*', uma vez que é a única subespécie que vive na região de lagos (o *Damaliscus lunatus* vive na África austral).

Em kinyarwanda (JD61) o sentido 'zebra' sugerido por Gasarabwe (1992) é certamente um erro de identificação do autor e a semântica sugerida por Coupez *et alii* (2005) é correta<sup>103</sup>.

O sentido 'topi' em rukiga (JE14) é possivelmente uma confusão do autor entre as espécies *Damaliscus* e *Alcelaphus*.

Através dos reflexos confirmamos a regularidade das consoantes e vogais. Contudo, atestamos ao menos um caso de alteração da V<sub>1</sub>, por exemplo, em

---

<sup>103</sup> Em kinyarwanda (JD61) zebra tem outro nome: 'impàràgè' cl. 9/10 (cf. Coupez *et alii* 2005:1768).

luganda (JE15) onde atestamos /i/. Em luganda (JE15) o alongamento vocálico atestado é pertinente. As línguas da zona J, caracterizam-se por apresentarem um aumento vocálico inicial /e/.

O BLR sugeriu para o tema, classe 9. Através dos emparelhamentos atestados nos reflexos atuais, sugerimos ao tema ao menos o plural de classe 10.

A proposta tonal do BLR (2003) é baseada provavelmente nas línguas da zona J, em kinyarwanda (JD61), onde os reflexos tonais ABB < \*ABB.

#### 1.4.1.2. O tema °-pupu (cl. 11/6, 11/2, 12)

Proposta de tema atestado em algumas línguas das zonas K L M.

K14	luvale	kahuhu	<u>12</u>	tsessebe ( <i>Damaliscus lunatus</i> )	Ansell 1978:63
K21	silози	kafufu pl. (li-)	<u>12</u>	tsessebe	O'sullivan 1993:10
K21	lozi	kâfûfû	<u>12</u>	tsessebe	Gowlett, Derek F 1989:145
K333	thimbukushu	rufuvu, ma-	<u>11/6</u>	tsessebe ( <i>Damiliscus lunatus</i> )	Legère, Karsten & Munganda 2004:136
K333	thimbukushu	rufúvu	11/2 (11), 6 (11)	springbok	Wynne s.d:512
L52	lunda-ndembu	kahuhu	<u>12</u>	tsessebe ( <i>Damaliscus lunatus</i> )	Ansell 1978:63
M63	ila	silupupu	<u>1a/2</u>	duiker	Torrend 1967:173
M64	tonga	mu-pupu	<u>1/2</u>	duiker (quite young)	Torrend 1967:173

Quanto à semântica, sugerimos para o tema o sentido ‘tseesebe: *Damaliscus lunatus*.

Em thimbukushu (K333) o sentido ‘springbok’ sugerido por (Wynne, s.d:512) é provavelmente um erro de identificação da espécie, visto que, atestamos um tema recorrente nas línguas da região para denominar o ‘springbok’ (cf. tema °-ménye). Além do mais, atestamos outra fonte que sugeriu o sentido ‘tseesebe’. (cf. Legère & Munganda 2004:136). (cf. Hábitats das duas espécies. (cf. Mapa 34: *Antidorcas marsupialis*/ Mapa 40: *Damaliscus lunatus*).

Na maioria dos casos a C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub> são regulares e remontam a uma consoante oclusiva bilabial surda. Em luvale (K14) e em lunda-ndembu (L52) é regular \*p > h. Entretanto, em thimbukushu (K333), a C<sub>2</sub> é irregular, uma vez que, na língua \*p > f.

‘héfu’ eland (Wynne s.d: 193) < \*cèpú 533 (4)

Sugerimos ao tema em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> uma vogal de segundo grau de abertura, pois não atestamos o processo regular de espirantização uma vez que todas as línguas são de 5V. O fonema /f/ do lozi (K21) provém do sotho (S30) < [ϕ] que é a realização ordinária de \*p.

Os substantivos sugeridos em thimbukushu (K33) são irregulares com os reflexos do grupo e parece não remontar a mesma raiz. Contudo, os substantivos seguem no grupo para análises futuras.

Baseado nos reflexos propõe-se para o tema emparelhamento de classe nominal 11/2 e 11/6.

Nas línguas do grupo botatwe (M60), geralmente existe a combinação de dois prefixos. Neste caso, em ila (M63) na palavra ‘silu-’ temos o morfema (si-) prefixo adicional de classe 8, usado em alguns nomes denotativos para pessoas (Madan 1908:112) e (lu-) prefixo de classe 11. Sendo assim,

acreditamos que o prefixo é usado em algumas regiões para designar animais personificados na comunidade. (cf. Outros casos \*-kudo 4684).

Quanto aos tons, devido à falta de fiabilidade nos reflexos tonais atestados nas línguas da zona K, lozi (K21) e thimbukushu (K333), o tema segue sem um padrão tonal definido.

#### 1.4.1.3. Os temas °-cécébe/°cébecébe (cl. 9/10)

Proposta de tema atestado em algumas línguas das zonas K S.

K21	silози	-sebesebe pl. (li-)	9/10	tseessebe	O'sullivan 1993:10
K333	thimbukushu	tésesebe	1a(9)/6(9)	tseessebe	Wynne s.d:571
S16B	nambya	insebesebe (i/i)	9/10	antelope (tseessebe)	Moreno 1988:51/126
S31	setswana	tshèsébè	9	tseessebe	Cole 1995:67
S31	setswana	tshèsébè	9	tseessebe	Cole 1995:67
S31	setswana	tshèsébè	9	tseessebe	Cole 1995:67
S31a	ngwaketse	tshèsébè	9	tseessebe	Cole 1995:67
S31a	rolong	tshèsébè	9	tseessebe	Cole 1995:67
S31b	kgatla	tshèsébè	9	tseessebe	Cole 1995:67
S31c	ngwato	tshèsébè	9	tseessebe	Cole 1995:67
S31E	thlaro	tshèsébè	9	tseessebe	Cole 1995:67

O tema denomina antílope 'tseessebe: *Damaliscus lunatus*'. A forma atestada nas línguas da zona K, em silози (K21) e em thimbukushu (K333) é possivelmente um empréstimo das línguas do grupo S30, pois nestas línguas atestamos outro tema concorrente para denominar 'tseessebe' (cf. tema °-pupu).



Os reflexos desse tema apresentam casos de reduplicação total e parcial da C<sub>1</sub>.

Quanto aos segmentos, em posição de C<sub>1</sub>, os fonemas remontam a uma consoante oclusiva palatal surda. Em posição de C<sub>2</sub> os reflexos remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora. Propomos para o tema V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de terceiro grau de abertura.

Propomos para o tema um emparelhamento de classe nominal 9/10, exceto em thimbukushu (K333), onde atestamos emparelhamentos de classes nominais 1a(9)/6(9).

Os reflexos tonais do tema são problemáticos, pelo fato de que setswana (S31) os padrões tonais (B)(A)B remontam tanto a um padrão \*AB quanto \*AA (que se justifica pelo processo de neutralização<sup>104</sup>). Sendo assim, os dados permitem confirmar o padrão tonal da primeira sílaba que é (A), ao passo que, os tons da segunda sílaba, devido ao processo de neutralização, podem derivar tanto de um tom (B) quanto de tom alto (A):

S31 setswana ‘phírì ‘hyena’ (Cole 1995:47) < \*pítí 1883 (1).

S31 setswana ‘nôga [nógà] ‘snake’ (Cole 1995:149) < \*jókà 3536 (1)

Até o momento não atestamos um tema simples (-cebe) ou com reduplicação parcial da C<sub>2</sub> (-cebebe), sendo assim, a confirmação de que o tema discutido nesta seção é uma forma reduplicada segue conflituosa.

Atestamos em icibemba (M42) um tema composto para denominar ‘antilope tsessebe’. A primeira parte do tema (<\*-tèngú) atestados em línguas das

---

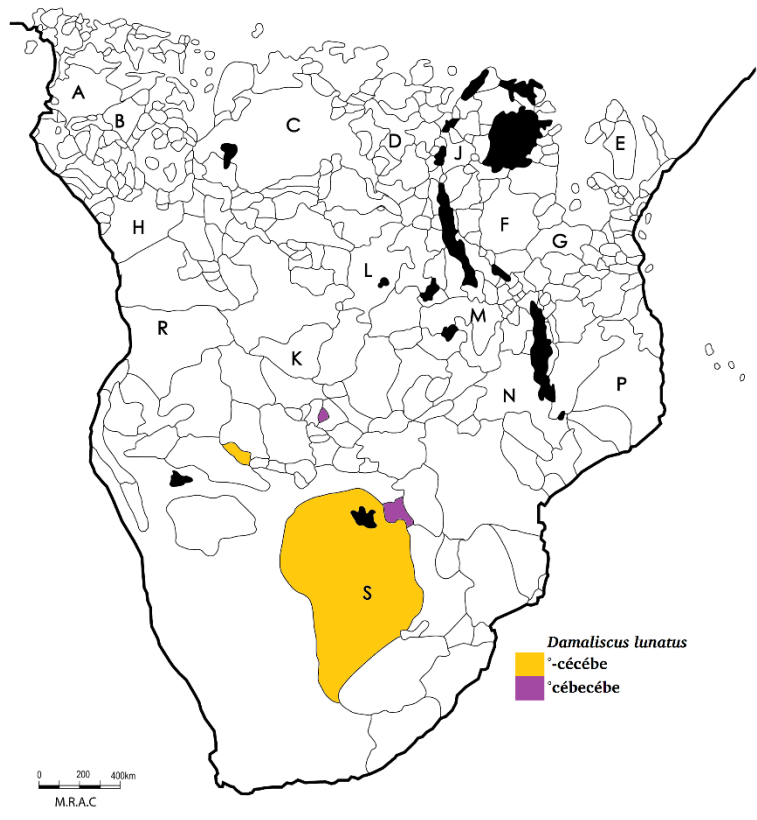
<sup>104</sup> Creissels (1993:27-28) explica que em setswana ocorre uma neutralização da distinção entre os padrões tonais \*AB e \*AA. Em contexto de isolamento um padrão AB < \*AA, isso devido a uma regra em setswana que converte automaticamente um padrão \*AA > AB.

zonas (C D JE G L M N R S), com o sentido de 'roan antelope: *Hippotragus equinus*' (cf. item 1.7.1.1. ).

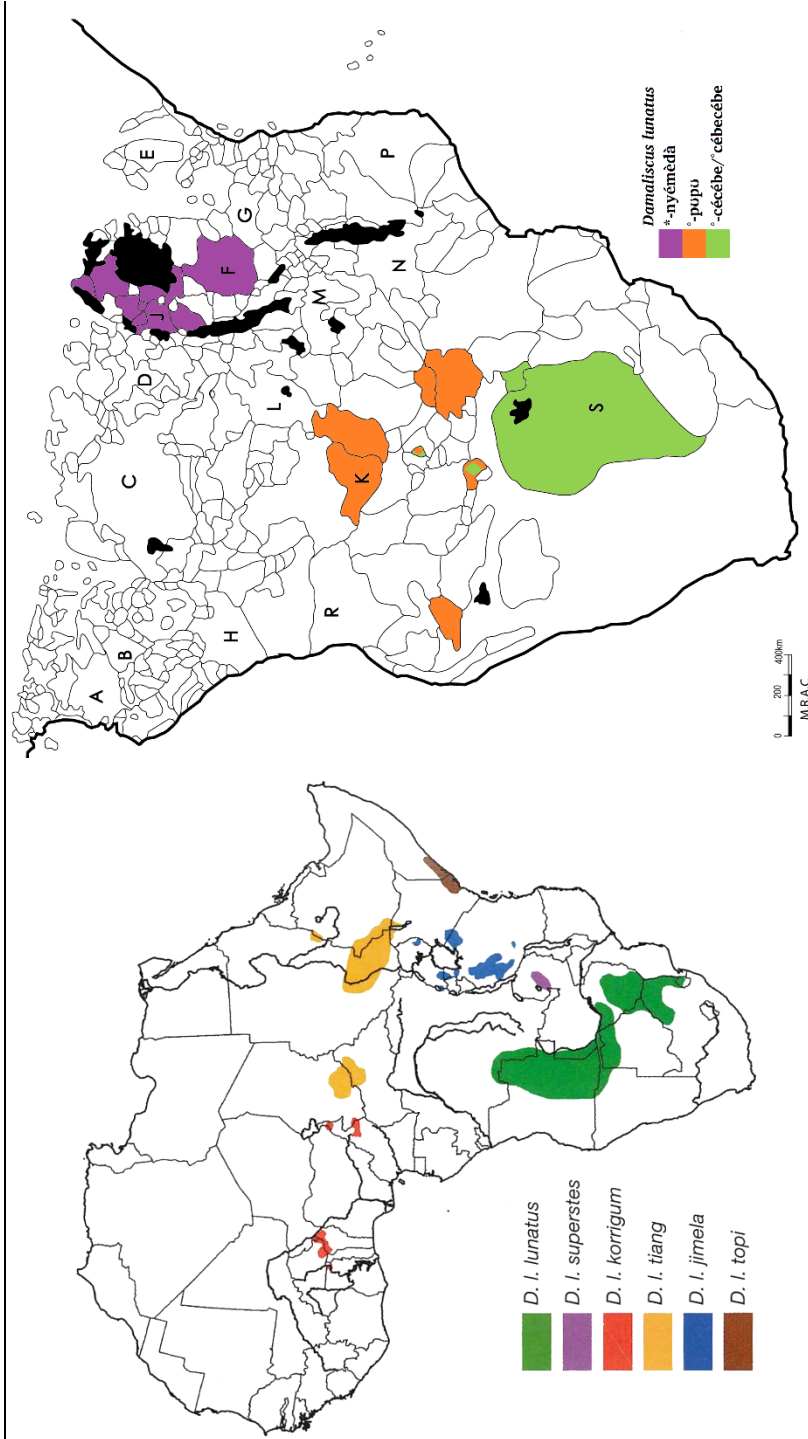
---

M42	icibemba	ntengumalobe	tsessebe	Ansell 1978:63
-----	----------	--------------	----------	----------------

---



Mapa 39 : °-cecebe/°-cebecébe



Mapa 40: Hábitat *Damaliscus lunatus*

Mapa 41: Temas *Damaliscus lunatus*

**1.4.2. *Connochaetes taurinus***

**Descrição:** antílope robusto que têm pelos grossos e rosto alongado. Os chifres espalham-se horizontalmente e depois sobem novamente. Tem a placa nasal achatada com narinas e boca larga retangular. O focinho é preto em todas as subespécies, assim como as crinas e a cauda. A coloração é variável de acordo com as subespécies. O *Connochaetes taurinus* tem a coloração cinza acinzentada escura. O nariz e o queixo têm uma longa barba de pelos pretos, cabeças curtas de cor marrom ou ocre.

É conhecido popularmente como o antílope ‘boi-cavalo’.



Figura 19: *Connochaetes taurinus*

**Hábitat:** vivem em savanas de capins curtos a menos de 20 km de um ponto de água abundante. Mas também são encontrados em florestas abertas, pradarias e planícies.

**Países nativos:** Angola, Botsuana, Moçambique, Namíbia, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbábue.

Na área bantu atestamos 3 (três) novos temas para denominar a espécie em questão: °-puudu, °-nyúmbì e °-bòci.

#### 1.4.2.1. O tema °-puudu (cl. 9/10, 9/6, 7)

Nova proposta de tema baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas (B C K L M R S).

B85	yans	mful (wu, yi)	<u>9/10</u>	antilope (kipiti)	Swartenbroeckx 1948:6/86
C14	leke	-fólo	7a/2	antilope	Vanhoudt & Soky Mantoley 1998:27
C85	wongo	mpúr/ bampúr	1a/2	antilope	Bursens 1993:460
K11	chokwe	pulu pl. (mapulu)	<u>9/6</u>	large antelope	Mac Jannet Malcolm Brooks 1949:3/76
K12b	ngangela	mpúulu	9/10	antilope gnou bleu <i>(Connochaetes taurus)</i>	Maniacky 2002:351
K14	luvale	[phúlu] /púlu/	9/10	le zébre	Ngoie 1992:43
K14	luvale	pulu		<i>Connochaetes taurus</i>	Ansell 1978:61

K33	rukwangali	mpuru pl. (no-)	9/10	gnu <sup>105</sup> blue wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Kloppers 1994:93/163
L52	lunda- ndembu	chifulu	<u>7</u>	wildebeest, gnu	Fisher 1963:35
M23	nyiha	imphulu	<u>9</u>	pferdeantilope	Busse 1960:147
R14	khumbi	omhpúlu pl. ono-	<u>9/10</u>	wildebeest	Westphal 1961:55
R21	kwanyama	omhuulu LLL	9/10	blue wildebeest <i>Gorgon taurinus</i>	Halme 2004:268
S31a	rolong	pudungwana HLLL		gnu, black wildebeest (diminutivo)	Cole 1995:48

Na maioria das línguas o tema denomina ‘gnou bleu: *Connochaetes taurinus*’. Contudo, leke (C14), em wongo (C85) e em yans (B85) os sentidos são problemático e provavelmente referem-se a outra espécie de antílope diferente do ‘*Connochaetes taurinus*’, que habita majoritariamente a parte sul e leste do bantu. (cf. Mapa 42: Hábitat *Connochaetes taurinus*). De acordo com o autor o substantivo denomina o antílope ‘kipiti<sup>106</sup>, certamente uma espécie de gazela pequena.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial surda, às vezes, com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10, como, por exemplo, em khumbi (R14). Em yans (B85) a consoante fricativa labiodental remonta a \*p e justifica-se pelo processo de espirantização da C<sub>1</sub> diante de vogal de primeiro grau, contudo não identificamos o mesmo processo nas outras línguas.

<sup>105</sup> O nome gnu vem do boximane ‘nqu’, através do inglês gnu, ou do francês gnou.

<sup>106</sup> <°-pítí, substantivo atestado em algumas zonas para denominar a espécie de ‘*Philantomba monticola*’.

Em leke (C14) o processo de espirantização não é produtivo e o fonema /f/ é reflexo regular de \*p em todos os contextos.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas realizam-se como /r, l/ e provém da consoante oclusiva \*d.

Quanto as vogais, identificamos que a maioria das línguas perderam a distinção entre vogais breves e longas, exceto, em yans (B85), em ngangela (K12b)<sup>107</sup>, em lunda-ndembu (L52) e em nyiha (M23). Sendo assim, propomos para o tema uma estrutura segmental (-CVVCV).

Visto que não atestamos o processo de espirantização nas línguas de 5V, propomos para o tema V<sub>11</sub> e V<sub>12</sub> de segundo grau de abertura.

Em posição de V<sub>2</sub> os fonemas realizam-se como /ø, u/, sendo assim sugerimos também V<sub>2</sub> < \*u. Em yans (B85) e em wongo (C85) a perda da V<sub>2</sub> é regular.

Sugerimos ao tema um emparelhamento de classe nominal, majoritariamente, 9/10, porém atestamos também outras classes, por exemplo, em wongo (C85) atestamos classe 1/2, em lunda-ndembu (L52) classe 7, com função aumentativa e classe 7a/2 em leke (C14). Atestamos também classe 9/6 em chokwe (K11). Em setswana (S31) o substantivo composto 'pudungwana' tem função diminutiva.

Quanto aos tons, os reflexos tonais são divergentes e não remontam ao mesmo padrão do PB, vejamos:

Em yans (B85) identificamos reflexos tonais diretos do PB < \*BB. Nas línguas das zonas C, em leke (C14) e em wongo (C85) os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*AB.

---

<sup>107</sup> Guthrie (Vl. I, p. 68), assim como outros autores consideram que o alongamento vocálico não é pertinente em ngangela (K12b). No entanto, sua existência é comprovada. (cf. Maniacky 2002: 19).

Em ngangela (K12b) o reflexo tonal AB remonta tanto a um padrão \*BA quanto \*BB:

‘táata’ cl. 9 ‘père (mon)’ (Maniacky 2002: 366) < \*tààtá 2801 (1)

‘njála’ cl. 9 ‘faim’ (Maniacky 2002:358) < \*jàdà 1555 (1)

Em mwenyi (K352) os reflexos tonais BA remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*AB (cf. Tons do tema \*-pókù 2601).

Em khumbi (R14) os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*BB (cf. Tons do tema \*-bambı 8336).

Em kwanyama (R21) os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal exclusivo \*BB (cf. Tons do tema \*-bambı 8336).

Em setswana (S31) os reflexos tonais BA remontam a um padrão tonal exclusivo \*BA:

‘kùbú’ hippopotamus (Cole 1995:61) < \*gùbú 1532 (1)

Analisando os tons tanto da  $S_1$  quanto da  $S_2$  identificamos que os reflexos nem sempre remontam a um padrão exclusivo do PB. Por exemplo, em mwenyi (K352) os reflexos tonais são irregulares e remontam a um tom \*A. Em khumbi (R14), os reflexos tonais não são exclusivos e remontam também a um tom \*A. Em posição de  $S_2$  em ngangela (K12b), em mwenyi (K352) e em khumbi (R14) os reflexos não são exclusivos e remontam também a \*A.

Em setswana (S31) o reflexo tonal é irregular e remonta a um padrão exclusivo \*A. Enfim, os dados são bem divergentes tanto no que se refere a  $S_1$  quanto a  $S_2$  e isso não permite propor uma reconstrução tonal confiável. Por isso o tema segue sem uma proposta tonal.

A pesquisa coloca em visibilidade alguns reflexos problemáticos. Em algumas línguas das zonas (K L M N P S), atestamos um tema de estrutura similar



°-pudu, porém motivados pelas mudanças de classes nominais denominam outras espécies de antílopes. Vejamos:

Nas línguas das zonas N R os substantivos de classe 12 denominam uma espécie de ‘antílope pequeno’.

Devido à ausência de notações tonais, um vínculo entre o tema °-puudu e os reflexos abaixo seguem problemáticos.

N15	tonga	puru, pl. va	1a/2	small duiker	Turner 1952:199/111
N21	tumbuka	pulu		blue duiker ( <i>Philantomba monticola</i> )	Wilson 2005:221
R11	umbundu	okamupulu	12/13	antílope pequenino	Le Guennec & Valente 1972:45
R11	umbundu	okamupulu	12/13	gazela pequenina	Le Guennec & Valente 1972:302
R11	umbundu	kamupulu	12/13	gazela outras variedades	Le Guennec & Valente 1972:302

Colocamos também em relevo outro tema °-pudu, porém com mudanças semânticas e de classes nominais.

K34	sikwamashi	puru (ma-)	9/6	bullock, ox	O’sullivan 1985:3/38
K352	mwenyi	(é)pulú ? (a)mápulú	9/6	ox	Yukawa 1987:19
L62	nkoya	pulu (thi-)	1/10	ox	Yukawa 1987:21
M42	icibemba	ìpùlù, pl. (mápùlù)	5/6	animal sp.	Kasonde 2009:126
M60	botatwe	im-pululu	<u>9</u>	goat	Torrend 1967:243
P31	emakhuwa	phùru (a)	1a/2	asno	De Matos 1974:36

S16B	nambya	imhulu (i/i)	9/10	young bull	Moreno 1988:47/132
------	--------	--------------	------	---------------	-----------------------

Em algumas línguas das zonas K, os substantivos de classe 9/6 denominam ‘ox, bullock’, assim como em nkoya (L62). Em icibemba (M42) o substantivo de classe 5/6 limita-se a denominar ‘animal’. Em emakhuwa (P31) o tema de classe 1a/2 denomina ‘asno’. Em nambya (S16B) o tema denomina ‘young bull’. Em botatwe (M60) atestamos um substantivo similar, mas com reduplicação parcial da C<sub>2</sub> e com mudanças semânticas, o tema denomina ‘goat’.

Em emakhuwa (P31) a consoante oclusiva surda aspirada é resultado da combinação (N + p > ph). Em nambya (S16B) o fonema /mh/ provém da combinação (N + p).

Optamos por agrupar os reflexos dos temas acima separadamente, visto que, os temas apresentam problemas semânticos, além disso, os padrões silábicos dos temas são divergentes em relação ao tema °-puudu (CVCV/ CVVCV).

No entanto, com o intuito de identificar uma relação entre os temas, analisamos os padrões tonais do icibemba (M42) e do emakhuwa (P31) e atestamos os seguintes resultados:

Em icibemba (M42) os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal exclusivo \*BB:

‘nsòfù’ cl. 9/10 elephant (Kasonde 2009:127) < \*jògù 1607 (1)

Em emakhuwa (P31) os reflexos tonais BA remontam a um padrão tonal \*BA:

‘epàla (i)’ impala (De Matos 1974:218) < \*pàdá 2355 (4)

Baseado nos resultados, sugerimos apenas em posição de S<sub>1</sub> um padrão tonal \*B, enquanto em posição de S<sub>2</sub> os reflexos são divergentes (< \*A/\*B).

Devido à ausência de alguns padrões tonais e ao fato que em posição de S<sub>2</sub> os reflexos remontam a padrões divergentes, um vínculo entre os temas seguem problemáticos.

Contudo, acreditamos em um vínculo formal entre o tema discutido neste subitem (°-púudu), com a protoforma reconstruída pelo BLR (2003) \*-púudu 4811 (5) atestado nas línguas das zonas L M com o sentido de ‘bêlise, estupidez’. A associação semântica entre os temas poderiam justificar-se pelo fato de que na literatura oral africana o ‘gnu’ desempenha sempre o papel de ‘animal estúpido’, derrotado por animais menores e inteligentes. No entanto, existe um conflito tonal entre os temas.

#### 1.4.2.2. O tema °-nyúmbù (cl. 9/10)

Proposta de tema, majoritariamente de classe nominal 9/10, atestado em algumas línguas das zonas G K M N P.

G11	gogo	nyumbu	9	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:35
G221	mbugu	nyumbwi	9/10	wildebeest	Mous 2003:285/318
G42	kiswahili	nyumbu		catoblepas gnou ou niou	Sacleux 1949:36
G42d	kiunguja	nyumbu	9	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:34
G52	ndamba	nyumbu, pl. (va-)	9/2	eland	Edelsten & Lijongwa Chiku 2010:150/158
G52	ndamba	nyumbu	1a/2	hartebeest	Novotná 2005:389

G61	sango	inyumbu		wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:35
K402	fwe	nyũmbù, pl. bà	1a/2	wildebeest	Hilde Gunnink 2018:514
M31A	nyakyusa	inyumbu	9/10	wildebeest, gnu	Felberg 1996:52
M42	icibemba	inumbu		wildebeeste	Guthrie & Mann 1995:61
M54	lamba	inyumbu	ḡ	gnu	Doke 1933:55
M60	botatwe	munyumbwe	1/2	wildebeest	Torrend 1967:639
M63	ila	munyũmbwi pl. (ba-)	1/2	gnu	Smith 1907:262
M63	ila	kanga- munyumbwi		gnu (dim.)	Smith 1907:262
M64	tonga	munyumbwe	1/2	<i>Connochaetes taurinus</i>	Ansell 1978:61
N13	matengo	nyũmbu-nyũmbu	9/10	wildebeest, gnu	Yoneda 2006:29
N31a	nyanja	nyumbu	ḡ	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Ansell 1978:61
N41	chinsenga	nyumbu	ḡ	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Ansell 1978:61
N44	chisena	nhumbu	ḡ	gnu	Torrend 1900:43
P31	emakhuwa	enyupú (i)	9/10	gnu (boi-cavalo)	De Matos 1974:207

Baseado na proposta semântica atestada na maioria das línguas sugerimos para o tema o sentido ‘gnu: *Connochaetes taurinus*’. Em fwe (K402) atestamos um substantivo de classe 1a/2a, sem mudança semântica. Em ndamba (G52),

o sentido ‘eland’ e ‘hartebeest’ sugeridos, respectivamente, por Edelsten & Lijongwa Chiku (2010) e Novotná (2005), são certamente erros de tradução dos autores, uma vez que, na maioria das línguas o sentido atestado é ‘gnou’.

Sugerimos ao tema em posição de C<sub>1</sub> uma nasal palatal \*ny.

Em chisena (N44), o fonema /nh/ em posição de C<sub>1</sub> representa a grafia adotada pelo autor para transcrever a consoante nasal [ɲ]. O fonema é regular e remonta a \*ny [ɲ], por exemplo:

‘nhati’ buffalo (Torrend 1900: 43) < \*nyátì 3248 (4).

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*mb.

Em emakhuwa (P31) o processo de ensurdecimento e desprenasalização da C<sub>2</sub> é regular (\*mb > p).

Quanto à qualidade das vogais, em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> sugerimos para o tema uma vogal de primeiro grau de abertura, visto que os reflexos realizam-se com /u/ nas línguas de 5/7 vogais. Em mbugu (G221), assim como, nas línguas do grupo botatwe (M60) os reflexos caracterizam-se pelo processo regular de labialização.

Quanto aos tons, os poucos reflexos fiáveis são divergentes. Em matengo (N13) os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão \*AB, \*AA quanto \*BB: (cf. Tons do tema °-cuduku, no subitem 1.2.7.3. ).

Em fwe (K402) os reflexos tonais derivam tanto de um padrão subjacente \*AB quanto \*AA (cf. Hilde Gunnink 2018:87).

Em icibemba (M42) os reflexos BB remontam exclusivamente a \*BB:

‘ubu-limbo’ bird-lime (Guthrie & Mann 1995:47) < \*-dìmbò 985 (1)

Apesar dos reflexos nem sempre remontarem a um padrão tonal exclusivo, sugerimos para o tema em posição de S<sub>1</sub> um tom \*A, mesmo se, em icibemba

(M42) os reflexos são divergentes. Em posição de S<sub>2</sub> sugerimos para o tema um tom \*B, mesmo se, em matengo (N13) e em fwe (K402) os reflexos remontam também a \*A.

#### 1.4.2.3. O tema °-bùcɪ (cl. 9/10, 9/6)

Proposta de tema atestado majoritariamente em algumas línguas da zona F.

F21	sukuma	mbushi sh [ʃ]	<u>9</u>	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:38
F22	nyamwesi	mbusi	<u>9</u>	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:36
F22	nyamwesi	mbuushi [ʃ]	9/10 9/6	wildebeest, gnu	Maganga & Schadeberg 1992:320
F24	kimbu	mbusi	<u>9</u>	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:36
F24	kimbu	mbuzi	<u>9</u>	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:36
F31	nilamba	mpusi	<u>9</u>	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:37
F31B	isanzu	mbuhi	<u>9</u>	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:38
F31D	nyambi	pusi	<u>9</u>	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:37
F32	nyaturu	mbusi	<u>9</u>	wildebeest ( <i>Connochaetes taurinus</i> )	Swynnerton 1946:37

Atestamos uma entrada em lala (M52) proveniente da fonte *online biodiversité au katanga* totalmente isolada na zona M (cf. tema \*-pomo 6505, que nas línguas da região é a forma utilizada para denomina a gazela ‘*oreotragus*’). Além do mais, a fonte do katanga não é confiável (reuni compilações de vários autores). Sendo assim, não representamos a zona M

como reflexo do tema discutido nesta seção. O substantivo segue no grupo apenas para análises futuras.

---

M52 lala mbusi 9 mâle *oreotragus oreotragus* Biodiversité au katanga

---

De acordo com os sentidos revelados na zona F, sugerimos para o tema o sentido antílope gnu: '*Connochaetes taurinus*'.

Propomos para o tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva bilabial sonora, às vezes, com a combinação da (N-), prefixo de classe nominal 9/10. No entanto, atestamos alguns problemas de regularidades nas línguas do grupo F30.

Em nilamba (F31) e em nyambi (F31D) a consoante pré-nasalizada /mp/ ou /p/ atestada nos reflexos é irregular e não remonta nem a \*N + b, nem a \*b, visto que, nestas línguas \*mb > mb, ao passo que \*p/\*b > p/∅. Mas os reflexos atestados nas línguas vizinhas em isanzu (F31B) e em nyaturu (F32) remontam a uma consoante pré-nasalizada \*mb. A proposta da C<sub>1</sub> é baseada nos dados atestados nas línguas do grupo F20 e nas línguas isanzu (F31B) e em nyaturu (F32), onde é regular \*mb > (m)b.

Em posição de C<sub>2</sub>, em sukuma (F21) e em nyamwesi (F22) a consoante fricativa alveolar surda /s/ remonta a \*c. Em nyamwesi o fonema /sh/ de acordo com o sistema fonético de outra fonte realiza-se como [ʃ] e remonta à \*c.

(cf. 'nshiímba' lion' (Maganga & Schadeberg 1992:301). < \*címbá 613 (1).

Em kimbu (F24) o autor propôs duas formas (erro de transcrição do autor?), uma delas parece regular e a consoante fricativa alveolar surda atestada nos reflexos provém de \*c, enquanto /z/ provém de \*j.

Em nilamba (F31) e em nyambi (F31D) a C<sub>2</sub> é regular e provém de \*c. Em isanzu (F31B) a C<sub>2</sub> uma consoante aspirada /h/ é irregular e não remonta a

\*c, no entanto poderia ser influência do nyaturu (F32) onde é regular (\*c > h). O fonema /s/ em nyaturu (F32) poderia ser influência de outras línguas do grupo F30, onde \*c > s. Sendo assim, sugerimos em posição de C<sub>2</sub> uma consoante palatal surda.

Em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> propomos para o tema uma vogal de segundo grau de abertura \*u, \*ɪ, sem espirantização. O alongamento vocálico atestado em nyamwesi (F22) é automático em alguns contextos (cf. Maganga & Schadeberg 1992).

Nas outras línguas do grupo F20 geralmente o alongamento vocálico é pertinente, porém nos substantivos atestados o alongamento não é marcado. Como os dados são provenientes de fontes zoológicas e a notação fonética é pouco confiável, optamos em reconstruir o tema sem alongamento vocálico.

Sugerimos para o tema o emparelhamento de classe 9/10. Em nyamwesi (F22) segundo o autor, o emparelhamento é 9/10, mas também 9/6:

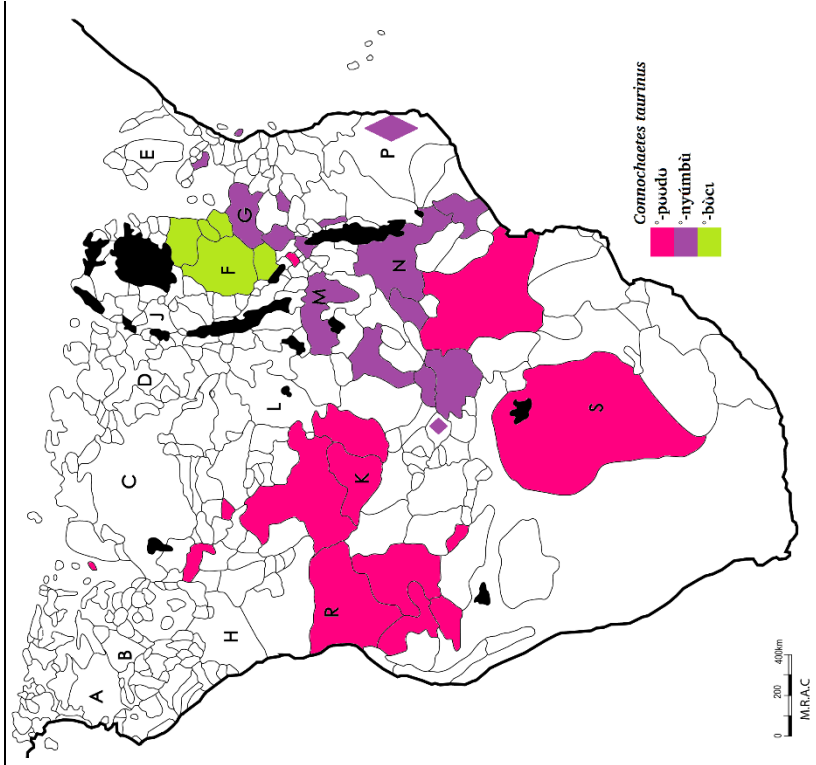
‘iβuushi/maβuushi’. (cf. Maganga & Schadeberg 1992:320).

Referente aos tons, em nyamwesi (F22) os reflexos tonais BB proposto por Maganga & Schadeberg (1992) remontam a um padrão tonal \*BB e \*BA. (cf. tons \*-gìmbà 5565 (5) item 1.6.7.2. ).

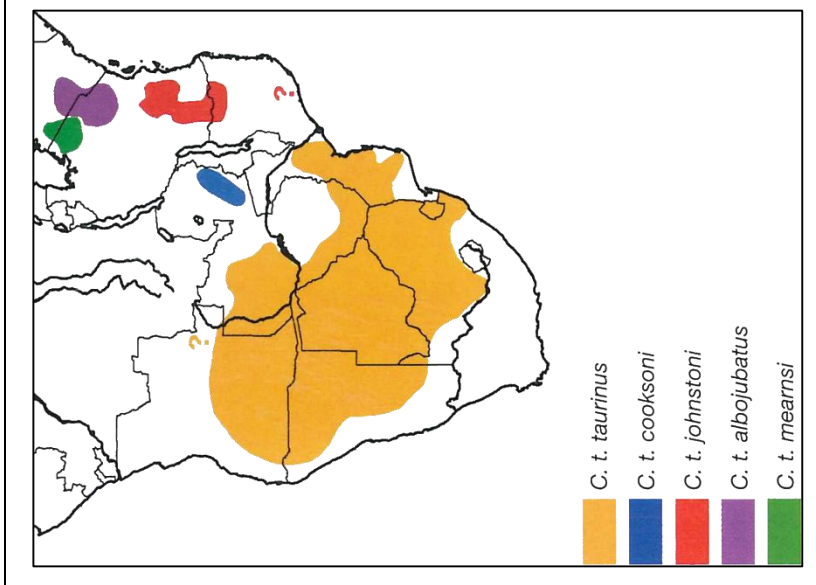
Apesar dos padrões tonais não remontam a um padrão tonal exclusivo sugerimos ao menos em posição de S<sub>1</sub> um tom \*B, ao passo que, o tom da S<sub>2</sub> segue problemático e remonta tanto a \*B/\*A.

O tema discutido nos remete a protoforma \*-búdi 303 (185) atestada em um grande número de línguas com o sentido de ‘cabra’. Entretanto, os problemas de regularidades dos temas (tons, qualidade da C<sub>2</sub> e V<sub>2</sub>) são problemáticos.





Mapa 42: Hábitat *Connochaetes taurinus*



Mapa 43: *Connochaetes taurinus*

### 1.4.3. *Alcelaphus buselaphus*

**Descrição:** grande antílope de pernas altas, face estreita e muito alongada. A coloração também é muito variável dependendo da região. O *Alcelaphus buselaphus* tem a coloração fulva (louro-dourado). As manchas pretas nos ombros são também bem variáveis. Os chifres repousam sobre uma base oca e são de tamanho muito variável, medem precisamente entre (45-83 cm).

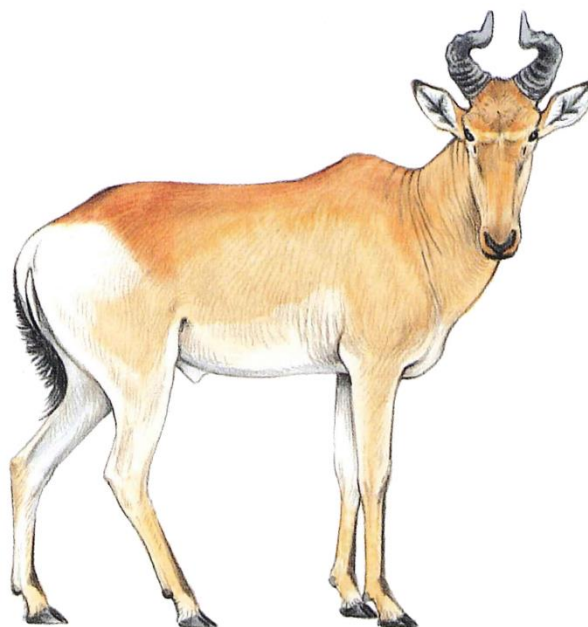


Figura 20: *Alcelaphus buselaphus* ssp. *Lichtensteinii*

**Hábitat:** o antílope *Alcelaphus buselaphus* é encontrado na África do leste, no centro de extensas planícies de pastagens. Em áreas abertas, como as pastagens de Serengeti (na Tanzânia). São tipicamente encontrados nas margens das florestas. Outras subespécies são encontradas em savanas arborizadas na África ocidental e na região sudeste. O tamanho do corpo do hartebeest varia em relação à produção primária do hábitat, de modo que as subespécies em habitats mais produtivos, são relativamente maiores.

**Países nativos:** Angola, Benin, Botsuana, Burkina Faso, Camarões, República Centro-Africana, Chade, República Democrática do Congo, Costa do Marfim, Etiópia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Quênia, Mali, Namíbia, Níger, Nigéria, Senegal, África do Sul, Sudão do Sul, Sudão, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue. Extinta: Argélia, Burundi, Egito, Gâmbia, Israel, Jordânia, Lesoto, Líbia, Marrocos, Somália e Tunísia. Possivelmente extinto: Eritreia.

Atestamos nas línguas bantu quatro (4) reconstruções virtuais para denominar o antílope em questão: **\*-kondi**, **\*-kucu**, **°-pũnju** e **°-kotombu**. Dentre elas (2) duas foram revelados pelo BLR (2003).

#### 1.4.3.1. O tema **\*-kondi 6691 (5) > °-kóndí (cl. 9/10, 9/6, 5, 12)**

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em línguas das zonas L M.

L33	kiluba	nkonzi (ban-) [nkó:nzi] AB	9/2 + 9	hartebeest, mouflon	Gillis 1981:24
M42	icibemba	ín-kónshi	<u>9</u>	hartebeest	Guthrie & Mann 1980:37

A pesquisa atualizou o tema em algumas línguas também da zona L M e estendeu a distribuição linguística em línguas das zonas E F G JD JE N P.

E55	kamba	ngóndi	9	gnu	Brutzer 1906:59
E55	kamba	ngondi		hartebeest	Lindblom 1926:93
F21	sukuma	konzi		hartebeest, Coke's ( <i>Alcelaphus</i> <i>buselaphus</i> )	Swynnerton 1946:38
F22	nyamwesi	iĩkonzi	9	antilopenart	Dahl 1915:74

F33	rangi	kondi		hartebeest, Coke's ( <i>Alcelaphus buselaphus</i> )	Swynnerton 1946:35
F33	rangi	kondi		hartebeest, Lichtenstein's ( <i>Alcelaphus lichtensteini</i> )	Swynnerton 1946:35
F34	mbugwe	nkóndí	9/10	hartebeest	Mous 2004:49/60
G42d	kiunguja	konzi	9/10	hartebeest, lichtenstein's ( <i>Alcelaphus lichtensteini</i> )	Swynnerton 1946:34
JD66	kiha	inkónji	<u>9</u>	wildebeest, gnu	Nakagawa Hiroshi 1992:20
L35	kisanga	nkonji (ba-)	9/2	l'antilope bubale	Missions bénédictines Abbaye de Saint- André-lez- Bruges. 1950:75
L41	kaonde	nkonzhe (zh) = [nʒ] (pl.ba-ma-)	9/2 /9/6	hartebeeste	Broughall 1924:203/127
L53	ruund	kàkô:nd	<u>12</u>	an antelope (waterbuck?)	Hoover 1975:K-4
M23	nyiha	inkhonza	9/10	antilopenart	Busse 1960:148
M402	aushi	ijkonsi	9/10	hartebeest	Doke 1933:288
M41	kitabwa	nkonzi	9	hartebeest	Van Acker 1907:84
M42	icibemba	nkonshi (n)	9/10	hartebeest	Hoch 2006:150

M42	icibemba	inkonshi	<u>9</u>	Lichtenstein's hartebeest ( <i>Alcelaphus lichtensteini</i> )	Frank Willems Kasanka 2011
M52	lala	kondikondi		<i>Alcelaphus lichtensteini</i>	Ansell 1978:62
M54	lamba	injkonshi	<u>9</u>	hartebeest	Doke 1933:59
M54	lamba	konse (w̄a-)		hartebeest	Doke 1933:59
M60	botatwe	konze	<u>9</u>	hartebeest	Torrend 1967:262
M61	lenje	konshe	<u>9</u>	hartebeest	Madan 1908:87
M63	ila	konze pl. (ba-)	9/2	hartebeest	Smith, 1907:262
M63	ila	kanga- konze		hartebeest (dim. )	Smith 1907:262
M63	ila	nhonze	<u>9</u>	reedbuck male	Torrend 1967:459
M64	tonga	nhonze	<u>9</u>	reedbuck male	Torrend 1967:459
N21	tumbuka	nkhonzi	<u>9</u>	<i>Alcelaphus lichtensteini</i>	Ansell 1978:62
N41	chinsenga	nkonze	<u>9</u>	<i>Alcelaphus lichtensteini</i>	Ansell 1978:62
P21	ciyao	ngose	9	hartebeest	Sanderson 1922:178
P21	ciyao	ngose/n	9/10	antílope (ekose)	Viana 1961:49/156
P21	ciyao	N-gose HL	9	hartebeeste	Ngunga 2001

No BLR o tema denomina ‘antílope gnu: hartebeest’. Atualizamos e corrigimos o sentido proposto pelo BLR.

Baseado na semântica atestada na maioria dos reflexos sugerimos para o tema o sentido *hartebeest*, *Alcelaphus buselaphus ssp. lichtensteini*. No entanto, atestamos alguns problemas semânticos: em *ila* (M63) atestamos dois sentidos ‘*hartebeest*’ mas também ‘*reedbuck male*’, assim como em *tonga* (M64).

O sentido ‘*gnu*’ sugerido por Brutzer (1906) para o *kamba* (E55) é errôneo, pois todas as outras fontes confirmam que o substantivo ‘*ngondi*’ significa ‘*Alcelaphus*’, enquanto o nome (em *kamba*) para o ‘*Connochaetes*’ é ‘*ngatata*’ (cf. Lindblom: 1926:14).

O sentido mencionado em *kiha* (JD66) por Nakagawa (1992) é também sem dúvida um erro de identificação do autor.

Em *ruund* (L53) Hoover 1975, sugeriu o sentido ‘*waterbuck*’, contudo o próprio autor coloca em dúvida o sentido mencionado.

Em posição de  $C_1$  os fonemas remontam a uma consoante oclusiva velar surda, às vezes, com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10. Em *kamba* (E55) o complexo consonântico /ng/ resulta tanto da combinação (\*N + g) quanto de (\*N + k). Em *ciyao* (P21) o processo de sonorização da  $C_1$  é resultado da combinação (\*N + k > ng). Atestamos em *lala* (M52) um caso isolado de reduplicação total do tema.

Em posição de  $C_2$  o BLR propôs para o tema uma consoante pré-nasalizada \*nd, no entanto coloca em dúvida a fiabilidade da proposta. Em *kamba* (E55), em *rangi* (F33), em *mbugwe* (F34) e em *ruund* (L53) atestamos reflexos diretos de \*nd. Nas outras línguas, identificamos que a  $C_2$  realizam-se como /nj/ e /ns/ e justificam-se pelo processo de espirantização da  $C_2$  diante de vogal de primeiro grau, por exemplo, em *sukuma* (F21), em *nyamwesi* (F22), nas línguas da zona L (*kiluba*, *kisanga*, *kaonde*) e em *nyiha* (M23).

Nas línguas do grupo M40, em *aushi* (M402), em *kitabwa* (M41) e em *icibemba* (M42) os fonemas remontam tanto a uma consoante \*nc quanto \*nj, exceto em *lamba* (M54), onde a  $C_2$  remonta apenas a \*nc, enquanto \*nj > nz.

Nas línguas do grupo botatwe (M60) a situação é similar, os fonemas em lenje (M61) remontam tanto a \*nc quanto a \*nj. Mas em ila (M63) e em tonga (M64) os fonemas remontam apenas a \*nj.

Em ciyao (P21) o fonema /s/ é resultado da combinação (N + s > s). Mesmo se, atestamos alguns casos irregulares, concordamos com a C<sub>2</sub> sugerida pelo BLR.

Quanto as vogais, em posição de V<sub>1</sub> o tema foi reconstruído como uma vogal posterior de terceiro grau de abertura.

Em posição de V<sub>2</sub> o BLR propôs uma vogal de primeiro grau de abertura \*i. No entanto, identificamos que as vogais finais são bem oscilantes entre /i/ e /e/ e justificam-se sem dúvida pelo processo de harmonia vocálica causada pela V<sub>1</sub> /o/ como, por exemplo, em kaonde (L41), em lamba (M54), nas línguas do grupo botatwe (M60), em chinsenga (N44) e em ciyao (P21).

Em nyiha (M23) atestamos um processo de abaixamento da vogal final (\*i > a).

Apesar de em ruund (L53) o alongamento vocálico ser pertinente, no substantivo atestado justifica-se pelo contexto nasal.

O BLR propôs para o tema, classe 9. Baseado na maioria das classes nominais atestadas, sugerimos para o tema o emparelhamento de classe 9/10, mesmo se, em alguns casos atestamos outros emparelhamentos, sem mudanças semânticas. Em kaonde (L41) atestamos emparelhamento de classe 9/2 ou 9/6, em kisanga (L35) classe 9/2 e em kiluba (L33) classe 9/2 + 9.

O BLR não propôs um padrão tonal para o tema. Analisando os dados atestamos os seguintes resultados:

Em mbugwe (F34) os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal \*AA

‘símbá’ cl. 9 lion (Mous 2004: 52) < \*cimbá 613 (1)

Em ciyao (P21) os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*AA

‘N-gala HL cl. 9 ‘freshwater crab’ (Ngunga 2001) < \*kádá 1664 (1)

Referente aos tons do icibemba (M42), Philippson (1991), exemplifica que na língua (em contexto de isolamento) existe uma neutralização entre os padrões tonais \*AB e \*AA (os dois padrões dão reflexos iguais), por exemplo:

‘úmupíní ‘manche’ (Philippson 1991: 423) < \*-pínì 2519 (1)

‘kúlú’ vieux (Philippson 1991: 423) < \*-kúlú 2003 (1)

O autor retifica ainda que os reflexos tonais AB tem fortes possibilidades de remontar a um padrão \*AA. (cf. Philippson 1991: 92-94 e 423).

Assim, de acordo com os resultados tonais atestados em mbugwe (F34) e em ciyao (P21) sugerimos ao tema um padrão tonal inteiramente \*AA.

#### 1.4.3.2. O tema \*-kucu 5293 (5) (cl. 12/13)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em duas línguas da zona R.

R111	bailundu	hakuhū/ pl. tu-	<u>12/13</u>	antílope bubale	Homburger 1914:35
R23	khambi	kakušo/ ukušo [kakuʃo]	<u>12/13</u>	antílope bubale	Homburger 1914:25

Atualizamos a distribuição do tema na zona L:

L52	lunda-ndembu	kakuhu	<u>12/13</u>	<i>Damaliscus lunatus</i>	Biodiversité au katanga
-----	--------------	--------	--------------	---------------------------	----------------------------

Confirmamos o sentido antílope bubale: *Alcephalus buselaphus* sugerido nas línguas da zona R, porém em lunda-ndembu (L52) o substantivo apresenta mudança semântica e denomina ‘*Damaliscus lunatus*’.



O BLR (2003) propôs classe 12, sugerimos para o tema o plural de classe 13.

Devido à falta de notações tonais nas formas sugeridas por Homburger (1914), o tema segue sem um padrão tonal definido.

No BLR (2003) existe uma protoforma similar \*-kucu 5295 (5) atestado em línguas da zona R com o sentido de ‘rouge, vermelho’. Um vínculo semântico (derivação) entre os temas é possível e justifica-se pela cor da pelagem (vermelha) do antilope bubale.

#### 1.4.3.3. O tema °-pùnju (cl. 9/10)

Proposta de tema atestado em algumas línguas das zonas F G.

F24	kimbu	punju		hartebeest, Lichtenstein's ( <i>Alcelaphus lichtensteini</i> )	Swynnerton 1946:36
F24	kimbu	punzu		hartebeest, Lichtenstein's ( <i>Alcelaphus lichtensteini</i> )	Swynnerton 1946:36
F24	kimbu	pòúnjù		gazelle	Masele 2001:740
F31	nilamba	punzu	ḡ	hartebeest, Coke's ( <i>Alcelaphus buselaphus</i> )	Swynnerton 1946:37
G11	gogo	mpunzu	ḡ	hartebeest, Coke's ( <i>Alcelaphus buselaphus</i> )	Swynnerton 1946:35
G11	gogo	mpunzu	ḡ	hartebeest, Lichtenstein's ( <i>Alcelaphus lichtensteini</i> )	Swynnerton 1946:35
G51	kipogoro	mphunju	ḡ	<i>Grant's gazelle</i>	N & P 1975
G51	kipogoro	mphunju	ḡ	small gazelle	N & P 1975
G61	sango	punju		hartebeest, Lichtenstein's ( <i>Alcelaphus lichtensteini</i> )	Swynnerton 1946:35

Considerando a semântica atestada na maioria das línguas sugerimos para o tema o sentido ‘hartebeest: *Alcelaphus lichtensteini*.’

Propomos para o tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva bilabial surda. A C<sub>1</sub> é às vezes o resultado da combinação da (N-), prefixo de classe 9/10 com o fonema \*p. Em gogo (G11) a C<sub>1</sub> remonta a \*mp apenas do ponto de vista fonológico, uma vez que na língua \*mp > /m<sup>h</sup>/. Em kimbu (F24) a pré-nasalizada /mp/ é regular e remonta a < \*mp.

No entanto, atestamos alguns casos irregulares como, por exemplo, em kimbu (F24) Na maioria dos casos a C<sub>2</sub> remonta a uma consoante pré-nasalizada \*nj. Nas línguas da zona F, o fonema /nz/ remonta a \*nj, enquanto \*nd > nd.

De acordo com a maioria dos reflexos que apresentam /u/ tanto nas línguas de 5 quanto de 7 vogais, sugerimos para o tema em posição de V<sub>1</sub> uma vogal de primeiro grau, mesmo se não atestamos nestas línguas o processo regular de espirantização. Em posição de V<sub>2</sub> sugerimos também vogais de primeiro grau.

Sugerimos para o tema o emparelhamento habitual 9/10.

Constatamos que sugerir um padrão tonal ao tema é complicado, pois, a maioria dos dados são provenientes de fontes zoológicas, porém atestamos ao menos uma fonte linguística (cf. Masele 2001), cujos reflexos apresentam tons. Contudo, identificamos que a língua nem sempre preserva os padrões tonais do PB, vejamos:

‘ntwíìgà (N<sup>108</sup>), ntwììgà (S<sup>109</sup>)’ ‘giraffe’ (Masele 2001:740) < \*-tùìgà 3028 (3)

‘mùgòùmbà (N/S) ‘sterile man or woman’ (Masele 2001:761) < \*-gòmbà 1501 (1)

‘βóóŋkù (N), ùbòóŋkò (S)’ brain (Masele 2001:731) < \*-bòngó 274 (4)

---

<sup>108</sup> Língua kimbu Norte.

<sup>109</sup> Língua kimbu Sul.

Assim, devido aos problemas tonais, sobretudo da  $S_2$ , sugerimos ao tema apenas um tom \*B em posição de  $S_1$ , enquanto o tom da  $S_2$  continua problemático.

Curiosamente atestamos em matengo (N13) e em ciyao (P21) dois substantivos irregulares, precisamente no que se refere a origem da  $C_2$ .

N13	matengo	mbónzu <sup>110</sup> pl. (=)	9/10	eland	Yoneda 2006:30
P21	ciyao	mbunju/mb	9/10	elande (variedade de antílope)	Viana 1961:65/144

Em matengo (N13) e em ciyao (P21) a  $C_1$  /mb/ é regular e remonta a \*mp.

Quanto a  $C_2$ , a origem de /nz/ em matengo (N13) poderia remontar a outras línguas do grupo onde é regular \*j/\*nj > nz como, por exemplo, em nsenga (N41).

Em ciyao (P21) a  $C_2$  é irregular, uma vez que na língua \*nc, \*nj > s, porém o fonema /nj/ em posição de  $C_2$  poderia ser influência de outras línguas do grupo, por exemplo, do mabiha (P25) onde é regular \*nj > nj.

Quanto aos tons, em matengo (N13) os reflexos tonais AB remonta tanto a um padrão \*AB, \*AA quanto \*BB: (cf. Tons do tema °-cuduku).

#### 1.4.3.4. O tema °-kotombu (cl. 12/13, 1a/2)

Proposta de tema de classe 12 baseado em reflexos atestados nas línguas das zonas K L M. Segundo o sentido revelado nas línguas o tema denomina 'hartebeest: *Alcelaphus lichtensteini*.

<sup>110</sup> Segundo transcrição do autor: /o/ leia-se [o].

K14	luvale	kakatombwi	<u>12</u>	<i>Alcelaphus lichtensteini</i>	Ansell 1978:62
K21	silози	kakotombwe pl. (tu-)	<u>12/13</u>	hartebeest	O'sullivan 1993:10
K21	silози	kakatombwi	<u>12</u>	<i>Alcelaphus lichtensteini</i>	Ansell 1978:62
K21	silози	kotombwe		<i>Alcelaphus lichtensteini</i>	Ansell 1978:62
K41	subiya	kakotombwe	<u>12</u>	gnou bleu	Jacottet 1899:60/62
L62	nkoya	kakotombwe (I, VII) tukotombwe (XIV)	<u>12</u>	kinds of antelope	Yukawa 1987:23
L62	nkoya	kakatombwi	<u>12</u>	<i>Alcelaphus lichtensteini</i>	Ansell 1978:62
M64	tonga	kotombwe		hartebeest	Torrend 1967:262
M64	tonga	katombwi	<u>1a/2</u>	<i>Alcelaphus lichtensteini</i>	Ansell 1978:62

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas são regulares e provém de uma consoante oclusiva velar surda. Em posição de C<sub>2</sub> atestamos reflexos diretos de \*t, enquanto \*d > l. Em posição de C<sub>3</sub> os reflexos remontam a \*mb.

Identificamos que a V<sub>1</sub> do radical é divergente segundo as fontes. Atestamos duas formas 'kakatombwe' e 'kakotombwe'. Na fonte proveniente de zoologia, segundo Ansell (1978) a forma recorrente é 'kakatombwi'. Nas fontes linguísticas o substantivo atestado é 'kakotombwe'. Em silози (K21) e em tonga (M64) atestamos às duas formas que se divergem segundo as fontes, contudo sem mudanças semânticas. Apesar da confusão ortográfica, optamos em reconstruir a proposta baseada nos substantivos atestados nas fontes linguísticas. Sendo assim, sugerimos em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> uma vogal de terceiro grau de abertura.

O processo de labialização da C<sub>3</sub> nas línguas do grupo botatwe (M60), assim como em luvale (K14) é regular e justifica a proposta de um tema onde /we, wi/ < \*u.

Em ila (M63) cf. ‘ibwe’ stone (Smith 1907: 343) < \*-bùè 285 (1)

Em luvale (K14) ‘cimbwi’ hyena (Horton 1978:78) < \*-bùí 4738 (4)

A pesquisa coloca em evidência substantivos que remontam a um tema °-kòtò, atestado nas línguas das zonas C G, com o sentido de ‘*Cephalophus dorsalis*’ (cf. agrupamentos em anexos) e o também um tema °-bue, atestado em línguas das zonas C D com o sentido de ‘espécie de gazela pequena’. Apesar da semelhança formal entre esses temas simples e a forma composta °-kotombui, a ideia de formação de um composto por um processo de derivação nominal é problemática, visto que até o presente não atestamos nenhuma relação semântica entre eles. Além disso, não identificamos outros casos semelhantes.

Devido à falta de fiabilidade tonal atestada nos dados, o tema segue sem um padrão tonal definido.

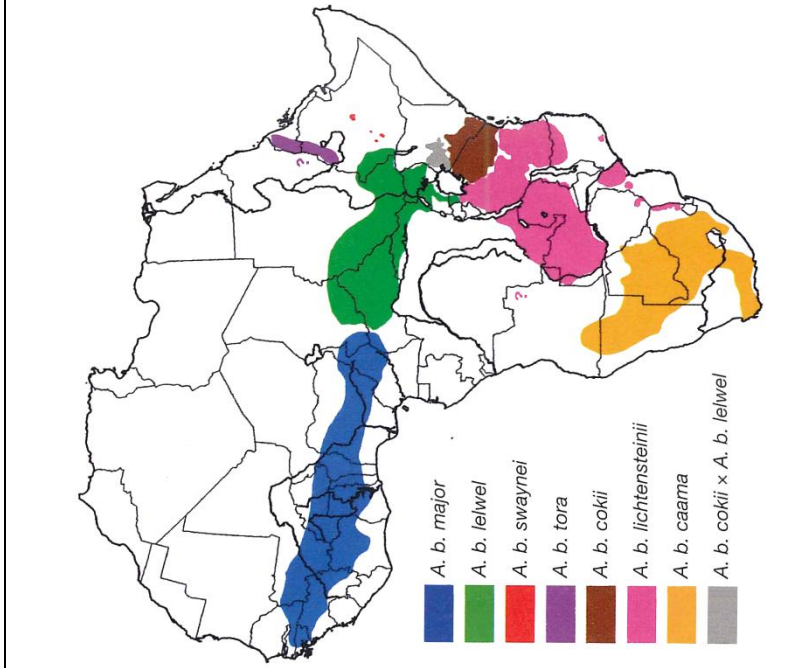
Além dos temas discutidos acima para denominar a espécie de ‘hartebeest’ identificamos em línguas da zona L M um tema composto. Ver abaixo:

L35	kisanga	nkonkotera	9/10	antilope bubale	Missions bénédictines Abbaye de Saint- André-lez- Bruges 1950:75
M15	mambwe	-konkotela		nickname of the hartebeest	Halemba 1995
M42	icibemba	in-konkotela		bull hartebeest	Mann 1995

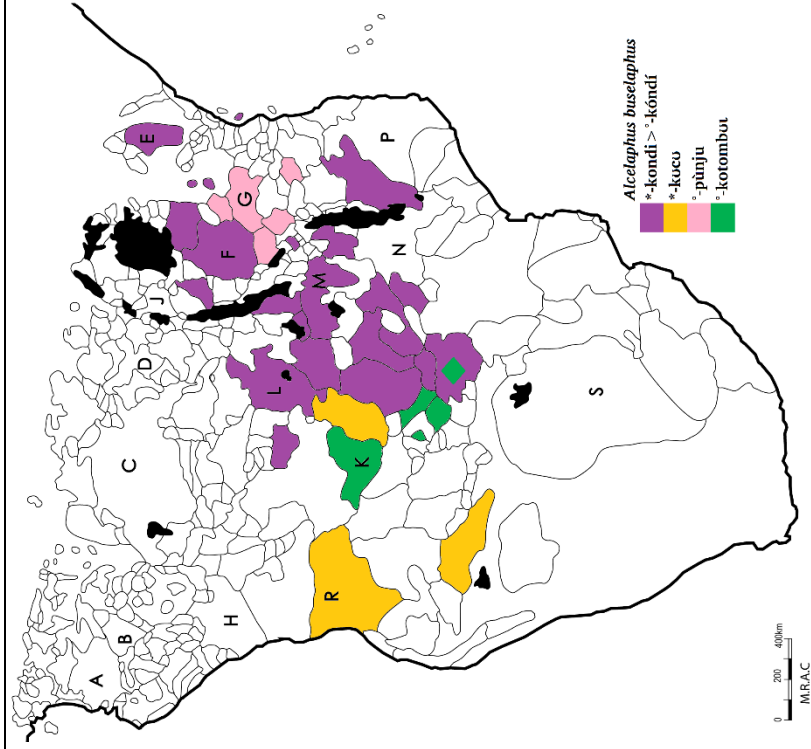
Até o presente não identificamos os temas simples separadamente e nem suas possíveis motivações. Mas ao menos em algumas línguas como, por exemplo,

348

em icibemba (M42), o substantivo composto especifica o gênero 'macho' da espécie de hartebeest'. (cf. Outros casos de formas compostas em anexo).



Mapa 44: Hábitat *Alcelaphus buselaphus ssp. lichtenstein*



Mapa 45: Temas *Alcelaphus buselaphus ssp. lichtenstein*

## 1.5. Subfamília Reduncinae

É uma subfamília de bovídeos de tamanho médio, que contém espécies de antílopes adaptados à vida em regiões pantanosas e outras áreas onde a água é abundante como, por exemplo, reedbucks, waterbucks, leches e pukus.

### 1.5.1. *Redunca arundinum*

**Descrição:** Têm pelos finos, quase lanoso, com manchas em preto e branco bem visíveis na frente das pernas dianteiras. Os chifres atingem o tamanho acima de 45 cm de comprimento e são presentes apenas nos machos. É a maior subespécie do gênero *Redunca*.



Figura 21: *Redunca arundinum*

**Hábitat:** são amplamente encontrados em vales de gramados e clareira das florestas de Miombo, assim como em mosaicos de arbustos e gramíneas.



Convergem para lugares onde tem água na estação seca. E espalham-se muito quando a grama esta alta.

**Países nativos:** Angola, Botsuana, República Democrática do Congo, Gabão, Maláui, Moçambique, Namíbia, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbábue.

Nas línguas bantu identificamos (5) cinco reconstruções virtuais para denominar o antílope em questão: \*-bàdì, \*-jàdìà, °-pojo, °-càngu e °-tóópè. Dentre elas (2) duas foram sugeridas pelo BLR (2003).

#### 1.5.1.1. O tema \*-bàdì 8983 (5) (cl. 9/10, 3/4, 12/13)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em línguas das zonas L M.

L11	giphende	gabaji cl. (ga-tu-) LLL	12/13	antilope-cheval	Gusimana 1972:22
L31a	tshiluba	mbáji	<u>9</u>	antilope	De Clercq 1937:14/140
L35	kisanga	baji pl. (kaba, tuba) HH	<u>12/13</u>	cob des roseaux ( <i>Redunca arundinum</i> )	Coupez 1976:9 VI.I
M42	icibemba	imbashi sh[j]	<u>9</u>	reedbuck	Mann 1995 CBOLD

A pesquisa atualizou a distribuição do tema em outras línguas das zonas L M, assim como estendeu a distribuição do tema em língua das zonas B C D K.

B82	buma	mbar	<u>9</u>	antilope de taille moyenne, à cornes en forme de lyre (tordues en spirale)	Bursens 1999:7
-----	------	------	----------	---	----------------

B82	buma	mber	<u>9</u>	antilope de taille moyenne, à cornes en forme de lyre (tordues en spirale)	Bursens 1999:7
B82	buma	mvêr	<u>9</u>	antilope de grande taille	Bursens 1999:7
B85	yans	mbèat	9/10	antilope rousse (nkay)	Swartenbroeckx 1948:6/80
B85	yans	mbear	<u>9</u>	antilope chevaline	Nguma 1986:19
C73	nkucu	mbaji	<u>9</u>	sp. antilope	Bongo 1968:9
C83	bushoong	mbady	<u>9</u>	antilope	Vansina 1959:68
D25	kilega	mubale	3/4	antilope	Malasi 2000:179
K11	chokwe	kapaji	<u>12</u>	antelope (reed buck)	Mac Jannet Malcolm Brooks 1949:3/38
K14	luvale	kapaji	<u>12</u>	<i>Redunca arundinum</i>	Ansell 1978:57
L33	kiluba	mbazi (ban-)	9/2 + 9	antilope (rietbok)	Gillis 1981:24
L33	kiluba	mbazi (bam-) [mbáʒí]	9/2 + 9	rietbok antilope ( <i>Cervicapra arundinum</i> )	Gillis 1981:453
L34	hemba	mbázi	<u>9</u>	antilope	Vandermeiren 1913:318
L41	kaonde	mbazhi (ba-mbazhi)	<u>9/2 + 9</u>	reedbuck	Broughall 1924:219/93
L52	lunda-ndembu	kabazhi pl. (atubazhi)	12/2	reedbuck	Kaumba Kawasha Boniface 2003:84

L52	Lunda-ndembu	kabaji	12	reedbuck	Fisher 1963:35
L53	ruund	kábáj [kábájɔ]	12	gazelle	Kapend Makal 1995/1996:51
L53	ruund	kábáj pl. (átú-)	12/13	reedbuck ( <i>Redunca arundinum diana</i> )	Hoover 1975:K-1
M402	aushi	imbasi	ḡ	reed buck	Doke 1933:289
M41	kitabwa	mbazi	ḡ	antilope roux-pâle	Van Acker 1907:84
M42	icibemba	imbashi	ḡ	gazelle	Kasonde 2002:42
1A6	gbaya	mbálé		guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Moñino 1995:617

Segundo o sentido revelado no BLR (2003) o tema denomina a espécie de ‘antílope: Cob des roseaux: *Redunca arundinum*’. A pesquisa permitiu confirmar o sentido sugerido pelo BLR. Atestamos também esse tema fora do bantu, em gbaya, porém com mudanças semânticas, o tema denomina ‘guib harnaché: *Tragelaphus scriptus*’.

A C<sub>1</sub> provém na maioria dos casos de uma consoante oclusiva bilabial sonora, às vezes, com a combinação da (N-), prefixo de classe 9 como, por exemplo, nas línguas do grupo M40. A C<sub>1</sub> em chokwe (K11), uma consoante oclusiva bilabial surda, remonta a \*b apenas do ponto de vista fonológico, visto que na língua (\*p > h), enquanto \*b > ∅.

O BLR reconstruiu à C<sub>2</sub> do tema com uma consoante oclusiva alveolar sonora, no entanto coloca em dúvida a fiabilidade da proposta. Confirmamos os problemas de regularidade da C<sub>2</sub>, visto que nem sempre os reflexos remontam ao mesmo fonema do PB.

Nas línguas do grupo B80  $*d > r, t$ . Em yans (B85) atestamos duas formas, uma com /t/ outra com /r/ que se justificam pela influência dos badzing (B86), onde /t/ e /r/ são sons intercambiáveis, equivalentes, por exemplo, (bwar e bwat). (Mertens 1939).

Em nkucu (C73) a origem da  $C_2$  é problemática e não remonta a  $*d$ , na língua  $*d > l$  e  $*j > \emptyset$ . Em bushoong (C83)  $*d > l$  ( $i$ )  $> (d)$ . Em lega (D25) atestamos o processo de lateralização da consoante oclusiva alveolar sonora. Em chokwe (K11) em giphende (L11), a  $C_2$  não remonta a  $*d$ , nestas línguas  $*d > l$ .

Os reflexos em posição de  $C_2$  atestado nas línguas do grupo M40 são irregulares e não remontam a  $*d$ , exceto, em icibemba (M42), onde o processo de espirantização é atestado ( $*d > l$  ( $i$ )  $> \text{ɟ}$ ). Em aushi (M402) a  $C_2$  remonta tanto a consoante oclusiva palatal, quanto a  $*j$  ( $*c, *j > s$  ( $i$ )  $> \text{ɟ}$ ). Em kitabwa (M41) o fonema /z/ remonta a  $*j$ . Nas línguas da zona L, atestamos o processo de espirantização da consoante oclusiva alveolar sonora diante de /i/ de primeiro grau ( $*d > l$  ( $i$ )  $> z, ʒ$ ).

Devido aos problemas de regularidade em posição de  $C_2$ , que remonta às vezes à  $*d$  outras a  $*j$ , o tema segue com uma proposta de  $C_2$  problemática.

Em todos os casos a  $V_1$  é regular e provém de uma vogal central não arredondada. Em yans (B85) em posição de  $V_1$   $*a > a$ , mas diante de  $*ti > aer$ .

A  $V_2$  do tema foi reconstruído com uma vogal de primeiro grau de abertura que se justifica pelo processo de espirantização da  $C_2$ , sobretudo, nas línguas da zona L.

O BLR sugeriu para o tema, classe 9. Sugerimos ao tema o emparelhamento de classe 9/10, exceto em kilega (D25) onde atestamos classe 3/4 e classe 12/13 em chockwe (K11), em giphende (L11), em kisanga (L35), em ruund (L53) e classe 12/2 + 13 (a-tu) em lunda-ndembu (L52).

O BLR propôs para o tema um padrão tonal inteiramente \*BB, baseado provavelmente na maioria dos reflexos tonais atestados nas línguas da zona L. Baseado nos outros reflexos tonais atestamos os seguintes resultados:

Nas línguas da zona L, os padrões tonais, às vezes são divergentes. Vejamos:

Em pendé (L11) os reflexos tonais remontam a \*BB (cf. Tons do tema \*-bambu 8336 (5).

Em tshiluba (L31) os reflexos tonais AB remonta a um padrão tonal \*BA

‘ngúvù hippopotamus (Yukawa 1992:26) < \*gùbú 1532 (1)

Em kiluba (L33) os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal \*BB ou \*BA:

‘dídímbá’ xylophone (Gillis 1981:544) < \*dìmbà 980 (1)

‘ngúvú’ hippopotame (Gillis 1981:265) < \*gùbú 1532 (1)

Em hembra (L34) os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*BA:

‘nsíngo’ cou (Vandermeiren 1913:472) < \*kíngó 1845 (1)

‘mvúbu’ hippopotamus (Vandermeiren 1913:472) < \*gùbú 1532 (1)

Em kisanga (L35) os reflexos tonais remontam a um padrão tonal \*BB (cf. Tons tema °-bíndí).

Baseado nos resultados tonais atestados, concordamos com o padrão tonal \*BB proposto pelo BLR, mesmo se em posição de S<sub>2</sub> os reflexos tonais atestados em kiluba (L33) remontam tanto a um padrão \*B quanto a \*A, e em tshiluba (L31) e em hembra (L34) são irregulares e remontam a um padrão tonal \*A.

No BLR (2003), existe uma protoforma \*-bádì 47 (3) cl. (5/6) atestado em algumas línguas das zonas (C H J L M N P R S), com o sentido ‘tacheture, cicatrice, lèpre’. Apesar das divergências tonais acreditamos em um vínculo semântico direto ou indireto entre os temas.

### 1.5.1.2. O tema \*-jàdià 9664 (5) (cl. 9)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados apenas em algumas línguas da zona J.

JE13	runyankore	enzaza LLL	ɟ	reedbuck	Taylor 1959
JE15	luganda	`njaza, è	ɟ	reedbuck	Snoxall 1967:241

Atualizamos a distribuição do tema em outras línguas das zonas J.

JE11	runyoro	e-njáza	ɟ	gazelle (reed-buck)	Davis 1952:126/240
JE11	runyoro	enjázâ	ɟ	waterbuck	Kaji 2015:36
JE14	rukiga	enzaza LLL	ɟ	reedbuck	Taylor 1959
JE21	runyambo	enzaza	ɟ	small gazelle	N & P 1975

Concordamos com o BLR que sugeriu ao tema o sentido ‘reedbuck: *Redunca arundinum*’. No entanto, em runyoro (JE11), de acordo com fontes diferentes, atestamos dois sentidos, o tema denomina ‘reedbuck’ e ‘waterbuck’ (erro de identificação?).

Em todos os casos a C<sub>1</sub> remonta a uma consoante palatal \*j. Em runyankore (JE13) a consoante fricativa alveolar sonora remonta a \*j, provavelmente por influência da língua runyambo (JE21) onde é regular (\*c/\*j > s/z).

O BLR coloca em dúvida a regularidade da C<sub>2</sub>, uma consoante oclusiva alveolar sonora. No entanto, baseado nos dados atestados em runyoro (JE11), em runyankore (JE13) e em luganda (JE15) confirmamos que a C<sub>2</sub> provém de \*d, visto que nestas línguas (\*d > r (j) > z.

Em todos os casos as vogais são regulares. O BLR propôs para o tema, classe 9.

Quanto aos tons, o BLR propôs para o tema um padrão tonal inteiramente \*BB, baseado provavelmente nos reflexos tonais atestados em runyankore (cf. Tons do tema \*-kíá 1823 (4)).

Mesmo se os reflexos tonais em runyankore (JE13) não provêm de um padrão tonal exclusivo concordamos com padrão \*BB sugerido pelo BLR.

### 1.5.1.3. O tema °-pojo (cl. 9)

Proposta de tema de classe 9, atestada em algumas línguas da zona M N.

M42	icibemba	mpoyo	ḡ	reedbuck	Biodiversité au katanga
M52	lala	mpoyo	ḡ	cobe des roseaux	Verbeek 2004:357/632
M54	lamba	impoyo	ḡ	reedbuck	Doke 1933:96
M64	tonga	mphoyo	ḡ	<i>Redunca arundinum</i>	Ansell 1978:57
N21	tumbuka	mphoyo	ḡ	<i>Redunca arundinum</i>	Ansell 1978:57
N31a	nyanja	mphoyo	ḡ	gazela grande (ya-za)	Missionarios 1964:138

Baseado na semântica atestada nas línguas, sugerimos para o substantivo o sentido ‘reedbuck, cobe des roseaux: *Redunca arundinum*’.

A C<sub>1</sub> é regular e provém da consoante oclusiva bilabial surda, às vezes, com a combinação do prefixo de classe 9/10 como, por exemplo, em nyanja

(N31a), onde (\*mp > mph; \*p > p). Em tonga (M64) o fonema /ph/ remonta a \*p/N+p apenas do ponto de vista fonológico, visto que nas línguas do grupo botatwe (M60) \*p > p, enquanto \*mp > (m)p.

A C<sub>2</sub> é regular remonta a \*j<sup>111</sup>.

Propomos para o tema vogal (V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub>) de terceiro grau de abertura.

Devido à ausência de padrões tonais nos reflexos o tema segue sem um padrão tonal definido.

#### 1.5.1.4. O tema °-càngu (cl. 9/10)

Proposta de tema de classe nominal 9/10, atestado em algumas línguas da zona S. O tema denomina ‘reedbuck: *Redunca arundinum*’.

S42	isizulu	inhlangu	9	reedbuck	Doke & Vilakazi 1949:320
S43	swati	ín-hlanġu tín-	9	reedbuck	Rycroft 1981:38
S53	tsonga	nhlàngú	9	reedbuck ( <i>Redunca arundinum</i> )	Cuénod 1976:130

<sup>111</sup> De acordo com o sistema fonético adotado pelo BLR (2003) /y/ < \*j. Bostoen e Bastin (2016:14-15) exemplificam: ‘Meeussen (1967:83) conflated Guthrie’s distinction between \*y and \*j into \*j, a choice to which is also adhered in BLR3 (Bastin *et alii*. 2002). This is problematic. Certain stems, such as \*-jàdà ‘hunger’ and \*- jòndò ‘hammer, anvil’, always or often have a stem-initial consonant in present-day languages and should indeed be reconstructed with \*j. Other stems, such as \*-(j) áná ‘child’ and \*-(j)ákà ‘year, season’, are always vowel-initial and should be reconstructed with \*y if one wishes to respect the common Bantu CVCV noun stem template or otherwise without stem-initial consonant’.



S53	xichangana	nhlangu (yi-ti)	9/10	sp. de antílope	Sitoe 1996:151
S53	tsonga	nhlàngú- yá-ntshávà	<u>9</u>	reebok mountain reedbuck ( <i>Redunca fulvorufula</i> )	Cuenod 1976:130
S54	xironga	nhlangu pl. (yi-ti)	<u>9</u>	antílope ( <i>Cervicapra arundinacea</i> ) <sup>112</sup>	Nogueira 1960:340

Os reflexos são regulares e a C<sub>1</sub> provém da consoante palatal \*c, visto que em todos os casos \*c > hl, \*nc > (n)hl.

Em posição de C<sub>2</sub> propomos para o tema uma consoante pré-nasalizada \*ng.

Quanto à regularidade das vogais, em posição de V<sub>1</sub> propomos uma vogal central não arredondada.

Em posição de V<sub>2</sub> sugerimos uma vogal de segundo grau de abertura que se justifica pela ausência do processo de espirantização nas línguas de 5 vogais.

Os reflexos tonais do tema são divergentes. Em siswati (S43) os reflexos tonais BB não remontam a um padrão tonal exclusivo:

‘í-nyama/tí’ meat, flesh’ (Rycroft 1981:76) < \*-nyàmà 3180 (1)

‘ín-khala’ crab (Rycroft 1981:46) < \*-kádá 1664 (1)

Em tsonga (S53) os reflexos tonais BA < \*BA. (cf. Tons do tema °-pèné).

Apesar dos reflexos nem sempre remontarem a um padrão tonal exclusivo, sugerimos para o tema ao menos em posição de S<sub>1</sub> um tom \*B, ao passo que, em posição de S<sub>2</sub> os reflexos remontam tanto à \*B quanto à \*A.

<sup>112</sup> Segundo credices populares da comunidade, não se deve comer nunca carne de zebra ou de antílope (nhlangu) quando se encontra na casa dos seus sogros. (cf. Nogueira 1960:340).

## 1.5.1.5. O tema °-tóópè (cl. 9/10)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em algumas línguas da zona G P.

G11	gogo	ndohe	<u>9</u>	reedbuck ( <i>Redunca redunca</i> )	Swynnerton 1946:35
G31	zigula	ntohe		antelope	Kisbey 1906:61
G61	sango	ndohe	<u>9</u>	reedbuck ( <i>Redunca redunca</i> )	Swynnerton 1946:35
P21	ciyao	N-doope HHH	9	reedbuck	Ngunga 2001
P31	emakhuwa	etchové (i)	<u>9/10</u>	gazela (macho grande)	De Matos 1974:205

Identificamos um substantivo em kiswahili (G42), contudo Sacleux (1939/1941:901) exemplifica que em kiswahili o substantivo [tohe] com o sentido de ‘redunca’ é um empréstimo proveniente do zigula (G31), uma vez que na língua é regular \*p > h, enquanto a palavra [t<sup>h</sup>ope] com o sentido de ‘*Alcephalus senegalensis*’ é uma palavra autêntica do kiswahili e nas outras línguas/dialetos da região a forma [k<sup>h</sup>ongoni] é mais utilizada.

G42	kiswahili	tope	<i>Alcephalus senegalensis</i>	Sacleux 1939/1941:901
-----	-----------	------	--------------------------------	-----------------------

G42	kiswahili	tohe	éleotrague des roseaux ou antilope des marais	Sacleux 1949:36
-----	-----------	------	--	-----------------

G42d	kiunguja	(tope)	redunca ( <i>R. redunca</i> )	Bancel 1986:49
------	----------	--------	-------------------------------	----------------

G42d	kiunguja	tohe	reedbuck ( <i>Redunca redunca</i> )	Swynnerton 1946:34
------	----------	------	--	--------------------

Sendo assim, baseado na maioria das línguas da zona G e na sugestão categórica do yao (P21), propomos para o tema o sentido ‘reedbuck, o macho’.

O substantivo de classe 9/10 atestado em mbugu (G221), de acordo com o autor vem do swahili (G42) ‘tohe’. (cf. Mous, 2003: 284/312).

---

G221	mbugu	nhtohe	9/10	reedbuck	Mous 2003:284/312
------	-------	--------	------	----------	-------------------

---

Por isso, tanto os substantivos atestados em kiswahili (G42) quanto o substantivo do mbugu (G221) não são representativos na zona G para a protoforma discutida nesta seção.

Curiosamente, na parte leste do bantu o substantivo ‘topi’ é o nome vernacular para denominar a espécie de antílope *Damaliscus lunatus jimela*. (cf. Mapa 40: Hábitat *Damaliscus lunatus*).

Do ponto de vista estrutural propomos para o tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva alveolar surda, em algumas línguas com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10.

A seminasal sonora em posição inicial nas entradas do gogo (G11) e em sango (G61), explica-se pela aplicação da ‘Regra de Dahl’ na língua. Processo este conhecido por sonorizar a primeira de duas sequências de oclusivas desvozeadas.

O complexo consonântico /nht/ atestada em mbugu (G221) remonta a t, por exemplo:

‘nhátu (num)’ three (Mous 2003:284) < \*tátu 1689 (4).

Em ciyao (P21) a consoante pré-nasalizada /nd/ é regular e resulta tanto da combinação (N + t > nd), quanto (N + d > nd).

Em posição de C<sub>2</sub> sugerimos para o tema uma consoante oclusiva bilabial surda. No entanto, identificamos que os fonemas são problemáticos e nem sempre remontam a \*p. Em sango (G61) a consoante fricativa glotal /h/ é irregular, visto que na língua \*p > p.

Quanto as vogais, sugerimos para o tema  $V_1$  e  $V_2$  de terceiro grau de abertura.

Propomos para o tema um emparelhamento de classe nominal 9/10.

Em ciyao (P21) o alongamento vocálico é pertinente. (cf. Guthrie 1969-1970 p. 68 Vl. 1).

Sugerimos ao tema o emparelhamento de classe 9/10.

Baseado nos reflexos tonais AA atestado em ciyao (P21) sugerimos ao tema um padrão tonal \*A(A)B:

‘ma-kala’ HH ‘charcoal’ (Ngunga 2001) < \*kádà 1662 (1)

Bancel (1986:49) estabelece uma relação formal do tema com a protoforma \*-jóbé 1601 (4) no entanto, a relação entre os temas é problemática, visto que a mudança da  $C_1$  entre os temas é irregular, assim como aos padrões tonais. No entanto, acreditamos em um vínculo segmental e semântico entre o tema discutido nesta seção com a protoforma \*-tòpè 3002 (4) atestado em algumas línguas da zona A B G J N P S com o sentido ‘boue, marais’. A relação semântica justifica-se pelo fato que o ‘sitatunga’ e o ‘reedbuck’ são espécies de animais que vivem em pântanos. Ambas as formas poderiam ter uma relação direta e/ou indireta com o verbo \*-tòp 7305 (5) atestado nas línguas da zona J L com o sentido de ‘tremper, être trempé’.

Nas línguas do grupo C70, atestamos substantivos semelhantes ao tema discutido neste subitem. O sentido sugerido segundo a fonte é ‘antilope des marais: sitatunga’. Os reflexos remontam a uma reconstrução virtual (<°-tòpí). Em boyela ikela (C71) a  $C_2$  do tema é irregular, visto que nas línguas \*p>h. Os reflexos refletem um padrão tonal (< \*BA).

C74	boyela ikela	itofé	sitatunga ou antilope des marais, spécimes non adultes	Herroelen 1959
C75	yasayama ikela	itohé	sitatunga ou antilope des marais, spécimes non adultes	Herroelen 1959

Apesar de os temas terem uma semelhança, acreditamos que os reflexos da zona C não tem nenhuma relação com a série oriental °-tóópé. Além disso, as formas apresentam também divergências semânticas e tonais.

#### 1.5.1.6. O tema °-guí (cl. 9/10, 1a/2)

Proposta de tema atestado apenas em línguas das zonas M.

M15	mambwe	mfwi <sup>113</sup>	<u>9</u>	a lechwe antelope	Halemba 1995
M42	icibemba	mfwi (m)	9/10	reedbuck	Hoch 2006:184
M42	icibemba	imfwi	<u>9</u>	<i>Redunca arundinum</i>	Frank Willems 2011
M42	icibemba	imfwí	<u>9</u>	reedbuck	Guthrie & Mann 1995:25
M61	lenje	nalufwi banalufwi	1a/2	kudu	Kagaya 1987:72
M63	ila	naluvwi	<u>1a/2</u>	<i>Redunca arundinum</i>	Ansell 1978:57
M64	tonga	naluvwi	<u>1a/2</u>	<i>Redunca arundinum</i>	Ansell 1978:57

Em mambwe (M15) o tema de classe 9 denomina a espécie de ‘antilope lechwe’.

Em icibemba (M42) e nas línguas do grupo botatwe (M60), precisamente em ila (M63) e em tonga (M64) os substantivos de classe 1a/2, denominam ‘*Redunca arundinum*’, enquanto em lenje (M61) o tema denomina ‘antilope kudu’.

Apesar das divergências semânticas sugerimos para o tema o sentido ‘reedbuck: *Redunca arundinum*’.

A C<sub>1</sub> remonta a uma consoante oclusiva velar sonora, pois nas línguas da zona M é regular o fonema /v/ < \*g, diante de vogal de primeiro grau.

<sup>113</sup> Segundo o autor a forma provém do icibemba (M42).

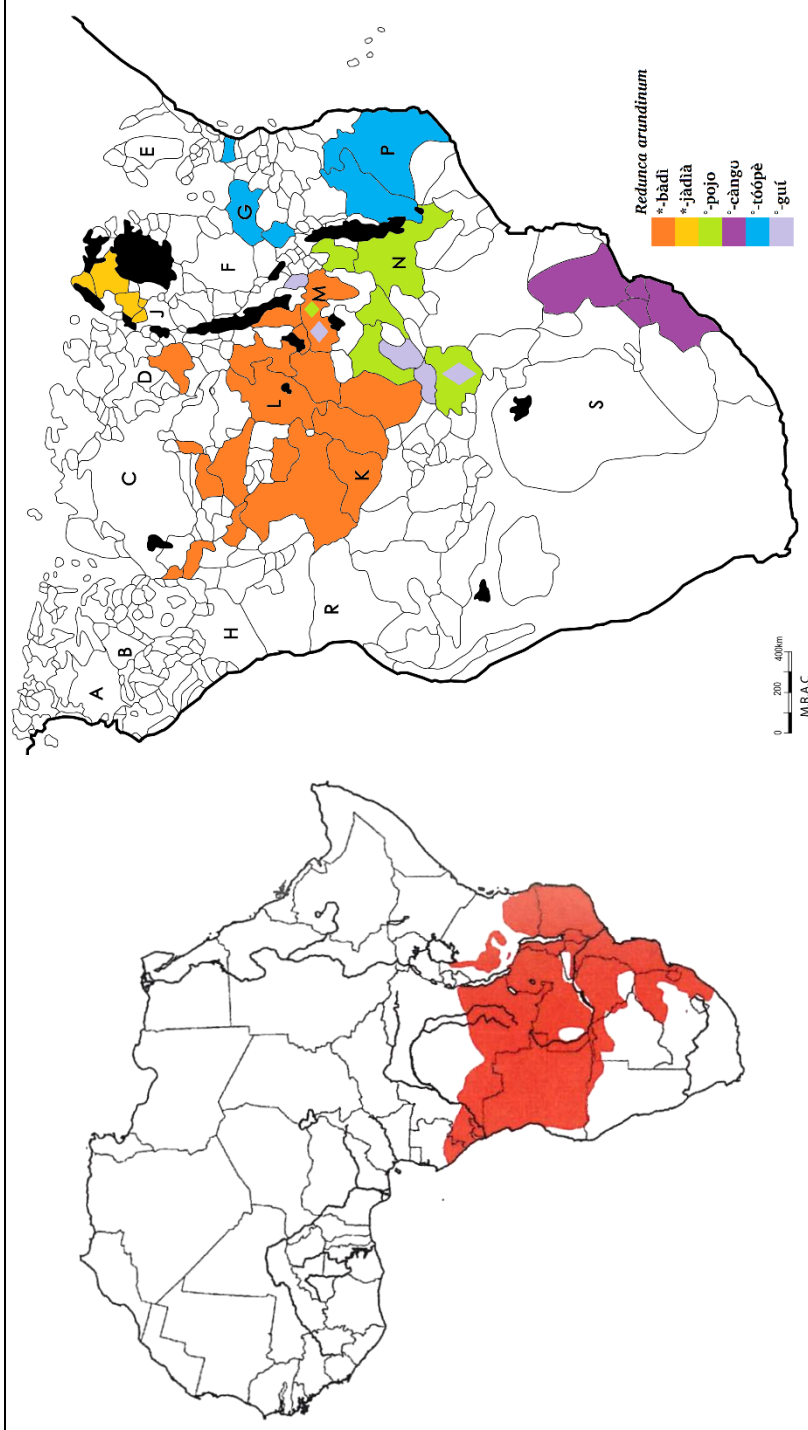
364

Em icibemba (M42) o processo de desvocalização da  $C_1$  é regular, por exemplo:

‘imfubu’ hippopotamus (Kasonde 2002:42) < \*-gùbú 1532 (1).

Propomos os emparelhamentos de classe nominais 9/10 em icibemba (M42) e classe 1a/2 nas línguas do grupo botatwe (M60).

Baseado no reflexo tonal \*A atestado em icibemba (M42) sugerimos para o tema em posição de  $V_{12}$  um padrão tonal \*A (cf. padrão \*AA nos reflexos do tema \*-tándadá 8576).



Mapa 46: Hábitat *Redunca arundinum*

Mapa 47: Temas *Redunca arundinum*

**1.5.2. *Redunca fulvorufula***

**Descrição:** é a menor espécie dos reedbucks. As partes superiores são predominantemente cinza, mas a cabeça e os ombros são marrom-avermelhado. O lado ventral e a parte inferior da cauda é de cor branca. Os machos são um pouco maiores e mais pesados. Os chifres são curtos, finos nas pontas, curvados para frente e proeminentes nos machos. As orelhas são longas, estreitas e têm as pontas arredondadas. O focinho tem narinas distintamente elevadas e inchadas. Os olhos são proeminentes.

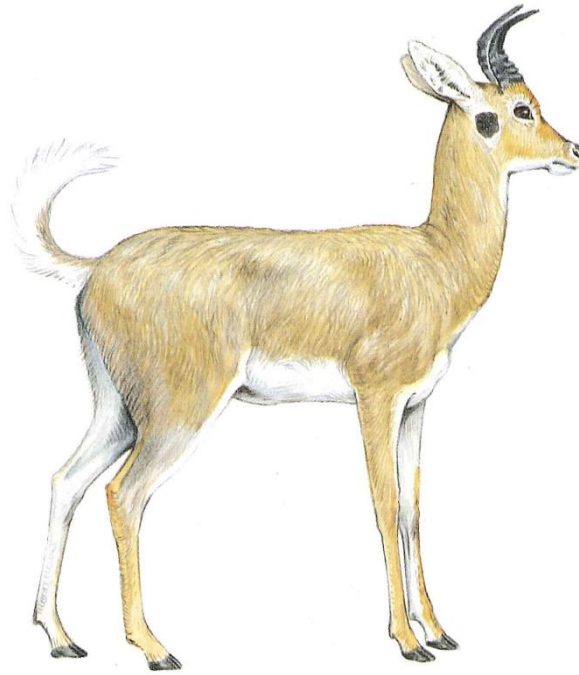


Figura 22: *Redunca fulvorufula*

**Hábitat:** antílope que preferem viver em cordilheiras, em encostas, em campos rochosos e em pradarias de alta altitude, sempre com uma cobertura de árvores e arbustos. A disponibilidade de água é um requisito essencial para o seu hábitat.



**Países nativos:** Botsuana, Camarões, Suazilândia, Etiópia, Quênia, Lesoto, Moçambique, Nigéria, África do Sul, Sudão do Sul, Tanzânia e Uganda.

Na área bantu atestamos 1 (um) tema para denominar a espécie em questão: a proposta °-pedè.

### 1.5.2.1. O tema °-pedè (cl.9)/°-pedèdè

A pesquisa coloca em evidência um tema simples de estrutura silábica (CVCV), baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas B C M R S.

B86	dzing	pɛl (ba-)	1/2	antilope	Mertens 1939:79/131
C71	tetela	mpele	<u>9</u>	antilope (esp.)	Hagendorens 1956:16
L33	kiluba	kipele	<u>7</u>	<i>Oreotragus oreotragus</i>	Biodiversité au Katanga
S31	setswana <sup>114</sup>	phele HL	9	reedbuck mountain grey rhebok	Cole 1995:65
S31	setswana	mo.hele		reedbuck mountain	Cole 1995:65
S31	setswana <sup>115</sup>	m.hele L.HL	<u>9</u>	reedbuck mountain	Cole 1995:65
S31	setswana	mmhele	<u>9</u>	ree-buck	Brown 1980:516
S31	setswana	lehele		ree-buck	Brown 1980:152
S31	setswana	phele HL	9	reedbuck mountain grey rhebok	Cole 1995:65

<sup>114</sup> Dialeto kwena

<sup>115</sup> Dialeto lete

S31	setswana	?mo.fele <sup>116</sup>	LHL	reedbuck mountain grey rhebok	Cole 1995:65
S31a	ngwaketse	m.hele	L.HL	<u>9</u>	reedbuck mountain Cole 1995:65

Baseado nos sentidos atestados nas línguas, sugerimos o sentido ‘reedbuck mountain: *Redunca fulvorufula*’ em setswana (S31), enquanto em kiluba (L33) o tema denomina uma espécie de antílope menor: *Oreotragus oreotragus*. Em dzing (B86) o autor retifica que o substantivo denomina ‘espécie de antílope que mede um metro de altura, que vive no mato e somente o macho da espécie tem chifres (Mertens 1939: 79).

Do ponto de vista estrutural, a C<sub>1</sub> provém da consoante oclusiva bilabial surda, às vezes com a combinação da (N-) prefixo de classe 9, como em setswana (S31) e em oshindonga (R22). A diferenciação de realização da C<sub>1</sub> /ph, h, f/ atestada nos dialetos do setswana (S31) são variações dialetais encontradas até mesmo no setswana *standard*. Essa variação dialetal justifica-se por uma confusão antiga entre os falantes que mantiveram /f/ em uns dialetos e outros substituíram por /h/. O fonema /f/ alterna-se com /ph/ em certos dialetos. O fonema /h/ ocorre principalmente depois de /m/ e antes de /u/ ao passo que /f/ principalmente em outras situações (cf. Creissels 1993: 43 e Cole 1995: 21).

A C<sub>2</sub> em todos os casos são reflexos diretos da consoante oclusiva alveolar sonora e realizam-se na língua como uma consoante lateral.

Propomos para o tema V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de terceiro grau de abertura. Em dzing (B86) o alongamento vocálico é pertinente, visto que a língua preserva a distinção entre vogais breves e longas, assim como a perda da vogal final é regular, por exemplo:

---

<sup>116</sup> Segundo o autor o símbolo [?] atestado antes de algumas entradas significam, item não confirmado.

‘mbut’ chèvre (Mertens 1939: 53/145) < \*búdi 303 (1).

Quanto ao emparelhamento das classes nominais sugerimos ao tema também classe 9.

Os reflexos tonais do tema são divergentes, vejamos:

Em setswana (S31) os reflexos AB remontam a um padrão tonal \*AB ou \*AA, por exemplo:

‘nôga [nógà]’ ‘snake’ (Cole 1995:149) < \*jóká 3536 (1)

‘phírì’ hyena (Cole 1995:47) < \*pítí 2552 (4)

Mas em otetela (C71) os reflexos tonais BB remontam a um padrão exclusivo \*BB (cf. Tons tema \*-bùdi 370).

Apesar das divergências tonais, a pesquisa permitiu propor ao menos o tom \*B em posição de S<sub>2</sub>.

Acreditamos em um vínculo formal entre o tema discutido nesta seção e a protoforma reconstruída pelo BLR (2003) \*-pèdè 7823 (5), atestada em línguas da zona S, com o sentido de ‘Hyène tacheté: *Hyaenides: Crocotta crocuta*’. Segundo o BLR o tema deriva da protoforma \*pèdè 2426 (3) atestada em línguas da zona (E F G H J L M N P S) com o sentido de ‘démangeaison, gale, punaise’.

O tema °-pedè, coloca em evidência uma proposta de estrutura silábica (CVCVCV), baseado em reflexos atestados em kitabwa (M41) e em oshindonga (R22). Os reflexos abaixo remontam a uma forma de classe 9 (< °pedèdè).

---

M41 kitabwa	mpelele	<u>9/2+9</u>	esp. de antilope	Van Acker 1907:84
	(ba-)		(gazelle)	

---

M41	kitabwa	mpelele	<u>9</u>	Céphalophe bleu	Mouguiama & Hombert 2006:110
R22	oshindonga	ompelele	<u>9</u>	nashorn (rhinocéros)	Seidel s.d:177

Os reflexos do tema são regulares, e caracterizam-se por apresentarem um tipo de reduplicação parcial da C<sub>2</sub>.

A partir das propostas tonais atestadas nos substantivos simples do tema (°-pedè), sugerimos ao tema reduplicado, em posição de V<sub>2</sub> e V<sub>3</sub> um tom \*B. O tom da V<sub>3</sub> é uma reduplicação tonal da V<sub>2</sub>.

A V<sub>1</sub> segue na tese sem um padrão tonal definido.

Sugerimos para o tema reduplicado o sentido ‘espécie de herbívoro’.

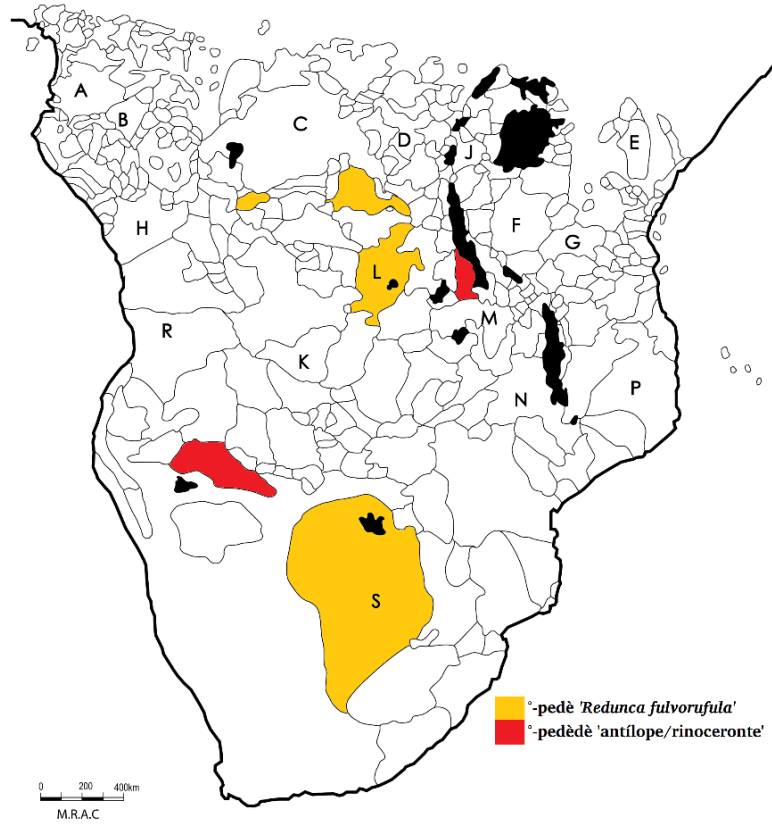
As mudanças semânticas entre os substantivos justificam-se pelo processo de reduplicação, que muitas vezes tem como característica mudar o sentido inicial do tema de base. Por exemplo, atestamos outros casos semelhantes na zona R, em kwanyama (R21):

‘ongholongholo’ LLLL ‘kudu’ (Halme 2004:278)

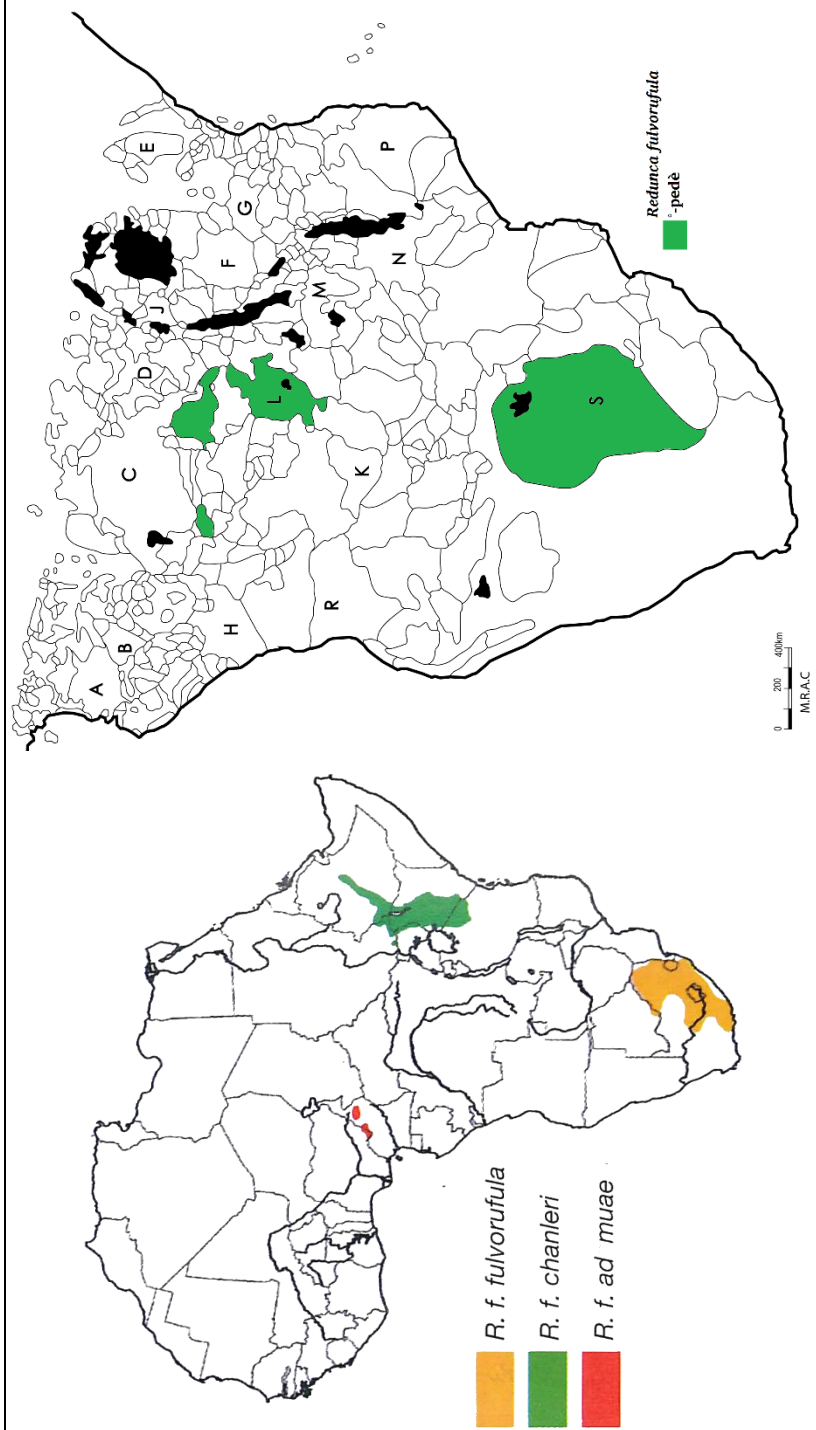
‘ongololo’ hippopotamus (Tobias and Turvey 1976:87).

Os exemplos de substantivos reduplicados citados acima provavelmente são derivados do tema simples \*godo 6955 (5), reconstruído pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em línguas das zonas K M R para denominar ‘zebra’:

Contudo, até o momento não atestamos uma motivação que justifique as mudanças semânticas entre os temas discutidos nesta seção.



Mapa 48: °-pedèdè/°-pedè



Mapa 49: Hábitat *Redunca fulvorufula*

Mapa 50: Temas *Redunca fulvorufula*

### 1.5.3. *Kobus ellipsiprymnus*/ *Kobus defassa*

**Descrição:** antílope que tem a pelagem de cor marrom-avermelhado. Os machos têm chifres longos e arredondados em forma de lira que medem aproximadamente (50-99 cm). Os machos são maiores e mais pesados do que as fêmeas. A subespécie *Kobus defassa* tem a cauda branca.

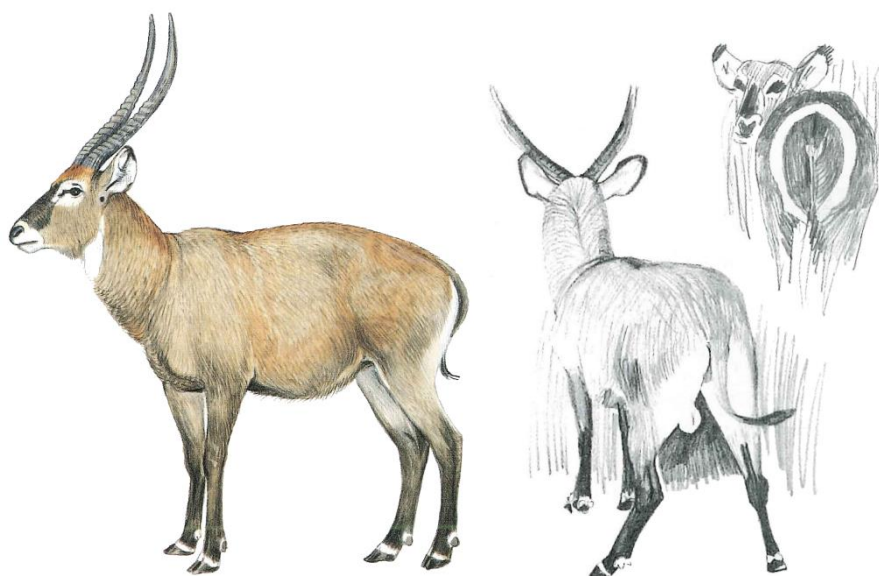


Figura 23: *Kobus defassa* (à esquerda) / *Kobus ellipsiprymnus* fêmea (em cima à direita) / *Kobus defassa* macho (embaixo à direita)

**Hábitat:** o *Kobus ellipsiprymnus* é encontrado no leste da África, em bosques de savanas, áreas arborizadas e mosaicos. É uma espécie de antílope que depende de água em abundância. As maiores densidades concentram-se em regiões de lagos onde tem grama de qualidade. Eles são sempre limitados pela distância de água permanente na estação seca.

Enquanto, o *Kobus defassa* é encontrado na África oriental, central e ocidental, em savanas a oeste do Vale do grande Rift ocidental e ao sul do Sahel, desde a Eritreia no leste até o oeste da Guiné-Bissau. Seu ponto de distribuição maior está no Mali.

**Países nativos do *Kobus ellipsiprymnus*:** Angola, Benin, Botsuana, Burkina Faso, Burundi, Camarões, República Centro Africana, Chade, República Democrática do Congo, Costa do Marfim, Eritreia, Etiópia, Gabão, Gana, Guiné-Bissau, Quênia, Maláui, Mali, Moçambique, Namíbia, Níger, Nigéria, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Somália, África do Sul, Sudão do Sul, Sudão, Suazilândia, Tanzânia, Togo, Uganda, Zâmbia, Zimbábue.

**Países nativos do *Kobus defassa*:** Angola, Benin, Burkina Faso, Burundi, Camarões, República Centro-Africana, Chade, República Democrática do Congo, Costa do Marfim, Eritreia, Etiópia, Gabão, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Quênia, Mali, Níger, Nigéria, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Sudão do Sul, Sudão, Tanzânia, Togo, Uganda, Zâmbia. A espécie foi extinta do Gâmbia.

Na área bantu atestamos 7 (sete) reconstruções virtuais para denominar a espécie em questão: \***-pɪdua**, \***-kodo**, \***-kòndòdò**, °**-dógodó**, °**-gùjué**, °**-gòndòmà** e °**-cùjù**. Dentre eles apenas um foi reconstruído pelo BLR (2003).

### 1.5.3.1. O tema \***-pɪdua** 5792 (5) > °**-pìduá** (cl. 9, 5/6)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em dados atestados apenas em línguas da zona S. De acordo com o BLR o tema denomina espécie de antílope '*Kobus defassa*', porém retificamos o sentido e sugerimos ao tema o sentido waterbuck '*Kobus ellipsiprymnus*'.

S21	tshivenda	phɪ̀dwá [phɪ̀dwá]	9	waterbuck ( <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Van Warmelo 1937:218/331
S42	isizulu	phiva, i(li)phiva, amaphiva	<u>5/6</u>	black waterbuck	Doke & Vilakazi 1949:666

Atualizamos os reflexos do tema em outras línguas das zonas S.

S43	swati	líphiva, emá-	<u>5/6</u>	waterbuck	Rycroft 1981:82
S53	tsonga	phìvhá vh[v]	<u>9</u>	waterbuck ( <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Cuénod 1976:166



A C<sub>1</sub> dos reflexos remontam a uma consoante oclusiva bilabial \*p, às vezes com a combinação da (N-) prefixo de classe nominal 9/10 como, por exemplo, em tshivenda (S21).

Em posição de C<sub>2</sub> identificamos que os reflexos remontam, às vezes a uma consoante oclusiva alveolar sonora ou a consoante oclusiva bilabial sonora (\*b/\*d), vejamos:

Em tshivenda (S21) atestamos reflexo direto de \*d. Em isizulu (S42), em swati (S43) a consoante fricativa labiovelar /v/ remonta tanto a \*b quanto a \*d, diante de vogal de primeiro grau de abertura.

Baseado nos dados atestados em tsonga (S53), Bastin propôs uma forma °-piba que se justifica pelo fato de que em tsonga (S53) a consoante fricativa labiovelar atestada nos reflexos provém da consoante oclusiva bilabial \*b (diante de vogal de primeiro grau de abertura e não de \*d. Sendo assim, a origem da C<sub>2</sub> é problemática (\*b/\*d)?.

A V<sub>1</sub> remonta a uma vogal de segundo grau de abertura, visto que os reflexos são regulares nas línguas de 5 vogais.

A V<sub>21</sub> foi reconstruída como uma vogal de primeiro grau de abertura que se justifica pelo fenômeno de espirantização da C<sub>2</sub>. A vogal final é regular e se realiza em todos os casos como uma vogal central não arredondada.

O BLR sugeriu para o tema, classe nominal 9. Atestamos também o emparelhamento de classe 5/6, em isizulu (S42), sem acarretar mudanças semânticas.

Baseado nos reflexos tonais BA atestados nas línguas da zona S, precisamente em tshivenda (S21) e em tsonga (S53), propomos para o tema um padrão tonal \*BA (cf. Tons do tema °-pití).

1.5.3.2. O tema \*-kudo<sup>117</sup> 4684 (5) > °-kòdò (cl. 9/10, 3, 5, 7/8)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) de classe nominal 9, baseado em reflexos atestados apenas em algumas línguas das zonas G M.

G23	shambala	nkulo [ŋk <sup>h</sup> ùlò]	9/10	wasserbock	Roehl 1911:69
G31	zigula	nkulo	9	waterbuck	Kisbey 1906:39/118
G42	kiswahili	kuḷo		art antelope	Bourquin 1923:71
M63	ila	mukulo, pl. (ba-)	1/2	waterbuck	Smith 1907:263

A pesquisa atualizou a distribuição linguística do tema em outras línguas das zonas G M e em línguas das zonas E F J L N P.

E72	mijikenda	khulo	9	gnu	Bourquin 1923:71
E73	digo	kulo (-)	<u>9/10</u>	water-buck	Mwalonya Nicolle Alison <i>et alii</i> 2004:79
F21	sukuma	ng'hulo [ŋ <sup>h</sup> ]	<u>9</u>	waterbuck ( <i>Kobus defassa</i> & <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Swynnerton 1946:38
F31	nilamba	kulo	-	waterbuck ( <i>Kobus defassa</i> & <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Swynnerton 1946:37
F31B	isanzu	nkuro	<u>9</u>	waterbuck ( <i>Kobus defassa</i> & <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Swynnerton 1946:38
F31D	nyambi	nkuro	<u>9</u>	waterbuck ( <i>Kobus defassa</i> & <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Swynnerton 1946:37

<sup>117</sup> O nome 'iqudu' '*Strepsiceros*' é de origem Xhosa adotado como nome comum da espécie nas línguas europeias. (cf. Daeleman 1980: 108).

G11	gogo	ng'hulo [ŋ <sup>h</sup> ]	<u>9</u>	waterbuck ( <i>Kobus defassa</i> & <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Swynnerton 1946:35
G22	pare	nkúro (= pl.)	<u>9</u>	eland	Kagaya 1989:98
G42	kiswahili	kuro		cobe à croissant ( <i>Kobus ellipsiprimnus</i> )	Sacleux 1949:36
G42d	kiunguja	kuro	<u>9</u>	waterbuck ( <i>Kobus defassa</i> & <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Swynnerton 1946:34
G52	ndamba	kulu	1a/2	waterbuck	Novotná 2005:428
G61	sango	ŋkulo	<u>9</u>	waterbuck ( <i>Kobus defassa</i> & <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Swynnerton 1946:35
JE31	masaba	in-khulo	<u>9</u>	impala	Siertsema 1981:46/154
JE35	lunyole	ekulo pl. ekulo	<u>9</u>	common eland, Tragelaphus ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Sylvester & Musimami Martin Diprose 2012:83/290
L52	lunda- ndembu	chikolu	<u>7</u>	hartebeest	Fisher 1963:35
M52	lala	mukulu	<u>3</u>	<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Ansell 1978:58
M54	lamba	injulo	<u>9</u>	waterbuck black	Doke 1933:129
M63	ila	sicikulo	<u>1a/2</u>	waterbuck	Torrend 1967:627
M63	ila	kanga- mukulo		waterbuck (dim.)	Smith 1907:263
M64	tonga	sicikulo	<u>1a/2</u>	waterbuck	Torrend 1967:627
N13	matengo	likuru	<u>5</u>	gazellenarten	Häfliger 1909:167

---

P311	ekoti	ekhuulu/ vikhuulu	7/8	antelope sp.	Schadeberg & Mucanheia 2000:208/238
------	-------	----------------------	-----	--------------	---

---

Identificamos uma forma em emakhuwa (P31) que isolamos do grupo devido à irregularidade da C<sub>2</sub>, pois /r/ < \*t. Além do mais, a abertura das vogais em emakhuwa (P31), são também conflituosas com os reflexos do grupo. É bem provável que a forma remonta a outro tema como ‘makhoró’ < °-maṅkoto? Por essa razão, não representamos o reflexo atestado na língua com a raiz discutida nesta seção.

---

P31	emakhuwa	màkhoró (a)	5/6	gazela	De Matos 1974:205
-----	----------	-------------	-----	--------	-------------------

---

Segundo o BLR (2003) o tema \*-kudo denomina ‘Cob à croissant: *Kobus ellipsiprymnus*’. A pesquisa permitiu confirmar o sentido inicial sugerido pelo BLR assim como, o emparelhamento de classe 9/10. No entanto, atestamos alguns problemas semânticos, quase sempre ligados às mudanças de classes nominais, por exemplo: em masaba (JE31) o sentido revelado é ‘impala’.

Em lunda-ndembu (L52) o substantivo de classe 7 denomina ‘hartebeest’. Em matengo (N13) atestamos classe 5, porém sentido atestado limitam-se a denominar ‘espécie de gazela’.

Em ekoti (P311) o substantivo de classe 7/8 denomina ‘esp. de antilope’. Em mijikenda (E72) o sentido revelado é ‘gnu’.

Em pare (G22) e em lunyole (JE35) os substantivos de classe nominal 9, designam ‘eland’.

Em ndamba (G52) e em ila (M63) atestamos o emparelhamento de classe 1a/2a, sem mudanças semânticas.

Nas línguas do grupo botatwe (M60) é comum a combinação de dois morfemas antepostos aos radicais, por exemplo, casos, ‘sici-, silu, naci’. Em

alguns casos o morfema ‘si’ inicial confunde-se com o prefixo de classe 7. No entanto, segundo o autor esses nomes de subclasse 1a com plural de classe 2 geralmente incluem nomes próprios ou de animais. Geralmente o prefixo shi-/sha- denominam o ‘pai de’ ou é utilizado para denominar nomes masculinos’, enquanto o morfema ‘na-’ designa a ‘mãe de’ ou é empregado para denominar nomes femininos’. Sendo assim, muitos nomes de animais fazem parte deste emparelhamento. (cf. Smith 1907:18/19).

Em nyaturu (F32) e dialetos, identificamos substantivos de estruturas segmentais similares, porém de acordo com o dialeto de cada região o tema apresenta mudanças semânticas. A perda de C<sub>2</sub> em nyaturu (wahi) é regular e remonta a \*d. (cf. Regularidade do tema \*-pàdá 2355 (4)).

Contudo, as entradas sugeridas por Swynnerton (1946) não são confiáveis tanto no que se refere a transcrição fonética do tema quanto em relação à semântica.

F32	nyaturu (nyanganyi)	kuro	<u>9</u>	waterbuck ( <i>Kobus defassa</i> & <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Swynnerton 1946:37
F32	nyaturu (wahi)	? nkuro	<u>9</u>	duiker, red forest ( <i>Cephalophus harveyi</i> )	Swynnerton 1946:35
F32	nyaturu (wahi)	nkuo	9/10	( <i>Gazella thomsonii</i> )	Swynnerton 1946:37

Atestamos substantivos similares ao tema \*-kudo, fora do bantu, em yoruba e em adamawa. Em yoruba o tema denomina ‘duiker’, em adamawa o substantivo denomina ‘antílope sitatunga’.

1A5	yoruba	ékùlù		crested duiker = crowned duiker	Abraham 1958:158/765
IA6	adamawa	kodo		sitatunga	Wallin Th. and E. s.d.:25

Na maioria dos casos os fonemas em posição de C<sub>1</sub> remontam a uma consoante oclusiva velar surda, às vezes com a combinação da (N-) prefixo de

classe 9/10 como, por exemplo, em mijikenda (E72) e em ekoti (P331). Em sukuma (F21) e em gogo (G11) o fonema /ng'h/ leia-se [ŋ<sup>h</sup>], e é reflexo regular de \*ŋk.

A C<sub>2</sub> do tema provém de uma consoante oclusiva alveolar sonora, mesmo se em muitos casos apenas do ponto de vista fonológico como, por exemplo, em alguns dialetos da zona F30, onde é regular \*d > l. Em pare (G22) é regular \*d > ø, mas em alguns contextos realizam-se também como /l, r/.

A entrada em kiswahili (G42) é intrigante, pois geralmente na língua \*d > ø. Então a presença de uma consoante vibrante /r/ em posição de C<sub>2</sub> parece um empréstimo (ou ao menos uma influência lateral) advindos dos falantes mijikenda (E72 e E73).

Em posição de V<sub>1</sub> os fonemas realizam-se como /o/ e /u/. A oposição entre os fonemas justifica a proposta reconstruída pelo BLR como uma vogal de segundo grau de abertura.

Quanto à origem da V<sub>2</sub>, os fonemas realizam-se como /o, u/ e foi reconstruído como uma vogal de terceiro grau de abertura. O alongamento vocálico atestado em ekoti (P311) não é pertinente na língua. (cf. Guthrie 1967-1970 vl.1. p. 68).

Referente aos tons, através dos poucos reflexos tonais encontramos os seguintes resultados:

Em pare (G22), os reflexos tonais AB remontam a um padrão \*AB:

‘nyóka’ (Kagaya 1989:100) < \*jóká 3536 (1)

Em shambala (G23), os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal exclusivo \*BB:

‘ngòmà’ trommel (Roehl 1911:67) < \*gòmà 1429 (1)

Apesar da existência de um conflito tonal entre o pare (G22) e o shambala (G23), a proposta tonal do tema é baseada nos reflexos tonais BB < \*BB revelados por Roehl (1911), devido ao fato que a entrada do pare (G22) sugerida por Kagaya (1989) é recente na língua e poderia ter uma influência do kiswahili (G42).

A pesquisa coloca em evidência um tema de estrutura segmental similar °-kudo, atestado em algumas línguas da zona F G com o sentido de ‘kudu: *Strepsiceros strepsiceros*’. (cf. Também °-pìtí/°-pùtì).

Devido aos problemas semânticos e de regularidade da V<sub>1</sub>, agrupamos e discutimos os temas separadamente. Entretanto, não descartamos a possibilidade de um vínculo entre os dois temas.

No BLR, o tema tem uma fiabilidade 5, porém devido a vasta distribuição linguística (A à S) no domínio bantu, o tema é um bom candidato para ser uma forma de origem PB.

### 1.5.3.3. O tema \*-kòndòdò 6740 (5) (cl. 11, 9/6)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em línguas da zona L. Segundo o BLR existem reflexos também na zona K. Não atestamos nas línguas da zona K reflexos provenientes do BLR.

L33	kiluba	nkóndóló (ban-) [ŋkɔ̃.ndɔ̃.lɔ̃]	9/2 + 9	waterbok	Gillis 1981:24
L35	kisanga	kondo:lo (tons AAA)	1n	Esp. d’antilope, waterbuck ( <i>Kobus defassa</i> )	Coupez 1976:186

No entanto, a pesquisa atualizou a distribuição do tema em outras línguas da zona L e também estendeu a distribuição do tema em línguas das zonas C K L M.

C83	bushoong	ngóon`l	<u>9</u>	esp. antilope	Vansina 1959:104
K14	luvale	kondolo		<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Biodiversité au katanga
L23	songe	lukondoolo	11	soort antilooop	Stappers 1964:38
L23	songe	lukondolo	11	espèces d'antilope	Samain 1923:40
L23	songe	lùkòndòlò	11	espèce d'antilope	Stappers 1984:10
L32	kanyòk	kondool pl. /makondool/	9/6	espèce d'antilope (waterbok)	Mukash 2012:435
L34	hemba	kondolo		antilope	Vandermeiren 1913:318
L41	kaonde	lukondolo	<u>11</u>	<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Biodiversité au katanga
M541	bulima	-kòndòlò		esp. antilope fournissant peau pour soufflet	Mumba E. ms 1990?

A forma do kiswahili sugerida por Verbeek (2004), logo abaixo, vem do kingwana (G40G) e é um empréstimo de uma língua vizinha, certamente do luba. Sendo assim, a zona G não é representativa do tema discutida neste subitem.

G42	kiswahili	kondolo	cob commun (waterbuck)	Verbeek 2004:703
-----	-----------	---------	------------------------	------------------

No BLR o tema denomina 'waterbuck'. A pesquisa permitiu atualizar o sentido atribuído ao tema para a espécie de 'waterbuck: *Kobus defassa*', exceto em luvale (K14) e em kaonde (L41), onde o substantivo denomina a subespécie



‘*Kobus ellipsiprymnus*’. Segundo Verbeek (2004: 703): em lala (M54) o tema é sinônimo de ‘nsobe<sup>118</sup>, mula<sup>119</sup>’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva velar surda, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10, exceto em bushoong (C83), onde a C<sub>1</sub> provém de \*ng.

A C<sub>2</sub> provém de consoante pré-nasalizada \*nd > nd. Em bushoong (C83) atestamos o processo regular de nasalização plena da C<sub>2</sub> (\*nd > n).

Em quase todos os casos, em posição de C<sub>3</sub>, os fonemas realizam-se como uma consoante lateral que provém de \*d.

O tema foi reconstruído com vogais (V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub>, V<sub>3</sub>) de terceiro grau de abertura. A perda da V<sub>3</sub> em bushoong (C83) e em kanyòk (L32) é regular. Em bulima (M541), em songe (L23), em kanyòk (L32) e em kisanga (L35) o alongamento vocálico é pertinente em posição de V<sub>2</sub>.

No BLR (2003) o tema é sem proposta de classe nominal. Baseado nas classes atestadas, sugerimos para o tema emparelhamento de classe 9/6 em kanyòk (L32), classe 1n em kisanga (L35) e classe 11 em songe (L23).

Baseado nos reflexos tonais atestados nas línguas da zona L, precisamente em kiluba (L33) e em kisanga (L35), línguas que têm reflexos contrários ao do PB, confirmamos o padrão tonal \*BBB sugerido pelo BLR. (cf. Tons do tema °-bíndí /\*bàdi 8983).

O tema estabelece uma relação formal e semântica com a protoforma reconstruída pelo BLR (2003) \*-kondodo 6745 (5) atestado nas línguas da zona E F G com sentido de ‘mouton, ovelha’.

---

<sup>118</sup> Substantivo atestado em algumas línguas bantu para denominar ‘sitatunga: *Tragelaphus spekeii*’. < \*-jóbé 1601 (4).

<sup>119</sup> cf. reflexos \*-bùdi 370 (5)

#### 1.5.3.4. O tema °-dógodó (cl. 9/10, 9/6)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em línguas das zonas P. Baseado na semântica revelada por Odden (1996) e Ngunga (2001), sugerimos ao tema denomina o sentido ‘waterbuck: *Kobus defassa* & *Kobus ellipsiprymnus*’.

P13	kimatuumbi	ndogólo pl. (matógolo-)	9/6	water-buck	Odden 1996:181
P21	ciyao	ndogolo/n	9/10	variedade de antílope ( <i>egocero</i> )	Viana 1961:49/154
P21	ciyao	ndogolo/ n-	9/10	burro do mato (namedoro)	Viana 1961:53/154
P21	ciyao	N-dogolo HHL	9	waterbuck	Ngunga 2001

Sacleux (1939-1941:672) menciona um reflexo em kiunguja (G42d), porém retifica que a forma é típica da costa sul e que é um empréstimo proveniente do makonde (P23) e do yao (P21). Sendo assim, a zona G não é representativa do tema discutido neste subtópico.

G42d	kiunguja	ndogoro	<u>9/10</u>	waterbuck	Sacleux, 1939-1941:672
------	----------	---------	-------------	-----------	------------------------

Em posição de  $C_1$  os fonemas nem sempre remontam a mesma consoante. Em kimatuumbi (P13) a  $C_1$  é resultado da combinação (\*N + t > nd). Em ciyao (P21) a  $C_1$  é resultado tanto da combinação (\*N + l > nd) quanto (\*N + t > nd).

Visto que de acordo com os universais linguísticos, é mais fácil o fonema perder traços distintivos do que ganhar, sugerimos provisoriamente para o tema em posição de  $C_1$  e  $C_3$  uma consoante oclusiva alveolar sonora.

A  $C_2$  remonta em todos os casos a uma consoante oclusiva velar sonora.

As vogais são regulares por isso propomos para o tema  $V_1$ ,  $V_2$  e  $V_3$  de terceiro grau de abertura.

Sugerimos para o tema o emparelhamento de classe nominal 9/10 e 9/6.

Quanto aos padrões tonais do tema, nas línguas da zona P, atestamos os seguintes resultados:

Em kimatuumbi (P13) os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão \*AB quanto \*AA:

‘lulémi’ langue (Philippon 1991: 438) < \*dími 973 (1)

‘kangóko’ poulet (Philipson 1991:438) < \*kúkú 2021 (4)

Em ciyao (P21) os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*AA:

‘N-gálà’ HL cl. 9 ‘freshwater crab’ (Ngunga 2001) < \*kádá 1664 (1)

Apesar dos reflexos tonais em kimatuumbi (P13), não remontar a um padrão tonal exclusivo, sugerimos para o tema em posição de S<sub>1</sub> e S<sub>3</sub> um tom \*A.

Em kimatuumbi, o deslocamento de um tom A na penúltima sílaba é um processo fonológico frequente. (cf. Odden 1996:178) e as explicações do tema °-pàdà-pàdà (cf. capítulo 1, subitem 1.7.2.4. ). Em relação à diferenciação tonal entre singular/plural para o reflexo do kimatuumbi, conferir tema °pútòkà.

#### 1.5.3.5. O tema °-gùjué (cl. 7)

Proposta de tema atestado em algumas línguas da zona M.

M41	kitabwa	ky-uzwe	<u>Z</u>	antilope grise	Van Acker 1907:84
M42	icibemba	ícu-uswé	<u>Z</u>	waterbuck	Guthrie & Mann 1995:112

M42	icibemba	chuswe	defassa waterbuck ( <i>Kobus ellipsiprymnus</i> <i>defassa</i> )	Frank Willems Kasanka 2011
M54	lala	tchuswe	<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Biodiversité au katanga
M54	Lala	inantchuswe	<i>Kobus ellipsiprymnus</i> femelle	Biodiversité au katanga

O tema denomina ‘waterbuck: *Kobus ellipsiprymnus defassa*’. Em lala (M52) o tema faz parte de um tipo de categorização local e a diferenciação entre os gêneros das espécies é feita pelos falantes através da adição de um morfema ‘na-’ anteposto ao radical do tema. (cf. °-peba 1.7.1.4. ).

Baseado nas línguas do grupo M40, precisamente em kitabwa (M41) e em icibemba (M42) sugerimos ao tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva velar sonora, uma vez que é o único fonema que desaparece nestas línguas (\*g > ∅).

A consoante inicial do tema é o prefixo de classe 7 que provavelmente motivada pela perda da C<sub>1</sub> integrou-se ao tema, por exemplo, (ki-uju > kyuju).

Em posição de C<sub>2</sub>, em kitabwa (M41) \*j > z. Em icibemba (M42) o fonema /s/ remonta tanto a \*c quanto \*j. Por isso, sugerimos ao tema em posição de C<sub>2</sub> uma consoante palatal \*j.

Quanto as vogais, propomos em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>21</sub> uma vogal de segundo grau.

Em posição de V<sub>22</sub> sugerimos ao tema uma vogal de terceiro grau. O alongamento vocálico em posição de V<sub>1</sub> em icibemba (M42) é pertinente (cf. Guthrie 1967-1970 VI 1:68).

Sugerimos ao tema, classe nominal 7.

Quanto aos tons, baseado nos reflexos tonais BA atestado em icibemba (M42) sugerimos para o tema um padrão tonal \*BA exclusivo:

‘íŋ-ŋandú’ crocodile (Guthrie & Mann 1995:63) < \*gàndú 1326 (3)

‘umú-fumbí’ rain (Guthrie & Mann 1995:21) < dùmbí 1261 (1)

Identificamos em duas línguas da zona N, precisamente em nyanja (N31) e kunda (N42) reflexos semelhantes, porém as correspondências sonoras são irregulares. Os reflexos remontam a uma reconstrução virtual (<°-kojue).

N31	nyanja	nakhodzwe	<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Ansell 1978:58
N42	kunda	niakozwe	<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Ansell 1978:58

A C<sub>1</sub> dos fonemas nas línguas da zona N remontam a \*k. A origem de /dz/ e /z/ é também irregular, mas poderia justificar-se por influência de outras línguas do grupo N40 como, por exemplo, do nyngwe (N43) onde é regular \*j/\*nj > z/dz.

Devido às irregularidades atestadas nos substantivos da zona N optamos em separar e agrupar os substantivos separadamente. Por isso, a zona N não é representativa do tema (°-gùjúé).

O tema discutido neste subitem talvez tenha uma relação a protoforma °-cùjù (cf. 1.5.3.7. ), atestado em línguas das zonas M N S com o sentido também de *Kobus ellipsiprymnus*.

É possível que essas formas (°-gùjúé/°-kojue e °-cuju), apesar de irregulares, sejam geograficamente em contato, sem dúvida por empréstimos.

#### 1.5.3.6. O tema °-gùndòmà (cl. 9/10)

Proposta de tema de classe 9/10, atestado em línguas das zonas K M S. O tema denomina waterbuck: *Kobus ellipsiprymnus*.

K21	silози	ngunduma	<u>9</u>	<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Ansell 1978:58
M64	tonga	ngunduma	<u>9</u>	<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Ansell 1978:58
S12	chizezuru	ngunduma	9/10	water-buck	Hannan 1974:456/930
		LLL			

Do ponto de vista segmental o tema apresenta uma estrutura silábica (CVCVCV). Devido à regularidade dos reflexos em posição de C<sub>1</sub>, sugerimos para o tema uma consoante oclusiva velar sonora, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10.

Em posição de C<sub>2</sub> sugerimos para o tema uma consoante pré-nasalizada\*nd.

Em posição de C<sub>3</sub> sugerimos para o tema uma nasal bilabial.

Quanto as vogais, sugerimos em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> uma vogal de segundo grau (sem espirantização nas línguas de 5V).

Em posição de V<sub>3</sub> sugerimos uma vogal central não arredondada.

Baseado nos reflexos tonais atestados em chizezuru (S12), dialeto do shona (S10), sugerimos para o tema um padrão tonal inteiramente \*BBB.

‘marimba’ LLL ‘musical instrument with a resonator (Hannan 1974) < \*dìmbà 980 (1)

‘nyama’ LL cl. 9 ‘meat’ (Hannan 1974:478) < \*nyàmà 3180 (1)

### 1.5.3.7. O tema °-còjù (cl. 9)

Proposta de tema atestado em algumas línguas das zonas M N S. Segundo o sentido revelado nas línguas o tema denomina ‘waterbuck: *Kobus ellipsiprymnus*’.

M54	lala	chuzu		<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Biodiversité au katanga
M61	lenje	cuuzu		waterbuck	Torrend 1967:627
N21	tumbuka	chuzu, va	1a/2a	water-buck	Turner 1952:275/19
N41	chinsenga	chuzu		<i>Kobus ellipsiprymnus</i>	Ansell 1978:58
S10	chishona	chizu		water-buck	Biehler 1950:320
S10	chishona	chuzu LL	9	waterbuck	Hannan 1959
S11	chikorekore	chuzu LL	9	waterbuck	Hannan 1974:105/930

Em posição de C<sub>1</sub> os reflexos derivam de \*c.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam à \*j. Em lenje (M61) a C<sub>2</sub> é irregular e não remonta a \*j, visto que na língua (\*c, \*j > s). No entanto, a origem do fonema /z/ pode ser influência de outras línguas do grupo como, por exemplo, da língua ila (M63) onde é regular \*j > z.

Propomos para o tema V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de segundo grau de abertura, visto que não atestamos espirantização.

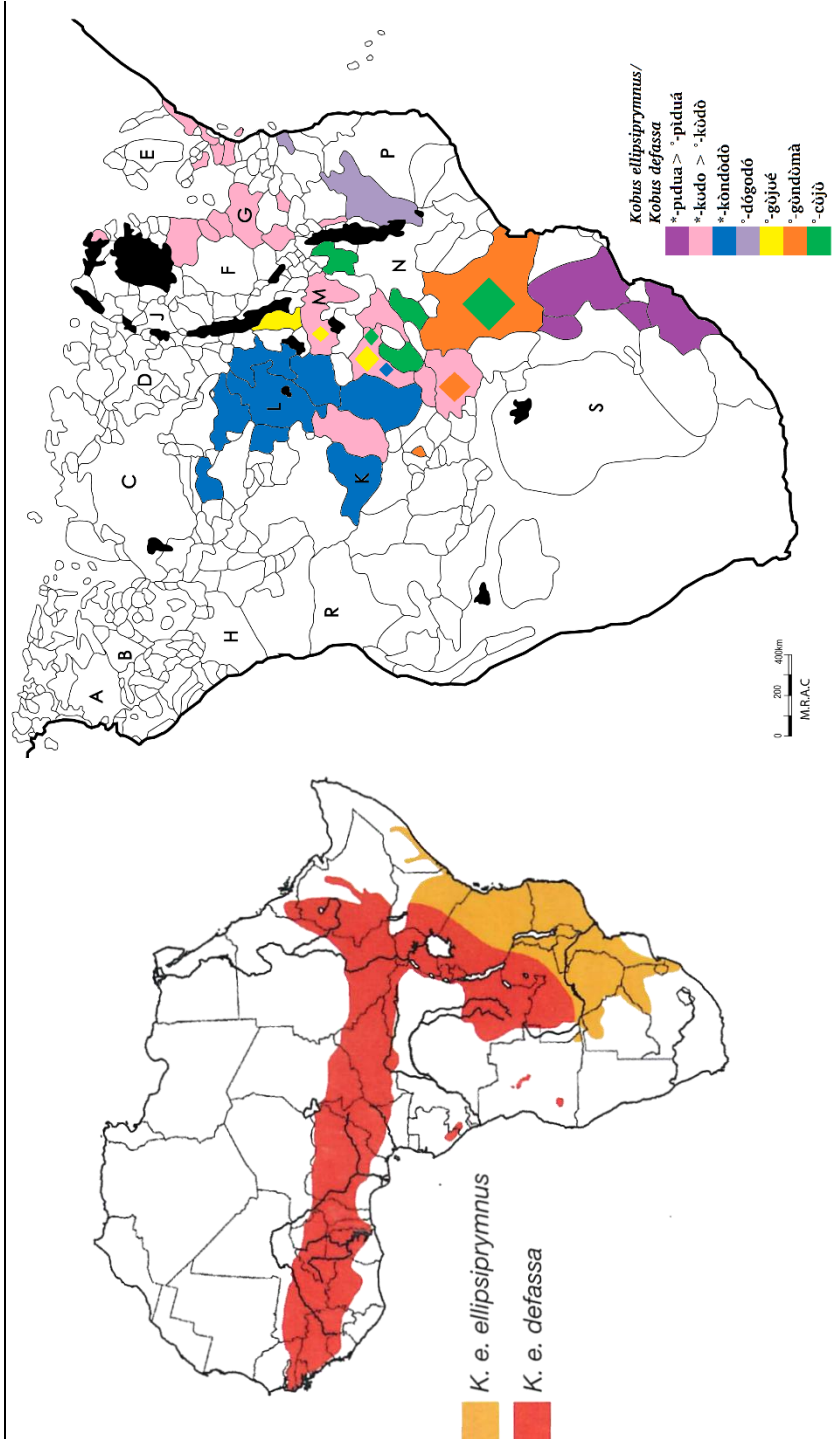
A V<sub>1</sub> do substantivo sugerido por Biehler (1950), em chishona (S10), é certamente um erro fonético do autor, confirmamos esse erro através do substantivo sugerido por Hannan (1959). Em lenje (M61) o alongamento vocálico atestado em posição de V<sub>1</sub> não é pertinente (cf. Guthrie 1967-1970 VI 1:68).

Quanto as classes nominais em tumbuka (N21) atestamos classe 1a/2a e em chishona (S10) classe 9.

390

Baseado no reflexo tonal BB atestado em chikorekore (S11), dialeto do shona (S10), propomos para o tema um padrão tonal inteiramente \*BB (cf. Tons do tema °-gùndùmà).





Mapa 51: Hábitat *Kobus ellipsiprymnus*

Mapa 52: Temas *Kobus ellipsiprymnus*

**1.5.4. *Kobus leche***

**Descrição:** antílope que tem a parte traseira espessa e mais elevada que os quartos dianteiros. O focinho é relativamente curto, os olhos são grandes e espaçados. A pele posterior da barriga é de cor cinza. A cauda é pequena e mede cerca de 30-45 cm. Apenas os machos têm chifres longos e anelados.

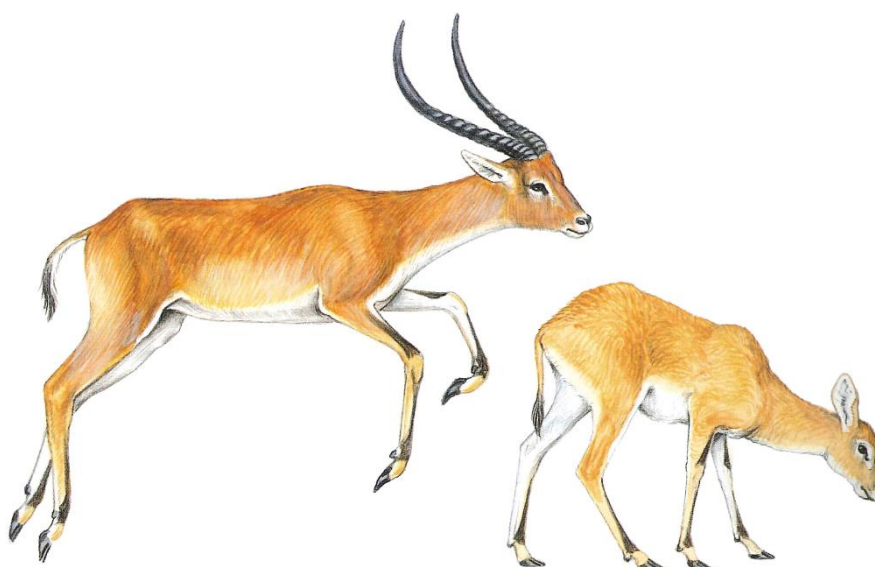


Figura 24: *Kobus leche* macho (à esquerda) e fêmea (à direita)

**Hábitat:** são encontrados frequentemente em margens pantanosas, várzea de lagos e rios, no sudeste da Zâmbia, no norte do Botsuana, nordeste da Namíbia e na região sudeste de Angola.

**Países nativos:** Angola, Botsuana, Namíbia e Zâmbia.

O BLR (2003) sugeriu um tema para denominar o antílope em questão: a protoforma **\*-cóngé**.

#### 1.5.4.1. O tema \*-cóngé 5906 (5) (cl. 9/10, 9/6, 5/6)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) a partir de dados atestados em línguas das zonas K L. Curiosamente, na lista de reflexos que originou essa reconstrução, não atestamos reflexos provenientes da zona K.

L33	kiluba	nsonge (ban-)	9/2+9	onotrague liche	Gillis 1981:24
		[nsɔ̃ŋgɛ]			
L33	kiluba	n-sòngè	<u>9</u>	antilope onotrague liche	Avermaet, & Benoît Mbuyà 1954

Contudo, atualizamos a distribuição linguística do tema e sugerimos substantivos para sustentar a zona K, anteriormente sugerida pelo BLR. Além disso, estendemos a distribuição do tema em outras línguas das zonas D L R. Vejamos:

D24	songola	̀̀sòngè pl. (=)	<u>9/10</u>	sitatunga, femelle ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Ankei 1986:247
K11	chokwe	songe pl. masonge	<u>9/6</u>	antelope lechwe	Mac Jannet, Malcolm Brooks 1949:3/84
K12b	ngangela	ntsonge	<u>9</u>	antílope macho de mbambi <sup>120</sup> e da 'kapu <sup>121</sup>	Baião 1939:115
K14	luvale	songe		<i>Kobus leche</i>	Ansell 1978:58
K21	silozí	-ongé pl. (li-)	<u>5</u>	lechwe	O'sullivan 1993:10

<sup>120</sup> Em ngangela (K12b), assim como em algumas línguas da zona R o tema denomina gazela '*Sylvicapra grimmia*'.

<sup>121</sup> Em ngangela (K12b) e em outras línguas da zona K, o tema denomina 'stenbok: *Raphiceros campestris*'.

K33	rukwangali	hongé pl. (va-)	1b/2b	red lechwe ( <i>Kobus leche</i> )	Kloppers 1994:105/164
K331/2	rumanyo	ntjônge	9/10	Lechwe red ( <i>Kobus leche</i> )	Möhlig <i>et alii</i> 2005:368/186
K333	thimbukushu	hongé	1a(9)/2(9)5	water-buck	Wynne s.d:78
K333	thimbukushu	dihongé	5/6	lechwe	Wynne s.d:312
K333	thimbukushu	hongé		lechwe ( <i>Kobus lechwe</i> )	Legère, Karsten & Munganda 2004:134
K34	sikwamashi	hongí		lechwe	O'sullivan 1985:1/12
K402	fwe	nshôngè pl. bà	1a /2	puku	Hilde Gunnink 2018:512
L41	kaonde	hongí (ba-)	<u>9/2</u>	the red lechwe	Broughall 1924:208/44
L52	lunda- ndembu	nsongi	<u>9</u>	<i>Kobus leche</i>	Ansell 1978:58
L62	nkoya	hongé		<i>Kobus leche</i>	Ansell 1978:58
R11	umbundu	osonge	9	antílope (da beira dos rios)	Le Guennec & Valente 1972:45
R13	nyaneca	osonge (luh-hum)	9	antílope	Da Silva 1966:40

O BLR (2003) sugeriu ao tema o sentido: antílope 'lechwe: *Kobus leche*'. Na maioria das línguas identificamos esse sentido. Entretanto, a semântica sugerida ao tema é intrigante e talvez errônea, pois a gazela 'lechwe: *Kobus leche*' é certamente ausente na costa angolana que inclui algumas línguas das zonas K e R (cf. Mapa 53: Hábitat *Kobus leche*). Identificamos também a entrada em umbundu (R11), mas é possível que o substantivo seja um empréstimo. Sendo assim, até o momento concordamos com a proposta semântica do BLR, porém o sentido segue duvidoso.

O BLR sugeriu para o tema prefixo de classe 9. Confirmamos a proposta de classe e sugerimos o plural de classe 10, no entanto, atestamos outros emparelhamentos sem mudanças semânticas, por exemplo, em chokwe (K11) atestamos classe nominal 9/6 e em rukwangali (K33) classe 1b/2b.

Em algumas línguas os problemas semânticos aparentemente são ligados as mudanças de classes nominais, por exemplo, em fwe (K402) o substantivo de classe 1a/2a denomina ‘antílope puku’. Em songola (D24) atestamos um substantivo de classe 9/10 com o sentido de ‘sitatunga femelle: *Tragelaphus spekei*’. O sentido ‘waterbuck’ em thimbukushu (K333) sugerido por (Wynne s.d:78) é provavelmente um erro de identificação da espécie, visto que, atestamos em outras fontes o sentido ‘lechwe’. Além do mais, atestamos outros substantivos nas línguas das zonas K para denominar o waterbuck (cf. \*-kòndòdò 6740 (5) e °-gùndòmà (1.5.3.6. ).

Em kiluba (L33) segundo Yumba Musoya Banza (2013:38), o substantivo ‘nsóngé’ (antílope de estepe) denomina um ruminante com chifres salientes e pontiagudos’. Em nyaneca (R13) o autor definiu que o tema denomina ‘antílope de cor ruiva, de tamanho maior do que ombambi<sup>122</sup> e vivendo em manadas’.

A C<sub>1</sub> provém de uma consoante palatal surda, às vezes, com a combinação da (N-), prefixo de classe 9. Em kaonde (L41) o fonema /h/ em posição de C<sub>1</sub> não remonta a \*c, visto que na língua \*c, \*nc>s. A origem diacrônica da consoante fricativa glotal /h/ atestada em kaonde (L41), poderia ser influência de outras línguas do grupo como, por exemplo, do nkoya (L62), onde é regular \*c, \*nc>h.

---

<sup>122</sup> Substantivo atestado em algumas línguas bantu para denomina a gazela ‘*Sylvicapra grimmia*’. <\*-bambi 8336 (5).

Em silozi (K21) a perda da  $C_1$  é irregular e poderia justificar-se por influência de outras línguas da zona K como, por exemplo, do luyana (K31) onde é regular  $*c > \emptyset$ .

A  $C_2$  em todos os casos remonta a uma consoante pré-nasalizada  $*ng$ .

Devido à regularidade dos fonemas vocálicos, o BLR propôs para o tema  $V_1$  e  $V_2$  de terceiro grau de abertura. Atestamos apenas dois casos de alterações das vogais finais, em kaonde (L41) e em sikwamashi (K34) onde  $*e > i$ .

Quanto aos padrões tonais, a proposta do BLR de um padrão tonal inteiramente  $*AA$  é provavelmente baseada nas línguas da zona L, precisamente em kiluba (L33), onde os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal exclusivo  $*AA$ :

‘*nsìngò*’ cou (Gillis 1981:111) < *\*kìngó* 1845 (1)

Todavia, em songola (D24), os reflexos tonais AB são divergentes e remontam a um padrão tonal exclusivo  $*AB$ :

‘*ñkímà*’ singe (Ankei 1979:31) < *\*kímà* 1798 (1)

Em rumanyo (K331/2), os reflexos tonais podem remontar tanto a um padrão tonal  $*AA$  quanto  $*AB$ :

‘*nkâra*’ crab (Möhlig & Shiyaka 2005:315) < *\*kádá* 1664 (1)

‘*ntjôni*’ shame (Möhlig & Shiyaka 2005:418) < *\*cónì* 664 (1)

Apesar dos conflitos tonais, a pesquisa permitiu confirmar ao menos o tom  $*A$  da  $S_1$ , ao passo que o tom da  $S_2$  pode remontar tanto a  $*A$  quanto a  $*B$ .

No BLR (2003) existe duas protoformas similares do ponto de vista segmental:  $*-còngè$  674 (1a) atestado em línguas das zonas (B C E G H J L R) com o sentido de ‘ponto’ e o verbo  $*còng-$  atestado nas zonas (C D E H K L R S) com o sentido ‘afiar em ponto’ 670 CS. 385 (1). Porém, um vínculo com o tema

discutido neste subtópico é conflituoso, devido às divergências tonais entre eles (\*AA e \*BB).

No entanto, identificamos no BLR (2003) a protoforma \*-cóngó 6838 (3) em línguas das zonas (D F J L) com o sentido de ‘mancha branca no olho’. Apesar dos problemas referentes as vogais finais entre os temas, acreditamos em um possível vínculo semântico entre eles. Essa associação semântica justifica-se por uma característica na pelagem do antílope ‘*Kobus leche*’ (com pontos, manchas e/ou pequenas listras brancas nos olhos).

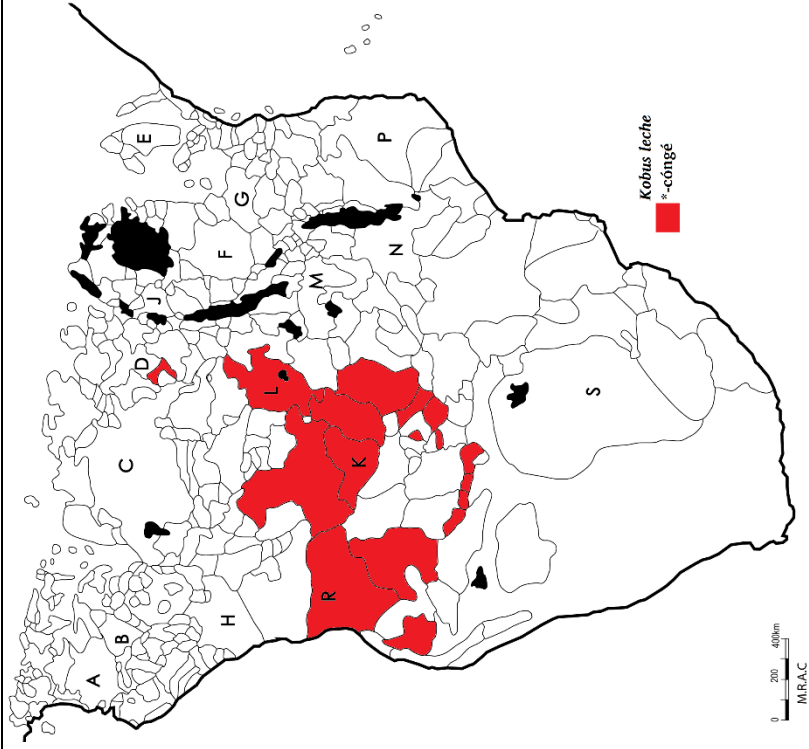
Além dos temas discutidos acima, identificamos em silozi (K21), um tema composto para denominar a espécie de antílope ‘lechwe’. Vejamos:

---

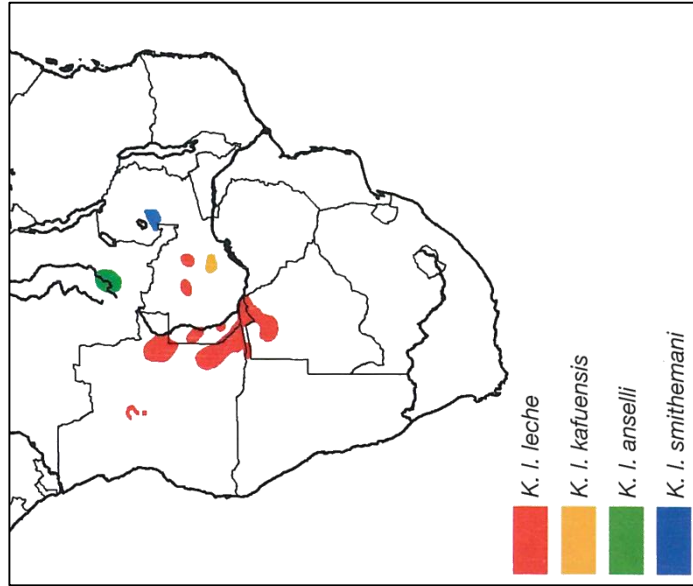
K21	silozi	naloya (bo-) lupani	11/13	lechwe	O’sullivan 1993:10
		katimba pl. (lu- tu-)			

---

As motivações semânticas do tema seguem obscuras, entretanto a pesquisa coloca em evidência uma parte do composto (<°-tumba) atestado nas línguas das zonas K M S com o sentido de ‘*Raphicerus campestris*’. (cf. item 1.2.4.1. ).



Mapa 54: Temas *Kobus leche*



Mapa 53: Hábitat *Kobus leche*



#### 1.5.5. *Kobus vardoni*

**Descrição:** o antílope puku é de tamanho médio, sexualmente dimórfico. Tem a coloração mais pálida, pelagem peluda, ausência de marcas pretas no corpo e chifres curtos e grossos. O rosto tem faixas brancas que se estende do topo dos olhos até as margens internas. O lábio superior é branco e há uma mancha branca nas laterais do focinho. As partes superiores são de cor amarelodourado. A garganta, a parte inferior do corpo e o interior dos membros são brancos. A cauda é da mesma cor que o corpo, com a ponta de cabelo comprida. Têm os chifres mais curtos que os dos *Kobus kob*.



Figura 25: *Kobus vardoni*

**Hábitat:** são amplamente encontrados na África Central. São intimamente dependentes de áreas úmidas de vegetação de pântano. São raramente encontrados na água durante a estação seca. Os pukus deixam as planícies de

inundação quando o nível da água aumenta e mudam-se para habitats densamente vegetados em terrenos elevados.

**Países nativos:** Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Malawi, Tanzânia e Zâmbia. A presença da espécie é incerta na Namíbia e no Zimbábue

Atestamos nas línguas duas protoformas para denominar o antílope em questão: \*-cèbùdà e °-cìdà. Dentre elas, apenas uma foi sugerida pelo BLR (2003).

#### 1.5.5.1. O tema \*-cèbùdà 8895 (5) (cl. 9)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseada em reflexos atestados em algumas línguas das zonas L M.

L35	kisanga	-sebula, nsebula HHH	1n	esp. d'antílope cob de vardon ( <i>Adenota vardoni</i> )	Coupez 1976:88
M42	icibemba	nsebula	1n	puku ( <i>Kobus vardoni</i> )	Frank Willems, Kasanka 2011

A pesquisa atualizou os reflexos do tema em outras línguas da zona L M e estendeu a distribuição do tema na zona N.

L33	kiluba	nsewula	<u>9</u>	<i>Kobus vardonnii</i>	Biodiversité au katanga
L34	hemba	sébula		antílope	Vandermeiren 1913:318
L41	kaonde	nsebula (ba-nsebula)	<u>9/2+9</u>	puku	Broughall 1924:217/129
M402	aushi	insevula	<u>9</u>	<i>Kobus vardonnii</i>	Biodiversité au katanga
M41	kitabwa	sebula		antílope roux foncé	Van Acker 1907:85

M42	icibemba	in-sebula	<u>9</u>	antelope puku	Mann 1995
M52	lala	inansebula	<u>9</u>	<i>Kobus vardonnii</i> , femelle	Biodiversité au katanga
M54	lamba	insewula	<u>9</u>	puku	Doke 1933:93
N31a	nyanja	nseula	<u>9</u>	puku ( <i>Kobus vardoni</i> )	Ansell 1978:59

No BLR (2003) o tema limita-se a denominar ‘espécie de antílope’.

Baseado nos sentidos atestados sugerimos ao tema o sentido, espécie de antílope ‘puku<sup>123</sup>: *Kobus vardoni*. Em lala (M52) a diferenciação entre os gêneros das espécies é feita pelos falantes através da adição de um morfema ‘na-’ anteposto ao radical do tema. (cf. Outros casos em °-peba 1.7.1.4. ).

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva palatal surda, às vezes, com a combinação da (N-), prefixo de classe 9, por exemplo, em kaonde (L41), em icibemba (M42) e em lamba (M54).

A C<sub>2</sub> provém de uma consoante oclusiva bilabial sonora. Em nyanja (N31a), a perda da C<sub>2</sub>, é regular (\*b > ø) (cf. Guthrie, 1967-1970: 57, vl.2).

A C<sub>2</sub> em aushi (M402) é irregular de acordo com os reflexos do grupo, pois ambas as línguas são de 5 vogais, porém atestamos apenas em aushi o processo regular de espirantização.

A C<sub>3</sub> provém de uma consoante oclusiva alveolar sonora.

O BLR (2003) propôs para o tema V<sub>1</sub> de terceiro grau de abertura. Em posição de V<sub>2</sub> o tema foi reconstruído com uma vogal de segundo grau (sem espirantização). A V<sub>3</sub> foi reconstruída como uma vogal central não arredondada.

<sup>123</sup> Nome de origem africana atestado também nas línguas europeias.

O BLR propôs para o tema, classe nominal 9. No entanto, atestamos também outras classes nominais, sem mudanças semânticas: classe 1n em kisanga (L35) e em icibemba (M42), e classe 9/2+9 em kaonde (L41).

A proposta tonal inteiramente \*BBB é baseada provavelmente no reflexo tonal atestado em kisanga (L35) (cf. Tons do Tema °-bíndí).

Sendo assim, concordamos com o padrão tonal proposto pelo BLR.

#### 1.5.5.2. O tema °-cìdà (cl. 9)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas K L M.

K11	chokwe	chila		large antelope	Mac Jannet, Malcolm Brooks 1949:3/10
K14	luvale	chila		puku ( <i>Kobus vardoni</i> )	Ansell 1978:59
L52	lunda-ndembu	nchila	<u>9</u>	puku	White 1943:35
L52	lunda-ndembu	nchila pl. anchila	<u>9/2+9</u>	puku	Kaumba Kawasha 2003:82
M54	lamba	ciwucila (wa-) w[v]	<u>1/2</u>	roan antelope	Doke 1933:99

O tema denomina antílope ‘puku: *Kobus vardoni*’, exceto em lamba (M54), onde atestamos um substantivo com mudanças semânticas e de classes nominais.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva palatal surda, por exemplo, em luvale (K14), onde \*c, \*nc > s (i) > ʃ. Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar sonora.

Propomos para o tema em posição de  $V_1$  uma vogal de segundo grau de abertura. Em posição de  $V_2$  sugerimos para o tema uma vogal central não arredondada.

Sugerimos para o tema, classe nominal 9, exceto, em lamba (M54), onde atestamos o emparelhamento de classe 1/2. O morfema (ci-) anteposto ao prefixo de classe (wû-) em lamba (M54) é um pré-prefixo. O emparelhamento de classe 1/2 em lamba (M54), assim como na maioria das línguas bantu é usada para designar pessoas, porém também é aplicado para denominar alguns animais personificados (cf. Doke 1938:51-58).

Apesar dos dados tonais serem poucos confiáveis baseado nos reflexos tonais BB atestado em lunda-ndembu (L52) sugerimos para o tema um padrão tonal inteiramente \*BB:

‘nzovu’ cl. 1/2 ‘elephant’ (Kaumba Kawasha 2003:75) < \*jògù 1607 (1).

Em poke (C53) atestamos um tema composto para denominar o antílope ‘Cobe de Buffon: *Kobus kob*’. A segunda parte do composto < \*-bùdì (cf. tema de item 1.6.4.1. ). No entanto, as motivações semânticas de formação do composto seguem problemáticas.

---

C53	poke	iyéngé mbuli	cobe de Buffon	Thomas	Mombaya	2015:165
-----	------	--------------	----------------	--------	---------	----------

---

Na zona L M atestamos ainda um tema composto para denominar possivelmente a espécie ‘macho de puku’. Até o momento não identificamos os temas separadamente nem suas possíveis motivações semânticas.

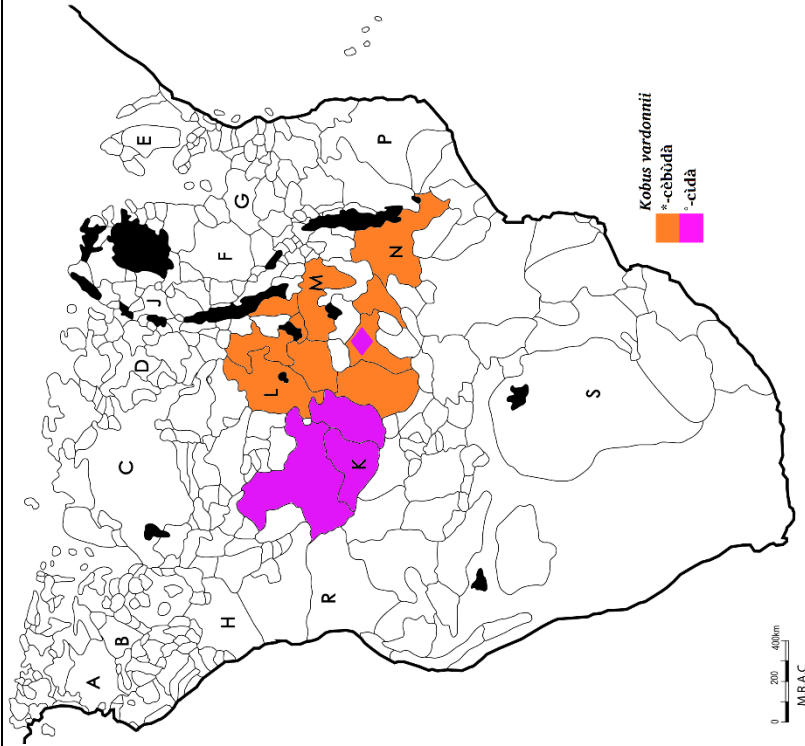
---

L35	kisanga	mpolokoso	9/10	genre d'antilope	Missions bénédictines	Abbaye de Saint-André-lez- Bruges.
					1950:127	

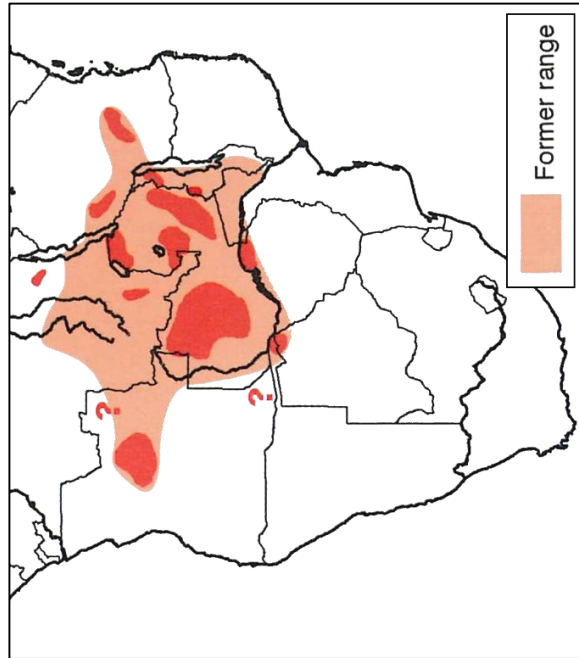
---

M42	icibemba	im-polokoso		bull puku	Mann	1995
-----	----------	-------------	--	-----------	------	------

---



Mapa 56: Temas *Kobus vardoni*



Mapa 55: Hábitat *Kobus vardoni*

## **1.6. Subfamília Bovinae**

A subfamília bovinæ engloba mais de 10 gêneros de ungulados de grande e médio porte, tais como, o gênero *Tragelaphus* que incluem (bushbuck, sitatunga, kudu, bongo) o gênero *Taurotragus* (eland), além de outros bóvidos que não fazem parte do estudo desta tese, como o búfalo e alguns mamíferos domésticos.

### **1.6.1. *Tragelaphus scriptus***

**Descrição:** antílope de tamanho médio com uma grande variação de cor e padronização de acordo com a região geográfica. As fêmeas e os jovens são especialmente de cor vermelha e os machos ficam mais escuros com a maturidade e a idade sexual. A espécie tem o corpo grosso e a cabeça estreita. Tem uma crista dorsal de pelos mais claros está presente na parte de trás. O lado de baixo é branco com manchas brancas no rosto e nas orelhas. As pernas são longas e finas, com fechos brancos acima dos cascos pretos. Os quartos traseiros são mais desenvolvidos que os quartos dianteiros. O dorso é arredondado devido aos membros anteriores serem mais curtos. Os chifres são presentes apenas nos machos, medem cerca de 25-50 e tem uma torção em espiral, podem ser retos e ligeiramente dobrados.

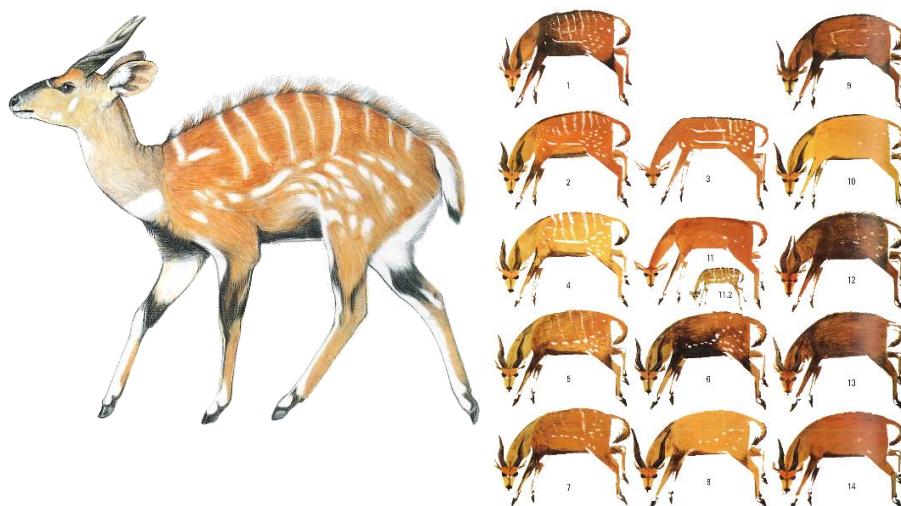


Figura 26: *Tragelaphus scriptus* (à esquerda) /  
*Tragelaphus scriptus* polimorfismo (à direita)

**Hábitat:** os *Tragelaphus scriptus* vivem em uma ampla variedade de habitats em toda a África, ao sul do Saara e em florestas da África oriental. São ausentes apenas em regiões áridas e semiáridas.

**Países nativos:** Angola, Benin, Botsuana, Burkina Faso, Burundi, Camarões, República Centro-Africana, Chade, Congo, República Democrática do Congo, Costa do Marfim, Guiné Equatorial, Suazilândia, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Quênia, Libéria, Malawi, Mali, Mauritânia, Moçambique, Namíbia, Níger, Nigéria, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Somália, África do Sul, Sudão do Sul, Sudão, Tanzânia, Uganda, Zâmbia Zimbábue. Possivelmente extinto no Lesoto.

**Literatura oral:** nas comunidades mbuun, mpiin e hungan, esse animal é considerado totem do clã busó. O antílope representa um personagem pacificador por causa da sua forte capacidade de escutar quando os cães estão caçando. (cf. Koni Muluwa 2016:432). Nas comunidades bakuba (kasai ocidental) o guib harnaché (*Tragelaphus scriptus*), assim como outros animais



(carnívoros) pintados, manchados e/ou listrados como, por exemplo, o leopardo e o gato dourado, são vistos como símbolos de poder e de prestígio. São animais reservados aos reis e aos notáveis. A pele desses animais são geralmente utilizados para ornamentar adornos e penteados de cerimônias, trajes, máscaras, etc. O ‘guib harnaché’ é também conhecido pelos bakuba como um antílope que assombra especialmente as bordas das florestas sendo supostamente o veículo de comunicação entre os espíritos da floresta e da savana. (Baeke 2007:341-343).

No domínio bantu revelamos dez (10) reconstruções virtuais (várias formas com osculâncias), para denominar a espécie de *Tragelaphus scriptus*: \*-bàbàdá, \*-páádá, \*-gùdùngù, \*-kùdùngù, \*-gabe, \*-gabi, \*-kókó, \*-pòngó, °-pato e °-bangu. Dentre elas, oito (8) são provenientes do BLR (2003).

#### 1.6.1.1. Os temas \*-bàbàdá 13 (5) (cl. 9/10, 9/6)/°-bàdá (cl. 9/10)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) atestada na parte oriental e ocidental do domínio bantu. O BLR (2003) atestou reflexos do tema em línguas da zona G N P S.

G42	kiswahili	mbawala	9/10	antelope, bushbuck	Johnson 1950:23/267
N31c	manganja	m-baβala	9/10	bushbuck	Guthrie 1967-1970
N44	chisena	mbauala (am-zi-)	9 /10	antílope	Albano 1939:16/144
P21	ciyao	nbaŵala/n ŵ [v]	9/10	gazela	Viana 1961:4/155
S21	tshivenda	mbàvhàlá	9	<i>Tragelaphus sylvaticus</i>	Van Warmelo 1937:150/331
S30	sotho	pabala, pl. di-	9/10	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Olivier 2005

S33	southern sotho	pabalá, pl. (di-)	9/10	impala	Du Plessis <i>et alii</i> s.d.:80.
S41	isixhosa	í-mbàbàlá	9/10	<i>Tragelaphus scriptus</i> (femelle)	Mini B.M, 2003:295
S42	isizulu	imbabala	9/10	bushbuck	Doke, Malcolm & Sikakana 1958:54

A pesquisa atualizou a distribuição do tema em outras línguas das zonas G N P S e estendeu a distribuição do tema nas línguas das zonas F J M R.

F12	bende	mbábhálá	9/10	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Abe 2006:57/109
F33	rangi	mbavala	9/10	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Swynnerton 1946:35
G40G	kingwana	mbawala	9/10	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Bancel 1986/1987:44
G403	kimwani	mbawáala	9/10	antelope	Devos 2016 <sup>124</sup>
G42d	kiunguja	mbawala	9/10	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Swynnerton 1946:34
JD53	mashi	-bàbàlè	9/10	bushbuck?	Polak 1978:18/82
M301	ndali	mbabala		small gazelle	N & P 1975
M31	nyakyusa	imbabala	9/10	antelope	Felberg 1996:140/43
M54	lamba	imbawala	<u>9/10</u>	bushbuck	Madan 1908:92
M61	lenje	mu-babala	<u>1/2</u>	bush-buck	Torrend 1967:83
M63	ila	shichibabala pl. ba-	<u>1a/2</u>	bushbuck	Smith 1907:262
M63	ila	sicibabala	<u>1a/2</u>	bushbuck: <i>Tragelaphus scriptus</i>	Fowler 1860-1960:612

<sup>124</sup> Comunicação pessoal.

M64	tonga	im-babala	9/10	bush-buck	Torrend 1967:83
N121	ngoni	mbavala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
N13	matengo	mbabâla- mbabâla	9/10	bushbuck	Yoneda 2006:29
N31a	nyanja	mbawala (mu-/a-)	1/2	bush-buck	Price s.d:10
N42	kunda	mbawala	<u>9</u>	bushbuck, <i>Tragelaphus scriptus</i>	Ansell 1978:54
N44	chisena	mbawala	9	buschbock	Guthrie 1967-1970
P21	ciyao	N-bavala LLH	9	bushbuck.	Ngunga 2001
P22	mwera	mbawala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
P22	mwera	mbawala	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
P23	makonde	imbavala	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
P231	makwe	mbawáala pl. (ma-)	9/6	bushbuck	Devos 2016 <sup>125</sup>
P311	ekoti	pawala	9/10	antelope sp.	Schadeberg & Mucanheia 2000:231/238
P312	shangaji	mbawáala	9/10	bushbuck	Devos 2016 <sup>126</sup>
S16B	nambya	imbabala (i/i)	9/10	busbuck	Moreno 1988:45/125
S43	siswati	í-mbabadá pl. (ti-)	9/10	bushbuck	Rycroft 1981:61

<sup>125</sup> Comunicação pessoal.

<sup>126</sup> Comunicação pessoal.

S53	tsonga	mbávàlá	9	<i>Tragelaphus scriptus sylvaticus</i>	Cuénod 1976:100
S62	gitonga	mbabala pl. ji-	9/10	bushbuck	Lanham 1955:49

O tema foi reconstruído pelo BLR com o sentido de ‘antilope bushbuk’. Acrescentamos ao tema uma distribuição linguística significativa, o que permitiu refinar o sentido inicial do tema, assim como mostrar alguns problemas semânticos.

Em kiswahili (G42) segundo descrição dos autores o tema denomina: ‘*femelle de l’antilope kulūngu (ou kūngu) bushbuck Tragelaphus sylvaticus* (cf. Sacleux, 1939-1941:522); e ainda, ‘*mbala, mbaa, parfois usado à la place de mbawala, antilope, la femelle (?) du kulungu*’ (Lenselaer 1983:288).

Em isixhosa (S41) o tema denomina também ‘*femelle de Tragelaphus scriptus*’. Em sotho sul (S33) o tema designa ‘impala’.

Os problemas de polissemia atestados para o tema \*-bàbàdá, poderiam ser explicados por fatores como, alterações de sentido, erro de identificação e/ou empréstimos. Contudo, baseado no sentido revelado na maioria das línguas, propomos para o tema o sentido ‘*Tragelaphus scriptus sylvaticus ssp*<sup>127</sup>’ com ênfase de que em swahili (G42) e em isixhosa (S41), o tema faz parte provavelmente de um tipo de caracterização local e denomina a fêmea de ‘bushbuck’.

Em quase todas as línguas analisadas a C<sub>1</sub> permanece estável e provém de \*b e/ou de (\*m + b > mb), ao passo que a C<sub>2</sub> é suscetível a sofrer alguns processos fonológicos.

<sup>127</sup> Nomes científicos atualizados de acordo com o ‘*International Union for Conservation of Nature (IUCN)*’ <http://www.iucnredlist.org/details/22051/0>

Em posição de  $C_2$  os fonemas realizam-se como /b, bh, v, vh,  $\beta$ , w/ e apresentam em quase todos os casos, um tipo de reduplicação parcial da  $C_1$ . Na maioria dos casos a reduplicação realiza-se apenas do ponto de vista fonológico, ou seja, \*b > /w, bh, v,  $\beta$ /, vejamos os exemplos:

G40G kingwana ‘mbawala’ *Tragelaphus scriptus*. (Bancel 1986-1987: 44).

F12 bende ‘mbábhálá’ cl. 9/10 ‘*Tragelaphus scriptus*’ (Abe 2006: 57/109)

N31c manganja ‘m-baβala’ cl. 9/19 ‘bushbuck’ Guthrie 1967-1970).

S53 tsonga ‘mbávàlá’ ‘*Tragelaphus scriptus sylvaticus*’ (Cuénod 1978:16)

Evidenciamos casos de reflexos que apresentam uma diferenciação na realização da  $C_1$  e  $C_2$ , motivadas pelo efeito da pré-nasalização de  $C_1$  em contato com o prefixo nominal de classe 9/10, onde \*m + \*b > p’, por exemplo:

‘p’abalá’ *Tragelaphus scriptus* (Olivier 2005).

Em posição de  $C_3$  os fonemas realizam-se em quase todos os casos como uma consoante lateral, exceto em sisiwati (S43) onde atestamos reflexo direto de \*d.

As vogais  $V_1$ ,  $V_2$  e  $V_3$  do tema foram reconstruídas pelo BLR (2003) como uma vogal central não arredondada. Atestamos apenas um caso de alteração da vogal final em shi (JD53) onde /e/ < \*a. A alteração vocálica é regular e o segundo o autor as vogais finais de temas nominais em shi podem ser modificadas. (cf. Polak 1978:12).

O BLR (2003) sugeriu para o tema o emparelhamento de classe nominal 9/10. Concordamos com as propostas de classes nominais e colocamos em evidência outros emparelhamentos, vejamos:

412

Em lunda-ndembu (L52) atestamos classe nominal 9/2, em makwe (P23) classe nominal 9/6 e em nyanja (N31a) classe 1/2. Nas línguas do grupo botatwe (M60) para a explicação da palavra 'sici'. (cf. Tema \*-kudo 4684)

O BLR (2003) propôs para o tema um padrão \*B(B)A. Em algumas línguas atestamos reflexos direto e exclusivo desse padrão, por exemplo, tshivenda (S21), siswati (S43) e em mbungwe (F34):

Em S21 tshivenda BA < \*BA (cf. Tons tema °-pítú).

Em siswati (S43) 'ím-ḡubú 'hippopotamus' (Rycroft 1981:106) < \*gùbú 1532 (1)

Em mbungwe (F34) 'babá' father cl. 1a (Mous, 2004: 58) < \*bààbá 12 (3)

Mas em algumas línguas, os reflexos remontam ao padrão tonal \*BA apenas através de um jogo tonal em posição de S<sub>1</sub> e S<sub>2</sub>, é o caso, por exemplo, em:

Em bende (F12) o tom (A) da S<sub>1</sub> pode remontar também a \*B e o tom (A) da S<sub>2</sub> remonta a \*A:

'nsófú' elephant (Abe 2006:115) < \*jògù 1607 (1)

'mbóghó' buffalo (Abe 2006: 109) < \*bògó 258 (3)

Em kiholu (L12) o reflexo tonal AB remonta a todos os padrões tonais (cf. Tons do tema \*-júmbì 9132).

Em ciyao (P21) o reflexo tonal B (B)A remonta a um padrão \*AB:

'sòní' LH shame cl. 10 (Ngunga 2001) < \*cónì 664 (1)

No entanto, em ciyao (P21) ao menos a S<sub>1</sub> poderia remontar também a um padrão \*B, por exemplo:

'N-gòmà' LL drum cl. 9 (Ngunga 2001) < \*gòmà 1429 (1)

Em tsonga (S53), o tom (A) da S<sub>2</sub> pode remontar também a um tom (A).

S53 tsonga ngòtí ‘string’ (Cuénod 1976:128) < \*gòdí 1417 (1)

Apesar dos problemas tonais da S<sub>2</sub> em ciyao (P21), concordamos com o padrão do tema \*B(B)A proposto pelo BLR (2003).

A pesquisa coloca em evidência um tema simples °-bàdá, atestado em algumas línguas da zona (B C E F G K L M P). O tema não apresenta mudanças semânticas nem de classes nominais, em relação ao tema reduplicado.

B85	yans	mbaa	9/10	gazelle	Swartenbroeckx 1948:58
C34	sakata	mbal (ə)	9/10	espèce d'antilope	De Witte 1955:82
C34	sakata	mba	9/10	espèce d'antilope	De Witte 1955:82
C34	sakata	mbaa*	9/10	espèce d'antilope	De Witte 1955:82
E741	sagala	mbala <sup>128</sup>	9/10	kind of antelope	Guthrie 1967-1970
F34	mbugwe	mbwalá lh	<u>9</u>	duiker, gazelle	Mous 2004:46/58
F34	mbugwe	mbwalá yá iválale	<u>9</u>	gazelle sp.	Mous 2004:46
G11	gogo	mbala	9/10	buschbock	Claus 1911:66/71
G11	gogo	mbaala	9/10	bushbuck <i>Tragelaphus scriptus</i>	Swynnerton 1946:35
G301	doe	mbhala	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975

<sup>128</sup>A entrada atestada em sagala (E741) até o presente segue como um reflexo ambíguo. Pois, em sagala a C<sub>1</sub>/mb/ remonta tanto a \*mb quanto a \*mp. Sendo assim, devido à falta de reflexos tonais o tema poderia remontar tanto a °-bàdá quanto ao tema \*-pàdá 2355 (discutido no item 1.3.1.1. ).

G31	zigula	mbala	9/10	gazelle	Kisbey 1906:61/80
G34	ngulu	mbala <sup>129</sup>	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
G35	luguru	mbala	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
G42	kiswahili	mbala	9/10	<i>Tragelaphus sylvaticus</i>	Sacleux 1949:36
K11	chokwe	mbala	9/10	antelope	Mac Jannet, Malcolm 1949:3
K14	luvale	mbala pl. (va-)	9/10	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Horton 1953:181
K14	luvale	mbaala	<u>9</u>	bushbuck, <i>Tragelaphus scriptus</i>	Ansell 1978:54
L12	kiholu	mbáála	9/10	antelope harnachée	Daeleman 2003:46/62
L52	lunda-ndembu	mbála pl. (ambála)	9/2	bushbuck	Kaumba Kawasha 2003:82
L52	lunda-ndembu	mbaala	9/2	<i>bushbuck</i>	Fisher 1963:35
M15	mambwe	mbala	<u>9</u>	bushbuck	Halemba 1995

Do ponto de vista segmental, identificamos que em algumas línguas a estrutura dissilábica do tema (CVCV) resulta em estruturas silábicas (CVC, CVV ou CV), por exemplo, em yans (B85) e em sakata (C34). Essa evolução estrutural é regular e bastante recorrente, sobretudo, nas línguas faladas na parte Noroeste do domínio bantu:

<sup>129</sup>Os informantes do ngulu (G34) e do luguru (G35) parecem não entender a distinção na escrita de /mb/ e /mp<sup>h</sup>/ mesmo se a distinção existe nas línguas. Sendo assim, nas duas línguas, assim como, em sagala (E741), os reflexos podem remontar também a \*-pàdá 2355 (4). Devido à ausência de tons agrupamos os reflexos das línguas com às duas formas.



C34 sakata ‘ngom (o)’ ‘tambour’ (De Witte 1955:129) < \*gòmà 1429 (1)

B85 yans ‘mbui’ ‘antilope des marais’ (Swartenbroeckx 1948: 83) < \*bùdì 370 (5)

C34 sakata ‘nzo’ elephant (De Witte 1955:114) < \*jògù 1606 (5).

Em kiholu (L12) e em lunda-ndembu (L52) o alongamento vocálico em posição de  $V_1$  é pertinente (cf. Guthrie 1967-1970, Vl.1. p. 68). Enquanto em algumas línguas como, por exemplo, em sagala (E741), em chockwe (K11), em luvale (K14), em gogo (G11) e nas línguas do grupo G30, a ausência do alongamento vocálico justifica-se pela perda de distinção entre vogais longas e breves (\*VV/V > V). (cf. Guthrie 1967-1970, vl. 1).

Referente à estrutura segmental do tema, partindo do princípio que o padrão silábico mais frequente do \*PB é dissilábico e que atestamos em algumas línguas um tema simples (mbala), acreditamos que:

- Em algumas línguas o tema simples se manteve, às vezes com alongamento vocálico da  $V_1$ , por exemplo, em yans (B85), sakata (C34), sagala (E741), doe (G301), zigula (G31), ngulu (G34), luguru (G35), chokwe (K11)<sup>130</sup> e luvale (K14);
- Em outras (tanto na parte oeste quanto leste do bantu), o tema simples se disseminou, majoritariamente, com reduplicação parcial da primeira sílaba, e quase nunca da segunda, visto que atestamos apenas em silozi<sup>131</sup> (K21), caso

---

<sup>130</sup> O substantivo atestado em chokwe (K11) é aparentemente um empréstimo da língua luvale (K14) (cf. Barbosa 1989:308).

<sup>131</sup> Língua conhecida por sua hibridade e semelhanças linguísticas com as línguas do grupo sotho (S30). (Cf. Gowlett 1989:127), exemplifica que: ‘...*However, it is a particular feature of the Lozi language that it is a child of two parents, Sotho and Luyana (also known Luyi). It’s one inheritance it owes to the kololo, a Sotho group under the*

de reduplicação parcial da (S<sub>2</sub><sup>132</sup>): ‘mbalala’ black lechwe/bushbuck (O’sullivan 1993:10).

Essa evolução justificaria, por exemplo, a atestação em kiswahili (G42) de duas (2) formas, com e sem reduplicação, sem mudança semântica:

G42 kiswahili ‘mbawala’ cl. 9/10 ‘bushbuck’ (Johnson 1950: 23/267)

G42 kiswahili ‘mbala’ cl. 9/10 ‘*Tragelaphus sylvaticus*’ (Sacleux 1949: 36).

Quanto à origem dos temas discutidos (\*-bàbàdá/°-bàdá), acreditamos na possibilidade de uma relação segmental e semântica com duas protoformas reconstruídas pelo BLR (2003): < da protoforma \*-bàdá 28 (4) atestada em muitas línguas das zonas (A E F G J K L M N P R S) com sentido de ‘manchas, cor, ferida’. Sacleux (1939-1941:522) enfatiza essa relação em kiswahili (G42) onde descreve: ‘*Tragelaphus sylvaticus*’ *sa robe est fauve avec taches (mawaa d’où le nom) blanchâtres*’.

O conflito tonal atestado entre os temas nominais não é visto como uma barreira absoluta para se estabelecer um possível vínculo, visto que, o fenômeno de reduplicação poderia influenciar os padrões tonais do tema de base. Ngunga (2004:183) ressalva que “*ao nível suprasegmental quer o padrão tonal, quer o lugar do acento podem mudar da forma não reduplicada para a forma reduplicada*”. Sendo assim, existem casos de reduplicação total até mesmo dos tons, mas também casos que a reduplicação é capaz de alterar os padrões tonais das formas de base, por exemplo:

---

*leadership of Sebitwane whose warriors left Lesotho, ultimately to conquer the Luyi in the area of the flood plains of the Zambezi River...’*

<sup>132</sup> Fora do bantu, em 1A1 foulfouldé, atestamos um caso curioso de reduplicação fonológica da segunda sílaba: ‘padala’ ‘*Redunca redunca*’ (cf. Parietti s.d. 25), porém acreditamos que a forma não estabeleça nenhuma relação com o tema \*bàbàdá.

Em thimbukushu (K333) ‘diraghoragho’ cl. 5/6 ‘plant with edible bulb (Legère & Munganda 2004:61) < \*dàgò 9322(5), BBBB < \*BB

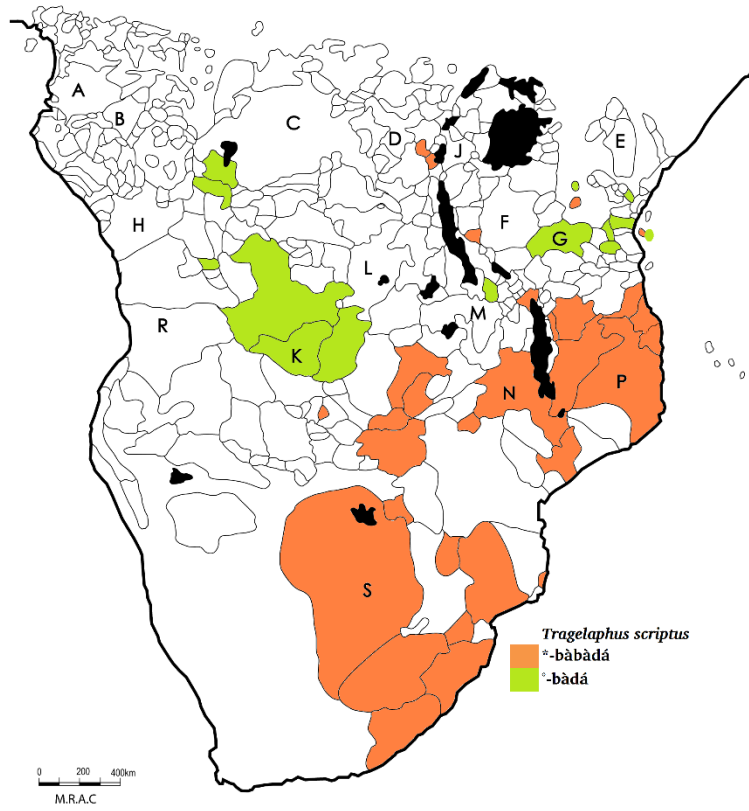
Em pove (B305) ‘ngubúngùbù’ ‘hippo’ (Van der Veen 1986: 24) < \*gùbú 1533 (4) BABB < \*BA

Em holoholo (D28) ‘lembélémbé’ cl. 7/8 ‘espèce d’arbre’ (Coupez 1955:147) < \*démbé 7551 (5) BAAB < \*AA.

A relação entre os temas justifica-se pela cor da pelagem do bushbuck: *Tragelaphus scriptus sylvaticus*’ que se caracteriza por ter ‘manchas e/ou pintas brancas na pele’.

Acreditamos que ambas as formas poderiam estabelecer um vínculo direto e/ou indireto com o verbo não reconstruído pelo BLR (porém, atestado nos reflexos da biblioteca Lolemi) °-bádad- ‘être tacheté, moucheté’.

O tema poderia estabelecer também um vínculo semântico com a protoforma \*-bàdá 9672 (4) atestado em línguas das zonas D J com o sentido de ‘forêt’. Essa relação semântica ‘floresta, animal, carne’ é bem comum em bantu. (cf. Outros casos no tema °°-cégé, subitem 1.1.6.2. ).



Mapa 57: \*-bàbàdá/°-bàdá

### 1.6.1.2. O tema \*-páádá 2357 (5) (cl. 3/4, 9/10, 9/6)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados na parte central e sudeste da região bantu, precisamente em línguas das zonas L P.

L52	lunda-ndembu	muhaala	1a, 3/4	antelope	Guthrie 1967-1970
P22	mwera	mbāla, pl. mapāla [mbaala]	9/6	gazelle	Harries 1950:30 <sup>133</sup>
P25	mabiha	imaala/ dimaala	9/10	gazelle	Harries 1940:103

A pesquisa atualizou a distribuição linguística do tema em outras línguas das zonas L P.

L31a	tshiluba	múpaala/ mípaala	3/4	antelope sp.	Yukawa 1992:26
P34	cuwabo	báâla	9a/10a	gazelle	Guérois 2015:163

O tema têm variações de classes nominais e limita-se a denominar ‘espécie de antílope’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial surda, às vezes, com integração do prefixo de classe 9/10. Em lunda-ndembu (L52) o fonema /h/ remonta a \*p. Em mwera (P22), atestamos o fenômeno de sonorização da C<sub>1</sub>, que resulta do contato da pré-nasalização com a consoante oclusiva bilabial surda, ou seja, (\*N + p > mb). A regularidade desse processo é exemplificada no exemplo abaixo:

mbula pl. mapula 9/6 ‘nose’ < \*pùdà ‘nose’ 2629 (4) (Harries 1950:30).

<sup>133</sup> ā = vowel long (cf. Harries 1950: 2)

420

Em mabiha (P25) atestamos o processo de nasalização plena da C<sub>1</sub>, (\*N + p > m), essa regularidade é atestada na palavra seguinte:

‘imula’ nose (N & P 1975) < \*pùdà 2629 (4).

Em posição de C<sub>2</sub> em todos os casos os fonemas realizam-se como uma fricativa lateral que remonta a \*d.

Quanto as vogais, o alongamento vocálico da V<sub>1</sub> é pertinente nas línguas atestadas o que justifica uma proposta de tema com V<sub>1</sub> longa.

O emparelhamento das classes é às vezes diferente dos pares habituais 9/10, por exemplo, classe nominal 3/4 em tshiluba (L31a), classes nominais 1a, 3/4 e 9/2 em lunda-ndembu (L52) e classe nominal 9/6 em mwera (P22).

Concordamos com o BLR que propôs para o tema padrão tonal inteiramente \*A, provavelmente baseado nos reflexos tonais atestados em luba (L31a), reflexos contrários ao PB.

**1.6.1.3. Os temas \*-gùdòngù 4587 (5)/\*-kùdòngù 4692 (5) (cl. 9/10, 12/13) > °-gùdòngù/\*-kùdòngù**

O BLR (2003) coloca em evidência dos temas que apresentam osculâncias e que se diferem apenas quanto à origem diacrônica da C<sub>1</sub>.

De acordo com o BLR (2003) o tema \*-gùdòngù originou-se de reflexos atestados em algumas línguas das zonas H K L. Entretanto, não atestamos contribuição do BLR em línguas da zona K.

H16	kikongo	ngulungu	<u>9</u>	esp. antilope	Laman 1936:694
H41	mbala	-gulungu B	<u>1n/2n</u>	antilope	Malasi & Ndolo 1972:64
H41	mbala	wùlungu	<u>1n/2n</u>	antilope sp.	Malasi & Ndolo 1972:53

L31a	tshiluba	ngulunggù	<u>9</u>	antilope harnachée	De Clercq & Willems Emile 1960:233
L35	kisanga	ngulungù HHB	<u>1n</u>	antilope sp, dite antilope harnachée ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Coupez 1976:10

A pesquisa atualizou a distribuição do tema \*-gùdòngù em outras línguas das zonas H L assim como, em algumas línguas das zonas A C D E K M R S.

A15	manenguba	ngòlón	9/10	antelope	Hedinger 1987:207
A24	duala	ngòlón	9	<i>Tragelaphus scriptus</i> , l'antilope harnachée.	Ittmann 1976:451
A42	bankon	ngolón	9/10	antilope	Spellenberg 1922:160/152
A43a	basaa	ngòlón	<u>9</u>	bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Blench and Martin, Marieke 2009:1
C30B	lingala	ngolongo	<u>9</u>	antilope (esp.)	Everbroeck 1985:214/150
C41	ngombe	ngolongó	9/10	grote antiloop; antilope sp.	Rood 1958:341
C41E	ngombe losombo	ngolongo	<u>9</u>	situtunga <i>Limnotragus spekei</i>	Herroelen 1959
E54	tharaka	ngurungu		bushbock	Lindblom 1914:43

D28	holoholo	ngulungu, pl. (bangulungu)	<u>9/2 + 9</u>	<i>Tragelaphus gratus</i> <sup>134</sup>	Schmitz 1912:307/374
H10A	kituba	ngùlúngu, pl. (ba-)	<u>9/2</u>	grand antilope	Fehderau 1992:189/291
H16d	fiote	ngulungu nkabi pl. (zi-)	9/10	antilope de la plaine	Derouet 1896:31
H21a	kimbundu	ngulungu	<u>9</u>	antílope	Da Silva Maia 1994:39
H21a	kimbundu	ngulungu, ji-	<u>9/10</u>	antelope	Chatelain & Summers 1894:214
H34	mbangala	ngulungu, ji-	<u>9/10</u>	antelope	Chatelain & Summers 1894:214
K11	chokwe	ngulungu <sup>135</sup>	<u>9</u>	antelope	Mac Jannet, Malcolm Brooks 1949:3/25
K12b	ngangela	ngulúungu	<u>9</u>	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Maniacky 2002:351
K14	luvale	ngulungu, vagulungu	<u>9/2</u>	kasavi for 'mbala'	Horton 1953:223
K333	thimbukushu	ngurungu	<u>9</u>	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Legère, Karsten & Munganda Robert 2004:131

<sup>134</sup> Leia-se *Tragelaphus spekeii gratus*, uma variedade de sitatunga.

<sup>135</sup> Nas comunidades chokwe (K11) o chifre do animal serve de para a fabricação de ventosas, instrumento utilizado em práticas cirúrgicas e medicinais. (Dos Santos 1960:79). No ritual de circuncisão das comunidades chokwe (K11), a carne de 'ngulungu' assim como do 'kongo', são interditas de serem consumidas pelos circuncisados, isso por causa da sua carne vermelha que faz recordar as plumas de cor vermelhas usadas pelo 'nganga-mukanda' (grande mestre da cerimônia da circuncisão). (Borgonjon 1962:108).



L11	giphende	ngulungu pl.(zi-) HLH	9/10	antilope- cheval (sp.)	Gusimana 1972:153
L12	kiholu	ngúlúngu	9/10	antilope harnachée	Daeleman 2003:49/62
L21	kete	ongúlúngu	<u>9</u>	antilope	Mbuyi, Kabandanyi 1972:5
L21	kete	-gúrúng	1n (mu)	antilope	Kamba Muzenga 1994:125
L22	mbagani	gùlùngú	1/9, 2	antilope	Tshibola 1985:185
L22	mbagani	-gùlúngú		antilope	Tshibola 1985:80
L221	lwalwa	°-ηjulu:ηú pl. (baaηηjulu:ηú)	1n/2n	antilope	Ndembe-Nsasi 1972:79/86
L23	songe	ngulungu	<u>9</u>	antilope	Chatelain & Summers 1894:215
L23	songe	ngulungú	<u>9</u>	antiloop	Stappers 1964:160
L23	songe	ngulungu	<u>9</u>	espèces d'antilope	Samain 1923:40
L23	songe	ngùlùngù	<u>9</u>	l'antilope (naine?)	Stappers 1984:29
L31a	tshiluba	ngúlúungu /ngúlúungu	9/10	antelope sp.	Yukawa 1992:26
L31a	tshiluba	ngulúngu	<u>9</u>	antilope	De Clercq 1937:14/187
L31b	lulua	ngulungu	<u>9</u>	antilope	De Clercq 1897:72
L31b	luluwa (lange)	ngulungu	<u>9</u>	antilope	Chatelain & Summers 1894:215

L32	kanyòk	ngulung' pl. (=) or /bangulung'/	<u>9/10</u> <u>9/2 + 9</u>	guib harnaché <i>Tragelaphus scriptus ornatus</i>	Mukash 2012:627
L33	kiluba	ngúlúngu <sup>136</sup> (ban-) [ŋgũlũ.ŋgu]	<u>9/2 + 9</u>	antilope (harnachée, rayée)	Gillis 1981:24
L33	kiluba	ngulungu <sup>137</sup> ban	<u>9</u>	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Avermaet & Benoît Mbuyà 1954:437
L34	hemba	ngúlúngu	9/10	antilope	Mpunga wa Ilunga 1972:49
L41	kaonde	ngurungu (ba-)	<u>9/2</u>	bush-buck	Broughall 1924:190/125
L51	salampasu	ngúlungu	<u>9</u>	antilope harnachée	Guillot (s.d)
L52	lunda- ndembu	ngurungu	<u>9</u>	antilope	Chatelain, & Summers 1894:215
L53	ruund	ngúrú:ng pl. (à:-)	<u>9/2</u> , <u>9/6</u>	<i>Tragelaphus scriptus ornatus</i>	Hoover 1975:N-6
M41	kitabwa	ngulungu	<u>9</u>	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Biodiversité au katanga

<sup>136</sup> Yumba Musoya Banza (2013:159/233) cita em, kiluba (L33), dois substantivos compostos a partir do tema \*-gùdòngù. Vejamos: 'ngúlúngu múshípá' que denomina 'l'antilope rayée-poisson' e 'kyónyí ngúlúngu' que denomina 'l'oiseau antilope rayée'. As relações semânticas entre as espécies justificam-se pelas manchas na pele/escamas parecidas com as do antílope \*-gùdòngù.

<sup>137</sup> De acordo com o autor 'ngulungu' denomina também todo homem que não faz parte de um grupo (um não iniciado, profano). 'ngulungu' é também um nome de um jogo de xadrez (kisoló). (cf. Avermaet & Benoît Mbuyà 1954:437).

R104	mussele	o-ngulungu	<u>9</u>	kudu	Crabb 1962
R11	umbundu	ongulungu	<u>9</u>	antílope (pintado e vivendo em barrancos)	Le Guennec & Valente 1972:45
R11	umbundu	ongelenge	<u>9</u>	antílope (boi-cavalo)	Le Guennec & Valente 1972:45
R11	umbundu	okangelenge	12/13	antílope (boi-cavalo, a cria )	Le Guennec & Valente 1972:45
R11	umbundu	ongelenge	<u>9</u>	gnu	Le Guennec & Valente 1972:305
R11	umbundu	okamutu k' ongelenge	<u>9</u>	antílope (boi-cavalo, o macho )	Le Guennec & Valente 1972:45
R13	nyaneca	ongelenge	<u>9</u>	<i>Connochaetes Taurinus, gnu</i>	Da Silva 1966:40
R13	nyaneca	ongulungu (luh-hum)	<u>9</u>	antílope	Da Silva 1966:40
R14	khumbi	ongúlúngu pl. ono-	<u>9/10</u>	steenbok	Westphal 1961:55
R22	oshindonga	o-ngulungu olo-	<u>9</u>	antílope kudu	Crabb 1962:123
S31c	setswana	nghurunghu LLLH	1a	bushbuck	Cole 1995:58
S31c	setswana	kurunku LLLH	1a	bushbuck	Cole 1995:58

Atestamos reflexos do tema também em línguas fora do bantu, os substantivos limitam-se a denominar 'antílope rayée'.

IA6	gmbwaḡa	golōgo		antilope rayée	Calloc'h 1911:41
IA6	gbanziri	golõ ~ go		antilope rayée	Calloc'h 1911:41

Segundo o BLR (2003) o tema \*-kùdòngù 4692 (5) de classe 9/10, originou-se de reflexos atestados na parte oriental do domínio bantu, precisamente nas línguas das zonas G K L R.

Reagrupamos os reflexos sugeridos pelo BLR para o tema \*-kùdòngù (4692). Sendo assim, o tema necessita de atualização, uma vez que identificamos que os alguns reflexos provenientes das línguas das zonas L R remontam ao tema \*-gùdòngù (4587), devido à regularidade da  $C_1 < *g$ .

Dentre os reflexos sugeridos pelo BLR, confirmamos apenas os reflexos atestados em shambala (G23), em bondei (G24) e em kiswahili (G42) como sendo reflexos diretos \*-kùdòngù, visto que nestas línguas  $C_1 < *k$ .

G23	shambala	nkũlungú [nkùlungú]	ḡ	buschbock	Roehl 1911:69
G24	bondei	kulungu	ḡ	wild goat	Woodward 1882:179
G42	kiswahili	kulungu	ḡ	antilope bushbuck male	Lenselaer 1983:238

Todavia, a pesquisa permitiu expandir o tema em línguas das zonas G, assim como atualizar a distribuição do tema \*-kùdòngù (4692) em outras línguas das zonas D E M.

D28	holoholo	-kulungu	9/10	antilope	Coupez 1955:147
E541	chuka	nkurungu	ḡ	small gazelle	N & P 1975
E72	mijikenda	khulungu	9	antilope	Bourquin 1923:72

E73	digo	kulungu	9/10	antelope ( <i>Tetracerca</i> sp.) <sup>138</sup>	Mwalonya, Nicolle Alison <i>et alii</i> 2004:79
G42	kiswahili	kulūngu		antilope mâle bushbuck ( <i>Tragelaphus sylvaticus</i> )	Sacleux 1949:36
G42	kiswahili	kulungu	9/10	antelope, bushbuck	Johnson 1950:23/226
G42c	mrima	-kulūngu		antilope mâle bushbuck ( <i>Tragelaphus sylvaticus</i> )	Sacleux 1941:447
M42	icibemba	nkulungwe	9	male bushbuck	The White Fathers 1954:543

No BLR (2003) os dois temas limitam-se a denominar ‘espécie de antílope’. Identificamos que na maioria das línguas os temas designam ‘bushbuck: *Tragelaphus scriptus*’. No entanto, atestamos alguns problemas semânticos e/ou erro de identificação, por exemplo:

Em ngombe losombo (C41E) o substantivo denomina ‘situtungu: *Tragelaphus spekei*’. Em kisanga (L35), segundo o autor o substantivo é sinônimo de ‘songo’<sup>139</sup>. (cf. Coupez 1976:10, vl. III).

Nas línguas da zona R, identificamos sentidos divergentes segundo as fontes, em umbundu (R11) e em nyaneca (R13) o tema denomina ‘boi-cavalo’, ‘gnu: *Connochaetes taurinus*’. Em mussele (R104) e em oshindonga (R22) o sentido

<sup>138</sup> O sentido em digo (E73) sugerida por Mwalonya, Nicolle Alison *et alii* (2004) ‘*Tetracerca*’ (com erro de ortografia, leia-se: *Tetracerus*) é um erro de identificação da espécie e mostra a pouca fiabilidade da fonte, pois a espécie de antílope sugerida pelos autores encontra-se apenas na Índia.

<sup>139</sup> < O substantivo é reflexo regular da protoforma \*-congo 6839 (5). (cf. reflexos do tema no capítulo 2)

428

revelado é antílope 'kudu'. Em khumbi (R14) o tema denomina a pequena espécie de gazela 'steenbok'. Atestamos em umbundu (R11) um tema composto, com mudança semântica, o tema denomina 'antílope, boi cavalo, o macho'.

Em fiote (H16d) atestamos um tema composto, sem identificação semântica, o substantivo limita-se a denominar 'antilope de la plaine'.

Apesar dos problemas semânticos atestados acreditamos que os temas ao menos em algumas línguas fazem parte de uma categorização local e denomina em algumas regiões o 'macho' da espécie '*Tragelaphus scriptus*'. Como é o caso, por exemplo, em icibemba (M42) onde o substantivo denomina, claramente, o 'mâle de bushbuck'.

Em mrima (G42d) segundo descrição do autor, o substantivo denomina: 'antilope mâle bushbuck (*Tragelaphus sylvaticus*) dont la corne 'kigunda' est utilisée pour appeler'. (cf. Sacleux 1939-1941:447). Segundo o autor, em kiswahili (G42), o tema denomina 'species of antelope, bushbuck, the female is called 'mbawala'. (cf. Johnson 1950: 23/226).

Quanto à regularidade dos fonemas, em posição de C<sub>1</sub>, os fonemas remontam às vezes a \*g em outras a \*k, em alguns casos com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10.

Na maioria dos casos, os reflexos dos temas são regulares, porém atestamos alguns casos particulares, vejamos:

Em mbala (H41) a C<sub>1</sub> uma semivogal /w/, é regular e remonta a \*g:

'woombi' cl. 1n/2n 'vache' (Ndolo 1972:53) < \*gòmbè 1434 (1).

Nos dialetos do sotho (S30) a consoante oclusiva velar /k/ é regular e provém de \*ng.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas realizam-se como /l, r/ e remontam a \*d.

A C<sub>3</sub> provém de uma consoante pré-nasalizada \*ng. Em icibemba (M42) atestamos o processo de labialização da C<sub>3</sub>, onde \*g > gw. Nas línguas do grupo S30 como, por exemplo, em setswana (S31) e em alguns dialetos, o processo de ensurdecimento e desprenasalização da C<sub>3</sub> é regular. (cf. Reflexos do tema \*-kongonɪ 6862).

Às vogais (V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub>, V<sub>3</sub>), foram reconstruídas pelo BLR como uma vogal de segundo grau de abertura, devido às oposições vocálicas entre /o/, /ɔ/ atestadas nas línguas de 5/7 vogais.

Atestamos apenas um caso regular de alterações das vogais finais em umbundu (R11) onde \*u > e, por exemplo:

‘ongeve’ hippopotamus (Le Guennec & Valente 1972: 316) < \*gùbú 1532 (1).

Nas línguas da zona A, em kete (L21), em kanyòk (L32) e em ruund (L53) a perda das vogais finais é um processo regular.

O BLR (2003) propôs para o tema o emparelhamento de classe nominal 9/10, porém, atestamos outros emparelhamentos, sem acarretar mudanças semânticas, por exemplo: classe 9/2 em holoholo (D28), em kituba (H10A), em luvale (K14) e em kaonde (L41), classe nominal 1n em kete (L21), classe 1a em setswana (S31), classe 1/9, 2 em mbagani (L22), classe nominal 1n/2n em lwalwa (L221) e em mbala (H41), classe 9/10 ou 9/2 + 9 em kanyòk (L32) e em kiluba (L33), classe 9/2 ou 9/6 em ruund (L53). Em umbundu (R11), atestamos mudanças semânticas com classes nominais 12/13 (valor diminutivo).

O BLR propôs para o tema um padrão tonal inteiramente \*BBB, porém identificamos algumas divergências. Nas línguas da zona A (reflexos diretos do PB) os reflexos remontam a um padrão tonal \*BAB (geralmente nestas línguas a ausência das vogais finais quer dizer que o tom é B).

Em ngombe (C41), os reflexos remontam a um padrão \*BBA.

Nos dados tonais confiáveis das línguas da zona L (tons contrários ao do PB), como em tshiluba (L31a), em kiluba (L33) e em kisanga (L35) os reflexos tonais AAB remontam a um padrão tonal \*BBA.

Em ngangela (K12b) os reflexos tonais remontam também a um padrão \*BBA (cf. Maniacky 2002:100).

Em khumbi (R14) os reflexos tonais AAB remontam a um padrão tonal \*BBB (cf. tema °-pàdàngà).

Apesar dos conflitos tonais atestados nas línguas concordamos com o BLR (2003) somente referente aos padrões tonais em posição de  $S_1$  e  $S_2$  (< \*BB), porém, baseado nos reflexos tonais atestados em ngombe (C41) e nas línguas das zonas L (tshiluba, kiluba e kisanga) sugerimos ao tema em posição de  $S_3$  um tom \*A ao invés de B.

Quanto à origem diacrônica dos temas, acreditamos em uma protoforma comum entre eles, visto que os temas assemelham-se tanto do ponto de vista segmental, quanto suprasegmental.

Referente à ancianidade das formas, o tema (\*-gùdòngù > °-gùdòngú) é atestado na parte ocidental do bantu e também em línguas do bantu (em gmbwağa e em gbanziri), enquanto a protoforma (\*-kùdòngù > °-kùdòngú) é atestamos apenas na parte oriental do bantu.

A atestação de reflexos com uma consoante oclusiva velar sonora fora do bantu nos permite mostrar a ancianidade do tema (\*-gùdòngù), que possivelmente dispersou-se na parte oriental como (\*-kùdòngù). Identificamos ao menos um caso das duas formas concorrentes em uma mesma língua (região), por exemplo, em holoholo (D28) o substantivo 'ngulungu' denomina *Tragelaphus spekeii gratus* e 'kulungu' 'antilope' (cf. Coupez 1955). Uma dispersão linguística a partir de línguas da zona D ao leste do bantu nos parece plausível.



1.6.1.4. Os temas \*-gabe 8828 (5) \*-gabi 8829 (5) °-kabi > °-gábì/ °-kábì (cl. 9/10, 9/6, 3/4, 7/8)

Às duas protoformas discutidas neste subitem apresentam osculâncias e foram reconstruídas pelo BLR (2003).

De acordo com o BLR, o tema \*-gabe (8828) originou-se de reflexos provenientes de línguas das zonas A J. Contudo, não atestamos a contribuição do BLR na zona A.

JD61	kinyarwanda	in-gábe	ḡ	antilope bushbuck	Jacob 1984:310
JD61	kinyarwanda	-gabo <-kóokó		antilope mâle	Coupez <i>et alii</i> 2005:506

Enquanto o tema \*-gabi (8829) originou-se de reflexos atestados em línguas da zona J:

JD42	kinande	ngavi, pl. = (esyongavi)	9/10	antilope	Baudet 1947:100/176
JD42	kinande	éngábì (from. -gábí)	9/10	antelope spec. (bush-buck)	Mutaka & Kavutirwaki 2006:284/63
JD52	haavu	-gabi i[í] <sup>140</sup>		antilope	Aramazani 1985:95
JD53	mashi	-gàbì (é -engabi)	9/10	esp. d'antilope	Polak-Bynon 1978:34/82
JD53	mashi	(ee)ngabî	ḡ	bushbuck or ( <i>Tragelaphus</i> <i>scriptus</i> )	Cuypers 1970:59

<sup>140</sup> O autor exemplifica que o diacrítico em cima da vogal /i/, representa um abaixamento tonal na vogal que segue o morfotonema estrutural baixo, outro exemplo: 'shimbó 'cl. 7/8 é transcrito /shimbó/ 'haricot'. (Aramazani 1985:5).

JD531	kitembo	-gàbí, ñgábí	<u>9/10</u>	esp. de buffle	Kaji 1985:127
JE14	rukiga	engábi	<u>9</u>	bushbuck	Taylor 1959:122
JE15	luganda	`ngabi, è-	<u>9</u>	bushbuck	Snoxall 1967:240

A referida pesquisa atualizou os temas em algumas línguas das zonas A B D E G H K L S. Separamos os reflexos atestados segundo a regularidade da C<sub>1</sub> que nem sempre remontam ao mesmo fonema do \*PB. No BLR os temas se diferem também quanto a vogais finais.

Na tabela abaixo, separamos os reflexos apenas de acordo com a origem da C<sub>1</sub>. Os reflexos no quadro a seguir remontam em posição de C<sub>1</sub> a \*g, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10.

A11	londo	káβè /-kábè/ pl =	9/10	antelope	Kuperus 1985:262/278
A122	kundu	mbulu-kábè	<u>9</u>	große antilope, kudu	Ittmann 1971:209
A122	kundu	kábè	<u>9</u>	große schirrantilope ohne hörner	Ittmann 1971:192
A15	manenguba	káb'	9/10	antelope	Hedinger 1987:207
A15	manenguba	káé?	9/10	antelope	Hedinger 1987:207
A15	manenguba	káw	9/10	antelope	Hedinger 1987:207
A15	manenguba	ká?	9/10	antelope	Hedinger 1987:207
A15C	akoose	nlagεε káb pl. (belagεε káb)		bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Hedinger 2012:312/526

A15C	akoose	mbol káb pl. (mbol káb)		sitatunga, bushbuck ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Hedinger 2012:253/525
A15C	akoose	káb, pl. (káb)	9/10	antelope sitatunga ( <i>Tragelaphus speki</i> )	Hedinger 2012:235/524
A15C	akoose	káp	9	antilope	Ilunga, Mukubi Wamushiya 1973:8
B203	osamayi	̀nkábì/ mèhábì	3/4	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B862	lwel	-ngabvɛ	1a/2	antilope naine /gazelle	Khang 1979:123/141
C32	bobangi	nkaī [ɲkáì]	<u>9</u>	antelope, various kinds of	Whitehead 1899:266
C34	sakata	nkai	<u>9</u>	espèce d'antilope	De Witte 1955:82
C35a	ntomba	nkái	<u>9</u>	antilope harnachée, bushbuck	Mamet 1955:205
C35a	ntomba	nkai	<u>9</u>	antilope	Gilliard 1928:60/252
C35b	bolia	nkái	<u>9</u>	sortes d' antilope	Mamet 1960:216
D20B	vamba	ngábbi	<u>9</u>	antilope ("esel")	Struck 1910:147
D308	bodo	ngábé/ bangábé	<u>9/2</u>	sorte d'antilope	Bokula 1966:83
D32	bira	ngábè	<u>9</u>	antilope 'mungele' éland	Brisson 1965:25
D332	budu	ngábé	<u>9</u>	antilope sp.	Asangama 1983:34

G40G	kingwana	gabi		grande antilope	Spinette 1960:12
JD41	konzo <sup>141</sup>	ngabi (e-syo)	<u>9</u>	bushbuck	Kambale 2006:104
JE102	kitalinga	-gabi	9/10	antilope	Mbula Paluku 1991:25/78
JE102	kitalinga	-yáβi /eṅgáβi/	9/10	l'(les) antilope(s)	Mbula Paluku 2006:152
JE11	runyoro	engábi	9/10	bushbuck, gazelle	Kaji 2015:36
JE11	runyoro	engäbi	<u>9</u>	bushbuck	Davis 1952:124
JE12	rutooro	e-ngábi	9/10	bushbuck	Kaji 2007:31
JE13	runyankore	engábi	9/10	bushbuck	Kaji 2004:38
JE13	runyankore	engábi	<u>9</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:511
JE14	rukiga	engabi	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
JE21	runyambo	en-gábi	<u>9</u>	antelope	Rugemalira 1993 <sup>a</sup>
JE22D	kiziba	ngábi	<u>9</u>	antilopen	Herrmann 1904:160
JE24	kikerewe	en-gábe	9/10	antelope sp. (blue duiker)	Odden & Tungaraza s.d:21
JE31D	syam	engabi/ engabi	<u>9</u>	antelope bushbuck	Huntingford 1965:127

<sup>141</sup> No livro leia-se lhukonzo.

Série de reflexos cujos fonemas em posição de C<sub>1</sub> remontam unicamente a \*k, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10:

A22	bakwiri	káwe (-pl.)	9/10	antelope	Kagaya 1992:107
A22	bakwiri	kavè	9/10	antelope generic; a species of dwarf chevrotain?	Connell 1997:2
A22	bakwiri	káwe	9/10	esp. d'antelope	Koni Muluwa 2009/2010:511
A24	duala	kabí	9	bushbuck	Ittmann 1976:234
A33a	yasa	kábe		antelope	Blench 2010:25
C71	tetela	nkáwé [nkáwé]	9/10	antelope harnachée	Hagendorens 1956:16
C701	langa	nkaye	9/10	antelope harnachée	Jacobs & Omeonga 2002:547
C76	ombo	̀nkáì, pl. (=)	9/10	cobe à croissant, femelle ( <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Ankei 1986:247
D24	songola	̀nkábì, pl. (=)	9/10	sitatunga, mâle ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Ankei 1986:247
H16c	yombe	kháábí	9/10	esp. d'antelope, gazelle	De Grauwe 2009:43/152
H31	kiyaka	kháyí	1a	antelope (grande)	Ruttenberg 2000:341
H32	suku	n-kágí	<u>9</u>	antelope harnaché <i>Tragelaphus scriptus</i>	Devish 1976
H32	suku	kháyí		antelope	Piper 1977:194

H42	hunganna	khá:busɔŋ <sup>142</sup>		guib harnaché ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:511
JE42	gusii	enkabi	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
K11	chokwe	kai <sup>143</sup>		antelope (duiker)	Mac Jannet, Malcolm Brooks 1949:3/34
K14	luvale	kái		duiker	Anonyme (Horton?) 1978:48
K14	luvale	[kháyí] /káyí/	9/10	antilope naine	Ngoie 1992/1993:42
L52	lunda- ndembu	nkayi	9/2	duiker	Fisher 1963:35
L52	lunda- ndembu	nkai	<u>9</u>	<i>Sylvicapra grimmia</i>	Ansell 1978:57
L53	ruund	nkáy	<u>9</u>	antilope	Kapend Makal 1995/1996:54
L53	ruund	ńkày pl. (á:-)	9/2 / 9/6	( <i>Sylvicapra grimmia</i> <i>altifrons</i> )	Hoover 1975:N-7
S16B	nambya	inkabe (i/i)	9/10	ox	Moreno 1988:50/172
S42	isizulu	inkabi (pl. izi-)	<u>9</u>	ox	Doke, Malcolm & Sikakana 1958

<sup>142</sup> Segundo Koni Muluwa (2009/2010:512) forma composta criada a partir da fusão do tema 'kabi' e 'congo'. Ambas as propostas são reconstruídas pelo BLR (2003). cf. \*gabe 8828 (5) e \*-congo 6839 (5).

<sup>143</sup> Nas comunidades chokwe o chifre do animal serve de para a fabricação de ventosas, instrumento utilizado em práticas cirúrgicas. (Dos Santos 1960: 79). Nas comunidades chokwe, após o ritual de circuncisão, os mais velhos saem destinados a caçar e geralmente capturam o antílope 'khayi'. (Borgonjon 1962:108).

S43	siswati	ín-khâbi pl. tín	<u>9</u>	ox, bullock, castrated animal	Rycroft 1981:46
S54	xironga	nkabi (yi-ti)	<u>9</u>	toiro	Quintão 1951:59/172
S54	xironga	habi (yi-ti)	<u>9</u>	toiro, animal macho para procriação	Quintão 1951:30/172

Mouguiama e Hombert (2006:45) propuseram duas protoformas que apresentam osculâncias com o tema discutido neste subitem: (cf. °-kábè), baseado em reflexos atestados em algumas línguas dos grupos B30, B40, B50 e B60, precisamente em viya (B301), em tsogo (B31), em kande (B32), em vungu (B403), em sangu (B42), em punu (B43), em kaning'i (B602) e a °-káyì, baseado em reflexos atestados em sangu (B42), em дума (B51) e em nzebi (B52).

Segue abaixo, a série comparativa de reflexos ambíguos cujos fonemas em posição de C<sub>1</sub> remontam tanto a \*k/ \*g, às vezes, com a combinação da (N-) prefixo de classe 9/10). Em alguns casos os fonemas em C<sub>2</sub> são irregulares e realizam-se como /y/.

B301	viya	kábè/kábè	9/10	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B31	tsogo	kabe/kabe	9/10	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B32	kande	ékàbè/ díkábè	7/8	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B401	bwisi	kábi, (yi/tsi)	9/10	antilope	Yenguitta 1990:112
B403	vungu	kaabi/ kaabi	9/10	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45

B42	sangu	múkáyì/ míkáyì	3/4	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B42	sangu	kábì/ bákábì	9/2	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B43	punu	kábì/kábì (bákábì)	9/2	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B43	punu	kábì (pl. bákábì)	<u>9/2</u>	antelope (une sp)	Yukawa 2006:22
B43	punu	kábì/kábì (bákábì)	<u>9/2</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B43	punu	-kabi HH?	9/10	guib harnaché, ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Blanchon 1995. CBOLD
B44	lumbu	ikabi	<u>9</u>	Tragelaphus scriptus ( <i>Guib harnaché</i> )	Hecketsweiler & Makoko 1991:260
B51	duma	mùkáyì/ míkáyì	3/4	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B52	nzebi	mùkáyì/ míkáyì	3/4	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B602	kaning'i	kòβì/ bàkòβì	9/2	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B602	kaning'i	káyì		antelope de savane	Kwenzi-Mikala 1990:229
B61	mbere	okayi	<u>3</u>	antelope	Biton 1969



B61	mberé	káyí (o)	<u>3</u>	type d'antilope	Ndouli s.d.:72
B62	lembaama	ò-kájí, pl. è	<u>3/4</u>	espèce de animal	Okoudowa 2005:65
B63	nduumo	okayi	<u>3</u>	antilope (commune) ou gazelle	Biton 1907:12/82
B63	nduumo	okayi	<u>3</u>	antilope	Adam 1969:302
B71a	tege	okáì, pl. ekai	1/8	antilope (non-ident)	Linton Pauline 2013
B71a	tege-kali	òkáyì/ èkáyì	9/10	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:46
B73b	laali	nkáβε, (ø\bá-)		antilope	Bissila 1991:17
B73c	yaa	káβì, (o/bá)		antilope	Mouandza 1991:125
B77b	fumu	nka (ba)	9/2	antilope moy	Calloc'h 1911:127
B80	ngong	nkábósɔ:	<u>9</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:512
B85	yans	nka (wu, yi)	9/10	antilope rousse à taches blanches et noires.	Swartenbroeckx 1948:6/124
B85	yans	nka	<u>9</u>	antilope harnachée	Nguma 1986:19
B85e	mpur	nkà	<u>9</u>	antilope	Kibwenge 1985:18
B85F	ntsong	nkó:ɔŋ	<u>9</u>	( <i>Tragelaphus spekei</i> ) guib harnaché	Koni Muluwa 2009/2010:512

B86	dzing	ŋ-ka (ba- ŋ)	9/2	antilope	Mertens 1939:75/131
B86	dzing	nká	<u>9</u>	le grand kudu: Strepsiceros	Ebalantshim 1980
B863	mpiin	nkábúsɔŋ	<u>9</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:512
D201	liko	mongă, pl. ɓangă	1/2	antilope esp.	De Wit 2015 <sup>144</sup>
H10A	kituba	nkábi pl. (ba-)	9/2	antilope	Fehderau 1992:192/291
H10A	kituba	nkái	<u>9</u>	antilope	Fehderau 1992:192/193
H10A	kituba	nkáy, pl. (ba-)	9/2	antilope	Fehderau 1992:193/291
H10A	kituba	nkayi	<u>9</u>	antilope	Fehderau 1992:193
H10B	munukutuba	nkabi	<u>9</u>	antilope	INRAP 1981:23
H11	kibeembe	ŋnkábí	<u>9</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Maniacky 2000:155
H11	kibeembe	nkábí	<u>9</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:511
H12	yombe (Vili)	nkabi	<u>9</u>	<i>Tragelaphus scriptus</i> (Guib harnaché)	Hecketsweiler & Mokoko 1991:260
H12	yombe (vili)	khayi	<u>9</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:511

<sup>144</sup> Comunicação pessoal.

H16c	yombe	khááyí	9/10	antilope	De Grauwe 2009:44/129
H16	kikongo	nkai	<u>9</u>	antílope	Da Silva Maia 1994:39
H16	kikongo	nkái	<u>9</u>	cabra do mato	Da Silva Maia 1994:88
H16	kikongo	nkayi	<u>9</u>	antelope (harnessed)	Bentley 1887:10

Atestamos uma série de reflexos do tema também em algumas línguas fora do bantu.

Grassf	mankon	àŋ-gábí/ b-àŋ- gábí <sup>145</sup>		antilope sp	Leroy 2007:11
1A6	mondo	ngábi		antilope harnachée ( <i>Tragelaphus scriptus</i> <i>Dianae</i> )	Vallaeys 1991:158/213
1A6	mondo	ngbábi		antilope harnachée ( <i>Tragelaphus scriptus</i> <i>Dianae</i> )	Vallaeys 1991:158/213
1A6	mondo	ngábi		antilope harnachée ( <i>Tragelaphus scriptus</i> <i>Dianae</i> )	Vallaeys 1991:158/213
1A5	mungaka (bali)	ngab		antilope sp.	Tischhauser & Stöckle(eds) 1992:274/411
IA3	buli	kab		antelope roan ( <i>Hippotragus equinus</i> <i>gambianus</i> )	Kröger 1992:160/174/429

<sup>145</sup> O autor descreve /í/ como uma vogal central de primeiro grau de abertura. (Leroy 2007:14).

Em gbaya e em gbeya (fora do bantu), atestamos um tema similar ‘kaya’, no entanto um vínculo com as formas \*gabe 8828 (5)/\*gabi 8829 (5)/°-kabi seguem problemáticas, sobretudo do ponto de vista semântico.

1A6	gbaya	kàyà	antilope cheval	Moñino 1995:605/684
IA6	gbeya	kaya	large antelope ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Samarin 1966:204/230

No BLR o tema limita-se a denominar ‘espécie de antílope’. Na maioria dos línguas o tema denomina antílope ‘bushbuck’ *Tragelaphus scriptus*’.

Em punu (B43) o autor descreve: ‘*Guib harnache ou "biche" en français local (Tragelaphus scriptus), Antilope ayant la taille et l'allure du chevreuil, longues cornes torsades en lyre, pelage roux marqué d'un quadrillage blanc.*’ (Blanchon 1995).

Colocamos em evidência alguns casos de mudanças semânticas, sem mudanças de classes nominais, por exemplo, em akoose (A15C), em songola (D24) e em kibeembe (H11) o tema denomina espécie de antílope ‘sitatunga: *Tragelaphus spekii*’.

Vejamos outros sentidos atestados:

Em yombe (H16c) e em runyankore (JE13), segundo fontes diferentes o tema denomina ‘*Tragelaphus scriptus*’, mas também ‘*Tragelaphus spekii*’.

Em bakwiri (A22) o tema denomina ‘chevrotain’.

Em dzing (B86) o substantivo denomina ‘grand kudu: *Tragelaphus strepsiceros*’.

Em bira (D32) o substantivo denomina antílope ‘mungele’ eland.

Em ombo (C76), o tema denomina ‘cobe à croissant, femelle’ *Kobus ellipsimnus*’.

Em chockwe (K11), em luvale (K14), em lunda-ndembu (L52), o tema denomina ‘espécie de antílope anão’, ‘duiker’.

Em kikongo (H16), em ruund (L53) e em lunda-ndembu (L52), o substantivo denomina ‘cabra do mato (*Sylvicapra grimmia*).

Em kitembo (JD531), o tema denomina ‘buffle’.

Em kibyarwanda (JD61), o tema denomina ‘bushbuck’ e também ‘antílope mâle’.

Em kikerewe (JE24), o tema denomina ‘blue duiker’.<sup>146</sup>

Nas línguas da zona S, o tema denomina ‘ox, toiro, macho de procriação’.

Segundo Mouguiama & Hombert (2006: 45) em vungu (B403) o substantivo ‘kaabi’ é a fêmea de ‘mbuundi’.

Segundo Ankei (1986:247), em songola (D24) ‘ñkábì’, é a forma para *Tragelaphus spekei* (mâle).

Atestamos também temas compostos, em akoose (A15C), em kundu (A122), em ngong (B80), os substantivos denominam ‘busbuck: *Tragelaphus scriptus*, guib harnaché: *Tragelaphus spekei*, em kundu (A122) o substantivo designa ‘antílope kudu: *Tragelaphus euryceros*’.

Atestamos temas similares em algumas línguas fora do bantu, os substantivos denominam ‘antílope harnaché: ‘*Tragelaphus scriptus*’, mas em gbaya, um tema similar denomina ‘antílope cheval: ‘*Hippotragus equinus gambianus*’.

Nas línguas dos grupos A10, C30, D20, D30 e na maioria dos reflexos atestados nas línguas da zona J, assim como, em kingwana (G40G), em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva \*g, às vezes,

---

<sup>146</sup> Nome para denominar ‘*Philantomba monticola*’.

com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10, visto que nestas línguas (\*k > ∅).

O fonema /y/ atestado em kitalinga (JE102) remonta a \*g, apenas do ponto de vista fonológico, uma vez que nas línguas do grupo \*g > g.

Na maioria das línguas dos grupos A20, C70, E50, H30, K10, L50, S40, S50, em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial \*k, às vezes com a integração do prefixo de classe 9, visto que nestas línguas \*g > ∅.

Na série comparativa de reflexos ambíguos, atestados, sobretudo em algumas línguas das zonas B, H, os reflexos em posição de C<sub>1</sub> que podem remontar \*g/\*k ou a \*nk/\*ng.

Na maioria dos casos a C<sub>2</sub> remonta a uma consoante oclusiva bilabial sonora. No entanto, atestamos alguns casos particulares cujos fonemas nem sempre remontam a \*b. Em kituba (H10), atestamos duas formas (nkabi~nkái) que segundo o autor são variantes regionais. (cf. Fehderau 1992).

Em akoose (A15), o processo de ensurdecimento da C<sub>2</sub> (\*b > p), em uma das formas atestada na língua, é irregular, visto que nas línguas do grupo \*b > b, β.

A perda da C<sub>2</sub> nas línguas do grupo C30 é irregular, uma vez que nestas línguas \*b > b.

Em alguns casos os fonemas remontam a \*b, apenas do ponto de vista fonológico (\*b > v, w, β) como, por exemplo, em londo (A11), nas línguas do grupo A15, em bakwiri (A22), em otetela (C71), nas línguas do grupo E50, em laali (B73b), em yaa (B73c) e em kitalinga (JE102).

Em дума (B51) e em nzebi (B52) o fonema /y/ atestado em posição de C<sub>2</sub> é irregular e remonta a \*j. Essa irregularidade atestada em дума (B51) e nzebi (B52) justifica a protoforma °°-kayí proposta por Mouguiama e Hombert

(2006:45). Os autores ressaltam ainda que os cognatos advindos da reconstrução °-káyì podem ter sofrido influências das línguas do grupo B50, o que justifica /y/ em posição de C<sub>2</sub>. Entretanto, em algumas línguas o fonema /y/ atestado em posição de C<sub>2</sub> é regular como, por exemplo, em lundandembu (L52) e em ruund (L53) onde \*b > β (e, i) > y. Em outras línguas /y/ remonta a \*b apenas do ponto de vista fonológico, visto que é regular (\*p > h (i) > y, \*p > y), é o caso, por exemplo, dos reflexos atestados precisamente em algumas línguas do grupo (B60), em mbere (B61), em lembaama (B62), em nduumo (B63), em tege-kali (B71a), e em alguns reflexos atestados nas línguas da zona H. Sendo assim, concordamos com o BLR (2003) que reconstruiu o tema com \*b. Em suku (H32) a origem do fonema /g/ atestado em posição de C<sub>2</sub> segue obscura, visto que nas línguas do grupo \*b > b.

A V<sub>1</sub> na maioria dos casos, remonta a uma vogal central não arredondada, exceto, em nzebi (B52) onde atestamos em posição de V<sub>1</sub> /ε/.

Em kanning'i (B602) a V<sub>1</sub> do substantivo 'kòβì' sugerida por Mouguiama e Hombert (2006) não é regular, no entanto atestamos na mesma língua um substantivo 'káyì' sugerido por outra fonte, e que é regular com os reflexos do grupo. Os dois substantivos diferem-se também quanto aos padrões tonais. Em vungu (B403) e nas línguas do grupo H10, exceto em yombe (H16), o alongamento vocálico da V<sub>1</sub> é pertinente. (cf. Guthrie 1967-1970: 68 Vl. 1).

Em posição de vogal final, atestamos algumas alterações. A V<sub>2</sub> realiza-se como /e, ε, i, o, ø/ segundo os reflexos. A perda da V<sub>2</sub> em manenguba (A15), em fumu (B77b), em yans (B85), em dzing (B86) e em ruund (L53) é regular (V<sub>2</sub> > ø).

Em kinyarwanda (JD61) atestamos uma forma similar com V<sub>2</sub>, uma vogal posterior que segundo o autor remonta ao tema -kóokó 'gabo' *mxt- nome misto, distinto de substantivo e adjetivo*; <-kóokó cl. 7 (animal quelconque) (cf. Coupez 2005: 1321, vl. 2).

O BLR (2003) sugeriu para o tema o emparelhamento de classe nominal 9/10. Atestamos outros emparelhamentos, sem mudanças semânticas, por exemplo: classe nominal 3/4 em osamayi ((B203), em дума (B51), em nzebi (B52) classe 9/2, em bodo (D308), em kainingi (B602), em fumu (B77b), em dzing (B86), em kituba (H10A), em kibeembe (H11) e em lunda-ndembu (L52).

Em punu (B43), segundo as fontes atestamos classes nominais 9/2, mas também 9/10, classe nominal 1a/2 em lwel (B862), classe 1a em kiyaka (H31), classe 1/8 em tege (B71a), classe 7/8 em kande (B32), classe 1/2 em liko (D201).

Em sangu (B52) atestamos dois emparelhamentos de classe 3/4 e 9/2, sem mudanças semânticas.

Em ruund (L53) atestamos classe nominal 9/2 ou 9/6. Em osamayi (B203), em ombo (C76), em songola (D24), em kibeembe (H11), em luganda (JE15) e em kitalinga (JE102) identificamos a presença de uma nasal silábica no início do tema. Em kitembo (JD531), atestamos resquícios de uma nasal silábica marcada pela presença de um tom B no início do tema.

Quanto aos padrões tonais, no BLR (2003) o tema é sem proposta tonal. Mouguiama e Hombert (2006:45) sugeriram um padrão tonal \*AB para as línguas do grupo B30, B40, B50, exceto em kande (B32) onde o reflexo tonal, remonta a um padrão tonal \*BB e \*BA.

Nas outras línguas atestamos os seguintes resultados tonais:

Nas maiorias das línguas das zonas A os reflexos tonais remontam a um padrão \*AB, exceto em duala (A24), onde os reflexos tonais BA remontam a um padrão tonal exclusivo \*BA:

‘ngùbu’ cl. 9 hippopotame (Ittmann 1976:456) < \*gùbú 1532 (1)

Em tege (B71), os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão tonal \*AB quanto \*BB (cf. Tons do tema °-céci/°-céti).



Em mashi (JD53) os reflexos tonais BB remontam tanto a um padrão tonal \*BA quanto \*AA:

‘gòzi’ corde (Polak 1978:87) < \*gòdí 1417 (1)

‘kàzi’ femme (Polak 1978:93) < \*kádí 1674 (1)

Em kinyarwanda (JD61), os reflexos tonais são divergentes segundo as fontes. Porém, de acordo com o substantivo proposto (por Coupez *et alii* 2005), os reflexos tonais remontam a um padrão tonal \*BB. (cf. Tons do tema \*pùmbìdì 9777).

Mesmo se os reflexos tonais são divergências em algumas línguas, concordamos com Mouguiama e Hombert (2006) que sugeriu para o tema um padrão tonal \*AB.

Apesar do BLR (2003) sugerir um tema \*-gabe, com V<sub>2</sub> de terceiro grau de abertura, atestamos apenas um caso de oposição entre /e/ e /ɛ/ nas línguas de 5 e 7 vogais. Sendo assim, a proposta \*-gabe segue com uma baixa fiabilidade. Quanto a uma proposta de tema para os reflexos atuais, concordamos com um tema mais geral °-gábì/°-kábì, casos típicos de osculâncias.

Quanto ao tema de origem compartilhamos a ideia de Mouguiama e Hombert (2006:45) de uma origem comum entre os temas apresentados nesta seção. Entretanto, devido aos problemas de correspondências sistemáticas optamos em agrupar os reflexos dos temas separadamente. O fato de identificar em posição de C<sub>1</sub> reflexos com /g/ em línguas fora do bantu também fortalece e comprova a ancianidade do tema e nos dar indício de um possível fonema primário (< \*g), em posição de C<sub>1</sub>.

## 1.6.1.5. O tema \*-kókó 3833 (5) (cl. 9, 3/4, 7/8)

Protoforma de tema reconstruído pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados nas línguas das zonas A H.

A72(a)	ewondo	ɲkōg/miɲkōg	<u>3/4</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Bancel 1986:44
A74a	bulu	ɲkók/ miɲkók	<u>3/4</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Bancel 1986:44
A75	fang	ɲkóx/ miɲkóx	<u>3/4</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Bancel 1986:44
A75F	mveny	ɲkók/miɲkók	<u>3/4</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Bancel 1986:44
H16	kikongo	nkoko	<u>1/2</u>	antelope (large grey)	Bentley 1887:10

A pesquisa atualizou a distribuição linguística do tema também em algumas línguas da zona A, assim como em línguas das zonas K R.

A63	mengisa	ɲkɔg (miɲkɔg)	3/4	antelope	Blench Sil- Bantu materials ( <i>online</i> , acesso 11/09/2012:49
A72(a)	ewondo	[ɲkók]	<u>9</u>	espèce d'antelope	Angenot 1971:4
A74	bulu-bene	ɲkók	<u>9</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:512
A75	fang	ɲkokh (h)	<u>9</u>	antelope (grande)	Galley 1968:294/418
A75	fang	ɲkokh minloñ	<u>9</u>	antelope, bongo ( <i>Tragelaphus scriptus</i> ).	Galley 1968:294
A75	fang	ɲkóx	<u>9</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:512

A75	fang	ɲkɔʔ/bəɲkɔʔ	9/2	guib harnaché ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:47
A75A	ntumu	ɲkɔk	<u>9</u>	guib harnaché ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Koni Muluwa 2009/2010:512
K12b	ngangela	múkoko	3/4	antílope ( <i>Kobus defassa</i> )	Maniacky 2002:351
R11	umbundu	ohoko	9/10	antílope (burro selvagem, o macho)	Le Guennec & Valente 1972:45

Segundo o BLR o tema denomina ‘antílope: *Tragelaphus scriptus*’ e em H10 ‘antílope grise’. A proposta de reconstrução, assim como o sentido atribuído ao tema são provavelmente provenientes dos dados recolhidos por Bancel (1986-1987), baseado em reflexos atestados nas línguas do grupo A70. O autor propôs a protoforma \*ɲkó e o sentido ‘*Tragelaphus scriptus*’.

Concordamos com o sentido proposto nas línguas da zona A, no entanto, atestamos alguns problemas semânticos, motivados possivelmente pelas mudanças de classes nominais. O BLR sugeriu ao tema, o emparelhamento de classe nominal 3/4, porém sugerimos também a classe nominal 9, com mudanças semânticas, por exemplo: em ngangela (K12b) atestamos um substantivo de classe 3/4 com o sentido de *Kobus defassa*. Em umbundu (R11) a forma de classe 9/10 denomina ‘burro selvagem, o macho’.

Atestamos em ila (M63) um substantivo composto com mudanças semânticas, o substantivo denomina gazela ‘klipspringer *Oreotragus oreotragus*’.

A C<sub>1</sub> provém de uma consoante oclusiva velar surda, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9. Em umbundu (R11) o fonema /h/ em posição de C<sub>1</sub> é regular e provém de \*nk.

A C<sub>2</sub> deriva de \*k. Em mengisa (A63) o fonema /g/ atestado em posição de C<sub>2</sub> poderia remonta a \*k diante de vogal (cf. Guthrie, 1967-1970:32, vl.2).

450

Em kikongo (H16) a consoante oclusiva velar surda provém tanto de \*k quanto de \*g.

Concordamos com a proposta de abertura da V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de terceiro grau de abertura.

Baseado nos reflexos tonais atestados nas línguas da zona A o BLR propôs para o tema um padrão tonal inteiramente \*AA. Concordamos com o padrão tonal proposto pelo BLR, mesmo se em ngangela (K12B) os reflexos tonais AA não remontam a um padrão \*AA exclusivo. (cf. Maniacky 2002:100).

#### 1.6.1.6. O tema \*-pòngò<sup>147</sup> 6810 (4) (cl. 9/10, 5/6, 7/8)

Protoforma reconstruído pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados nas línguas das zonas F J.

Segundo o BLR o tema é também atestado na zona A, baseado no reflexo atestado em kako (A93) ‘mbòngò pl. bè’ antilope sp. (Ernst, 1989:33/56). No entanto, devido à irregularidade da C<sub>1</sub> agrupamos esse reflexo com a proposta °-bòngò. Sendo assim, o tema necessita de uma atualização, e excluir a zona A.

F21	sukuma	mhongo	9	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Swynnerton 1946:38
F21	sukuma	-poŋgo		ligh brown antelope	Richardson & Mann 1966:63
JD61	kinyarwanda	-poongo pl. (impoo-)	9/10	guib harnaché	Coupez <i>et alii</i> 2005:1804

<sup>147</sup> No Glossário dos bantuísmos o tema denomina ‘cavalo velho de pisada dura. (cf. De Lima Angenot, Angenot e Maniacky 2013:202).

A pesquisa também ampliou a distribuição linguística do tema em algumas línguas das zonas B D L M R S.

B86	dzing	mpwɔ(ɔ)n (ba- m)	9/2	antilope	Mertens 1939:56/131
F12	bende	mpóngó	9/10	bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Abe 2006:59/109
F22	nyamwesi	mhoongo	9/10	bushbuck	Maganga & Schadeberg 1992:265/286
F22	nyamwesi	ipoongo (ma-)	5/6	bushbuck	Maganga & Schadeberg 1992:265/286
F24	kimbu	mpongo	<u>9</u>	bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Swynnerton 1946:36
F31	nilamba	pongo	<u>9</u>	bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Swynnerton 1946:37
F31B	isanzu	pongo	<u>9</u>	bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Swynnerton 1946:38
F31D	nyambi	pongo	<u>9</u>	bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Swynnerton 1946:37
F32	nyaturu	pongo	<u>9</u>	bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Swynnerton 1946:37
F32	nyaturu	pongo	<u>9</u>	bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Swynnerton 1946:37
JD53	mashi	mpongo	9/10	antilope	Anonyme s.d:27

JD61	kinyarwanda	-hoongo pl. (impoo-)	9/10	guib harnaché bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Coupez <i>et alii</i> 2005:901
JD62	kirundi	impongo	<u>9</u>	antilope harnachée: <i>Tragelaphus scriptus</i>	Rodegem 1970:170/630
JD62	kirundi	impongo	9/10	antilope	De Samie 2002:26
JD66	kiha	impongo	<u>9</u>	bushbuck	Nakagawa 1992:20
JE16	lusoga	empongo	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
JE31	masaba	imongo	<u>9</u>	impala	Siertsema 1981:46/187
JE31	masaba	i-hongo	<u>9</u>	impala	Siertsema 1981:46/132
M12	kirungwa	impongo	<u>9</u>	Grant's gazelle	N & P 1975
M63	ila	sicipongwe	<u>1a/2</u>	waterbuck	Torrend 1967:627
R13	nyaneca	ohonga	<u>9</u>	antílope macho de "ombambi"	Da Silva 1966:40
R13	nyaneca	omphonga	<u>9</u>	antílope macho de "kudu" e outras espécies grandes	Da Silva 1966:40
R13	nyaneca	omphonga	<u>9</u>	macho grande e velho de "kudu"	Da Silva 1966:40
S53	tsonga	nhòngó	9	kudu antelope ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Cuénod 1976:132

Identificamos em kiswahili (G42) uma entrada 'pongo'. Porém, Sacleux (1939-1941:757) menciona que a forma é um empréstimo do kingwana (G40G), contudo, não atestamos reflexos na parte costeira (zona E70 e G). Devido esse conflito não representamos a zona G com os reflexo da

protoforma \*-pòngò (6810), entretanto o tema segue na tese para futuras análises.

---

G42d	kiswahili	pongo	9/10	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Sacleux 1939-1941:757
G42d	kiunguja	pongo	9	<i>Tragelaphus scriptus</i>	Swynnerton 1946:34

---

A entrada do kiwoso (E621D) sugerida por Kagaya & Olomi (2006) é um empréstimo do swahili (G42).

---

E621D	kiwoso	-pongô (=sg.)	9/10	bushbuck	Kagaya & Olomi 2006:346
-------	--------	---------------	------	----------	----------------------------

---

Segundo o BLR (2003) o tema denomina bushbuck: *Tragelaphus scriptus*, ‘espécie de antilope zébrée, cornes en spirale’. Atestamos o sentido proposto pelo BLR na maioria das línguas, mas identificamos em alguns casos mudanças semânticas. Vejamos:

Em ila (M63) (sem especificação de classe nominal), o substantivo denomina ‘waterbuck’. Em nyaneka (R13) o tema denomina ‘macho de ombambi<sup>148</sup>, macho e grande velho de kudu<sup>149</sup>’ e em tsonga (S53) o sentido revelado é antílope kudu: *Tragelaphus strepsiceros*’.

Na maioria dos casos a C<sub>1</sub> provém de uma consoante oclusiva velar surda, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9.

Em kinyarwanda (JD61) é regular \*p > h. Em masaba (JE31) atestamos duas formas sugeridas pelo mesmo autor, e o processo de nasalização plena em

---

<sup>148</sup> Em muitas línguas substantivo usado para denominar a espécie de gazela ‘*Sylvicapra grimmia*’.

<sup>149</sup> *Tragelaphus strepsiceros*.

454

posição de  $C_1$  em uma das formas não é regular, visto que na língua  $*p > h$ , enquanto  $*mp, *mb > mb$ .

Em *ila* (M63), geralmente em posição de  $C_1$   $*p > \emptyset$ , no entanto no substantivo atestado  $*p > p$  provavelmente por influência do *lenje* (M61), onde esse processo é regular. O complexo consonântico /kp/ atestado em posição de  $C_1$  nas línguas das zonas A são provavelmente influência de línguas fora do bantu.

A  $C_2$  provém em todos os casos da consoante oclusiva pré-nasalizada  $*ng$ .

A  $V_1$  foi reconstruída pelo BLR como uma vogal de terceiro grau de abertura.

Quanto a  $V_2$  os fonemas realizam-se como /a, e, o,  $\emptyset$ / segundo as línguas. Apesar de em *nyamwesi* (F22) e em *kinyarwanda* (JD61) o alongamento vocálico ser pertinente, nos substantivos atestados o alongamento é motivado pelo contexto NC.

O BLR propôs para o tema, classe nominal 9. Sugerimos para o tema o plural de classe 10. Colocamos em evidência outros emparelhamentos, por exemplo: classe nominal 9/2 em *dzing* (B86). Em *nyamwesi* (F22) atestamos substantivos com classes nominais diferentes 9/10 e 5/6, sem mudanças semânticas. Nas línguas do grupo *botatwe* (M60) a explicação da palavra 'sici'. (cf. Tema  $*-kudo$  4684)

O BLR propôs para o tema um padrão tonal inteiramente  $*BB$ , baseado precisamente nas línguas da zona A (reflexos diretos do PB) e em *kinyarwanda* (JD61) onde os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal  $*BB$  (cf. tons do tema  $*pùmbìdì$  9777).

Porém, identificamos que nas outras línguas os reflexos tonais não remontam a um padrão tonal exclusivo, vejamos:

Em *bende* (F12) os reflexos tonais AA remontam tanto a um padrão tonal  $*BA$  quanto  $*BB$ :



‘ngúfú’ hippopotamus (Abe 2006:119) < \*gùbú 1532 (1)

‘nsófú’ elephant (Abe 2006:115) < \*jògù 1607 (1)

Em tsonga (S53) os reflexos tonais BA remontam a um padrão tonal exclusivo \*BA (cf. Tons tema °-pèné).

Segundo os resultados tonais, confirmamos apenas o tom \*B em posição de S<sub>1</sub>. Em posição de S<sub>2</sub> o tom segue problemático, visto que os reflexos tonais podem remontar tanto a um padrão \*B quanto a \*A.

A pesquisa coloca em evidência o tema °-bòngò, com o sentido de ‘antílope bongo: *Tragelaphus euryceros*’ (cf. subitem 1.6.5.3. ). Esse tema apresenta osculância com (\*-pòngò). No entanto, devido aos problemas de regularidades da C<sub>1</sub> e as mudanças semânticas, optamos em analisar e discutir os temas separadamente. Todavia, não excluimos a possibilidade de uma origem comum entre os temas, mesmo se até o momento não atestamos indícios suficientes que confirmem essa hipótese.

O tema estabelece um vínculo formal com a protoforma reconstruída pelo BLR, \*-pòngó 2609 (4) atestado nas línguas da zona (G K L M N S) com o sentido de ‘cabra’. Apesar das divergências tonais entre os temas, acreditamos em uma possível amplitude semântica a partir do sentido ‘cabra’. (cf. Outros casos nos tema \*-bùdì, 1.6.4.1. e °-kòmbè 2.2.7. ).

Em holoholo (D28), em kivunjo (E622C) e em hembra (L34), atestamos substantivos similares, contudo com mudanças semânticas e às vezes de classes nominais também.

D28	holoholo	kimpongo	7/8	rhinoceros	Schmitz 1912:398
E622C	kivunjo	/kihongo/	7	âne	Philippson 1982:56
L34	hembra	mpóngo pl. (bam-)	9/2+9	rhinocères	Vandermeiren 1913:165/946

Em holoholo (D28) o substantivo de classe 7/8 denomina ‘rinoceronte’, assim como em hembra (L34), porém de classe 9/10. Em kivunjo (E622C) o substantivo de classe 7, denomina ‘âne’.

Do ponto de vista segmental, em kiwoso (E621D) C<sub>1</sub> /h/ remonta a \*p apenas do ponto de vista fonológico, a origem do fonema é provavelmente influência de outras línguas do grupo onde é regular \*p > h.

Em hembra (L34) os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*BA, (cf. Tons do tema \*-bàdì 8983).

#### 1.6.1.7. O tema °-pato (cl. 9)

Proposta de tema atestado apenas em algumas línguas da zona F G.

F22	nyamwesi	mpato	ḡ	bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Swynnerton 1946:36
F24	kimbu	mpato	ḡ	bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Swynnerton 1946:36
G61	sango	mato		bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Swynnerton 1946:35
G62	kihehe	mato		bushbuck ( <i>Tragelaphus scriptus</i> )	Swynnerton 1946:35
G63	bena	ilibato		small gazelle	N & P 1975
G64	pangwa	i-mato		small gazelle	N & P 1975

Baseado nos sentidos atestados na maioria das línguas sugerimos para o tema o sentido bushbuck: *Tragelaphus scriptus*’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial surda, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9.

Em *bena* (G63) a  $C_1$  \*b, é provavelmente influência do *hehe* (G62) onde é regular \*p > p (-C) > b.

Em *sango* (G61) e em *pangwa* (G64) o processo de nasalização plena em posição de  $C_1$  da consoante pré-nasalizada \*mp é também influência do *hehe* (G62), visto que nas línguas (\*p > h e \*mp > hm), enquanto em *kihehe* (G62) \*mp > m.

A  $C_2$  em todos os casos são reflexos diretos da consoante oclusiva alveolar surda.

Em posição de  $V_1$  propomos para o tema uma vogal central não arredondada /a/.

Em posição de  $V_2$  propomos para o tema uma vogal posterior arredondada.

Sugerimos para o tema, classe nominal 9.

Devido à ausência de notações tonais nos reflexos o tema segue sem um padrão tonal definido.

No BLR existe uma protoforma \*-pàdá 2355 (4) atestado nas línguas da zona (D E F G H J K L M N P R S) com o sentido de ‘impala: *Aepyceros melampus*’. Os reflexos atuais deste tema são similares aos reflexos do tema discutido nesta seção, no entanto devido aos problemas de regularidade da  $C_2$  e as divergências semânticas entre os temas optamos em agrupar e discutir os reflexos dos temas separados.

#### 1.6.1.8. O tema °-bangu (cl. 9, 1a/2)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em línguas das zonas L M. O tema denomina ‘bushbuck: *Tragelaphus scriptus*’.

---

L62	nkoya	mbangu	9	bushbuck, <i>Tragelaphus scriptus</i>	Ansell
					1978:54

---

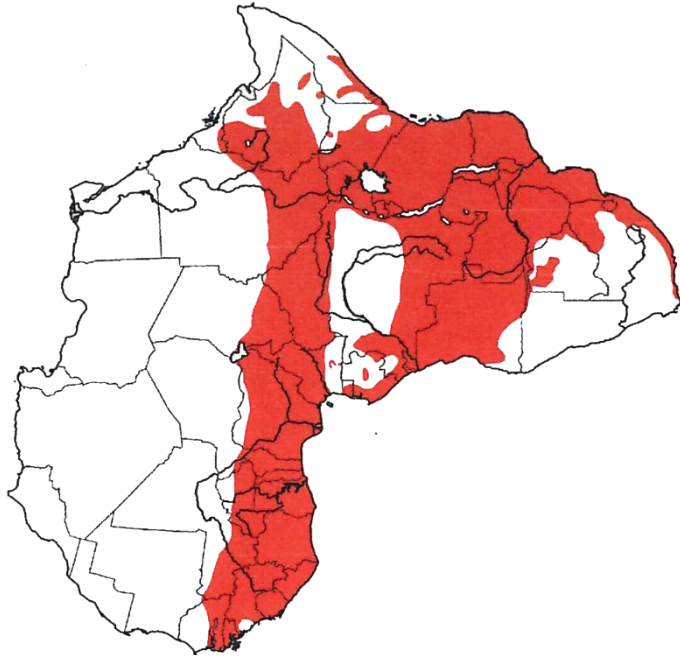
M61	lenje	shicibangu, básicibangu	<u>1a/2</u>	bushbuck	Kagaya 1987:72
M63	ila	sicibangu	<u>1a/2</u>	bush-buck	Torrend 1967:83
M64	tonga	sichibangu	<u>1a/2</u>	bushbuck, <i>Tragelaphus scriptus</i>	Ansell 1978:54

Sugerimos para o tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva bilabial sonora. Em posição de C<sub>2</sub> sugerimos para o tema uma consoante pré-nasalizada \*ng.

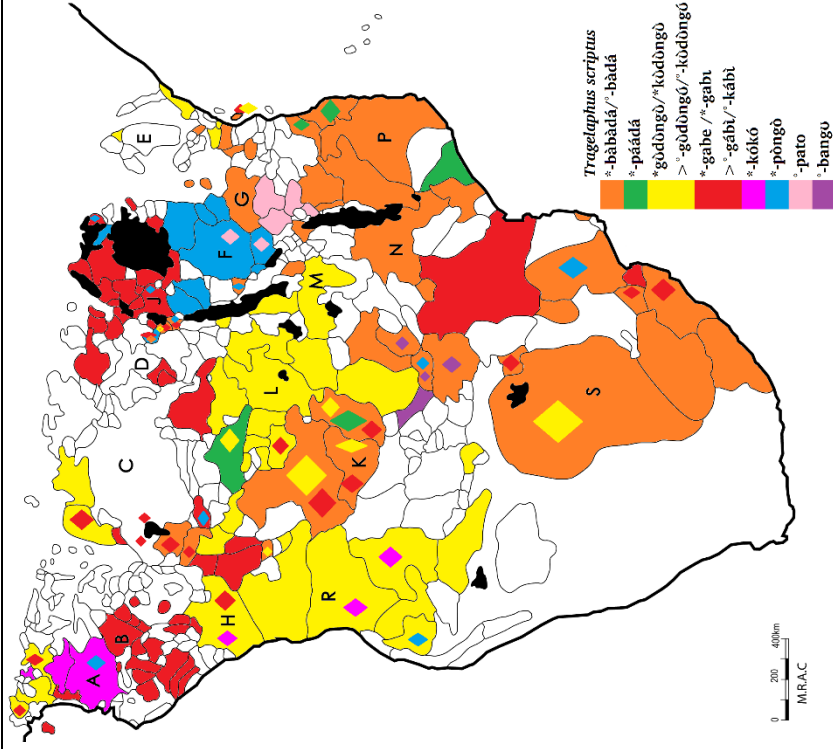
Em posição de V<sub>1</sub> sugerimos para o tema uma vogal central não arredondada. Em posição de V<sub>2</sub> sugerimos para o tema uma vogal de segundo grau de abertura.

Devido às ausências tonais o tema segue sem um padrão tonal definido.

Sugerimos para o tema, classe nominal 9. Nas línguas do grupo botatwe (M60) explicação da palavra 'sici'. (cf. Tema \*-kudo 4684).



Mapa 58: Hábitat *Tragelaphus scriptus*



Mapa 59: Temas *Tragelaphus scriptus*

**1.6.2. *Tragelaphus strepsiceros***

**Descrição:** o kudu é um antílope grande, de cor amarela acinzentada marcada de 4 à 12 linha vertical de cor clara (brancas). Uma mancha branca visível adorna sua garganta e uma barra branca em seu peito. Ambos os sexos têm uma juba, e os machos têm franjas por todo o pescoço, e ambos têm orelhas grandes e arredondadas. Os chifres em espiral são presentes apenas nos machos e atingem aproximadamente 181 cm (após a curvatura).



Figura 27: *Tragelaphus strepsiceros*

**Hábitat:** os kudus viviam antigamente em zonas áridas do leste e sul da África, porém hoje vivem cada vez mais confinados em paisagens rochosas, montanhosas, arborizados, bosques e florestas verdes ao longo dos riachos e os topos enevoados proporcionam abrigos na estação seca. São ausentes em florestas fechadas e prados sem árvores.

**Países nativos:** Angola, Botsuana, República Centro-Africana, Chade, República Democrática do Congo, Eritreia, Suazilândia, Etiópia, Quênia, Malawi, Moçambique, Namíbia, África do Sul, Tanzânia, Zâmbia, Zimbábue. A espécie é possivelmente extinta do Djibuti e sua presença é incerta na Somália, Sudão do Sul, Sudão e Uganda.

Nas línguas bantu atestamos cinco (5) protoformas virtuais para denominar a espécie de *Tragelaphus strepsiceros*: \*-codongo, \*-tándadá, °-cikudo, °-tòdó e °-goma. Dois dos temas discutidos nesta sessão são provenientes do BLR (2003).

#### 1.6.2.1. O tema \*-codongo 6993 (5) > °-còdòngó (cl. 9/10)

Protoforma reconstruído pelo BLR (2003) atestado em algumas línguas das zonas K R.

K332	gciriku	hórongo, βa-	<u>9/2</u>	antilope kudu	Möhlig 1967:124
R104	mussele	o-shorongó sh[ʃ]		antilope kudu	Crabb 1962:123

A pesquisa atualizou a distribuição do tema em outras línguas das zonas K R

K12b	ngangela	ncolóongo	<u>9</u>	antilope kudu ( <i>Tragelaphus strepsiceros</i> )	Maniacky 2002:351
K33	rukwangali	horongo pl. (va-)	1b/2b	kudu ( <i>Tragelaphus strepsiceros</i> )	Kloppers 1994:104/164
K331/2	rumanyo	hórongo	9/2	kudu antelope ( <i>Tragelaphus strepsiceros</i> )	Möhlig <i>et alii</i> 2005:366/102
R11	umbundu	oholongo	<u>9/10</u>	antílope (com listras no ventre)	Le Guennec & Valente 1972:45

R13	nyaneka	o-holongo, ono-	<u>9/10</u>	antilope kudu	Crabb 1962:123
R14	nkhumbi	ó-hólóngo, ono-	9/10	antilope kudu	Crabb 1962:123
R14	nkhumbi	óholóngo pl. ono-	<u>9/10</u>	kudu	Westphal 1961:55
R21	kwanyama	o-holongo, ee-	<u>9/10</u>	antilope kudu: <i>Strepsiceros</i>	Crabb 1962:123
R22	oshindonga	oholongo (oo-)	9/10	kudu	Viljoen, Amakali & Namuandi 1984:85/11
R22	ochidonga	o-xolongo, oo-	<u>9/10</u>	antilope kudu	Crabb 1962:123
R23	kwambi	šorongu š [s]	<u>9/10</u>	antilope kudu	Crabb 1962:123
R30	otjiherero	o-horongó	<u>9/10</u>	antilope kudu	Crabb 1962:123
R30	otjiherero	ohorongó	9/10	kuddu	Viehe 1897:106

Quanto à semântica, concordamos com o sentido proposto pelo BLR, o tema denomina a espécie de ‘antilope kudu: *Tragelaphus strepsiceros*’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a \*c, às vezes, com a combinação do prefixo de classe 9.

Nas línguas do grupo R10, precisamente em mussele (R204), em umbundu (R11), em nyaneka (R13) e em nkhumbi (R14), o fonema /h/ atestado em posição de C<sub>1</sub> remonta \*nk, visto que nestas línguas \*c, \*nc > s. Apesar de existir no BLR (2003) uma proposta de reconstrução similar \*-kodongo 7023 (5) com o sentido de ‘*Hippotragus equinus*’, optamos em reagrupar os reflexos provenientes do grupo R10 com o grupo \*-codongo (por causa da semântica) e consideramos que a origem de /h/ justifica-se por influência de outras



línguas do grupo R como, por exemplo, da língua kwanyama (R21), onde é regular \*c, \*nc > h.

Em posição de C<sub>2</sub>, os fonemas realizam-se como uma consoante lateral /l/ ou uma vibrante /r/ que provém da consoante oclusiva alveolar sonora. A C<sub>3</sub> remonta a uma consoante pré-nasalizada \*ng.

As vogais (V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub> e V<sub>3</sub>) foram reconstruídas pelo BLR como uma vogal posterior de terceiro grau de abertura que se justifica pelos reflexos regulares nas línguas de 5/7 vogais.

O BLR propôs para o tema, classe nominal 9. Sugerimos para o tema o plural de classe 10. Em rukwangali (K33) atestamos classe 1b/2b e em rumanyo (K331/2) classe 9/2 sem mudanças semânticas.

O tema é sem proposta tonal no BLR, sendo assim baseado nos reflexos atestados em ngangela (K12b), cujo substantivo tem uma estrutura silábica (CV)-CVCVVCV, sugerimos para o tema um padrão tonal \*BBA (cf. Maniacky 2002:100).

Atestamos em algumas línguas da zona C e em mangbetu (fora do bantu) reflexos cujos fonemas remontam a uma protoforma de estrutura semelhante °-congodo' com o sentido de 'antilope'. Em benge (C43B) o sentido revelado é 'rinoceronte'. Contudo, a semântica sugerida por Bareau & Reding (1912) trata-se de uma falsa identificação da espécie, uma vez que o animal é ausente na região de floresta.

C30A	bangala	sóngóló	antilope sp.	Edema Atibakwa Baboya 1994:175
C43B	benge	songolo	rhinocéros	Bareau & Reding 1912:30/63
IIE2	mangbetu	songolo, ne	grande antilope	A. Vekens 1928:170

Acreditamos que os reflexos desse tema justificam-se por um possível processo de metátese da C<sub>2</sub> com a C<sub>3</sub> sobre o tema \*-codongo > °-congodo.

Esse processo morfológico de formação de palavras justificaria as mudanças semânticas atestadas em benge (C43B).

#### 1.6.2.2. O tema \*-tándadá 8576 (5) (cl. 9/10, 9/6)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas L M.

L35	kisanga	tàndalà	BHB	esp. d'antilope	Coupez 1976:39
M42	icibemba	ín-tándálá	ḡ	kudu = mpulumpulu	Guthrie & Mann 1995:101

A pesquisa atualiza a distribuição do tema em línguas das zonas L M e ampliou a distribuição em algumas línguas das zonas F G N P.

F12	bende	ntandálá	9/10	kudu, lesser kudu, <i>Tragelaphus strepsiceros</i> ; <i>Tragelaphus strepsiceros imberbis</i>	Abe 2006:73/124
F21	sukuma	nhandala	ḡ	kudu, greater <i>(Strepsiceros strepsiceros)</i>	Swynnerton 1946:38
F21	sukuma	-'tandala <sup>150</sup>		greater kudu	Richardson & Mann 1966:71

<sup>150</sup> Segundo o autor o substantivo denomina também um instrumento de música (flauta) que é feito do chifre do antílope kudu. (Richardson & Mann 1966:71).

F22	nyamwesi	tandala		kudu, greater ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:36
F24	kimbu	ntandala	<u>9</u>	kudu, greater ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:36
F31	nilamba	ntándala (V)- ntándala (XII)	9/10	kudu	Yukawa 1989:20
F31	nilamba	tandala		kudu, lesser ( <i>Strepsiceros imberbis</i> )	Swynnerton 1946:37
G22	pare	ntándá (= pl.)	9/10	kudu	Kagaya 1989:98
G61	sango	nhandala	<u>9</u>	kudu, greater ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:35
G62	kihehe	nandala	<u>9</u>	kudu, greater ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:35
L00	kilomotwa	sansala		<i>Hippotragus niger</i> vieux mâle	Biodiversité au katanga
M52	lala	ntandala	<u>9</u>	<i>Tragelaphus strepsiceros</i>	Biodiversité au katanga
M52	lala	inantandala	<u>9</u>	<i>Tragelaphus strepsiceros</i> femelle	Biodiversité au katanga
N13	matengo	ndandara	9/10	antilopenarten	Häfliger 1909:131
P13	kimatuumbi	ndaándala, matáandala	9/6	steinbuck	Odden 1996:29
P13	kimatuumbi	ndandála	9/10	kudu (antilope)	Krumm 2010:10
P21	ciyao	ndandala /n	9/10	variedade de antílope (cudo)	Viana 1961:49/154

Em icibemba (M42) constatamos reflexos semelhantes do ponto de vista formal com o tema discutido neste subtópico, contudo a C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub> não remontam a \*t, visto que na língua em posição de C<sub>1</sub> \*nc, \*nj > ns; \*c, \*j > s; \*d > l. Sendo assim, o tema, remonta a uma forma (< °-canjaada/°-janjaada). Além do mais, os sentidos são divergentes segundo as fontes. Por isso, não representamos os reflexos do icibemba (M42) com a protoforma \*-tándadá 8576 (5).

M42	icibemba	in-sansaala	9	cow sable antelope (femelle)	Guthrie & Mann 1995:83
M42	icibemba	nsansala (n)	9/10	kudu antelope	Hoch 2006:159

Na maioria dos casos, o tema denomina ‘grande kudu: *Tragelaphus strepsiceros*’, exceto em nilamba (F31) onde o tema denomina ‘pequeno kudu’ ‘*Tragelaphus strepsiceros imberbis*’.

Abe (2006) sugeriu para o bende (F12) dois sentidos ‘*Tragelaphus strepsiceros*’ e também ‘*Tragelaphus strepsiceros imberbis*’. Entretanto, o sentido pequeno kudu: ‘*Tragelaphus strepsiceros imberbis*’ é um erro de identificação, pois a espécie é ausente na região. Portanto, a entrada do bende (F12) refere-se certamente ao grande kudu: ‘*Tragelaphus strepsiceros*.’

Em lala (M52) o tema faz parte de um tipo de categorização local, morfema ‘ina-’ designa a fêmea na língua (cf. explicação do °-peba 1.7.1.4. ).

Em kimatuumbi (P13) constatamos divergências semânticas entre as fontes. Os substantivos de classe 9/6, 9/10 sugeridos por Odden (1996) e Krumm (2010) designam, respectivamente, ‘steinbuck’ e ‘antílope kudu’. De acordo com os sentidos traduzidos na maioria das fontes, acreditamos que o sentido ‘steinbuck’ sugerido por Odden (1996) é de fato um erro de identificação da espécie.

Em kisanga (L35) segundo o autor, o tema é sinônimo de ‘sontòlê’ que ele descreve como sendo ‘esp. d’antílope, appelée ‘grand kudu’ *Tragelaphus spekii*’

(cf. Coupez 1976:39). O sentido ‘grande kudu’ do kisanga é correto, porém o nome científico da espécie é errônea, pois *Tragelaphus spekeii* é o nome para o ‘sitatunga’.

No quadro abaixo, Swynnerton (1946:34) sugeriu para o kiunguja (G42d) duas formas compostas ‘tandala mdogo’ e ‘tandala mkubwa’ que é sem dúvida duas expressões inventados pelo autor, pois se traduzem literalmente por ‘grande kudu’ e ‘pequeno kudu’ (-dogo ‘grande’ e kubwa ‘pequeno’ em kiswahili) Sacleux (1939-1941:865) exemplifica que a forma ‘tandala’ é um empréstimo do yao (P21). Sendo assim, não representamos os substantivos atestados em kiswahii (G42) como reflexos do tema discutido nesta seção.

G42	kiswahili	tandala	9/10 greater kudu	Johnson 1950:310/452
G42d	kiunguja	tandala	kudu, greater ( <i>Strepsiceros</i> <i>strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:34
G42d	kiunguja	tandala mkubwa	kudu, greater ( <i>Strepsiceros</i> <i>strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:34
G42d	kiunguja	tandala mdogo	kudu, lesser ( <i>Strepsiceros</i> <i>imberbis</i> )	Swynnerton 1946:34

Referente aos segmentos, em posição de  $C_1$  os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar sonora, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10, por exemplo, em bende (F12) e em sukuma (F21) onde (\*nt > hn/\*t > th), enquanto em sango (G61) (\*nt > nh) e em kihehe (G62) (\*nt > n (i) > s).

Em ciyao (P21), a  $C_1$  provém tanto de \*nt quanto de \*nd > nd. Em pare (G22) frequentemente \*d > ø.

468

Em kimatuumbi (P13) o processo de sonorização da consoante oclusiva alveolar surda diante de nasal (\*nt > nd) é regular.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*nd.

Em posição de C<sub>3</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar sonora.

As vogais foram reconstruídas pelo BLR como uma vogal central baixa não arredondada.

O BLR (2003) propôs para o tema, classe nominal 9. Sugerimos para o tema o plural de classe 10, exceto classe 1n em kisanga (L35) e classe 9/6 ou 9/10 em kimatuumbi (P13).

O BLR propôs para o tema um padrão tonal V<sub>1</sub> e V<sub>3</sub> < \*AA.

Em pare (G22) os reflexos tonais AA remontam a um padrão exclusivo \*AA:

‘símbá’ lion (Kagaya 1989:97) < \*címbá 613 (1)

Em kisanga (L35) os reflexos tonais BAB remontam a um padrão tonal \*ABA.

No entanto, atestamos algumas divergências tonais:

Em kimatuumbi (P13) os reflexos remontam a um padrão \*BBB

‘nguúbe/magúube’ pig (Odden 1996:187) < \*gùdòbè 1484 (4).

À diferenciação do tom nas formas no singular/plural atestado em kimatuumbi (P13) é regular em alguns contextos. (cf. Odden 1996:179), assim como o tema °-pútòká, conferir subitem 1.2.1.4. ).

De acordo com os reflexos tonais atestados em pare (G22) e em kisanga (L35) confirmamos o padrão tonal \*AA sugerido pelo BLR, mesmo se em kimatuumbi (P13) os reflexos são divergentes.

### 1.6.2.3. O tema °-cikido (cl. 9)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas F G.

F24	kimbu	sikiro	<u>9</u>	kudu ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:36
F31	nilamba	sikiro	<u>9</u>	kudu ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:37
F31D	nyambi	sikilo	<u>9</u>	kudu ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:37
F32	nyaturu	nikio		kudu ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:37
F33	rangi	sikiro	<u>9</u>	kudu, greater ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:35
G11	gogo	sikilo	<u>9</u>	schraubenantilope	Claus 1911:68/72
G11	gogo	sichiro	<u>9</u>	kudu, greater ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:35
G12	kagulu	sikilo	9	antelope	Petzell 2008:220
G24	bondei	sikio		antelope	Woodward 1882:60
G31	zigula	sikilo		kind of antelope	Kisbey 1906:44/61
G42	kiswahili	sikiro <sup>151</sup>	<u>9</u>	strépsicère coudou	Sacleux 1949:36
G62	kihehe	sikiro	<u>9</u>	kudu, greater ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Swynnerton 1946:35

<sup>151</sup> Sacleux (1949) considera a forma /sikiro/ atestada em kiswahili (G42) como um empréstimo do zigula (G31).

O tema denomina antilope ‘grande kudu: *Tragelaphus Strepsiceros strepsiceros*’.

Na maioria dos casos em posição de C<sub>1</sub> os reflexos são regulares e o fonema /s/ < \*c. Em nilamba (F31) a C<sub>1</sub> é irregular, pois na língua \*c > s, mas diante de vogal de primeiro grau \*c > /ʃ/.

A entrada do nyaturu (remi) ‘nikio’, mencionada por Swynnerton (1946), é um erro de transcrição fonética do autor, leia-se: [ɲikio], com prefixo de classe 9, onde /ɲ/ é regular e remonta a < \*nc, enquanto \*c > h.

Em gogo (G11), assim como em kagulu (G12), a C<sub>1</sub> é regular, visto que na língua \*c > h, porém diante de vogal de primeiro grau (> s).

Em kiswahili (G42) a C<sub>1</sub> \*c > tʃ, porém diante de vogal de primeiro grau (> s).

A C<sub>1</sub> em hehe (G62) é irregular e remonta a \*j, pois na língua \*c/\*nc > h/ny, enquanto \*j/\*nj > s/ns.

Em posição de C<sub>2</sub> todos os reflexos são regulares e remontam a \*k.

Em posição de C<sub>3</sub> os reflexos remontam a \*d. A C<sub>3</sub> das entradas sugeridas por Swynnerton (1946) são irregulares, pois nas línguas \*d > l. Contudo, identificamos que as irregularidades nos dados sugeridos por Swynnerton (1946) são, na verdade erros de transcrições fonéticas do autor, como claramente exemplificado do nyaturu-remi (F32). Confirmamos o erro de transcrição de Swynnerton (1946) também através de outras fontes, por exemplo:

Em gogo (G11) e em kagulu /G12/ os autores Claus (1911) e (Petzell 2008) sugeriram em posição de C<sub>3</sub> uma consoante lateral que remonta a \*d, enquanto Swynnerton (1946) sugeriu /r/.

Em nyaturu (remi), na entrada sugerida por Swynnerton (1946) \*d > ø, porém identificamos que na língua \*d > l.



Enfim, as entradas sugeridas por Swynnerton (1946) não são confiáveis, por isso, nas tabelas de dados não marcamos sistematicamente em cor cinza as irregularidades como fizemos no decorrer da tese.

Em posição de  $V_1$  propomos para o tema vogal de primeiro grau de abertura, uma vez que temos /i/ tanto nas línguas de 5, quanto nas de 7 vogais. Além disso, em algumas línguas \*c > s apenas diante de vogais de primeiro grau (espirantização) como, por exemplo, em kiswahili (G42) e em gogo (G11).

Em posição de  $V_2$  sugerimos para o tema uma vogal de segundo grau de abertura (reflexos sem espirantização).

Em posição de  $V_3$  propomos para o tema uma vogal de terceiro grau de abertura.

Sugerimos para o tema, classe nominal 9.

Devido à ausência de reflexos tonais em todas as fontes, o tema segue sem um padrão tonal definido.

#### 1.6.2.4. O tema °-tòdó (cl. 9/10, 9/6, 3/4, 5/6)

Proposta de tema baseado na série comparativa de reflexos atestados em línguas das zonas D E K L S.

D28	holoholo	ntolwe	<u>9</u>	ant. Euchore	Schmitz 1912:374
E53	merutig	ntolo	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
K21	silози	-tolo, pl. (li-)	<u>5/6</u>	kudu	O'sullivan 1993:10
L31a	tshiluba	ntolo	<u>9</u>	esp.d' antilope	De Clercq 1937:196
L31a	tshiluba	ntóle	<u>9</u>	antilope	De Clercq 1937:14/196

L32	kanyòk	tol, pl. /matol	9/6	antilope chevaline ( <i>Hippotragus equinus cottoni</i> ).	Mukash 2012:716
L33	kiluba	tolwe (ba-) [tōlwē]	9/2	rietbok antilope ( <i>Cervicapra arundium</i> )	Gillis 1981:453
L33	kiluba	musontole	1/2	<i>Tragelaphus strepsiceros</i>	Biodiversité au katanga
L35	kisanga	musontole (ba/mi)	<u>1/2</u> <u>3/4</u>	élan (espèce d'antilope)	Roland 1938:58/150
L35	kisanga	sontòlê pl. (mu, mi)	3/4	esp. d'antilope, appelée 'grand kudu' <i>Tragelaphus spekii</i>	Coupez 1976:260
S10	chishona	norro (i-dzi)	9/10	kudu	Biehler 1950:320
S12	chizezuru	nhoro LH	9/10	kudu	Hannan 1974:467/841
S13	chimanyika	nhoro LH	9/10	kudu	Hannan 1974:467/841
S14	chikaranga	nhoro LH	9	kudu	Hannan 1974:467/841
S21	tshivenda	thòló [thòlól]	<u>9</u>	kudu antelope ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Van Warmelo 1937:256/331
S21	tshivenda	thòló-lùrango	9	kudu ( <i>Strepsiceros strepsiceros</i> )	Van Warmelo 1937:256/331
S31	setswana	thòló [thòlól]	9	kudu	Cole 1995:62
S30	sotho	tholo, pl. li-		kudu antilope	Edemann 1911:559
S31	setswana	thòlwana	9	kudu (diminutivo)	Cole 1995:51

S31a	ngwaketse	thôlô [thòlól]	9	kudu	Cole 1995:62
S31b	kgatla	thôlô [thòlól]	9	kudu	Cole 1995:62
S31c	setswana	thôlô [thòlól]	9	kudu	Cole 1995:62
S31E	thlaro	thôlô [thòlól]	9	kudu	Cole 1995:62

Nas línguas da zona S e em silozi (K21) os substantivos, respectivamente, de classe 9/10 e 5/6 denominam antílope ‘kudu’.

Em holoholo (D28) a tradução ‘antílope Euchore’ leia-se ‘springbok’, é errônea, uma vez que a espécie é ausente na região.

Em kisanga (L35) os substantivos de classe 3/4, 1/2, denominam ‘eland e também grande kudu<sup>152</sup>’. Segundo descrição do autor, em kisanga (L35): ‘*esp. d’antílope vit dans les savanes. Syn. tàndalà<sup>153</sup> 1n, -tongotongo cl. 1/12.* (cf. Coupez, 1976:260, vl. 3).

Em kanyok (L32) o substantivo de classe 9/6 denomina ‘*Hippotragus equinus*’.

Em kiluba (L33) identificamos também classe 9, porém com o sentido errôneo de ‘riebok: *Cervicapra arundinum*’, porém de acordo com outra fonte o atestamos o sentido correto ‘*Tragelaphus strepsiceros*’.

Enfim, a reconstrução discutida neste subtópico é bem atestada na parte meridional do bantu com o sentido de ‘antílope kudu’. As traduções

<sup>152</sup> Segundo o autor o substantivo designa ‘*Tragelaphus spekeii*’. No entanto, esse nome científico é usado para denominar o ‘sitatunga’, enquanto o nome científico para o ‘kudu’ é ‘*Tragelaphus strepsiceros*’.

<sup>153</sup> Substantivo atestado em muitas línguas para denominar kudu: *Tragelaphus strepsiceros*’.

provenientes das outras fontes são certamente errôneas e pouco confiáveis em zoonímia.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar surda, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9/10, por exemplo, nas línguas das zonas S e em silozi (K21).

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas são regulares e remontam a uma consoante oclusiva alveolar sonora. Em silozi (K21) a consoante lateral em posição de C<sub>2</sub> remonta tanto a \*d quanto a \*t.

Quanto às vogais, sugerimos para o tema V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub>, vogais de terceiro grau de abertura. No entanto, em posição de V<sub>2</sub> atestamos alguns casos de alterações vocálicas. Vejamos:

Em kiluba (L33) atestamos um ditongo /we/ < \*o. Porém, curiosamente, o mesmo autor propôs duas formas ‘ntolo/ntóle’ (variantes e/ou erro de notação fonética do autor?).

Propomos ao tema, emparelhamentos de classe 9/10, 9/6, 3/4 e 5/6. Em setswana (S31) o diminutivo é marcado pelo acréscimo do morfema (-wana) ao substantivo, pois o emparelhamento habitual 12/13 é ausente na língua.

Quanto aos padrões tonais, nas línguas do grupo L30 (inversão tonal do PB) os reflexos tonais são divergentes.

Em kanyòk (L32) e em kiluba (L33) os reflexos BB remontam a um padrão tonal \*AA.

Em tshiluba (L31a), os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*BA.

Nas línguas do grupo S30 e também em tshivenda (S21) os reflexos tonais BA remonta a um padrão tonal exclusivo \*BA (cf. Tons tema °-pítí);

Em setswana (S31) ‘kùbú’ hippopotamus (Cole 1995:61) < \*-gùbú 1532 (1)

Apesar das divergências tonais atestadas nas línguas do grupo L30, sugerimos ao tema um padrão tonal \*BA baseado nos reflexos tonais atestados em tshiluba (L31) e nas línguas da zona S.

Contrariamente, na parte noroeste do bantu, precisamente em lumbu (B44) e em yombe (H12), atestamos reflexos que remontam a uma reconstrução virtual similar de classe 5, 9 (<°-todo), porém com mudanças semânticas. Os substantivos denominam ‘*Cephalophus dorsalis*’.

B44	lumbu	ditolo	<u>5</u>	<i>Cephalophus dorsalis</i> (Céphalophe bai)	Hecketsweiler & Mokoko 1991:260
H12	yombe (Vili)	litolo	<u>5</u>	<i>Cephalophus dorsalis</i> (Céphalophe bai)	Hecketsweiler & Mokoko 1991:260

Devido à ausência de tons nos reflexos citados acima, optamos em separar as formas da zona B e H, da série comparativa discutida neste subtópico, motivadas também pela diferença semântica entre os temas.

Acreditamos que o tema discutido neste subitem, estabelece uma relação direta e indireta com o verbo reconstruído pelo BLR (2003) \*-toduk 6977 (5), atestado em línguas da zona L M com o sentido de ‘saltar’. A possível origem deverbativa do tema justificaria as mudanças das vogais finais.

#### 1.6.2.5. O tema °-goma (cl. 9/10)

Proposta de tema atestado apenas em algumas línguas da zona M N.

M52	lala	ngomo		<i>Tragelaphus strepsiceros</i>	Biodiversité au katanga
N31a	nyanja	ngoma	<u>1/2</u>	antelope (kudu)	Price s.d:10
		(mu/ a-)			
N31b	chichewa	-goma		gnu	Watkins 1937:36
N31c	manganja	n-goma	<u>9</u>	kudu	Lehmann 2002:17

N44	chisena	ngoma	<u>9/10</u>	antílope	Albano
		(zi-)			1939:16/156
N44	chisena	ngoma <sup>154</sup>	<u>9</u>	kudu antelope	Torrend 1900:43

Os substantivos apresentam problemas semânticos. Em lala (M52) o tema denomina '*Tragelaphus strepsiceros*'. O sentido 'gnu' do chichewa (N31a) sugerido por Watkins (1937) deve ser ignorado, pois os dados provêm de informantes pouco confiáveis, com pouco conhecimento em zoonímia.

Em chisena (N44), o substantivo de classe 9/10 segundo o autor denomina 'antílope kudu, castanho-claro, cornes grandes, em lua, com a ponta branca' (Albano, 1939:156). De acordo com a descrição revelada, o tema denomina certamente a 'espécie macho do kudu', visto que do gênero apenas os machos possuem chifres.

Nas línguas da zona N, parece que o 'gênero' das espécies é um fator motivador utilizado pelos falantes para denominar as espécies de antílopes em questão. Sendo assim, sugerimos para o tema o sentido 'espécie de kudu macho'.

Sugerimos para o tema C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva velar sonora, às vezes com a combinação da nasal (N-), prefixo de classe 9/10.

Quanto à regularidade sonora da C<sub>2</sub> nas línguas da zona N, \*m > m, enquanto \*mb > mb, por exemplo:

Em chichewa (N31b) 'ngombe' cow (Botne 1995:60) < \*gòmbè 1434 (1).

---

<sup>154</sup> Em chisena (N44), o autor sugeriu um substantivo de estrutura similar 'mañgoma (a-)' com o sentido de 'búfalo adulto macho'. (Albano, 1939:21/142). Até o presente, uma relação semântica e formal entre os temas é difícil a definir devido à ausência dos padrões tonais.

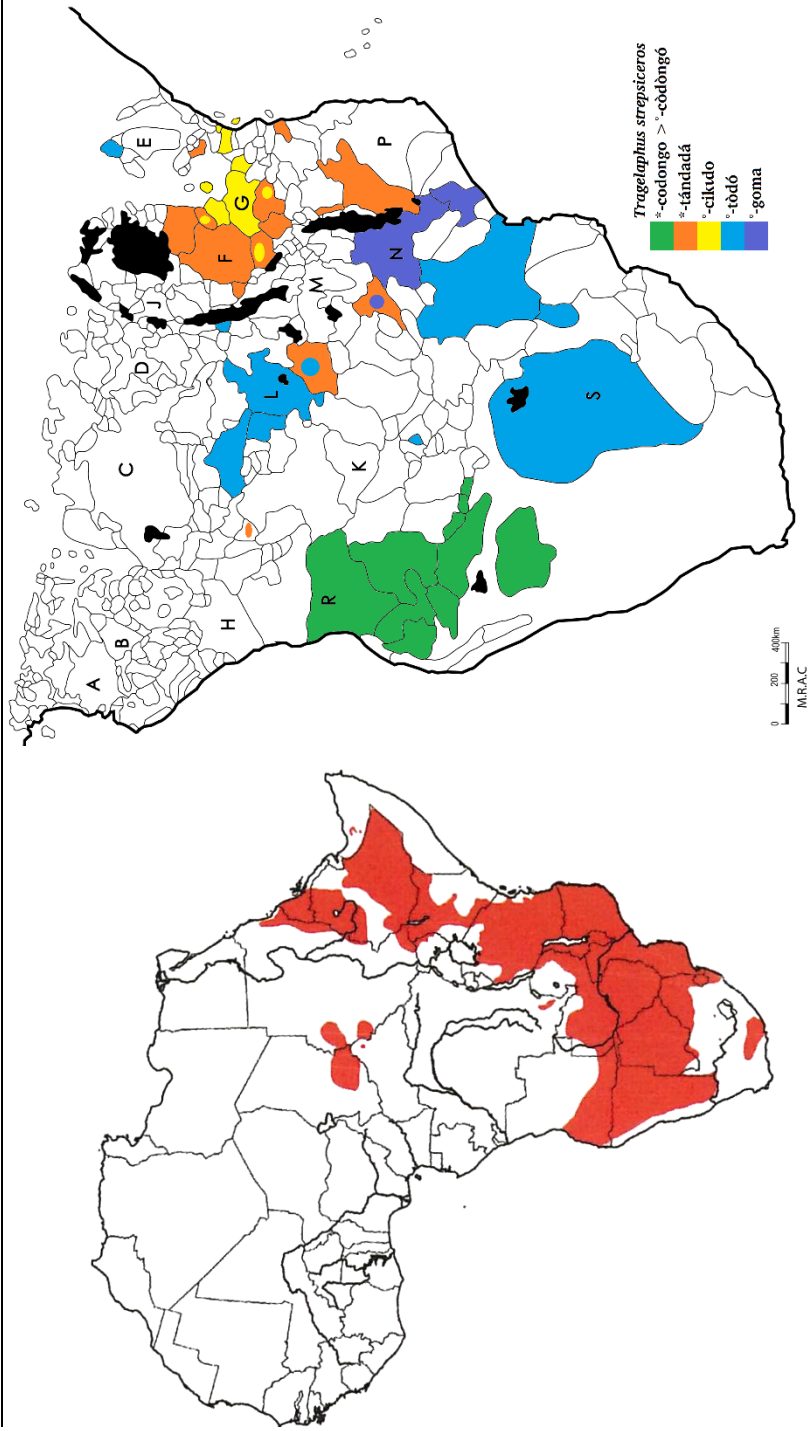
Em posição de  $V_1$  sugerimos para o tema uma vogal de terceiro grau de abertura devido as oposições entre vogais abertas e fechadas nas línguas de 5/7 vogais.

Apesar de em lala (M52) a vogal final realiza-se como /o/, baseado nos reflexos atestados nas línguas da zona N, sugerimos para o tema uma vogal central não arredondada.

Sugerimos para o tema o emparelhamento de cl. 9/10 e classe 1/2 em nyanja (N31a).

Devido à ausência de notações tonais o tema segue sem um padrão tonal.

Apesar da similaridade formal do tema com a proposta °-gòmba, separamos os reflexos do tema devido aos problemas de regularidade da  $C_2$  e também aos problemas semânticos entre eles.



Mapa 60: Hábitat *Tragelaphus strepsiceros*/ *imberbis*

Mapa 61: Temas *Tragelaphus strepsiceros*



### 1.6.3. *Tragelaphus imberbis*

**Descrição:** o pequeno kudu é um antílope de tamanho médio e esbelto. A cabeça é longa e estreita. A espécie assemelha-se fisicamente ao nyala, exceto as pernas e pescoços que são um pouco mais finos e alongados. Os machos jovens possuem uma cor cinza-areia quase idêntica aos dos nyalas machos na mesma idade. A pele é uma camuflagem e tem de 11 à 15 linhas verticais, de cor branca. A garganta e o peito estão marcados com manchas brancas geométricas. Diferente do grande kudu o pequeno kudu não tem crina no lado de baixo do pescoço. As orelhas são grandes e arredondadas. Apenas os machos possuem chifres em espiral.



Figura 28: *Tragelaphus imberbis*

**Hábitat:** vivem em regiões secas, planas e arborizadas evitando áreas abertas e com grama alta. São encontrados também em florestas e áreas montanhosas.

**Países nativos:** Etiópia, Quênia, Somália, Sudão do Sul, Tanzânia, Uganda. A espécie foi possivelmente extinta do Djibuti.

Revelamos em bantu uma (1) proposta de tema para denominar a espécie de *Tragelaphus imberbis*: °-cabada.

### 1.6.3.1. O tema °-cabada (cl. 9)

Proposta de tema atestado em algumas línguas das zonas F G.

F24	kimbu	nsabada	ḡ	waterbuck ( <i>Kobus defassa</i> & <i>Kobus ellipsiprymnus</i> )	Swynnerton 1946:36
F24	kimbu	sabana		kudu ( <i>Strepsiceros imberbis</i> )	Swynnerton 1946:36
F33	rangi	sawada		kudu ( <i>Strepsiceros imberbis</i> )	Swynnerton 1946:35
G11	gogo	sawada		kudu ( <i>Strepsiceros imberbis</i> )	Swynnerton 1946:35
G61	sango	nsabana	ḡ	kudu ( <i>Strepsiceros imberbis</i> )	Swynnerton 1946:35
G62	kihehe	sawada		kudu ( <i>Strepsiceros imberbis</i> )	Swynnerton 1946:35

O tema denomina ‘antílope kudu: *Tragelaphus strepsiceros imberbis*. Em kimbu (F24) o substantivo, segundo a mesma fonte, denomina também o ‘antílope waterbuck: *Kobus defassa* & *Kobus ellipsiprymnus*.

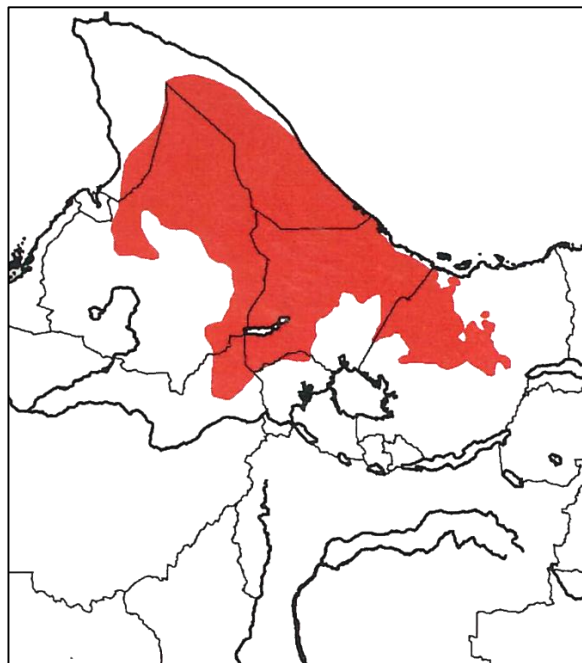
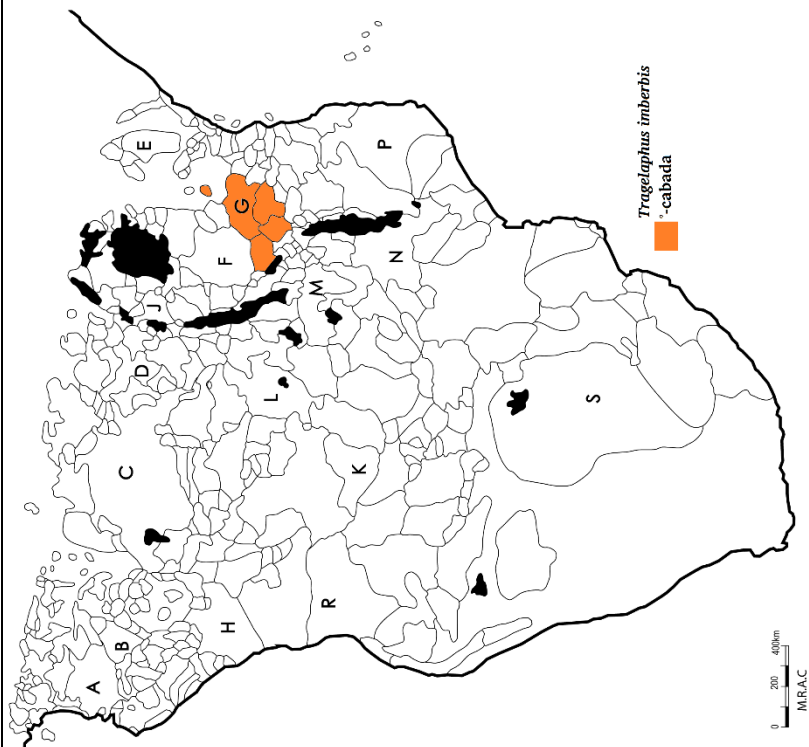
Propomos para o tema em posição de C<sub>1</sub> a consoante \*c, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9. Em posição de C<sub>2</sub>, propomos para o tema uma consoante oclusiva bilabial sonora.

Em posição de C<sub>3</sub> sugerimos para o tema uma consoante oclusiva alveolar sonora.

Devido à regularidade das vogais, sugerimos para o tema V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub> e V<sub>3</sub> uma vogal central não arredondada.

Sugerimos para o tema, classe 9.

Devido à ausência de notações tonais nos reflexos, o tema segue sem um padrão tonal definido. Até o presente, não atestamos o substantivo em fontes linguísticas, sendo assim, a proposta de tema continua na tese com uma fiabilidade baixa.



Mapa 62: Hábitat *Tragelaphus imberbis*

Mapa 63: Temas *Tragelaphus imberbis*

#### 1.6.4. *Tragelaphus spekii*

**Descrição:** espécie de antílope de tamanho médio e que apresenta um dimorfismo sexual bastante acentuado. As fêmeas tem a pelagem ruiva sem chifres e com aproximadamente 8 à 10 listras dorsais. Os machos são maiores e mais escuros tem uma pelagem longa que é grossa, sedosa, densa e uniforme, de cor marrom chocolate escuro, marrom acinzentado a cinza. A parte superior da cabeça e orelhas são marrons escuros com uma viga branca na frente. Tem uma faixa branca na garganta e outra no peito. Ocasionalmente, têm espécies que apresentam uma faixa branca discreta no meio das costas. Têm listras brancas verticais nas costas, na faixa lateral ao longo dos flancos e manchas brancas nas coxas. Os machos têm chifres grossos e muito descascados.



Figura 29: *Tragelaphus spekii* macho (à esquerda) e fêmea (à direita)

**Hábitat:** os sitatungas vivem em vegetações espessas, alta e densa que faz fronteira com córregos da floresta. É considerado um antílope anfíbio, pois podem viver na terra e na água.

**Países nativos:** Angola, Benin, Botsuana, Burundi, Camarões, República Centro-Africana, Chade, Congo, República Democrática do Congo, Guiné Equatorial, Gabão, Gambia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Quênia, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Ruanda, Senegal, Sudão do Sul, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue. A espécie foi extinta no Níger e possivelmente também do Togo.

**Literatura popular:** nas comunidades aka (C104) o *sitatunga* é bem representado nos contos e provérbios. cf. Conto '*Le sitatunga qui passait son temps à se baiger*'. Uma espécie de conto ecológico que explica como, e porque esse antílope tornou-se um animal aquático. (Thomas *et alii* 2007:160). Nas comunidades aka (C014) os chifres do animal são utilizados como ventosas para aspirar o sangue ruim acumulado em uma região do corpo. A carne do animal é proibida aos futuros pais de um bebê a partir da concepção do bebê até o fim da amamentação, caso contrário o bebê ficara doente. Para alguns, apenas o animal vermelho (a fêmea) é interdida de ser consumida a fim de evitar que apareçam inchaços no corpo do bebê e feridas em suas nádegas. (Thomas *et alii* 2007: 159). Nas comunidades lele (C84) o chifre do antílope é utilizado instrumento de adivinhação, chamado '*heba a mbudi*', contendo certos encantos medicinais. (cf. Bundjok-banyath iyawumn s.d.).

Nas línguas bantu atestamos cinco (5) protoformas virtuais para denominar a espécie de *Tragelaphus spekeii*: \*-bùdì, \*-jóbé, °-tùtònga, °-gòdà e °-póndò. Dentre os temas discutidos neste subtítulo, dois (2) são provenientes do BLR (2003).

#### 1.6.4.1. O tema \*-bùdì 370 (5) CS. 226 1/2 (cl. 9/10, 9/6, 3/4,7/8)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados nas línguas das zonas A B C.

---

A24 duala mbùdì pl= 9/10 *Limnotragus spekei* Bancel 1986/1987:46

---

B83	mfinu	mbv̄js:	9/6	<i>kudu antelope</i>	Guthrie 1967-1970
C32	bobangi	mbūli [mbūli]	9	<i>antelope, various kinds of</i>	Whitehead 1899:266
C71	tetela	mvudi	9	<i>antelope des marais</i>	Hagendorens 1956:16/267

A pesquisa atualizou a distribuição linguística do tema em outras línguas das zonas A B C e também em algumas línguas das zonas D H K L R, assim como, em algumas línguas fora do bantu.

A24	duala	mbudi	9/10	antilope, le situtunga ou Guib d'eau, ( <i>Limnotragus spekei</i> )	Helmlinger 1972:282/544
A24	duala	mbūdi	9	kudu, <i>Strepsiceros strepsiceros</i>	Ittmann 1976:329
A33a	yasa	mbud̄i	<u>9</u>	type d'antilope	Blench 2010:30
A43a	basaa	mbūy	<u>9</u>	antelope sp.	Blench <i>et alii</i> 2009:1
A72(a)	ewondo	emv̄ùl/ bimv̄ùl	7/8	<i>Tragelaphus spekei</i>	Bancel 1986/1987:46
A74a	bulu	emv̄ù / b̄amv̄ù	1a/2	<i>Tragelaphus spekei</i>	Bancel 1986/1987:46
A75	fang	mvul (b)	<u>9</u>	antilope grande, bongos: ( <i>Tragélaphe des marais</i> ), ( <i>Tragelaphus gratus</i> ).	Galley 1968:216/418
A75	fang	mv̄ùl/ b̄amv̄ùl	<u>9/2+9</u>	<i>Tragelaphus spekei</i>	Bancel 1986/1987:46

A75	fang	mvùù/ bèmvùù	<u>9/2+9</u>	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
A75A	ntumu	[mɲvùù] mvùù	<u>9</u>	l'antilope sitatunga	Voltz 1990:161
A75F	mveny	mvùl/ bèmvùl	<u>9/2+9</u>	sitatunga ( <i>Tragelaphus spekei gratus</i> )	Bancel 1986/1987:46
A801	gyele	mβùlè (bè-~)	<u>9</u>	sitatunga ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Blench <i>et alii</i> 2009:4
A801	gyele	mbvòlè (bè-)	9/2	bongo ( <i>Tragelaphus euryceros</i> )	Blench <i>et alii</i> 2009:2
A81	kwasio	sómvùl	<u>9</u>	bongo ( <i>Tragelaphus euryceros</i> )	Blench <i>et alii</i> 2009:1
A81	kwasio	mvùl (bè-~)	9/2	sitatunga ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Blench <i>et alii</i> 2009:4
A83	makaa	mpul pl. (o-mpul)	<u>1/2</u>	antilope	Heath & Heath 1984:35
A84	koonzime	mpul pl. (ompul)	1/2	espèce d'antilope	Beavon & Beavon 1996:88
A91	kwakum	kì-pùl	7	antilope sp.	Belliard s.d:3
A93	kako	mbùrù pl. fè	<u>9</u>	gazelle	Ernst 1989:33/71
B203	osamayi	mbwìdì/ bàmbwìdì	<u>9/2+9</u>	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44



B204	ndambomo	mbùdì/ bàmbùdì	<u>9/2+9</u>	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B21	seki	vímbùdù/ tʃímbùdù	7/8	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B22b	ngom (koya)	mbudu pl. (bambudu)	<u>9/2+9</u>	sitatunga ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Unesco 2006:50
B24	wumbvu	mvúdzè pl. bə-	<u>9/2+9</u>	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B25	kota	mbùdzì/ bàmbùdzì	<u>9/2+9</u>	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus Spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B251	shake	mbvùrù	<u>9</u>	sitatunga	Hombert, Manfoumbi & Mbongo 1989:153
B305	pove	mbùdì/ mbùdì	9/10	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekii</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B305	pove	-mbudi (B) cl. 9/10	9/10	sitatunga, guib d'eau. sitatunga, ( <i>Tragelaphus spekei</i> ) mâle	Van der Veen s.d.:34

B403	vungu	mbudi/ mbudi	9/10	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B41	shira	mbudi/ mbudi	9/10	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B43	punu	mbũdi/ bàmmbũdi	<u>9/2+9</u>	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B44	lumbu	infouli [infuli]	<u>9</u>	<i>Tragelaphus spekei</i> (Guib d'eau ou sitatunga)	Hecketsweiler & Mokoko 1991:260
B501	wanzi	mvùrì/ bàmrvurì	<u>9/2+9</u>	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B52	nzebi	mvùdi/ bàmrvùdi	<u>9/2+9</u>	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B52	nzebi	vudi /mvúdi pl. (bamvúdi)	1/9, 2 + 10	bongo (s)	Marchal- Nasse 1988-1989:612
B61	mbere	mvuru	<u>9</u>	antilope	Biton 1969:302
B62	lembaama	mvúrù/ àmrvúrù	<u>9/2+9</u>	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama- & Hombert 2006:45
B63	nduumo	mvuru m-/a	9/2	antilope (cheval)	Biton 1907:12

B63	nduumo	mvuru	<u>9</u>	antilope	Adam 1969:302
B71a	tege-kali	mvùli/ àmrvùli	<u>9/2+9</u>	sitatunga ou guib d'eau ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:45
B71a	tege	mvùli pl. amvuli	1/2	antilope chevalin	Linton Pauline 2013
B77b	fumu	mvuli (pl. ba)	9/2	antilope grande	Calloc'h 1911:127
B81	tiene	mbvuli	<u>9</u>	antilopes des marais	Motingea 2004:116/131
B81	tiene	mvule	<u>9</u>	kudu antelope	Ellington 1977:19/163
B85	yans	mvuüid	9/10	grande antilope des marais à sabots très fourchus (antilope cheval)	Swartenbroeckx 1948:6/111
B85	yans	mbui	9/10	grande antilope des marais	Swartenbroeckx 1948:6/83
B86	dzing	lu-bvul <sup>155</sup> lu/n-	11/10	antilope	Mertens 1939:45/131
B862	lweI	-bulé	9/10	antilope naine/gazelle	Khang 1979:136/141
C104	aka	mbùlè (mò-mè)	3/4	céphalope à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Thomas <i>et alii</i> 1993:131/297

<sup>155</sup> O fonema /bv/ segundo descrição do autor trata-se de uma consoante africada labiodental comum em dzing (B96). (Mertens 1938:9).

C104	aka	mbùdià (bà-)	1/2	antilope situtonga femelle, <i>Tragelaphus</i> ( <i>Limotragus</i> ) spekei gratus	Thomas <i>et alii</i> 1993:130/323
C104	aka	mbilìà (bà-)	1/2	antilope situtonga <i>Tragelaphus</i> ( <i>Limnotragus</i> ) spekei gratus	Thomas <i>et alii</i> 1993:27/323
C15	bongili	mbuli	9/10	antilope des marais	Motingea 2008:47/61/93
C22	akwa	/mvuli/	<u>9</u>	red antilope	Mokoko 2001:35
C24	koyo	mbuli	1a/2	antilope	Gazania 1972:94
C30	ngoingoi	mbuli	9/10	antilope de marais	Motingea 2010:70
C30B	lingala	mbuli	9/10	antilope (à longues cornes)	Guthrie 1954:87
C30B	lingala	mbuli	<u>9</u>	<i>Limnotragus</i> <i>spekei</i> , femelle	Everbroeck 1985:114
C312	ndobo	-buli	9/10	sp. d'antilope	Motingea s.d:258
C32	bobangi	-buli	9/10	antilope "mbuli"	Motingea s.d:145
C34	sakata	mbuwlə	<u>9</u>	petite antilope	De Witte 1955:82
C34	sakata	mvali	<u>9</u>	autre espèce d'antilope	De Witte 1955:83
C34	sakata	mval(i) Λ [u]	<u>9</u>	autre espèce d'antilope	De Witte 1955:83

C35a	ntomba	mbuli	<u>9</u>	antilope	Gilliard 1928:60/240
C35b	bolia	mbuli	9/10	sortes d'antilope	Mamet 1960:216
C374	babale	-bûli	9/10	antilope "mbuli"	Motingea s.d:186
C411	ebuku	mbuli	9/10	antilope "mbuli"	Motingea s.d:16
C411	bomboma	-buli		esp. d'antilope	Toronzoni 1985:267
C412	libobi	-buli	9/10	sp. antilope	Motingea s.d:73
C53	poke	mbuli	<u>9</u>	<i>Tragelaphus euryceros</i>	Mombaya 2015 :161
C55	lokele	mbuli	<u>9</u>	antelope	Millman 1926:11
C601	bosaka bokungu	mbuli	<u>9</u>	sitatunga ou antilope des marais, limm. <i>spekei</i> femelles	Herroelen 1959
C601	jofe	mbuli	<u>9</u>	antilope sp.	Hulstaert 1986:234
C61	lomongo	mbuli	9/10	antilope grandes	Hulstaert 1952:25
C61	lonkundo	mbuli	<u>9</u>	<i>Limnotraguss spekii gratus</i>	Lootens 1980:455
C61	lotoa	mbuli	<u>9</u>	<i>Limnotraguss spekii gratus</i>	Lootens 1980:455
C61	lolube	mbuli	<u>9</u>	<i>Limnotraguss spekii gratus</i>	Lootens 1980:455
C61	lomongo	mbuli	<u>9</u>	water-bucks	Ruskin s.d:358
C61D	mongo bosaka	mbuli	<u>9</u>	sp. antilope	Hulstaert 1993:100

C61E	lokonda	mbuli	<u>9</u>	<i>Limnotragus spekii gratus</i>	Lootens 1980:455
C61H	lokalo	muli	9/10	antilope	Hulstaert 1988:139
C61I	iyembe	muli	9/10	antilope des marais	Motingea 2010:92/111
C61J	ntomba	m-buli	9/10	antilope des marais	Motingea 2010:171
C61K	mbole mangilongo	mbuli	9/10	antilope des marais	Hulstaert 1993:243
C61L	mongo yongo	muji		antilope des marais	Hulstaert 1993:46
C61M	mongo nkole	mbuli	<u>9</u>	sp. antilope	Hulstaert 1993:100
C61P	mongo ngome a muna	muli	<u>9</u>	antilope des marais	Hulstaert 1993:148
C61	lomongo	mbuti	<u>9</u>	antelope hart.	Ruskin s.d.:358
C75	yasayama ikela	mbuli	<u>9</u>	situtunga ou antilop des marais, grand mâles, femelles	Herroelen 1959
D201	liko	mu-mbuyí, pl. 6o- mumbuyí	1/2	antilope esp.	De Wit 2015 <sup>156</sup>
H10A	kituba	mvúdi pl. (ba-)	<u>9/2</u>	grande antilope	Fehderau 1992:173/291
H10B	munukutuba	mvudi	<u>9</u>	antilope noire	INRAP 1981:23

<sup>156</sup> Comunicação pessoal.

H11	kibeembe	mmbvuri	<u>9</u>	sitatunga ( <i>Limnotragus spekei gratus</i> )	Maniacky 2000:159
H12	yombe (Vili)	mvouli [mvuli]	<u>9</u>	<i>Tragelaphus spekei</i> (Guib d'eau ou sitatunga)	Hecketsweiler & Mokoko 1991:260
H16c	yombe	mvúudi	3/4	antilope-cheval ( <i>Hippotragus equinus</i> )	De Grauwe 2009:76/129
H16d	fiote	nvuli pl (zi-)	9/10	antilope des marais	Derouet 1896:31
H16g	ntandu	mvudi	<u>9</u>	antilope kudu	Daeleman 1983:395
K11	chokwe	vuli		<i>Tragelaphus spekii</i> (sitatunga)	Biodiversité au katanga
K12b	ngangela	ímbuli	<u>9</u>	antilope (espèce d'antilope)	Maniacky 2002:351
K14	luvale	vuli	9/10	situtunga (antelope )	Anonyme (Horton ?) 1978:136
K33	rukwangali	mbuli pl. (va-)	9/2	sitatunga ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Kloppers 1994:137/164
K331/2	rumanyo	mbúli	9/10	sitatunga ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Möhlig <i>et alii</i> 2005:421/148
K402	fwe	mvwì pl. bà-	1a/2	kudu	Hilde Gunnink 2018:508
L12	kiholu	mvúdi	9/10	antilope cheval	Daeleman 2003:59/62
L22	mbagani	vùdì	1/9, 2	antilope	Tshibola 1985:197

L31a	tshiluba	mbudi	<u>9</u>	élan-cheval	Gabriel (Frère) 1925:86
L31a	tshiluba	mbúdi	9/10	antilope	De Clercq 1937:14
L32	kanyòk	mbudy, pl. /mbudy/ or /mabudy/	9/10 or 9/6	antilope des marais ( <i>Limmotragus spekei selousi</i> )	Mukash 2012:533
L33	kiluba	mbúdí (bam) [mbūdʒi]	9/2 + 9	un groupe de antilope	Gillis 1981:24
L33	kiluba	mbudi	<u>9</u>	<i>Tragelaphus spekii</i>	Biodiversité au katanga
L35	kisanga	mbudi (ba-)	9/2	antilope d'eau	Missions bénédictines Abbaye de Saint- André-lez- Bruges 1950:21
L41	kaonde	mbuji	<u>9</u>	sitatunga, <i>Tragelaphus spekei</i>	Ansell 1978:53
L52	lunda- ndembu	mvudi, pl. (amvudi)	9/2	situtunga	Kaumba Kawasha 2003:82
L53	ruund	mbúd pl. (á:-)	9/2 ou 9/6	sitatunga or marshbuck ( <i>Tragelaphus (Limmotragus) spekii</i> )	Hoover 1975:M-6
L53	ruund	mbúd	<u>9</u>	antilope géante	Kapend Makal 1995/1996:52
R11	umbundu	ohuli		antílope (da beira dos rios macho )	Le Guennec & Valente 1972:45



No quadro abaixo colocamos em visibilidade alguns substantivos compostos com mudanças semânticas, por exemplo: em gyele (A801) o tema composto denomina bongo: *Tragelaphus euryceros*. À segunda parte do composto em gyele (A801) < \*-bùdi. Contudo, as motivações semânticas na formação dos compostos seguem obscuras. Em kiwoso (E621D) a forma composta denomina ‘Grant’s gazelle’.

Em kiswahili (G42d) atestamos dois substantivos compostos ‘mvuli mayi’ que denominam ‘situtunga’. O tema ‘mayi < madyi ‘eau’ (cf. Sacleux, 1939:489). (cf. Outros casos de formas compostas em anexo).

A801	gyele	sàwà mvùlè (bè-~)	bongo ( <i>Tragelaphus euryceros</i> )	Blench <i>et alii</i> 2009/2010
C53	poke	mbuli masúwa	9 <i>Tragelaphus spekii</i> , situtunga	Mombaya 2015:161
C75	yasayama ikela	nkengembuli	situtunga ou antilop des marais, spécimes non adultes	Herroelen 1959
C61	mongo basabolomba	mbuli liamba	situtunga ou antilope des marais, femelles	Herroelen 1959
C61	mongo basabolomba	ilongo mbuli	situtunga ou antilope des marais, spécimes non adultes	Herroelen 1959
C61	mongo basabolomba	mbuli lokoto	<i>situtunga ou antilope des marais, grands mâles</i>	Herroelen 1959
E621D	kiwoso	mburi ya kasa	Grant's gazelle	N & P. 1975
G40G	kingwana	mbuli majua	grande antilope	Bancel 1986/1987:46

G40G	kingwana	mvuli mayi	antilope moyenne	Bancel 1986/1987:46
G42	kiswahili	bulimasua	sitatunga, mâle ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Ankei 1986:247
G42	kiswahili	bulimayi	sitatunga, mâle ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Ankei 1986:247
G42	kiswahili	bulimasua	sitatunga, femelle ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Ankei 1986:247
G42	kiswahili	bulimayi	sitatunga, femelle ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Ankei 1986:247
L33	kiluba	ngulungu budi	<i>Tragelaphus spekei</i>	Biodiversité au katanga

Identificamos também reflexos do tema, fora do bantu. Nas comunidades baka (pygmeus) e em gbaya, o tema denomina 'sitatunga'. Em zande o tema 'gbodi' denomina 'buffle' e também 'bushbuck', enquanto o tema 'nvure, mvuru' denomina espécie de antílope 'eland' e também 'small grey duiker'.

	baka pygmées	mbùli	<i>Tragelaphus spekei</i> , sitatunga, situtonga	Paulin Pascale 2010:297
C30B	lingala	gbodí	antilope	Everbroeck 1985:60
IA6	zande	mvurû	small grey duiker	Canon, Gore & Bullen 1952:96/176
1A6	gbaya	mbùdî	guib d'eau ( <i>Limnotragus spekei</i> )	Moñino 1995:617/682
1A6	gbaya	mbùdû	guib d'eau ( <i>Limnotragus spekei</i> )	Moñino 1995:617/682
IA6	zande	nvure	antilope eland	Canon, Gore & Bullen 1952:176/210/110
IA6	zande	bodi	antilope	Block 1912:10/172
IA6	zande	bodi	buffle	Block 1912:27/172

IA6	ngbandi	gbɔdí	antilope	Lekens 1952:11
IA6	zande	gbodi	bush buck	Canon, Gore & Bullen 1952:46/176
IA6	zande	mvurū	small grey duiker	Canon, Gore & Bullen 1952:96/176
IA6	zande	gbodi	bush buck	Canon, Gore & Bullen 1952:46/176

O BLR propôs o sentido ‘antílope kudu: *Tragelaphus sp*’, mas indica que segundo Bancel (1986-1987) nas línguas da zona A B o tema denomina ‘*Tragelaphus spekeii*’. Atestamos esse sentido na maioria das línguas, mesmo se algumas vezes de forma implícita como, por exemplo, em dzing (B86), onde segundo o autor o substantivo denomina uma espécie de antílope que encontramos em florestas perto de águas ou do pântano’ (Mertens 1939:45).

No entanto, colocamos em relevo, alguns problemas de identificação semântica, sem necessariamente serem ligadas as mudanças de classes nominais, por exemplo:

Em duala (A24) e em tiene (B81) o sentido ‘antelope kudu’, mencionados, respectivamente, por Ittmann (1976) e Ellington (1977) é um erro de tradução (identificação) do autor, pois a espécie é ausente na região de floresta. Confirmamos o erro de tradução através das entradas provenientes de outras fontes com o sentido de ‘antílope de marais, sitatunga’ (cf. Bancel (1986), Helmlinger (1972) e Motingea (2004).

Em duala (A24) e em tiene (B81), segundo fontes diferentes, os substantivos denominam ‘sitatunga’ mas também ‘antílope kudu: *Tragelaphus strepsiceros*’.

Em gyele (A801), em kwasio (A81) e em nzebi (B52), o mesmo autor, propôs dois sentidos, ‘sitatunga’ e também ‘antílope bongo: *Tragelaphus euryceros*’.

Em mfinu (B83) e em ntandu (H16g) os substantivos de classe 9 denominam ‘kudu’.

O sentido ‘water-bucks’ sugerido por (Ruskin, p. 358) para o dialeto lomongo (C61) é provavelmente um erro de identificação, visto que Hulstaert (1993) e Lootens (1980), sugeriram para os dialetos do lomongo respectivamente o sentido ‘antílope des marais’ e ‘*Limnotragus spekii gratus*’.

Segundo Husltaert (1957:1338) retifica ainda que ‘*les Nkundo distinguent deux variétés- (mbuli ěa lěende ayant des raies nettes, ressemblant à celles du Boocercus, et 'mbuli ěa lokotó sans raies, avec des taches seulement ou des indications vagues; les individus nains sont nommés ikólolo*’.

Em poke (C53) o tema denomina ‘*Tragelaphus eurycerus*’.

Em tshiluba (L31a) o tema denomina espécie de antílope ‘éland-cheval’.

Em outros casos, no entanto, atestamos problemas semânticos, provavelmente motivados pelas mudanças de classes nominais, por exemplo:

Em yombe (H12), segundo fontes e classes nominais diferentes, os substantivos denominam ‘sitatunga’ e também ‘*Hippotragus equinus*’.

Em fwe (K402) o substantivo de classe 1a/2, denomina ‘kudu’.

Em aka (C104) o substantivo de classe 3/4 denomina ‘*Cephalophus sylvicultor*’.

Em tege (B71a) o tema de classe 1a/2 denomina ‘antílope chevalin’.

Em algumas línguas os autores especificam o gênero e descrevem a espécie de antílope em questão, vejamos: em pove (B305) o autor especifica que o substantivo denomina ‘sitatunga mâle’. Em umbundu (R11) o autor revela o sentido ‘antílope da beira dos rios, mâle’. Em lingala (C30B) segundo descrição do autor: *limmotragus spekii, femelle de l’antílope des marais, appelée aussi ‘situtunga; l’arrière du corps est plus haut que le devant ; le mâle s’appelle °móngó* (Everbroeck 1985:114).

Baseado nas descrições, sugerimos para o tema o sentido ‘*Tragelaphus spekii*’, acreditamos que o tema ao menos em algumas línguas o substantivo é uma forma distintiva para denominar um dos gêneros da espécie de ‘sitatunga’. Essa hipótese é reforçada pelo fato de que atestamos dentro de uma mesma região, outros temas concorrentes (cf. \*jóbé 1601). Sendo assim, baseado nos sentidos revelados na maioria das descrições sugerimos para o tema o sentido ‘*Tragelaphus spekii femalle*’.

Na maioria dos casos, em posição de C<sub>1</sub>, os reflexos do tema se caracterizam pelo processo de espirantização de (\*b/\*mb), diante de vogal de primeiro grau de abertura como, por exemplo, em ewondo (A72a), em bulu (A74a), em fang (A75), em mveny (A75F), em kwasio (A81), em gyele (A801), em wumbvu (B24), em lumbu (B44), em wanzi (B501), nzebi (B52), em tege-kali (B71a), em fumu (B77b), em tiene (B81), em yans (B85), em dzing (B86), em akwa (C22), em sakata (C34), em otetela (C71), em kituba (H10B), em yombe (H12), em fiote (H16d), em ntandu (H16g), em kibeembe (H11), em luvale (K14), em mbagani (L22) e em lunda-ndembu (L52).

Apesar da regularidade dos reflexos em posição de C<sub>1</sub> identificamos alguns casos particulares: em shake (B251), a C<sub>1</sub> que se realiza como /mbv/ é regular. Hombert, Mamfoumbi & Mbongo (1989:153<sup>157</sup>) explica que em shake (B251), as vogais fechadas \*ɨ, \*ɥ tem influência na evolução das consoantes oclusivas, sendo assim, é regular \*b > bv, diante de vogal fechada (cf. \*-bùdɨ > mbvùrù).

Em alguns dialetos do lomongo (C60), precisamente em lokalo (C61H), em iyembe (C61I) e em mongo ngome a muna (C61P), em lamba (M54), em aushi (M402), em icibemba (M42) e em lala (M52) identificamos o processo de nasalização plena do NC (\*mb > m).

---

<sup>157</sup> Cf. Notas sur la phonologie diachronique du sake (1989).

500

Em algumas línguas do grupo A80 como, por exemplo em makaa (A83), em koonzime (A84) a consoante pré-nasalizada /mp/ < \*mb.

Em kwakum (A91) o fonema /p/ é regular e remonta também a \*mb.

Em umbundu (R11) a consoante fricativa glotal /h/, atestada em posição de C<sub>1</sub> não é regular, visto que na língua (\*b > β (ɸ) > v, enquanto \*nk > h.

Em osamayi (B203) atestamos o processo de labialização da C<sub>1</sub> (\*b > bw).

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas realizam-se como /d, t, j, dz, dʒ, l, r, y/, e derivam da consoante oclusiva alveolar sonora. Em algumas línguas atestamos reflexos diretos de \*d, por exemplo, em duala (A24), ndambomo (B293), em pove (B305). Em outros, atestamos o processo regular de lateralização de \*d, por exemplo, em tiene (B81), em lwel (B862), em vungu (B403) e nas línguas da zona C, assim como, o processo de vibrantização em wanzi (B501), kibeembe (H11). No entanto, atestamos também alguns casos de palatalização de \*d diante de vogal de primeiro grau, por exemplo, em wumbvu (B24) não atestamos exemplos da regularidade de /dʒ/, no entanto o morfema de prefixo de classe 5 é /dʒi/ < \*di.

Em kaonde (L41) \*d > d (ɸ) > ʒ. Em tege (B71a) os fonemas /l/ e /r/ atestados em posição de C<sub>2</sub> variantes dialetais.

Em lomongo (C61), a consoante oclusiva alveolar surda, sugerida por Ruskin (p.358), remonta a \*d apenas do ponto de vista fonológico, visto que na língua (\*t > t e \*d > l).

Em fwe (K402), não atestamos a regularidade C<sub>2</sub> (\*d > ø), na língua \*d > r (cf. 'mvúra' rain (Hilde Gunnink, 2018:26) < \*búdà 368 (1).

Concordamos com o BLR que propôs para o tema V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de primeiro grau de abertura que se justificam pelo processo de espirantização/palatalização, atestado nas línguas. No entanto, atestamos algumas alterações da V<sub>1</sub>, por exemplo, em mfinu (B83) e em sakata (C34) onde os fonemas realizam-se

respectivamente, como /i/ e /Λ/. Em sakata (C34) a vogal posterior /Λ/ é regular e remonta a \*u:

‘ɲgΛbÁ’ hippopotame (De Witte 1955:113) < \*gùbú 1532 (1).

Em mfinu (B83), assim como em muitas línguas do grupo B80 é regular a mudança de \*u > i, mesmo se na maioria dos casos esse fenômeno é frequente em posição de V<sub>2</sub>, por exemplo, em tiene (B81):

‘ɲkfími’ chef (cf. Motingea 2004: 110) < \*kúmú 2118 (1).

Em yans (B85) o alongamento vocálico da V<sub>1</sub> é pertinente, enquanto em yombe (H16) o alongamento é automático.

A V<sub>2</sub> realiza-se nos reflexos como /i, e, ø, u/. Em algumas línguas atestamos alterações das vogais finais (\*i > u), e isso justifica-se pelo fato de que certas línguas fazem harmonia vocálica da V<sub>1</sub>, como, por exemplo, em shake (B251), em mbere (B61), em lembaama (B62) e em nduumo (B63).

Em algumas línguas da zona A como, por exemplo, em makaa (A83), em koonzime (A84), em kwakum (A91) a perda da V<sub>2</sub> é regular.

O BLR propôs para o tema o emparelhamento de classe nominal 9/10. Confirmamos as classes sugeridas pelo BLR e colocamos em visibilidade outros emparelhamentos, sem no entanto, acarretar mudanças semânticas, por exemplo: em ewondo (A72a), em seki (B21) atestamos substantivos de classe 7/8 com o sentido de ‘sitatunga’, em bulu (A74a) e em aka (C104), atestamos classe nominal 3/4, 1a/2, com o sentido de sitatunga. Identificamos também classe 1/2 em makaa (A83) e em koonzime (A84) e classe 7 em kwakum (A91).

Quanto aos padrões tonais o BLR propôs para o tema um padrão tonal inteiramente \*BB, baseado precisamente nos reflexos tonais atestados na maioria das línguas das zonas A B, que apresentam reflexos diretos do \*PB.

502

Analisamos os padrões tonais nas outras zonas e obtivemos os seguintes resultados:

Em otetela (C71) os reflexos tonais BB remontam a um tom exclusivo \*BB:

‘lɔlɛlu’ barbe (Hagendorens 1984:24) < \*dèdù 897 (1)

‘mɔma’ python (Hagendorens 1984:273) < \*bòmà 261 (1)

Em liko (D201) os reflexos tonais BA remontam tanto a um padrão tonal \*BA quanto \*BB:

‘li-kundú’ estomac (De Wit 2015) < \*kùndú 1545 (4)

‘ngómbe’ vache (De Wit 2015) < \*gòmbè 1434 (1)

Em kibeembe (H11a) reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal \*BB

‘ɱmbomo’ python de Séba (Maniacky 2000:158) < \*bòmà 261 (1)

Em kiholu (L12) os reflexos tonais AB podem remontar a todos os padrões do PB (cf. Tons do tema \*-júmbì 9132).

Sendo assim, concordamos com a proposta tonal do BLR para um padrão \*BB, mesmo se em algumas línguas esse padrão não é exclusivo como, por exemplo, em liko (D201) e em kiholu (L12).

No BLR (2003) existe uma protoforma similar ao tema discutido nesta seção, \*-bùdì 303 (1), atestado em línguas da zona (A B C D E F G J L M N P S) com o sentido de ‘cabra’. Porém, os temas se divergem quanto aos padrões tonais e a abertura da V<sub>1</sub>. Apesar disso, acreditamos em uma origem comum entre eles.

O tema discutido \*-bùdì, é um forte candidato a ter uma fiabilidade (1) no BLR (2003).



1.6.4.2. O tema \*-jóbé 1601 (4) (cl. 9/10, 11/5, 12/13)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas A D F J M.

A72(a)	ewondo	odzóé/adzóé	11/5	<i>Neotragus batesi</i>	Bancel 1986:48
A74a	bulu	odzóé/adzóé	11/5	<i>Neotragus batesi</i>	Bancel 1986:48
A75	fang	odzúíí/adzúíí	11/5	antilpe de Bates ( <i>Neotragus batesi</i> )	Bancel 1986:48
A75F	mveny	odžé/odžé (ɲ)	11/5	<i>Neotragus batesi</i>	Bancel 1986:48
D43	nyanga	-obe		<i>gazelle</i>	Mateene 1994:35
F22	nyamwesi	ka-zove	12	<i>art antilope</i>	Dahl 1915:366
JD61	kinyarwanda	-yóbe, (inzó-)	9/10	<i>antilope des marais</i> , ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Coupez et alii 2005:2798
JD61	kinyarwanda	-zóbe	9/10	<i>antilope des marais</i>	Coupez et alii 2005:2881
JD62	kirundi	inzóbe	9/10	<i>antilope des marais</i>	De Samie 2002:26
JE11	runyoro	e-njobe	9	<i>antelope</i> ( <i>marsh antelope</i> ), <i>sitatunga</i>	Davis 1952:126/191
JE13	runyankore	enjobe	9	<i>antelope</i> ( <i>marsh antelope</i> ), <i>sitatunga</i>	Davis 1952:126/240
JE13	runyankore	enjóbe	9/10	<i>waterbuck</i>	Kaji 2004:38

JE14	rukiga	enjobe LHL	9	<i>waterbuck; marsh antelope</i>	Taylor 1959
JE15	luganda	è-njobè	9/10	<i>antelope (Limotragus spekei)</i>	Mulira & Ndawula 1952:85/ 126
JE15	luganda	`njobè, è-	9	<i>marsh antelope, sitatunga, Limmotragus spekei</i>	Snoxall 1967:241
M42	icibemba	ín-sóbé	9/10	<i>sitatunga antelope</i>	Guthrie & Mann 1995:93
M63	ila	shichinzobe pl. ba-	<u>1a/2</u>	<i>sititunga</i>	Smith 1907:263
M63	ila	kanga- shichinzobe		<i>sititunga (dim.)</i>	Smith 1907:263

O BLR sugeriu reflexos em línguas da zona G, mas não atestamos reflexos nesta zona provenientes do BLR. Contudo, colocamos em evidência reflexos oriundos do kiswahili (G42), além disso atualizamos a distribuição do tema em outras línguas das zonas A D F J M, assim como estendemos a distribuição do tema em algumas línguas das zonas K G L R.

A75	fang	ôzvi (h) pl. azvi		antilope (grande)	Galley 1968:316/418
D28	holoholo	-jobé	9/10	espèce d'antilope	Coupez 1955:146
F12	bende	nsobhé	9/10	sitatunga <i>Tragelaphus spekei</i>	Abe 2006:135
F21	sukuma	hdzoβe [nzɔβɛ]		kind of antelope	Guthrie 1967-1971:250
G42	kiswahili	nzohe	<u>9</u>	<i>Tragelaphus spekeii</i>	Biodiversité au katanga

K12b	ngangela	ndove	<u>9</u>	antílope anffbio	Baião 1939:34
K333	thimbukushu	ndhowe	9/10	sitatunga ( <i>Tragelaphus spekei</i> )	Legère & Munganda 2004:135
JE22	haya	enjôbe	<u>9</u>	antelope	Byarushengo 1977:205
JE22D	kiziba	nyôbe	<u>9</u>	wasserbock	Herrmann 1904:160
JE35	lunyole	enjobe pl. (=)	9/10	sitatunga, ( <i>Tragelaphus Spekii</i> )	Sylvester & Musimami 2012:95
L33a	kizela	nsobe	<u>9</u>	<i>Tragelaphus spekii</i>	Biodiversité au katanga
L35	kisanga	-zòbe pl. (nzò) BH	1n	antilope des marais, <i>Limmotragus spekei</i>	Coupez 1976 :18
L35	kisanga	nzobe (ba-)	9/2	espèce d'antilope	Missions bénédictines Abbaye de Saint-André-lez-Bruges 1950:192
M15	mambwe	nzowe	<u>9</u>	the water buck.	Halemba 1995
M42	icibemba	nsobe	<u>9</u>	sitatunga antelope	The White Fathers 1954:555
M51	bisa	sowe		sitatunga, <i>Tragelaphus spekei</i>	Ansell 1978:53

M52	lala	nzobe	<u>9</u>	sitatunga	Biodiversité au katanga
M52	lala	inanzobe	<u>9</u>	sitatunga femelle	Biodiversité au katanga
M54	lamba	nsobe	<u>9</u>	antilope des marais	Verbeek 2004:703
M64	tonga	sicinzobe	1a/2	situtunga antelope	Torrend 1967:509
R31	otjiherero	okatjove	12/13	hartebeest	Viehe 1897:106
R31	otjiherero	okacoße	12/13	sitatunga antelope	Guthrie 1967-1970

De acordo com o BLR o tema limita-se a denominar ‘espécie de antílope’. Na maioria das línguas os substantivos denominam o ‘sitatunga: *Tragelaphus spekii*’, exceto, nas línguas do grupo A70 onde os substantivos apresentam mudanças de classe nominais (11/5) e denominam ‘Antílope de Bates, *Neotragus batesi*’. (cf. Bancel 1986-1987).

Em algumas línguas como, por exemplo, em ngangela (K12b), em runyankore (JE13), em rukiga (JE14), em kiziba (JE22D) e em mambwe (M15) os substantivos de classe 9 denominam ‘waterbuck’. Em otjiherero (R30), atestamos um substantivo de classe nominal 12/13 com o sentido de ‘hartebeest’, porém segundo Guthrie 1967-1970 (C.S. 947): ‘*The source-item of this C.S. probably arose in the east in the Bantu period to refer specifically to the sitatunga*’.

Em lala (M52) o tema faz parte de um tipo de categorização local, o morfema (ina-) designa a fêmea da espécie de sitatunga. (cf. explicação do °-peba 1.7.1.4. ).

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva palatal sonora, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9, por exemplo, em algumas línguas da zona J, em sukuma (F21), em kisanga (L35) e em

tonga (M63). Entretanto, identificamos que em alguns casos os reflexos não remontam a \*/\*nj, por exemplo, em bende (F12), a consoante fricativa /s/ remonta a \*nj. Em bisa (M51) e em lamba (M54) o fonema /ns, s/ remonta a \*c/N + c, enquanto em icibemba \*nc, \*nj > ns.

Em nyanga (D43) a perda da C<sub>1</sub> não é regular, visto que, na língua \*j > y.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora.

Quanto as vogais, a V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> são regulares e foram reconstruídas pelo BLR como vogais de terceiro grau de abertura.

Concordamos com o emparelhamento de classe 9/10 e sugerimos o emparelhamento irregular de classe 11/5 nas línguas do grupo A70, classe 12/13 em nyamwesi (F22) e em herero central (R30). Nas línguas do grupo botatwe (M60) para a explicação do substantivo 'sici' anteposto ao radical. (cf. Reflexos do tema \*-kudo 4684)

Quanto aos padrões tonais, o BLR (2003) propôs um padrão tonal inteiramente \*AA. Porém, segundo indicações do BLR (2003) os padrões tonais são divergentes '(Meussen 1976) HL, aussi réflexes de HH et HL'. Em kirundi (JD62) o tema '-zóbe' 9 'is unequivocally \*HL. The other languages lack distinctiveness between \*HL and \*HH: Nyoro, nkore, ganda, sukuma, bemba, ila. The correspondence is thus much more \*HL than \*HH, although strictly speaking it is \*HL or \*HH, with a slight predominance for \*HL (but certainly not \*HH)'.

A pesquisa confirmou os problemas de ambiguidades quanto aos padrões tonais nas outras línguas, vejamos:

Em holoholo (D28) os reflexos tonais BA remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*AB:

'kɪŋgó' cou (Coupez 1955:146) < \*kíngó 1674 (1)

508

‘nkímá’ singe (Coupez 1955:146) < \*kímà 1798 (1)

Em bende (F12) os reflexos tonais BA remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*AB:

‘línkalá’ crab (Abe 2006:112) < \*kádá 1664 (1)

‘kúbhokó’ arm, bras (Abe 2006:104) < \*bókò 260 (1)

Em kinyarwanda (JD61) os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*AB:

‘vúra’ pluie (Coupez 2005:2764) < \*-búdà 368 (1)

Em runyankore (JE13) e em rukiga (JE14) os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto a \*AB:

‘òbù-kázi’ woman, femelle’ (Taylon 1959) < \*kádí 1674 (1)

‘èn-jókà’ ‘snake(s) (Taylon 1959) < \*jókà 3536 (1)

Sendo assim, os dados permitem apenas confirmar o tom \*A da S<sub>1</sub>, ao passo que a S<sub>2</sub> remonta tanto a \*A quanto a \*B.

#### 1.6.4.3. O tema °-tòtùnga (cl. 9/10, 7/8)

Proposta de tema atestada em algumas línguas da zona K L M S.

K21	silози	situtunga pl. (li-)	9/10	waterbuck	O’sullivan 1993:10
K21	silози	sitatúnga (situtunga)	<u>Z</u>	situtunga	Shortridge 1934:589/590
K352	mwenyi	(e)sítútúngá, (e)ítútúngá	7/8	sitatunga	Yukawa 1987:21
K333	thimbukushu	thitátunga	7/8	sitatunga	Wynne, s.d:490

L62	nkoya	shitutunga, bi-	7/8	sitatunga	Yukawa 1987:23
M63	tonga	situtunga	<u>7</u>	situtunga	Shortridge 1934:589/590
S31c	setswana	-tutungha (se) [sè.tùtúŋhá]	7	sitatunga	Cole 1995:55/66

Em quase todos os casos o tema denomina ‘situtunga: *Tragelaphus spekeii*’, exceto em silozi (K21), onde o substantivo de classe 9/10 designa antílope ‘waterbuck’. A mudança semântica neste caso poderia ser justificada pelo fato de que ambas as espécies têm em comum o fato de serem antílopes aquáticos.

Os reflexos do tema caracterizam-se por apresentarem reduplicação parcial da primeira sílaba.

Em posição de C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar surda.

Em posição de C<sub>3</sub> os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*ng. Mesmo sabendo que o padrão segmental mais frequente em bantu é dissilábico, optamos por uma proposta de reconstrução com um padrão (CVCVCV), baseada no fato de que até o momento não atestamos um tema simples (-tunga), com reduplicação da S<sub>2</sub> (-tunganga) ou com reduplicação total do tema o que resultaria em uma estrutura (-tungatunga).

Identificamos em setswana (S31) a presença de uma nasal silábica no interior do tema, que na língua constitui uma sílaba separada. Esse fenômeno é pouco habitual em bantu, mas comum em setswana, por exemplo:

‘mòńná’ LHH ‘homme’ (cf. Creissels 2016<sup>158</sup>/Creissels, 1993:205).

---

<sup>158</sup> Comunicação pessoal.

Quanto ao fonema /gh/ atestado em posição final, em setswana (S31), o autor exemplifica que ocorre ocasionalmente em substantivos adotados de outras línguas, especialmente de algumas regiões de Ngamiland, Botswana. (cf. Cole 1995:22).

Em posição de  $V_1$  os fonemas apresentam alterações vocálicas e realizam-se segundo as fontes, como /a, u/. Essas alterações justificam-se pela confusão atestada no nome da espécie, às vezes 'situnga' outras 'situtunga', por exemplo, em thimbukushu (K333) e segundo Shortridge (1934) em silozi (K21). Nas línguas europeias a forma recorrente é 'situnga'. Apesar da confusão optamos em reconstruir o tema com uma vogal /u/, visto que, a forma 'situtunga' é mais recorrente nos reflexos provenientes de fontes linguísticas. A escolha de uma  $V_1$  /u/ explica também a abordagem do tema como casos de reduplicação parcial da  $S_1$ .

Em posição de  $V_2$  propomos para o tema também uma vogal de segundo grau de abertura.

A escolha de um tema com  $V_1$  e  $V_2$  de segundo grau fundamenta-se pelo fato de que nenhum dos reflexos apresenta processo de espirantização, fenômeno este bastante produtivo nas línguas da região (cf. Exemplos abaixo):

K352 mwenyi '(e) lífucí' shoulder (Yukawa 1987:1) < \*túdi 3987 (4)

K333 thimbukushu '-fúra' hammer (Wynne s.d. 260) < \*túd 3101 (1)

L62 nkoya 'shifûthi' shoulder (Yukawa 1987:2) < \*túdi 3987 (4)

Devido à regularidade das vogais em posição de  $V_3$ , propomos para o tema uma vogal central não arredondada.

Os temas apresentam em quase todos os casos um emparelhamento de classe nominal 7/8, exceto em silozi (K21), onde atestados o emparelhamento de classe 9/10.



Baseado nos reflexos tonais atestados em mwenyi (K352) e em setswana (S31) propomos para o tema ao menos o padrão tonal da  $S_1$ , que remonta em ambas as línguas a um tom \*B:

Em setswana (S31) o reflexo tonal BA deriva de um padrão \*BA:

‘kùbú’ hippopotamus (Cole 1995:61) < \*gùbú 1532 (1)

Em mwenyi (K352) os reflexos tonais AAA remontam a um padrão tonal \*BBB

‘síkúlúbé’ pig (Yukawa 1987:20) < \*gòdòbè 1494 (4)

Em posição de  $S_2$  sugerimos também um tom \*B (reduplicação tonal da  $S_1$ ).

Em posição de  $S_3$  o tema continua sem um padrão tonal definido, visto que, os reflexos remontam tanto a \*A quanto a \*B.

#### 1.6.4.4. O tema °-gùdà (cl. 3)

Novo tema baseado em reflexos atestados apenas em algumas línguas da zona M.

M402	aushi	mula <sup>159</sup>	<u>3</u>	antilope des marais	Verbeek 2004:703
M42	icibemba	mula	<u>3</u>	antilope des marais	Claquin 1929
M42	icibemba	muula (mu-ula)	<u>3</u>	bull sitatunga	Guthrie & Mann 1995:57
M52	lala	mula	<u>3</u>	antilope des marais	Verbeek 2004:703

<sup>159</sup> Segundo o autor, nas línguas da zona M, precisamente em lamba (M54), em aushi (M402) em lala (M52), tanto o tema ‘mula’ quanto ‘nsobe’ denominam indistintamente ‘antilope des marais, sitatunga’, ou seja, são palavras sinônimas nestas línguas (cf. Verbeek 2004:703).

M52	lala	mula	<u>3</u>	mâle de sitatunga	Biodiversité au Katanga
M54	lamba	mula	<u>3</u>	antilope des marais	Verbeek 2004:703

De acordo com o sentido revelado em lala (M52) o substantivo faz parte provavelmente de um tipo de categorização local e denomina o ‘macho de sitatunga’.

Propomos para o tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva velar surda, devido ao fato de que nas línguas do grupo M40 e M50 é o único fonema que desaparece (\*g > ø), por exemplo, em icibemba (M42):

‘ubu-anga cl. 14 ‘médicament’ (Kabange Mukala 2009: 53) < \*gàngà 1334  
(1)

Em lala (M52) ‘uku-ulu’ jambe (Kabange Mukala 2009: 336) < \*-gòdò 1490  
(1)

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a \*d.

Propomos para o tema em posição de V<sub>1</sub> uma vogal de segundo grau de abertura, uma vez que não identificamos nos reflexos o fenômeno de espirantização, processo bem comum nas línguas do grupo, por exemplo:

Em icibemba (M42) ‘i-N-fula’ pluie (Kabange Mukala 2009:92) < \*-búdà 368  
(1)

Em kilamba (M54) ‘i-N-fula’ pluie (Kabange Mukala 2009:92)

Devido à regularidade dos substantivos em posição de V<sub>2</sub>, sugerimos para o tema vogal central \*a.

Propomos ao tema ao menos o singular de classe 3.

Baseado nos reflexos tonais BB atestado em icibemba (M42) sugerimos para o tema um padrão tonal \*BB.

‘ubu-limbo’ bird-lime (Guthrie & Mann 1995:47) < \*-dìmbò 985 (1)

#### 1.6.4.5. O tema °-póndò (cl. 7/8)

Proposta de tema de classe 7/8 baseado em reflexos atestados nas línguas da zona C.

C313	litoka	-ɔndɔ	7/8	antilope mbuli	Motingea s.d:225
C322	zamba	-hɔndɔ	7/8	antilope mbuli	Motingea s.d:111
C41	ngombe	(e)hɔndɔ	<u>7</u>	antilope	Motingea 1994:344
C412	likata	hɔndɔ	<u>7</u>	mbuli sp. antilope	Motingea s.d:54
C611	bafoto	íɔndɔ	<u>7</u>	antilope <i>nigrifrons</i>	Hulstaert 1978:128

Baseado nos sentidos revelados na maioria das línguas sugerimos ao tema o sentido ‘*Tragelaphus spekeii*: sitatunga’. Atestamos apenas em bafoto (C611), um substantivo que apresenta problemas semânticos e denomina ‘*Cephalophus nigrifrons*’.

Em posição de C<sub>1</sub> sugerimos para o tema uma consoante oclusiva bilabial surda, visto que nas línguas do grupo C30, C40 \*p > ø, h. Em bafoto (C611) a perda da C<sub>1</sub> é irregular, uma vez que, nas línguas do grupo lomongo (C60) é regular \*p > f.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a \*nd.

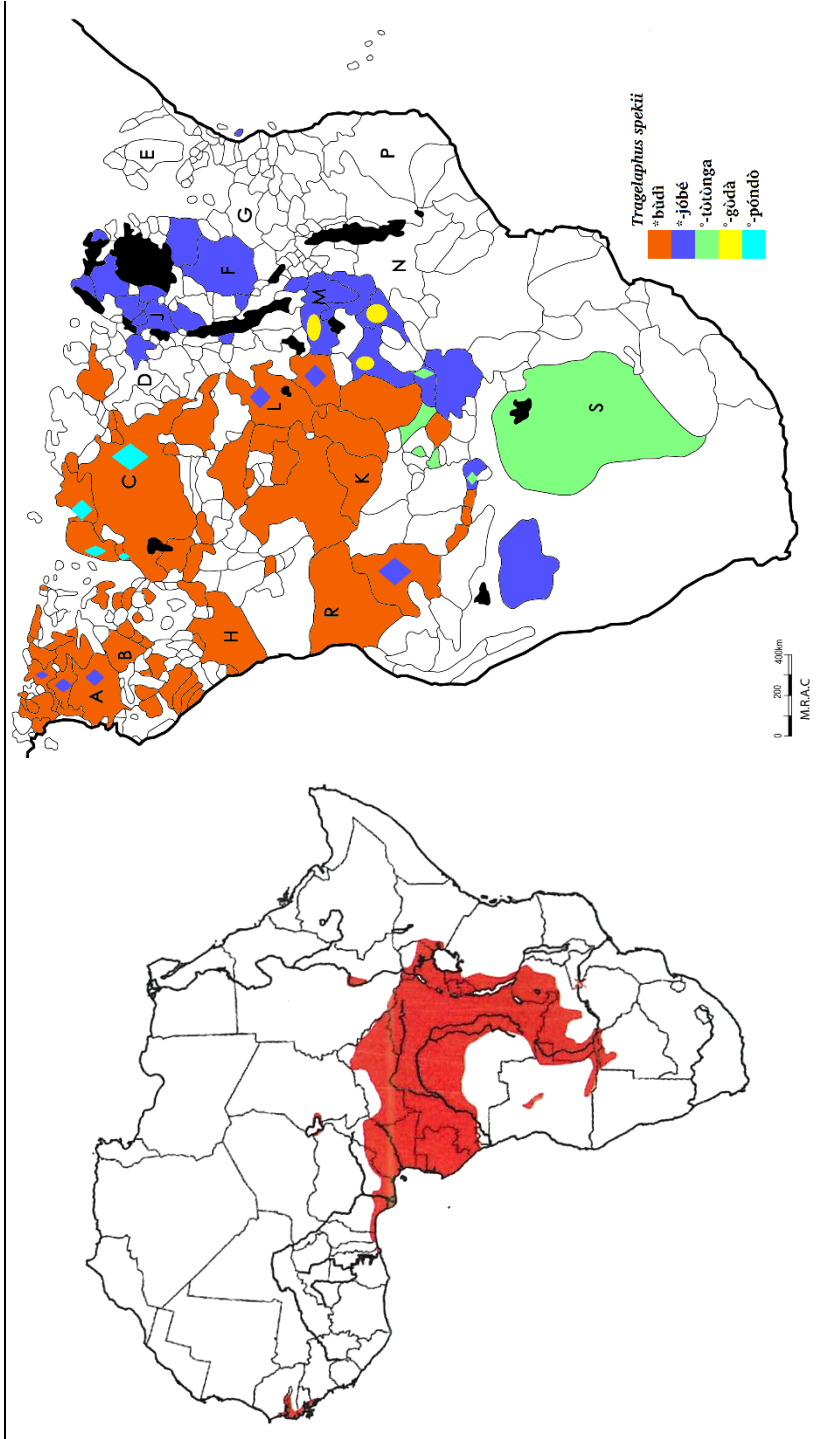
Sugerimos ao tema V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> de terceiro grau de abertura que se justifica pela oposição entre /o, ɔ/ atestada nas línguas de 7 vogais.

514

Apesar do sentido atestado em bafoto (C611) ser contraditório, o substantivo é o único caso confiável que nos permite sugerir um padrão tonal ao tema.

Sendo assim, baseado nos reflexos tonais AB em bafoto (C611) sugerimos para o tema um padrão tonal \*AB:

Em bafoto (C611) 'bolóme' mari, homme'. (Hulstaert 1978:128) < \*-dómè  
1183 (1)



Mapa 64: Hábitat *Tragelaphus spekii*

Mapa 65: Temas *Tragelaphus spekii*

**1.6.5. *Tragelaphus eurycerus***

**Descrição:** antílope grande de corpo alongado e musculoso. A pelagem é de cor marrom-avermelhado (forte) marcada com 10 à 16 linhas brancas verticais nos flancos. A parte debaixo do queixo é branca, com marcas brancas variáveis na bochecha traseira. A cauda é marrom terminando em um topete preto. Os machos tornam-se pesados e escurecem com a idade. Com exceção dos elandes, o bongo é o único membro do gênero *Tragelaphus* que têm chifres presentes em ambos os sexos. Os chifres são longos e escuros, com pontas branco-amareladas curvando-se para cima e para trás em espiral.



Figura 30: *Tragelaphus eurycerus* fêmea (à esquerda) e macho (à direita)

**Hábitat:** os bongos são encontrados na África desde a República do Congo até a República centro-africana, e ao sul do Sudão. Vivem também nas montanhas do Congo e em zonas de transição de florestas-savanas.

**Países nativos:** Benin, Camarões, República Centro-Africana, Congo, República Democrática do Congo, Costa do Marfim, Gabão, Gana, Guiné, Quênia, Libéria, Níger, Serra Leoa, Sudão do Sul e Togo. A espécie é extinta em Uganda.

**Literatura popular:** nas comunidades aka (C104) o bongo, é considerado ainda mais perigoso e maligno que o antílope sèngé: ‘*Cephalopgus leucogaster*’. Isso porque ele têm listras brancas no corpo e tachas brancas no focinho. (cf. Thomas *et alii* 2007:211, vl. II). Nas comunidades aka, a pele seca desse antílope é utilizada como napa de dormir. Os chifres servem como ventosas e também é utilizado como recipiente nas diversas preparações medicamentais. Um ritual comum depois da caça ao bongo, é que o caçador que matou o animal retira a manchas brancas da cabeça dele e joga na floresta como oferenda aos espíritos que tema a mesma cor. Em relação aos tabus de interdição, uma criança não pode sentar na pele animal, pois isto é reservado aos adultos. A carne do antílope é proibida de ser consumida por alguns familiares e pelos pais de bebês, desde a concepção do bebê até que a criança comece a andar. (Thomas *et alii* 1993:101). Na antroponímia motembo (C371) o nome ‘mondonga’ é atribuído a uma pessoa charmosa e elegante, isso em correlação com o antílope bongo, conhecido em muitas comunidades como símbolo da elegância. (cf. Masimo 1989:287).

Em bantu identificamos cinco (5) protoformas para designar o antílope ‘*Tragelaphus euryceros*’: \*-jùná, \*-pàngá, °°-bòngò, °°-bòanga e °-bàngàdà. Dentre eles, dois (2) temas são provenientes do BLR (2003) e dois foram sugeridos por Mouguiama e Hombert (2006).

#### 1.6.5.1. O tema \*-jùná 9108 (5) (cl. 7/8, 9/10, 19/13)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos recolhidos por Bancel (1986-1987:47) nas línguas da zona A.

A44	tunen	hesòná/ tusòná	19/13	Néotrague?	Bancel 1986/1987:47
A44	tunen	hesòná/ tusòná	19/13	petite antilope rousse de savane	Bancel 1986/1987:47
A74a	bulu	ezóná/ bizóná	7/8	bongo	Bancel 1986/1987:47

---

A75F	mveny	ezóná/ bizóná	7/8	<i>Tragelaphus euryceros</i>	Bancel
					1986/1987:47

---

Bancel (1986-1987:47) agrupou erroneamente a entrada atestada em duala (A24) com os reflexos da protoforma \*-jònà. A forma é também mencionada no dicionário de Ittmann (1976:432) e de acordo com o autor denomina uma espécie de ‘monstre marin mythologique’. A definição sugerida por Ittmann confirma que a entrada não tem nenhuma relação com a reconstrução discutida nesta seção, pois essa espécie de ‘mostro místico’ certamente não se refere a um ‘antílope’. Por isso, excluímos esses substantivos dos reflexos regulares da protoforma (< \*-jònà).

---

A24	duala	nǰóná (pl=)	9/10	monstre aquatique mythique	Bancel
					1986/1987:47

---

Entretanto, a pesquisa atualizou a distribuição linguística do tema em outras línguas da zona A e também estendeu a distribuição do tema em algumas línguas das zonas B C.

---

A46	mandi	hecóná, pl. (tɔcɔná)	19/13	antilope kaki	Taylor & Scruggs
					1983:18
A75	fang	énzôna (h) pl. (bi-)	7/8	antilope (grande), bongo	Galley
					1968:112/418
A75	fang	èzónà/bìzónà	7/8	bongo ( <i>Boocercus euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert
					2006:44
B203	osamayi	èzónà/bèzónà	7/8	bongo ( <i>Boocercus euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert
					2006:44
B204	ndambomo	èzónà/bèzónà	7/8	bongo ( <i>Boocercus euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert
					2006:44

---



B22b	ngom (koya)	a'nZona, pl. (bi'nZona)	<u>7/8</u>	boeuf	Unesco 2006:24/78
B22b	ngom (koya)	a'nZona, pl. (bi'nZona)	<u>7/8</u>	céphalophe à dos rouge	Unesco 2006:24/81
B25	kota	èzónà/bèzónà	7/8	bongo ( <i>Boocercus euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B251	shake	zúnó/bèzúnó	7/8	bongo ( <i>Boocercus euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B252	mahongwe	èzóná/bèzóná	7/8	bongo ( <i>Boocercus euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
B305	pove	nzóná, nzóná	9/10	antilope (espèce)	Mickala- Manfoumbi 2004:404
B61	mberé	gindjuna	7	antilope	Biton 1969
B63	nduumo	gindjuna	7	antilope	Adam 1969:3022
C34	sakata	ijónjá	<u>5</u>	autre espèce d'antilope	De Witte 1955:83
C34	sakata	ijwá	<u>5</u>	autre espèce d'antilope	De Witte 1955:83
C34	sakata	i(d)júá	<u>5</u>	autre espèce d'antilope	De Witte 1955:83
C34	sakata	ijuá	<u>5</u>	autre espèce d'antilope	De Witte 1955:83

Concordamos com o BLR (2003) que sugeriu para o tema o sentido 'antilope bongo: *Tragelaphus euryceros*'.

520

Nas línguas do grupo A40, atestamos problemas semânticos motivados pelas mudanças de classes nominais. Os substantivos de classe 19/13, com função diminutiva, denominam ‘*neotragus*’ e ‘petite de antilope rousse de savane’.

Em ngom (B22b), atestamos dois sentidos, sem mudanças de classes nominais, o substantivo denomina ‘boeuf’, mas também ‘Céphalophe à dos rouge’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva palatal sonora, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9, exceto em tunen (A44), onde atestamos que a C<sub>1</sub> remonta a uma consoante pré-nasalizada \*c, \*nc > s.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas derivam de \*n.

A V<sub>1</sub> é regular e foi reconstruída como uma vogal de terceiro grau de abertura.

A V<sub>2</sub> foi reconstruída como uma vogal central não arredondada. Atestamos apenas um caso em shake (B251), de alteração regular da V<sub>2</sub> (\*a > o):

‘tàbò’ chèvre (Hombert, Manfoumbi & Mbongo 1989: 154) < \*tàbà 2712 (5)

Concordamos com a proposta de classe nominal 7/8 e colocamos em evidência outros emparelhamentos de classe nominal 9/10 e classe 19/13, com função diminutiva. Em sakata (C34) sugerimos ao menos o singular de classe 5.

Quanto aos padrões tonais, o BLR (2003) propôs para o tema um padrão tonal \*BB baseado nos reflexos tonais atestados na maioria das línguas das zonas A sugerida por (Bancel 1986/1987).

Mouguiama & Hombert (2006:44), reinterpretaram o tema e propuseram a forma °°-jóná, com um padrão tonal inteiramente \*AA, baseado nos resultados tonais atestados nas línguas da zona B.

De modo a resolver as ambiguidades tonais colocamos em evidência os resultados tonais atestados nas outras línguas:

Apesar dos reflexos atestados nas línguas da zona B remontarem a um padrão \*AA, atestamos em kota (B25), outra situação. Os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*AB:

‘lémi’ cl. 7/8 ‘langue’ (Piron Pascale 1990:175) < \*-dími 972 (4)

Nas línguas da zona A os reflexos tonais são divergentes: em tunen (A44) os reflexos BB e em mandi (A46) os reflexos tonais BA remontam a um padrão tonal \*BA.

Em tunen (A44) ‘èngando’ crocodile (Dugast 1967) < \*-gàndú 1326 (3)

Em fang (A75) os reflexos tonais AB remontam a um padrão tonal \*AB.

Em bulu (A74a), em mweny (A75F), em osamayi (B203), em B204 (ndambomo), em shake (B251) e em mahongwe (B252) os reflexos tonais AA remontam a \*AA.

Devido às irregularidades de correspondências tonais identificadas nas línguas é difícil estabelecer um padrão tonal para o tema. Sendo assim, a proposta tonal \*BB sugerida pelo BLR (2003) continua com uma baixa fiabilidade.

#### **1.6.5.2. O tema \*-pàngá 8712 (5) (cl. 9/10, 3/4, 5/6)**

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas A C. Os reflexos atestados na zona A, segundo o BLR, são provenientes da língua em bulu (A74a) e do mweny (A75F), porém reinterpretemos e agrupamos esses reflexos com a proposta °-buanga (discutido no item 1.6.5.4. ).

C35a	ntomba	mpangá	<u>9</u>	antilope bongo <i>Boocercus eurycerus</i>	Mamet 1955:195
C35b	bolia	pangá	<u>9</u>	sortes d' antilope	Mamet 1960:216
C61	lomongo	mpangá	9/10	antilope rayée, zébrée	Hulstaert 1952:25

Atualizamos a distribuição do tema em outras línguas da zona C, assim como nas zonas A B.

A84	koonzime	mpwañ	<u>9</u>	gazelle	Beavon 1997
B82	buma	mupán	<u>3</u>	antilope du genre springbok	Bursens 1999:7
B85	yans	mupaan	3	antilope- grande fauve des plaines	Swartenbroeckx 1948:6/105
B85	yans	mupan (mi-)	<u>3/4</u>	antilope des roseaux	Nguma 1986:19
B86	dzing	pjan <sup>160</sup> pl. (ba-)	1/2	antilope	Mertens 1939:80/131
C15	bongili	j-anga	5/6	antilope zébrée	Motingea 2008:46/60
C30	ngoingoi	m-pangá	<u>9/10</u>	antilope zébrée	Motingea 2010:70
C323	mpama	mpangá	<u>9</u>	antilope	Motingea 1984:11
C61	lonkundo	mpangá	<u>9</u>	<i>Boocercus eurycerus</i>	Lootens 1980:455
C61	lotoa	paagá	<u>9</u>	<i>Boocercus eurycerus</i>	Lootens 1980:455
C61HA	lokalo	bofanga	<u>3</u>	sp. d'antilope	Hulstaert 1988:136

<sup>160</sup> O fonema /pj/ descreve-se em dzing (B86) como uma consoante oclusiva palatalizada. (cf. Mertens 1939:14).

C61E	lokonda	mpangá	<u>9</u>	<i>Boocercus eurycerus</i>	Lootens 1980:455
C61J	ntomba nkole	mangá	9/10	antilope zébrée	Hulstaert 1993:183
C61P	mongo ngome a muna	manga	<u>9</u>	sp. antilope	Hulstaert 1993:148

No BLR o tema limita-se a denominar ‘espécie de antílope’. Evidenciamos algumas divergências semânticas, às vezes com mudanças de classes nominais: nas línguas da zona B, por exemplo, em buma (B82) e em yans (B85), os substantivos de classe 3/4 denominam ‘espécie de antilope du genre: springbok’ ou ‘grande fauve des plaines’, antilope des roseaux’.

Em dzing (B86), autor não identifica a espécie de antílope, no entanto, descreve que se trata de um ‘antilope que mede aproximadamente 1 m de altura. Vive no mato e somente o macho tem chifres’ (Mertens 1939:80). A descrição do autor sugere que o substantivo denomina uma espécie diferente do antílope bongo, uma vez que nessa espécie os chifres são presentes em ambos os sexos.

Apesar dos problemas semânticos atestados nas línguas, baseado nos reflexos atestados nas línguas da zona C, sugerimos para o tema o sentido antílope bongo: *Tragelaphus euryceros*’ e/ou antilope rayée, zébrée’.

Em posição de C<sub>1</sub>, os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial surda, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9.

Em alguns dialetos das línguas do grupo C60 precisamente em ntomba nkole (C61J) e em mongo ngome a muna (C61P) o processo de nasalização plena do NC (N+p>m) é regular (cf. Análises dos temas \*-pàmbí 8407 (5) e \*bùdùkù 4574 (5).

Em lokalo (C61HA) a consoante oclusiva labiodental /f/ em posição de C<sub>1</sub> é regular e provém de \*p.

Em dzing (B86) atestamos o processo de palatalização da  $C_1$  (\*p > py). Em bongili (C15) a perda  $C_1$  é regular (\*p >  $\emptyset$ ), enquanto \*b > b.

Os reflexos em posição de  $C_2$  remontam a uma consoante oclusiva pré-nasalizada \*ng.

Em lotoa (C61), identificamos o processo de desprensalização da  $C_2$ . Esse processo é bem regular na língua, diante de pré-nasalizadas (\*NC > C).

Quanto às vogais, em todos os casos a  $V_1$  e  $V_2$  foram reconstruídas como uma vogal central não arredondada. A perda das vogais finais nas línguas da zona B é regular.

O BLR sugeriu para o tema, classe 9. Sugerimos o plural de classe 10. Assim como, colocamos em evidência outros emparelhamentos: classe 3/4 em yans (B85), classe nominal 1/2 (mu/ $\emptyset$ ) em dzing (B86), classe 5/6 em bongili (C15) e classe 1a em makwe (P231).

Quanto aos tons, o BLR propôs para o tema um padrão tonal \*BA baseado nas línguas da zona C. Concordamos com o padrão tonal proposto pelo BLR, mesmo se em buma (B82) o tom A atestado em posição de  $S_1$  não provém de um padrão tonal exclusivo e remonta tanto a \*A quanto a B:

‘mpúra’ blessure (Bursens 1999:18) < \*pútá 2664 (1)

‘mungánga’ médecin (Bursens 1999:103) < \*gàngà 1332 (1).

Em makwe (P231) atestamos um substantivo ‘nanjaánga’ cl. 1a ‘gazelle’ (cf. Devos (2004:97), que não remonta aos reflexos do grupo devido à origem da  $C_1$ , uma vez que nas línguas do grupo P, é regular (N + p, N + b > mb), ao passo que, (\*p > p). Sendo assim, o substantivo segue isolado.

O tema estabelece um vínculo com a protoforma sugerida pelo BLR (2003) \*-pángá 2401 (5) atestada nas línguas da zona C K L M com o sentido de ‘mouton, ovelha’. Apesar dos problemas tonais, um processo de amplitude

semântica a partir do sentido ‘mouton, ovelha’, nos parece plausível. (cf. Outros casos \*-bùdi 1.6.4.1. /°-kòmbè 2.2.7. \*-pòngò 1.6.1.6. ).

### 1.6.5.3. O tema °-bòngò<sup>161</sup> (cl. 9/10, 7/8, 3/4, 5/6, 11)

Protoforma sugerida por Mouguiama & Hombert (2006:43) baseado nos reflexos atestados em mpongwe (B11a), mbaama (B62) e em teke (B71a). A pesquisa atualizou o tema em algumas línguas das zonas (A B C H JD JE), e também em línguas fora do bantu.

A44	tunen	èmoŋ (pl.invar.)	<u>9</u>	antilope (le cob onctueux des savanes)	Dugast 1967:38/206
A93	kako	mbòŋgò pl.6è	<u>9/2</u>	antilope sp.	Ernst 1989:33/56
B11a	mpongwe	mbóngó	9/10a	antilopes grandes (cheval)	Raponda 1961:17/285
B22b	ngom (koya)	ambO'ŋgO pl. (bi-) O[ɔ] <sup>162</sup>	<u>7/8</u>	céphalophe à pattes blanches ( <i>Cephalophus ogilbyi</i> )	Unesco 2006:29
B61	mbere	mboño <sup>163</sup> ñ = /ŋ/	<u>9</u>	antilope	Biton 1969:302

<sup>161</sup> Nome de origem africana adotado como nome comum da espécie nas línguas europeias. O nome provém da parte ocidental do continente africano. Segundo Mouguiama & Hombert (2006: 43) *‘le bongo est un animal de la forêt dense. Les populations de la région du Haut-Ogooué qui le connaissent sont celles vivant au voisinage de cet écosystème, notamment les locuteurs Mbaama de la région dOkondja’*.

<sup>162</sup> Cf. Outras explicações fonéticas da língua ngom (B22b) nos reflexos dos temas °-ceci/°-cétu *‘Philantomba monticola’*.

<sup>163</sup> Em mbere (B61) e em nduumo (B63) leia-se ñ = / ŋ/.

B62	lembaama	mbòŋò/ àmbòŋò	<u>9/2+9</u>	bongo ( <i>Boocercus euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:43
B63	nduumo	mboño ñ = /ŋ/		antilope	Adam 1969:302
B71a	tege-kali	mbòŋò/ àmbòŋò	<u>9/2+9</u>	bongo ( <i>Boocercus euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:44
C104	aka	mbòŋò (bà-)	1/2	bongo ( <i>Boocercus euryceros</i> ), tragélaphiné, Bovidé	Thomas <i>et alii</i> 1993:100
C16	iboko	môngou pl. miôngou	<u>3/4</u>	antilope	Cambier 1891:18
C30B	lingala	móngó	9	antilope (esp.), ( <i>Limnotragus spekei</i> ) mâle	Everbroeck 1985:214/131
C41	ngombe	gbongó	9/10	grote antilope sp; grande antilope sp.	Rood 1958:124
C61	lomongo	môngɔ	9/10	antilope rayée, zébrée	Hulstaert 1952:25
C61D	bosaka bokungu	mongo	<u>9</u>	<i>Boocercus euryceros</i> , antilope bongo	Herroelen 1959
C61D	mongo bosaka	môngɔ	<u>9</u>	antilope zébrée	Hulstaert 1993:100
C61M	mongo nkole	môngɔ	<u>9</u>	antilope zébrée	Hulstaert 1993:100
C61P	ngome a muna	móngɔ	<u>9</u>	antilope zébrée	Hulstaert 1993:148
C61R	ngelewa	môngɔ	<u>9</u>	antilope zébrée	Hulstaert 1991:430



H16	kikongo	bóngo pl. ma	<u>5/6</u>	antilope sp. ( <i>Tragelaphus euryceros</i> )	Laman 1936:55
H16b	central kongo	lu-bóngo	<u>11</u>	antilope	Laman 1936:412
JD63	kifuliuro	mbóngò	<u>9</u>	antilope	Jouannet 1984:52
JE34	samialugwe	embongo	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975

Fora do bantu, em baka (pigmeus do Gabão), o tema denomina o antílope ‘bongo’ e também ‘céphalophe zébrée’, enquanto em gbaya, o tema denomina ‘antilope cheval e também éland de Derby: *Taurotragus derbianus*’:

	baka (pygmées)	mbòngò	<i>Boorcercus euryceros</i> , céphalophe zébré	Paulin Pascale 2010: 297
1A6	gbaya	mbòngà ?	antilope cheval	Moñino 1995:605/684
1A6	gbaya	mbòngò	antilope cheval	Moñino 1995:605/684
1A6	gbaya	mbòngà ?	élan de derby ( <i>Taurotragus derbianus</i> )	Moñino 1995:613/684

Na maioria das línguas o tema denomina a espécie de antílope bongo: *Tragelaphus euryceros*’ e/ou ‘espécie de antílope rayée, zébrée’, com um emparelhamento de classe 9/10.

No entanto, em algumas línguas existem problemas semânticos diante da classe 9, por exemplo, em tunen (A44), o substantivo de classe 9, denomina ‘cob onctueux des savanes’.

Em lingala (C30B) o tema de classe 9 denomina espécie ‘*Limnotragus spekii* mâle (sitatunga)’.

Em algumas línguas, as mudanças semânticas são provavelmente motivadas pelas mudanças de classes nominais, por exemplo: em ngom (B22b) o substantivo de classe 7/8 denomina '*Cephalophus ogilbyi*'. Em kikongo (H16) o substantivo de classe 11 denomina 'bongo', em iboko (C16) o substantivo de classe 3/4 limita-se a denominar 'espécie de antílope'.

Em posição de  $C_1$  os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9.

No entanto, identificamos alguns casos particulares:

Em tunen (A44) o processo de nasalização plena da  $C_1$  é irregular, por exemplo:

'èmbòm' la serpent boa' (Dugast 1967:38) < \*bòmà 261 (1)

Em iboko (C16), em lingala (C30B), em lomongo (C61) e seus dialetos, os reflexos caracterizam-se pelo processo de nasalização plena do NC (\*mb > m).

Em ngombe (C41), em posição de  $C_1$ , atestamos uma consoante pré-nasalizada lábiovelar /ngb/, influência provavelmente de línguas fora do bantu.

Em posição de  $C_2$  propomos para o tema uma consoante oclusiva pré-nasalizada \*ng. Em mbere (B61), em lembaama (B62), em nduumo (B63), em tege kali (B71), atestamos o processo de nasalização plena do NC (\*ng > ŋ).

Em posição de  $V_1$  e  $V_2$ , os fonemas realizam-se como /o/ na maioria das línguas de 5 vogais e com /ɔ/ nas línguas de 7 vogais. Sendo assim, baseado na maioria dos reflexos sugerimos para o tema, vogais de terceiro grau de abertura. Em tunen (A44), em alguns contextos, a perda da vogal final é regular.

O BLR sugeriu para o tema, classe 7/8. Concordamos com o emparelhamento de classe e colocamos em evidência outras classes nominais: na maioria das línguas atestamos classe 9/10, classe 1/2 em aka (C104), classe 3/4 em iboko (C16). Atestamos o emparelhamento 5/6 e a classe 11, em kikongo (H16).

Mouguiama & Hombert (2006: 43) propuseram para o tema um padrão tonal inteiramente \*BB, baseado em línguas da zona B. Entretanto, atestamos também outros padrões tonais:

Em lingala (C30B) os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal \*AA:

‘nkíngó’ cou (Everbroeck 1985:239) < \*kíngó 1845 (1)

Em ngombe (C41) os reflexos tonais BA provêm de um padrão tonal \*BA:

‘ngubí’ hippopotame (Rood 1958:343) > \*gùbú

Em lomongo (C61) e seus dialetos, os reflexos tonais BB não são exclusivos e remontam tanto a \*BB quanto \*BA (cf. Tons do tema °-céci/°-céti).

Em kifuliuro (JD63) os reflexos tonais AB deriva de um padrão tonal \*AB:

‘mbógò’ buffle (Jouannet 1984:52) < \*bógò 258 (3)

Apesar dos reflexos tonais nem sempre remontarem a um padrão tonal exclusivo, concordamos com um padrão \*B, em posição de S<sub>1</sub>, mesmo se, em lingala (C30B) e em kifuliuro (JD63) os reflexos remontam a um padrão \*A, exclusivo.

Em posição de S<sub>2</sub> concordamos também com um padrão tonal B, mesmo se, em lingala (C30B) o padrão \*A é exclusivo e em lomongo (C61) e os reflexos poderiam remontar também a \*A.

O tema discutido têm osculância com a protoforma \*-pòngò 6810, atestada nas línguas das zonas (B D F J L M R S), com o sentido de ‘*Tragelaphus scriptus*’. No entanto, devido aos problemas de regularidades da C<sub>1</sub> e as mudanças

semânticas, optamos em analisar e discutir os temas separadamente. Mas acreditamos em uma origem comum entre eles.

O tema estabelece também, um vínculo segmental e semântico com a protoforma reconstruída pelo BLR (2003) \*-bongo 6767 (4) atestado em línguas das zonas B H K com o sentido de 'chifre'. (cf. Outros casos dessa relação semântica no tema °-cégé).

#### 1.6.5.4. O tema °-bòanga (cl. 9/10) > °-buàngà (cl. 3/4, 12/6, 7/8, 9/10)

Tons < \*BB nas línguas da zona B e \*A nas línguas da zona A.

Mouguiama & Hombert (2006:43) propuseram o tema\*-bòangà baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas B. A pesquisa identificou reflexos desse tema também em algumas línguas na parte ocidental bantu, precisamente zonas A B C. Reinterpretamos o tema foneticamente e sugerimos a protoforma °-buanga.

A15C	akoose	mbwange, pl. (mbwange)	3/4	kind of animal, living in the bush	Hedinger 2012:257
A74a	bulu	añgbwâñ/ mñgbwâñ	12/6	céphalophe (sp?)	Bancel 1986:44
A75A	ntumu	añgbwáj	<u>12/6</u>	l'antilope (var.)	Voltz 1990:163
A75F	mveny	añgbáj/ mñgbáj	12/6	céphalophe (sp?)	Bancel 1986:44
A75F	mveny	añgbáj/ mñgbáj	12/6	céphalophe <i>nigrifrons</i>	Bancel 1986:44
A83	makaa	jwáng, pl. (i-jwáng)	7/8	antilope sp.	Heath & Heath 1984:23
B301	viya	mòbwàngà/mì-	3/4	bongo ( <i>Boocercus euryceros</i> )	Mouguiama- & Hombert 2006:43

B305	pove	mbwàngà	3/4	antilope (espèce), <i>Redunca</i> <i>arundinum</i>	Mickala Manfoumbi 2004:404
B305	pove	mòmbwàngà/ mì-	3/4	bongo ( <i>Boocercus</i> <i>euryceros</i> )	Mouguiama- & Hombert 2006:43
B305	pove	-mbwanga (B), cl. (3/4)	3/4	sitatunga, guib d'eau ( <i>Tragelaphus</i> <i>spekii</i> ) sitatunga femelle	Van der Veen s.d:34
B31	tsogo	mombanga/mi-	3/4	bongo ( <i>Boocercus</i> <i>euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:43
B32	kande	móbàngà/mí-	3/4	bongo ( <i>Boocercus</i> <i>euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:43
B402	varama	mumbwanga/ mi-	3/4	bongo ( <i>Boocercus</i> <i>euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:43
B403	vungu	mumbwanga/ mi-	3/4	bongo ( <i>Boocercus</i> <i>euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:43
B42	sangu	múmbwàngà/ mí-	3/4	bongo ( <i>Boocercus</i> <i>euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:43
B43	punu	múmbwânga (pl. mí-)	3/4	eland	Yukawa 2006:22
B43	punu	mùmbwǎ:ngà/ mì-	3/4	bongo ( <i>Boocercus</i> <i>euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:43
B43	punu	-mbwanga BB	3/4	sitatunga ou guib d'eau, <i>tragelaphus</i> <i>spekei</i>	Blanchon 1995
B501	wanzi	mùmbwàngà/ mì-	3/4	bongo ( <i>Boocercus</i> <i>euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:43
B85	yans	mbwan	9/10	antilope rousse (nkay)	Swartenbroeckx 1948:6
B86	dzing	mu-baŋ (ba- mi-)	1/2 + 4	antilope de forêt	Mertens 1939:56/131

B862	lwel	-byáaŋ	9/10	espèce d'antilope	Khang 1979:123
C104	aka	ngbángá pl. (bà-)	1/2	viex mâle de <i>Cephalophus</i> <i>silvicultor</i>	Thomas <i>et alii</i> 2011:133/204
C104	aka	bángà (bà-)	1/2	vieux mâle de ( <i>Cephalophus</i> <i>syvilcultor</i> )	Thomas <i>et alii</i> 1993:172/348

Quanto à semântica, nas línguas da zona A, precisamente em bulu (A74a) e em mweny (A75F) os substantivos de classe 12/6 denominam, respectivamente, ‘espécie de céphalophe’ e ‘céphalophe *nigrifrons*’.

Em makaa (A83) atestamos um substantivo de classe 7/8 que segundo descrição do autor, denomina ‘espèce d’antilope grosse, tachetée blanc et jaune’. (cf. Heath Daniel & Heath Teresa. 1984:23).

Em aka (C104) o substantivo de classe 1/2 denomina espécie de ‘*Céphalophus silvicultor*’.

Entretanto, na maioria das línguas da zona B, os substantivos, majoritariamente, de classe nominal 3/4 denomina ‘antílope bongo: *Tragelaphus euryceros*’. Entretanto, atestamos alguns problemas semânticos, sem mudanças de classes nominais, por exemplo, em pove (B305) segundo fontes diferentes, o tema designa ‘*Redunca arundinum*, ‘antílope bongo’ e também ‘sitatunga femelle’.

Em varama (B402) Mouguiama & Hombert (2006:43) sugeriram que o substantivo ‘mumbwanga’ é definido como o macho de kambi<sup>164</sup>. Em punu (B43) os sentidos são divergentes segundo as fontes os substantivos denominam ‘eland’, ‘bongo’ e também ‘sitatunga’. Blanchon (1995) propôs a descrição física da espécie de animal em punu (B43) ‘*antilope des forts*

<sup>164</sup> Nas línguas das zonas B o tema denomina ‘guib harnaché: *Tragelaphus scriptus*’.

*marcageuses grandes cornes en lyre, comme le guib harnaché (kabi). Le male atteint 1 m 70 et 120 kg. Hombert donne bongu (Boocercus euryceros)'.*

Apesar das divergências semânticas, sugerimos para o tema ao menos nas línguas do grupo B30, B40 e B50, o sentido 'antílope bongu: *Tragelaphus euryceros*'.

Em posição de  $C_1$  sugerimos para o tema uma consoante oclusiva bilabial sonora.

Os reflexos do tema caracterizam-se pelo processo de velarização da  $C_1$ , onde ( $*b > bw$ ), exceto, em mveny (A75F), em tsgo (B31) e em C104 (aka), esse fenômeno não é produtivo.

Em lwel (B862) o processo de palatalização de  $*b$  é regular ( $*b > by$ ).

Bancel (1986-1987:44) propôs o tema  $*-pàngá$ , para os reflexos atestados nas línguas da zona A, precisamente em bulu (A74a) e em mweny (A75F). Todavia, optamos em agrupar esses reflexos junto com a proposta 'buanga', devido à correspondência regular da consoante oclusiva bilabial sonora nestas línguas ( $*b > b$ ), enquanto  $*p (V) > v$ ,  $*p (VV)$ ,  $*mp > f$ . Além disso, atestamos também o processo de velarização, em bulu (A74).

A  $C_2$  é regular e provém da consoante pré-nasalizada  $*ng$ .

Devido ao processo de velarização atestado na maioria das línguas propomos para o tema em posição de  $V_{11} < *u$ .

Propomos para o tema  $V_{12}$  e  $V_2$  uma vogal central não arredondada.

Sugerimos para o tema um emparelhamento, majoritariamente, de classe 3/4 nas línguas das zonas B, classe nominal 12/6 em bulu (A74a) e em mveny (A75F), com função diminutiva; classe 7/8 em makaa (A83), classe nominal 9/10 em yans (B85) e em lwel (B862); classe 1/2 em dzing (B86) e em aka (C104).

Mouguiama & Hombert (2006:43) propuseram para o tema também um padrão tonal inteiramente \*BB, baseado nas línguas da zona B.

Entretanto, nas línguas da zona A, em mveny (A75F) e em makaa (A83), assim como, em lweel (B862) os reflexos são divergentes e remontam em posição de S<sub>1</sub> a um tom \*A. Em aka (C104) atestamos dois reflexos tonais AB e AA, que remontam a um padrão tonal \*AB/\*AA:

‘séndé’ écreuil (Thomas *et alii* 2004:229) < \*cúndí 579 (1)

‘mbòdì’ chèvre (Thomas *et alii* 1993:109/299) < \*búdì 303 (1)

Apesar das divergências tonais, concordamos com um tom \*B em posição de S<sub>1</sub> para a maioria das línguas da zona B, mesmo se em lweel (B862), em mveny (A75F) e em aka (C104) os reflexos remontam a um tom \*A. Em posição de S<sub>2</sub>, concordamos também com um tom \*B, mesmo se, em aka (C104) os reflexos tonais poderiam remontar também a \*A.

Quanto à origem do tema, acreditamos em um vínculo do tema discutido neste subitem, com a proposta °°-bòngò e com a protoforma reconstruída pelo BLR (2003) \*-pàngá 8712 (5). Entretanto, devido aos problemas de regularidade, sobretudo da C<sub>1</sub> e dos padrões tonais, optamos em agrupar e discutir os temas separadamente. No entanto, acreditamos em uma origem comum entre eles, visto que existe também um vínculo semântico.

Mouguiama & Hombert (2006:43), reforçou o vínculo com a protoforma \*-pàngá, quando sugeriu que o tema °-bòangà poderia ser uma evolução diacrônica de °-bàngà.

#### 1.6.5.5. O tema °-bàngà (cl. 9/10)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas C D e também fora do bantu.



C104	aka	mbàngàrà (bà-)	5b/2	grande antilope rayée (situtonga?)	Thomas <i>et alii</i> 1993:85/323
C104	aka	mbàngàrà (bà-)	5b/2	bongo	Thomas <i>et alii</i> 1993:85
C32	bobangi	mbāngāni [mbàngàni]	9	antilope, various kinds of	Whitehead 1899:266
C43B	benge	bangane		antilope (okapi)	Bureau & Reding 1912:40
C71	tetela	mangana	9	antilope (bongo)	Hagendorens 1956:16
C76	ombo	màṅàlà pl. (=)	9	bongo ( <i>Tragelaphus</i> <i>euryceros</i> )	Ankei 1986:247
C83	bushoong	mbaaṅ`l	9/10	antilope, zèbre	Vansina 1959:68/96
D201	liko	mbangana, pl. ḡa-mbangana	1a/2	grande antilope aux cornes développées	De Wit 2015 <sup>165</sup>
D24	songola	màngàlà, pl. (=)	9	bongo ( <i>Tragelaphus</i> <i>euryceros</i> )	Ankei 1986:247
D28	holoholo	mangala	9	eland ( <i>Boselaphus canna</i> )	Schmitz 1912:382

Fora do bantu, em zande, o tema denomina ‘bongo’, mas em adamawa o substantivo denomina ‘eland?’

IA6	zande	mangana	bongo species of antilope	Canon, Gore & Bullen 1952:85/176
IA6	adamawa	mbangana	large horned, eland?	Wallin Th and E. s.d.:25

Baseado na maioria das línguas da zona C e em songola (D24) sugerimos para o tema o sentido ‘bongo: *Tragelaphus euryceros*’.

<sup>165</sup> Comunicação pessoal.

No entanto, atestamos algumas divergências semânticas: em aka (C104), o mesmo autor sugeriu substantivos com classes nominais diferentes que denominam ‘antilope bongo’ e ‘antilope rayée: sitatunga?’.

Em holoholo (D28) o substantivo denomina ‘antilope eland’.

Em bushoong (C83) o tema de classe 9/10 limita-se a denominar ‘antilope, zèbre’.

Bureau e Reding (1912) sugeriu em benge (C43B) o sentido ‘okapi’. Porém, a fonte não é confiável em zoonímia. (cf. Reflexos do tema °-kéngé, subitem 2.1.7. ).

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe nominal 9/10 como, por exemplo, em bushoong (C83) e em holoholo (D28). Em otetela (C71) e em ombo (C76) o processo de nasalização plena do NC (N + b > m) não é regular, mas poderia ser influência de outras línguas da zona C, precisamente de bushoong (C83), onde é regular (N + b > m). O mesmo processo atestamos em songola (D24) e em holoholo (D28) que se justificam pela ‘Regra de Meinhof’<sup>166</sup>.

A C<sub>2</sub> é regular e provém da consoante pré-nasalizada \*ng. Em bushoong (C83) o processo de nasalização plena da C<sub>2</sub> é regular \*ng > ŋ.

Em posição de C<sub>3</sub> propomos para o tema uma consoante oclusiva alveolar sonora. Em aka (C104), em bobangi (C32), em otetela (C71) e em liko (D201)

---

<sup>166</sup> Fenômeno de dissimilação do complexo nasal. Regra condicionada diante de um complexo nasal sonoro (\*mb, \*nd, \*nj, \*ng) que é reduzido a uma nasal do mesmo ponto de articulação /m, n, ɲ, ŋ/, se a sílaba seguinte comporta uma nasal (cf. Stappers s.d. p. 21). Por exemplo, em nyamwesi (F22) ‘ŋoma’ cl. 9/10 ‘drum’ (Maganga & Schadeberg 1992:291) < \*gòmà 1429 (1).

a nasal alveolar em posição de C<sub>3</sub> remonta a \*d apenas do ponto de vista fonológico, visto que nestas línguas é regular \*d > l.

Sugerimos para o tema em posição de V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub> e V<sub>3</sub> vogal \*a. Atestamos apenas dois casos de mudanças das vogais finais, em bobangi (C32) e em benge (C43B) cujas vogais realizam-se como /e, i/.

Sugerimos para o tema o emparelhamento de classe nominal 9/10, em bushoong (C83) e classe 1a/2 em liko (D201). Em aka (C104) atestamos emparelhamentos irregulares de 7b/2 e 5b/2, com mudanças semânticas.

Quanto aos padrões tonais atestamos os seguintes resultados:

Nas línguas das zonas C, precisamente, em otetela (C71) os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal \*BB (cf. Tons do tema \*bùdì 370).

Em songola (D24) os reflexos BB remontam a um padrão \*BB, porém também a \*AB (cf. Tons do tema \*-jùmbì 9132).

Apesar dos reflexos em songola (D24), não remontarem a um padrão tonal exclusivo sugerimos para o tema um padrão tonal \*BB.

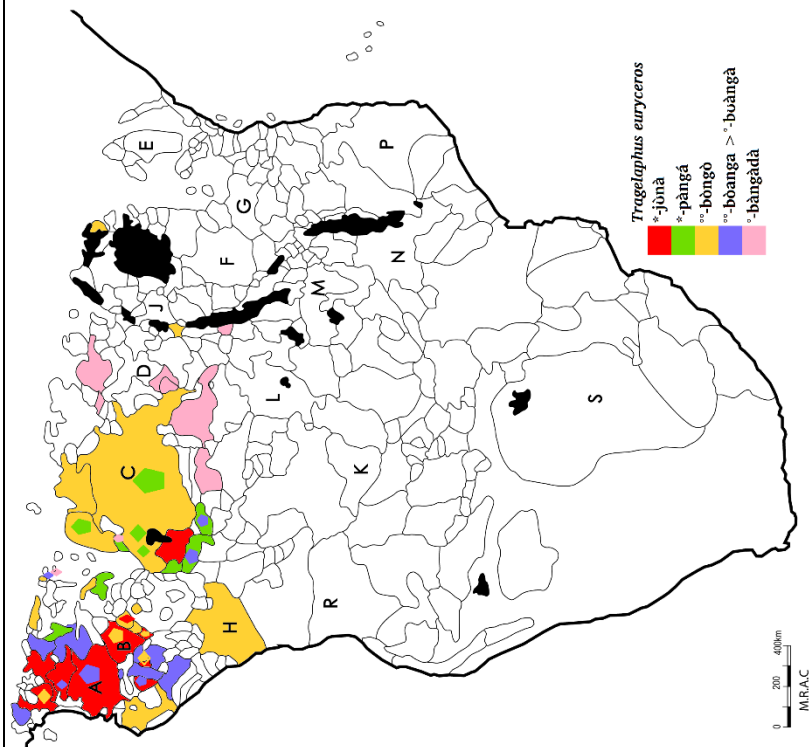
À guisa de informação, em mpongwe (B11a) atestamos um tema composto com o sentido ‘*Tragelaphus euryceros*’. A primeira parte do composto provém da protoforma °-kàmbì (cf. item 2.1.14. ), atestadas em algumas línguas da zona B L com o sentido de ‘*Tragelaphus scriptus*’/‘waterbuck’. A segunda parte do tema vem do tema °-bòngò (cf. item 1.6.5.3. ), atestado em línguas das zonas com o sentido de ‘*Tragelaphus euryceros*’.

Até o presente, as motivações derivacionais do tema seguem obscuras.

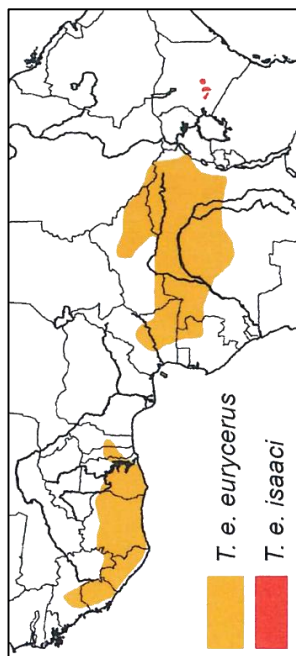
---

B11a	mpongwe	(nkámbì) yí mbóngò/ (ìnkámbì) sí mbóngò	9/10	<i>bongo</i> ( <i>Boocercus</i> <i>euryceros</i> )	Mouguiama & Hombert 2006:43
------	---------	--	------	--	-----------------------------------

---



Mapa 67: Temas *Tragelaphus eurycerus*



Mapa 66: Hábitat *Tragelaphus eurycerus*

#### 1.6.6. *Tragelaphus angasi*

**Descrição:** Os machos e as fêmeas quando jovens se parecem, porém os machos passam por uma mudança prolongada a medida que envelhecem. Os chifres aumentam, assim como a juba e as franjas dorsais, a cor escura e as linhas verticais claras desbotam e podem mesmo desaparecer. As fêmeas são mais finas e vermelhas e têm no máximo 18 linhas brancas nos flancos. Os chifres presentes apenas nos machos podem medir aproximadamente (40 a 83,5 cm) de comprimento.



Figura 31: *Tragelaphus angasi* fêmea (à esquerda), macho jovem (em cima à direita) e macho adulto (embaixo à direita)

**Hábitat:** os nyalas vivem perto de água em regiões de florestas densas e savanas no sudeste da África.

**Países nativos:** Malawi, Moçambique, África do Sul e Zimbábue.

Identificamos apenas um (1) tema em bantu para designar o antílope ‘*Tragelaphus angasii*’: a forma °-nyádà.

#### 1.6.6.1. O tema °-nyádà<sup>167</sup>(cl. 9/10)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em silozi (K21) e nas línguas da zona S.

K21	silozí	-nyala, pl. (li-)	9/10	antelope (black lechwe)	O'sullivan 1993:10
K21	silozí	-nyala, pl. (li-)	9/10	antelope (bushbuck)	O'sullivan 1993:10
S11	chikorekore	nyàrà	<u>9</u>	nyala antelope	Hannan 1974:483
S21	tshivenda	nyàla [nyálà]	9	inyala antelope ( <i>Nyala angasi</i> )	Van Warmelo 1937:203/331
S42	isizulu	inyala	9/10	Species of antelope, <i>Tragelaphus angasi</i> ; Inyala buck	Doke & Vilakazi 1949:618
S42	isizulu	inyala	<u>9</u>	nyala	Davey & Koopman 2000:137
S43	siswati	í-nyala/tí	<u>9/10</u>	inyala antelope	Rycroft 1981:76

<sup>167</sup> Nome de origem africana adotado como nome comum da espécie nas línguas europeias. A origem do nome provém do isizulu (S42). (cf. Daeleman, 1980:108) e (cf. Cole 1995: 11).

---

S53	tsonga	nyálá	9	nyala antelope ( <i>Nyala angasi</i> )	Cuénod 1976:149
-----	--------	-------	---	---	--------------------

---

Nas línguas da zona S o tema denomina ‘nyala: *Tragelaphus angasi*’. Em silozi (K21) atestamos um erro de identificação e segundo o mesmo autor, o substantivo denomina ‘bushbuck’ e ‘black lechwe’.

Em posição de C<sub>1</sub>, os fonemas remontam a uma nasal palatal, por exemplo, em isizulu (S42):

‘inyama’ meat (Doke & Vilakazi 1949:618) < \*nyàmà 3180 (1).

Em posição de C<sub>2</sub> os reflexos apresentam o processo regular de lateralização ou vibrantização da consoante oclusiva alveolar sonora.

A V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> remontam a uma vogal central não arredondada.

Sugerimos para o tema o emparelhamento de classe nominal 9/10.

Quanto aos tons, atestamos os seguintes resultados:

Nas línguas do grupo S10, chikorekore (S11), os reflexos tonais remontam a um padrão exclusivo \*BB (cf. Tons do tema °-gùndùmà).

‘ngoma’ drum (Hannan 1974:453) < \*gòmà 1429 (1)

Em tshivenda (S21), atestamos poucos reflexos do padrão AB com uma boa fiabilidade, porém parece que os reflexos AB < \*AB:

‘thémà’ rhinoceros (Van Warmelo 1937:331) < \*témà 7476 (5)

Em siswati (S43) os reflexos tonais BB remontam tanto a um padrão tonal \*BB quanto \*AA:

‘í-nyama/tí’ meat, flesh (Rycroft 1981:76) < \*nyàmà 3180 (1)

542

‘ín-khala/tín’ crab (Rycroft 1981:46) < \*kádá 1664 (1)

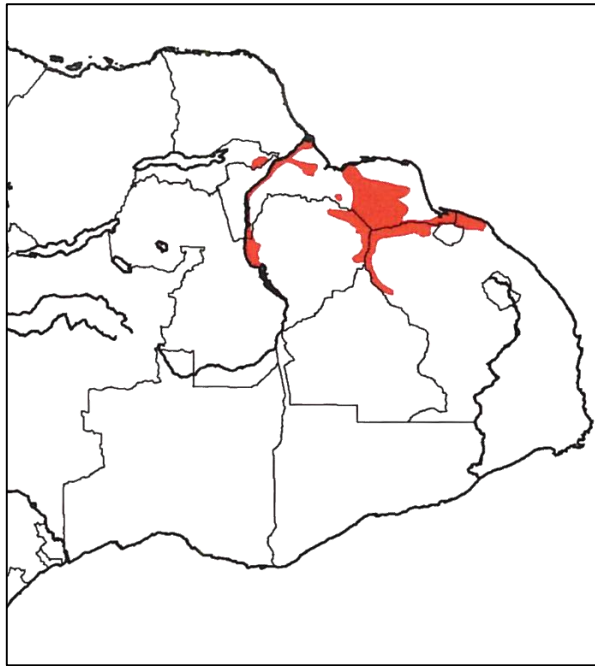
Em tsonga (S53) os reflexos tonais AA remontam tanto a um padrão tonal \*AA quanto \*AB:

‘nsíndzí’ squirrel (Cuenod 1978:139) < \*cíndí 579 (1)

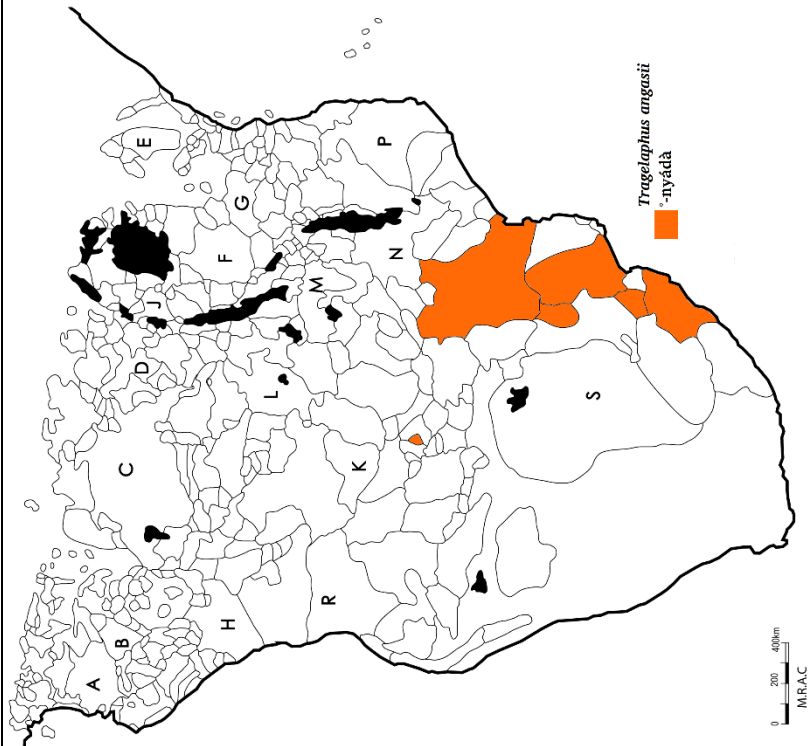
‘nyóká’ snake (Cuenod 1978:151) < \*jókà 3536 (1)

Apesar das divergências tonais atestadas nas línguas, sugerimos para o tema em posição de  $S_1$  um tom \*A, mesmo se, nas línguas do grupo S10 e em siswati (S43) os reflexos remontam também a \*B. Em posição de  $S_2$  propomos para o tema um tom \*B, mesmo se, os reflexos nem sempre remontam a um padrão tonal exclusivo como, por exemplo, em siswati (S43) e em tsonga (S53).





Mapa 68: Hábitat *Tragelaphus angasi*



Mapa 69: Tema *Tragelaphus angasi*

**1.6.7. *Taurotragus oryx***

**Descrição:** o eland é o maior antílope do continente africano. Ambos os sexos carregam chifres e barbas. As orelhas estreitas são relativamente pequenas. Os machos têm a tendência de ficarem mais pesados ao longo de suas vidas, os pescoços e os ombros escurecem e progridem para baixo ao nível do joelho. Nos machos os pelos da testa ficam cada vez mais bagunçados. A boca e o focinho são pequenos e pontudos.

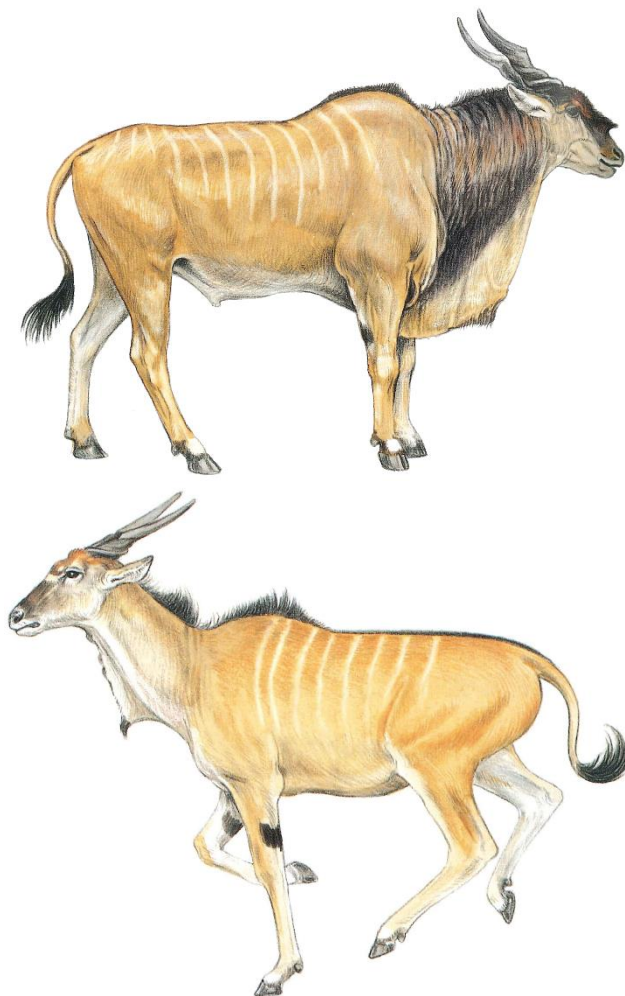


Figura 32: *Taurotragus oryx* macho (em cima) e fêmea (embaixo)

**Hábitat:** são encontrados em florestas claras e savanas arborizadas. Na África do Sul eles estendem suas áreas às regiões temperadas de Highveld e Karoo.

**Países nativos:** Angola, Botsuana, República Democrática do Congo, Suazilândia, Etiópia, Quênia, Lesoto, Malawi, Moçambique, Namíbia, Ruanda, África do Sul, Sudão do Sul, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue. A espécie foi extinta do Burundi.

**Literatura popular:** animal símbolo de beleza das comunidades Khoisan.

Atestamos na região bantu sete (7) protoformas para designar o antílope *Taurotragus oryx*: \*-cèpú, \*-gìmbà, \*-pókù, \*-tàmò, \*jôngue, °-jòmbà e °-gòngó. Dentre os temas, cinco (5) são oriundos do BLR (2003).

#### 1.6.7.1. O tema \*-cèpú 533 C.S. 316 (4) (cl. 1a/2, 9/10, 5/6)

Protoforma reconstruído pelo BLR (2003) baseado em uma série de reflexos atestados nas línguas das zonas K L M P. O BLR sugeriu reflexos também na zona H, porém não atestamos nenhum substantivo nesta zona proveniente do BLR.

K14	luvale	sefu		eland	Anonyme (Horton?) 1978:50
L33	kiluba	nsefu (ban-) [nsɛ́fɔ]	9/2 + 9	éland (du cap) ( <i>Tourotragus oryx Livingstonii</i> )	Gillis 1981:176
L35	kisanga	sefù (HB)	1n	'canna' élan du Cap	Coupez 1976:89
L41	kaonde	nsefu (bansefu, masefu)	9/2 + 9 or 9/6	eland	Broughall 1924:197/129
M42	icibemba	ínséfú	<u>9</u>	eland	Guthrie & Mann 1995:85

M63	ila	musefu pl. (ba-)	<u>1/2</u>	eland	Smith 1907:262
P25	mabiha	injehu pl. di	9	eland	Harries 1940:103

A pesquisa atualizou a distribuição linguística do tema em outras línguas das zonas H K L M e também expandiu o tema em línguas das zonas D N R e em algumas línguas fora do bantu.

D28	holoholo	nsehi	<u>9</u>	eland ( <i>Boselaphus canna</i> )	Schmitz 1912:382
H21a	kimbundu	sefu		boi	Da Silva Maia 1994:80
K11	chokwe	sefu		eland?	Mac Jannet, Malcolm Brooks 1949:26/79
K12b	ngangela	ncéhu nc [ntʃ]	9/10	antilope oryx ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Maniacky 2002:351
K33	rukwangali	hefu pl. (no-)	9/10	eland ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Kloppers 1994:83/164
K331/2	rumanyo	ntjéfu	<u>9/2 + 9</u>	eland ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Möhlig <i>et alii</i> 2005:328/186
K333	thimbukushu	hefu, mu-	<u>3</u>	eland ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Legère & Munganda 2004:132
K333	thimbukushu	héfu	1a(9)/2(9), 3(9)	eland	Wynne s.d:193

K34	sikwamashi	hefu (muhefu)	<u>3</u>	eland	O'sullivan 1985:7/28
K352	mwenyi	(o)séfu, (á)aséfu	1/2	kinds of antelope (eland)	Yukawa 1987:21
K402	fwe	nshéfù pl. bà-	1a/2	eland	Hilde Gunnink 2018:512
K41	totela	nséfù	9	eland	Thera Crane 2010:75/106
K42	subiya	osséfu	<u>9</u>	eland antelope	S. Passarge 1905:714
L00	kilomotwa	nséfu	<u>9</u>	eland <i>(Taurotragus oryx)</i>	Biodiversité au katanga
L12	kiholu	séfu	5/6	élan	Daeleman 2003:56/62
L33	kiluba	n-sefù pl. (ban-)	<u>9/2 + 9</u>	eland du Cap <i>(Taurotragus oryx)</i>	Van Avermaet e Mbuya 1954:586
L34	hemba	nséfu pl. (ba-)	<u>9/2</u>	antelope	Vandermeiren 1913:186/318
L35	kisanga	nsefu (ba-)	<u>9</u>	élan du Cap	Roland 1938:58/156
L52	lunda- ndembu	nsefu	<u>9</u>	eland	Fisher 1963:35
L52	lunda- ndembu	nséfu pl. (anséfu)	9/2	eland	Kaumba Kawasha 2003:82
L62	nkoya	hefu		eland, <i>Tragelaphus oryx</i>	Ansell 1978:55
M402	aushi	nsefu	<u>9</u>	éland du Cap	Verbeek 2004:705

M41	kitabwa	nsepi	<u>9</u>	élan du Cap	Van Acker 1907:84
M42	icibemba	nsefu (n)	<u>9/10</u>	eland	Hoch 2006:136
M42	icibemba	insefu		eland ( <i>Tragelaphus oryx</i> )	Frank Willems 2011
M52	lala	nsefu	<u>9</u>	éland du Cap	Verbeek 2004:705
M52	lala	inansefu	<u>9</u>	<i>Tragelaphus oryx</i> femelle	Biodiversité au katanga
M54	lamba	insefu	<u>9</u>	eland	Doke 1933:42
M61	lenje	ina-nsefu	<u>1a</u>	eland cow	Torrend 1967:180
M63	ila	ina-nsefu	<u>1a</u>	eland cow	Torrend 1967:180
M63	ila	mu-sefu	<u>1/2</u>	eland big	Torrend 1967:180
M63	ila	kanga- musefu		eland (dim.)	Smith 1907:262
M64	tonga	mu-sefu	<u>1/2</u>	eland big	Torrend 1967:180
M64	tonga	mu-sefu (pl. basefu)	<u>1/2</u>	eland	Hopgood 1953:190
N21	tumbuka	sefu, zi-	9/10	eland	Turner 1952:200/123
N31a	nyanja	nchefu	<u>9</u>	eland	Hetherwick 1916:280/262
N31c	manganja	n-chefu	<u>9</u>	eland	Lehmann 2002:17

N41	chinsenga	nsefu	<u>9</u>	eland, <i>Tragelaphus</i> <i>oryx</i>	Ansell 1978:55
R41	yeyi	oschéfu	<u>9</u>	eland antilope	S. Passarge 1905:714

Na maioria das línguas o tema denomina ‘eland: *Taurotragus oryx*’. Em icibemba (M42), segundo o autor, o substantivo é sinônimo de ‘nsongo<sup>168</sup>’(cf. Verbeek 2004: 704).

Em kisanga (L35) segundo a descrição do autor: ‘*canna*, grande antilope du genre ‘oreas’, appelée aussi élan du Cap. Il est des mauvais augure d’en tuer une sans être préuni par des sortilèges’. Sinônimo: imba 1n, sèsemà 1/ø’. (cf. Coupez, 1976: 89, VI.III).

Em kimbundu (H21), onde o tema denomina ‘boi’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas derivam da consoante oclusiva palatal surda, às vezes com combinação da (N-), prefixo de classe 9/10.

Em algumas línguas da zona M, precisamente em kitabwa (M41) e em icibemba (M42) a C<sub>1</sub> remonta tanto a \*c quanto a \*j, (\*c, \*j > s), assim como em lenje (M61). A C<sub>1</sub> do ngangela (K12b) é regular e remonta a \*nc. (cf. Maniacky 2002:11).

Com relação a C<sub>2</sub> o BLR (2003) sugeriu uma consoante oclusiva bilabial surda, porém, exemplifica que a escolha é arbitrária e justifica-se pelo processo de espirantização produtivo em algumas línguas, o que causa ambiguidade quanto a origem da C<sub>2</sub>.

Na maioria dos casos, os reflexos em posição de C<sub>2</sub> remontam a \*p. Vejamos:

---

<sup>168</sup> < \*-congo 6839 (5). O tema apresenta problemas de polissemia. Nas línguas da zona M o tema denomina ‘bushbuck’ e ‘eland’.

Em holoholo (D28) a consoante fricativa glotal surda /h/ remonta apenas a \*p, enquanto \*d > l e \*t > t.

Em ngangela (K12b) o fonema /h/ remonta a \*p apenas do ponto de vista fonológico, visto que na língua \*p > p. Sendo assim, a origem de /h/, em ngangela (K12) poderia se justificar por influência de outras línguas do grupo, onde é regular \*p > h como, por exemplo, em luvale (K14).

Em luvale (K14) o fonema /f/ remonta tanto a \*p quanto a \*k.

Em fwe (K402), em totela (K41) e em subiya (K42) o processo de espirantização é regular, sendo assim /f/ < \*p, diante de vogal de primeiro grau de abertura.

Em kitabwa (M41) o fonema /p/ remonta a \*p, enquanto em icibemba (M42) o fonema /f/ remonta tanto a \*p, d, t, \*k.

Os reflexos em duala (A24), remontam a uma protoforma (°-cédù). Apesar da semelhança com o tema \*-cèpú, os temas diferem-se tanto do ponto de vista formal quanto semântico. O substantivo de classe 5/6 denomina 'antilope *Neotragus*'.

A24	duala	isédu	5/6	antilope (la petite D. <i>Neotragus</i> )	Helmlinger 1972:180/544
A24	duala	iséru	5/6	antilope (la petite D. <i>Neotragus</i> )	Helmlinger 1972:180/544
A24	duala	isedù, pl. lò	14/4	<i>Neotragus</i> , antilope naine	Ittmann 1976:219

Em duala (A24) os reflexos são regulares. Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas /d/ e /r/ remontam unicamente a \*d, mesmo se apenas do ponto de vista fonológico, visto que na língua \*d > ø.

Torrend (1967) sugeriu em botatwe (M60), uma forma cujo fonema em posição de C<sub>2</sub> realiza-se como /t/ < unicamente de \*t.



---

M60	botatwe	in-setu	<u>9</u>	eland	Torrend 1967:180
-----	---------	---------	----------	-------	------------------

---

Esses casos irregulares atestados nos quadros acima, justificam as ambiguidades da C<sub>2</sub> ressaltadas pelo BLR o que resultou em outras formas reconstruídas, porém recusadas (2003): \*-cèkú 532 (0)/\*-cètú 534 (0).

Em posição de V<sub>1</sub> os reflexos realizam-se como /e, ε/, o que justifica a proposta do BLR (2003) que reconstruiu o tema com V<sub>1</sub> de terceiro grau de abertura.

A V<sub>2</sub> é regular em quase todos os casos e foi reconstruída com uma vogal de primeiro grau que se justifica pelo processo de espirantização da C<sub>2</sub>, diante de vogais de primeiro grau de abertura. Entretanto, atestamos dois casos de alterações das vogais finais, em holoholo (D28) e em kitabwa (M41), onde \*u > i. Em holoholo (D28) essa alteração é regular, por exemplo:

‘-jogi’ éléphant cl. 9/10 (Coupez 1955: 14) < \*jògù 1607 (1).

Mas em kitabwa (M41) não atestamos essa regularidade; por exemplo:

‘mfumu’ chef < \*kúmú 2118 (1) ‘mbuzi’ chèvre < \*búdì 303 (1)  
(cf. Rwakazina 1966:49).

Quanto às classes nominais o BLR propôs para o tema classe (1a/2), (9/10). Concordamos com as propostas de classes e colocamos em evidências outros emparelhamentos: classe 1a (9), 2 (9), 3 (9) em thimbukushu (K333) e classe 9/5 em mabiha (P25).

Quanto aos tons, o BLR propôs para o tema um padrão tonal \*BA. Em um grande número de línguas esse é o padrão tonal mais recorrente, por exemplo:

Em kisanga (L35) os reflexos tonais AB remontam a um padrão exclusivo \*BA:

‘vubù’ animaux, rivière (Coupez 1976:9) < \*gùbú 1532 (1)

552

Em mwenyi (K352) os reflexos tonais AB remontam a um padrão exclusivo \*BA.

‘(o) sóko’ monkey (Yukawa 1987:20) < \*còkó 648 (3)

No entanto, em algumas línguas os reflexos nem sempre remontam ao padrão tonal \*BA exclusivo como, por exemplo:

Em ngangela (K12b) os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão \*BA quanto \*BB. (cf. Maniacky 2002:100).

Em rumanyo (K331/2) os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão tonal \*BA quanto \*BB:

‘rughódi’ string (Möhlig *et alii* 2005:433) < \*gòdí 1417 (1)

‘ndjówu’ elephant (Möhlig *et alii* 2005:329) < \*jògù 1607 (1).

Em kiholu (L12) os reflexos tonais AB remontam a todos os padrões tonais (cf. Tons tema \*-júmbì 9132).

Em hembra (L34) os reflexos tonais AB remontam tanto a \*BA quanto a \*AA (cf. Tons do tema \*-bàdì 8983).

Em icibemba (M42) os reflexos tonais AA remontam tanto a um padrão \*AA quanto \*AB (cf. Tons do tema \*tándadá 8576).

Em yeyi (R41) os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão \*BB quanto \*AA:

‘ù-njówù pl. (wà-)’ elephant (Sommer 1995:404) < \*jògù 1607 (1).

‘mpéne’ ziege (S. Passarge 1905: 716) < \*péné 2456 (3)

Sendo assim, concordamos com o BLR com um padrão \*B em posição de S<sub>1</sub>, mesmo se em kiholu (L12), em hembra (L34), em icibemba (M42) e em yeyi

(R41) os reflexos tonais remontam também a \*A. Mas, em posição de S<sub>2</sub> os reflexos são problemáticos, visto que em quase todas as línguas remontam tanto a \*B quanto a \*A.

Segundo Yumba Musoya Banza (2013:33), em kiluba (L33) o substantivo ‘nséfu’ vem do verbo ‘kúsefúlá’ que quer dizer ‘arracher’. O nome denomina um ruminante que se alimenta rasgando folhas e ervas, e que pertence a classe de ‘nyámá nkanda’ (animais de tamanho grande).

#### 1.6.7.2. O tema \*-gìmbà 5565 (5) (cl. 9/10) > °-nimbà

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseada em reflexos encontrados em línguas das zonas F J L. Não contribuímos com a distribuição linguística do tema nas outras línguas, provavelmente pelo fato de que em outras regiões o tema \*-cèpú 533 e \*-pókù (2601) são bem recorrentes para designar o ‘antílope eland’ na região.

F22	nyamwesi	niimba	9/10	eland antelope	Maganga and Schadeberg 1992:269/292
F22	nyamwesi	nimba	<u>9/10</u>	eland ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Swynnerton 1946:36
JD61	kinyarwanda	niimba pl. (inii-)	9/10	elan du cap, ( <i>Tragelaphus oryx</i> )	Coupez <i>et alii</i> 2005:1576
L35	kisanga	-imba (nni, banni) HH	1/6, 2+6	éland	Coupez 1976.21

Concordamos com o BLR (2003) que sugeriu ao tema o sentido ‘antílope eland: *Taurotragus oryx*’. Em kisanga (L35), segundo o autor o substantivo é sinônimo de ‘sefù’ < \*-cèpú 533 (4).

O BLR (2003) sugeriu ao tema em posição de C<sub>1</sub> uma consoante oclusiva velar sonora. Porém, identificamos que a origem da C<sub>1</sub> é problemática e que os reflexos não poderiam remontar a \*g, pois identificamos o fonema /n/ em C<sub>1</sub>, onde esperávamos /ŋ/. Os reflexos em C<sub>1</sub> remontam a \*n ou a \*d. Neste caso, teríamos duas possibilidades de reconstrução virtual (<°-nìmbà ou °-dìmbà).

A proposta °-dìmbà (com a aplicação da Regra de Meinhof) é, contudo problemática também, pois teríamos que considerar que esse processo regular em nyamwesi (F22), em kinyarwanda (JD61) e em kisanga (L35), aplicou-se antes da espirantização bantu (o que é pouco provável). Por isso, optamos em sugerir aos reflexos um tema com uma reconstrução virtual cuja C<sub>1</sub> remonta a \*n.

A C<sub>2</sub> remonta em todos os casos a uma consoante pré-nasalizada \*mb.

O tema foi reconstruído em posição de V<sub>1</sub>, com uma vogal de primeiro grau.

Em posição de V<sub>2</sub> o tema foi reconstruído com uma vogal central não arredondada.

O BLR propôs para o tema, classe 9. Baseado nas classes atestadas sugerimos ao tema o plural de classe 10, exceto em kisanga (L35), onde o autor sugeriu classe 1/6, 2 + 6.

Quanto aos tons, o BLR (2003) propôs para o tema um padrão tonal \*BB provavelmente baseado nos reflexos tonais atestados, em kisanga (L35) e em kinyarwanda (JD61).

Em kisanga (L35) os reflexos tonais AA remontam a \*BB (cf. Tons do tema °-bìndí).

Em kinyarwanda (JD61) os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal exclusivo \*BB. (cf. Tons do tema \*pùmbìdì 9777).

Mas em nyamwesi (F22), os reflexos tonais BB não provêm de um padrão tonal exclusivo e remonta tanto a um padrão \*BB quanto \*BA:

‘ŋoma’ cl. 9/10 ‘drum’ (Maganga and Schadeberg 1992:291) < \*gòmà 1429 (1)

‘m̀gazi’ cl. 3 ‘blood’ (Maganga and Schadeberg 1992:284) < \*-gàdí 1299 (3)

Apesar dos reflexos nem sempre remontarem a um padrão tonal exclusivo, (cf. em nyamwesi (F22) e em kisanga (L35), confirmamos o padrão tonal \*BB sugerido pelo BLR.

Acreditamos que o tema discutido nesta seção, estabelece um vínculo direto e indireto com a proposta °-jumba atestada em algumas línguas das zonas F G com o sentido de ‘dikdik: *Rhynchotragus kirkii*’. Mesmo se os problemas semânticos entre os temas poderiam se justificar pelas mudanças de classes nominais, teríamos ainda problemas tonais e de regularidade da C<sub>1</sub>. Por isso, agrupamos e analisamos os reflexos dos temas separadamente.

### 1.6.7.3. O tema \*-pókù 2601 CS. 1574 (4) (cl. 3/4, 9/10, 7/8)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado na série comparativa de reflexos atestados em algumas línguas das zonas F G S.

F22	nyamwesi	mboku	9/10	eland antelope	Maganga and Schadeberg 1992:263/292
G42d	kiunguja	m̀pofu	9	<i>eland</i>	Guthrie 1967-1970
S42	isizulu	impofu	9/10	<i>eland</i>	Doke Malcolm & Sikakana 1958:146

Atualizamos a distribuição linguística do tema em outras línguas das zonas F G S, assim como expandimos a distribuição do tema em línguas das zonas K L R S.

F21	sukuma	(m̄)bokh̄u u [u]	3/4	eland	Guthrie 1967-1970
F21	sukuma	mboku	<u>9</u>	eland ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Swynnerton 1946:38
F31	nilamba	mpóku (V)- mpóku (XII)	9/10	eland	Yukawa 1989:20
F31	nilamba	puku	<u>9</u>	( <i>Taurotragus oryx</i> )	Swynnerton 1946:37
F31B	isanzu	mpoku	<u>9</u>	eland ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Swynnerton 1946:37
F31D	nyambi	mpoku	<u>9</u>	eland ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Swynnerton 1946:37
F32	nyaturu	mpoku	<u>9</u>	eland ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Swynnerton 1946:37
F33	rangi	mpoku	<u>9</u>	eland ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Swynnerton 1946:35
G31	zigula	mpofu	9	kind of antelope	Kisbey 1906:34/61
G42	kiswahili	pofu	<u>9</u>	boselaphe caama	Sacleux 1949:36
G42	kiswahili	pofu	<u>9</u>	antelope, eland	Johnson 1950:23/383
G42b	mvita	pofu	<u>9</u>	eland: <i>Boselaphus canna</i>	Sacleux 1941:754
G42c	mrma	pofu	<u>9</u>	<i>Boselaphus canna</i>	Sacleux 1941:754
G42d	kiunguja	pofu	<u>9</u>	eland	Mdee & Massamba 1996:240
G42d	kiunguja	pofu	<u>9</u>	eland ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Swynnerton 1946:34
K21	silozi	-mpofu pl. (li-)	<u>9</u>	eland	O'sullivan 1993:10

R13	nyaneca	pofo		antílope ( <i>Taurotragus orix</i> )	Da Silva 1966:40
S10	chishona	mofu (i-dzi)	9/10	eland	Biehler 1950:320
S11	chikorekore	mhofu HL	9/10	eland	Hannan 1974:355/806
S12	chizezuru	mhofu HL	9/10	eland	Hannan 1974:355/806
S13	chimanyika	mhofu HL	9/10	eland	Hannan 1974:355/806
S14	chikaranga	mhofu HL	9/10	eland	Hannan 1974:355/806
S16B	nambya	imhofu (i/i)	9/10	antelope (eland)	Moreno 1988:47/125
S21	tshivenda	phófu HH [phófu]	9	eland, ( <i>Taurotragus oryx</i> )	Van Warmelo 1937:219/331
S31	setswana	phôtshwana HLH	9	young eland, diminutivo	Cole 1995:48
S31	setswana	phôhu HL [phófu]	9	eland	Cole 1995:59
S31a	ngwaketse	phôhu HL	9	eland	Cole 1995:59
S31b	kgatla	phôfu HL	9	eland	Cole 1995:59
S31c	ngwato	phôhu HL	9	eland	Cole 1995:59
S31c	setswana	phôhu HL	9	eland	Cole 1995:59
S31c	ngwato	phôfu HL	9	eland	Cole 1995:59
S31E	thlaro	phôhu HL	9	eland	Cole 1995:59
S32	northern sotho	phofù		eland	Endemann 1911:394
S32F	tswapong	phôfu HL	9	eland	Cole 1995:59

S33	southern sotho	phöfu pl. (di-) [phofu]		eland	Kock & Maphike 1986:220
S40A	fanagalo	mpofu	<u>9</u>	eland	Bold 1977:53/90
S41	isixhosa	impofo (im-iim)	<u>9/10</u>	eland	Fischer 1985:184
S43	swati	ím-phófu, tím-	<u>9</u>	eland	Rycroft 1981:83
S53	tsonga	mhòfù	9	eland ( <i>Taurotragus oryx oryx</i> )	Cuénod 1976:105
S54	xironga	mhofu	9	elenantilope	Bourquin 1923:136

Confirmamos a proposta semântica do BLR (2003) que sugeriu ao tema o sentido ‘eland: *Taurotragus oryx*’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial surda, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe nominal 9.

No entanto, atestamos alguns casos particulares, por exemplo, nas línguas do grupo F20, precisamente em sukuma (F21) e em nyamwesi (F22) o processo de sonorização da C<sub>1</sub> (\*N + p > mb) é regular e justifica-se pela Regra de Dahl<sup>169</sup>. Em silozi (K21) o fonema /p/ pode remontar tanto a \*N + p quanto à \*N + b.

<sup>169</sup> Regra atestada em algumas línguas do Nordeste bantu. Foi descoberta primeiramente em nyamwesi (F22). A regra é condicionada pela sequência de duas sílabas sucessivas que começam por consoantes aspiradas, a primeira perde sua espirantização e torna-se sonora. (cf. Stappers s.d. p. 29). Por exemplo, em nyamwesi (F22) ‘mboku’ eland antelope (Maganga & Schadeberg 1992: 263/292) < \*pókù 2601 (4).



Nas línguas do grupo (S10), é regular (N + p > mh), assim como em tshivenda (S21) e em sotho (S30), onde (N + p > ph).

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva velar surda. O fonema /f/ em silozi (K21) é irregular e poderia se justificar por influência do luyana (L31), onde é regular \*k > f.

Em posição de V<sub>1</sub> o BLR (2003) reconstruiu o tema com uma vogal de terceiro grau de abertura. Atestamos apenas um caso, em nilamba (F31), onde a V<sub>1</sub> se realiza como /u/, porém as formas provem de fontes zoológicas e é certamente um erro de notação fonética de Swynnerton (1946). Confirmamos o erro através da entrada sugerida por Yukawa (1939).

Em posição de V<sub>2</sub> o tema foi reconstruído com uma vogal de primeiro grau que se justifica pelo processo de espirantização da consoante oclusiva velar diante de vogais de primeiro grau de abertura.

O BLR (2003) propôs para o tema o emparelhamento de classe nominal 3/4. Sugerimos para o tema os emparelhamentos de classes 9/10 e também 7/8.

Quanto aos padrões tonais o BLR propôs para o tema um padrão tonal AB, porém, coloca em evidência algumas divergências tonais, por exemplo, em tshivenda (S21), os reflexos tonais remontam a \*AA, enquanto em nyamwezi (F22) os reflexos tonais BB remontam tanto a um padrão \*BB quanto \*AA (cf. tons do tema \*-gìmbà 5565).

Analisamos os reflexos tonais nas outras línguas a fim de resolver os problemas ambíguos:

Nas línguas do grupo shona (S10), assim como nas línguas do grupo S30, precisamente em setswana (S31), o fenômeno de neutralização entre os padrões tonais \*AA e \*AB é regular.

Em tsonga (S53) os reflexos tonais BB remontam a um padrão tonal \*BB

‘ngòmà’ large drum (Cuénod 1978:128) < \*gòmà 1429 (1)

‘ngùlùbè a domestic pig (Cuénod 1978:128) < \*gùdùbè 1494 (4)

Apesar da confusão tonal atestada nos reflexos, confirmamos ao menos o tom \*A em posição de S<sub>1</sub>, mesmo se em nyamwesi (F22) o padrão tonal não é exclusivo e em tsonga (S53) os reflexos remontam a um tom \*B. Entretanto, em posição de S<sub>2</sub> os reflexos seguem problemáticos, visto que remontam tanto a um tom \*B quanto \*A.

A pesquisa coloca em evidência um tema de estrutura segmental similar atestado em algumas línguas das zonas K L S com o sentido de ‘bull’. Os reflexos do tema remontam a uma protoforma °-pókú ‘bull’.

K21	silози	-poho pl. (li-)	<u>9/10</u>	bull	O’sullivan 1993:34
K34	sikwamashi	poho (ma-)	<u>9/6</u>	bull	O’sullivan 1985:3
K352	mwenyi	(ó)pohó, (a)mápohó	<u>9/6</u>	bull	Yukawa 1987:19
L62	nkoya	poho (thi)	<u>1/10</u>	bull	Yukawa 1987:21
S16B	nambya	ipoho (i/ma-)	<u>5/6</u>	bull	Moreno 1988:52/132

Optamos em agrupar os reflexos acima separados do tema \*-pókù, uma vez que identificamos problemas semânticos, tonais e de regularidades da C<sub>2</sub>.

Em silози (K21) o fonema /h/ remonta \*k > h por influência de outras línguas da zona K como, por exemplo, sikwamashi (K34) e mwenyi (K352).

Quanto aos tons, em bubu (A31) os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal \*AA. Em mwenyi (K352) os reflexos tonais BA remontam tanto a um padrão tonal \*AB quanto \*AA.

(e)lítakó’ buttock (Yukawa 1987:2) < \*tákò 2741 (1)

‘(é)njingó’ neck (Yukawa 1987:1) < \*kíngó 1845 (1)

Sendo assim, o tema tem um padrão tonal < \*AA, diferente dos padrões tonais do tema \*-pókù 2601 < \*AB.

#### 1.6.7.4. O tema \*-tàmò 8220 (5) > °-tàmú (cl. 9/6)

Protoforma regional reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas J.

JD61	kinyarwanda	-tamu pl. (ita-)	9i/6	eland du Cap, ( <i>Tragelaphus oryx</i> )	Coupez <i>et alii</i> 2005:2424
JE14	rukiga	etamu	9	antelope	Taylor 1959:149
JE15	luganda	`ntàmú, è	9	eland	Snoxall 1967:259

Atualizamos a distribuição linguística do tema em outras línguas da zona J, assim como ampliamos a distribuição do tema em línguas das zonas E F G.

E51	kikuyu	namu	9	eland	Benson 1964:278
E55	kamba <sup>170</sup>	namu	9	eland antelope	Lindblom 1926:14
E74a	dabida	domu	9	<i>Taurotragus oryx</i>	Philippson 2013 <sup>171</sup>
E741	sagala	domu	9	<i>Taurotragus oryx</i>	Philippson 2013
F21	sukuma	taamo	9/10	large antelope without horn	Richardson & Mann 1966:70
F22	nyamwesi	nhamo pl. mat	<u>9/6</u>	grosse antelope ohne hörner	Velten 1901:195

<sup>170</sup> Ulu dialect.

<sup>171</sup> Comunicação pessoal.

G23	shambala	námú [nàmú]		elenantilope	Roehl 1911:69
JE11	runyoro	e-ntamu	ḡ	eland ( <i>Thomas'cob</i> )	Davis 1952:133/226
JE22D	kiziba	ntámo		antilopen	Herrmann 1904:160
JE13	runyankore	e-tamu	ḡ	antelope (s)	Taylor 1959:139/149
JE13	runyankore	entamu	ḡ	eland	Davis 1952:226

Baseado na semântica atestada na maioria das línguas, concordamos com o BLR que sugeriu para o tema o sentido o espécie de antílope ‘eland: *Taurotragus*<sup>172</sup>*oryx*’.

Em nyamwesi (F22) segundo a descrição do autor o tema denomina uma espécie de antílope sem chifres. A sugestão semântica do autor é errônea ou sugere uma espécie diferente do eland, uma vez que no gênero *Taurotragus* ambas as espécies possuem chifres.

O BLR (2003) propôs para o tema um padrão tonal inteiramente \*BB, de acordo com os reflexos tonais do kinyarwanda (JD61) (cf. Tons do tema \*pùm̀b̀d̀ì 9777).

Contudo, o tema é problemático, pois tem muitas irregularidades de correspondências segmentais, assim como tonais. Por exemplo:

Em ganda (JE15) os reflexos remontam a uma reconstrução virtual (<°-tàmú).

Em shambala (G23) os reflexos remontam a uma reconstrução virtual (<°-nàmú). Na língua a ‘Regra de Meinhof’ não se aplica regularmente neste contexto.

---

<sup>172</sup> No BLR (2003) é necessário atualizar a classificação a científica ‘*Tragelaphus oryx*’.

Em sukuma (F21) os reflexos remontam a (<°-tààmò).

Enfim, os reflexos atuais comprovam que é impossível estabelecer correspondências regulares ao tema discutido nesta seção. Na verdade, acreditamos que o tema é um empréstimo, sem dúvida proveniente de línguas sul-cushitas. (Philippon 2013).

#### 1.6.7.5. O tema \*-jungue 5057 (5) > °-jùngùè (cl. 14)

Protoforma reconstruído pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em línguas das zonas L M.

L35	kisanga	-bungwe pl. (mbu, bambu) (HH)	1n, 2 + n	éland mâle, solitaire	Coupez 1976:156
M42	icibemba	bungwe	<u>14</u>	bull eland	Guthrie & Mann 1995:10

Atualizamos a distribuição do tema em outras línguas das zonas M.

M42	icibemba	bungwe, pl. ba	<u>14/2</u>	male eland	The White Fathers 1954:55
M61	lenje	bungwe	<u>14</u>	eland bull	Torrend 1967:180
M63	ila	bungwe	<u>14</u>	eland bull	Torrend 1967:180

Confirmamos o sentido atribuído pelo BLR, o substantivo denomina ‘antilope: éland mâle: *Taurotragus oryx*’.

O BLR reconstruiu o tema baseado no radical ‘-ungwe’ atestado em kisanga (L35) e em icibemba (M42). Visto que, no grupo L30 o único fonema que desaparece é \*j, o tema foi reconstruído com uma consoante palatal sonora. No entanto, os reflexos nas línguas da zona M são irregulares, em icibemba (M42) \*c, \*j > s, assim como nas línguas do grupo botatwe.

564

Os reflexos do tema caracterizam-se por apresentarem a integração do prefixo de classe 14 ao tema, o que justifica o fonema /b/ em posição de C<sub>1</sub>.

A C<sub>2</sub> provém de uma consoante oclusiva pré-nasalizada \*ng.

Em posição de V<sub>1</sub> e V<sub>21</sub> concordamos com a proposta de uma vogal de segundo grau. A V<sub>21</sub> /o/justifica-se pelo processo de labialização da C<sub>2</sub> atestada nas línguas.

Em posição de V<sub>22</sub> o tema foi reconstruído com uma vogal de terceiro grau de abertura.

O BLR propôs para o tema, classe 14. Em kisanga (L35) o autor propôs classe 1n, 2 + n.

O BLR não propôs um padrão tonal para o tema. Contudo, devido ao fato de que não identificamos resquícios de um tom A e também baseado nos reflexos tonais BB atestado em icibemba (M42) e AA em kisanga (L35, tons contrários ao \*PB), sugerimos ao tema um padrão tonal inteiramente \*BBB:

Em icibemba (M42) BB < \*BB. (cf. Tons do tema °-nyúmbù).

Em kisanga (L35) AA < \*BB. (cf. Tons do tema °-bíndí).

Mouguiama & Hombert (2006: 47) aproximaram esse tema com a forma de reconstrução \*jóngò 9110 (5) atestada nas línguas da zona A B J com o sentido de ‘chevrotain: *Hyemoschus aquaticus*’. Todavia, os temas apresentam problemas semânticos. Visto que até momento os padrões tonais entre os temas são problemáticos um vínculo entre eles segue obscuro.

#### **1.6.7.6. O tema °-gùngó (cl. 9/10)**

Proposta de tema baseado em reflexos atestados nas línguas da zona C J R. Quanto a semântica, nas línguas da zona R, em nyaneca (R13) e em khumbi (R14) o substantivo denomina espécie de antílope ‘eland: *Taurotragus Oryx*’.

Em lingala (C30B) o substantivo limita-se em denominar 'espécie de antílope moyenne tachetée'.

C25	mboshi	ngòngó pl. angòngó	<u>9/2+9</u>	antilope	Fontaney 1988:12
C30B	lingala	ngongo	<u>9</u>	antilope moyenne tachetée	Dzokanga 2001:74
C371	motembo	-goongó	9/10	sp. d'antilope	Motingea s.d:20
JE403	suba	ngongo	<u>9</u>	small gazelle	N & P 1975
R13	nyaneca	ongunga	<u>9</u>	antilope ( <i>Taurotragus Orix</i> )	Da Silva 1966:40
R14	khumbi	ongúnga pl. ono-	<u>9/10</u>	eland	Westphal 1961:55

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva velar, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9. Em suba (JE403) a C<sub>1</sub> é regular e remonta a \*nk.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a consoante pré-nasalizada \*ng.

Propomos para o tema uma V<sub>1</sub> de segundo grau de abertura, que se justifica pela oposição entre /u/ e /o/ atestado nas línguas de 5/7 vogais.

Em posição de V<sub>2</sub> propomos para o tema vogal de terceiro grau de abertura. No entanto, nas línguas da zona R, atestamos alterações das vogais finais \*o > a. (cf. Regularidades nos temas \*congo 6839 (5) e \*pongo 6810 (5).

Sugerimos para o tema, classe 9/10 ou 9/2+9.

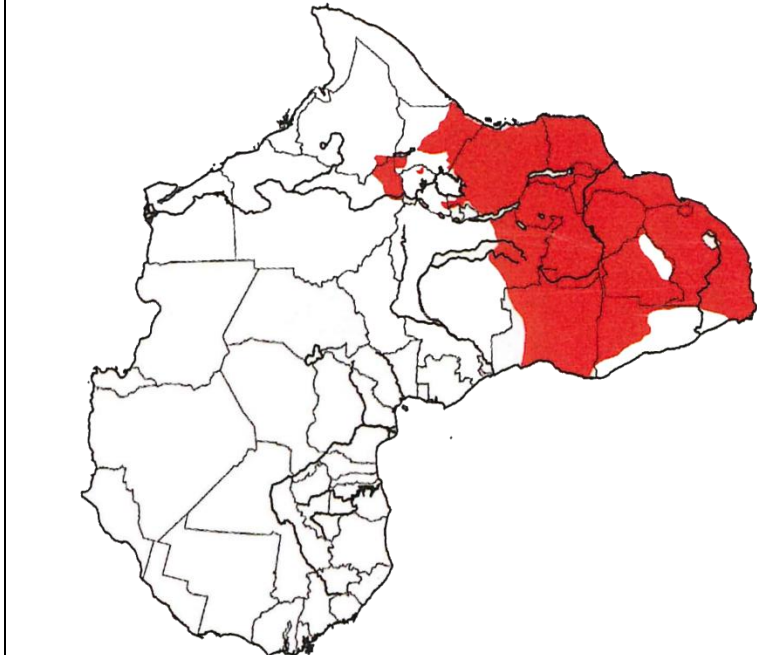
Quanto aos tons, nas línguas das zonas C (reflexos diretos do PB), os reflexos tonais BA remontam a um padrão tonal \*BA.

566

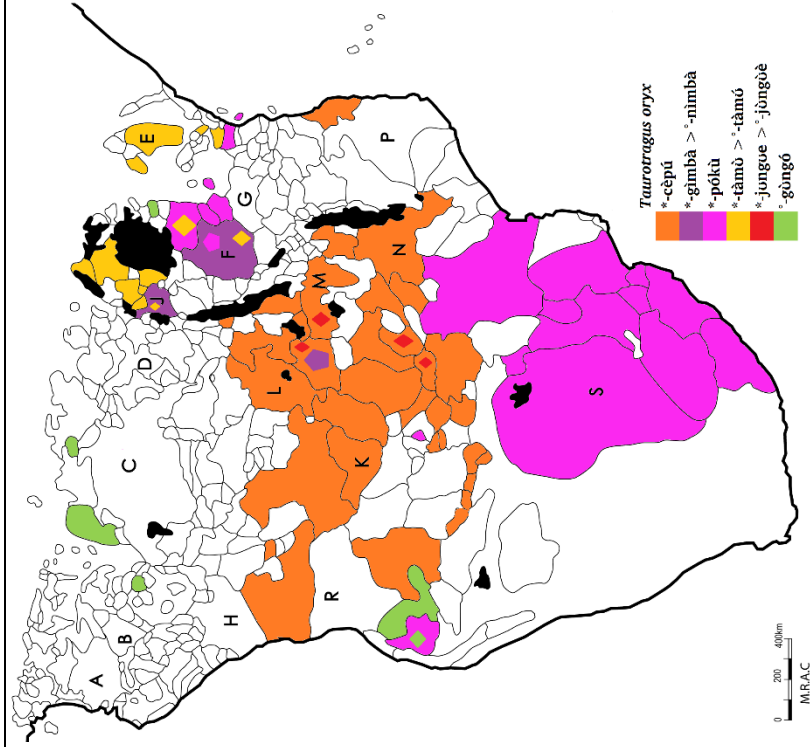
Em khumbi (R14) os reflexos tonais AB remontam tanto a um padrão tonal \*BB quanto \*AA (cf. Tons do tema \*-bambɪ 8336).

Sendo assim, sugerimos para o tema um padrão tonal \*BA, mesmo se em khumbi (R14) os reflexos em posição de  $S_1$  remontam também a \*A e em  $S_2$  a \*B.





Mapa 70: Hábítat *Taurotragus oryx*



Mapa 71: Tema *Taurotragus oryx*

## 1.7. Subfamília Hippotraginae

É uma subfamília que incluem espécies de antílopes de tamanho grande relativamente musculoso e espesso, tais como o *Hippotragus*, *Oryx* e *Adaxx*. Tanto os machos quanto as fêmeas possuem grandes chifres.

### 1.7.1. *Hippotragus equinus*

**Descrição:** antílope grande, o segundo mais alto depois do eland. O corpo tem a forma do cavalo, com crina curta, rigidamente ereta e pintada de preto. Tem a pelagem muito áspera, que fica enrugada na garganta. Têm orelhas compridas nas pontas e chifres arqueados muito grandes, medem aproximadamente (50-100 cm) nos machos. A coloração é variável dependendo da região onde vivem, de cor acinzentada ao sul, mais amarelada ao norte e avermelhada nas zonas úmidas.

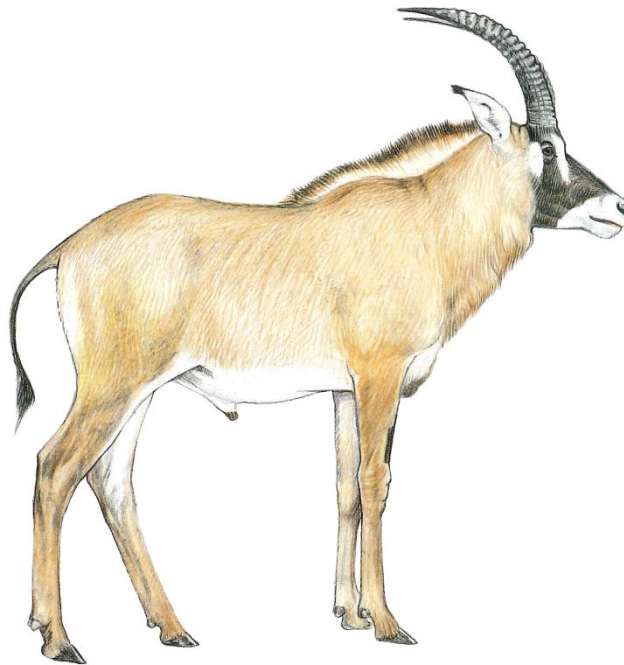


Figura 33: *Hippotragus equinus*

**Hábitat:** são encontrados desde do estepe do Sahel (sempre ao alcance de um ponto de água) até as planícies de inundações, passando por vários estágios de savana, montanha e planalto.

**Países nativos:** Angola, Benin, Botsuana, Burkina Faso, Camarões, República Centro-Africana, Chade, República Democrática do Congo, Costa do Marfim, Etiópia, Malawi, Mali, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Ruanda, Senegal, África do Sul, Sudão do Sul, Sudão, Tanzânia, Togo, Uganda, Zâmbia, Zimbábue. Presença incerta: no Níger e possivelmente extinto em Gâmbia. Possivelmente existente em Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Quênia. A espécie foi extinta no Burundi e na Eritreia.

**Literatura popular:** nas comunidades chokwe (K11) o chifre do antílope cheval ‘ntengo’ (*Hippotragus equinus*) é utilizada na ornamentação da máscara conhecida como ‘cikunza’ e usada no ritual de circuncisão. Os chifres do antílope são também utilizados como instrumento de adivinhação típico nas comunidades chokwe e são chamado ‘ngombo ya itarika’. (Baeke 2007:331-332).

Nas regiões bantu identificamos (4) quatro reconstruções virtuais para denominar o antílope em questão: \*-tèngú, \*-kodongo, °-pèngú e °-peda. Dentre elas (2) duas foram sugeridas pelo BLR (2003).

#### 1.7.1.1. O tema \*-tèngú 7710 (3) (cl. 9/10, 9/6)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em uma série de reflexos atestados precisamente em línguas das zonas C J L M S. O BLR sugeriu reflexos na zona K, porém não identificamos reflexos nessa zona proveniente do BLR.

C71	tetela	ntengó (BA) ó [ó]	ḡ	antílope chevaline	Hagendorens 1956:16
JE15	luganda	`nteḡò, è-	ḡ	eland	Snoxall 1967:259

L35	kisanga	-tengù HB	<u>1n</u>	<i>Hypotragus equinus</i>	Coupez 1976:111
M42	icibemba	in-téngu-malúbé	<u>9</u>	sassaby antelope	Guthrie & Mann 1995:104
S12	chizezuru	chengu LH	<u>9</u>	roan antelope	Hannan 1974:55/ 883
S14	chikaranga	chengu LH	<u>9</u>	roan antelope	Hannan 1974:55/883

Entretanto, atualizamos a distribuição linguística do tema em outras línguas das zonas K L M, assim como estendemos a distribuição do tema em algumas línguas das zonas D N.

D28	holoholo	ntengu	<u>9</u>	<i>Aegoceros equinus</i>	Schmitz 1912:374
K11	chokwe	tengu pl. ma-	<u>9/6</u>	antelope (roan)	Mac Jannet, Malcolm Brooks 1949:3/89
K14	luvale	chengu		<i>Hippotragus equinus</i>	Ansell 1978:60
L11	giphende	thengu pl. (zi-) LH	<u>9/10</u>	oryx (antelope-cheval)	Gusimana 1972:197
L23	songe	ntèngú	<u>9</u>	antelope cheval	Stappers 1984:62
L31a	tshiluba	ntengu	<u>9</u>	l'antelope cheval	De Clercq 1937:195
L32	kanyòk	teng' pl. (mateng)	9/6	antelope cheval ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Mukash 2012:710

L33	kiluba	ntengu <sup>173</sup> (ban-) [ntē.ŋgu]	9/2 + 9	antilope rouanne	Gillis 1981:24
L33	kiluba	n-tengù, ban-	<u>9</u>	antilope roanne, chevaline, <i>Hippotragus equinus</i>	Avermaet, & Benoît Mbuyà 1954:695
L34	hemba	ntengu, pl. ba-	<u>9/2</u>	antilope	Vandermeiren 1913:318/186
L41	kaonde	ntengu (bantengu, matengu)	<u>9/2 + 9</u> <u>9/6</u>	antelope (roan)	Broughall 1924:185/132
L52	lunda- ndembu	ntengu	<u>9</u>	roan	Fisher 1963:35
L53	ruund	nteng	<u>9</u>	sable antelope ( <i>Hippotragus niger</i> )	Hoover 1975:K-4
L53	ruund	ntê:ngw pl. (á:-)	<u>9</u>	roan antelope ( <i>Hippotragus equinus cottoni</i> )	Hoover 1975:N-11
M402	aushi	tengu		Hippotrague	Verbeek 2004:702
M41	kitabwa	ntengu	<u>9</u>	<i>Hippotragus equinus</i>	Biodiversité au katanga
M42	icibemba	ntengu	<u>9</u>	antilope bubale noire	Claquin 1929
M42	icibemba	intengu	<u>9</u>	tsessebe ( <i>Damaliscus lunatus</i> )	Frank Willems 2011

<sup>173</sup> Yumba Musoya Banza (2013:233) cita um substantivo reduplicado 'kiténguténgu' que designa um pássaro chamado também de 'Mwípáyíwa mfiká', devido ter a cor da pelagem parecida com a do antílope 'nténgu'.

M52	lala	tengu		Hippotrague	Verbeek 2004:702
M54	lamba	ntengu	ḡ	<i>Hippotragus</i> noir	Verbeek 2004:703
N44	chisena	ntsengo (zi-)	9/10	antílope, gazela	Albano 1939:16/168

Verbeek (2004) sugeriu uma entrada em kiswahili que, na verdade é do kingwana e provavelmente um empréstimo proveniente das línguas locais. Sendo assim, a zona G não foi representada com a protoforma discutida neste subitem.

G42	kiswahili	tengu		antilope rouanne	Verbeek 2004:705
-----	-----------	-------	--	------------------	------------------

Colocamos em visibilidade substantivos compostos. Em kitabwa (M41) o tema denomina ‘antilope *oryx*’. A primeira parte do composto (<°-pèdèmbè) atestado em línguas das zonas L M S com o sentido de ‘*Hippotragus sp*’.

L33	kiluba	katengu lui [kātēḡgūlūḡi] <sup>174</sup>		antilope (grand mbudi)	Gillis 1981:24
L33	kiluba	n-tengù lûi		grand mbudi à longues cornes	Avermaet & Benoît Mbuyà 1954:695
M41	kitabwa	mperembe-ntengu		antilope (genre <i>oryx</i> )	Van Acker 1907:84

De acordo com o BLR, o tema denomina a espécie de antílope ‘Roan: *Hippotragus equinus*’ ou ainda ‘définie comme antilope rouanne ou antilope chevaline’. No entanto, atestamos alguns problemas semânticos e/ou erro de identificação, vejamos:

Snoxall (1967) sugeriu para o luganda (JE15) o sentido, ‘eland’.

<sup>174</sup> De acordo com a descrição fonética do autor o símbolo [ḡ] marca o alongamento vocálico.

Em icibemba (M42) segundo fontes diferentes e sem proposta de classe nominal os substantivos denominam ‘antilope bubale noire’ e ‘tsebebe: *Damaliscus lunatus*’.

Identificamos que em algumas línguas os falantes não fazem distinção entre as duas espécies de hipotragus (sable ou roan), por exemplo, em ruund (L53) de acordo com a mesma fonte, o substantivo denomina ‘sable antilope: *Hippotragus niger*’ e também ‘roan antilope: *Hippotragus equinus*’.

Apesar das divergências semânticas confirmamos o sentido sugerido pelo BLR (2003).

Em posição de C<sub>1</sub>, o BLR propôs para o tema uma consoante oclusiva alveolar surda.

Em algumas línguas concordamos com a proposta de C<sub>1</sub> do BLR, mesmo se atestamos alguns casos irregulares. Por exemplo, os fonemas em posição de C<sub>1</sub> em luvale (K14), em chisena (N44), em chizezuru (S12) e em chikaranga (S14) são problemáticos, pois não remontam exclusivamente a \*t e sim a \*c.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas são regulares e em todos os casos remontam a uma consoante pré-nasalizada \*ng.

Quanto à qualidade das vogais, visto que, em posição de V<sub>1</sub> os fonemas realizam-se como /e, ε/, concordamos com o BLR que propôs para o tema V<sub>1</sub> de terceiro grau de abertura.

Em posição de V<sub>2</sub> os fonemas realizam-se como /ɔ, o, u, ø/ o que justifica a proposta de uma vogal de segundo grau de abertura. Em kanyòk (L32) e em ruund (L53) a perda das vogais finais são regulares.

Quanto as classes nominais, o BLR (2003) propôs classe 9. Sugerimos o plural de classe 10.

574

Referente aos tons, o BLR (2003) sugeriu ao tema um padrão tonal \*BA baseado nos reflexos tonais atestados em otetela (C71), vejamos:

Em otetela (C71) os reflexos tonais BA < \*BA:

‘ɔkɔdí’ ‘corde’ (Hagendorens 1984:57) < \*-gòdí 1417 (1)

Identificamos esse padrão também na maioria das outras línguas, por exemplo:

Em giphende (L11) os reflexos tonais BA < \*BA:

‘ngàndú’ pl. zi ‘crocodile’ (Gusimana 1972:150) < \*-gàndú 1326 (1)

Assim como, nas línguas grupo S10, onde BA < \*BA (cf. Tons do tema \*-pàdá 2355).

Contudo, em kisanga (L35) os reflexos são divergentes e remontam a um padrão tonal \*AB (cf. Tons do tema \*-pomo 6505).

Apesar da divergência tonal atestada em kisanga (L35), confirmamos o padrão tonal sugerido pelo BLR (2003).

Até o presente, não atestamos reflexos do tema em línguas fora do bantu, contudo, os temas têm uma distribuição linguística tanto na parte ocidental quanto oriental bantu. Sendo assim, o tema \*-tèngú é um forte candidato a ser uma forma protossavana.

Segundo Yumba Musoya Banza (2013:34) em kiluba (L33) o substantivo ‘nténgu’ deriva do verbo ‘kwíténgá’ que quer dizer ‘*s’apprêter ou prendre l’élán pour sauter ou donner um coup*’. É um antílope ruminante parecido com um



cervo. O 'nténgu' é um animal de grande consideração nos provérbios kiluba<sup>175</sup>.

### 1.7.1.2. O tema \*-kodongo 7023 (5) > °-kódòngó (cl. 9/10)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em línguas da zona J.

JD61	kinyarwanda	-koróonko pl. (=)	9/10	antilope rouanne, ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Coupez <i>et alii</i> 2005:1374
JD62	kirundi	-korônko	9/10	antilope cheval, <i>Hippotragus equinus</i>	Rodegem 1970:630
JE15	luganda	`nkorôngo, è-	9	roan antelope	Snoxall 1967:245
JE24	kikerewe	en-kólóongo	9/10	waterbuck	Odden & Tungaraza s.d:44

A pesquisa atualizou a distribuição linguística do tema em outras línguas da zona J, assim como em algumas línguas das zonas F G H.

F12	bende	nkológó	9/10	roan antelope: <i>Hippotragus equinus</i>	Abe 2006:71
F21	sukuma	ng'ohorongó ng' = [ŋ]	9	roan antelope ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Swynnerton 1946:38
F21	sukuma	-koloŋgo		antelope with long spiral horns	Richardson e Mann 1966:48

<sup>175</sup> Em kiluba (L33): *Lwa kábúndí lwajimjé lwa nténgu'* (On peut rater une grande chose en s'attachant à celle qui est moins valeureuse'. (Yumba Musoya Banza 2013:34)

F22	nyamwesi	nholongo	<u>9</u>	roan antelope ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Swynnerton 1946:36
F22	nyamwesi	nholongo pl. makolongo		antilope	Dahl 1915:366
F24	kimbu	nkolongo	<u>9</u>	roan antelope ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Swynnerton 1946:36
F31	nilamba	nkolongo	<u>9</u>	roan antelope ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Swynnerton 1946:37
F31B	isanzu	nkolongo	<u>9</u>	roan antelope ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Swynnerton 1946:38
F31D	nyambi	nkolongo	<u>9</u>	roan antelope ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Swynnerton 1946:37
G11	gogo	nkolongo	<u>9</u>	roan antelope ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Swynnerton 1946:35
G61	sango	nkolongo	<u>9</u>	roan antelope ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Swynnerton 1946:35
H21a	kimbundu	holongo		antilope	Da Silva Maia 1994:39
JD61	kinyarwanda	inkôrongo	<u>9</u>	antilope (espèces plus connues)	Hurel 1934:20
JE13	runyankore	e-nkórongo	9/10	species of antelope	Taylor 1959:125/149
JE14	rukiga	enkórongo	9/10	antelope	Taylor 1959:149
JE22D	kiziba	nkoróngo	<u>9</u>	antilopen	Herrmann 1904:160

Swynnerton (1946) propôs um substantivo para o kiunguja (G42d) que é certamente um empréstimo de outras línguas locais, pois o antílope ‘roan’ é ausente da região costeira, contrariamente do ‘*Hippotragus niger*’. Além do mais, em kiswahili \*d > ø. Por isso não representamos a forma do kiunguja com a protoforma discutida nesta seção.

G42d	kiunguja	korongo	ɟ	roan antelope	Swynnerton
				( <i>Hippotragus equinus</i> )	1946:34

Quanto à semântica confirmamos o sentido atribuído pelo BLR, o tema denomina ‘antílope roan: *Hippotragus equinus*’, exceto em kikerewe (JE24), onde o substantivo denomina ‘waterbuck’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva velar surda. A forma sugerida por Swynnerton (1946) é um erro de transcrição fonética do autor, confirmamos o erro através do substantivo regular sugerido por Richardson e Mann (1966).

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar sonora.

Em posição de C<sub>3</sub> os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*ng.

Em kinyarwanda (JD61) e em kirundi (JD62) atestamos o processo de ensurdecimento C<sub>3</sub> \*ng > nk.

Concordamos com o BLR que propôs para o tema V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub> e V<sub>3</sub>, vogais de terceiro grau de abertura.

O BLR propôs para o tema, classe 9. Sugerimos para o tema o plural de classe 10.

Quanto aos tons, o tema foi reconstruído sem uma proposta tonal. Baseado nos reflexos tonais confiáveis nas línguas da zona J, atestamos os seguintes resultados:

Em kinyarwanda (JD61) os reflexos tonais BAB remontam a um padrão tonal

\*ABA:

‘taandátu’ ‘nombre 6’ (Coupez *et alii* 2005:2430) < \*tándátú 2780 (4).

Em kikerewe (JE24) os reflexos tonais AAB remontam a um padrão tonal

\*BBB:

‘en-gúlúbe’ cl. 9/10 ‘pig’ (Odden & Tungaraza s.d:26) < \*gùdùbè 1494 (4)

Apesar dos reflexos tonais serem divergentes em kikerewe (JE24), baseado nos reflexos tonais atestados em kinyarwanda (JD61) sugerimos para o tema um padrão tonal \*ABA.

(cf. No BLR: \*-kòdò 1885 (5) zonas F G ‘mouton, ovelha’/\*-kòdòngò 7014 (5) zonas L M ‘oiseau: grue caronculée’).

### 1.7.1.3. O tema °-pèngú (9/10, 11/2, 1a/2)

Proposta de tema baseada em reflexos atestados na parte sudoeste e centro do bantu, precisamente em línguas da zona K M R.

K12b	ngangela	mpéengo	9/10	antilope ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Maniacky 2002:351
K21	silози	-mengo pl. (li-)	<u>9/10</u>	rooibok (sable)	O'sullivan 1993:10
K33	rukwangali	mpengu pl. (no-)	9/10	roan antelope ( <i>Hippotragus niger</i> )	Kloppers 1994:164
K333	thimbukushu	mengo		antelope roan ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Legère & Munganda 2004:131
K333	thimbukushu	mengo pl. (mupengo)	9/1 + 9	antelope	Wynne s.d:23

K333	thimbukushu	mupengo	9/1 + 9	herd of roan ( <i>Hippotragus equinus</i> )	Legère Karsten & Munganda 2004:131
K333	thimbukushu	mengo yo mwiru		antelope sable	Wynne s.d:460
K333	thimbukushu	mengo ghomukihu	1a(9)/2(9), 3(9)	roan-antelope	Wynne s.d:452
K34	sikwamashi	mengo, pl. =	<u>9/10</u>	antelope (roan)	O'sullivan 1985:1/32
K34	sikwamashi	mengo	<u>9/10</u>	antelope sable	O'sullivan 1985:1/32
K34	sikwamashi	mupengo, pl. =	9/1 + 9	antelope (roan)	O'sullivan 1985:1/34
K34	sikwamashi	mupengo	9/1 + 9	antelope sable	O'sullivan 1985:1/34
K402	fwe	mpêngù, bà-	1a/2	white impala	Hilde Gunnink 2018:508
K41	totela	mpêngu	9	sable, roan	Thera Crane 2010:370
M61	lenje	lwengu	<u>9</u>	sable antelope	Torrend 1967:481
M63	ila	luengo pl. (ba-)	<u>11/2</u>	sable antelope	Smith 1907:263
M64	tonga	lwengu	<u>9</u>	sable antelope	Torrend 1967:481
R22	oshindonga	ompengu (oo-)	<u>9/10</u>	roan antelope	Viljoen Amakali, P & Namuandi 1984:96/28
R31	otjiherero	o-mbengu	<u>9</u>	antelope	Brincker 1886

Wynne (s.d) sugeriu em thimbukushu um tema composto, sem mudança semântica.

---

K333 thimbukushu mengo yo mukiku antelope roan Wynne s.d:23

---

Em quase todas as fontes pesquisadas o tema denomina tanto o '*Hippotragus equinus*' quanto o '*Hippotragus niger*'. O sentido 'white impala' sugerido por Hilde Gunnick (2018) é um provavelmente um erro de identificação, uma vez que atestamos outro tema nas línguas da zona K para denominar a gazela impala. (cf. Reflexos do tema \*-pàdá 2355 (4).

Referente a C<sub>1</sub>, nas línguas da zona K, precisamente em silozi (K21), em rukwangali (K33), em thimbukushu (K333) e em sikwamashi (K34) o processo de nasalização plena da C<sub>1</sub> é regular, ou seja, (\*N + p > m).

Em otjiherero (R30) a C<sub>1</sub> remonta tanto a \*mp quanto a \*mb (\*mp, \*mb > mb).

No grupo botatwe (M60), a perda da C<sub>1</sub> é regular (\*p > ∅) e os reflexos caracterizam-se pela integração do prefixo de classe 11 ao tema.

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas são regulares e em todos os casos remontam a uma consoante pré-nasalizada \*ng.

Devido à regularidade dos reflexos, propomos em posição de V<sub>1</sub> uma vogal de terceiro grau de abertura.

Em posição de V<sub>2</sub> os fonemas realizam-se como /o, u/ por isso, sugerimos ao tema uma vogal de segundo grau de abertura.

Atestamos apenas um caso de alongamento vocálico, em ngangela (K12b) que se justifica pelo contexto NC.

Sugerimos ao tema, classes nominais: 9/6, 1a/2, 11/2.

Referente aos tons, baseado nos reflexos atestados em ngangela (K12b) sugerimos ao tema um padrão tonal \*BA.

Em ngangela (K12b) os reflexos tonais com um padrão silábico (CV)-C<sup>́</sup>V (V)CV remontam a um padrão \*BA. (cf. Maniacky 2002:100).

Apesar do tema discutido neste subitem ter uma semelhança formal, semântica e tonal com a protoforma \*-tèngu 7710 (3) não acreditamos em um processo de osculância entre eles, pelo fato de que temos em posição de C<sub>1</sub> fonemas que são fonologicamente distintos (\*t e \*p).

#### 1.7.1.4. O tema °-peba (cl. 5/6)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em línguas das zonas M, precisamente, em aushi, lala, lamba.

M402	ausi	ipeba ou lipeba, pl. ma-	5/6	hippotrague	Verbeek 2004:702
M52	lala	ipeba ou lipeba, pl. ma-	5/6	hippotrague	Verbeek 2004:702
M52	lala	lipeba	5/6	<i>Hippotragus equinus</i> mâle	Biodiversité au katanga
M52	lala	inanpeba	5/6	<i>Hippotragus equinus</i> femelle	Biodiversité au katanga
M54	lamba	ipeba ou lipeba, pl. ma-	5/6	hippotrague	Verbeek 2004:702

De acordo com os sentidos identificados, em aushi (M402) e em lamba (M54), o substantivo limita-se a denominar ‘espécie de hipotrague’. Em lala (M52) o substantivo faz parte de um tipo de categorização e denomina tanto o ‘*Hippotragus equinus* macho’, quanto a espécie fêmea. A diferenciação entre os gêneros das espécies é feita pelos falantes através da adição de um morfema ‘na-’ anteposto ao radical do tema. Sendo assim, o substantivo ‘lipeba’ designa ‘*Hippotragus equinus macho*’, enquanto o substantivo ‘inanpeba’ designa

'*Hippotragus equinus fêmea.*'. Baseado nos sentidos revelados, sugerimos ao tema o sentido '*Hippotragus equinus*'.

Os fonemas C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub>, V<sub>1</sub>, V<sub>2</sub> são regulares nas línguas.

Propomos ao tema, classe nominal 5/6.

Devido à ausência de padrões tonais, o tema segue sem um padrão tonal definido.

Em línguas da zona M, atestamos outro tema composto (tundu-bwe), para denominar '*Hippotragus equinus*'. A primeira parte do composto poderia ter uma relação com a proposta °-túndú (cf. item 1.1.3.3. ) atestado em línguas das zonas D L M com o sentido de '*Cephalophus silvicultor*' e a segunda parte com o tema °-bue (cf. item 2.1.17. ) atestado em línguas das zonas C D também com o sentido de '*Cephalophus silvicultor/Neotragus batesi*'. Apesar de uma possível relação entre os temas, as motivações semânticas seguem problemáticas.

M402	ausi	itundubwe		hippotrague	Verbeek 2004:702
M52	lala	itundubwe		hippotrague	Verbeek 2004:702
M54	lamba	tundubwi		Roan antelope, <i>Hippotragus equinus</i>	Ansell 1978:60
M54	lamba	itundubwi (amatundubwi)	9/2 + 6	roan antelope	Doke 1933:99

Nas línguas do grupo botatwe (M60), Torrend (1967) sugeriu também um tema composto com o sentido de 'roan antelope'. Até o momento, não identificamos os temas separadamente e nem suas possíveis motivações semânticas.

M61	lenje	lituba-mulomo		roan antelope	Torrend 1967:474
-----	-------	---------------	--	---------------	------------------



---

M63	ila	mu-tubya-mulomo	roan antelope	Torrend 1967:474
-----	-----	-----------------	---------------	------------------

---

M64	tonga	ntubya-a-mulomo	roan antelope	Torrend 1967:474
-----	-------	-----------------	---------------	------------------

---

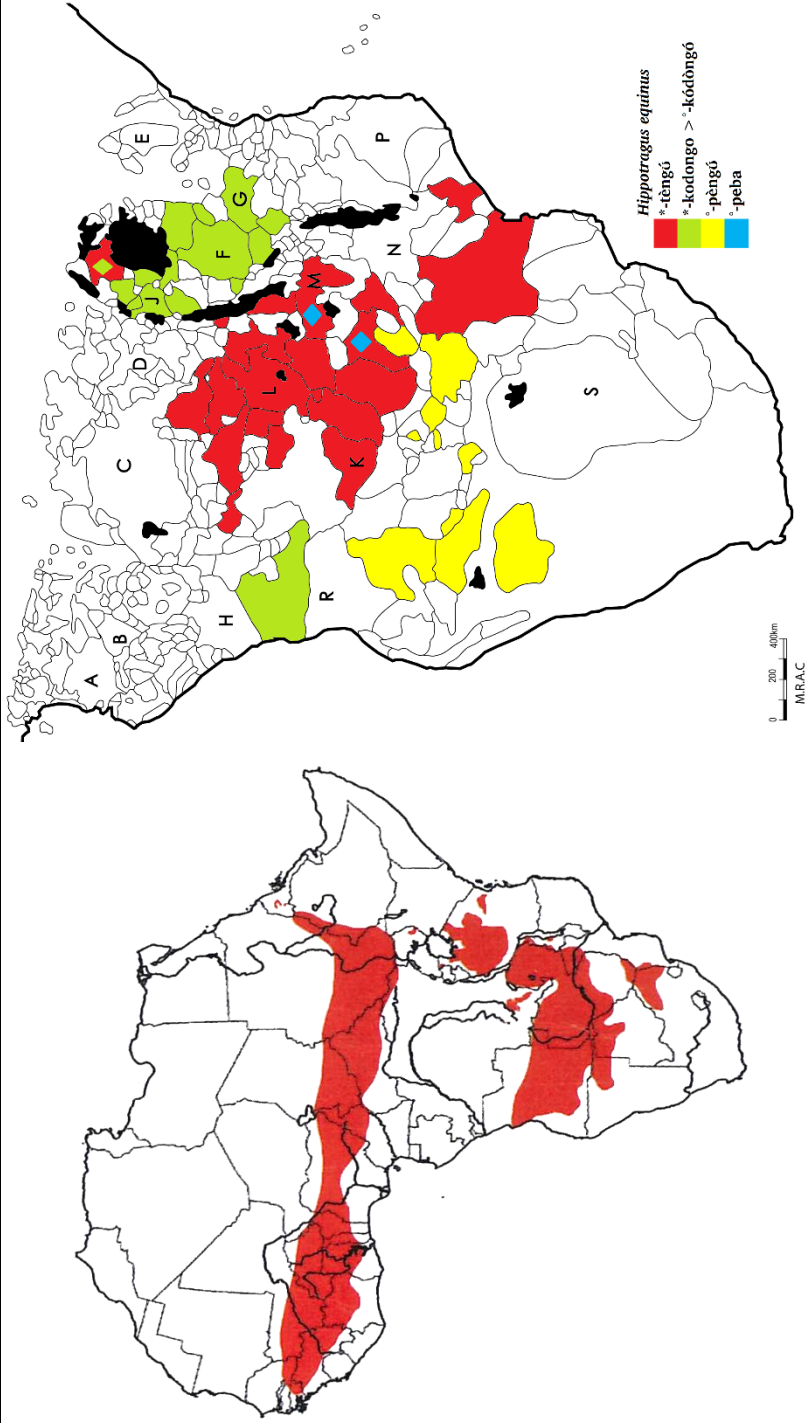
Em mpongwe (B11a) atestamos um tema composto com o sentido de ‘*Hippotragus equinus*’. A primeira parte do composto poderia ter uma relação com a proposta °-kàmbì (cf. item 2.1.14. ), atestadas em algumas línguas da zona B L com o sentido de ‘*Tragelaphus scriptus*’/‘waterbuck’. A segunda parte do tema vem do tema °-bòngò (cf. item 1.6.5.3. ), atestado em línguas das zonas com o sentido de ‘*Tragelaphus euryceros*’. (cf. Outros casos de formas compostas).

Até o presente, as motivações derivacionais do tema seguem obscuras.

---

B11a	mpongwe	nkambi yi mbóngó	<i>Hippotragus Equinus</i>	Raponda 1934:285
------	---------	------------------	----------------------------	---------------------

---



Mapa 72: Hábitat *Hippotragus equinus*

Mapa 73: Temas *Hippotragus equinus*

### 1.7.2. *Hippotragus niger*

**Descrição:** antílope grande que tem o pescoço grosso, o focinho longo e estreito, as orelhas pontudas, os cascos grandes e compactos, a cauda bastante longa e com um tufo. Os chifres são arqueados e costumam exceder 1 m de comprimento e podem atingir 160 cm. A pelagem dos antílopes pequenos são da cor amarelo-areia, os dos jovens e adultos são muito vermelhas, e dos machos ficam negras por volta dos cinco anos. As fêmeas que vivem mais ao sul também tornam-se negras, enquanto em outras regiões, elas escurecem mais lentamente.



Figura 34: *Hippotragus niger*

**Hábitat:** vivem essencialmente na floresta do Miombo, contudo saem quando essas áreas bem drenadas e regularmente queimadas começam a secar. Vivem não muito longe de um ponto de água.

**Países nativos:** Angola, Botsuana, República Democrática do Congo, Quênia, Malawi, Moçambique, Namíbia, África do Sul, Tanzânia, Zâmbia, Zimbábue. Existente e Introduzido na Suazilândia.

**Literatura popular:** animal símbolo nacional de Angola. A espécie é rara e pode ser encontrada apenas na província do Malanje.

Nas línguas bantu identificamos seis (6) reconstruções virtuais para denominar o antílope em questão: \*-**dooko**, \*-**tidie**, \*-**pùmbó**, °-**pàdàpàdà**, °-**pádanga** e °-**tanta**. Dentre elas, três (3) são provenientes do BLR (2003).

#### 1.7.2.1. O tema \*-**dooko** 7072 (5) > °-**dòòkò** (cl. 12/13)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados nas zonas das línguas K L.

K11	chokwe	kaloko	<u>12</u>	antelope (sable)	Mac Jannet, Malcolm Brooks 1949:3/35
L35	kisanga	-lo:ko pl. (kalo:) HH	<u>12</u>	vieille antilope noire (-fumbo) mâle, solitaire	Coupez 1976:107

Atualizamos a distribuição do tema em outras línguas das zonas K L, assim como, ampliamos a distribuição do tema em algumas línguas da zona M.

K12b	ngangela	kaloko	12/13	sable antelope	Pearson 1969:102
K14	luvale	kaloko (-loko)	<u>12</u>	sable (antelope)	Anonyme (Horton) 1978:128

L52	lunda-ndembu	kaloko	<u>12</u>	sable antelope	White 1943:21
L52	lunda-ndembu	kaloku	<u>12</u>	sable	Fisher 1963:35
M402	aushi	kaloko, pl. (va-)	12/2	waterbuck	Doke 1933:291
M42	icibemba	lyoko, kalyoko	<u>12</u>	sable antelope	Mann 1995
M42	icibemba	kalyoko	<u>12</u>	sable antelope	Guthrie & Mann 1980:31
M52	lala	iloko		<i>Hippotragus niger</i> mâle	Biodiversité au katanga
M54	lamba	iloko		<i>Hippotragus niger</i> mâle	Biodiversité au katanga

Concordamos com o sentido atribuído pelo BLR, o tema denomina ‘Palanca negra: *Hippotragus niger*’, exceto em aushi (M402), onde o substantivo de classe 12/2 denomina antílope ‘waterbuck’.

Os reflexos do tema são regulares. A  $V_1$  e  $V_2$  foram reconstruídas com uma vogal de terceiro grau de abertura. A proposta de um tema com  $V_{11}$  justifica-se pelo alongamento vocálico pertinente atestado em kisanga (L35).

O BLR propôs para o tema, classe nominal 12, sugerimos o plural de classe 13, exceto em aushi (M402), cujo autor sugeriu plural de classe 2.

O tema não tem uma proposta tonal. Entretanto, devido ao fato de que não identificamos resquícios de um tom  $A < *A$ , baseado nos reflexos tonais AA atestado em kisanga (L35) e BB atestado em icibemba (M42) sugerimos para o tema um padrão tonal inteiramente \*BB. (cf. Tons dos temas °-bíndí, °-nyúmbù, \*-jungue).

Segundo indicações do BLR, o tema poderia ser de estrutura silábica (CVCVCV) ‘dogoko’. Isso é possível, porém até o momento, optamos por deixar um tema de estrutura silábica CVVCV, visto que não atestamos

resquícios de uma C<sub>3</sub>, mesmo se nas línguas onde atestamos reflexos é regular \*g > ø.

### 1.7.2.2. O tema \*-tɪdɪe 6133 (5) > °-tɪdɪe (cl. 12)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados nas línguas das zonas L M.

L35	kisanga	shidyɛ HH	1/12 + n	mâle d'antilope chevaline noire fumbo	Coupez 1976:138
M42	icibemba	kanshilye	12	bull sable antelope	Guthrie & Mann 1995:32

Atualizamos a distribuição linguística do tema em outras línguas das zonas L M.

L41	kaonde	kanshije	<u>12</u>	<i>Hippotragus niger</i> vieux mâle	Biodiversité au katanga
L62	nkoya	kanchile	<u>12</u>	sable antelope	Shortridge 1934:578
M42	icibemba	kanshilye (ba-)	<u>12/2</u>	sable antelope	Hoch 2006:188
M42	icibemba	kanshilie	<u>12</u>	<i>Hippotragus niger</i> mâle	Biodiversité au katanga
M52	lala	kanshilye	12	Hippotrague noir mâle	Verbeek 2004:703
M54	lamba	kanshilye	12	Hippotrague noir	Verbeek 2004:703

No BLR o tema limita-se a denominar 'espécie de antilope'. Sugerimos para o tema o sentido 'antilope sable: *Hippotragus niger* macho'.

Quanto à regularidade dos reflexos, o BLR coloca em dúvida a fiabilidade da  $C_1 < *t$ , no entanto confirmamos que a  $C_1$  remonta a uma consoante oclusiva alveolar surda.

Em posição de  $C_2$  os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar sonora.

A  $C_2$  em Kaonde (L41) é regular, pois na língua  $*d > l$ , mas diante de /i/ realiza-se /j/.

O tema foi reconstruído com uma vogal de primeiro grau que se justifica pelo processo de espirantização da consoante oclusiva alveolar  $*t$ .

Em posição de  $V_{21}$  o BLR reconstruiu o tema com uma vogal de segundo grau.

Em posição de  $V_{22}$  o tema foi reconstruído com uma vogal de terceiro grau.

O BLR propôs para o tema, um emparelhamento de classe 12 + 9. Sugerimos também o emparelhamento de classe 12/2, em icibemba (M42).

O BLR não propôs um padrão tonal para o tema. Baseado nos reflexos tonais atestados em kisanga (L35) e em icibemba (M42) atestamos os seguintes resultados:

Em kisanga (L35) os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal  $*BB$  (cf. Tons do tema °-bíndí).

Em icibemba (M42) os reflexos tonais BB remontam tanto a um padrão tonal  $*BB$  quanto  $*AB$  (cf. Tons do tema °-tumba).

Sendo assim, sugerimos para o tema um padrão tonal  $*BB$ , mesmo se, em icibemba (M42) os reflexos em posição de  $S_1$  remontam também a  $*A$ .

Sugerimos para o tema, classe nominal 12. Essa classe nas línguas bantu em geral é utilizada para denominar animais de pequeno porte. Sendo assim, acreditamos que na região o tema designa o 'filhote de *Hippotragus*

*niger/equinus*'. Outro indício dessa hipótese é que atestamos nas línguas da região, dois outros temas concorrentes para denominar as espécies de *Hippotragus niger/ equinus*. (cf. Os temas *-\*tèngú* 7710 (3)/ *-\*pùmbó* 3817 (5).

O tema estabelece uma relação formal com a proposta *°-tidi*, atestado em algumas línguas da zona M, com o sentido de 'espécie de gazela pequena'. No entanto, devido aos problemas semânticos e também tonais optamos por agrupar e discutir os temas separadamente.

### 1.7.2.3. O tema *\*-pùmbó* 3817 (5) > *°-pùmbò* (cl. 11, 9/10, 9/6, 12, 1a/2)

Protoforma reconstruída pelo BLR (2003) baseado em reflexos atestados em algumas línguas das zonas C L.

C71	tetela	lufumbò [ó]	11	springbok (Gazelle de Grant)	Hagendorens 1956:153
L35	kisanga	-fumbo pl. (mfu) (HH)	1n	antilope noire: <i>Hippotragus niger</i>	Coupez 1976:58

Atualizamos a distribuição do tema em outras línguas da zona L, assim como estendemos a distribuição do tema em algumas línguas das zonas D K L M R.

D28	holoholo	fumbwe		<i>Aegocerus</i> <sup>176</sup> <i>niger</i>	Schmitz 1912:374
K12b	ngangela	fúúmbo	9/10	antilope ( <i>Hippotragus niger niger</i> )	Maniacky 2002:351
K14	luvale	mfumbu	<u>9</u>	<i>Hippotragus niger</i>	Biodiversité au katanga
K21	silozi	-fumbo pl. (li-)	<u>9/10</u>	roanbuck	O'sullivan 1993:10

<sup>176</sup> Leia-se '*Hippotragus niger*'.



K333	thimbukushu	fumbo		antelope sable ( <i>Hippotragus niger</i> )	Legère & Munganda 2004:131
L00	kilomotwa	fumbwe		<i>Hippotragus niger</i> mâle	Biodiversité au katanga
L33	kiluba	mfumbo (bam-) [mfũ <sub>o</sub> mbõ]	9/2 + 9	antilope (zwart-wit-pens)	Gillis 1981:24
L33	kiluba	m-fumbo, bam-	<u>9</u>	antilope noire: <i>Hippotragus niger</i> , Harris	Avermaet & Benoît Mbuyà 1954:167
L33	kiluba	mfumbwe (bam-) [mfũ <sub>o</sub> mbwē]	9/2 + 9	antilope (zwart-wit-pens)	Gillis 1981:24
L34	hemba	mfumbwe pl. (bam-)	<u>9/2 + 9</u>	antilope noire	Vandermeiren 1913:161/318
L41	kaonde	mfumbo (bamfumu, mafumbo)	<u>9/2 /9/6</u>	antilope (sable)	Broughall 1924:185/94
L52	lunda-ndembu	mfumbu	<u>9</u>	bull sable antilope	White 1943:30
L62	nkoya	fumbo		sable antelope	Shortridge 1934:578
M402	aushi	kafumbo	<u>12</u>	<i>Hippotragus</i> noir (mâle)	Van Acker 1907:84
M41	kitabwa	fumbwe		antilope grand de taille et noire ayant les corns en demi-cercle)	Van Acker 1907:84
M42	icibemba	kafumbwe	<u>12</u>	<i>Hippotragus</i> noir	Biodiversité au katanga

M54	lamba	kafumbo	<u>12</u>	<i>Hippotragus</i> noir	Verbeek 2004:703
M63	ila	kafumbwi pl. (ba-)	<u>1a/2</u>	sable antelope	Smith 1907:263
M63	ila	kanga- kafumbwi		sable antelope, (dim.)	Smith 1907:263
M63	ila	kafumbwe	<u>1a/2</u>	sable antelope	Torrend 1967:481
M64	tonga	kafumbwe	<u>1a/2</u>	sable antelope	Torrend 1967:481
M64	tonga	kafumba	<u>1a/2</u>	sable antelope	Torrend 1967:481
R111	bailundu	fumbo pl. olofumbo	<u>9/10</u>	pallah	Homburger 1914:46

No BLR o tema limita-se a denominar espécie de ‘hippotragus’.

Segundo Coupez (1976), em kisanga (L35) a forma é sinônima do ‘antílope shidyé’.

Em nkoya (L62) atestamos dois temas: ‘kanchile’ e fumbo ‘sable antelope’. Isso nos permite pensar que uma das formas pode ser um tema específico na língua na região para denominar o gênero de uma das espécies *hippotragus*.

Referente à semântica atestamos algumas divergentes: em otetela (C71) o tema de classe 11, denomina ‘springbok, Gazelle de Grant’.

Em bailundu (R111) o sentido revelado é ‘pallah’.

Em kilomotwa (L00) o tema faz parte de um tipo de categorização local e denomina a espécie ‘*Hippotragus niger* macho’.

Baseado na semântica atestada em línguas das zonas K L M sugerimos para o tema o sentido ‘sable: *Hippotragus niger*, macho’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial. Em ngangela (K12) o fonema /f/ em posição de C<sub>1</sub> segundo o autor é um empréstimo. (cf. Maniacky, 2002:14).

Em posição de C<sub>2</sub> os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*mb.

Concordamos com uma proposta de V<sub>1</sub> de primeiro grau, visto que os reflexos caracterizam-se pelo processo de espirantização da C<sub>1</sub>. Em holoholo (D28), em kiluba (L33), em hembra (L34), em kitabwa (M41) e nas línguas do grupo botatwe (M60) atestamos o processo de labialização da C<sub>2</sub> (\*mb > mbw).

Em posição de V<sub>2</sub> os fonemas realizam-se /a, e, o, ɔ, u/. As alterações das vogais finais colocam em dúvida a proposta do BLR que reconstruiu o tema com uma vogal de terceiro grau.

Devido ao processo de labialização da C<sub>2</sub> os fonemas em posição de V<sub>21</sub> e V<sub>22</sub> realizam-se como /ue/ em holoholo (D28), em kiluba (L33), em hembra (L34), em kitabwa (M41) e nas línguas do grupo botatwe (M60).

Em posição de V<sub>2</sub> sugerimos ao tema vogal de terceiro grau de abertura, uma vez que ao menos nas línguas do grupo botatwe (M60) o processo de labialização é regular. (cf. Outros exemplos nos reflexos do tema °-nyumbù).

O BLR propôs para o tema, classe 11. Atestamos essa classe apenas em otetela (C71). Porém, colocamos em evidência outros emparelhamentos de classes: 9/6, 9/10. Em kaonde (L41) identificamos classe nominal 9/2 e/ou 9/6<sup>177</sup>.

Nas línguas da zona M, atestamos classe nominal 12, com função diminutiva.

---

<sup>177</sup> Foster C.S. (s.d: 26) exemplifica: *'Names of animals and birds which have been referred to under class I seem alternately to belong to this class as they have 'N' in the singular and either 'ba' or 'ma' in the plural. However, no matter to what class they belong, they always take the concord particle of the first class in the singular. The plural concord agrees with the prefix used'*.

O BLR propôs para o tema um padrão tonal \*BA, baseado provavelmente nos reflexos diretos do otetela (C71), onde um tema BA < \*BA. No entanto, identificamos que em ngangela (K12b) e nas línguas da zona L como, por exemplo, em kisanga (L35) os reflexos tonais são divergentes quanto ao tom da C<sub>2</sub>, vejamos:

Em ngangela (K12b) os reflexos tonais remontam a um padrão tonal \*BB

‘ngúúnga’ cl. 9 ‘cloche, petite’ (Maniacky 2002:354) < \*gòngà 1514 (1)

Em kisanga (L35) os reflexos tonais AA remontam a um padrão tonal \*BB exclusivo. (cf. Tons do tema °-bíndí).

Sendo assim, confirmamos apenas o tom \*B em posição de S<sub>1</sub>. Em posição de S<sub>2</sub>, sugerimos para o tema também um padrão tonal \*B, exceto em otetela (C71), onde os reflexos remontam a um tom \*A.

O tema estabelece um vínculo formal com a protoforma reconstruída pelo BLR, \*pùmbuè 4273 (5) atestado nas línguas da zona L M com o sentido de ‘bode, he-goat’. Mesmo se os temas apresentem problemas tonais acreditamos em uma origem comum entre eles e em uma amplitude semântica a partir do sentido ‘cabra’. (cf. Outros casos nos tema \*-bùdì 1.6.4.1. /°-kòmbè 2.2.7. \*-pòngò 1.6.1.6. ). Uma relação entre os dois temas justificaria também a proposta semântica para o tema discutido neste subitem.

#### 1.7.2.4. Os temas °-pàdàpàdà (cl. 9/10, 3, 11)/ °pàdà-pàdà (cl. 9/10)

Atestamos o tema °-pàdàpàdà de classe nominal 9/10 na parte oriental bantu, precisamente em algumas línguas das zonas F G N P S.

F12	bende	mpalapála	9/10	<i>Hippotragus Niger</i>	Abe 2006:58/133
F21	sukuma	palahala		<i>Hippotragus niger</i>	Swynnerton 1946:38

F22	nyamwesi	mpalapala	9/10	<i>Hippotragus niger</i>	Swynnerton 1946:36
F24	kimbu	mpalapala	9/10	<i>Hippotragus niger</i>	Swynnerton 1946:36
G11	gogo	mpalapala	9/10	<i>Hippotragus niger</i>	Swynnerton 1946:35
G12	kagulu	mhalahala	9/10	gazelle	Petzell 2008:217
G61	sango	mpalapala		<i>Hippotragus niger</i>	Swynnerton 1946:35
N31a	nyanja	mpalapala	9/10	antelope	Hetherwick 1916:274/259
N31a	nyanja	mphalapala (mu-/a-)	1/2	sable antelope	Price s.d.:96
N44	chisena	mphalapala (zi-)	9/10	antelope	Albano 1939:16/147
P21	ciyao	m-palapaala LLHHL	3	roan antelope	Ngunga 2001
S10	chishona	marapara (i-dzi)	9/10	sable	Biehler 1950:320
S12	chizezuru	mhàràpàrà	9/10	sable antelope	Hannan 1974:350/ 885
S13	chimanyika	mhàràpàrà	9/10	sable antelope	Hannan 1974:350/ 885
S14	chikaranga	mhàràpàrà	9/10	sable antelope	Hannan 1974:350/885
S16B	nambya	imhalapala (i/i)	9/10	antelope (sable)	Moreno 1988:47/125
S21	tshivenda	phàlàphàlà	9/10	sable antelope	Van Warmelo 1937:215/331
S21	tshivenda	phàlàfhàlà	9	sable antelope	Van Warmelo 1937:215/331
S21	tshivenda	lufhala-fhala	11	sable <i>(Ozanna nigra)</i>	Van Warmelo 1937:303

S31	setswana	phàlàfàlà		sable (antelope)	Cole 1995:66
S54	xironga	mpalapala (yi-ti)	9/10	variedades de antílope	Quintão 1951:49/102

Lenselaer (1983) e Swynnerton (1946) sugeriram entradas para o kiswahili (G42). Os reflexos são irregulares, pois na língua \*p > p. Sacleux (1949) sugeriu que o substantivo é um possível empréstimo do zigula (G31) ou do bondei (G24). Sendo assim, não representamos a forma do kiswahili (G42) com a protoforma discutida nesta seção.

G42	kiswahili	palahala	9/10	Hippotrague noir	Lenselaer 1983:393
G42d	kiunguja	palahala	9/10	<i>Hippotragus niger</i>	Swynnerton 1946:34

Em quase todos os casos o tema denomina a espécie de ‘sable antelope: *Hippotragus niger*’, exceto em ciyao (P21), onde o substantivo de classe 3, denomina a subespécie de ‘roan antelope: *Hippotragus equinus*’. Em Nambya (S16) atestamos uma forma composta ‘imhalapala inchena’ que designa também a subespécie de *Hippotragus equinus*.

Os reflexos do tema caracterizam-se por apresentarem um processo de reduplicação total do tema sem o prefixo de classe nominal 9.

Em ciyao (P21) o alongamento vocálico atestado em posição de V<sub>3</sub> é pertinente, visto que a língua preserva a distinção entre vogais breves e longas: por exemplo:

‘ci-ngelengeele’ a bell. 7 < \*gengede (cf. Ngunga 2001).

Devido ao processo de reduplicação o tema apresenta uma estrutura silábica atípica em bantu (CVCVCVCV).

Sugerimos para o tema os emparelhamentos de classes 9/10, 1/2, 3, 11.

A pesquisa coloca em evidência um tema °-pàdà-pàdà de classe 9/10, sem mudança semântica, baseado em reflexos atestados majoritariamente na zona S e também em manganja (N31c). Vejamos:

N31c	manganja	mbalambala <sup>178</sup>	9/10	antilope, Barnes	Bastin s.d.
S42	isizulu	mpalampala		sable antelope	Doke & Vilakazi 1949:509
S43	siswati	i-mphalámphala pl. (ti-)	9/10	sable antelope	Rycroft 1981:63
S53	xichangana	mhàlámhàlà cl. (yi-ti)	9/10	sp. de antílope	Sitoe 1996:117
S53	tsonga	mhàlámhàlà	9	<i>Hippotragus niger</i> <i>Ozanna</i> <i>grandicornis</i>	Cuénod 1976:104
S54	xironga	mhalamhala (yi-ti)	9/10	variedades de antílope	Quintão 1951:48/102
S54	xironga	mpala-mpala pl. (ti-)	9/10	certa espécie de antilope	Nogueira 1960:278
S61	cicopi	-mhala-mhala pl. (ø-, ti-)	9/10	antilope, pala-pala	Dos Santos 1949:176

Os substantivos acima caracterizam-se por apresentarem um tipo de reduplicação total sistemática, que inclui também o prefixo de classe 9/10 (N-).

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante pré-nasalizada \*mp, com inserção do prefixo de classe 9/10.

<sup>178</sup> O substantivo provém de uma lista de reflexos sobre as denominações dos antílopes cedidos por Bastin, Yvonne. Porém, até o momento não atestamos essa forma nos dicionários da língua. Hetherwick (1916:274/259) sugeriu uma forma similar, mas que a C<sub>1</sub> realiza-se como /mp/ e remonta a \*mp.

Em manganja (N31c) a consoante pré-nasalizada /mb/ em posição de C<sub>1</sub> é irregular e remonta a (N + b > mb), visto que na língua \*p > p, enquanto (N + p > mph. (cf. mbaβala ‘bushbuck’ < \*bàbàdá 13).

Em cicopi (S61) o fonema /mh/ não remonta a \*mp, visto que na língua \*mp > ph. A origem do fonema /mh/ em cicopi (S61) é provavelmente influência das outras línguas do grupo S50, por exemplo, em tsonga (S53) e xironga (S54) onde é regular \*mp > mh.

Em algumas línguas como, por exemplo, em tshivenda (S21) e em xironga (S54) atestamos os dois processos, ou seja, reduplicação total que incluem também o prefixo de classe nominal, visto que nestas línguas (m + p > ph, mp) e a reduplicação sem o prefixo de classe nominal, onde (\*p > p, f):

S21 tshivenda phaḷaphaḷa ‘sable antílope, *Ozanna nigra*’. (Van Warmelo 1937:215)

S21 tshivenda phaḷafhḷa ‘sable antelope, *Ozanna nigra*’. (Van Warmelo 1937:215)

S54 xironga mpala-mpala, pl. (ti-) cl. 9/10 certa espécie de antílope (Nogueira 1960:278).

S54 xironga mpalapala cl. 9/10 ‘variedades de antílope’ (Quintão 1951:49/102)

Quanto aos tons, a partir dos dados atestados na maioria das línguas da zona S, exceto em siswati (S43), sugerimos para os dois temas um padrão tonal inteiramente \*BBBB.

Em bende (F12), em yao (P21) e em siswati (S43) os reflexos tonais são irregulares em relação aos outros, mas o deslocamento de um tom A na penúltima sílaba é comum em muitas línguas bantu como, por exemplo, em kimatuumbi (cf. Odden 1996:178).



Os temas com reduplicação total discutidos nesta seção, derivam do tema simples reconstruído pelo BLR (2003), \*-pàdá (2355), testado em línguas das zonas (C E F G J L M P R S) com o sentido de *Aepycerus melampus* (cf. item 1.3.1.1. ).

#### 1.7.2.5. O tema °-pádanga<sup>179</sup> (cl. 9/10, 12/13)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados na parte oeste do bantu (H R) e também na parte central (L M) da savana.

H16	kikongo	mpalanga	<u>9</u>	antelope (mapalanka)	Bentley 1887:10
H21a	kimbundu	palanga	<u>9</u>	palanca, animal da selva	Da Silva Maia 1994:459
L12	kiholu	phálánga	9/10	antilope cheval	Daeleman 2003:55/62
M54	lamba	akampalaŋga (utu-)	12/13	steinbok	Doke 1933:113
M54	lamba	campalanga	<u>12</u>	blue duiker ( <i>Philantomba monticola</i> )	Wilson 2005:221
R11	umbundu	é.máãlãnga	9/10	kind of antelope	Schadeberg 1982:117 <sup>180</sup>
R111	bailundu	omalanga	<u>9</u>	Antilope kobe	Homburger 1914:46

<sup>179</sup> Nome de origem africana adotado como nome comum nas línguas europeias. O nome provém provavelmente do kimbundu (H21), e resulta de um provérbio, segundo o qual os chifres da palanca chegaram ao limite máximo de crescimento, o que é sinal de que tal animal andou pela selva sempre com cautela e prudência para não cair nas garras de um leão. (cf. Serrote João Major 2015:14).

<sup>180</sup> Segundo o autor no inventário fonético do umbundu, incluem algumas consoantes nasalizadas contíguas sonoras como: /ỹ/, /ñ/, /ñ̃/, /ĩ/. (Schadeberg 1982:110).

R13	nyaneca	omphalanga	<u>9</u>	<i>Taurotragus equinus</i>	Da Silva 1966:40
R13	nyaneca	epalangona	<u>9</u>	bezerro de anílope de grande porte	Da Silva 1966:40
R14	khumbi	omhpálánga pl. ono-	<u>9/10</u>	sable antelope	Westphal 1961:55

Atestamos em um dicionário *online* da língua mushunguli (G311) uma entrada semelhante ao tema discutido neste subtópico.

G311	mushunguli	mbalanga	9/10	antílope tipo sitatunga	Basic list mushunguli <i>online</i> <sup>181</sup>
------	------------	----------	------	-------------------------	---

A palavra ‘mbalanga’ com o sentido de ‘sitatunga’ é certamente errônea, pois a espécie é ausente na região. Ademais os reflexos são irregulares quanto a origem da C<sub>1</sub>, pois nas línguas do grupo G30 é regular \*mb > mb (cf. ‘mbála’ bushbuck (Kisbey 1906 s.p). Além do mais, não atestamos essa entrada no dicionário da língua zigula-english, recolhido por Kisbey (1906). Devido esses problemas, não representamos a entrada do mushunguli (G311) com a protoforma discutida nesta seção.

O tema discutido denomina certamente a espécie de Palanca-negra: *Hippotragus niger*. No entanto, atestamos casos de erro de identificação, por exemplo, em lamba (M54) segundo fontes diferentes o substantivo de classe 12/13 (com função diminutiva) denomina ‘steinbok’ e também blue duiker ‘*Philantomba monticola*’. Em nyaneca (R13) o tema denomina ‘*Taurotragus equinus*<sup>182</sup>’.

Em posição de C<sub>1</sub> os fonemas remontam a uma consoante oclusiva bilabial sonora, às vezes, com a combinação da (N-), prefixo de classe (9/10).

<sup>181</sup> Leia-se ‘*Hippotragus*’, notação científica desatualizada.

<sup>182</sup> <http://www.ling.ohio-state.edu/~odden/mushunguli/> (fonte desativada?).

Em kimbundu (H21) a  $C_1$  remonta tanto a uma consoante oclusiva \*p quanto a \*N+p. Em umbundu (R11) processo de nasalização plena da  $C_1$  é regular, \*mp > m.

Em posição  $C_2$ , sugerimos para o tema uma consoante oclusiva alveolar sonora.

Em posição de  $C_3$  sugerimos para o tema uma consoante pré-nasalizada \*ng.

Quanto à qualidade das vogais, sugerimos para o tema  $V_1, V_2, V_3$  uma vogal central não arredondada.

Sugerimos para o tema, um emparelhamento de classe nominal 9/10 e 12/13, com mudanças semânticas e função diminutiva.

Quanto aos padrões tonais, em kiholu (L12) os reflexos tonais AB perderam a distinção e remonta a todos os padrões tonais. (cf. Tons do tema \*-júmbì 9132).

Nas línguas do grupo R10, atestamos a seguinte situação:

Em khumbi (R14) os reflexos tonais AB remontam tanto a \*AA quanto a \*BB:

‘omúkai’ woman (Westphal 1961:52) < \*kádí 1674 (1)

‘ongóma’ drum (Westphal 1961:54) < \*gòmà 1429 (1)

Em umbundu (R11) os reflexos tonais AB, remontam tanto a um padrão tonal \*AB quanto \*AA:

‘ópóhá’ snake (Schadeberg 1982:121) < \*jóká 3536

‘úkáyí’ woman (Schadeberg 1982:120) < \*kádí 1674 (1)

602

Visto que os reflexos tonais não remontam a um padrão tonal exclusivo sugerimos para o tema ao menos em posição de S<sub>1</sub> um tom \*A, ao passo que, o tom da S<sub>2</sub> e S<sub>3</sub> seguem problemáticos.

#### 1.7.2.6. O tema °-tanta (cl. 9/10, 12, 1a/2)

Proposta de tema baseada em reflexos atestados exclusivamente em línguas da zona M.

M402	aushi	kantanta	<u>12</u>	<i>Hippotrague noir</i> (mâle)	Verbeek 2004:703
M54	lamba	kantanta	<u>12</u>	male sable	Doke 1938:113
M61	lenje	kantanta	<u>1a</u>	sable bull	Torrend 1967:481
M63	ila	kantanta, pl. (ba-)	<u>1a/2</u>	sable antelope	Smith 1907:263
M64	tonga	kantanta	<u>1a/2</u>	sable bull	Torrend 1967:481

Malaisse (1997) menciona uma entrada em kiswahili (G42) que vem do Katanga e constitui certamente um empréstimo proveniente de uma das línguas da zona M (provavelmente o aushi). O substantivo sugerido por Ankei (1986) é também um empréstimo uma vez que o reflexo apresenta tanto diferenciação na forma quanto no sentido. Devido a esses fatores, não representamos as entradas atestadas no kiswahili como reflexos da protoforma °-tanta.

G42	kiswahili	kantanta	<u>12</u>	<i>Hippotrague noir</i>	Malaisse 1997:109
G42	kiswahili	kananda	<u>12</u>	céphalophe à dos jaune ( <i>Cephalophus silvicultor</i> )	Ankei 1986:247

O tema é sinônimo de ‘fumbo e pelembe’ atestado em línguas da zona L M com o sentido de ‘*Hippotragus*’. Em aushi (M402) segundo o autor o tema denomina *Hippotrague noir* (mâle). Em lamba (M54) o substantivo de classes

12 denomina também ‘antílope sable male’. De acordo com a semântica mencionada na maioria das línguas, sugerimos ao tema o sentido: ‘sable: *Hippotragus niger* macho’.

Em posição de  $C_1$  os fonemas remontam a uma consoante oclusiva alveolar surda.

Em posição de  $C_2$  sugerimos para o tema uma consoante oclusiva pré-nasalizada \*nt.

Propomos para o tema  $V_1$  e  $V_2$  uma vogal central não arredondada.

Propomos para o tema, classe nominal 9/10.

Sugerimos para o tema o emparelhamento de classe 9/10 e 12 e 1a/2 nas línguas do grupo botatwe (M60).

Devido à ausência de reflexos tonais nas línguas o tema segue sem um padrão tonal definido.

Do ponto de vista formal, acreditamos em um vínculo entre o tema discutido nesta seção e a protoforma reconstruída pelo BLR (2003) \*tándadá 8576 (5) atestada nas línguas das zonas (F G L M N P) com o sentido de ‘antílope kudu’, porém, os temas apresentam padrões silábicos diferentes.

Além dos temas analisados neste subitem, colocamos em evidência, em ila (M63) um tema composto que faz parte de um tipo de categorização local e denomina a espécie ‘macho de antílope sable’. As motivações semânticas do tema seguem obscuras. (cf. Outras formas compostas em anexo).

---

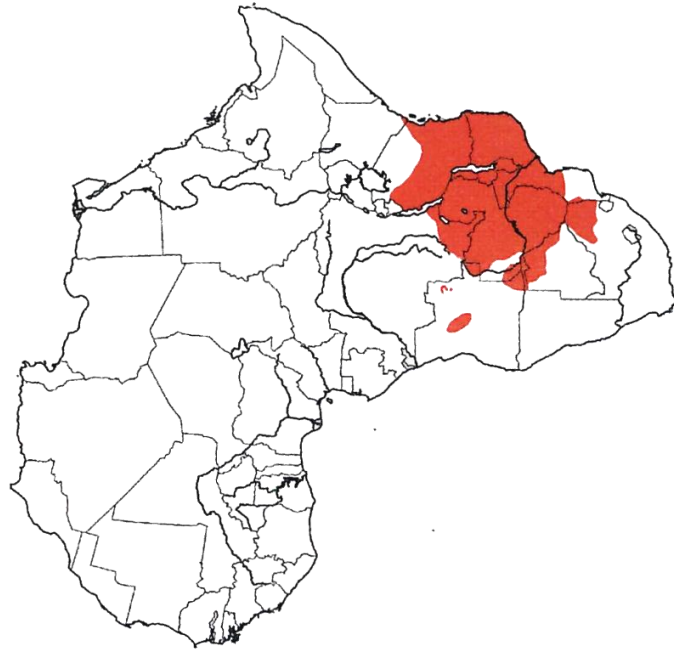
M63	ila	kuni-kusiya	sable bull	Torrend 1967:481
-----	-----	-------------	------------	------------------

---

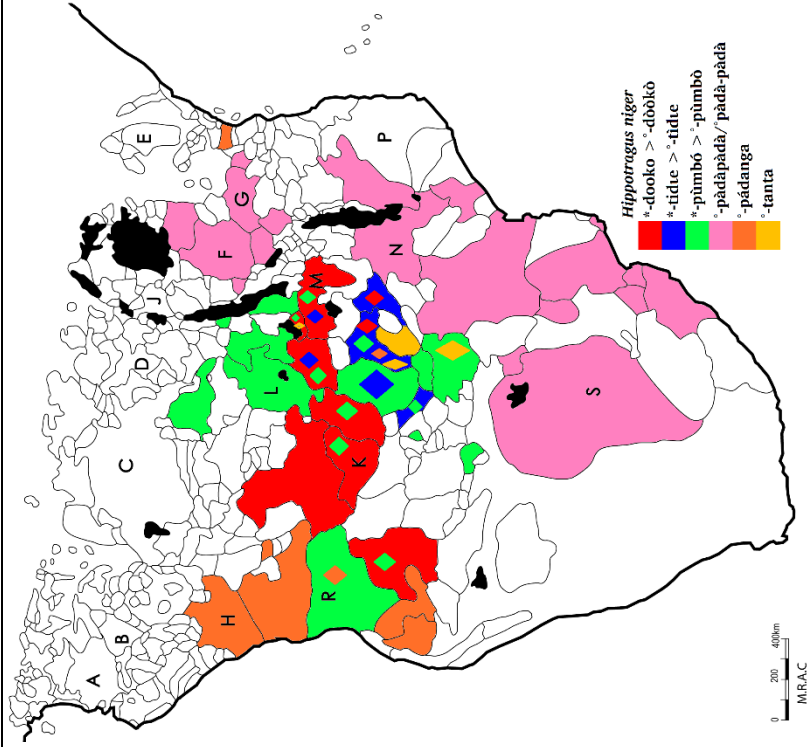
Nas línguas da zona M e N atestamos um tema composto (°-tuba-kanua) para designar ‘*Hippotragus equinus*’ em aushi (M402) e em icibemba (M42). Em chinsenga (N41), curiosamente atestamos duas formas ‘mutuakamwa’ e

'ntuwakanwa' com divergências semânticas, os substantivos denominam respectivamente '*Hippotragus equinus* e *Hippotragus niger*'. Não atestamos a primeira parte do composto separadamente, no entanto a segunda parte do composto (<\*-nòà 4709), atestado em quase toda a área bantu (B C D E H J K L M R S), com o sentido de 'boca, lábio'. No entanto, as motivações semânticas seguem obscura.

M402	aushi	ituvakanwa, pl. (ama-)	<u>9/2+6</u> roan	Doke 1933:289
M42	icibemba	itubakanwa	<i>Hippotragus equinus</i>	Biodiversité au katanga
M52	lala	ituvakanwa	hippotrague	Verbeek 2004:702
M54	lamba	ituvakanwa	hippotrague	Verbeek 2004:702
N41	chinsenga	mutuakamwa	<i>Hippotragus equinus</i>	Ansell 1978:60
N41	chinsenga	ntuwakanwa	<i>Hippotragus niger</i>	Ansell 1978:60



Mapa 74: Hábitat *Hippotragus niger*



Mapa 75: Temas *Hippotragus niger*

**1.7.3. *Oryx gazella***

**Descrição:** o órix é um antílope monomórfico, largo, espesso, de pescoço muito grosso, chifres longos e retos que medem entre (60-120 cm). Os chifres são alinhados com o focinho. Têm orelhas grandes e ovais, e um padrão corporal bem marcado. A ponta do focinho é branca, a barriga branca brilhante, com uma faixa de flanco preta contrastante que se estende até o cotovelo e as partes posteriores. A parte restante do corpo é de cor cinza (creme claro), com uma fina crina, marrom escuro dos ombros até o meio das costas. A espécie recém-nascida tem a cor da pelagem, marrom-claro e avermelhada, sem marcas distintas. A cauda é longa e preta.

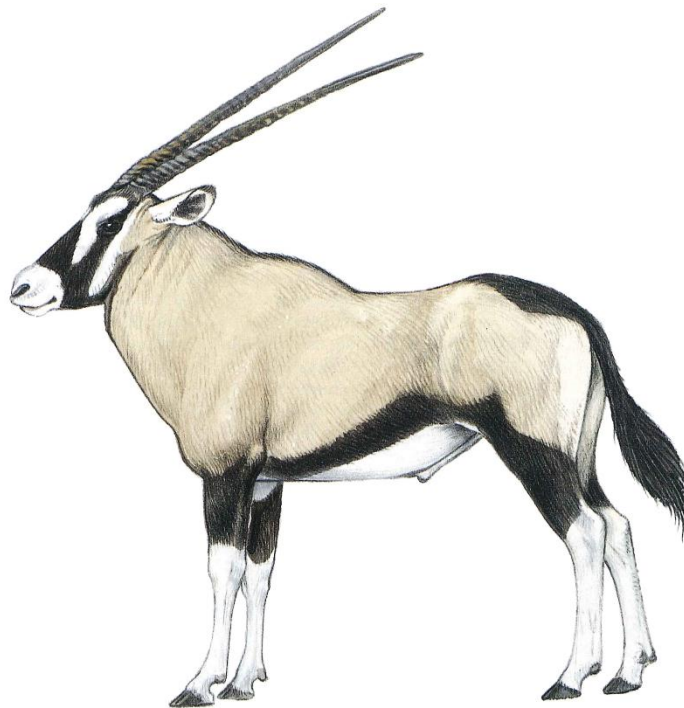


Figura 35: *Oryx gazella*



**Hábitat:** são encontrados em campos abertos, áridos e semiáridos. Em Botsuana e na Namíbia ocorrem em uma ampla gama de campos, áreas montanhosas e áridas, savanas gramadas e arbustos mais úmidos.

**Países nativos:** Botsuana, Namíbia, África do Sul e Zimbábue. Possivelmente extinto em Angola.

**Literatura popular:** animal é considerado símbolo nacional da Namíbia.

Nas línguas bantu revelamos dois (2) novos temas para denominar o antílope órix: °-dònó e °-pìnò.

#### 1.7.3.1. O tema °-dònó (cl. 9/10)

Proposta baseada em reflexos oriundos de línguas das zonas K R. O tema denomina antílope ‘gemsbok: *Oryx gazella*’.

K33	rukwangali	nduno pl. (no-)	9/10	gemsbok ( <i>Oryx gazella</i> )	Kloppers 1994:92/164
K331/2	rumanyo	ndúno	9/2 + 9	oryx, gemsbok ( <i>Oryx gazella</i> )	Möhlig <i>et alii</i> 2005:387/175
K333	thimbukushu	nduno	<u>9</u>	antelope ( <i>Oryx gazella</i> ) gemsbok	Legère & Munganda 2004:131
K333	thimbukushu	nduno (BA)	<u>9</u>	antelope ( <i>Oryx gazella</i> ) gemsbok	Maniacky (2019) <sup>183</sup>
R30	otjiherero	onḑuno <sup>184</sup>	<u>9</u>	gemsbock	Viehe 1897:115

<sup>183</sup> Comunicação pessoal.

<sup>184</sup> De acordo com a descrição do autor, a pronúncia do fonema /nḑ/ se difere de /nd/. O fonema /nḑ/, é pronunciado com a ponta da língua pressionada por baixo ou por trás dos dentes superiores. (cf. Viehe 1897:2).

608

Em posição de C<sub>1</sub> sugerimos para o tema uma consoante oclusiva alveolar sonora, às vezes com a combinação da (N-), prefixo de classe 9.

Em otjiherero (R30) não identificamos outros exemplos que comprovem a regularidade do fonema /nɗ/, por isso o tema segue conflituoso. (< \*nt/\*nd?).

Em posição de C<sub>2</sub> sugerimos para o tema uma consoante nasal alveolar \*n.

Em posição de V<sub>1</sub> sugerimos uma vogal de segundo grau de abertura (sem espirantização).

Em posição de V<sub>2</sub> propomos para o tema uma vogal de terceiro grau de abertura.

Sugerimos para o tema, classe nominal 9/10.

Quanto aos tons, baseado nos reflexos tonais atestados em rumanyo (K332) atestamos os seguintes resultados:

Em rumanyo (K332) os reflexos tonais AB não são exclusivos e remontam a um padrão tonal \*BA ou \*BB.

‘rughódi’ string (Möhlig *et alii* 2005:433) < \*gòdí 1417 (1)

‘ngóma’ drum (Möhlig *et alii* 2005:327) < \*gòmà 1429 (1)

Maniacky (2019) propôs para o substantivo em thimbukushu (K333) um padrão tonal BA.

Sendo assim, apesar das divergentes tonais atestados em rumanyo (K332) sugerimos ao tema padrão tonal BA.

### 1.7.3.2. O tema °-pìnò (cl. 9/10)

Proposta de tema baseado em reflexos atestados em algumas línguas da zona R. O tema denomina antílope ‘oryx gemsbok’.

R14	khumbi	ofino pl. ono-	<u>9/10</u>	gemsbok	Westphal 1961:55
R21	kwanyama	ofino, LL	9/10	oryx, gemsbok	Halme 2004:257
R22	oshindonga	osino (oo-)	9/10	oryx, gemsbok	Viljoen, Amakali & Namuandi 1984:91/47

Em posição de  $C_1$  sugerimos para o tema uma consoante oclusiva bilabial surda.

Em posição de  $C_2$ , os fonemas remontam a uma consoante nasal alveolar.

Quanto as vogais, propomos para o tema  $V_1$  de primeiro grau que se justifica pelo processo de espirantização da  $C_1$  (\*m + p, \*p (j) > f).

Em posição de  $V_2$ , propomos para o tema uma vogal de terceiro grau de abertura.

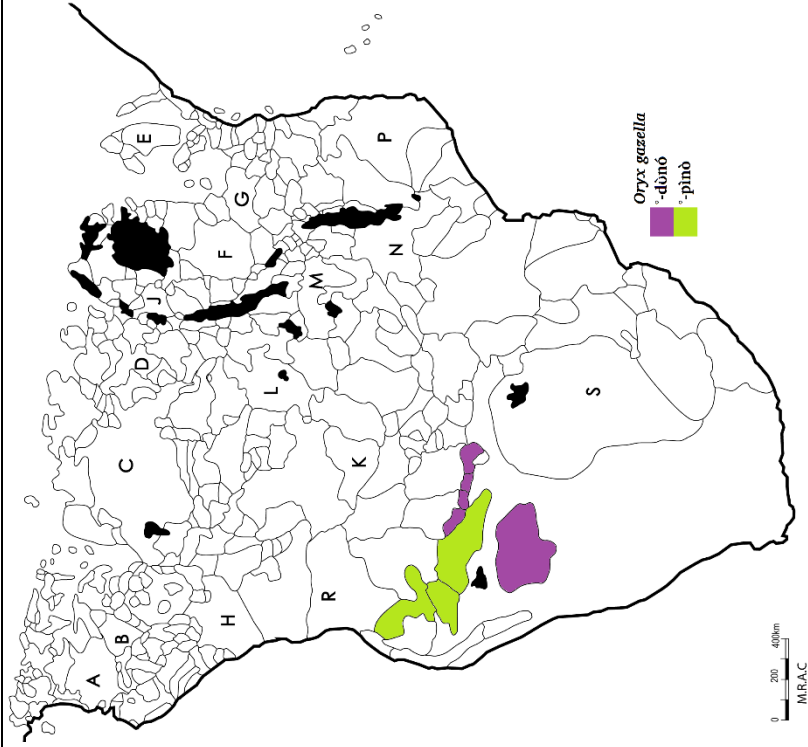
Sugerimos para o tema, um emparelhamento de classe nominal 9/10.

Quanto aos tons, baseado nas línguas da zona R, atestamos os seguintes resultados:

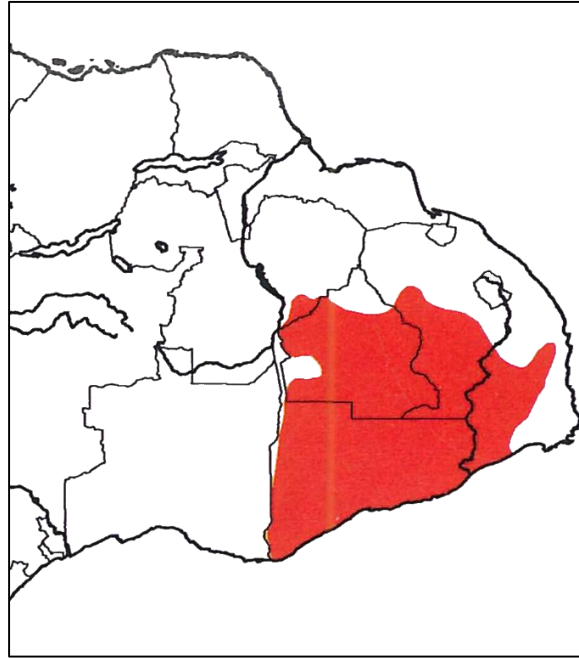
Em khumbi (R14) AB < \*AA /\*BB (cf. Tons tema \*-bambu 8336).

Em kwanyama (R21) BB < \*BB

Apesar dos reflexos tonais atestados em khumbi (R14) não remontar a um padrão tonal exclusivo, sugerimos para o tema um padrão tonal inteiramente \*BB.



Mapa 77: Temas *Oryx gazella*



Mapa 76: Hábitat *Oryx gazella*